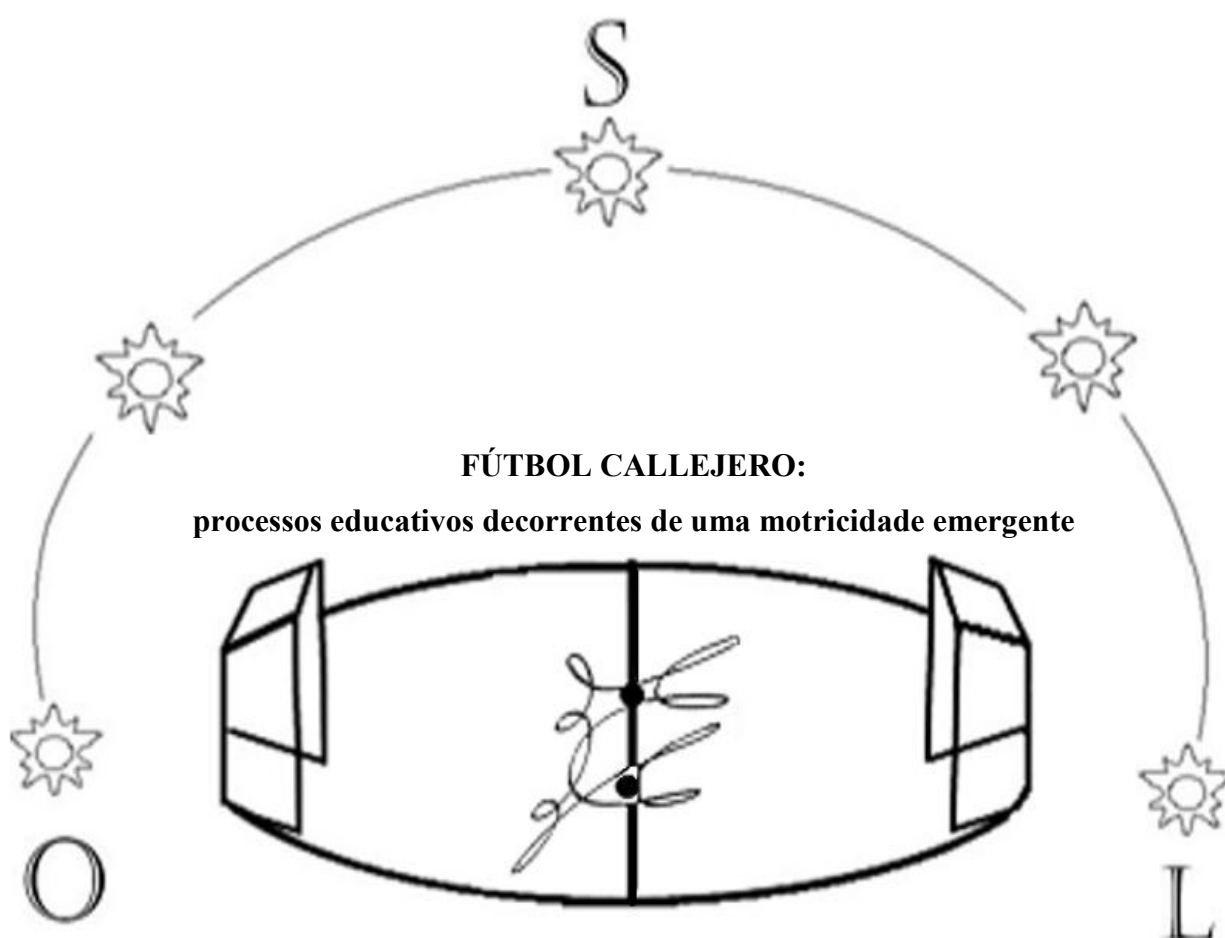


MAURÍCIO MENDES BELMONTE



MAURÍCIO MENDES BELMONTE

**FÚTBOL CALLEJERO:
processos educativos decorrentes de uma motricidade emergente**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

Área de Concentração: Educação

Linha de Pesquisa: Práticas Sociais e Processos Educativos

São Carlos – SP

2019

Belmonte, Mauricio Mendes

Futebol Callejero: processos decorrentes de uma motricidade emergente /
Mauricio Mendes Belmonte. -- 2019.
523 f. : 30 cm.

Tese (doutorado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos,
São Carlos

Orientador: Luiz Gonçalves Junior

Banca examinadora: Valéria Oliveira de Vasconcelos, Ilza Zenker Leme
Joly, Osmar Moreira de Souza Júnior, Fábio Ricardo Mizuno Lemos

Bibliografia

1. Processos Educativos. 2. Futebol Callejero. 3. Epistemologias do Sul. I.
Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325

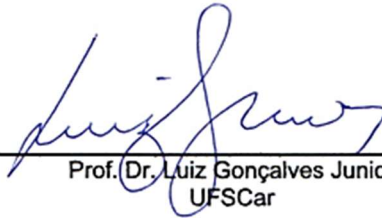


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação


Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado do candidato Mauricio Mendes Belmonte, realizada em 15/02/2019:



Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior
UFSCar



Profa. Dra. Valéria Oliveira de Vasconcelos
UNISAL



Profa. Dra. Tiza Zenker Leme Joly
UFSCar



Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior
UFSCar



Prof. Dr. Fábio Ricardo Mizuno Lemos
IFSP

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos 12 adolescentes de *Moreno (Buenos-Aires/Argentina)* e aos educadores populares: Fábian Ferraro, Julio Jimnez e Fernando Leguiza. Juntos (adolescentes e educadores) lutaram para transformar suas realidades, lançando as bases do *Fútbol Callejero* – objeto desta investigação.

AGRADECIMENTOS

Iniciarei esta seção de agradecimentos com especial menção para a crianças, adolescentes, educadores e educadoras do projeto de extensão universitária “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” e “Mais que Futebol”. Essa equipe foi autenticamente co-laboradora, capaz de possibilitar a materialização da presente Tese que, com esperançar (espera sem esperar), ajude a tornar o mundo mais justo, bonito e amoroso.

À minha família: Maria Marcia Mendes Belmonte (mãe), Eiri Belmonte (pai), Zuzu – Erika Mendes Belmonte (minha irmã), Marcelo Mendes Belmonte (irmão), Marcos Mendes Belmonte (irmão), Vanessa Felix Belmonte (cunhada), Lucas Felix Belmonte e Henrique de Sousa Belmonte (sobrinhos). Sou grato pelo apoio dado desde o incentivo para o ingresso na academia, e depois em minhas escolhas, lutas, sonho e, até mesmo, extravagâncias. Muito obrigado por compreenderem o distanciamento e serem pacientes com as ausências que o trabalho de investigação acabou por impelir.

Sou muito agradecido por todos os aprendizados que a Déia (Andréia Cordeiro Mecca) tem me proporcionado. Destaco aqueles afeitos ao processo de cuidado com outrem, tais como a solicitude e o carinho. Sua inteligência, amorosidade e gentileza lhe faz ser uma pessoa incrível.

Minha gratidão ao Professor Luiz, um grande camarada a quem posso chamar de amigo e de “mestrão”. Pessoa que transborda humanidade, humildade, gentileza e generosidade. Sua paciência e sabedoria na condução de todo o processo de minha orientação é obra de muita *sagesse*.

Sou muito grato às professoras Ilza Zenker Leme Jolly, Valéria Oliveira de Vasconcelos, aos professores Fábio Ricardo Mizuno Lemos e Osmar Moreira de Souza Junior que atuaram como titulares da Banca de Defesa da presente Tese, bem como ao professor Glauco Nunes Souto Ramos e a professora Lilian Aparecida Ferreira que atuaram como suplentes. A sabedoria adquirida no processo de arguição é enorme! Ademais, é admirável e inspirador este movimento de generosidade que vocês, professores e professoras, encampam e nos proporcionam ao participarem da banca. Muito obrigado por cada palavra destinada para o aperfeiçoamento da Tese.

Agradeço o acolhimento e o cuidado que dedicou o estimado professor José Maria Pazos Couto, da Universidade de Vigo, na encantadora cidade de Pontevedra (Espanha), durante o período de minha participação junto ao Programa Doutorado Sanduíche no Exterior. Nossos diálogos sobre a Motricidade Humana foram esclarecedores. Ainda em terras galegas, também agradeço o acolhimento do Professor Marco Lucato e das camaradas Peregrina, Pepita e Biruca, a atenção e

carinho despendidos tornaram minha estada ainda mais proveitosa e feliz. Muito obrigado!

Aos professores-investigadores Sergio Toro-Arevalo, da *Universidad Austral de Chile* (Valdivia), e Carlos Nolasco, do Centro de Estudos Sociais – CES-Coimbra (Portugal), pela sabedoria compartilhada em nossos breves momentos de diálogo, mas que contribuíram sobremaneira para abertura de novos horizontes em meu processo investigativo.

Aos grandes amigos com quem tenho nutrido minha alegria de viver, cujos encontros sempre se mostram como uma nova oportunidade para refletirmos criticamente acerca desta realidade que está aí. Destaco: Gustavo Villela, Fabio Moura da Glória, Thata (Elis), Diego Peña Castellon (Feijão), Mariana Luciano Afonso, Leonardo Mecca, Maria Beatriz Cordeiro Mecca; Antonio Carlos Mecca, Renato Mecca, Guilherme Mecca, Camila Brusque, Neusa Leme, Edson Colloca, Sueli Colloca, Osmar (Juninho), Roxele, Denise Corrêa, Glauco Ramos, Liliam Ferreira, Clayton Carmo (Spina), Lívia Monteiro, Conrado Checchi, Natalia Oliveira, Silmara Campos, Milena Paes, Ernesto Galli, Claudia Foganholi, Gustavo Canto, Daniela Zamboni, Murilo Arruda, Gabriela Sartori, Paulo Antonini, Fábio de Moraes (Caqui), Lúcio Fábis, Nathan Varotto, Roberta Maziero e Emilia Spahn.

Aos/às camaradas que atuam na Associação Desportiva Educacional e Social dos Metalúrgicos de São Carlos (ADESM) e no Clube dos Metalúrgicos de São Carlos que, com muita dedicação e esforço, realizam um ótimo trabalho com as crianças, adolescentes e juventudes sancarlense. Com especial agradecimento para a equipe que esteve mais próxima: Xandão, Alessandra, Cida, Dani, Moabe, Mir, Erick, Rovilson, Tim (*in memoriam*) e Rogério.

Para equipe da Ação Educativa em nome de Rodrigo Medeiros, Vandrigo Luganrezi, Carolina Moraes e Antônio Eleilson Leite. Este pessoal possibilitou o meu contato inicial com o *Fútbol Callejero* e me *sulearam* sobre o adequado desenvolvimento dessa metodologia. Agradeço toda a confiança que direcionaram para a equipe do polo de São Carlos.

Sinalizo minha gratidão com a Bruna Leite e ao Tuto, profissionais maravilhosos que com competência admirável atuam junto a *Terre des Homme* – Brasil, grande apoiadora dos projetos Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer e Mais que Futebol.

Por fim, faço saber minha gratidão ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro que possibilitou condições adequadas para o trabalho de investigação desenvolvida na presente Tese.

A porta está aberta

O povo de antes, antigamente dizia
do cuidado que se exigia com certas tramoias do dia a dia.

Tramas que naquela época
ocorriam e que poucos sabiam.
Militares, aos milhares,
militavam limitando a vida de gente decente.
Politicagem de outrora.

Mas hoje há limites.
Os meliantes de agora são eleitos democraticamente,
tramam com respaldo até do sujeito que se declara oponente
enquanto falamos de voto consciente em meio a tanta gente ainda inocente.

Tempos depois de antigamente
eu ainda adolescente decidi militar, tomar partido.
O partido que me atraiu, e que depois me traiu
discursava em nome dos trabalhadores
e Eu já trabalhava, portanto acreditava.

O discurso era rico e promissor.
Acreditei em muita gente
até em concorrente a senador, que horror!
Prometiam distribuir a riqueza,
exterminar a pobreza,
eu tinha tanta certeza!

Aquelas palavras me traziam esperança, era pura confiança.
Fechei os olhos, votei, até briguei!
Confiei piamente, plenamente e,
de repente: desesperança!
Aquelas palavras agora me causavam repugnância!

Apesar da traição do partido em questão
que tomou partido da corrupção,
houve motivos de celebração.
Parte da grana que não foi para o ladrão (... de sonhos)
ficou com a população.

Pessoas sem condição receberam bolsas para suas famílias
outras famílias até conseguiram comprar e sonhar,
andam agora de bolsas nas mãos, tem até televisão.
De sapato novo muita gente tomou um novo rumo,
um novo trabalho, ou uma vaga nas cotas de reparação
de mais de 500 anos de discriminação

E agora que rumo tomar?
Se a esquerda escolheu endireitar.
Pior é encontrar gente que pensa em radicalizar,
imaginar que a solução estaria em matar.
Isso não é coisa de militar?

Pensando em militarizar
entendo que é hora de militar
Temos que, a todo custo, dialogar e isso evitar.
Senão, nosso “amigo militar” vai querer dominar e,
apesar do nome, bolsa nenhuma vai rolar,
ele vai sim é nos embolsar.

Alerta!
A porta está aberta

(Mais-Novo, 2018 – grifos nossos)

Resumo

Alicerçados na perspectiva das Epistemologias do Sul, a presente Tese traz para o campo das discussões político-epistemológicas o *Fútbol Callejero (FC)* que, em sua origem, no ano de 2001, no bairro de *Moreno (Buenos Aires-Argentina)*, se configurou como uma metodologia de Educação Popular em um contexto no qual a *Argentina* atravessava uma grave crise econômica, sendo as juventudes empobrecidas as mais afetadas. Atento a este cenário, o educador popular e ex-jogador de futebol Fábian Ferraro identificou o potencial que o futebol possuía para reunir os/as jovens. Sua proposição tratou de possibilitar aos/as participantes a incorporação do diálogo como prática de resolução de conflitos, bem como o incentivar o protagonismo destes/as no processo de luta pelos seus direitos e interesses. Assim, a *Metodologia Callejera* preconiza a composição de equipes formadas por meninos e meninas (mistas); jogos disputados em 3 tempos; os/as participantes combinam previamente as regras que orientarão cada partida; além dos gols também são atribuídos pontos para atitudes afeitas ao Respeito, à Cooperação e à Solidariedade (“Pilares” do *FC*) e, por fim, a substituição de um árbitro/a por um/a Mediador/a, cuja função é facilitar o diálogo e reflexão acerca das ações relativas a cada um dos Pilares do *FC* para estabelecimento de acordo coletivo sobre o placar final do jogo. Com estes saberes *SULeamos*, nossa investigação acerca do *FC* foi realizada no contexto de um projeto socioeducativo desenvolvido com crianças e adolescentes moradores/as de bairros periféricos e empobrecidos do município de São Carlos (interior de São Paulo – Brasil). A partir da perspectiva qualitativa do método de Sistematização de Experiências, posto em interfaces com a Analítica e a Redução Fenomenológica, procedemos à participação e o registro na/da experiência, que ocorreu no período entre agosto de 2016 a janeiro de 2017, acrescidos de dois encontros em dezembro de 2017. Nesta ocasião, nos inserimos para atuação como educadores-investigadores, coordenando os momentos de Mediação do *FC* e de vivências diversificadas de motricidades lúdicas (jogo/ócio/lazer). Registramos a experiência através de filmagens que balizaram a confecção de 15 diários contendo a reconstrução da experiência e a transcrição na íntegra das falas dos/as participantes. Nosso objetivo central foi identificar e compreender os processos educativos decorrentes da prática do *FC*, e dos momentos que a lógica de avaliação dos Pilares inspirou a análise da convivência entre os/as participantes durante as atividades diversificadas de jogo/ócio/lazer. Nosso processo de análise dos dados culminou com a identificação de 3 categorias: A) *O Fútbol Callejero é muito da hora!*; B) *Cuidado Callejero*; C) *Quando o Callejero é mais que futebol*. Com base nas análises, nossa Tese é de que o *Fútbol Callejero* (nascido e criado na Argentina – Sul geográfico e metafórico) se configurou como uma *Motricidade Callejera*, emergente e compondendo as Epistemologias do Sul, com a potência de estar sendo um projeto trans-moderno e intercultural de intervenção e que atua articuladamente contra o capitalismo, o patriarcado e o colonialismo. Esperançamos que nossa Sistematização de Experiências componha a constelação de saberes, sendo capaz de *sulear* novas travessias e novas sistematizações.

Palavras-Chave: Processos Educativos. *Fútbol Callejero*. Motricidade Emergente. Metodologia *Callejera*. Epistemologias do Sul.

Resumen

Bajo la perspectiva de las Epistemologías del Sur, la presente Tesis trae al campo de las discusiones político-epistemológicas el Fútbol Callejero (*FC*) que, en su origen en el año 2001 en el barrio de Moreno (Buenos Aires-Argentina), se configuró como una metodología de Educación Popular en un contexto en el que Argentina atravesaba una grave crisis económica, siendo las juventudes empobrecidas las más afectadas. Atento a este escenario, el educador popular y ex futbolístico Fábian Ferraro identificó el potencial que el fútbol tenía para reunir a los jóvenes. Su propuesta trató de posibilitar a los participantes la incorporación del diálogo como práctica de resolución de conflictos, así como de incentivar el protagonismo de éstos en el proceso de lucha por sus derechos e intereses. Así, la Metodología Callejera preconiza la composición de equipos formados por niños y niñas (mixtos) que disputan partidos en 3 tiempos; los participantes combinan previamente las reglas que guiarán cada partido; siendo asignados puntos, además de por los goles, por las actitudes de Respeto, Cooperación y Solidaridad ("Pilares" del *FC*). Por lo tanto, la práctica implica la sustitución del árbitro por la figura de Mediador, cuya función es facilitar el diálogo y reflexión acerca de las acciones relativas a cada uno de los pilares del *FC* para el establecimiento de un acuerdo colectivo sobre el marcador final del juego. Con estos saberes, *SUReamos* nuestra investigación sobre el *FC*, realizada en el contexto de un proyecto socioeducativo desarrollado con niños y adolescentes residentes de barrios periféricos y empobrecidos del municipio de São Carlos (interior de São Paulo - Brasil). A partir de la perspectiva cualitativa del método de Sistematización de Experiencias, puesto en interfaces con la Analítica y la Reducción Fenomenológica, procedimos a la participación y el registro en la experiencia, que ocurrió en el período dado entre agosto de 2016 y enero de 2017, al que se sumaron dos encuentros realizados en diciembre de 2017. En dicha ocasión, nos insertamos para la actuación como educadores-investigadores, coordinando los momentos de Mediación del *FC* y las vivencias diversificadas de motricidades lúdicas (juego/ocio/recreación). Registramos la experiencia a través de filmaciones que permitieron la confección de 15 Cuadernos de Notas, que contaron con la transcripción íntegra de las palabras de los participantes. Nuestro objetivo central fue identificar y comprender los procesos educativos derivados de la práctica del *FC*, específicamente, los momentos en que la lógica de evaluación de los Pilares inspiró el análisis de la convivencia entre los y las participantes durante otras actividades de juego/ocio/recreación. Nuestro proceso de análisis de los datos culminó con la identificación de 3 categorías: A) El Fútbol Callejero es mucho *da hora!*; B) Cuidado Callejero; C) Cuando Callejero es más que fútbol. Con base en los análisis, nuestra tesis es que el Fútbol Callejero (creado en Argentina - Sur geográfico y metafórico) se configuró como una Motricidad Callejera, emergente, que compone las Epistemologías del Sur, con la potencia de estar siendo un proyecto transmoderno e intercultural de intervención y que actúa articuladamente contra el capitalismo, el patriarcado y el colonialismo. Esperamos que nuestra sistematización de experiencias componga la constelación de saberes y sea capaz de inspirar nuevas travesías y sistematizaciones.

Palabras-Clave: Procesos Educativos. Fútbol Callejero. Motricidad Emergente. Metodología Callejera. Epistemologías del Sur.

Abstract

Based on Epistemologies of the South perspective, this Thesis brings to the field of political-epistemological discussions the *Fútbol Callejero (FC)*. Originated in 2001, at neighborhood Moreno (Buenos Aires-Argentina) it was configured as a methodology of Popular Education when Argentina was going through a deep economic crisis, with impoverished youths being the most affected. Keeping this scenario in mind, popular educator and former soccer player Fábian Ferraro identified the potential of football to bring youth together. His proposal sought to enable participants to incorporate dialogue as a practice for conflict resolution, as well as to encourage their protagonism in the process of fighting for their rights and interests. Thus, the *Callejera* Methodology present teams composed by boys and girls (mixed); matches played in three periods; the participants make agreements on the rules that will guide each match; in addition to the goals, points are also assigned to attitudes related to Respect, Cooperation and Solidarity (the "pillars" of the *FC*) and, finally, the replacement of a referee by a Mediator whose function is to facilitate dialogue and reflection about the actions related to each one of the Pillars of the *FC* to establish collective agreement on the final score of the match. With this knowledge we guided our investigation on *FC* that was driven in the context of a socio-educational project developed with children and teenagers living in inner city and impoverished neighbourhoods of São Carlos city (countryside of São Paulo state, Brazil). From the qualitative perspective of the Systematization of Experiences method, interfacing with *Analética* and Phenomenological Reduction we proceeded to participate and register the experience, which occurred in the period between August 2016 and January 2017, in addition to two meetings in December 2017. On those occasions, we participated as educator-researchers, coordinating the mediation moments of *FC* and diversified experiences on playful motricity (play/*ócio*/leisure). We documented the experience in 15 field notes that had the full transcription of the participant speeches through video recordings. Our main objective was to identify and comprehend the educational processes emerged from the practice of *FC*, and the moments that the logic of evaluation of the Pillars inspired the analysis of the coexistence between the participants during the diversified playful motricity. Our process of data analysis culminated in the identification of 3 categories: A) *Fútbol Callejero* is awesome! B) *Callejero's* Care; C) When *Callejero* is more than football. Based on the analysis, our Thesis is that *Fútbol Callejero* (born and raised in *Argentina* - geographical and metaphorical South) has been configured as a *Callejera* Motricity, emergent and composing Epistemologies of the South, with the potential of being a trans-modern and intercultural project of intervention and acting to articulate against capitalism, patriarchy and colonialism. We hope that our Systematization of Experiences will compose the constellation of knowledge, being able to guide new crossings and new systematizations.

Keywords: Educational Processes. *Fútbol Callejero*. Emerging Motricity. *Callejero* Methodology. Epistemologies of the South.

LISTA DE FIGURAS

Capa – <i>Fútbol Callejero</i> : processos educativos decorrentes de uma motricidade emergente	
Figura 1 – América invertida– Joaquin Torres García (1943)	13
Figura 2 – Corpo e orientação espacial de um povoado Kayapó (Mato Grosso/Brasil)	22
Figura 3 - Identidade visual: projeto de extensão VADL (esq.) e da ADESM (dir.)	27
Figura 4 – IV Conferência Latino-americana de Futebol e Desenvolvimento de 2013.....	34
Figura 5 – Maurits Cornelis Escher – <i>Bond of union</i> (1956).....	43
Figura 6 –Placa instalada em terreno utilizado indevidamente como depósito de lixo	49
Figura 7 – Complexo Defensores.....	51
Figura 8 – Lançamento do “ <i>Movimiento de Fútbol Callejero</i> ” (Uruguai – 2012).....	60
Figura 9 – Abrindo a cancha do VADL-MQF.....	97
Figura 10 – <i>Fútbol Callejero</i> : uma motricidade emergente, nascida e criada no Sul.....	111
Figura 11 – Apresentação de vídeos sobre <i>Fútbol Callejero</i>	119
Figura 12 – 1º Tempo de uma partida: combinando as regras.....	124
Figura 13 – Ocasão de realização de Roda Final do VADL-MQF.....	128
Figura 14 – 2º Tempo de uma partida: meninos e meninas jogando juntos na areia.....	131
Figura 15 - 2º Tempo de uma partida: meninos e meninas jogando juntos no campo	133
Figura 16 – Registro da realização de um primeiro tempo	137
Figura 17 –1º Tempo realizado na quadra de areia.....	139
Figura 18 – 2º Tempo de uma partida: meninas e meninos jogando juntos na quadra.....	144
Figura 19 – Variação do jogo moçambicano <i>My-God</i>	162
Figura 20 – Vivência do jogo Garrafobol	168
Figura 21 - Vivências de Capoeira.....	169
Figura 22 – Roda de Conversa: momento coletivo de interpretar a experiência	172
Figura 23 – <i>Adinkra</i> de <i>Sankofa</i>	177

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Momentos da nossa Sistematização de Experiências	20
Quadro 2 – Registro na Experiência.....	99
Quadro 3 – Matriz Nomotética.....	116
Quadro 4 – (Re)criação das regras para transformação do jogo.....	134

LISTA DE ABREVIATURAS

Ação Educativa – Associação Educativa, Assessoria, Pesquisa e Informação
FuDe – Fútbol para el Desarrollo

LISTA DE SIGLAS

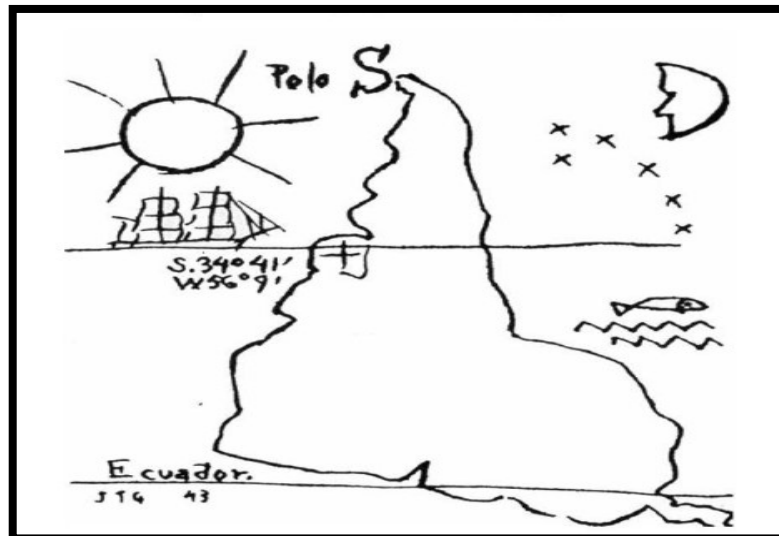
ADESM – Associação Desportiva, Educacional e Social dos Metalúrgicos de São Carlos
CADDC – *Club Atlético Defensores Del Chaco*
CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DEFMH – Departamento de Educação Física e Motricidade Humana
FAI – Fundação de Apoio Institucional ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FC – Fútbol Callejero
FIFA – *Fédération Internationale de Football Association*
MEC – Ministério da Educação
MQF – Mais Que Futebol
NEFEF – Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física
PDSE – Programa Doutorado Sanduíche no Exterior
PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação
SE – Sistematização de Experiências
TDH – *Terre des Hommes*
VADL – Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer
VADL-MQF – Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer e Mais que Futebol
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

PALAVRAS INICIAIS: CONTRA O DESPERDÍCIO DA EXPERIÊNCIA	13
1º MOMENTO: PONTO DE PARTIDA.....	22
1.1 Participação e registro na experiência.....	24
2º MOMENTO: AS PERGUNTAS INICIAIS.....	43
2.1 Que experiências queremos sistematizar? Objeto de estudo.....	45
2.1.1 Emergência de uma ausência: abrindo a cancha de jogo desde o sul	47
2.1.2 <i>Fútbol Callejero</i> : consolidação e difusão da metodologia.....	55
2.2 Para que queremos sistematizar? Objetivo(s).	62
2.2.1 Bases epistemológicas para a libertação.	63
2.3 Quais aspectos centrais desta experiência nos interessam mais? Questão de pesquisa	78
2.4 Quais fontes de informações temos ou necessitamos? Filmagens e Revisão de Literatura. 79	
2.4.1 O que nos contam outras investigações	80
2.5 Que procedimento vamos seguir? Plano de investigação	92
3º MOMENTO: RECUPERAÇÃO DO PROCESSO VIVIDO	97
3.1 Fútbol Callejero uma motricidade emergente presentificada no VADL-MQF	101
4º MOMENTO: REFLEXÃO DE FUNDO.....	111
4.1 Categoria A – O <i>Fútbol Callejero</i> é muito da hora!	117
4.2 Categoria B – Cuidado <i>Callejero</i>	135
4.3 Categoria C – Quando o <i>Callejero</i> é Mais Que Futebol.	159
5º MOMENTO: PONTOS DE CHEGADA	177
5.1 À guisa de algumas considerações: a cancha está aberta!.....	186
REFERÊNCIAS	188
APÊNDICES.....	195
Apêndice 1 – Diários - Reconstrução Da Experiência	195
Diário – I.....	195
Diário – II.....	202
Diário – III	207
Diário – IV	236
Diário – V.....	264
Diário – VI	290
Diário – VII.....	319
Diário –VIII.....	326
Diário – IX	352
Diário – X.....	369
Diário – XI	378
Diário – XII.....	387
Diário – XIII.....	426
Diário – XIV – Diálogo individualizado.....	441
Diário – XV – Roda de Conversa	467
Apêndice 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Responsáveis)	510
Apêndice 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Educadores/as) ...	511
Apêndice 4– Termo de Assentimento (Crianças).....	512
ANEXOS.....	513
Anexo 1 – Modelo de Ficha de Inscrição VADL/MQF	513
Anexo 2 – Carta de princípios do Movimento de Fútbol Callejero	514
Anexo 3 – 49ª Edição do Jornalzinho Esporte para a Cidadania	516
Anexo 4 – Parecer Consubstanciado CEP – Plataforma Brasil.....	518
Anexo 5 – Parecer final do co-orientador estrangeiro – PDSE.....	521
Anexo 6 – Parecer Final do orientador do Brasil – PDSE	522

Palavras iniciais: contra o desperdício da experiência

Figura 1– América invertida– Joaquin Torres García (1943)



Fonte: Hugoia-Alvarado (2014, p. 16).

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-europeia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova. Em grego há numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem: *peirô*, atravessar; *pera*, mais além; *peraô*, passar através, *perainô*, ir até o fim; *peras*, limite. Em nossas línguas há uma bela palavra que tem esse *per* grego de travessia: a palavra *peiratês*, pirata [...].

O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião [...]. Em alemão, experiência é *Erfahrung*, que contém o *fahren* de viajar. E do antigo alto-alemão *fara* também deriva *Gefahr*, perigo, *egefährden*, pôr em perigo. Tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo (LARROSA-BONDÍA, 2002, p. 25).

Com a presente Tese, e a partir de nossa narrativa, convidamos o leitor ou a leitora para realizar uma “travessia” pelas páginas que seguirão. Nestas, sistematizamos e registramos os passos implementados para a concretização de nossa experiência de investigação acerca dos processos educativos decorrentes da prática do *Fútbol Callejero* que, desde sua proposição original, emerge como uma práxis de Educação Popular que estabelece interfaces com o Jogo/Ócio/Lazer (motricidade lúdica).

Esclarecemos, embora possa parecer desnecessário, que ao entrar em contato com o presente documento nosso interlocutor ou interlocutora estará em posse de reflexões decorrentes de um ciclo de pesquisa já encerrado, uma vez que a pesquisa ora apresentada firmou os requisitos exigidos para aprovação/conclusão da Tese junto ao curso de Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no ano de 2019. Todavia, mais do que contemplar as necessárias convenções acadêmicas, esperamos autenticamente que tal documento permita o exercício de leitura crítica de nossa narrativa para aqueles/as que estiverem em sua posse, oportunizando a constituição de novos ciclos, bem como novos diálogos para intercâmbio de saberes e de experiências, possibilitando, inclusive, a abertura de novos horizontes.

À guisa por estabelecer originalidade e autenticidade dos anúncios e reflexões exigidas no processo de produção de tese doutoral, as nossas bases político-epistemológicas possuíram alicerces firmados junto a Fenomenologia Existencial (MERLEAU-PONTY, 1991; 2015). Esta perspectiva fundamentou nossa compreensão acerca da inextrincável condição de estarmos sendo-com-mundo-e-com-outrem, em intersubjetividade ou, de maneira ainda mais coerente com esta proposição: desde uma relação de “interecorporeidade” (MERLEAU-PONTY, 1991) que, no contexto desta pesquisa, representou uma postura ética pautada pela reponsabilidade por outrem, pela escuta-atenta e alteridade (DUSSEL, 1974; 1995; LÉVINAS, 2005) estabelecida na convivência junto a crianças, adolescentes, educadores/as e professor orientador conformando um grupo que reconhecemos ser uma autêntica equipe co-laboradora. Com efeito, nos pareceu adequado e lícito proceder ao registro das comunicações oriundas desta Tese a partir de escrita feita em terceira pessoa do plural.

O curso e a cadência das providências metodológica seguiram as orientações propostas pelo método de Sistematização de Experiências (JARA-HOLLIDAY, 2006; 2018; ECKERT, 2009; MEJÍA, 2012). Este figurou como eixo central para estruturação dos “5 momentos constitutivos” que ao final desta seção de apresentação se encontram sucintamente descritos e listados, oportunizando uma visão geral do desenho desta pesquisa.

Seguindo as compreensões de Larrosa-Bondía (2002) acerca da experiência, e que foram trazidas junto a epígrafe destas “palavras iniciais”, não podemos deixar de acautelar para nosso leitor ou leitora que ao aceitar nosso convite para embarcar junto a nossa travessia estará se *ex-pondo* aos perigos suscitados pelas guinadas abruptas de ordem epistemológicas, capazes de provocar vertigens, tal qual a que foi promovida pela produção do artista plástico uruguaio, Joaquin Torres Garcia, representado aqui na “Figura 1 - América Invertida” (HUGOIA-ALVARADO, 2014). O citado artista uruguaio procurou, por meio de suas obras artísticas, denunciar a situação de submissão aos valores ideológicos-político-estéticos eurocêntricos ao qual o campo da arte latino-americana se encontrava fortemente condicionado.

Partimos de um impulso original semelhante ao de Joaquin Torres Garcia. Salientamos que nossa investigação corrobora com uma frente de luta que está direcionando ações para o campo político-epistemológico, mesmo que não se restrinja à tal contexto. Assim, nos opomos frontalmente aos alicerces que fundamentam a razão científica da modernidade que, em nome de uma pretensa neutralidade científica e apropriação/domínio da natureza, tem desconsiderado os atributos sensíveis da experiência (LARROSA-BONDÍA, 2002; SANTOS, 2002a). Este ponto de vista acaba por reduzir o corpo a mero objeto (LARROSA-BONDÍA, 2002) ao desconsiderá-lo em sua potência de estar sendo corpo-sujeito, produtor/doador de sentidos e significados ao mundo (MERLEAU-PONTY, 2015; SÉRGIO, 1986, 1998), afetando e condicionando a diversidade de experiências de produção da existência.

Procuramos, por mei dessa Tese, estabelecer uma relação de horizontalidade entre as diferentes experiências de produção do saber, dentre as quais destacamos a prática de Educação Popular intitulada “*Fútbol Callejero*” (ROSSINI et al., 2012), que ocupou o lugar central em nossa investigação. A esta relação, na qual não são estabelecidas sobreposição e/ou marginalização entre os saberes oriundos de diferentes matizes culturais, Santos e Meneses (2009) nomeiam de “ecologia de saberes”, celebrando a possibilidade da emersão das “Epistemologias do Sul”, que nas palavras dos citados autor e autora:

Trata-se do conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante, valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que esses têm produzido e investigam conduções de um diálogo horizontal entre conhecimentos. A esse diálogo entre saberes chamamos ecologia de saberes (p. 7).

Na esteira das Epistemologias do Sul é que assentamos nosso engajamento “contra o desperdício da experiência”, para utilizar as palavras de Santos (2002b). Deste modo, tencionamos a razão científica moderna eurocêntrica que, sendo totalizadora, nega, alija e invalida saberes que diferem e escapam à sua racionalidade, impedindo um diálogo igualitário e equitativo entre as diferentes experiências que emergem de diferentes cosmovisões que, em si, comunicam e refletem a multiplicidade de modos de (re)produzir a vida e saberes.

Voltando mais uma vez para a epígrafe situada na abertura de nossas “palavras iniciais”, de maneira semelhante à Joaquin Torres Garcia, também buscamos nos guiar por produções epistemológicas que fizeram **cintilar** “saberes”, “experiências”, bem como **constelações** de “saberes de experiências” (LARROSA-BONDÍA, 2002) que possibilitaram nossa percepção de um Sul epistemológico potente, capaz de nos atrair e nos guiar ao seu encontro para, a partir dele e com ele, aprender (SANTOS, 2009a).

Este movimento de atenção ao Sul-epistemológico é nomeadamente identificado por Campos (2015) como sendo a atitude de “**Sulear**”, e faz frente a uma antinomia “Norte/Sul” no qual o “Norte”, representado pelo uso da expressão “Nortear”, mais do que uma referência geoespacial vem sendo utilizado ideologicamente para se referir como àquilo que é superior e/ou que está acima, que é mais desenvolvido em relação ao outro, ao Sul. Nesse sentido, desde “[...] *un punto de vista ideológico y político, es interesante distinguir los matices de contenido que existen en un conjunto de expresiones vinculadas con la oposición entre los hemisferios norte y sur*”¹ (CAMPOS, 2015, p. 436).

O destaque anteriormente feito para as expressões “cintilar” e “constelação” buscou sinalizar para a miríade de experiências existentes em um Sul-epistemológico (metafórico e geográfico, conforme vamos desvelando) que vem sendo invisibilizadas, ou ainda, produzidas como não-existentes (SANTOS, 2002b). Assim, o nosso intento foi de, mais que um simples impulso lírico/metafórico, objetivar e exprimir nossa autêntica compreensão de que há saberes, experiências e saberes de experiências que quando sistematizados e postos à partilha possuem a potencialidade de nos tocar a ponto de assinalar direções e sentidos, tal qual fazem as bússolas, os mapas, as estrelas ou, ainda, como nos serve a chamada constelação do “Cruzeiro do Sul” ao nos *sulear*.

¹ “[...] un punto de vista ideológico e político, é interessante distinguir os matizes de conteúdo que existem em um conjunto de expressões vinculadas à oposição entre o hemisfério norte e o Sul” (CAMPOS, 2018, p. 438 – tradução livre nossa).

Compreendemos que o método eleito por nós, o da Sistematização de Experiências (JARA-HOLLIDAY, 2006; 2018; ECKERT; 2009; MEJÍA, 2012), estabeleceu uma relação de sinergia com a proposta da “sociologia das ausências e a sociologia das emergências” (SANTOS, 2009b; 2002b), pois, ao modo desta, denunciar a **ausência** causada pela condição de invisibilidade e produção de não-existência no âmbito científico-político no qual identificamos se encontrar o *Fútbol Callejero*. Com efeito, de modo equiprimordial e em dialeticidade com tal denúncia, nossa investigação procurou proceder aos anúncios da **emergência** do *Fútbol Callejero*, ao trazê-lo para o campo das discussões científico-acadêmicas para com ele aprender e compartilhar com toda a gente interessada as aprendizagens e os saberes: frutos desta tese.

Nossas palavras iniciais têm, portanto, o objetivo de situar o leitor ou leitora acerca de nosso posicionamento político-epistemológico e, em alguma medida, atenuar, embora possa acentuar, aquilo que estamos chamando de vertigens promovidas por uma abrupta virada epistemológica, visto que o aceite para acompanhar nossa narrativa implicará no aprofundamento/mergulho da valorização da experiência, da realidade concreta como ponto de partida e de chegada do qual nossas bases epistemológicas lançam mão para a produção do saber.

Nesta esteira, fazemos saber que a Tese ora apresentada foi organizada em 5 capítulos identificados por nós como sendo “os 5 momentos constitutivos” desta investigação. Tal denominação possui inspiração e referência direta nos “5 tempos” que constituem a Sistematização de Experiências proposta por Jara-Holliday (2006; 2018). Todavia, mantendo esta mesma intencionalidade semântica atribuída pelo citado autor, optamos por substituir a expressão “tempo” pelo termo “momento”, pois o “*Fútbol Callejero*” também utiliza a expressão “Tempo” para dividir metodologicamente os 3 momentos constituintes de sua prática (ROSSINI et al., 2012), conforme será explicitado no segundo capítulo.

Assim, no primeiro momento da sistematização de experiências, identificado por Jara-Holliday (2006; 2018) como sendo o “**Ponto de Partida**”, apresentamos os nossos processos de participação e de registro na/da experiência, uma vez que só podem proceder a uma sistematização de experiências aqueles/as “[...] que tenham tomado parte dela, e que não é possível que uma pessoa totalmente alheia à sistematização pretenda sistematizá-la” (JARA-HOLLIDAY, 2006, p. 75).

O segundo momento para o qual conduziremos o leitor ou a leitora foi identificado como sendo “**As perguntas iniciais**”. Aqui emergiram as seguintes

problematizações: “Para que sistematizar?” (*definição do objetivo*); “Que experiência queremos sistematizar?” (*definição do objeto de estudo*); “Quais os aspectos centrais dessa experiência nos interessa sistematizar?” (*definição da questão de pesquisa*) (JARA-HOLLIDAY, 2006, p. 71), acrescidas por “Quais fontes de informações temos ou necessitamos?” (*definição das fontes documentais*); e “Que procedimentos vamos seguir?” (*consolidação de um plano de sistematização*) (JARA-HOLLIDAY, 2018, p. 135).

É neste segundo momento da Sistematização de Experiências que apresentamos a nossa “contextualização teórica” (JARA-HOLLIDAY, 2006; 2018). Ocasão na qual constam os nossos pressupostos teóricos-filosóficos que nos ajudaram a fundamentar nossa inserção em campo, bem como consequente processo de interpretação crítica da experiência que culminaram com a consolidação de nosso argumento, de nossa tese.

A diferenciação que Jara-Holliday (2006) faz entre “referencial teórico” e “contexto teórico” sinaliza para uma guinada epistemológica abrupta e poderia suscitar no leitor ou leitora aquilo que temos chamado de vertigens, uma vez que partimos da realidade concreta, da experiência sensível, para construção e aperfeiçoamento/aprofundamento dos saberes. Nesse sentido, Jara-Holliday (2006):

Aqui nos diferenciamos claramente das propostas que propõe como ponto de partida: ‘definir o marco teórico’, seguindo um esquema tradicional da investigação social clássica. É comum encontrar esse marco reduzido a um conjunto de citações de diversos autores, referências bibliográficas e uma lista de palavras com suas respectivas acepções, tal como aparecem em alguns dicionários [...] quando dizemos ‘partir da prática’ estamos entendendo que temos que partir do que fazemos, sentimos e também, do que pensamos. (p. 73).

Na sequência da apresentação de nossa trajetória, conduziremos o leitor ou leitora para o terceiro momento, concebido por Jara-Holliday (2006) como sendo o momento de “**Recuperação do Processo Vivido**”. Para tal, apresentaremos os processos de reconstrução da história oportunizando “[...] uma visão geral dos procedimentos que se sucederam no lapso da experiência, normalmente postos de maneira cronológica e de ordenação e classificação das informações que dialogam diretamente com o objetivo [...]” (p. 84).

Antecipamos que para tal providência da pesquisa lançamos mão da confecção de diários (MEJÍA, 2012). Para tanto, foram fundamentais os registros feitos por vídeo-filmagem que oportunizaram o processo de transcrição na íntegra de diálogos entre os/as participantes durante o desenvolvimento da prática do *Fútbol Callejero* (1º Tempo e

Mediação – conforme apresentaremos no segundo momento da Tese), bem como os registros decorrentes das ocasiões nas quais a racionalidade metodológica do *Fútbol Callejero* balizou a avaliação da convivência entre os/as participantes durante o desenvolvimento de práticas de Jogo/Ócio/Lazer.

O quarto capítulo desta tese representa a “**Reflexão de Fundo**” (JARA-HOLLIDAY, 2006; 2018), que se configurou como o momento de realização da análise, síntese e interpretação crítica dos dados que foram colhidos em campo e organizados no momento anterior – o de recuperação do processo vivido.

Com a reflexão de fundo estabelecemos uma profícua interface entre o método da Sistematização de Experiências (JARA-HOLLIDAY, 2006; 2018; MEJÍA, 2012, ECKERT, 2009; MEJÍA, 2012) e a Redução Fenomenológica (MARTINS; BICUDO, 1989; BICUDO, 2011; GARNICA, 1997). Este intento buscou fortalecer e dar coerência à nossa “atitude analética” proposta por Dussel (1974, 1995; 2005), e representada pelos movimentos de *saber-ouvir*, *saber-servir* e *saber-interpretar*.

A atitude analética sulleu nossa trajetória, perpassando toda a experiência sistematizada, balizando nossa relação com as crianças, adolescentes, educadores e educadoras (doravante, apenas “equipe co-laboradora”) durante toda a nossa trajetória de investigação, em uma autêntica relação de intercorporeidade (MERLEAU-PONTY, 1991; 2015). Cabe salientar que tal atitude não se restringiu ao momento de “reflexão de fundo”, ou seja, apenas durante a análise, síntese e interpretação crítica dos dados.

O quinto e último momento constitutivo de nossa trajetória, e para a qual esperamos conseguir contemplar a condução de nosso leitor ou leitora, representou o encerramento do ciclo de investigação ora empreendido, se configurando como o ponto culminante da presente Tese. Este momento é identificado por Jara-Holliday (2006; 2018) como sendo “**Os pontos de chegada**”, ocasião na qual apresentamos nossas considerações em torno da experiência sistematizada, de maneira a comunicar e a compartilhar com toda a comunidade os saberes, experiências e saberes de experiências (LARROSA-BONDÍA, 2002) vivenciados e colhidos a partir de nossa práxis investigativa.

Considerando as singularidades da metodologia que encampamos em nossa investigação, confeccionamos e apresentamos adiante o “Quadro 1 – Momentos da Sistematização da Experiências do *Fútbol Callejero* no VADL-MQF”, procurando oportunizar uma “visão geral” do desenho da pesquisa.

No “Quadro 1”, a coluna da esquerda e a central, identificadas como “Momentos” e “Elementos Constitutivos”, respectivamente, se referem a proposição

metodológica original desenvolvida por Jara-Holliday (2006; 2018). Já a coluna da direita, intitulada de “Providências de investigação”, apresenta a maneira como encaminhamos as demandas suscitadas pelo método e pautado pelas nossas bases epistemológicas

Momentos	Elementos Constitutivos	Providências de investigação
A) O ponto de partida	a1. Ter participado da experiência; a2. Ter o registro da experiência.	a1. Inserção em campo; a2. Realização de filmagens.
B) As perguntas iniciais	b1. Que/quais experiência(s) queremos sistematizar? (Delimitar o objeto a ser sistematizado); b2. Para que queremos? (Definir objetivo); b3. Que aspectos centrais dessa experiência nos interessa sistematizar? (Definir um eixo de sistematização). b4. Quais fontes de informações temos ou necessitamos? b5. Que procedimentos vamos seguir	b1. O <i>Fútbol Callejero</i> desenvolvido no contexto do projeto socioeducativo VADL-MQF; b2. Identificar e compreender os processos educativos decorrentes da prática do <i>Fútbol Callejero</i> , bem como dos momentos em que sua lógica de avaliação dos pilares serviu de referência para a análise da convivência entre os/as participantes durante as atividades diversificadas desenvolvidas no contexto do projeto VADL-MQF; b3. Quais são os processos educativos envolvidos na prática do <i>Fútbol Callejero</i> , ou em práticas por ele inspiradas, e que foram desenvolvidas sob nossa coordenação no âmbito das práticas do projeto socioassistencial VADL-MQF? b4. Nossa própria experiência registrada em filmagens. b5. Inserção em campo cuidadosa, co-responsabilidade no desenvolvimento das vivências relacionadas ao <i>Fútbol Callejero</i> , e convivência pautada pela alteridade e escuta atenta à outrem.
C) Recuperação do processo vivido	c1. Reconstruir a história; c2. Ordenar e classificar a informação.	c.1 Confecção de diários com atenção voltada para o Eixo de Estruturação. c.2. Confecção de Formulários de Registros referentes a cada encontro.
D) Reflexão de fundo: porque aconteceu o que aconteceu?	d1. Analisar, sintetizar e interpretar criticamente o processo.	d.1 Redução Fenomenológica culminando com a formação de 3 categorias analíticas, postas em diálogo com a literatura que embasou nossa tese; Contextualização teórica.
E) Os pontos de chegada	e1. Formular conclusões; e2. Comunicar a experiência.	e1. Apresentação das considerações que configuram nossa tese. e2. Elaboração e entrega da Tese.

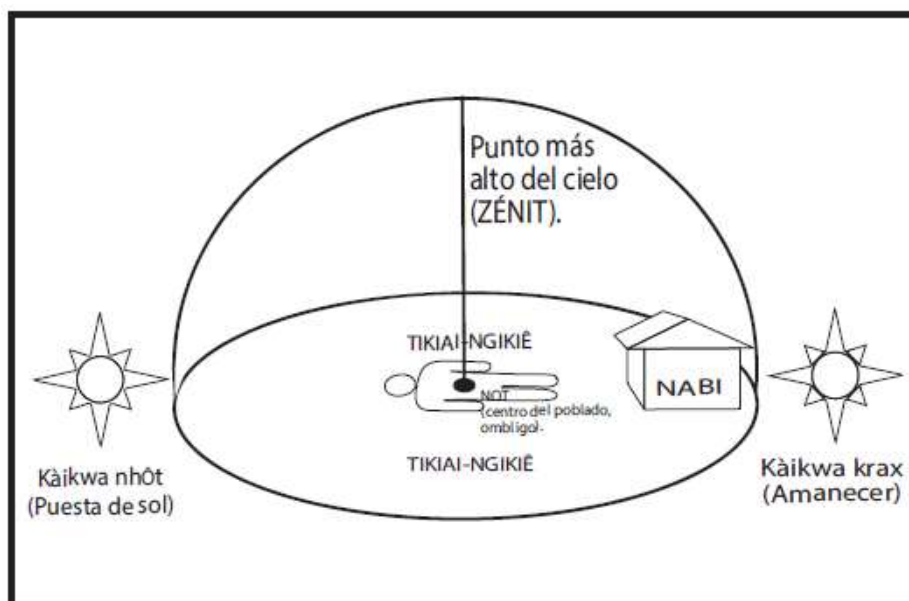
Junto ao último momento de nossa sistematização, em “os pontos de chegada”, procuramos sintetizar a originalidade de nossa argumentação de maneira a alicerçar nossa Tese, que emergiu desta investigação que teve a intencionalidade de identificar e compreender os processos educativos decorrentes da prática do *Fútbol*

Callejero, bem como dos momentos em que sua lógica serviu de referência para a avaliação da convivência durante práticas diversificadas de Jogo/Ócio/Lazer desenvolvidas no contexto do projeto socioeducativo intitulado “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer e Mais que Futebol” (VADL-MQF), desenvolvido junto a crianças, adolescentes, educadores e educadoras.

Chegamos, então, ao final de nossas “palavras iniciais”, que buscaram minimamente introduzir e explicar ao leitor ou leitora o curso e direção de nossa experiência. Vislumbramos, com a nossa Tese, inscrever nossa investigação para que junto com outras experiências emancipadoras, compor uma constelação de saberes e de experiências capazes de formar algumas “bases epistemológicas para a libertação”, e assim *sulear* outras travessias. Daremos início agora ao primeiro capítulo: o “**1º Momento: ponto de partida**”.

1º MOMENTO: PONTO DE PARTIDA

Figura 2 – Corpo e orientação espacial de um povoado Kayapó (Mato Grosso/Brasil)



Fonte: Campos (2015, p. 453).

A ciência moderna, a que se inicia em Bacon e alcança sua formulação mais elaborada em Descartes, desconfia da experiência. E trata de convertê-la em um elemento do *método*, isto é, do caminho seguro da ciência. A experiência já não é o meio desse saber que forma e transforma a vida dos homens em sua singularidade, mas o método da ciência objetiva, da ciência que se dá como tarefa a apropriação e o domínio do mundo. Aparece assim a ideia de uma ciência experimental. Mas aí a experiência converteu-se em experimento, isto é, em uma etapa no caminho seguro e previsível da ciência. A experiência já não é o que nos acontece e o modo como lhe atribuímos ou não um sentido, mas o modo como o mundo nos mostra sua cara legível, a série de regularidades a partir das quais podemos conhecer a verdade do que são as coisas e dominá-las (LARROSA-BONDÍA, 2002, p. 28).

Podemos sinalizar, sem embaraços, que a razão positivista exerceu, e em grande medida ainda exerce, um forte condicionamento no campo da produção de saberes, a tal ponto de ser capaz de nos paralisar diante do desafio de refletir acerca de nossas próprias experiências. Dizemos isso pois, embora sejamos nós, “educadores-investigadores-sistematizadores”, que estamos mediando a presente Sistematização de Experiências, testemunhamos nosso próprio esforço para realizar um afastamento metodológico com o contexto científico-acadêmico que, por muito tempo, nos impeliu a proceder por meio de explicações, representações, generalizações, fragmentação do complexo, padronizações e quantificações (LARROSA-BONDÍA, 2002).

Dito de outro modo, tivemos que aprender a superar o medo paralisante do erro à luz da comparação científica, tivemos que aprender a “compreender”. Expressão cara às pesquisas qualitativas dentro do contexto científico-acadêmico, uma vez que esta atitude envolve romper com um paradigma científico moderno – pautado pela dominação, exploração e pela violência (SANTOS, 2002a) – nos lançando pelas veredas da incerteza, da valorização das qualidades e das singularidades dos fenômenos e “coisas” que vamos colocando sob nossa observação. Esta perspectiva, a qualitativa, nos faz perceber nossa co-implicação com outrem, com o mundo e com as “coisas” com as quais nos relacionamos.

A nossa trajetória primou pela valorização da experiência em campo, o que não significou ficar nela. Nos estudos que fizemos acerca do método de Sistematização de Experiências, identificamos que há um consenso entre os diferentes autores e autora ao caracterizarem que os saberes emergentes deste caminho de pesquisa buscam superar a mera descrição do fenômeno de modo a ultrapassar, ou seja, transcender a experiência (JARA-HOLLIDAY, 2006; 2018; ECKERT, 2009; MEJÍA, 2012).

Tal maneira de produzir conhecimentos solicita do leitor ou da leitora a compreensão sobre impossibilidade de representação, ou ainda mais, da reprodução da experiência em si. Com efeito, nossa narrativa não possui a pretensão de representar a experiência, pois ao comunicar nossas percepções acerca do que foi observado e apr(e)endido, nos valem da linguagem que, de uma só vez, nos afastam de uma pretensa neutralidade e confere algum nível de interpretação da experiência (MERLEAU-PONTY, 2015).

Dito de outro modo, o que o leitor ou leitora irá acompanhar em nossa travessia tratará de ser outra ordem de experiência, envolvendo alguma complexidade e exigirá outro esforço interpretativo, a saber: será a experiência do contato do leitor ou leitora, com a nossa experiência de refletir acerca da nossa experiência de investigação.

O nosso “Ponto de partida” guarda relações com o modo no qual o povo indígena de etnia *Kaiapó*, situados no povoado de *Gorite* (Pará), utilizam seu próprio corpo em relação à movimentação do Sol (nascente/oriente e poente/ocidente) para arquitetar sua aldeia e se referenciar no espaço (geograficamente) e no tempo (cronologicamente), incidindo no período de plantio e de colheita; para deliberação sobre a disposição, a construção ou a ocupação de uma habitação; para compreensão do grau de parentesco entre os habitantes (CAMPOS, 2015). Nós partiremos de nosso próprio corpo-histórico, local onde as experiências vividas foram encarnadas e, agora, passam a ser refletidas e comunicadas. Este é nosso ponto de partida.

Jara-Holliday (2006) propõe que o primeiro momento de uma sistematização é caracterizado como a participação na prática à ser sistematizada, ou conforme diz este autor:

[...] **partir da própria prática**. Este é o ponto de partida de todo o processo de sistematização. E isto quer dizer, fundamentalmente, que a sistematização é um “segundo momento”; não se pode sistematizar algo que não foi posto em prática previamente (p. 73 – grifos nossos).

Tal aspecto do método nos suscita a apresentar que nosso primeiro contato com a metodologia do *Fútbol Callejero* (a partir daqui, apenas “*FC*”) ocorreu na ocasião de realização da “IV Conferência Latino-americana de Futebol e Desenvolvimento”, organizada na cidade de São Paulo, em dezembro de 2013. Contudo, cumpre salientar que nossa participação na referida conferência foi viabilizada, exclusivamente, graças ao início de uma profícua parceria estabelecida entre o Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e a Associação Desportiva Social e Educacional dos Metalúrgicos de São Carlos (ADESM).

Embora a atividade citada não represente em si a experiência que foi sistematizada, afirmamos, sem ressalvas, que os saberes e diálogos que dela decorreram figuraram na genealogia de nossos saberes referentes ao *FC* e também possibilitaram, em um segundo momento, a presente Sistematização de Experiências. Passamos, portanto, para uma breve contextualização da parceria e do nosso contato com o *FC*, para então apresentar o modo de participação e de registro da experiência.

1.1 Participação e registro na experiência

Em dezembro de 2012, o Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior, coordenador do projeto de extensão universitária “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”

(VADL) – alocado no Programa Esporte para a Cidadania, do DEFMH da UFSCar –, foi procurado pela equipe da diretoria da ADESM, devido a sua experiência com o desenvolvimento do citado projeto.

Em sua trajetória histórica, a equipe de educadores e educadoras do VADL desenvolveu ações junto a grupos empobrecidos ou socialmente marginalizados/desqualificados (BELMONTE, 2014). O início de suas atividades data o ano de 1999, com suas ações sendo ministradas nas dependências do Campus da UFSCar, de São Carlos. Já no ano de 2000, a equipe do VADL deslocou suas vivências para a “Escola Estadual de Primeiro Grau Esterina Placco”.

No ano de 2001, em atendimento ao pedido da Chefe da Divisão de Esportes da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer do Município de São Carlos, a equipe do VADL passou a prestar serviços junto às crianças e adolescentes, com idade compreendida entre 7 e 14 anos, que atuavam como guardadores de carros na região do centro comercial da cidade de São Carlos. Neste contexto desenvolveu suas vivências junto ao “Centro Integrado da Criança e do Adolescente (CICA) Dário Placeres Cardoso Junior” (BELMONTE, 2014). Já no ano seguinte, em 2002, o convite veio da Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social deste mesmo município.

Esta última mudança de território acompanhou a transferência da chefe da divisão de esportes para a secretaria ora apresentada². Desta vez, sua solicitação foi para desenvolvimento de atividades junto ao bairro Jardim Gonzaga, se tratando de um bairro periférico e empobrecido do município de São Carlos.

A atuação junto à comunidade do Jardim Gonzaga ocorreu até o ano de 2012, pois com o pleito eleitoral para escolha do prefeito e vereadores/as daquele ano houve alternância político/partidária da gestão municipal. Sem a possibilidade de diálogos com a nova gestão, a parceria que vinha sendo firmada desde 2002 foi rompida. Ademais, de maneira a dificultar ainda mais a permanência da equipe do VADL no território, no ano de 2012 não foi feito o pedido de renovação desta atividade junto ao edital da Pró-Reitoria de

² No ano de 2001, a Profª. Dra. Valéria Oliveira de Vasconcelos atuou como chefe da citada divisão, sendo a mediadora do convite feito ao professor responsável pelo VADL (Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior). Temos um grande respeito e admiração pelo engajamento e qualidade das produções desta professora no campo das práticas de Educação Popular, bem como na atuação como docente no curso de formação de educadores/as junto ao Programa de Mestrado em Educação do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL/Americana). Vale ressaltar que no ano de 2014 já havíamos contado com sua participação junto a nossa banca avaliadora do curso de Mestrado em Educação (BELMONTE, 2014).

Extensão (PROEX-UFSCar). Estes eventos minaram e inviabilizaram a continuidade do projeto no bairro³ (BELMONTE, 2014).

Conforme apontado no parágrafo inicial deste tópico, os diálogos com a diretoria da ADESM foram iniciados no final do ano de 2012. Os diretores e diretoras procuravam uma parceria para o implemento de ações socioeducativas desenvolvidas junto a crianças e adolescentes (a quase totalidade de participantes eram meninos, cuja idade variou entre 7 e 17 anos) que já frequentavam a atividade da Escolinha de Futebol, voltada para formação, treinamento e preparação de atletas que iriam participar de testes seletivos, ou as chamadas “peneiras” (eventos organizados tanto por equipes amadoras, quanto por equipes profissionais).

Portanto, o convite feito nos meses finais de 2012, direcionado para o Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior em nome da equipe do VADL, propunha a ação desta equipe junto ao projeto “Mais Que Futebol” (MQF), cujo título outorgado pela diretoria da ADESM procurou explicitar sua intencionalidade educativa a partir da ampliação das ações já ofertadas, para além da prática de formação de atletas de futebol – por isso “mais que futebol”.

A parceria teve o efetivo início em agosto de 2013, após ajustes no projeto e acordos que foram firmados entre o Prof. Dr. Luiz Gonçalves Júnior – representando o DEFMH/UFSCar e a equipe do VADL –, e membros da diretoria da ADESM. Para a concretização desta ação, foi necessária a intermediação da Fundação de Apoio Institucional ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FAI) da UFSCar, responsável por realizar o repasse da verba destinada para o pagamento dos/as educadores/as-bolsistas.

Cumpramos ressaltar que a verba que a ADESM repassada para a FAI/UFSCar foi oriunda de apoio conseguido por aquela associação junto a fundação *Terre des Hommes* (TDH), da Alemanha. Este apoio foi de fundamental importância para o pagamento de bolsas

³ No mês de novembro de 2012, a coordenadora recém alocada na Estação Comunitária do Jardim Gonzaga, representante da gestão municipal, solicitou que retirássemos todos os materiais (brinquedos, materiais pedagógicos e esportivos) que eram utilizados pela equipe do VADL. Vale ressaltar que esse pedido incluiu a retirada dos instrumentos musicais e a desmontagem da “Biblioteca Menino Maluquinho”, que vinha operando com empréstimos de livros de literatura infanto-juvenil para a comunidade local. Esse pedido gerou desgastes com parte da equipe do VADL. Somada à esta problemática, ainda no ano de 2012, por uma desatenção da coordenação do VADL, este não foi incluído junto o edital da PROEX-UFSCar no devido período para inscrição de projetos. Atentos aos prazos para pedidos de revisão, elaboramos um recurso contendo o pedido de inclusão apresentando, inclusive, nossa percepção acerca da pertinência e da historicidade do VADL no território. Todavia, nosso pedido foi indeferido pela gestão da PROEX/UFSCar. Com efeito, durante todo o ano de 2013 o VADL não contou com aportes financeiros da UFSCar, inviabilizando a compra de materiais didáticos e pagamento de educador/a-bolsistas. Somente no final do ano de 2013, pudemos, no prazo adequado, participar regularmente do edital da PROEX-UFSCar, cujo pedido foi deferido, regularizando a situação do projeto junto à tal Pró-Reitoria.

destinadas para estudantes dos cursos de graduação em Educação Física, Pedagogia, Biblioteconomia e Música que atuaram como educadores/as-bolsistas, bem como para estudantes vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar que atuaram como coordenadores/as-adjuntos/as. Doravante, buscando dar maior fluidez para a leitura deste texto, faremos alusão à citada parceria tratando-a por “Parceria”, ora “Projeto”, ora “VADL-MQF”, ou ainda “Projeto Socioeducativo”.

Figura 3 - Identidade visual: projeto de extensão VADL (esq.) e da ADESM (dir.).



Fonte: Acervo de imagens dos pesquisadores (2019).

Desde o início da Parceria até o momento de produção desta tese, as atividades foram desenvolvidas no “Clube dos Metalúrgicos de São Carlos”, espaço privilegiado para o acolhimento dos participantes e desenvolvimento de práticas de Jogo/Ócio/Lazer, uma vez que as instalações incluem um campo de futebol com dois vestiários e banheiros; duas piscinas recreativas com vestiários e banheiros masculino e feminino; uma quadra de futebol de areia; uma quadra com marcações poliesportiva⁴; vestiários e banheiros (masculinos e femininos); uma secretaria; dois espaços gramados, com a dimensão de uma quadra (situado logo na recepção do clube e outro na parte dos fundos); uma pequena sala multiuso onde funciona uma biblioteca infanto-juvenil; pequena área coberta – local em que costumeiramente realizamos o acolhimento das crianças); uma lanchonete instalada em outra pequena área coberta situada ao lado do espaço da piscina.

Reconhecemos que o “Clube dos Metalúrgicos” foi um espaço privilegiado para a vivência de Jogo/Ócio/Lazer. Todavia, identificamos que a ausência de espaços que

⁴ Embora a quadra possua linhas demarcatórias para basquete, vôlei e futsal não observamos o empréstimo, tampouco a disponibilidade de materiais/implementos esportivos para práticas de modalidades esportivas que não fossem o futebol.

possibilitassem a proteção contra as intempéries climáticas (chuvas ou sol intenso) desvelou um possível projeto de uso do espaço que privilegiou a prática do futebol e suas variações de jogo. Nas ocasiões em que fomos afetados pelas altas temperaturas ou pelas chuvas, as vivências estiveram condicionadas/restritas às duas pequenas áreas cobertas disponíveis (espaço de acolhimento e lanchonete), inviabilizando práticas que demandavam espaços adequados ao seu desenvolvimento, como é o caso do *FC*, por exemplo.

No período de nossa investigação, a Parceria preconizou a participação de crianças com idade entre 7 e 17 anos, moradoras dos bairros: Santa Felícia (onde se localiza o Clube do Sindicato dos Metalúrgicos), Antenor Garcia, Cidade Aracy II, Cruzeiro do Sul, Eduardo Abdelnur, Gonzaga, Iguatemi, Monte Carlo, Pacaembu, Romeu Tortorelli, Santa Angelina e Zavaglia. Para as crianças que moravam em bairros afastados do clube – nomeadamente os bairros Jardim Gonzaga, Cidade Aracy II, Antenor Garcia, Pacaembu, Eduardo Abdelnur, Zavaglia e Monte Carlo –, foi disponibilizado transporte com pontos de embarque e desembarque padronizados e estabelecidos a partir da demanda e apontamentos feitos pelas crianças, adolescentes e seus/suas responsáveis.

Acerca do fornecimento do transporte, compreendemos que este contribuiu para que as crianças e adolescentes que frequentavam as vivências do VADL, quando era desenvolvido no Jardim Gonzaga (período compreendido entre 2002 e 2012, citado anteriormente), voltassem a participar das atividades em seu novo espaço de acolhimento. Ademais, também identificamos a positividade da convivência entre crianças e adolescentes de distintos bairros e distintas culturas.

Em cada encontro era fornecido um lanche para os/as participantes que, de maneira geral, era composto por dois tipos de frutas da estação/época. Em algumas ocasiões, houve a substituição de uma das frutas por um pacote individual de bolacha tipo “água e sal”. Salientamos que **não houve** cobrança de mensalidades ou custos de qualquer natureza referentes à participação no VADL-MQF, sendo esta integralmente gratuita. As atividades do Projeto foram desenvolvidas em dois dias da semana, às terças e quintas-feiras, no período da manhã (8h às 11h) e no período da tarde (14h às 17h), oportunizando o atendimento dos/as seus/suas participantes no horário de contra turno escolar, ou seja, em momento oposto ao que participam das atividades escolares.

Para a participação das crianças e adolescentes foi solicitada a presença de um/a de seus/suas responsáveis junto ao espaço de desenvolvimento das atividades, ou em algum dos pontos de parada do transporte, para que realizássemos o preenchimento da

“Ficha de Matrícula”⁵. Neste instrumento, para além de dados como idade, situação escolar, dados pessoais e local para assinaturas das crianças e seu/sua respectivo/a responsável, também era preenchido no verso (em branco, intencionalmente) sugestões de temáticas para serem desenvolvidas junto ao conteúdo programático do VADL-MQF.

Na busca por atrair novos/as participantes, a equipe pedagógica do Projeto criou um planejamento de visitas às escolas da região do “Grande Santa Felícia” para divulgações em salas de aula e fixação de cartazes. Estes também foram fixados em estabelecimentos comerciais (restaurantes, lanchonetes, sorveterias) e em equipamentos municipais (Unidade Básica de Saúde, Unidade de Saúde da Família, Centro de Referência da Assistência Social) situados no entorno do Clube dos Metalúrgicos, diante prévia autorização dos gestores dos respectivos espaços visitados.

Os princípios que guiaram a prática educativa no VADL-MQF foram referenciados na Pedagogia Dialógica (Paulo Freire), na Ciência da Motricidade Humana (Manuel Sérgio), na Fenomenologia Existencial (Maurice Merleau-Ponty) e na Ecologia dos Saberes (Boaventura de Souza Santos), conforme divulgado na página eletrônica da PROEX-UFSCar (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, 2019).

Em nossas ações, tivemos como ponto de partida a compreensão de que as crianças e os/as adolescentes eram partícipes/protagonistas tanto no desenvolvimento das vivências (propondo jogos e temas para serem abordados ao longo dos encontros, ensinando brincadeiras, mediando atividades), quanto nas comunicações e trocas de saberes decorrentes das vivências que eram desenvolvidas. Ademais, também tivemos cuidado para não descontextualizarmos os “jogos” de suas intencionalidades: sejam estas eleitas pelo grupo, ou pela pessoa que o propôs, sejam outras que emergiram do contexto original da proposição/criação do jogo. Com efeito, junto com as crianças e adolescentes procuramos desencadear e vivenciar processos educativos a partir do desenvolvimento de motricidades lúdicas⁶.

Para viabilizar nossa intencionalidade educativa, estabelecemos alguns marcos programáticos que constituíram uma espécie de “rotina” das ações que eram desenvolvidas em todos os encontros, com maior ou menor aprofundamento, a saber: Roda

⁵ Disponibilizamos, junto ao “Anexo – 3”, uma cópia da ficha de matrícula que a equipe do VADL-MQF utilizou durante o período de nossa Sistematização de Experiências.

⁶ Nosso referencial será melhor explanado junto ao tópico “contextualização teórica”, por ora, antecipamos que ao nos referirmos ao Jogo/Ócio/Lazer fazemos alusão a um campo de estudos da Ciência da Motricidade Humana que busca compreender o humano em seu movimento intencional para a transcendência, para “ser mais” (SÉRGIO, 1999).

Inicial; Jogo de Integração; Atividade Central; Roda Final; Confeção dos Diários de Campo (BOGDAN; BIKLEN, 1994); Reuniões de Planejamento e Avaliação e Formação.

O início das atividades de cada encontro era marcado pela **Roda Inicial**, neste momento, com toda gente compondo um círculo, favorecíamos o diálogo descontraído e convidativo, com vistas a acolher os/as participantes, ouvir suas novidades, ou acontecimentos de suas realidades, as experiências que vivenciaram nos dias que antecederam os encontros e, até mesmo, compartilhar seus sentimentos (alegrias, tristezas, angústias, ansiedades, entre outros) e os respectivos motivos que os desencadearam. Nossa intenção era de apreender, desde os olhares das próprias crianças, seus modos de conceber e de problematizar suas realidades.

Logo após os diálogos da Roda Inicial, organizávamos o **Jogo de Integração**, cujo nome revela sua intencionalidade, ou seja: promover a integração e a acolhida entre os/as participantes por meio de um jogo escolhido por eles/as mesmos/as durante o encontro anterior, estabelecendo um ambiente de descontração e de abertura ao diálogo com outrem.

A escolha do Jogo de Integração ocorria por consenso, ou, na ausência deste, por votação, cuja deliberação era realizada antes da finalização de cada encontro. Esta dinâmica ilustrava parte do processo de participação das crianças e adolescentes junto à eleição do conteúdo programático do VADL-MQF. A tal processo atribuíamos a potencialidade para o protagonismo na escolha das vivências e, em alguns casos, o protagonismo dos/as participantes no ensino de novos jogos, novas brincadeiras e/ou atividades para seus/suas colegas (crianças, adolescentes, educadores e educadoras). O planejamento prévio das vivências possuía a intencionalidade de promover processos educativos afeitos à aprendizagem do planejamento, bem como do respeito ao cumprimento de acordos.

Na sequência ao jogo de integração, eram desenvolvidas as **Atividades Centrais**. Estas compuseram um rol de vivências sugeridas pelos/as educadores/as e acolhidas pelos/as participantes para o desenvolvimento semanal. No período de nossa inserção, referente ao contexto da investigação da presente Tese, eram desenvolvidas as seguintes atividades: às terças-feiras, Capoeira e o *FC* (conforme comunicaremos no tópico seguinte, ainda neste capítulo); às quintas-feiras eram vivenciadas a musicalização e o ciclismo. Nossa intencionalidade com o desenvolvimento das “Atividades Centrais” esteve direcionada para a promoção de uma maior apropriação tanto da prática/habilidade da vivência em si, quanto da potencialidade da contextualização política de cada uma delas.

Marcando o encerramento de cada encontro, eram vivenciadas as **Rodas Finais**. Nestas, com toda gente participante formando novamente um círculo, eram realizadas avaliações das (com)vivências e, também, da comunicação e da troca de saberes suscitados durante os encontros. Mais uma vez, a intencionalidade era a promoção do diálogo e do protagonismo no processo de refletir em torno da experiência que compreendeu a (não) participação na atividade, de modo a refletir em torno das relações estabelecidas com outrem, da (in)satisfação decorrente da (não)participação. Durante a Roda Final também realizávamos o planejamento/programação do encontro seguinte.

Em nossa jornada de participação junto ao VADL-MQF, em cada um dos períodos (manhã e tarde), após a finalização das atividades com as crianças, nos reuníamos com a equipe de educadores e educadoras do Projeto para a elaboração de um diário de campo (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Esta atividade era historicamente desenvolvida pela sua equipe pedagógica, mesmo antes do estabelecimento da parceria com a ADESM (que ocorreu em 2013, conforme apresentado anteriormente), bem como independentemente da investigação de doutorado que alicerçou esta Tese. Assim, a confecção do diário de campo do período da manhã era desenvolvida das 11h às 12h, enquanto no período da tarde era das 17h às 18h.

A responsabilidade pela produção do diário era de toda a equipe, porém, em cada encontro havia um/a educador/a responsável pela sua digitação. Estes registros eram compostos por uma porção descritiva e uma porção reflexiva (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Esta última porção recebia maior atenção dos educadores e educadoras, cuja intenção era aproveitar o momento para que cada educador/a pudesse tecer comentários reflexivos acerca de suas percepções e compreensões decorrentes do processo de convivência com os/as participantes por meio de vivências diversificadas de práticas de Jogos/Ócio/Lazer.

Outro marco de caracterização da dinâmica do VADL-MQF eram as **Reuniões de Planejamento, Avaliação e Formação** da equipe pedagógica, desenvolvidas assiduamente nas manhãs de sextas-feiras, junto à sala do “Programa Esporte para a Cidadania”, situada no DEFMH da UFSCar. Estes encontros eram divididos em dois horários: no primeiro (8h às 10h) dávamos enfoque para alguns elementos que circunscreviam as ações da equipe pedagógica, tais como: reflexões sobre a organização da intervenção pedagógica da equipe do Projeto; avaliação de atitudes empreendidas por algum/a participante que demandavam encaminhamentos; planejamento dos encontros da semana seguinte à reunião; troca de experiências e de informações entre os/as educadores/as que frequentavam as atividades exclusivamente às terças-feiras, com a equipe

de educadores/as que atuavam somente nos encontros das quintas-feiras, atentos/as aos eventos ocorridos nos respectivos encontros semanais que poderiam/deveriam exercer influência nas ações de uma equipe, demandando encaminhamentos articulados entre ambas⁷.

Já no segundo horário (10h às 12h), o grupo se inseria nas reuniões do Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física (NEFEF), que ocorriam no mesmo espaço, logo após à reunião anteriormente descrita. Nestes momentos, outros/as participantes com diferentes formações (Ciências Sociais, Filosofia, Educação Física, Pedagogia, Música, Biblioteconomia, para citar algumas) se uniam para debater e trocar saberes e experiências em torno da leitura de textos (artigos, capítulos de livros) ou após assistir a filmes e documentários, elencados a partir de deliberação coletiva em momento de organização do cronograma do NEFEF, que ocorria no primeiro encontro do NEFEF de cada semestre. A participação dos/as educadores/as-bolsistas neste espaço de formação já era prevista no cumprimento de suas cargas horárias semanais (16h).

A descrição feita até aqui procurou delinear o contexto de nossa experiência com o *FC*. Mas, o primeiro contato que tivemos com esta prática de Educação Popular ocorreu somente em dezembro de 2013, conforme indicado anteriormente, por meio de nossa participação como ouvintes junto à “IV conferência Latino-Americana de Futebol e Desenvolvimento”, que teve como tema “Futebol e Direitos Humanos”, desenvolvida nos dias 4 e 5 do referido mês, nas instalações do “Centro Cultural São Paulo” (bairro Paraíso – São Paulo).

Para participação neste evento, fomos orientados pela diretoria da ADESM a levar conosco um adolescente (17 anos)⁸ que frequentava as atividades de formação desportiva, voltada para a prática de futebol, na “Escolinha de Futebol”. Nossos custos,

⁷ Salientamos que na ocasião de nossa inserção, a carga horária dos/as integrantes da equipe pedagógica era de 16 horas semanais. Para seu cumprimento a equipe dividiu suas ações de modo que cada educador/a escolheu entre as terças-feiras ou as quintas-feiras para a sua participação “em campo”, de tal modo que os/as educadores/as que atuavam na terça-feira não eram os/as mesmos/as da quinta-feira (e vice-versa). Assim, o diálogo era necessário para manter um trabalho complexo, não fragmentado ou pontual, exprimindo uma continuidade das ações pedagógicas.

⁸ Não divulgamos o nome (mesmo que fictício) deste adolescente por não possuímos seu Termo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido, uma vez que ele encerrou sua participação em meados de maio de 2014, portanto, muito antes do início de nossa investigação. O adolescente que já possuía uma filha de 10 meses, nos contou que aquela foi a primeira ocasião que viajou para a capital (São Paulo), e percebemos que durante a visita o jovem se mostrou muito impressionado com todas as novidades que vivenciava (locomotoção de metrô; a utilização que as pessoas faziam do “centro cultural de São Paulo”; as palestras ocorrendo em língua espanhola com tradução simultânea; dormir em um “hostel”, entre outras). A escolha/indicação para a participação deste adolescente foi feita pela própria diretoria da ADESM, pois ele foi identificado como uma potencial liderança entre os adolescentes e jovens que participavam da “Escolinha de Futebol”.

incluindo passagem de ônibus, metrô, hospedagem e alimentação, foram integralmente pagos pela “Ação Educativa, Assessoria, Pesquisa e Informação” (Ação Educativa) de São Paulo-SP, que já se configurava como parceira da ADESM, por meio do programa “*A change to play – O direito de brincar*”.

A organização deste evento congregou a gestão municipal da Prefeitura de São Paulo e diferentes associações e entidades, dentre as quais destacamos aquelas que mais se engajaram na divulgação da metodologia do *FC*, a saber: *Fundación Fútbol para el Desarrollo (FuDe)* da Argentina; Ação Educativa; e *Terre des Hommes (TDH)* da Alemanha.

Um dos convidados/as palestrantes foi justamente o proponente do *FC*, o argentino, ex-jogador de futebol e coordenador da *FuDe*, Fábian Ferraro. Este nos apresentou sua experiência com a utilização do *FC* como ferramenta para atrair e mobilizar a juventude moradora de uma periferia empobrecida de Buenos Aires (Argentina) para lutarem por seus direitos e interesses. Esse processo de mobilização da(s) juventudes(s) iniciou em meados da década de 1990 e se intensificou no início dos anos 2000. Ferraro sinalizou para a condição das juventudes moradoras em áreas periféricas empobrecidas da Argentina, maiores prejudicadas e afetadas pelas mazelas decorrentes da profunda crise econômica que assolou seu país naqueles anos.

O palestrante comentou que sua maior dificuldade foi atrair os/as jovens que não frequentavam as atividades oferecidas pelo complexo esportivo recém construído no bairro, o “*Complejo Defensores*” (Complexo Defensores), mas que estavam envolvidos/as em gangues/facções que se rivalizavam nas ruas das periferias de Buenos Aires.

Todavia, Ferraro relatou que em suas andanças pelo território percebeu que os conflitos eram suspensos quando estes/as mesmos/as jovens organizavam partidas de futebol em campos improvisados. Além disso, os jogos ocorriam sem a intervenção de um juiz, pois os jovens faziam acordos antes de iniciar as partidas, tais como: proibição de uso de armas ou consumo de bebidas alcoólicas ou drogas ilícitas; sobre as dimensões do campo; para não ofender ao adversário.

Este educador também comentou ter ficado estarelecido com o poder que o futebol possuía para atrair/reunir aqueles/as jovens e fazê-los/as, mesmo que durante alguns instantes, suspenderem seus conflitos. Inspirado pelos/as jovens que viviam nas periferias empobrecidas de Buenos Aires e contando com auxílio de colegas educadores, Fábian Ferraro criou o *FC*, se configurando como uma metodologia de Educação Popular que estabeleceu interfaces com a prática de futebol.

Figura 4 – IV Conferência Latino-americana de Futebol e Desenvolvimento de 2013



Fonte: (Esquerda) UNISINOS (2018a)⁹; (Direita) Prefeitura de São Paulo (2017)¹⁰.

Em sua exposição durante a referida conferência o palestrante descreveu sucintamente a metodologia do *FC*, de modo a caracterizá-la como: desenvolvimento de uma partida de futebol fundamentada por três valores que são chamados de “Pilares” – “**Respeito**”, “**Cooperação**” e “**Solidariedade**” que, junto aos gols, também são mote de pontuação; formação de **equipes mistas** (homens e mulheres jogam juntos); presença de um **Mediador ou Mediadora** em lugar de um árbitro/a; divisão de uma partida em três tempos – “**1º Tempo**” (momento em que os/as jogadores/as combinam as regras da partida), “**2º Tempo**” ou “tempo de bola rolando” (desenvolvimento do jogo de futebol pautado pelas regras/acordos estabelecidos no momento anterior) e “**3º Tempo**” ou “**Mediação**” (momento final no qual o/a mediador/a facilita o diálogo entre os jogadores e jogadoras tematizando as situações e atitudes manifestadas durante o jogo e, consensualmente, definem o resultado final da partida).

Esta metodologia, de acordo com seu proponente, concentra sua potência educativa na “**Mediação**”, pois trata de oportunizar que os seus/suas participantes aprendam a dialogar com outrem no processo de defender seus interesses e a resolver conflitos que eventualmente pudessem emergir durante a disputa de um jogo. Deste modo, foi exposta a

⁹Disponível em: <<http://unisinovs.br/blogs/pei/2013/12/10/pei-participa-da-iv-conferencia-latino-americana-de-futebol-e-desenvolvimento/>>. Acesso: 26/20/2018.

¹⁰ Na imagem da direita aparecem Fábio Ferraro (à esquerda), Senhora Vice-Prefeita do município de São Paulo, Nádia Campeão (ao centro) e Antônio Eleilson Leite, Coordenador Executivo da Ação Educativa (à direita).

Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/comunicacao/noticias/?p=163101>>. Acesso: 26/10/2018.

intencionalidade de que tal postura/atitude, a do diálogo, também fosse o modo pelo qual seus/suas participantes optassem para a resolução de conflitos nos diferentes contextos de convivência, para além do espaço-tempo do *FC*.

Ferraro comentou que a apropriação que diferentes entidades e associações fizeram da metodologia do *FC* oportunizou sua difusão para diferentes países, inicialmente da América-latina, mas depois sendo desenvolvido em outras regiões dos continentes americano, europeu e do africano. Até o momento da conferência dois campeonatos mundiais já haviam sido desenvolvidos e contaram com o apoio/chancela da *Fédération Internationale de Football Association (FIFA)*, a saber, foram eles: o “Mundial de *Fútbol Callejero* da Alemanha” (no ano de 2006) e o “Mundial de *Fútbol Callejero* da África do Sul” (em 2010). Outrossim, o educador ponderou que, ao mesmo tempo em que a chancela/apoio da *FIFA* oportunizou uma maior divulgação da metodologia, essa mesma entidade exprimia uma racionalidade e um *modus operandi* contrários a intencionalidade de ampla participação do povo durante seus eventos, coadunando com valores associados ao sistema econômico capitalista geradores de desigualdades e injustiças.

Tal percepção, comunicou Ferraro, desencadeou o efetivo rompimento da maioria das associações e entidades que desenvolviam a metodologia do *FC* com a *FIFA*, e favorecendo a criação do “*Movimiento de Fútbol Callejero*” no ano de 2012. Este movimento, nas palavras do palestrante, congregou organizações sociais que buscaram, através da prática da metodologia do *FC*, promover cidadania, combater preconceito étnico-racial, preconceito de gênero e promover os direitos humanos e da natureza em busca de justiça social (MOVIMIENTO DE FÚTBOL CALLEJERO, 2013)¹¹.

No momento de finalização da intervenção de Ferraro junto a IV Conferência Latino-Americana de Futebol e Desenvolvimento, os integrantes que compunham a mesa de abertura do evento comunicaram que o município de São Paulo iria sediar o “*Mundial de Fútbol Callejero*”, em julho de 2014. O evento foi intencionalmente programado para ocorrer de maneira concomitante e paralela com a “Copa do Mundo” de 2014, organizada pela *FIFA*. A justificativa do proponente da metodologia do *FC* foi apresentada quando ele afirmou que o “*Mundial de Fútbol Callejero* é o verdadeiro Mundial do Povo”, pois seria disputado junto às canchas organizadas na região do Largo da Batata (São Paulo – SP), com ampla possibilidade para as pessoas acompanharem os jogos gratuitamente, e ainda com a

¹¹ Disponibilizamos junto ao “Anexo 2” a carta de princípios do *Movimiento de Fútbol Callejero*, extraída de sua página eletrônica. Disponível em: <<https://movimientodefutbolcallejero.org/movimiento/carta-de-principios/>>. Acesso em: 01/05/2017.

participação de jovens (homens e mulheres) também “do povo”, ou seja, que compunham equipes representantes de contextos periféricos e empobrecidos nos quais a metodologia procurava direcionar suas ações.

Ao término da palestra, dialogamos com Rodrigo Medeiros¹², coordenador das ações do *FC* na Ação Educativa (responsável pelo nosso convite para participação no evento) e com Fábio Ferraro. Neste diálogo, apresentamos sucintamente para estes dois personagens as ações que vínhamos desenvolvendo no Clube dos Metalúrgicos por meio da prática do VADL-MQF. Juntos, identificamos a ressonância entre as ações da Parceria com a intencionalidade originária do *FC* apresentada por Ferraro, posto que ambas práticas circunscreviam o âmbito da Educação Popular, buscando promover processos educativos que permitissem a assunção de uma postura dialógica frente ao mundo, estimulando seus/suas participantes ao protagonismo no diálogo para a resolução de conflitos, a autonomia para a tomada de decisão e a produção de conhecimento e de novas culturas.

Rodrigo Medeiros propôs para que desenvolvêssemos, sistematicamente, a metodologia do *FC* em São Carlos, junto às práticas do VADL-MQF, e também para auxiliarmos na organização do “*Mundial de Fútbol Callejero*”. Ao compreendermos que a proposta era benfazeja, a acolhemos.

Nós, que compúnhamos a equipe do VADL-MQF, iniciamos o desenvolvimento sistemático da prática do *FC* somente em fevereiro de 2014, mês em que terminou o recesso das escolas municipais, estaduais e da própria “Escolinha de Futebol” do Clube dos Metalúrgicos, permitindo a formação de duas frentes de atuação. A primeira se consistiu na introdução sistemática do *FC* no bojo de nossas vivências junto às crianças e adolescentes que participavam da Parceria, especificamente nos encontros das terças-feiras, compartilhando o status de atividades principais, tais como foram a Tertúlia literária, Capoeira, Ciclismo e Musicalização no mesmo período.

A segunda frente de atuação com a metodologia do *FC* respondeu diretamente ao pedido de auxílio feito por Rodrigo Medeiros para que contribuíssemos com a organização do Mundial de Fútbol Callejero, a partir do estabelecimento/formação de um polo de desenvolvimento do *FC*. Tal demanda oportunizou maior protagonismo para o

¹² Rodrigo Medeiros também apresentou que foi intencional a realização do uso do Largo da Batata, pois neste ponto, situado no bairro de Pinheiros – SP e muito próxima a estação Faria Lima (Linha 4 – Amarela do metrô) foi onde ocorreu a concentração de milhares de pessoas na mobilização contra o aumento das tarifas dos transportes em São Paulo, em 17 de junho de 2013. Ganhando a conotação simbólica de espaço onde o povo se reuniu para lutar.

adolescente que nos acompanhou durante a conferência¹³, de modo que ele atuou convidando alguns de seus colegas que já treinavam na “Escolinha de Futebol” do Clube dos Metalúrgicos para formarem uma equipe de *FC*, composta por adolescentes com idade entre 14 e 17 anos.

Em maio de 2014, a equipe da Ação Educativa organizou nas dependências do Centro Esportivo e Educacional Raul Tabajara, localizado no bairro da Barra Funda – SP, uma “seletiva” para formação de duas das três delegações brasileiras que participaram do “*Mundial de Fútbol Callejero*”. Tal atividade reuniu os/as jogadores e jogadoras dos 6 polos situados no Estado de São Paulo. Junto com mais 8 adolescentes que frequentaram os encontros do polo de *FC* de São Carlos, nós da equipe pedagógica do VADL-MQF acompanhamos a seletiva. Nesta ocasião, todos os/as jovens participaram das partidas que foram disputadas entre os diferentes polos e sendo observados por Vandrigo Lugarezi, educador da Ação Educativa responsável pela formação e preparação da delegação brasileira. Nesta ocasião de seletiva, dois adolescentes com 17 anos de idade que compunham o polo do Clube dos Metalúrgicos de São Carlos foram convidados para compor duas das três delegações brasileira que participaram do referido evento.

A contribuição da equipe do VADL-MQF para o desenvolvimento do mundial também contou com a participação do educador Merlau que, devido a sua proficiência em língua estrangeira e saberes acumulados com a realização da Mediação feita no âmbito da Parceria, participou como Educador-Mediador durante “*Mundial de Fútbol Callejero*”, que ocorreu entre os dias 1 e 12 de julho de 2014.

Após o retorno destes colegas (2 atletas e 1 mediador), organizamos uma roda de conversa no VADL-MQF para que eles nos contassem como foi a experiência de participação junto ao mundial de *FC*. Para além da roda de conversa, os dois atletas e o Mediador também registraram suas impressões na 49ª edição do nosso “Jornalzinho – Esporte para a Cidadania”¹⁴, que foi elaborado junto com as crianças, adolescentes e educadores/as do VADL-MQF.

¹³ O adolescente começou a receber uma bolsa em espécie, a partir de fevereiro de 2014, paga pela Ação Educativa. Todavia, em maio deste mesmo ano ele já não participava mais das atividades desenvolvidas junto ao “Clube dos Metalúrgico”, o que incluía os treinos na “Escolinha de Futebol”. Em breve diálogo, o garoto disse que teve que começar a trabalhar, pois era pai de uma menina de aproximadamente 1 ano. As notícias dadas pelos outros adolescentes é que ele também parou de frequentar a escola. Desde então, não tivemos mais informações a respeito deste participante.

¹⁴ O Jornal “Esporte para Cidadania” se configura como um boletim informativo confeccionado pela própria comunidade participante do “VADL-MQF”. Suas produções possuem apenas duas páginas compostas pelas seguintes seções: o Editorial; uma reportagem com temas emergentes/afetos ao espaço-tempo do mês e local de distribuição; uma entrevista do mês; uma seção passatempo que é composta geralmente por jogos, curiosidades, desenhos feitos pelos próprios participantes e desenhos para colorir; e uma Matéria produzida

Embora os três participantes citados tenham relatado que a experiência colhida no referido mundial tenha conferido impacto positivo, conforme registrado em nosso “Jornalzinho”, não tivemos êxito na adesão e conseguinte continuidade dos/as adolescentes que participaram da atividade do *FC* até o momento de realização da seletiva para formação das delegações brasileiras. Após o encerramento do mundial, apenas o educador Merlau continuou sua participação no Projeto e contamos com o início da contribuição do adolescente Romeu junto a Parceria. Todos os demais adolescentes seguiram suas participações somente na “Escolinha de Futebol” do Clube dos Metalúrgicos.

Nossa percepção é de que as crianças e adolescentes que frequentaram o treino da “Escolinha de Futebol” se mostraram profundamente imersos na lógica desportiva e com atenção muito voltada para esse projeto de profissionalização que permeou a narrativa do futebol que foi vivenciado no Clube dos Metalúrgicos, em especial, aquelas afeitas ao sonho de se tornar um jogador de futebol profissional e, com isso, possibilitar uma desejada ascensão social. Todavia, desde o nosso ponto de vista, enquanto esta possibilidade não se concretiza, os participantes da “Escolinha” vivenciam a competitividade e o individualismo exacerbados: seja nos treinos ou nos torneios disputados junto a “outras escolinhas”, ou com equipes das chamadas “categorias de bases” dos times que possuem alguma expressividade no cenário futebolístico brasileiro.

Consideramos notória a força, esperança e engajamento que os adolescentes que participam da escolinha de futebol nutriam e encampavam pelos seus sonhos de se tornarem atletas profissionais para, com isso, ascenderem socialmente. Tal qual a mídia retrata ser a vida de alguns atletas que desenvolvem esta atividade.

Nossas ações com a Parceria estavam voltadas para uma intencionalidade socioeducativa, embora fosse possível adquirir habilidades que poderiam e deveriam ser manifestadas no campo profissional, como por exemplo o diálogo para resolução de desafios; atuar cooperativamente para cumprimento de objetivos/metastas; atenção com a multiplicidade de fontes de saberes; estabelecimento de relações interpessoais saudavelmente proveitosas, dentre outras potencialidades do trabalho socioeducativo que desenvolvemos. Todavia, não oferecemos uma “instrumentalização” voltada para atuação com uma específica prática ocupacional, conflitando diretamente com o interesse e

pelos/as educadores/as. Já são mais de 10 anos de produção deste jornalzinho. Suas edições são bimestrais e a 49ª edição, citada no corpo do texto, é a edição de julho-agosto de 2014. Disponibilizamos um exemplar junto a seção “Anexo 3” desta Tese.

necessidades dos/as adolescentes que frequentam o espaço. Parece-nos ser esta a nossa limitação.

A partir da perspectiva da Ciência da Motricidade Humana (SÉRGIO, 1998; 1986; 2003; 2007), que sustentou nossa intervenção, procuramos diferentes estratégias para promover a livre adesão dos/as adolescentes junto as vivências desenvolvidas no VADL-MQF. Portanto, para além do critério da idade (possuir entre 7 e 17 anos), uma outra condicionalidade foi a de “respeitar a livre participação” (deles/as mesmos/as e de outrem).

Por ora, compreendemos que somente a atividade de ciclismo possuiu a potencialidade para atrair, mas não “disputar” com igualdade, a atenção dos meninos que frequentaram o clube para treinar futebol. Alguns elementos nos fazem intuir essa preferência pelo ciclismo, tais quais: disponibilidade de bicicletas de boa qualidade; o uso de capacete e luvas para a prática pode gerar curiosidade; talvez porque nem todos tenham uma bicicleta disponível para brincar ou, ainda mais, não ter tal equipamento para brincar junto com outro amigo que também o tenha, para citar algumas de nossas reflexões¹⁵.

O participante Romeu tornou-se Mediador¹⁶ no polo de São Carlos após sua participação no Mundial de *Fútbol Callejero* e, com a dificuldade de estabelecer uma equipe/time com adolescentes e jovens que já participavam da “Escolinha de Futebol”, passou a integrar a equipe do VADL-MQF. Tal evento incidiu na caracterização do polo de São Carlos – SP, como sendo composto majoritariamente por crianças e adolescentes com

¹⁵ Atentos à legislação trabalhista vigente, bem como ao interesse e necessidade que os adolescentes daquele território demonstraram pela geração de renda, no ano de 2015, o coordenador do VADL-MQF articulou nova parceria envolvendo a equipe do “Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária” (NuMI EcoSol) da UFSCar. A equipe deste núcleo ofereceu apoio e orientações técnicas para adolescentes (16 e 17 anos) acerca da organização e formação de empreendimento solidário, dentre os quais foi sugerido o uso da bicicleta como um modal de transporte e para geração de renda (através da oferta de manutenção de bicicletas, ou por meio de realização de “entregas em bicicleta”). Cumpre ressaltar que esta atividade de formação não está no escopo de ações do VADL-MQF, uma vez que neste se trabalha a partir do Jogo/Ócio/Lazer. Se tratou, portanto, de um novo intento e esforço para atender uma demanda emergente no território.

¹⁶ Romeu, após ter participado do “*Mundial de Fútbol Callejero*”, passou a receber uma bolsa em espécie subsidiada pela Ação Educativa para exercer a função de Mediador no polo de São Carlos. Na ocasião, Romeu estava desempregado e, em diálogo com a equipe do VADL-MQF, nos relatou que este auxílio financeiro possibilitou que ele continuasse sua participação nos treinos da “Escolinha de Futebol” (como goleiro), e exercesse a função de “Mediador” às terças-feiras (manhã e tarde) junto ao VADL-MQF, de maneira a não interromper seus estudos no Ensino Médio. No ano de 2015, este adolescente morador de um bairro periférico e empobrecido viajou para a Argentina para participar da “*Copa América de Fútbol Callejero – 2015*” (Buenos Aires – Argentina) junto com outros/as jovens que compuseram a delegação brasileira. Após ter concluído os estudos do Ensino Médio, no ano de 2016, já no segundo semestre, precisou se afastar das atividades do VADL-MQF para prover sustento financeiro (para ele e seus/suas familiares – aos 19 anos), iniciando emprego em uma franquia de “*fast-food*” com loja em São Carlos - SP. Paralelamente a sua atividade profissional, orientado pelos estudantes-bolsistas que atuavam no VADL-MQF, ingressou no curso preparatório para vestibulares comunitário (de baixo custo) oferecido na UFSCar. Participou do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) no ano de 2017 e foi aprovado no curso de Engenharia Ambiental da Universidade Federal do Paraná, iniciando seus estudos no segundo semestre de 2018.

idade compreendida entre 7 e 11 anos, e alguns/algumas adolescentes com idade de 12 e 13 anos que não procuraram a Parceria atraídas pelo futebol, mas pelas demais vivências ofertadas.

Observando a dinâmica de desenvolvimento do *FC* com essas crianças e adolescentes, que surgiu nossa inicial inquietação por compreender os processos educativos decorrentes da prática do *FC* no contexto do VADL-MQF, culminando com a submissão de um projeto de investigação em meados de setembro de 2014 para o curso de Doutorado em Educação, direcionado para a linha de pesquisa de Práticas Sociais e Processos Educativos do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UFSCar.

No início de 2015, ocorreu a aprovação da proposta da presente investigação no processo seletivo do PPGE/UFSCar. A opção por tal linha de pesquisa exprimiu uma relação de identidade entre nossos horizontes com o compromisso ético anunciado pela equipe de professores e professoras deste grupo de pesquisa, corroborando com nossas expectativas de realização de pesquisa **com** as crianças, adolescentes, educadores e educadoras e **não sobre** estas pessoas (OLIVEIRA et al., 2014).

No contexto de produção dos saberes decorrentes da análise de práticas sociais, não compartilhamos com o pretenso “monopólio educativo” escolar, ou seja, compreendemos que o processo de educar e educar-se ocorre em meio as distintas práticas sociais que vivenciamos no dia a dia e que perpassam a convivência de estarmos sendo com o mundo e com outrem.

O processo de alocação junto a linha de pesquisa possibilitou, nos possibilitou formação específica para uma intervenção que não produziu uma fragmentação, ou dicotomia entre investigação e intervenção educativa. Assim, a perspectiva da Filosofia da Libertação (DUSSEL, 1974;1995; 2005), da Pedagogia Dialógica (FREIRE, 2018a), das Epistemologias do Sul (SANTOS; MENESES, 2009), da pesquisa qualitativa fenomenológica (MARTINS; BICUDO, 1989; BICUDO, 2011, GARNICA, 1997) e da Fenomenologia Existencial (MERLEAU-PONTY, 1991, 2015) se entrecruzaram com a Sistematização de Experiências (JARA-HOLLIDAY, 2006; 2018; ECKERT, 2009, MEJÍA, 2012) em nosso próprio processo formativo junto à linha de pesquisa que oportunizou nossa investigação.

Após aprovação da investigação, iniciamos a participação junto às disciplinas. Nesta feita, voltamos nosso olhar para o contexto do VADL-MQF a partir de um distanciamento metodológico intencional, projetando novas possibilidades epistemológicas para o desenho de nossa investigação que suscitaram adequações no projeto originalmente

aprovado pelo PPGE/UFSCar. Neste ínterim, mais especificamente no mês de fevereiro de 2016, submetemos a investigação para o Conselho de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP-Plataforma Brasil/UFSCar), cujo parecer favorável foi emitido em maio daquele mesmo ano, oportunizando o efetivo início de nossa inserção em campo para a participação e registro na experiência.

Nossa inserção em campo, voltada para a presente Sistematização de Experiências, teve **início em 23 agosto de 2016**. Nesta nova inserção, uma vez que já havíamos composto a equipe em momento anterior, buscamos contemplar o engajamento e participação nas vivências que os educadores e educadoras já desenvolviam, dentre os quais ressaltamos o *FC*, que já figurava como um conteúdo programático. Nesse sentido, compreendemos que não o propusemos, ao modo de uma intervenção. O que ocorreu foi um diálogo, acordo e consentimento da equipe do VADL-MQF para que nós, educadores-investigadores, ficássemos responsáveis pelos momentos de desenvolvimento do *FC*, inclusive pela sua Mediação, de maneira a nos oportunizar uma “posição” privilegiada para a identificação e compreensão dos processos educativos decorrentes da prática do *FC* que foi desenvolvida no contexto do VADL-MQF.

Houve uma adaptação do nosso traçado inicial que refletiu na **suspensão de nossa inserção de campo no dia 31 de janeiro de 2017**. Tal intercorrência não foi originalmente planejada, e foi suscitada devido a nossa participação junto ao Programa Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE/2016-01)¹⁷. Deste modo, realizamos uma pré-análise dos dados para participação em Exame de Qualificação ainda no mês de fevereiro de 2017.

Tivemos o cuidado de sinalizar como uma suspensão, pois ainda retornamos a campo em mais duas datas/situações. A primeira situação tratou de um **Diálogo Individualizado realizado no dia 19/12/2017**. Este diálogo foi suscitado pela comunicação que a mãe do participante David nos fez, informando a ausência deste adolescente no encontro agendado para o dia 21/12/2017 que encerraria nossa atuação em campo (ocasião apresentada mais adiante). Assim, dado o engajamento e boa qualidade na/da participação

¹⁷ O período de estudos no exterior ocorreu entre os meses de março e junho de 2017. Nesta ocasião, procuramos desenvolver um aprofundamento teórico acerca da Ciência da Motricidade Humana junto ao Co-orientador estrangeiro Prof. Dr. Jose Maria Pazos Couto, Tutor e Vice Decano de Relações Internacionais e da Graduação em Ciências da Atividade Física e do Esporte na Universidade de Vigo (Pontevedra – Espanha). O citado professor co-orientador possui notório saber acerca do referencial, uma vez que foi orientado direto de Manuel Sérgio, proponente da Ciência da Motricidade Humana. Na seção anexo encontra-se cópia do “Parecer Final” (Anexos 4 e 5) emitida pelos co-orientador estrangeiro e pelo orientador da investigação no Brasil, Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

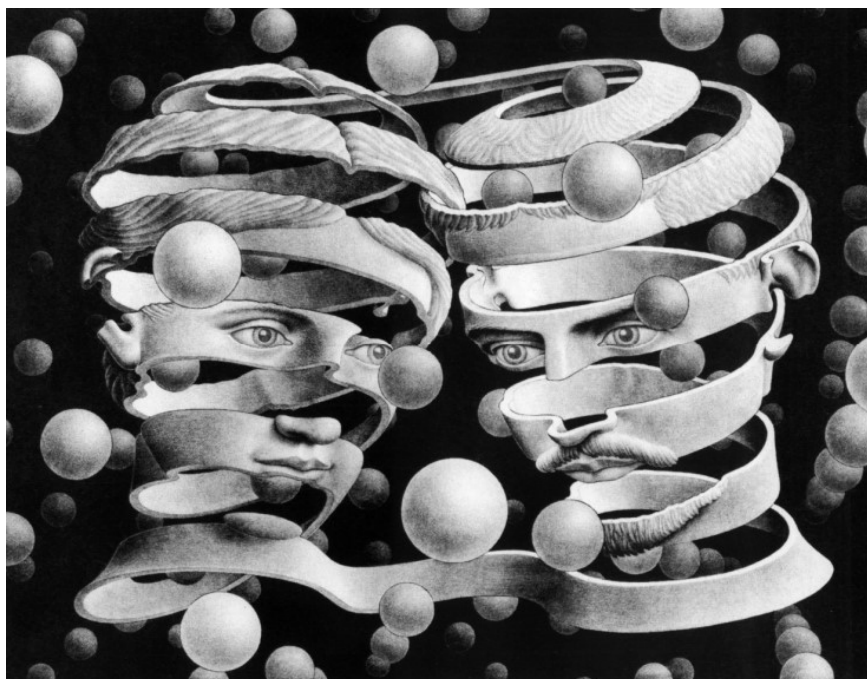
de David, que se configurou como um “informante chave” para a nossa investigação, optamos por realizar o “Diálogo Individualizado” que buscou colher a compreensão que ele e mais três participantes possuíam acerca do *FC*, que foi vivenciado no contexto do VADL-MQF.

O registro de nossa experiência foi realizado através de filmagens para captação de voz e imagens dos momentos em que atuamos como educadores-investigadores responsáveis pela coordenação das vivências, especialmente dos momentos de desenvolvimento da prática do *FC*, pois, conforme apontaremos, nossos registros também captaram momentos em que os Pilares do *FC* serviram de inspiração para outros jogos (motricidades lúdicas).

Encerramos aqui a apresentação de nossa participação e registro da experiência. Nosso próximo ponto de ancoragem é o “2º Momento: as perguntas iniciais” ocasião na qual descortinamos o nosso plano de investigação e o nosso contexto teórico (JARA-HOLLIDAY, 2006; 2018; ECKERT, 2009).

2º MOMENTO: AS PERGUNTAS INICIAIS

Figura 5 – Maurits Cornelis Escher – *Bond of union* (1956).



Fonte: Costa (2010, p. 16).

Definitivamente, a sistematização permite incentivar um **diálogo entre saberes**: uma articulação criadora entre o saber cotidiano e os conhecimentos teóricos, que se alimentam mutuamente. Esta é talvez uma das tarefas privilegiadas da educação popular, o que reafirma a importância fundamental de sistematizar nossas experiências, não só pelas possibilidades que têm, mas pela responsabilidade que implica para nós, educadores e educadoras populares [...] Nossas experiências se convertem, graças a ela [a sistematização], na fonte mais importante de aprendizagem teórico-prática que temos: para compreender e melhorar nossas práticas, para extrair os ensinamentos e compartilhá-los com outros, para contribuir com a construção de uma teoria que responda à realidade e, por isso, permita orientar nossa prática à sua transformação (JARA-HOLLIDAY, 2006, p. 37 – grifos nossos).

Nossa condução do leitor ou leitora encontra ancoragem neste segundo capítulo, no qual apresentaremos: “As perguntas iniciais”. Neste momento, para efeito de investigação acadêmica, nossa trajetória em campo já foi encerrada. Adentramos, doravante, no processo de gradual aprofundamento de nosso olhar crítico acerca da prática vivenciada e, assim, superamos a dimensão meramente descritiva da experiência, uma vez que Jara-Holliday (2006) pondera:

A tendência a contar anedoticamente experiências vividas, a encaixar processos originais em esquemas rígidos preestabelecidos ou a jogar discursos abstratos com o pretexto de alguma referência a experiências de campo, atenta contra o modo de pensar dinâmico, rigoroso, processual, crítico e criativo que é indispensável para realmente “sistematizar” (p. 26).

A rigorosidade proposta pelo autor reside na qualidade do aprofundamento crítico sobre a prática, de modo que nossa proposição para investigar a prática do *FC*, à luz da Sistematização de Experiência, implicou compreender que a nossa ação enquanto educadores-investigadores não se restringiu apenas a olhar o produto da sistematização, ou seja, avaliar para compreendê-la e melhorá-la – sistematizar, desde uma perspectiva diagnóstica (JARA-HOLIDAY, 2006; 2018). Tampouco, nosso movimento de partir da própria experiência teve a intencionalidade exclusiva de extrair os conhecimentos da prática para criar uma teorização sobre ela mesma para compartilhar seus saberes – sistematizar para avaliar o processo. Nesta esteira, Jara-Holliday (2006) aponta direções:

Os grandes propósitos dessas experiências são geralmente confluentes ou, pelo menos, não antagônicos. Extrair os ensinamentos da própria experiência, para compartilhá-los com outros, deveria ser sempre uma linha de trabalho priorizada entre nós que fazemos educação e animação popular. Da mesma maneira que, inversamente, estar atentos para conhecer e aprender da experiência de outros, deveria ser uma atitude permanente dos que creem não possuir verdades definitivas e nem estar pondo em marcha práticas perfeitas. Aprender e compartilhar são, assim, dois verbos que não podem ser desligados do exercício de sistematizar (p. 31-32).

Reiteramos, assim como o citado autor, que embora a avaliação das ações em campo, bem como a busca pela identificação e compreensão dos processos vividos sejam dimensões possíveis, desejáveis e igualmente importantes no processo de sistematização de experiências, nosso horizonte se assentou na esfera da investigação (JARA-HOLLIDAY, 2006; 2018; ECKERT, 2009), cuja pretensão abarcou a possibilidade de trazer contribuições epistemológicas capazes de dialogar tanto com os saberes já sistematizados e produzidos

sobre a prática do *FC*, quanto no processo de avaliação de nossa própria ação enquanto educadores-pesquisadores.

No intento de sistematizar para investigar, após proceder à participação e ao registro da experiência, o momento seguinte foi o da estruturação da Sistematização de Experiências, por meio de 3 perguntas elementares propostas por Jara-Holliday (2006). A saber: *Que experiências queremos sistematizar? Para que queremos sistematizar? Quais aspectos centrais desta experiência nos interessam mais?* Em outra obra deste mesmo autor, Jara-Holliday (2018), outros dois questionamentos foram acrescidos, de maneira a conferir estruturação para um plano de sistematização, foram elas: *Quais fontes de informações temos ou necessitamos?; Que procedimentos vamos seguir?*

Consideramos que compreender a intencionalidade de cada um destes questionamentos é fundamental para as adequadas providências de pesquisa, possibilitando a criticidade no processo e a comunicação do “contexto teórico” (JARA-HOLLIDAY, 2006; 2018; ECKERT, 2009) que sustenta nossa ação (investigativa ou de engajamento na prática educativa). Passamos então para suas análises, desde uma sequência de apresentação que nos pareceu conferir maior fluidez e coerência para a travessia feita junto com o leitor ou leitora.

2.1 Que experiências queremos sistematizar? Objeto de estudo.

Ao nos debruçarmos sobre “quais experiências queremos sistematizar”, fomos impelidos a escolher “[...] a ou as experiências concretas a serem sistematizadas, claramente delimitadas em tempo e lugar” (JARA-HOLLIDAY, 2006, p. 80). Atentos à necessidade de conferir especificidade no anúncio de tal elemento da investigação, fazemos saber que:

- **nosso objeto de estudo, ou seja, a experiência que buscamos sistematizar**, tratou ser a prática do *Fútbol Callejero* que foi desenvolvida sob nossa coordenação no âmbito das ações do VADL-MQF, bem como das ocasiões em que nos apropriamos da lógica de avaliação dos seus valores/pilares (Respeito, Cooperação, Solidariedade) para a avaliação da convivência entre os/as colaboradores/as em meio às diversificadas práticas de Jogo/Ócio/Lazer que foram desenvolvidas durante as tardes das terças-feiras, no período de agosto de 2016 a janeiro de 2017, e em outras duas ocasiões pontuais. Foram elas: 19 e 21 de dezembro de 2017, momentos em que retornamos a campo para realização de

Diálogos Individuais e Roda Final com os/as participantes que tiveram o *FC* como objeto de nossas reflexões.

Este momento da apresentação da Tese é oportuno para uma sucinta ponderação acerca do nome da prática que foi posta em foco. Esclarecemos que “*FC*” é uma expressão de origem em língua espanhola, na qual “*Fútbol*” é traduzido por “futebol”, e “*Callejero*” (“*calle*” + “*jero*”) significa “rueiro”, ou seja, “aquilo que é afeto à rua”. Portanto, em uma tradução literal teríamos “Futebol Rueiro”. Embora essa tradução respeite as normas formais da língua portuguesa, percebemos que a expressão “rueiro” causa alguma estranheza.

Em contrapartida, encontramos, de maneira usual, a menção ao “Futebol de Rua” como sendo outra tradução possível. Desde o nosso ponto de vista, esta apropriação poderia gerar incongruências no contexto de nossa tese, uma vez que “Futebol de Rua” também é comumente utilizado para expressar uma miríade de práticas de “futebóis”, cujas disputas ocorrem tanto nas ruas, como em diferentes espaços nos quais se improvisam canchas para o jogo que, dentre eles, podemos citar alguns: “golzinho”, “artilheiro”, “passou-levou”, “timinho”, “linha”, “melê”, “gol-a-gol”, “bobinho”, “rebatida”, entre outras.

Com vistas a evitar uma compreensão polissêmica e perder de foco nosso objeto de estudo, optamos por fazer uso da expressão originária, em língua espanhola: “*Fútbol Callejero*” (pronunciamos “fútbol cajerrero”). Ademais, desejamos que a presente explanação permita se fazer notar a intencionalidade educativa desta prática.

No capítulo anterior, ocasião na qual apresentamos o “1º Momento”, tendo a participação e registro na experiência como foco de nossa sistematização, citamos os contornos do *FC* a partir apenas dos elementos comunicados pelo seu proponente, Fábio Ferraro, em ocasião da “IV Conferência Latino-Americana de Futebol e Desenvolvimento”. Todavia, tais elementos não nos permitiram compreender com criticidade a politicidade que outorga ao *FC* a condição de ser uma prática de Educação Popular.

Faremos, então, uma necessária guinada cronológico-histórica para apresentar, a contento de uma perspectiva crítica, a origem e o método do *FC*. Em seguida, nos debruçaremos especificamente para a práxis do *FC* situada no contexto do VADL-MQF e que se configurou como nosso objeto de estudo.

2.1.1 Emergência de uma ausência: abrindo a cancha de jogo desde o sul

Jogando recuado na meia cancha, sempre aspirava a ter uma visão ampla do campo de jogo, por isso seu treinador frequentemente lhe pedia para que “**abrisse a cancha**”, o que na linguagem do futebol significa lançar a bola para o espaço vazio, expandir o espaço para incorporar outros jogadores ao ataque, passar a bola aos que se encontram em melhor posição para avançar (ARTAVIA-LORÍA, 2008, p. 13).

Na busca pelas origens do *FC*, nos deparamos com uma estória de luta na qual 12 adolescentes moradores de um bairro empobrecido e periférico de *Buenos Aires (Argentina)*, se engajaram na busca pela transformação de suas realidades. Portanto, para compreendermos satisfatoriamente a gênese do *FC*, nos cumpre apresentar a dialeticidade que a sua origem possui com o surgimento do “*Complejo Defensores*” (em tradução para o português, “Complexo Defensores”), cuja construção transcendeu o uso e a função de um espaço de treino da equipe de futebol *Club Atlético Defensores Del Chaco* (doravante, *CADDC*).

No ano de 1994, o argentino e ex-jogador de futebol Fábian Ferraro, junto de seu amigo Julio Jiménez, acompanhava pelo televisor os jogos da Copa do Mundo organizada pela *FIFA*. Naquele ano, o evento teve como país sede os Estados Unidos da América. Nesta ocasião, Fábian Ferraro decidiu montar uma equipe de futebol em *Moreno*, bairro onde viveu em sua infância, aproveitando seus saberes e experiências como ex-jogador de futebol (ROSSINI et al., 2012).

O citado bairro está situado, aproximadamente, a 35 quilômetros da capital, *Buenos Aires – Argentina*, e junto a outros bairros forma o território chamado de *Passo del Rey*, no qual Artavia-Loría (2008) descreveu do seguinte modo:

[...] 45% da população vivem abaixo da linha da pobreza; 17% vivem na indigência e 30% sofrem com o desemprego e subemprego. A zona é conhecida como *Paso del Rey*. Entre os bairros da zona se encontra o bairro *Chaco Chico*, assim chamado em função da alta incidência de imigrantes paraguaios que ali moram. *Paso del Rey*, com mais de 250.000 habitantes, dispõe de apenas três escolas e nenhuma creche ou pré-escola. A zona conta com sete centros de saúde, mas não há um hospital para servi-la. Boa parte das ruas não está pavimentada e as casas de muitos de seus bairros não têm água corrente – é captada em poços de baixa profundidade, com risco de alta contaminação (p.16).

Foi neste cenário que Fábian Ferraro começou a treinar uma equipe de adolescentes que viviam pelas esquinas do bairro, uma vez que o território não possuía

equipamentos e serviços públicos para prática do Jogo/Ócio/Lazer. Os próprios adolescentes escolheram o nome do time, “CADDC” (ROSSINI et al., 2012).

Vale lembrar que algumas pessoas se reportavam àquela região como sendo o “*Chaco Chico*”, (que em português significa “pequeno *Chaco*”), devido à grande incidência de imigrantes paraguaios/as, originalmente oriundos/as da região chamada de “*Chaco Paraguayo*”. Portanto, o nome da equipe procurou homenagear não somente esta raiz étnica, mas também fazer alusão ao maior estádio de futebol paraguaio: o “*Defensores del Chaco*” (CONN; DURBIN, 2013). Destacamos que no conurbado de *Paso del Rey* também convivem imigrantes de outros países latino-americanos, como aqueles/as advindos/as do Peru da Bolívia, para além de pessoas que migram do interior da própria Argentina.

Rossini et al. (2012) contam que com muito esforço Fábian Ferraro começou a organizar os treinos, tirando os adolescentes das “esquinas”. Não demorou muito para que ele e Julio Jiménez fossem vistos como lideranças locais. Após um início sem grandes êxitos, a equipe começou a almejar possuir um espaço adequado para o treinamento. A grande virada, que impulsionou tal sonho, ocorreu no ano de 1996, no qual Rossini et al. (2012) sinalizaram:

*Cincuenta partidos ganados de manera consecutiva y el título regional en los Torneos Bonaerenses logrado ante el poderoso Deportivo Morón son poco con relación al acompañamiento y apoyo que recibieron de sus familias y vecinos. La vuelta al barrio como ídolos fue tan gloriosa como la reconciliación y recuperación de la mirada de los padres a sus hijos. Los jóvenes de la esquina en poco tiempo se habían convertido en un ejemplo para su comunidad*¹⁸ (p. 21).

Coon e Durbin (2013) realizaram uma entrevista com Max Pelayes, que em sua adolescência compôs a equipe do CADDC vencedora do citado torneio, que nessa entrevista Pelayes comenta: “*Pasamos de ser un peligro a ser los referentes del barrio [...] De un momento a otro, fuimos conocidos por esto, no por lo que antes había sucedido. Y de ahí empezó el cuento de soñar con cambiar este lugar*”¹⁹ (COON; DURBIN, 2013, p. 12-

¹⁸ “Cinquenta partidas vencidas de maneira consecutivas e o título regional nos Torneios Bonarenses conquistado diante o poderoso *Deportivo Morón*, ainda é pouco quando relacionado ao acompanhamento e apoio que receberam de suas famílias e vizinhos. A volta ao bairro como ídolos foi tão gloriosa como a reconciliação e recuperação da perspectiva dos pais aos seus filhos. Os jovens da esquina em pouco tempo se haviam convertido em um exemplo para sua comunidade” (ROSSINI et al., 2012, p. 21, grifos nossos – tradução livre nossa).

¹⁹ “Deixamos de ser um perigo para sermos as referências do bairro [...] Em um instante ficamos conhecidos por isto, e não pelo que fazíamos antes. Desde então começou a história de mudar este lugar” (COON; DURBIN, 2013, p. 13 – tradução livre nossa).

13). Para além deste novo olhar, Rossini et al., (2012) também destacaram a importância de os adolescentes terem saído do bairro para disputar os jogos e assim conhecerem outras realidades.

Conforme relatado por Max Pelayes (COON; DURBIN, 2013), esta conquista impulsionou uma guinada no olhar que a população local possuía acerca daqueles adolescentes, passando de perigosos à referências. Este novo modo de se relacionar com os garotos foi capaz de potencializar uma catarse na qual 12 participantes que compunham a equipe do *CADDC*, acompanhados pelo seu treinador e pelo educador popular Júlio Jiménez, iniciassem uma luta pela construção de um campo de treinamento dentro do bairro, uma vez que, conforme dito, treinavam nas calçadas (COON; DURBIN, 2013).

Para tal feita, elencaram um terreno que vinha sendo utilizado como depósito irregular de lixo pela própria população (ARTAVIA-LORÍA, 2008; COON; DURBIN; 2013; ROSSINI et al., 2012;). Junto a este espaço, fixaram uma placa com os seguintes dizeres: “*En breve Polideportivo del Club Defensores Del Chaco*”, conforme figura logo abaixo.

Figura 6 –Placa instalada em terreno utilizado indevidamente como depósito de lixo



Fonte: Ferraro (2013, s/p)²⁰.

O episódio da aquisição do terreno foi narrado por Max Pelayes, em entrevista cedida para Coon e Durbin (2013):

Los vecinos se burlaron, recordó Pelayes, pero los jóvenes continuaron. “Empezamos a limpiar y a ubicar al propietario” dijo. “Él había heredado

²⁰Placa com os dizeres “*En Breve Polideportivo del Club Defensores del Chaco*”. Imagem extraída do documentário: “*Fabián Ferraro, Historia del fútbol callejero y el club Chaco Chico en Paso del Rey Moreno*”... Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vS4-myTDGsc&t=4s>>. Acesso em: 07/07/2017.

el terreno y supuso que había sido tomado. Se mostró agradecido de que quisiéramos comprárselo. No teníamos necesidad de hacerlo. Pero si íbamos a generar un cambio, necesitábamos dar el ejemplo”. Así, los muchachos golpearon puertas hasta que recolectaron fondos suficientes como para pagar por el lote. “En 1999, se compró, empezamos a poner el alambre, a armar la cancha, a poner las luces y comenzamos a construir nuestro complejo”, relató Pelayes²¹ (p. 13).

Identificamos, com isso, um processo de resiliência dos adolescentes que, diante de todas as mazelas vivenciadas em um contexto de empobrecimento, superaram a falta de credulidade de alguns/algumas adultos/as que, inicialmente, zombaram dos interesses comunicados pelos meninos. Ademais, também nos pareceu ser a manifestação de muita sabedoria dos adolescentes, ao dizerem que “tinham que dar o exemplo” (COON; DURBIN, 2008), firmando a coerência entre o horizonte pretendido e o caminho trilhado.

O novo desafio a ser superado pelos meninos foi transformar o depósito de lixo irregular em um campo de futebol. Mais uma vez a sagacidade dos adolescentes foi fundamental para a concretização do projeto. Eles perceberam a movimentação de caminhões que retiravam terra de um local próximo dali, de *Moreno*, e solicitaram aos respectivos motoristas para que depositassem todo aquele material no terreno recém-adquirido por eles (COON; DURBIN, 2013; ROSSINI et al., 2012). O pedido foi acolhido de imediato. A nova jornada consistiu em transformar as montanhas de terra e uma superfície plana, fazendo emergir um campo de terra-batida.

Mesmo com um espaço rudimentar, a população percebeu melhoras nas condições de atenção aos adolescentes, uma vez que, em lugar das esquinas e calçadas, passaram a possuir no território um espaço que ensejava uma relação identitária com a população local. No bairro de *Moreno* se viam pessoas utilizando a camisa do *CADDC*, em lugar de camisetas de equipes profissionais, comentou Fábian Ferraro em diálogo com Coon e Durbin (2013). O novo espaço (observar “Figura 7 – Complexo Defensores” logo adiante) também proporcionou um aumento da adesão de participantes, o que do ponto de vista do citado treinador também demandou o aumento da responsabilidade. Deste modo, de acordo com Coon e Durbin (2013):

²¹ “Os vizinhos zombaram, lembrou Pelayes, mas os jovens não desistiram. ‘Começamos a limpar e a procurar pelo proprietário. Ele havia herdado o terreno e supôs que já havia sido invadido. Se mostrou agradecido diante nossa proposta de compra. Não tínhamos a necessidade de fazê-la. Mas, se íamos promover mudanças, precisávamos dar o exemplo’. Assim, os adolescentes bateram de porta em porta, até que angariarem os fundos suficientes para pagar pelo terreno. ‘Em 1999, o compramos, começamos a colocar o alambrado, a preparar o campo, a pôr as luzes e começamos a construir nosso complexo’, relatou Pelayes” (COON; DURBIN, 2013, p.13 – tradução livre nossa).

Ferraro también había comenzado a cambiar de enfoque. “Primero tuvimos 12 jóvenes, luego 50, luego 300, luego 400 y la responsabilidad se volvió enorme”, recordó. “Eso significó comprender lo que estaba ocurriendo alrededor nuestro”. Él, Jiménez y los demás adultos que se incorporaron como directores fundadores comenzaron cuestionar la falta de infraestructura, servicios básicos y espacios públicos en un vecindario de 20.000 personas, y el vínculo entre la desesperanza y la delincuencia resultó obvio. [...] “Por ahí empezamos a pensar en un plan de acción más allá del fútbol” relató Ferraro. “Empezamos a entender que teníamos que modificar la realidad de la comunidad. Teníamos que tener una organización con puertas abiertas a la comunidad, donde la gente podía venir con su problemática y encontrar la solución”²² (p. 13).

Figura 7 – Complejo Defensores



Fonte: Coon e Durbin (2013, p. 12).

No ano de 1998 o *CADDC* se torna uma “pessoa jurídica”, fazendo surgir a “*Fundación Defensores del Chaco*”. Esta feita possibilitou novas parcerias, angariando investimentos governamentais e de outras instituições/entidades privadas que possibilitaram a construção do espaço que ficou conhecido como “*Complejo Defensores*”. Tal espaço dispôs de dois campos de futebol, quadra poliesportiva, teatro comunitário, centro de

²² “Ferraro também havia começado a mudar de enfoque. ‘Primeiro tivemos 12 jovens, logo 50, depois 300, depois 400 e a responsabilidade ficou enorme’, lembrou. ‘Isto significou compreender o que estava ocorrendo ao nosso arredor’. Ele, Jiménez e outros adultos que se incorporaram como diretores-fundadores começaram a questionar a falta de infraestrutura, de serviços básicos e de espaços públicos onde se avizinham cerca de 20.000 pessoas com efeito o vínculo entre a desesperança e delinquência se resultou obvio. [...] ‘Neste contexto começamos a pensar em um plano de ação mais além do futebol’ relatou Ferraro. ‘Começamos a entender que tínhamos que modificar a realidade da comunidade. Tínhamos que ter uma organização com portas abertas para a comunidade, onde toda gente poderia vir com suas problemáticas e encontrar solução’” (COON; DURBIN, 2013, p. 13 – tradução livre nossa).

computação e uma escola de educação infantil, tornando viável uma efetiva “**abertura da cancha**” (ARTAVIA-LORÍA, 2008 – grifos nossos).

Neste contexto, datando o início dos anos de 2000, Argentina atravessava uma profunda crise econômica que gerou a desindustrialização e o desemprego no país. Rossini et al. (2012) comentam que, de maneira ainda mais grave, essa crise catalisou processos de rompimento de “[...] *lazos de solidaridad, la debilidad de las organizaciones sociales y un individualismo y consumismo exacerbado, siendo los jóvenes que no estudiaban ni trabajaban (sarcásticamente llamados “nini”) los principales perjudicados*”²³ (p. 20). Fábian Ferraro e outras lideranças, como Julio Jiménez e Fernando Leguiza, perceberam que mesmo com a ampliação e diversificação das práticas, oportunizada pela construção do complexo, uma parte da juventude, principalmente as mulheres, não frequentava o espaço recém-construído (COON; DURBIN, 2013).

As experiências e emoções que culminaram com a efetiva proposição do *FC* finalmente encontraram sua origem e, de maneira coerente, a inspiração partiu das ruas. Rossini et al. (2012) contam que no ano de 2001 Fábian Ferraro caminhava pelas ruas do bairro de *Bongiovanni*, vizinho à *Moreno* e ficou estarecido com o desenvolvimento de um jogo que estava sendo disputado por equipes formadas por gangues que costumeiramente se rivalizavam. A surpresa do educador foi devido a (pré)concepção de que, por se tratar de gangues rivais, o conflito seria inevitável. Na esteira do espanto, veio também a epifania, pois de acordo com Rossini et al. (2012):

*Ferraro estaba anonadado por la situación y comenzó a pensar en la recuperación del potrero y de los espacios públicos en los barrios, retomando lo que los propios pibes denominaban fútbol de la calle. A diferencia de la organización en torno al Club, el Fútbol Callejero prescindía de algunas formalidades como el carnet, el árbitro y la edad, y en un futuro también del género*²⁴ (p. 24-25).

Admirado com o poder de organização daqueles jovens, Fábian Ferraro convidou as lideranças juvenis dos bairros tentando ampliar a frequência destes jogos, que eram autogestionários, ou seja, já ocorriam sem árbitro e os jogadores organizavam o

²³ “[...] lazos de solidaridad, a fragilidade das organizações sociais e um individualismo e consumismo exacerbado, sendo os jovens que não estudavam nem trabalhavam (sarcásticamente chamados de “nem-nem”) os principais prejudicados” (ROSSINI et al., 2012, p. 20 – tradução livre nossa).

²⁴ “Ferraro ficou impressionado com a situação e começou a pensar na recuperação dos demais campos e dos espaços públicos dos bairros, retomando o que as próprias crianças chamavam de futebol de rua. Ao contrário da organização que ocorria no torno do clube, *Fútbol Callejero* dispensou algumas formalidades, como o cartão, o árbitro e a idade, e no futuro também do gênero (ROSSINI et al., 2012, p. 24-25, tradução livre nossa).

conjunto de regras antes de cada início de partida. Estes encontros tiveram ampla divulgação na internet, o que contribuiu para sua rápida difusão (ROSSINI et al. 2012).

Em atenção ao implemento destas primeiras partidas Fábian Ferraro, em diálogo estabelecido Coon e Durbin (2013), ainda ponderou:

[...] el fútbol callejero, combinando el juego con los valores del Defensores. “Las prioridades son primero el jugar, compartir, respetar – no ganar a cualquier precio”, explicó Ferraro. “Ello devuelve la alegría al fútbol”. Fútbol callejero plantea equipos mixtos que desarrollan sus propias reglas, lo hacen sin un árbitro, eligiendo en lugar de éste a un mediador, y basan el triunfo en cómo el partido fue jugado – nociones desconocidas y a las cuales los jugadores del Defensores y la comunidad inicialmente resistieron, especialmente la inclusión de chicas²⁵ (p. 14).

Conforme apresentado pelo autor e pela autora, houve inicial resistência dos jovens-homens à incorporação da participação de meninas (jovens-mulheres). Este fenômeno, a resistência à participação, também é sinalizado no estudo feito por Artavia-Loría (2008). Ambas produções compreendem que tanto a organização da estrutura social, quanto a inerente atitude competitiva (exacerbada) e agressiva que circunscreve a prática do futebol de alta-performance, condicionam o fenômeno da resistência à presença da mulher em diferentes contextos, de maneira a não oportunizar um devido acolhimento e/ou atitudes que suscitem segurança para que participem.

Corroborando com os autores e autora está Apelanz (2016) que, em diálogo realizado no ano de 2016 com Mariel Rivera – líder do “*Movimiento de Fútbol Callejero*” –, identificou que a violência que foi observada no contexto das ruas de *Moreno* também se manifestava dentro dos campos de futebol do bairro. Assim, do mesmo modo que os meninos se agrediam nas ruas, também agrediam uns-aos-outros em campo.

Do ponto de vista de Mariel Rivera, tal fenômeno inibiu a participação das mulheres e, assim como ocorria nos campos de futebol, nos quais as meninas/mulheres eram apenas expectadoras, no mundo-vida esse fenômeno da violência estrutural catalisada pelo patriarcado também as colocavam como expectadoras da vida. Portanto, alijando-as de seu protagonismo dentro e fora do campo, ou seja: nos diferentes espaços-tempos de convivência (APELANZ, 2016). Com efeito, desde o ponto de vista do referido líder do *Movimiento de*

²⁵ “[...] apresentou o *fútbol callejero*, combinando o jogo com os valores do Defensores ‘ As prioridades são, em primeiro lugar, compartilhar, respeitar – não ganhar a qualquer preço’, explicou Ferraro. ‘Ele devolve a alegria ao futebol’. *Fútbol callejero* estabelece equipes mistas que desenvolvem suas próprias regras, jogam sem a presença de um árbitro, elegendo em seu lugar um mediador, e baseiam o triunfo da vitória em como a partida foi jogada – noções desconhecidas às quais os jogadores dos Defensores e a comunidade inicialmente resistiram, especialmente à inclusão das meninas no jogo (COON; DURBIN, 2013, p. 14 – tradução livre nossa).

Fútbol Callejero, Mariel Rivera, a inclusão das mulheres junto ao *FC* suscitou entre os meninos uma postura de cuidado em lugar de serem “*bruscos*”, pois, para ele, os meninos procuravam não machucar suas amigas e/ou companheiras que passaram a ser incluídas nas partidas (APELANZ, 2016).

Inicialmente, as mulheres não tiveram uma participação ativa, posto que os meninos não passavam a bola, inviabilizando uma autêntica inserção junto ao jogo (APELANZ, 2016). Para superação deste cenário, foi necessária a efetiva experiência do desconforto, na qual as soluções não partiram de uma teoria, mas da experimentação mesma da situação de desigualdade, conforme sinaliza Apelanz (2016):

*La concepción de que por ser mujer, la mujer queda aislada del deporte no concuerda con la realidad de la práctica de muchas mujeres. Por lo tanto era necesario romper con esos estereotipos desde la experiencia. Desde esa realidad, que nace de lo que sucede y no de la teoría, aparece la necesidad de generar ciertas reglas para jugar al fútbol incorporando, aceptado y legitimando el papel de la mujer en fútbol callejero*²⁶ (p. 3).

Conforme vimos até aqui, ao buscarmos a origem do *FC* identificamos seu *ethos* junto ao contexto da América Latina, mais especificamente, no bairro de *Moreno*, *Buenos Aires* (Argentina). Neste processo, nos chamou atenção a resiliência e o engajamento dos adolescentes do *CADDC*, cuja mobilização acabou por atingir positivamente sua comunidade, proporcionando a aquisição de um terreno que veio a se tornar um equipamento que beneficiou diretamente centenas de adolescentes e, indiretamente, milhares de pessoas. Identificamos que estes elementos proporcionou uma mudança no olhar da população para com aqueles adolescentes que, a partir de então, passaram a ser reconhecidos como (boas) referências no bairro.

Com igual importância, identificamos a sensibilidade e perspicácia dos educadores Fábian Ferraro, Fernando Leguiza, Julio Jiménez, que encamparam a luta iniciada pelos adolescentes, culminando com a “abertura da cancha”, significando o processo de ampliação da oferta de atividades. Ademais, diante da identificação da ausência de jovens (homens e mulheres) junto ao programa de atividades desenvolvidas no citado complexo, o arguto Fábian Ferraro se pôs em movimento na busca de estratégias para atenção e acolhimento desta população.

²⁶ “A concepção de que por ser mulher, a mulher ficaria isolada do esporte não coincide com a realidade da prática de muitas mulheres. Para tanto, era necessário romper com os estereótipos desde a experiência. Desde esta realidade, que nasce de o que lhe sucede, não de uma teoria, aparece a necessidade de criar certas regras para jogar o futebol incorporando, aceitando e legitimando o papel da mulher no *Fútbol Callejero*” (APELANZ, 2016, p. 1 – tradução livre nossa).

Nesta empreita, em um movimento de abertura e dialogicidade, o citado educador (re)aprendeu, com os próprios jovens, possíveis alternativas para superação da violência, enxergando no *FC* um caminho possível. É neste ponto da história que nosso objeto de estudo emerge como uma estratégia de ação, pautado nos horizontes da Educação Popular, para o enfrentamento das mazelas que afetavam a(s) juventude(s) empobrecida(s), de modo que Rossini et al. (2012) anunciam:

El fútbol callejero fue concebido como una respuesta a las tantas crisis que afectan y atraviesan el “ser joven” en América Latina. Fútbol, para atraer la atención y vincular a los participantes desde una experiencia que recogiera sus intereses y gustos. Callejero, porque proponía volver a las raíces del fútbol de “potrero”, donde los participantes coinciden en llevar adelante un partido de fútbol de manera auto regulada y tácitamente estableciendo un marco de respeto²⁷ (p. 12).

Até este ponto de nossa apresentação, procuramos descrever o contexto e os motivos que intervieram para a criação da metodologia do *FC*. Vamos agora para o próximo tópico, ocasião na qual oferecemos um olhar focal para o método e seu processo de extrapolação dos limites geográficos de Moreno, com sua internacionalização que possibilitou, inclusive, a produção desta Tese.

2.1.2 Fútbol Callejero: consolidação e difusão da metodologia.

No tópico anterior não houve de nossa parte a pretensão de estabelecer uma hierarquização de um ou de outro aspecto da experiência como sendo o fundante para a proposição do *FC*. Ressaltamos que todos os elementos de sua historicidade citados até aqui estabeleceram uma relação dialética de interdependência que culminaram com a efetiva emersão da metodologia da prática de Educação Popular, ora apresentada, e que pode ser sintetizada da seguinte maneira:

- **Equipes mistas:** Desenvolvimento de um jogo inspirado no futebol na qual há a prerrogativa da formação das equipes compostas por homens e mulheres (ARTAVIA-LORÍA, 2008; COON; DURBIN, 2013; ROSSINI et al, 2012; APELANZ, 2016);

²⁷ “O *fútbol callejero* foi concebido como uma resposta para as muitas crises que afetam e atravessam o ‘ser jovem’ na América Latina. Futebol, para atrair a atenção e vincular o participante desde uma experiência que recorreu aos seus interesses e gostos. *Callejero*, porque propôs voltar às raízes do futebol de rua, onde os participantes concordam em levar adiante uma partida de futebol de maneira autorregulada, estabelecendo tacitamente um marco de respeito” (ROSSINI et al., 2012 p. 12 – tradução livre nossa).

- **Dispensa do árbitro ou árbitra:** Todas as decisões e encaminhamento dos acontecimentos durante uma partida são exclusivamente deliberadas/os pelos jogadores e jogadoras que disputarão a partida (ARTAVIA-LORÍA, 2008; COON; DURBIN, 2013; ROSSINI et al., 2012; APELANZ, 2016);
- **Participação de um Mediador ou Mediadora:** Este/a tem a função de auxiliar as equipes nos momentos de diálogos para o estabelecimento de acordos e regras (1º Tempo); Atua observando os acontecimentos/eventos decorrentes do jogo em si (2º Tempo); Facilita o diálogo para consenso entre as equipes acerca do resultado final da partida que reflete a somatória dos pontos atribuídos pela conversão dos gols para pontos, acrescidos dos pontos conquistados em análise de cada um dos Pilares do *FC* conquistada por cada equipe que culminará com o resultado final (ARTAVIA-LORÍA, 2008; COON; DURBIN, 2013; ROSSINI et al., 2012; APELANZ, 2016);
- **Partida/disputa dividida em 3 tempos:** A cada início de jogo deve ser organizado o **1º Tempo**, momento no qual devem ser estabelecidos acordos acerca das regras que irão balizar a partida. Somente os jogadores e jogadoras podem fazer proposições; No **2º Tempo**, ou “**Tempo de bola rolando**”, é desenvolvido o jogo em si, buscando contemplar a dinâmica das regras propostas e que foram coletivamente aceitas; Por fim, no **3º Tempo**, que é igualmente conhecido por **Mediação**, ocorre novo momento de diálogo coletivo para o estabelecimento da pontuação que foi conquistada por cada equipe, à luz da conversão de gols para pontos (adiante mais adiante) com os pontos referentes a cada um dos “Pilares” (ARTAVIA-LORÍA, 2008; COON; DURBIN, 2013; ROSSINI et al., 2012; APELANZ, 2016);
- **Pontuação dos “Pilares”, ou valores do FC:** O resultado final de uma partida do *FC* se dá através da conversão dos gols para pontos e, em seguida, é acrescido aos pontos que foram atribuídos pela conquista de cada um dos Pilares. A saber: **Respeito, Cooperação e Solidariedade.** (ARTAVIA-LORÍA, 2008; COON; DURBIN, 2013; ROSSINI et al., 2012; APELANZ, 2016).

- **Respeito:** Aqui é analisado o respeito mútuo entre os jogadores e jogadoras, bem como em relação às regras e acordos que foram estabelecidos coletivamente (APELANZ, 2016);
- **Cooperação:** Neste quesito é avaliada a participação intraequipe, ou seja, se as pessoas de uma determinada equipe se mobilizaram para que seus/suas colegas de time (meninos e meninas) tivessem oportunidades de participação justa/igualitária (APELANZ, 2016);
- **Solidariedade:** Trata-se de avaliar aquilo que os jogadores e jogadoras de uma equipe fizeram para seus/suas oponentes, ou seja. Dito de outro modo, trata-se de uma dimensão inter equipe, na qual são avaliadas as ações que uma equipe empreende de maneira a tornar o jogo mais justo e equilibrado (APELANZ, 2016);

Há um consenso entre as organizações e os/as praticantes que iniciaram a difusão da metodologia em conceber importância angular para o momento da “Mediação” ou “3º Tempo”, pois nesta/e, que se caracteriza como o momento final de uma disputa, o Mediador ou Mediadora é chamado/a novamente para facilitar um diálogo entre as equipes no qual procura problematizar as situações vivenciadas em jogo, desvelando a qualidade da relação estabelecida entre os/as participantes à luz dos Pilares que sustentam a prática, cujos critérios de avaliação foram descritos anteriormente. Com efeito, todo encaminhamento acerca da atribuição (ou não) de pontos é decidido coletivamente pelos jogadores e jogadoras. Acerca da mediação nos Apelanz (2016) esclarece:

*En el tercer tiempo “lo que se hace es discutir como se ganó y como se jugó” entonces ahí se ponen en juego los tres valores que la metodología destaca como importantes tanto en el juego como en la vida cotidiana: el respeto, la cooperación y la solidaridad. La función del mediador es estimular que los jóvenes se pongan de acuerdo para ver si los equipos fueron respetuosos, fueron solidarios y/o fueron cooperativos y de tal forma elegir al ganador*²⁸ (p. 5 – grifos nossos).

Com relação ao desfecho e/ou resultado final de uma partida, a intencionalidade da mencionada “conversão dos gols para pontos”²⁹ reside em atenuar os

²⁸ “ No terceiro tempo, o que se faz é discutir como se ganhou e como se jogou”, então aí se colocam em jogo os três valores que a metodologia destaca como importantes, tanto para o jogo como para a vida cotidiana: o respeito, a cooperação e a solidariedade. A função do mediador é estimular que os jovens se coloquem em acordo para ver se as equipes foram respeitadas, foram solidárias e/ou cooperativas, de tal forma a eleger/fazer emergir o ganhador (APELANZ, 2016, p. 5 – grifos nossos, tradução livre nossa).

²⁹ No ano de 2015, durante a realização da Copa América que foi desenvolvida em *Buenos Aires - Argentina*, observamos que a conversão seguiu a seguinte dinâmica: Ao final do 2º Tempo e logo no início da Mediação,

efeitos de diferença habilidade técnico-tática que uma equipe possa vir a ter sobre outra(s). Chamamos a atenção para que o leitor ou leitora perceba que a diferença do número de gols é dirimida, atenuada, sendo que os pontos conquistados em cada um dos pilares é que poderão exercer maior influência para o resultado final.

Tendo estruturado e amadurecido esta metodologia, a partir do ano de 2002 Fábian Ferraro começou uma peregrinação para trocar saberes e experiências com outros atores sociais que lançavam mão da prática esportiva do futebol como estratégia de enfrentamento da violência que o sistema econômico impingia contra as juventudes.

Conferimos destaque, então, para o processo de internacionalização da metodologia do *FC*. Ainda no ano de 2002, Fábian Ferraro viajou para a Alemanha, a convite de uma organização que procurava empreender ações para superar o problema da violência dirigida contra os jovens imigrantes que viviam neste país. O educador também passou por países da América Latina (Peru, Chile, Paraguai e Brasil) apresentando sua proposta metodológica e trocando experiências com associações e organizações que utilizavam o futebol como prática para atrair a juventude e enfrentar o problema da violência nas periferias empobrecidas (ROSSINI et al., 2012).

No ano de 2005, organizou o “1º Encontro Latinoamericano de Fútbol Callejero”, organizado em Buenos Aires (Argentina). Neste encontro, se consolidou a “Rede Sulamerica de Fútbol Callejero” composta por organizações latino-americanas e uma europeia que passaram a desenvolver sistematicamente a metodologia do *FC* em suas ações (ROSSINI et al., 2012).

Este primeiro encontro impulsionou a metodologia para fora dos limites geográficos da Argentina, de tal maneira que no ano de 2006, tendo firmado parceria com a *FIFA* e outras corporações patrocinadoras e organizações co-participantes, realizou o “1º Mundial de Fútbol Callejero”, na Alemanha (ROSSINI et al., 2012).

No ano seguinte, 2007, foi organizado o “2º Encontro Latino-americano de Fútbol Callejero” no Paraguai. Os encontros tiveram a intencionalidade de trocar experiências com organizações de diferentes países que utilizam a metodologia do *FC* como estratégia de defesa dos direitos do/as jovens (ROSSINI et al., 2012).

a equipe que havia feito mais gols (independentemente da quantidade) recebeu 2 pontos, enquanto a equipe que fez menos gols (independentemente da quantidade, inclusive podendo ser nenhum) recebeu 1 ponto. Nos casos de empates em número de gols, cada equipe recebeu 1 ponto. Por fim, na análise de cada um dos Pilares, suas conquistas representaram a atribuição de 1 ponto para cada um dos valores analisados (Respeito, Cooperação e Solidariedade).

Outro importante marco para a metodologia do *FC* foi a criação da “*Fundación Defensores del Chaco*” (a *FuDe*)³⁰, que ocorreu em 2008. Esta fundação foi criada com parte da equipe de educadores e jovens que atuam no “*Complejo Defensores*” que passou a se ater somente às ações desenvolvidas no território de *Paso del Rey* (onde estava situado o bairro de *Moreno*). A partir de então, as atividades com a metodologia do *FC* passaram a ser coordenadas, principalmente, pela *FuDe*. Assim, no ano de 2008, junto com as demais organizações estrangeiras, a referida fundação organizou o “3º Encontro Latino-americano de *Fútbol Callejero*”, desta vez no Chile (ROSSINI et al., 2012).

No ano de 2010, contando com auxílio das organizações latino-americanas, a *FuDe* desenvolveu o “2º Mundial de *Fútbol Callejero*”, mais uma vez com a chancela da *FIFA* e de outras corporações patrocinadoras. De modo igual ao anterior, ocorreu paralelamente à “Copa do Mundo”, que foi organizado na África do Sul. Este segundo mundial de *FC* contou com a participação das delegações de 32 países (ROSSINI et al., 2012). No ano seguinte, em 2011, ocorreu o “4º Encontro Latino-americano de *Fútbol Callejero*”, organizado na Colômbia.

Já em 2012, a *FuDe*, sob direção de Fábian Ferraro, preparou o “5º Encontro Latino-americano de *Fútbol Callejero*”, na cidade de Montevideu – Uruguai. Nesta ocasião, após a experiência de parceria com a *FIFA*, foi anunciado que o *FC* estava rompendo suas articulações e parceria com esta entidade, sendo lançado naquele instante o “*Movimiento de Fútbol Callejero*”³¹ (ROSSINI et al., 2012).

Em uma leitura atenta ao material sistematizado pela própria *FuDe*, encontramos uma discreta justificativa pelo rompimento. Nesse sentido, Rossini et al. (2012) começam por assinalar que já no ano de 2006, no contexto de organização do “1º Mundial de *Fútbol Callejero* independente” (Alemanha), foram iniciados grandes “[...] debates acerca de cómo debía ser el contacto con la FIFA y con las corporaciones que manifestaran intenciones de involucrarse en la temática”³² (p. 26). E continuam:

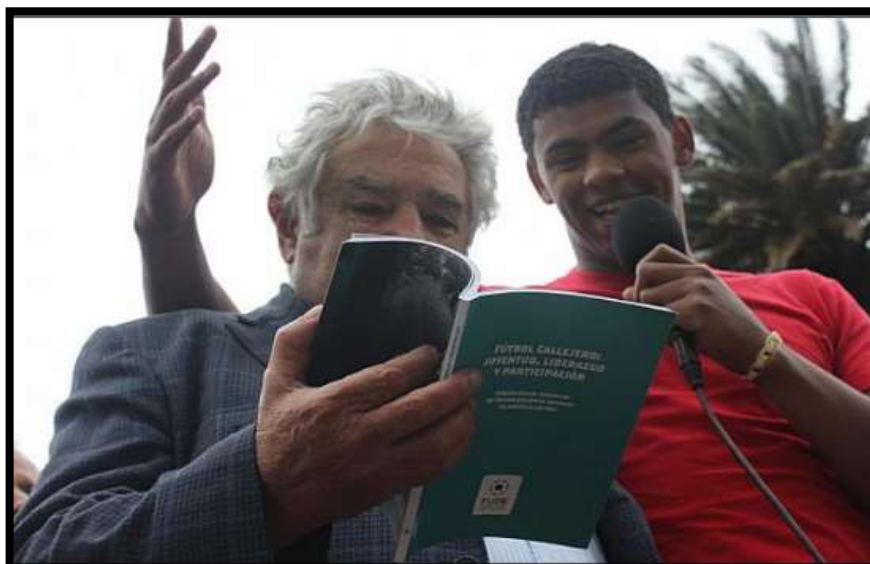
³⁰ Em sua página eletrônica a “*Fundação Defensores de Chaco*” possui sede em Buenos Aires, Argentina, e busca a promover ações de desenvolvimento social utilizando o futebol como uma ferramenta (FUDE, 2018). Para saber mais acesse: <<http://defensoresdelchaco.org.ar/>>.

³¹ Na página eletrônica do *Movimiento de Fútbol Callejero*, é anunciado que ele se caracteriza por ser constituído por um conjunto de organizações sociais que procuram empreender ações de maneira a promover uma sociedade mais inclusiva, reconhecer a diversidade étnico-racial, defender os direitos humanos e da natureza, lutar por justiça e construir cidadania. Para saber mais acesse: <<http://movimientodefutbolcallejero.org/movimiento>>.

³² “[...] debates acerca de como deveria ser o contato com a FIFA e com as corporações que manifestavam interesse em se envolver com a temática” (ROSSINI et al., 2012, p. 26 – tradução livre nossa).

*Este sentimiento de pertenencia territorial-continental potencia al movimiento del Fútbol Callejero en América Latina, y explica en alguna medida el limitado interés de sus referentes en streetfootballworld (la red mundial), que por su carácter transnacional o desterritorializado no funciona (al menos hasta ahora) como movilizador para la realización de acciones concretas*³³ (ROSSINI et al., 2012, p. 99).

Figura 8 – Lançamento do “Movimiento de Fútbol Callejero” (Uruguai – 2012).



Fonte: Burgos-Juan (2012, s/p)³⁴

De acordo com os autores mencionados, foi comunicado que houve inicialmente um processo de debates acerca de como seria feito o contato com a *FIFA* e com as corporações que manifestaram interesse de se envolverem com o tema do *FC*, todavia, não foi comunicado o tom, o teor, tampouco as organizações participantes destes debates.

Ainda em análise aos argumentos apresentados anteriormente, contidos no livro organizado pela *FuDe* (ROSSINI et al., 2012), seus autores sinalizaram como sendo paradoxal as intencionalidades estabelecidas entre a *FuDe* e a *FIFA*, posto que a manutenção da identidade latino-americana que vinha emergindo no contexto das organizações gestoras do *FC* conflitou com o interesse de desterritorialização para a trans-nacionalidade defendida pela *streetfootballworld*, sendo esta uma entidade alemã detentora de estreita relação com a *FIFA*, e corresponsável, junto com a *FuDe*, pela organização dos dois torneios mundiais anteriormente citados.

³³ “Esse sentimento de pertencimento ao território continental fortalece o movimento do futebol de rua na América Latina e explica, até certo ponto, o interesse limitado de seus referentes no *streetfootballworld* (a rede mundial), que devido a sua natureza transnacional ou desterritorializada não funciona (pelo menos até agora) como mobilizador para a realização de ações concretas” (ROSSINI et al., p. 99, tradução livre nossa).

³⁴ Extraído de vídeo produzido por Burgos-Juan (2012) contendo imagens do evento realizado em Montevidéu, disponível em: < www.youtube.com/watch?v=77ml1HrUsjI&t=16s>. Acesso em: 07/07/2017.

Ainda em 2012, a metodologia *FC* deitou raízes no Brasil através da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS/RS-Brasil), por meio do Programa de Esporte Integral (PEI³⁵) e por meio da associação civil Ação Educativa, Assessoria, Pesquisa e Informação (Ação Educativa). Esta, por sua vez, até o momento de produção desta tese, trabalhou para o estabelecimento de polos de desenvolvimento do *FC* na região da grande São Paulo e algumas cidades do interior deste estado, como o caso de São Carlos e Limeira.

Em dezembro de 2013, conforme apresentamos no primeiro capítulo desta Tese junto ao tópico “participação e registro na experiência”, foi organizada em São Paulo a “4º Conferência Latino Americana de Futebol e Desenvolvimento”, pela *FuDe* e Ação Educativa, contando com a parceria da Prefeitura Municipal de São Paulo. Tal evento promoveu o encontro para troca de experiências entre organizações de diferentes países da América Latina que desenvolviam o *FC* e/ou que utilizavam o futebol, como ferramenta para o desenvolvimento social, contando, inclusive, com nossa participação (como ouvintes), sendo a ocasião em que nós, educadores-investigadores, autores desta tese, tivemos nosso primeiro contato com a metodologia do *FC*. Ainda nesta conferência, foi anunciada a realização do “1º Mundial de *Fútbol Callejero*” organizado de maneira independente, ou seja, desvinculado com a *FIFA* e organizações operadas por tal entidade.

A exemplo dos outros dois eventos mundiais (2006 – Alemanha, e 2010 – África do Sul) este “1º Mundial de *Fútbol Callejero*” foi desenvolvido em julho de 2014 em São Paulo – Brasil, paralelamente à Copa do Mundo organizada pela *FIFA*, porém, desta vez, sem vínculos políticos e/ou relações financeiras com tal entidade. A realização no Brasil teve amplo apoio da gestão municipal e a participação de aproximadamente 300 jovens representantes de delegações de 20 países onde a metodologia era desenvolvida. Este mundial foi caracterizado como sendo alternativo ao futebol comercial e midiático organizado pela *FIFA*. Na ocasião, foram montadas arenas desportivas para promover o acesso facilitado e gratuito à população interessada em acompanhar os jogos e torcer pelas equipes (MUNDIAL FUTEBOL DE RUA, 2018).

No mês de maio de 2015, foi realizada a “Copa América de *Fútbol Callejero*”, sediada na cidade de Buenos Aires, Argentina. Desta ocasião participaram 13 equipes de países situados na América e uma equipe europeia, nomeadamente a *Catalunya*, que no ano

³⁵ Em UNISINOS (2017) é anunciado que o se configura como uma atividade de extensão universitária desenvolvida na sua unidade/campus de São Leopoldo – RS, atendendo crianças e adolescentes com idade entre 7 e 17 anos, residentes neste município, ofertando atividades recreativas, esportivas e de dança, tendo o viés da Política Nacional de Desenvolvimento Social. Para saber mais acesse: <<http://www.unisinos.br/extensao/acao-social/programas/programa-esporte-integral>>.

anterior havia participado do Mundial. (DELEGAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE RUA, 2018).

Apresentamos até aqui o contexto teórico que poderá auxiliar o leitor ou leitora a ir aprofundando sua compreensão acerca da gênese e desenvolvimento histórico do nosso objeto de estudo. Desde a nossa argumentação, o *FC* se configura como uma prática epistemológica nascida e criada no Sul, geográfico e metafórico (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR, 2018). Iniciaremos agora um novo mergulho, desta vez em outro contexto teórico no qual o *FC* se fez presente, a saber: situado no bojo das vivências do projeto socioeducativo VADL-MQF. Nesta nova incursão, e a partir de nossos alicerces epistemológicos, procuramos apresentar o *FC* como uma “motricidade ausente” acentuando ainda mais nosso olhar crítico para nosso objeto de estudo.

Passaremos agora para a apresentação do próximo questionamento que, seguindo com nossas providências de investigação, fez emergir o objetivo de nossa sistematização.

2.2 Para que queremos sistematizar? Objetivo(s).

[...] *la respuesta a esta pregunta busca definir de la manera más clara y concreta posible el sentido, la utilidad o el resultado que esperamos obtener de esta sistematización. El objetivo de esta debe siempre responder a una necesidad y debe perseguir un fin útil. Si no tenemos claro el para qué nos va a ser útil hacer esta sistematización, lo más probable es que la dejemos de lado a medio camino*³⁶ (JARA-HOLLIDAY, 2018, p. 141).

A questão disparadora, que *suleia* este momento da sistematização, nos requisitou a comunicação do objetivo de nossa investigação. Junto a este tópico, de maneira semelhante ao que fizemos no anterior, também conduziremos o leitor ou leitora pela apresentação do nosso contexto teórico.

Atentos às orientações metodológicas indicadas por Jara-Holliday (2018) logo na abertura deste tópico, refletimos sobre o *Para que queremos sistematizar?* Assim, destacamos que o nosso **objetivo central** foi:

³⁶ “[...] a resposta a esta pergunta busca definir da maneira mais clara e concreta possível o sentido, a utilidade ou o resultado que esperamos obter desta sistematização. O objetivo desta deve sempre responder a uma necessidade e deve perseguir um fim útil. Se não temos claro o para quê nos vai ser útil fazer esta sistematização, o mais provável é que a deixemos de lado no meio do caminho (JARA-HOLLIDAY, 2018, p. 143 – tradução livre nossa).

- Identificar e compreender os processos educativos decorrentes da prática do Futebol Callejero, bem como dos momentos em que sua lógica de avaliação dos pilares serviu de referência para a análise da convivência entre os/as participantes durante as atividades diversificadas desenvolvidas no contexto do projeto VADL-MQF.

Junto ao objetivo, de acordo com a orientação metodológica da Sistematização de Experiências (JARA-HOLLIDAY, 2018), também nos foi solicitada sua “utilidade”. Compreendemos, com isso, a necessidade de indicar alguns resultados esperados, que no escopo de nossa investigação representam as possibilidades de:

- Contribuir com a presentificação e consolidação do *FC* como uma motricidade do emergente, de maneira a torná-la emergente num contexto de produção dos saberes (científico-acadêmico) em que se encontra ausente;
- Compreender com maior profundidade as experiências do VADL-MQF para poder melhorá-las;

Todavia, estamos seguros de que nossa investigação se inseriu em um contexto histórico maior, nos permitindo incluir mais um resultado que por nós é esperado, a saber: contribuir para o aperfeiçoamento do trabalho pedagógico que é desenvolvido no Projeto Socioeducativo e, com isso, redundar em uma melhor atenção à sua comunidade participante. Passaremos, adiante, para a comunicação dos nossos alicerces epistemológicos que, junto com o contexto teórico de nossa práxis educativa, solidarizou e estabeleceu ecologia de saberes com a nossa práxis investigativa.

2.2.1 Bases epistemológicas para a libertação.

[...] “virar as costas” ou virar “de costas” ou deixar de costas para o Cruzeiro do Sul – signo da bandeira, símbolo brasileiro, ponto de referência para nós – não seria uma atitude de indiferença, de menosprezo, de desdém para com as nossas próprias possibilidades de construção local de um saber que seja nosso, para com as coisas locais e concretamente nossas? Porque isso? Como surgiram e se perpetuaram entre nós? A favor de quem? A favor de que? Contra quê? Contra quem essa forma de ler o mundo? (FREIRE, 2018d, p. 297).

Ao longo de nossa apresentação, temos insistido na necessidade de situar a produção do saber, desde o *ethos* da experiência. Em nosso caso específico, situamos na

América Latina. Asseveramos que, de nossa parte, este movimento não se tratou de um “bairrismo epistemológico-acadêmico”, ou seja, defender a produção do saber localizada no Sul global porque somos nativos brasileiros e gostamos daqui. Este já seria um bom motivo, mas, definitivamente, não se tratou apenas de simpatia por este território.

Nosso argumento, junto com demais autores, autoras, artistas e equipe colaboradora da investigação que trazemos junto a esta Tese, se colocou **contra** um conjunto de intervenções no modo de viver de povos do eixo Sul do globo terrestre, que cristalizaram injustiças já perenes, e que historicamente vem tolhendo a potencialidade de homens e mulheres se fazerem como seres históricos, partícipes e protagonistas não só da construção de novos mundos, mas de seus próprios modos de estar sendo-com-outrem-e-com-mundo.

Nosso contexto teórico buscou romper com uma tradição dogmática e hegemônica, fundada em experiências alheias, diversas e por vezes indiferentes com aquelas das nossas culturas, dos nossos valores e que são geradores de uma “condicionalidade histórica” de tal modo que Dussel (1995) nos atenta:

Vale decir que estoy siendo condicionado por una historia milenaria. Yo soy lo que he sido, pero a su vez lo que he sido es el que emplaza como futuro un proyecto [...] Si hubiera nacido en Japón tendría un proyecto de japonés; pero nací en Argentina, e inevitablemente, aunque me suicide (que es un modo de afirmar lo dicho) o me vaya a vivir al Japón (que es un modo de traicionarme), sigo siendo en el fondo argentino. Es decir, el pasado condiciona o emplaza un proyecto futuro; desde ese proyecto se abren las posibilidades [...] que empuño en mi presente³⁷ (p. 94).

Ter consciência desta condicionalidade histórica nos permitiu compreender que todo o porvir possui uma relação com o passado que o influencia, porém, não o determina. Revelando, por sua vez, a necessidade de questionarmos os próprios condicionantes históricos latino-americanos, buscando conhecê-los para compreendê-los e assim voltarmos nosso olhar para o presente e projetar horizontes de ações futuras.

Compreendendo a necessidade de superação desta condição de dominação, emergiu a tarefa inicial de historicizarmos a própria América-Latina em termos epistemológicos. Dussel (1974) remontou alguns fatores que intervieram para a consolidação da invasão territorial, efetivada pela colonização que nos foi impelida pelas

³⁷ “Vale dizer que estou sendo condicionado por uma história milenar. Eu sou o que tenho sido, por sua vez o que tenho sido é o que coloca um futuro como projeto [...]. Se eu tivesse nascido no Japão, eu teria um projeto de japonês; mas nasci na Argentina e, inevitavelmente, ainda que me suicide (o que é uma maneira de afirmar o que foi dito) ou que eu vá viver no Japão (o que é uma maneira de me trair), sigo sendo no fundo um argentino. Ou seja, o passado condiciona ou coloca um projeto futuro; a partir desse projeto se abrem possibilidades [...] que eu faço no meu presente (DUSSEL, 1995, p. 94 – tradução livre nossa).

nações europeias. Estas, ao chegarem nas terras invadidas, identificaram os povos originários, os indígenas e, posteriormente, os negros raptados e escravizados como outra raça, como o “outro”, como um “não-ser”.

A partir da cosmovisão do invasor-europeu, os povos recém conhecidos não compunham a “totalidade” que os próprios europeus outorgaram para si e que conformavam a (única) possibilidade de ser um-Ser. Diante desta compreensão, Dussel (1974) propõe que, desde a cosmovisão do europeu-invasor, estávamos fora deste círculo de produção da vida, compúnhamos (e ainda compomos – conforme apontaremos mais adiante) a “exterioridade” em relação ao europeu-invasor, pois nas palavras de Dussel (1995):

Se quisermos falar de uma libertação latino-americana, nos é necessário antes situar adequadamente nosso continente na história mundial [...] queremos indicar a provocação da **exterioridade** como o momento originário de uma nova etapa histórica [...]. É a interpelação da exterioridade (*metà*) ao horizonte ontológico de uma cultura (*-fj:sys*) o que faz de nossa descrição uma história meta-física. A própria América Latina poderá enfim ser considerada “o outro” em relação ao centro imperial dominador e com isso se poderá pensar numa filosofia de sua libertação (DUSSEL, 1974, p. 221-222, grifos nossos).

Os discursos que justificaram a conquista e dominação promovida pelos povos europeus advogaram que havia no povo colonizado uma inferioridade, uma diferença biológica identificada pela natureza do ser e que representava uma “**diferença colonial**” entre o invasor e o invadido (MIGNOLO, 2005 – grifos nossos). Os indígenas, os negros e povos mestiços foram concebidos como uma espécie de “não-ser”, a negação dos seus seres, levando às nefastas consequências de conceber grupos humanos compondo diferentes “raças” e a conseguinte escravização que, nas palavras de Quijano (2005):

A formação de relações sociais fundadas nessa ideia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras. Assim, termos com espanhol e português, e mais tarde europeu, que até então indicavam apenas procedência geográfica ou país de origem, desde então adquiriram também, em relação às novas identidades, uma conotação racial [...] Com o tempo, os colonizadores codificaram como cor os traços fenotípicos dos colonizados e a assumiram como a característica emblemática da categoria racial [...] Na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista [...] Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados (p. 107).

O movimento de invasão territorial realizado no período de colonização pelos europeus promoveu uma divisão mundial, fazendo emergir a noção de centro europeu e de

nações periféricas. Estas foram submetidas ao jugo dos países que compunham os centros de comando do poder, no qual, Dussel (2005) ainda destaca que: “O *ego cogito* moderno foi antecedido em mais de um século pelo *ego conquiro* (eu conquisto) prático do luso-hispano que impôs sua vontade (a primeira ‘Vontade-de-poder’ moderna) sobre o índio americano” (p. 28).

O fim do colonialismo deixou aprendizados e marcas indeléveis para os povos colonizados, pois o avanço do capitalismo eurocêntrico cristalizou a “Colonialidade do Poder” (QUIJANO, 2005; 2009; MIGNOLO, 2005), ou seja, mesmo com o fim da dominação territorial subjacente ao colonialismo – período em que os centros de controle e autoridades políticas se estabeleciam externamente ao território geográfico colonizado –, e com o avanço da modernidade em seu projeto capitalista europeu, manteve ideologicamente o poder tanto na estruturação da organização social, quanto para a divisão do trabalho. A exploração social promovida pelo sistema capitalista ainda seguiu a ótica de divisão racial ao balizar as formas de produção e no estabelecimento de relações comerciais unilaterais (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2005). Neste contexto, a modernidade e o capitalismo eurocêntrico impulsionou a colonialidade do poder conforme Quijano (2009) esclarece:

Com a constituição da América (Latina), no mesmo momento e no mesmo movimento históricos, o emergente poder capitalista torna-se mundial, os seus centros hegemônicos localizam-se nas zonas situadas sobre o Atlântico – que depois se identificarão como Europa – e como eixos centrais do seu novo padrão de dominação estabelecem-se também a **colonialidade** e a modernidade. Em pouco tempo, com a América (Latina) o capitalismo mundial, eurocentrado, e a colonialidade e modernidade instalando-se associadas como eixos constitutivos do seu padrão de poder, até hoje (p.73-74 – grifos nossos).

Dussel (2005) também corrobora com a percepção destas assimetrias nas relações que foram estabelecidas entre diferentes povos e culturas a partir do movimento de conquista colonial, identificando como sendo fundante da Modernidade. Esta genealogia diferiu da perspectiva eurocêntrica³⁸ que situou cronologicamente a Modernidade como resultante da sequência cronológica dos períodos, nomeadamente “[...] Renascimento Italiano; Reforma e a Ilustração alemãs e a Revolução Francesa” (p. 27). Assim, o referido

³⁸ Entendemos eurocentrismo tal qual propõe Quijano (2005) como: “[...] o nome de uma perspectiva de conhecimento cuja elaboração sistemática começou na Europa Ocidental antes de mediados do século XVII, ainda que algumas de suas raízes são sem dúvida mais velhas, ou mesmo antigas, e que nos séculos seguintes se tornou mundialmente hegemônica percorrendo o mesmo fluxo do domínio da Europa burguesa. Sua constituição ocorreu associada à específica secularização burguesa do pensamento europeu e à experiência e às necessidades do padrão mundial de poder capitalista, colonial/moderno, eurocentrado, estabelecido a partir da América (p. 115).

autor identificou como sendo uma interpretação eurocêntrica que reflete apenas uma segunda etapa da Modernidade e não o seu fundamento.

De todo modo, mais do que a preocupação voltada apenas para uma possível datação cronológica, as comunicações de Dussel (1974; 2005) procuram denunciar que o projeto de mundo chamado de Modernidade representou um paradigma de vida que prometeu um desenvolvimento social para todos os povos que o encampassem, todavia, o referido autor é enfático em afirmar que tal projeto se mostrou falacioso e mítico, pois foi imposto de maneira irracional e violenta, obrigando a exterioridade, o outro, o não-europeu (entendida pelo conquistador como a pessoa provinciana, bárbara, imatura) a se render ao projeto civilizatório etnocêntrico (DUSSEL, 2005).

Com efeito, a inicial colonialidade do poder passou à revigorada “Colonialidade do Saber” (QUIJANO, 2005; 2009) que atuou na dominação e opressão de homens e mulheres em sua dimensão intersubjetiva, uma vez que, diferentemente do colonialismo, a colonialidade foi (e ainda o é) uma forma atual e desterritorizada do mecanismo de dependência e subalternidade dos povos do eixo sul (MIGNOLO, 2005; QUIJANO; 2005; 2009; STRECK; ADAMS, 2012).

A alternativa proposta por Dussel (2005; 2016) foi de negar a negação do mito da Modernidade, que significou um processo trans-moderno de incorporação da exterioridade à totalidade desde uma autêntica relação de alteridade com o outrem. Estas proposições desembocaram no anúncio de sua analética, de maneira que:

[...] não se trata de um projeto pré-moderno, como afirmação folclórica do passado, nem um projeto antimoderno de grupos conservadores, de direita, de grupos nazistas ou fascistas ou populistas, nem de um projeto pós-moderno como negação da Modernidade como crítica de toda razão para cair num irracionalismo niilista. Deve ser um projeto “trans-moderno” (e seria então uma “Trans-Modernidade”) por subsunção real do caráter emancipador racional da Modernidade e de sua **Alteridade negada (“o Outro”)** da Modernidade, por negação de seu caráter mítico (que justifica a inocência da Modernidade sobre suas vítimas e que por isso se torna contraditoriamente irracional (p. 29 – grifos nossos).

Diante deste quadro, tornou-se importante o reconhecimento de nossa condição de vítima³⁹ deste processo/projeto civilizatório catalisada pela pungente

³⁹ Percebemos aqui uma aproximação com Freire (2018a) quando este autor propõe que para a superação da condição de opressão, a oprimido/a deve reconhecer os mitos com os quais a opressão os nutre e “[...] quando já ganharam a “clareza” ou uma quase “clareza” da opressão, o que as leva a localizar o opressor fora delas, aceitam a luta para superar a contradição em que estão. Neste momento, superam a distância que medeia as objetivas “necessidades de classe” da “consciência de classe” (p. 222).

globalização, que tem impelido um número cada vez maior de pessoas a serem empobrecidas, marginalizadas, a viverem em condições de subalternidade, cuja projeção de um desenvolvimento vigoroso e benfazejo para toda gente se mostra falacioso e mais distante de ser concretizado.

Para Dussel (1995), o rompimento com este modo de dominação da vida exigirá outras bases epistemológicas, assentes no reconhecimento de outrem, na exterioridade, que historicamente foi tolhido, negado de ser autenticamente um-ser. Este autor sugere que novo paradigma deverá ser fundado em bases libertadoras desde a alteridade, desde os povos marginalizados, para tal propôs o método analético:

*El método ana-lético surge desde el Otro y avanza dialécticamente; hay una discontinuidad que surge de la libertad del Otro. Este método, tiene en cuenta la palabra del Otro como otro, implementa dialécticamente todas las mediaciones necesarias para responder a esa palabra, se compromete por la fe en la palabra histórica y da todos esos pasos esperando el día lejano en que pueda vivir con el Otro y pensar su palabra, es el método ana-lético. Método de liberación, pedagógica ana-lética de liberación*⁴⁰ (p. 236).

Santos (2009b) argumentou que a razão da Modernidade fundou-se em paradigmas de “apropriação/violência” capazes de criar linhas invisíveis que dividiram o globo criando abismos epistemológicos entre a totalidade europeia e toda a exterioridade (periferias mundiais, empobrecidas), a esta intencionalidade de divisão que invisibilizou um sem-número de saberes e experiências Santos (2009a) chamou de “pensamento abissal” que, como o nome sugere, foi (e ainda o é) representado pelo abismo ideológico entre as bases epistemológicas etnocêntricas. Acerca do pensamento abissal Santos (2009a) ainda acrescenta:

[...] as distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo “deste lado da linha” e o universo “do outro lado da linha”. A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou possível (p. 23).

⁴⁰ “O método *ana-lético* surge desde o outro e avança dialeticamente; há uma descontinuidade que surge da liberdade do Outro. Este método tem em conta a palavra do Outro como outro, implementa de maneira dialética todas as mediações necessárias para responder a essa palavra, e se compromete pela fé na palavra histórica e dá todos esses passos esperando pelo dia distante em que ele possa viver com o Outro e pensar a sua palavra, esse é o método *ana-lético*. Método de libertação, pedagógica analética de libertação (DUSSEL, 1995, p. 236 – tradução livre nossa).

Para a superação do pensamento abissal, Santos (2009b) recorreu ao anúncio do “pensamento pós-abissal”, representando a necessidade de estabelecer um processo de horizontalidade entre os saberes e formas de produzir a existência que caracterizam os diferentes povos situados fora da totalidade eurocêntrica fazendo emergir, assim, uma “ecologia dos saberes” (SANTOS, 2009b). A caracterização desta, portanto, preconiza fundamentar diálogos horizontais, capazes de comunicar, valorizar e fazer visíveis saberes decorrentes de experiências concretas de produção de modos de (com)viver e (re)existir, mas que historicamente foram, e ainda vem sendo invisibilizados.

Enquanto práxis do “pensamento pós-abissal”, Santos (2002a) vislumbrou os caminhos da “sociologia das ausências e sociologia das emergências”, empreendidos pelo trabalho de Tradução, destacando que se trata de:

[...] criar justiça cognitiva a partir da imaginação epistemológica. O objectivo da tradução entre práticas e seus agentes é criar as condições para uma justiça social global a partir da imaginação democrática. O trabalho de tradução cria as condições para emancipações sociais concretas de grupos sociais concretos num presente cuja injustiça é legitimada com base num maciço desperdício de experiência. O trabalho de tradução, assente na sociologia das ausências e na sociologia das emergências, apenas permite revelar ou denunciar a dimensão desse desperdício. O tipo de transformação social que a partir dele pode construir-se exige que as **constelações de sentido** criadas pelo trabalho de tradução se transformem em práticas transformadoras (p. 274 – grifos nossos).

É com nossa intencionalidade direcionada para identificar e compreender os processos educativos decorrentes da prática do *FC*, bem como dos momentos em que sua lógica de avaliação dos pilares serviu de referência para a análise da convivência entre os/as participantes durante as práticas diversificadas de Jogo/Ócio/Lazer desenvolvidas no contexto do projeto que buscamos realizar a presente investigação e trazer para o bojo das discussões epistemológicas-políticas a experiência do *FC*, originalmente nascida e criada no sul (metafórico e geográfico) e que vem sendo, ao nosso ver, desperdiçada. Deste modo, compreendemos que nossa sistematização se aproxima e, até mesmo se inspira, no processo de Tradução que Santos (2002a) sinaliza como prática das sociologias das ausências e sociologia das emergências.

Santos (2002a) ainda identificou que a Modernidade europeia produziu uma “razão indolente”, preguiçosa e prepotente, pois de acordo com este autor ela pretende ser unívoca ao representar o todo pela análise e generalização de apenas uma parte – “razão metomínica” (SANTOS 2002a) –, e também dominar e reduzir o tempo

encurtando/contraindo o passado e lançando uma mirada infinita para o futuro – “razão proléptica”, que nas palavras do referido autor trata da:

[...] face da razão indolente quando concebe o futuro a partir da monocultura do tempo linear. Esta monocultura do tempo linear, ao mesmo tempo que contraiu o presente, como vimos atrás ao analisar a razão metonímica, dilatou enormemente o futuro. Porque a história tem o sentido e a direcção que lhe são conferidos pelo progresso, e o progresso não tem limites, o futuro é infinito” (p. 254).

A ecologia de saberes, enquanto práxis de uma sociologia das ausências e sociologia das emergências, se opõe frontalmente à esta nomeada “razão indolente”. Vimos, com isso, que tanto nesta perspectiva de Santos (2002a) quanto nos anúncios contidos junto a proposta da “analética” de Dussel (1974; 1995; 2005), ambos se colocam a favor de uma horizontalidade nas relações com vistas a dirimir e a superar as injustiças históricas.

Nossas compreensões acerca das proposições apresentadas nos possibilitaram lançar um novo olhar para as potencialidades das Epistemologias do Sul. Procuramos reunir esforços para superar o paradigma da apropriação/violência representado pelos processos de opressão, de produção de não-existência, de invisibilização, de silenciamento e de violência contra outrem e contra a exterioridade. Todas essas formas de relação foram marcos característicos dos processos de invasão e de concretização do projeto de mundo eurocêntrico manifesto na Modernidade (DUSSEL, 2005). Para tanto, lançamos mão de um paradigma científico prudente para uma vida social decente (SANTOS, 2002b), no qual a possibilidade de superação da apropriação/violência perpassou o estabelecimento de relações pautadas na alteridade, empatia, escuta atenta e o diálogo horizontal entre os saberes.

Atentos a este modo de vivenciar a ação investigativa, mantivemos concomitantemente o foco na práxis educativa que empreendíamos em campo, entendendo que superar a razão indolente significa também superar a fragmentação do Ser, pois, conforme salienta Freire (2018b):

Ninguém deixa seu mundo, adentrado por suas raízes, com o corpo vazio ou seco. Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase, uma pura frase possivelmente já olvidada por quem a disse (p. 45).

A partir das bases epistemológicas que estamos compartilhando e que sinalizam para nossa inextrincável condição de estarmos sendo-com-mundo-e-com-outrem, compreendemos que todo saber é construído de forma contextualizada, e que devemos considerar a historicidade dos homens e mulheres em sua relação com o passado, o presente e o porvir. Portanto, um autêntico processo de conscientização não é estanque, engessado ou finito: “O encontro originário da consciência e do mundo é um processo que não se totaliza, enquanto a subjetividade não se comensura consigo mesma, ao comensurar-se com sua objetividade” (FIORI, 1986, p. 5).

Nossa experiência de investigação e de ação educativa buscou alicerces em bases epistemológicas assentes em um projeto de valorização dos diferentes saberes, experiências e saberes de experiência, daí prudentes, e, conforme nos ensina Larrosa-Bondía (2002) e Santos (2002b). Nessa esteira, corrobora Quijano (2005) ao apontar que a manifestação da conquista etnocêntrica também se inscreveu na dominação dos corpos. Essa dominação, desde o ponto de vista que compartilhamos com o citado autor, começou com a dicotomia entre corpo-mente, espírito-matéria, deflagrada por Descartes, pois, nas palavras de Quijano (2005):

Com Descartes o que sucede é a mutação da antiga abordagem dualista sobre o “corpo” e o “não-corpo”. [...] Deste modo, na racionalidade eurocêntrica o “corpo” foi fixado como “objeto” de conhecimento, fora do entorno do “sujeito/razão”. Sem essa “objetivização” do “corpo” como “natureza”, de sua expulsão do âmbito do “espírito”, dificilmente teria sido possível tentar a teorização “científica” do problema da raça [...] Dessa perspectiva eurocêntrica, certas raças são condenadas como “inferiores” por não serem sujeitos “racionais”. São objetos de estudo “corpo” em consequência, mais próximos da “natureza”. Em certo sentido, isto os converte em domináveis e exploráveis. De acordo com o mito do estado de natureza e da cadeia do processo civilizatório que culmina na civilização europeia, algumas raças – negros (ou africanos), índios, oliváceos, amarelos (ou asiáticos) e nessa sequência – estão mais próximas da “natureza” que os brancos (p. 117-118).

Com esta citação um pouco mais extensa, trazemos a denúncia feita por Quijano (2005), que comunica os nefastos efeitos do dualismo cartesiano, incrementados por meio do positivismo⁴¹, nos colocou sobre a necessidade de assentarmos nossas ações epistemológicas desde um paradigma prudente para uma vida decente (SANTOS, 2002b).

⁴¹ Acerca do positivismo, Abagnano (2007) nos esclarece que: “A característica do Positivismo é a romantização da ciência, sua devoção como único guia da vida individual e social do homem, único conhecimento, única moral, única religião possível. [...] É possível distinguir duas formas históricas fundamentais do Positivismo: o *Positivismo social* de Saint-Simon, Comte e John Stuart Mill, nascido da exigência de constituir a ciência como fundamento de uma nova ordenação social e religiosa unitária; e o

À luz dos saberes comunicados pela corrente filosófica da Fenomenologia Existencial (MERLEAU-PONTY, 1991; 2015) e pela Ciência da Motricidade Humana (SÉRGIO; 1986; 1998; 2003; 2007), nos colocamos **contra** aquilo que estamos identificando ser a “**colonialidade dos corpos**”, nos demandando ações para sua superação. Estabelecemos, então, uma explícita ecologia de saberes com Quijano (2005; 2009), mais especificamente com sua proposição acerca da colonialidade do poder e da colonialidade do saber. Desde o nosso ponto de vista, ambas formas de dominação e opressão se entranharam no humano (homens e mulheres) de maneira a operar na formação de suas subjetividades⁴², de suas consciências e, inevitavelmente, de sua carne de sua corporeidade uma vez que Merleau-Ponty (2015) comunica:

[...] a consciência projeta-se em um mundo físico e tem um corpo, assim como ela se projeta em um mundo cultural e tem hábitos: porque ela só pode ser consciência jogando com as significações dadas no passado pessoal [...]. Enfim, esses esclarecimentos nos permitem compreender sem equívoco a motricidade enquanto intencionalidade original. A motricidade não é como uma serva da consciência, que transporta o corpo ao ponto do espaço que nós previamente nos representamos. Para que possamos mover nosso corpo em direção a um objeto, primeiramente é preciso que o objeto exista para ele (p.192).

Com a Fenomenologia Existencial (MERLEAU-PONTY, 1991, 2015) buscamos o retorno do ser à natureza da qual faz parte. Esta deveria ser, a partir da perspectiva aqui sustentada, componente fundamental para uma totalidade não-totalitária, ou seja, não etnocêntrica, tampouco eurocêntrica. Identificamos, para isso, que o mundo não é um receptáculo do nosso Ser, mas outro ente com o qual estamos em uma relação de interconexão com a natureza do qual, inclusive, fazemos parte e no qual estamos sendo-ao-mundo-e-com-viveres.

Ao refletirmos sobre as Epistemologias dos Sul (SANTOS; MENESES, 2009) identificamos que o *ethos* originário de toda e qualquer experiência é o corpo que está sendo-ao-mundo-e-com –viveres. O corpo foi (e é) origem de tudo o que somos, de tudo o que sabemos, e de tudo o que podemos vir a saber que somos. Com efeito, corpo não é substância, corpo é elemento (MERLEAU-PONTY, 1991; 2015).

Positivismo Evolucionista de Spencer, que estende a todo o universo o conceito de progresso e procura impô-lo a todos os ramos da ciência [...] (p. 777-778, grifos do autor).

⁴² Compartilhamos com Abbagnano (2007) que a subjetividade se trata do “Caráter de todos os fenômenos psíquicos, enquanto fenômenos de consciência [...], que o sujeito relaciona consigo mesmo e chama de “meus” (p. 922).

Não há formas de saber que não seja pela experiência corporal de estarmos existindo, desde o início do nosso Viver até o seu derradeiro momento. Com efeito, esse *ethos* corporeificado possui a vocação original para “ser mais” (FREIRE, 2018a; 2018d) ao superar e a operar mudanças na realidade concreta, ou ainda, a expressar sua vocação para transcendência ao significar e dar sentido aos dados da realidade e à sua própria existência (SÉRGIO, 1986; 1998; 2003). Assim, a “ecologia de saberes” (SANTOS, 2002a, 2009a; 2009b), ou mesmo a “analética” (DUSSEL, 1974; 1995; 2005) se fazem possíveis por intermédio da “intersubjetividade carnal” ou intercorporeidade que, nas palavras de Merleau Ponty (1991):

O corpo não é nada menos, mas também nada mais, do que a condição de possibilidade da coisa. Quando se vai dele a ela, não se vai nem do princípio à consequência, nem do meio ao fim: assiste-se a uma espécie de propagação, da invasão ou de imbricação que prefigura passagem do *solus ipse* para o outro, da coisa “solipsista” para a coisa intersubjetiva (p. 191).

Nossas bases buscaram conferir maior força e coesão entre a “analética” e a “intercorporeidade”, ambas apontam que a libertação está fundamentada na ética da alteridade, na responsabilidade por outrem (LÉVINAS; 2005; DUSSEL, 1974; 1995). Para tanto, somaram-se aos nossos estudos e bases epistemológicas os anúncios acerca do fenômeno biológico da emoção e da cognição (MATURANA; VARELA, 1997; 2001; MATURANA; 2009; 2014; MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004). A partir deste horizonte, foi possível construir uma práxis de investigação e de inserção educativa capaz de nos guiar pelo paradigma prudente para um conhecimento decente. Assim, de acordo com Martura e Varela (2001), é o amor, ou a aceitação do outro junto a nós que:

[...] na convivência, é o fundamento biológico do fenômeno social. Sem amor, sem aceitação do outro junto a nós, não há socialização, e sem esta não há humanidade. Qualquer coisa que destrua o limite à aceitação do outro, desde a competição até a posse da verdade, passando pela certeza ideológica, destrói ou limita o acontecimento do fenômeno social. Portanto, destrói também o ser humano, porque elimina o processo biológico que o gera. Não nos enganemos. Não estamos moralizando, nem fazendo uma prédica do amor. Só estamos destacando o fato de que biologicamente, sem amor, sem aceitação do outro, não há fenômeno social. Se ainda se convive assim vive-se hipocritamente, na indiferença ou na negação ativa (p. 269).

Acompanhando a cronologia da colonialidade do poder e do saber (QUIJANO, 2005; 2009), Santos (2001) aponta que a modernidade capitalista tomou novos

contornos com a globalização⁴³, identificando que esta promoveu uma invasão cultural ao estabelecer hierarquias e assimetrias culturais, em vez de apenas identificar e reconhecer a diversidade de práticas sociais (SANTOS, 2001; NOLASCO, 2004; 2015). Em suma, tratou com desigualdade o que deveria ser autenticamente compreendido apenas como diferente.

Atento a este fenômeno, Nolasco (2004; 2015) aponta que o futebol se configurou como um dos mais bem-sucedidos localismos globalizados, servindo, inclusive, como instrumento de invasão e dominação cultural representando motricidades lúdicas de povos europeus em detrimento da invisibilidade e produção de não-existências de motricidades lúdicas dos povos colonizados. Portanto, nas palavras de Nolasco (2004):

[...] O futebol é um desses localismos bem-sucedidos que, tendo origem num espaço local concreto, depressa se expandiu por todo o mundo de forma avassaladora [...]. Desde logo, aquilo que se localizou foram os gestos e as regras dos jogos populares, que ao não se pautarem pelo ritual social dominante nem à imagem do desporto moderno, rapidamente foram convertidas em práticas folclóricas [...]. A imposição do futebol sobre outras práticas culturais e expressões lúdicas revela-se um exercício de colonização cultural, o qual se tornou evidente através dos efetivos processos de colonização [...] (p. 495).

Junto à prática do futebol, uma série de códigos e valores afeitos à totalidade europeia também deitaram suas raízes nos solos invadidos. O efeito das hierarquizações e assimetrias entre as diferentes culturas que entraram em contato, como foi a do povo invasor (totalidade europeia) em relação a do povo invadido (exterioridade – o outro). Desde então, este modo de se relacionar, característico da Modernidade, tem gerado o desperdício de muitas experiências (SANTOS, 2002b): motricidades e práticas sociais.

Para Martins e Santos (2018), a dominação global está assentada em “três cabeças”, a saber: o colonialismo, o patriarcado e o capitalismo. Estas três formas de dominação se dialetizam e se reafirmam umas-nas-outras desde a racionalidade moderna que as constituem. Portanto, para os citados autores, sua superação deverá partir do *ethos* da dominação, ou seja, do povo oprimido, da exterioridade que vive as mazelas causadas pelas “três cabeças”. Emerge, então, a proposta das Epistemologias do Sul que, nas palavras de Martins e Santos (2018):

Elas [as três cabeças] não estiveram presentes no que foram a revolução e o reformismo nas suas versões convencionais. São as epistemologias do Sul, centradas no conhecimento nascido das lutas, a partir das lutas e das

⁴³ Santos (2001) define globalização como sendo: “[...] processo pelo qual determinada condição ou entidade local estende a sua influência a todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outra condição social ou entidade rival” (p. 10).

perspectivas daqueles que sofrem a opressão sistêmica do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado. E, para isso, eu tenho de aprender como essa opressão ocorre no Sul, e particularmente no Sul geográfico. O Sul geográfico transforma-se em um Sul epistêmico e passa a reverter-se a relação de dominação (p. 32-33 – grifos nossos).

Embasamos as argumentações trazidas nesta Tese a partir da historicidade do *FC*, cujo *ethos* de surgimento remonta o contexto de uma periferia empobrecida da América Latina (em *Moreno, Buenos-Aires-Argentina*), no qual o educador popular, Fábian Ferraro, vislumbrou alternativas locais contra as mazelas vividas em tempos de profunda crise político-econômica de seu país. Neste contexto, identificamos que o *FC* se configurou como um projeto trans-moderno (DUSSEL, 2005; 2016), no qual foi estabelecido um profícuo diálogo intercultural entre suas proposições metodológicas, subsumindo elementos de um “localismo globalizado” (o Futebol), culminando com uma nova prática social, voltada para a libertação, emancipação de seus/suas praticantes em um autêntico movimento de Educação Popular (ROSSINI, et al., 2012).

No que tange o enfrentamento das “três cabeças” da Modernidade – “capitalismo, colonialismo, patriarcado” (MARTINS; SANTOS, 2018, p. 32) –, compreendemos que os valores que sustentam a prática do *FC*, Respeito, Cooperação e Solidariedade, somados ao jogo misto (homens e mulheres) e ao protagonismo dos/as participantes para a (re)criação das regras para a (trans)formação do jogo geram tensão necessária para as referidas três formas de dominação/opressão da Modernidade contemporânea. É sobre essa perspectiva que esta investigação se debruçou, em um contexto no qual o *FC* foi desenvolvido como uma motricidade lúdica.

A partir das nossas bases epistemológicas para a libertação, estabelecemos novos diálogos epistemológicos, tomando o cuidado de incrementar a proposta de Carmo (2017) e Carmo e Gonçalves Junior (2017) a prática das motricidades ausentes e das motricidades emergentes. Este acréscimo foi caracterizado pelo nosso trabalho de investigação no qual procuramos tornar ausentes as motricidades emergentes de um Sul (geográfico e metafórico) que historicamente condicionadas a estar sendo invisíveis ou não-existentes pela ação da “colonialidade dos corpos” – tais como alguns jogos, danças, lutas, festejos, rituais e, mais contemporaneamente, esportes – para citar algumas motricidades ausentes.

Nosso engajamento se relaciona com a necessidade já sinalizada por Santos (2009b), ao indicar a busca da ampliação de nossa racionalidade com vistas a ampliar a disponibilidade de “[...] experiência social declarada inexistente (a sociologia das ausências)

e a possibilidade de muita experiência social emergente, declarada impossível (a sociologia das emergências) (SANTOS, 2009b, p. 459 – grifos do autor). Na proposta original de Santos (2002a), esta ação de investigação é caracterizada como “Tradução” significando:

[...] procedimento que permite criar inteligibilidade recíproca entre as experiências do mundo, tanto as disponíveis como as possíveis, reveladas pela sociologia das ausências e a sociologia das emergências. Trata-se de um procedimento que não atribui a nenhum conjunto de experiências nem o estatuto de totalidade exclusiva nem o estatuto de parte homogênea. As experiências do mundo são vistas em momentos diferentes do trabalho de tradução como totalidades ou partes e como realidades que se não esgotam nessas totalidades ou partes. Por exemplo, ver o subalterno tanto dentro como fora da relação de subalternidade (p. 262).

Uma vez denunciada a ausência, procedemos ao seu anúncio, agindo contra o desperdício da experiência (SANTOS, 2002b). No caso da presente produção, nos debruçamos sobre a experiência com o *FC*, motricidade nascida e criada no Sul (geográfico e metafórico) do bairro de Moreno – Buenos Aires/Argentina.

Cumpramos destacar que a partir do método de sistematização de experiências (JARA-HOLLIDAY, 2006; 2018; ECKERT, 2009; MEJÍA, 2012) buscamos o estabelecimento de uma relação de coerência com um paradigma científico prudente (SANTOS, 2002b) que, em lugar da apropriação/violência, trilhamos caminhos que nos leva ao diálogo horizontal e intercâmbio entre saberes, bem como alteridade e respeito e valorização da diversidade epistemológica para a construção de uma vida social decente (SANTOS, 2002b), mais justa, solidária na qual toda gente é participe dos processos de (trans)formação da realidade no sentido de construir um mundo livre de opressões, mais justo e solidário, estabelecendo a práxis de nossa motricidade ausente e motricidade emergente à luz dos esclarecimentos de Jara-Holliday (2018):

La distancia entre teoría y práctica solo podrá ser resuelta si logramos, desde las prácticas concretas, enriquecer el debate teórico. Este tiene sentido, tiene posibilidad de orientación transformadora, en la medida en que se ponga a dialogar con la práctica social, con los nuevos elementos que marcan la dinámica real de los procesos. Pero tenemos el problema de que nuestra formación muchas veces ha disociado estos aspectos y no sabemos cómo crear vínculos entre práctica y teoría, así como tampoco existen suficientes espacios para vincular a quienes se dedican principalmente a la acción social y quienes se dedican prioritariamente a la teoría social⁴⁴ (p. 97).

⁴⁴ “A distância entre teoria e prática só poderá ser resolvida se tentamos, desde as práticas concretas, enriquecer o debate teórico. Este tem sentido, tem possibilidade de orientação transformadora à medida em que se coloque para dialogar com a prática social, com os novos elementos que marcam a dinâmica real dos processos. Mas

Deste modo, no intento de identificar e compreender os processos educativos da prática do *FC*, corroboramos com o horizonte de ações da linha de pesquisa de Práticas Sociais e Processos Educativos que, junto a outros pesquisadores e pesquisadoras, nos debruçamos a **favor** de “investigar de que forma, nas mais variadas práticas sociais, as pessoas ajudam a construir uma sociedade na qual se encontram, para superar ou manter as iniquidades sociais” (OLIVEIRA et al., 2014, p. 31). Acerca da concepção do que vem a ser processos educativos, compartilhamos com Gonçalves Junior, Carmo e Corrêa (2015), ao proporem que estes:

[...] ocorrem em uma relação mútua de aprendizagem e não só em uma situação em que um ensina ao outro, tendo como pressuposto fundamental para seu desenvolvimento o diálogo equitativo e a intencionalidade dirigida para a cooperação, superação, o ser mais, demandando autonomia, possibilidade de decisão e de transformação. Tais condições permitem aos envolvidos compreender em contexto, valores e códigos do grupo, da comunidade e da sociedade em que vivem, tendo a possibilidade de refletir criticamente sobre sua própria condição de pertencimento ao mundo com os outros, educando e educando-se, tornando-se pessoa (p. 176-177).

Nosso horizonte político se projetou na historicidade da prática do *FC*. Sua intenção esteve a **favor** da superação das desigualdades sociais, em especial, em apoio às juventudes empobrecidas, marginalizadas daquele contexto argentino. Atentos à genealogia da prática social investigada, sua historicidade, e considerando o contexto de nossa inserção, encampamos a práxis de uma Educação Libertadora (FIORI, 1991).

Acerca da concepção de práticas sociais, Oliveira et al. (2014) comunicam:

Práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes natural, social e cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver; enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas (p. 33).

Compete lembrarmos ao leitor ou leitora que a prática metodológica e intencionalidade educativa do *FC* foi subsumida para a situacionalidade desta investigação, ou seja, de maneira a contextualizá-la junto às ações do VADL-MQF, projeto socioeducativo do qual participaram crianças e adolescentes com idade entre 7 e 13 anos, moradoras de bairros empobrecidos e geograficamente periféricos do município de São Carlos (São Paulo

temos o problema de que em nossa formação, por muitas vezes, dissociou estes aspectos e não sabemos como criar vínculos entre prática e teoria, assim como tampouco existem espaços suficientes para vincular aqueles que se dedicam principalmente a ação social e aqueles que se dedicam prioritariamente a teoria social (JARA-HOLLIDAY, 2018, p. 97 – tradução livre nossa).

– Brasil). Neste contexto, nos lançamos com o mundo e com as pessoas que compuseram a equipe co-laboradora – crianças, adolescentes, educadores e educadoras –, em intercorporeidade, tal como nos sugeriu a imagem que abriu este capítulo (ver Figura 5 - ESCHER - *Bond of union*⁴⁵).

Ao longo deste tópico, procuramos apontar a utilidade e os sentidos de nossos objetivos, tal como solicita Jara-Holliday (2006; 2018). Passaremos agora para a reflexão acerca de mais um questionamento importante neste estudo. A saber: *Quais aspectos centrais desta experiência nos interessam mais?* Respondê-lo nos auxiliará com a fixação de um eixo estruturador da investigação.

2.3 Quais aspectos centrais desta experiência nos interessam mais? Questão de pesquisa

*El eje de sistematización debe ser coherente con el objetivo de esta y el objeto a ser sistematizado. El eje tiene un sentido fundamentalmente práctico, debe ser un facilitador del proceso de sistematización que evite perderse en la multitud de elementos de la experiencia que, estando presentes, no son tan relevantes para esta sistematización que se quiere realizar. Es decir, debe haber una íntima relación entre: el objetivo que se quiere conseguir con la sistematización de esta experiencia que se ha seleccionado como objeto particular a sistematizar, y los aspectos específicos principales que se quieren abordar con mayor énfasis*⁴⁶ (JARA-HOLLIDAY, 2018, p. 147).

Ao levantar o questionamento: *Quais aspectos centrais desta experiência nos interessam mais?* Jara-Holliday (2006; 2018) sugere a eleição de um eixo de sistematização, que se configurará como uma “coluna vertebral”, ou seja, como um fio condutor que atravessa toda o trajeto da experiência (JARA-HOLLIDAY, 2018).

Nossa interpretação acerca do eixo nos fez compreender que a resposta ao questionamento proposto para este momento metodológico nos auxiliará a manter atenção, em todo nosso percurso, para o cumprimento dos nossos objetivos. Com efeito, nosso eixo de sistematização foi sintetizado na seguinte **questão de pesquisa**:

⁴⁵ “Vínculo de união”, em uma tradução livre nossa.

⁴⁶ “O eixo de sistematização deve ser coerente com o objetivo a ser sistematizado. O eixo tem um sentido fundamentalmente prático, deve ser um facilitador do processo de sistematização que evite se perder na multiplicidade de elementos da experiência que, estando presentes, não são tão relevantes para esta sistematização que se quer realizar. É como dizer, deve haver uma íntima relação entre o objetivo que se quer conquistar com a sistematização desta experiência que foi selecionada como um objeto particular a ser sistematizado, e os aspectos específicos principais que se quer abordar e conferir maior ênfase” (JARA-HOLLIDAY, 2018, p. 147 – tradução livre nossa).

- Quais são os processos educativos envolvidos na prática do *Fútbol Callejero*, ou em práticas por ele inspiradas, e que foram desenvolvidas sob nossa coordenação no âmbito das práticas do projeto socioassistencial VADL-MQF?

Atentos a essa nossa questão, bem como ao objetivo central que foi elencado em tópico anterior, realizamos uma revisão de literatura acerca do *FC* com o objetivo de compreender as experiências de outros/as pesquisadores/as que também versaram sobre essa temática, bem como para estabelecer um diálogo entre nossas comunicações com o que a literatura já disponibilizou.

2.4 Quais fontes de informações temos ou necessitamos? Filmagens e Revisão de Literatura

Aquí es prudente recalcar la importancia del eje de sistematización, pues no se trata de comenzar a acumular toda la información existente respecto al tema, lugar o periodo de la experiencia que se quiere sistematizar, sino solamente aquella relevante para los objetivos definidos y que esté relacionada con los aspectos que más interesa. Es decir, si lo que hemos precisado en el eje son los aspectos asociados a las innovaciones pedagógicas y metodológicas realizadas, no interesará recoger ni ordenar la documentación financiera, las cartas escritas a organismos internacionales para buscar apoyo, las actas de las reuniones de planificación organizativa y logística, las fotografías tomadas durante la construcción del local, etc.⁴⁷ (p. 148).

Atentos ao nosso objetivo e ao objeto de estudo, utilizamos como principal fonte de informações as filmagens pelas quais registramos os momentos de desenvolvimento da prática do *FC* (1º e 3º Tempos), bem como dos diálogos em Roda Inicial e Roda Final. Estas últimas organizadas para planejamento e avaliação das diversificadas vivências de jogos desenvolvidas no VADL-MQF. Estes registros foram convertidos em diários (MEJÍA, 2012), nos quais transcrevemos na íntegra a fala dos/as participantes.

Embora nossa sistematização tenha como ponto de partida nossa participação e o registro da experiência, não significou que nosso processo não transcendeu os saberes que emergiram do nosso próprio *ethos* de investigação. Inclusive, uma das potencialidades

⁴⁷ “Aqui é prudente ressaltar a importância do eixo de sistematização, pois não se trata de começar a acumular informação existente a respeito do tema, lugar ou período da experiência que se quer sistematizar, mas somente aquele relevante para os objetivos definidos e que está relacionada com os aspectos que mais interessa. É dizer: se o que temos delineado no eixo são os aspectos associados as inovações pedagógicas e metodológicas realizadas, não interessará recorrer nem organizar a documentação financeira, cartas escritas a organismos internacionais para buscar apoio, as atas de reuniões de planificação organizativa e logística, fotografias feitas durante a construção do local, etc. (JARA-HOLLIDAY, 2018, p. 148).

desejada por nós, autores da presente Tese, comunicada ainda na seção de “Apresentação” é de que nossa investigação possa *sulear* outros/as colegas com o desenvolvimento da prática do *FC*, ou vivências congêneres. Portanto, também procuramos aprender o que diziam outras investigações sobre o *FC*

2.4.1 O que nos contam outras investigações

A literatura que dispúnhamos antes do início de nossa investigação foi o livro de Rossini et al. (2012), que recebemos ainda no ano de 2014, entregue por Rodrigo Medeiros, coordenador da pauta *FC* na Ação Educativa – SP. Precisávamos de mais saberes.

Para realizar nossa revisão de literatura, utilizamos a expressão “*Fútbol Callejero*” e, sempre após colher os resultados da busca, substituíamos pela expressão “Futebol de Rua”, uma vez presente a possibilidade de tradução da expressão originalmente cunhada em língua espanhola para língua portuguesa. Este processo fez emergir a problemática decorrente do sentido polissêmico que tais expressões (tanto em língua espanhola, quanto em língua portuguesa) estão sujeitas. Assim, nos foram indicados muitos artigos, dissertações e teses que versavam sobre o “futebol”, ou diferentes tipos de “futebóis” que eram praticados no contexto das ruas, todavia não possuíam relações com o *FC*.

Para superar tal problemática, procedemos à leitura do título de todos os artigos, selecionado apenas aqueles que continham em seu título as expressões “*Futebol Callejero*” ou “Futebol de Rua”. Também optamos por delimitar o ano de produção das publicações em nossa busca, indicando um período relativamente abrangente, posto nosso interesse por materiais produzidos entre os anos de 2000 e 2018, na tentativa de conseguir o levantamento de materiais que poderiam versar sobre a origem do *FC*

Ainda caracterizando os procedimentos para buscas que adotamos em nossa investigação, sinalizamos que não filtramos nossa busca por idioma, embora a utilização das palavras-chaves “*Fútbol Callejero*” e “Futebol de Rua” pudessem condicionar tal exercício. Deste modo, nos colocamos abertos para acolher produções em diferentes línguas.

Nossa primeira percepção acerca desta revisão de literatura apontou para nossa dificuldade em encontrar uma literatura à contento do contexto de produção da Tese doutoral. Fizemos uma busca inicial junto a página eletrônica de catálogo de Teses e Dissertações da “Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior” (CAPES). Após a leitura dos títulos e identificadas a presença das expressões “*Fútbol Callejero*” ou “Futebol de Rua”, apenas a dissertação de mestrado da pesquisadora Castro (2018) versou sobre nosso objeto de estudo.

Para a consulta de artigos publicados em revistas/periódicos, fizemos a busca utilizando as mesmas expressões citadas anteriormente. A primeira busca foi junto ao sítio eletrônico do “Portal de Periódicos da CAPES/MEC”. Neste, após o mesmo processo de leitura de títulos, identificamos um elevado número de produções que continham ambas palavras-chaves. Procedemos então a mais um elemento de seleção. A saber: a leitura de seus resumos. Identificamos que a quase totalidade dos artigos não versavam sobre nosso objeto de estudo, sendo selecionado apenas o artigo de Gutierrez, Dotto e Alett (2016).

Com este processo inicial de busca, percebemos a necessidade de “abrir nossa cancha”, de modo a oportunizar uma quantidade maior de referências e, ainda, assegurar a boa qualidade dos artigos. Assim, iniciamos a busca junto ao “Google Scholar” mantendo as palavras-chaves e o critério de eleição dos artigos que as possuíam no título, seguido da leitura dos de seus resumos. Junto a este banco de dados foram encontrados, para além das duas referências citadas anteriormente, os artigos de Di-Giano (2008); Artavia-Loría (2008); Sanchez e Salermo (2012), Coon e Durbin (2013); Apelaz (2016); Gutierrez, Dotto e Allet (2016); Varotto et al. (2018), Varotto, Gonçalves Junior, Lemos (2017), Belmonte e Gonçalves Junior (2018). Portanto, aqui nos pareceu importante para nossa investigação os artigos publicados em revistas.

Procedemos a uma leitura crítica dos textos (dissertação e artigos), procurando compreender seus contextos de produção e colocar seus anúncios em relação com nossa própria práxis. Realizamos nosso último levantamento junto aos referidos bancos de dados no dia 28 de dezembro de 2018, tendo em vista o período hábil para incorporação de novos saberes e encerramento do ciclo de investigação representado por esta Tese.

Ao nos debruçarmos nas leituras, identificamos que os artigos de autoria de Artavia-Loría (2008) e Coon e Durbin (2013) foram amplamente utilizados e citados anteriormente por nós, cujos escritos estão focados em uma descrição do processo de fundação do *Clube Defensores del Chaco*, trazendo grandes contribuições para a presente contextualização da historicidade do *FC*. Contudo, embora sinalizem o momento de emersão do *FC*, os autores e autora dos citados artigos não se debruçam sobre ele, portanto, não aparecerão nesta seção novamente.

Junto com os citados autores e autora, também integrou a intencionalidade de situar o surgimento da metodologia do *FC* o próprio livro de autoria de Rossini et al. (2012), com o título “*Fútbol Callejero: Juventud, Liderazgo y Participación – Trayectorias juveniles en organizaciones sociales de América Latina*”. Este livro foi impresso pela *FuDe* (Buenos Aires) e foi apresentado por seus autores como sendo uma sistematização das

experiências⁴⁸ com a metodologia do *FC* com objetivo de refletir sobre a formação de lideranças juvenis por meio da vivência desta metodologia de Educação Popular (ROSSINI et al., 2012).

Este livro foi fundamental para a compreensão da intencionalidade política com a intervenção utilizando o *FC*, de tal modo que Rosini et al. (2012) apontam:

*La experiencia del Fútbol Callejero como herramienta para la integración se encuentra en plena expansión [...] la historia nasce del fútbol, que es la herramienta de convocatoria del pueblo, pero con eso solo no alcanza. Los procesos comunitarios tienen que ver con casualidades, con líderes, con las necesidades de los pueblos. Las organizaciones que participan del movimiento del Fútbol Callejero son parte de la organización de ese pueblo que se involucra y transforma el día a día desde las bases*⁴⁹ (p. 28 – grifos nossos)

Nesse sentido, foi indicado que o *FC* compõe uma frente de luta que, embora entenda que o futebol (esportivo/recreativo) seja uma importante estratégia para atrair as juventudes, a prática (esportiva/recreativa) por si só não opera as transformações desejadas. Os autores compreendem que a ação do *FC* se configura como mais uma frente de luta para a transformação da realidade quando ela se relaciona com a formação de lideranças locais e encampa as demandas do povo (ROSSINI et al., 2012).

Os três materiais citados (ARTAVIA-LORÍA, 2008; COON; DURBIN, 2013; ROSSINI et al., 2012) assumiram papel central para a descrição de nossa compreensão acerca do contexto de surgimento do *FC*, bem como de sua intencionalidade política voltada para emancipação da juventude.

Outro conjunto de artigos apontou para diferentes cenários de desenvolvimento da prática. Assim, Di-Giano (2008) apresentou em seu artigo suas impressões suscitadas por sua participação junto do seminário chamado, por ele, de “Futebol e Educação”, organizado na cidade de Mendoza – Argentina (não foi indicada a data). Sendo seu primeiro contato com a metodologia, o autor declarou certa indignação e espanto pela

⁴⁸ Estes autores anunciam que: “Foi assim que desde a *Fundación Fútbol para el Desarrollo – FuDe*, nos propusemos **sistematizar estas experiências**, indicando e descobrindo a partir das trajetórias destas jovens lideranças, quais eram as condições individuais e organizacionais que favoreciam a emergência e consolidação destas lideranças” (ROSSINI et al., 2012, p. 13 – tradução livre nossa, grifos nossos).

⁴⁹ “A experiência do *Futebol Callejero* como ferramenta para a integração se encontra em plena expansão. A história nasce do futebol, que é a ferramenta convocatória do povo, **mas com isso só não alcança**. Os processos comunitários têm a ver com casualidades, com lideranças, com as necessidades dos povos. As organizações que participam do movimento do *Futebol Callejero* são parte da organização deste povo que se envolve e transforma o dia a dia desde as bases (ROSSINI et al. 2012, p. 28 – tradução livre nossa).

ausência do método do *FC* em meio às práticas escolares, tecendo críticas à “critérios elitistas” para eleição dos conteúdos escolares. Nas palavras de Di-Giano (2008):

*Sin dudas, resultaría muy importante para lograr un salto cualitativo en nuestra sociedad que las autoridades educativas que seleccionan, casi siempre con criterios elitistas, que prácticas pueden adecuarse a la escuela y cuáles no, tengan en cuenta el fútbol callejero*⁵⁰ (s/p.).

Este autor ainda comentou que na Educação Escolar não eram aceitas as relações conflitivas vividas dentro do futebol, em sua modalidade recreativa. Deste modo, os embates afetivos e emocionais que costumam ocorrer nos demais espaços onde tal prática era desenvolvida, não eram desejadas que fossem reproduzidas no contexto escolar (DI-GIANO, 2008, s/p). O autor identifica que o *FC* possui potencialidade para a formação integral de seus participantes, crianças e adolescentes, dando destaque para valores, como o respeito, decorrente do cumprimento das regras e ainda diz que com o *FC* não há mais justificativas/desculpas para não incorporá-lo no conteúdo programático da escola. Nas palavras de Di-Giano (2008):

*Pero con la conformación de una nueva y creativa manera de jugar, propia del fútbol callejero, se derrumban todas las excusas para poder construir un puente más amistoso entre estas dos esferas relevantes de nuestra cultura. Porque el fútbol callejero enseña a respetar las pautas que el propio grupo fija. Y lo logra, llamativamente, en el marco de una sociedad que, ganada por la indolencia, invita a sortear los límites permanentemente para convertir la vida en un melodrama*⁵¹ (s/p.).

Com uma maneira bastante poética, o autor ressalta a aprendizagem da escuta como um processo que está em desuso na sociedade hodierna possibilitando processos de solidariedade. Ademais, também é sinalizada a potencialidade da autocrítica possibilitada pelos diálogos decorrentes do jogo, possibilitando uma espécie de amadurecimento nos/as participantes, uma vez que não há intervenções de agentes externos ao jogo. Assim, ao modo como iniciou, conclui fazendo a articulação entre as potencialidades de desenvolvimento do

⁵⁰ “Sem dúvidas, resultaria muito importante para alcançar um salto qualitativo na nossa sociedade que as autoridades educativas que selecionam, quase sempre com critérios elitistas, quais as práticas que podem ser desenvolvidas na escola e quais não podem, tenham em conta o *Fútbol Callejero*” (DI-GIANO, 2008, s/p – tradução livre nossa)

⁵¹ Mas, com a conformação de uma nova e criativa maneira de jogar, própria do *fútbol callejero*, se derrubam todas as desculpas para poder construir uma ponte mais amistosa entre estas duas esferas relevantes da nossa cultura. Porque o *fútbol callejero* ensina a respeitar as regras que o próprio grupo fixa. E o faz, nomeadamente, no marco de uma sociedade que, tomada pela indolência, convida a sortear os limites permanentemente par converter a vida em um melodrama” (DI-GIANO, 2008, s/p).

FC para o contexto escolar. Dentre elas, o enriquecimento da cultura popular. Di-Giano (2008) anuncia:

Sin dudas, el fútbol callejero está en condiciones de transmitirle muchas cosas positivas a la escuela que ha sufrido un marcado deterioro en las últimas décadas, si la misma tiene el coraje de abrirse a una práctica que utiliza las pasiones humanas para convertir a los diversos sujetos que intervienen en ella, en personas alegres y solidarias, enriqueciendo el campo de la cultura popular⁵² (s/p).

Dialogando com o campo escolar, estão o artigo de Varotto et al. (2018) e a dissertação de mestrado de Castro (2018). Neste primeiro artigo, os autores comunicam os processos educativos decorrentes de uma intervenção que realizaram junto a estudantes e o professor de Educação Física junto às aulas do citado componente curricular, em uma escola pública de São Carlos (SP/Brasil), para estudantes do Ensino Fundamental (1º ao 9º ano – não foi especificada a turma).

Em sua investigação, Varotto et al. (2018) sinalizam que após realização de redução fenomenológica dos dados de seus diários de campo emergiram três categorias temáticas. A primeira categoria apresentada foi “Para valer o gol a bola tem que passar por todos da equipe”. Nesta, os investigadores apontaram alguns processos educativos que emergiram do processo de apresentação do método do *Fútbol Callejero*, bem como do 1º Tempo, ou seja, dos momentos de estabelecimento de acordos para as regras. Nas palavras de Varotto et al. (2018):

O diálogo, o respeito, a compreensão e o estímulo à tomada de decisão coletiva são alguns dos processos educativos que foram possíveis de destacar nesta categoria, percebidos a partir da análise da convivência entre os/as participantes e os educadores (p. 113).

Seguindo com o processo de análise dos dados, também foi anunciada a categoria intitulada de “O mais importante não é o gol e sim os valores”. Nesta, ganharam destaque a participação de alunos/as no processo de Mediação: tanto como jogadores e jogadoras que dialogavam sobre as situações vivenciadas em jogo, quanto da execução da Mediação em si. Deste modo, Varotto et al. (2018) apontam o processo de autonomia decorrente do envolvimento das crianças para o desenvolvido do jogo.

⁵² “Sem dúvidas, o Fútbol Callejero está em condições de transmitir muitas coisas positivas à escola que tem sofrido uma percebida deterioração nas últimas décadas, se a mesma tem a coragem de se abrir para uma prática que utiliza as paixões humanas para transformar os diversos sujeitos que participam dela, em pessoas alegres e solidárias, enriquecendo o campo da cultura popular” (DI-GIANO, 2008, s/p.).

A última categoria apresentada pelos autores foi identificada como “Estaria melhor se eu tivesse jogado”. Nesta categoria foi elencada, de maneira exclusiva, a relação de gênero. Assim, ganhou maiores contornos a comunicação da insatisfação das meninas, decorrente da baixa participação, ou participação desigual. Todavia, os autores sinalizam que houve a observação da melhora na participação das meninas ao longo da intervenção. Tal percepção de melhora foi identificada pelos autores e pelos próprios/as estudantes.

Varotto et al. (2018) consideram que o *Fútbol Callejero* e a pedagogia dialógica freireana estabeleceram sinergia ao darem lugar de privilégio para o diálogo como elemento relacional entre toda gente envolvida, possibilitando que as diferentes percepções (ou “consciências” – de acordo com os autores) entretencessem novos saberes. Também foi conferida grande importância ao diálogo para a proatividade das meninas no momento de denúncia de suas insatisfações promovidas pela baixa participação.

Na dissertação de Castro (2018), esta autora também investigou a prática junto a estudantes do Ensino Fundamental (9º ano) de uma escola pública de escola de Bauru (SP/Brasil). Todavia, diferentemente dos autores citados anteriormente, Varotto et al. (2018), a autora da dissertação foi professora da turma na qual inseriu a prática do *FC*.

Castro (2018) também organizou seus saberes em categorias analíticas. Para tanto, analisou os dados reunidos em questionários aplicados aos/às participantes, bem como do registro de 15 diários de campo correspondentes ao desenvolvimento de sua intervenção com o *FC* durante 5 meses. Após fazer a triangulação dos dados por meio de análise de conteúdo, a autora identificou três categorias. A primeira foi intitulada como “A construção de valores mediada pela metodologia”, apresentando que, desde o seu ponto de vista, houve gradual mudança na atitude dos/as estudantes ao longo de sua intervenção, à medida em que a competição foi sendo atenuada pela preocupação em jogar com outrem.

Já na segunda categoria, “Estrutura e dinâmica da Metodologia *Callejera*”, a autora se dedicou em privilegiar a comunicação dos/as estudantes acerca da percepção que estes/as tinham sobre a dinâmica e da estrutura do *FC*, e que foram registrados em três questionários⁵³. Partindo de suas análises, Castro (2018) destacou que o *FC* contribuiu para despertar/ampliar o interesse dos/as participantes por “jogos mistos” (meninas e meninas jogando juntos).

⁵³ Castro (2018) apresenta ter aplicado o questionário em 3 momentos: No início da intervenção (Setembro) durante o desenvolvimento (Outubro) e ao final (Dezembro). O questionário aplicado em cada um destes momentos foi idêntico aos demais, ou seja, foram feitas as mesmas perguntas possibilitando o movimento/variações (ou não) de sentido que o o/a participante atribuía aos questionamentos levantados.

Com relação a ausência de um/a árbitro/a, a citada autora identificou não haver consenso entre os/as participantes, ponderando que as respostas presentes nos questionários, e que indicavam a predileção pela presença de um personagem arbitrando o jogo, poderia estar ligada à uma influência midiática, na qual a prática esportiva requisita a presença de um/a árbitro/a, ou ainda ser a expressão de uma relação já cristalizada pela escola na qual, Castro (2018) assevera:

[...] muitas vezes, acaba educando os alunos para acomodação e aceitação das ordens vigentes, criando um vínculo de dependência para com o professor por meio de uma relação assimétrica e vertical. Essa relação se vincula ao controle e que pode ser ampliada, aqui, também para o papel da arbitragem” (p. 93).

Castro (2018) ainda apontou que houve uma dificuldade inicial dos/as estudantes compreenderem a dinâmica do jogo em três tempos, mas que as crianças avaliaram positivamente a possibilidade “[...] resolver todos os acontecimentos do jogo, criar regras, conversar sobre o jogo com o outro time, prestar mais atenção nas próprias ações, jogar mais tempo [...]” (CASTRO, 2018, p. 96).

A terceira e última categoria elaborada pela autora ora apresentada foi intitulada de “Desafios e possibilidades da Metodologia *Callejera* na Escola”. Nesta a autora destaca a curiosidade e interesse dos/as estudantes pelo jogo que é disputado em três tempos, e também salienta que a boa receptividade dos/as participantes esteve vinculada ao gosto que estes/as possuíam pelas aulas de Educação Física. Ademais, Castro (2018) elencou que a dinâmica do jogo misto, somada aos momentos de diálogo, também foi fator fundamental para promover a reflexão com os/as os/as estudantes acerca de alguns temas sensíveis ao ambiente escolar, mas que costumeiramente a estrutura social os polemizam de maneira a inibir e a evitar⁵⁴ diálogos sobre os mesmos. A autora destaca, especificamente, a questão de gênero:

Com o desenvolvimento da temática, assuntos que eram censurados e reprimidos no ambiente escolar passaram a ser colocados em pauta, como a questão do gênero. Muitas dúvidas surgiram sobre esse assunto e até

⁵⁴ Aqui encontramos uma aproximação com os argumentos de Di-Giano (2008), quando este autor sinaliza que a escola, em seu contexto, refuta as atitudes, os comportamentos dos/as meninos/as que jogam futebol. Junto com o caso trazido por Castro (2018), não compartilhamos que existam “temas-tabus”, compreendemos que tudo o que compõe a esfera do existir pode e deve ser pedagogicamente trabalhado respeitando, em primeiro lugar, as liberdades individuais de cada pessoa, depois o contexto que envolve as pessoas em si, tais como suas relações com as normas/leis que regulamenta o funcionamento do espaço ou de ordem espiritual-religiosa, para citar alguns possíveis exemplos.

certos preconceitos por parte dos meninos (como por exemplo, o discurso machista em que se apoiavam) (p. 106).

A partir de sua investigação, Castro (2018) propôs a “Metodologia *Callejera*”. Assim, inspirada pelo método originalmente proposto por Fábian Ferraro, a autora distinguiu dois elementos em sua proposição, sendo eles: desenvolvimento da metodologia *callejera* no contexto escolar; adequação da metodologia *callejera* para outras práticas esportivas, para além do futebol. Com efeito, Castro (2018) pontua:

Seu conceito está estreitamente ligado à concepção do *Fútbol Callejero*, idealizado por Fábian Ferraro na década de 1990. No entanto, extrapola sua caracterização a outras práticas corporais, isto é, abrange seu potencial inclusivo e transformador para outras manifestações esportivas como o handebol, basquetebol e voleibol. Essa atitude de enquadrar outros esportes nesse método colabora para contestar a hegemonia do futebol frente às demais práticas e também viabilizar a vivência desses desportos em outros ambientes (p. 70).

Em continuidade ao nosso contato com as produções identificadas junto ao banco de dados da Google Scholar, identificamos que os outros três artigos encontrados sinalizaram para a prática do *FC* desenvolvida fora do contexto escolar. A saber: Sanchez e Salerno (2012), Gutierrez, Dotto e Allet (2016), Varotto, Gonçalves Junior, Lemos (2017).

Compreendemos ter sido muito proveitoso nosso contato com o artigo produzido por Sánchez e Salerno (2012). Estes autores descrevem o processo de implantação e desenvolvimento do *FC* em *Chos Malal*, distrito (província) de *Neuquén*, na *Argentina*. Por meio desta publicação os autores apresentam, sinteticamente, algumas experiências de desenvolvimento da prática do *FC*. Dizemos que foi muito proveitoso pelo engajamento assinalado na descrição que fazem da organização de torneio com equipes de bairro, bem como em contexto escolar junto aos/às estudantes do nosso, equivalente, 7º ano do ensino fundamental. Também tecem comentários acerca de suas experiências com a aplicação da metodologia do *FC* junto a professores e professoras de Educação Física, em um contexto argentino.

Sanchez e Salerno (2012) apresentam que o *FC* faz dos/as participantes seus/suas protagonistas, destacando o processo de escuta e de aprendizado da solidariedade como ação para superação do “salve-se quem puder”, individualista e muito aludido em um contexto social de valorização da competição e da meritocracia. Identificamos, com isso, aproximações com as reflexões de Castro (2018) sobre a influência da mídia e das práticas esportivizadas. Aqueles autores comunicam que os/as praticantes de *FC* vivenciam

processos de fortalecimento da autoestima, decorrentes dos momentos de diálogos empreendidos para defesa de pontos de vistas e argumentações. Ainda ponderam que, como “toda coisa boa”, tal processo leva tempo. Nos dizeres de Sánchez e Salermo (2012):

Cuando se cumplen los objetivos que se fueron plasmando sobre la marcha, se eleva, a través de una gama de argumentaciones, la autoestima de los protagonistas que pueden así sostener con firmeza las identidades individuales y colectivas que supieron construir en un proceso que requiere, como todas las cosas buenas, de tiempo. Finalmente todo se consigue con una dosis de valentía, porque a estos jóvenes les toca habitar un mundo social atravesado por un sinnúmero de incertidumbres⁵⁵ (s/p).

Segundo estes autores, tais aprendizados (protagonismo, escuta, solidariedade, autoestima) foram colocados como agentes que tencionaram o modo dos/as participantes encararem outras práticas desportivas que estão sendo desenvolvidas na sociedade, em especial, futebol espetacularizado. Tal antagonismo é identificado por Sánchez e Salermo (2012) como uma “*contracara*”, ou seja, a outra face da esportivização, que tem valorizado a competição em detrimento de outros modos de estarmos em relação a outrem, para tanto listam dados do ano de 2008:

En Boca estuvieron en las pruebas, 100 mil chicos, 25.800 fueron observados internamente en Boca y solo 42 fueron fichados [...] En el Club Tigre probaron a 10 mil chicos y solo ficharon a 90. [...] En Vélez pasaron 5.000 chicos por las pruebas del club, e incorporaron a 5. [...] En el Club Chacharita 3.000 chicos fueron probados y solo ficharon a 75. [...] En Estudiantes de Buenos Aires probaron a 300 chicos y solo 6 fueron fichados⁵⁶(s/p).

Os autores finalizaram o artigo traçando um panorama geral do *Fútbol Callejero* em *Chos Malal*. Nesta feita, ganharam destaques o desenvolvimento de jogos interescolares nos anos de 2009 a 2012; no verão de 2010 e 2011 foram desenvolvidos torneios de *FC* com suas partidas sendo disputadas na areia, inspirando a incorporação do “Vôlei de praia misto”. Ainda em 2011 também foi ministrado como conteúdo programático

⁵⁵ “Quando se cumprem os objetivos que foram plasmados sobre a marcha, se eleva, através de uma gama de argumentações, a autoestima dos protagonistas podem assim sustentar com firmeza as identidades individuais e coletivas que souberam construir no processo que requereu, assim como todas as coisas boas, de tempo. Finalmente tudo se consegue com uma dose de valentia, porque estes jovens os tocam habitar um mundo social atravessado por um sem número de incertezas (SANCHEZ; SALERMO, 2012, s/p – tradução livre nossa).

⁵⁶ “No *Boca*, estiveram nas seletivas, 100 mil garotos, 25.800 foram observados internamente no *Boca* e somente 42 foram contratados [...] No *Club Tigre* testaram 10 mil garotos e contrataram somente 90. [...] No *Vélez* passaram 5.000 garotos pelas provas do clube, e incorporaram 5. [...] No *Clube Chacharita* 3.000 garotos foram testados e contrataram somente 75. [...] No *Estudiantes de Buenos Aires* testaram 300 garotos e somente 6 foram contratados. (SANCHEZ; SALERMO, 2012, s/p – tradução livre nossa).

da disciplina “*Juego y Recreación*” junto à formação de professores/as de Educação Física Instituto de Sêneca.

Gutierrez, Dotto e Allet (2016) recorreram aos relatos de jovens (meninos e meninas) que participaram do “Mundial de *Fútbol Callejero*”, organizado no Brasil (em 2014) e, também, daqueles/as que participaram da “Copa América 2015”, organizada na *Argentina* (no ano de 2015). Os autores e autora realizaram uma triangulação entre os relatos com os dados contidos no sítio eletrônico do “*Movimiento de Fútbol Callejero*”, em sua carta de princípios, buscando com isso, compreender como o *FC* poderia contribuir com os/as jovens praticantes em seu “desenvolvimento pessoal e capacitação para atuarem no espaço público como cidadãos e cidadãs” (GUTIERREZ; DOTTO; ALLET, 2016, p. 26).

Estes autores e autora trazem em sua introdução a origem do *FC* em bairro periférico e empobrecido, tal qual anunciado por Coon e Durbin (2013). Consideramos ser uma importante referência o apontamento de que nas buscas das origens do *FC*, a identificação de sua origem está nos futebolis jogados nas ruas, tais como afirmaram Coon e Durbin (2013), Artavia-Loría (2008) e Rossini et al. (2012). Deste modo, Gutierrez, Dotto e Allet (2016) sinalizam:

A ideia fundamental é voltar às raízes do futebol de rua, uma prática desportiva de lazer autorregulada, onde regras são previamente acordadas e tacitamente respeitadas por todos os participantes de um jogo, sem a necessidade de uma regulação ou autoridade externa (p. 20).

Com a triangulação dos dados promovidos no estudo ora apresentado, emergiram três categorias. A primeira foi intitulada como “A orientação político-pedagógica do *Movimiento Futbol Callejero*”. Nesta foram ressaltadas a ressonância do processo de gestão do movimento, em especial, da realização dos dois eventos com os horizontes políticos-epistemológicos acerca da juventude. Ressaltando o amplo processo de participação dos/as jovens na construção dos eventos.

Por sua vez, na categoria intitulada de “Protagonismo e participação juvenil” foi lançado um olhar, sucinto, sobre a busca pela identificação de lideranças. De maneira assaz, os autores e autora sinalizam a preocupação para que não se incorra no risco de confundir liderança democrática, com a perspectiva de uma liderança autoritária, de maneira que Gutierrez, Dotto e Allet (2006) ressaltam:

Ao mesmo tempo, podemos observar a importância do futebol para a aproximação dos jovens com o tema da cidadania. A capacidade de mobilização e de geração de vínculos presente no futebol, assim como seus códigos previamente conhecidos e seu caráter popular, envolve a juventude

pelo afeto e emoção em práticas que possibilitam um protagonismo juvenil autêntico. Essa orientação muda consideravelmente a perspectiva de que os temas da vida democrática acontecem em esferas longínquas e sem sentido, aproximando processos participativos de temas do interesse juvenil (p. 27).

Estes autores e autora apresentaram na síntese de sua terceira categoria, intitulada de “Apropriação de espaços como territórios de juventude cidadã”, que foi muito assertivo o desenvolvimento dos dois eventos (Mundial de *Fútbol Callejero* e Copa América, 2014 e 2015 – respectivamente) no qual o horizonte destas ações indicaram a intencionalidade de apropriação dos espaços públicos-centrais, despontando a percepção dos autores e autora acerca da importância que estes territórios possuem para o processo de construção de identidade juvenil.

Gutierrez, Dotto e Allet (2016) também identificaram que na categoria “Diálogo como meio de solução de conflitos”, foi atribuído destaque de duas dimensões: A primeira foi o diálogo perpassando os três momentos da prática, instituindo um caráter coletivo de construção da vivência. A outra dimensão nos comunicou que a constituição das regras permitiu a transformação do jogo, ou, conforme apresentado pelos autores e autora:

Em um mundo de normas prontas e condutas normalizadas, onde a necessidade de reflexão, de argumentação e de assumir responsabilidades está perdendo espaço, percebe-se que essa metodologia institui um espaço construtivo de diálogo que desenvolve a capacidade crítica, a reflexão, a confiança e a construção coletiva (p. 28).

Diante dos estudos, os autores e autora concluíram que os eventos analisados (Mundial e Copa América) corroboraram com os marcos referenciais políticos-pedagógicos trazidos pelo *Movimiento de Fútbol Callejero* em sua “Carta de Princípios”. Ademais, destacaram a sinergia da metodologia com ações junto aos eventos, que conferiram protagonismo dos/as jovens para a construção das atividades e apropriação dos espaços (GUTIERREZ; DOTTO; ALETT, 2016).

Finalizando nosso processo de revisão de literatura, apresentamos o artigo de Varotto, Gonçalves Junior e Lemos (2017), que foi produzido a partir de uma intervenção junto ao grupo de crianças e adolescentes participantes no contexto do VADL-MQF, realizada no período de agosto de 2015 e fevereiro de 2016. Os citados autores apresentaram que o objetivo deste estudo foi compreender os processos educativos que emergiram da prática social da Mediação, durante a prática do *FC*, que foi desenvolvida no contexto ora apresentado (VAROTTO, GONÇALVES JUNIOR; LEMOS, 2017).

Estes autores registraram suas experiências de inserção por meio de diários de campo, totalizando dez registros que formaram suas fontes de dados para o processo de redução fenomenológica com a conseguinte formação de categorias, que foram: “Diálogo respeitoso” e “Jogar com outrem” (VAROTTO, GONÇALVES JUNIOR; LEMOS, 2017).

Com relação à primeira categoria, o processo educativo de “Diálogo respeitoso” emprestou seu nome. Deste modo, foram identificados excertos dos diários de campo que apontavam para os momentos em que o respeito balizou a convivência entre os/as participantes. Ganharam destaque os momentos para a construção das regras, o que envolveu “saber escutar” o outrem.

Já na categoria “Jogar com outrem”, os autores destacaram os processos educativos da “cooperação” (VAROTTO; GONÇALVES JUNIOR; LEMOS, 2017, p. 96). Este processo esteve relacionado com o “olhar atentamente o outro” (p. 96); com a “construção de um ambiente favorável para todos/as” (p.97); com as atitudes de “elogiar a jogada dos outros” (p. 97). Todas estas ações foram empreendidas ao longo de uma partida.

Na porção conclusiva de seu artigo, Varotto, Gonçalves Junior e Lemos (2017) consideram que ao longo do desenvolvimento os/as participantes foram identificando diferenças entre a prática de futebol esportivizada e o *FC*, no qual houve valorização pela participação em detrimento da vitória; possibilidade de meninos e meninas jogarem juntos compartilhando o mesmo espaço.

Do mesmo modo que Castro (2018) apontou para processos educativos vivenciados por ela mesma (educadora-investigadora), Varotto, Gonçalves Junior, Lemos (2017) também teceram considerações semelhantes, destacando que para eles, educadores-investigadores, ao praticarem a Mediação:

[...] foi fundamental exercer afastamento para que os diálogos entre os/as participantes não fossem interrompidos e que eles/as encontrassem as soluções ao mesmo tempo em que construíam relações dialógicas e cidadãs. Processo que envolveu educar, educar-se, educar-nos, para a escuta, mais do que para a fala, evitando [...] roubar a palavra dos/as demais. Nesta construção há avanços e retrocessos, mas que nunca voltam à estaca inicial, e desencadeiam, inclusive, o processo educativo da autocrítica [...] (p. 99).

O levantamento que apresentamos aqui contribuiu para o estabelecimento de um diálogo entre os saberes que emergiram de nossa prática com os saberes já comunicados por outras/os colegas que se debruçaram em investigações sobre o *FC*.

Antes de iniciar nossa apresentação do próximo capítulo, vamos conduzir o leitor ou leitora pela última problematização que compõe este 2º Momento. A saber: *Que procedimentos vamos seguir?* (JARA-HOLLIDAY, 2018).

2.5 Que procedimento vamos seguir? Plano de investigação

*El producto de este segundo momento es un plan de sistematización, bien estructurado, de acuerdo con las condiciones organizativas y personales de quienes lo impulsan, en el que habrá coherencia y correspondencia entre sus distintos elementos: el objetivo preciso que se busca, la delimitación adecuada del tiempo y espacio de la experiencia, el eje central que articula los aspectos que más interesan, las fuentes de información y la organización de actividades, responsables, instrumentos a utilizar [...]*⁵⁷ (JARA-HOLLIDAY, 2018 p. 149-150).

Neste tópico apresentamos os procedimentos encaminhados para a participação na experiência, de maneira a destacar os encaminhamentos necessários para o desenvolvimento da pesquisa. Iniciamos destacando que em consonância com os preceitos éticos substanciados em nossa trajetória, também colhemos das crianças, adolescentes, educadores e educadoras (nossa equipe co-laboradora, conforme identificamos) o aceite para a participação firmado por meio de **assinatura em Termo de Assentimento e de Consentimento Livre e Esclarecido**⁵⁸.

Nossa ação investigativa procurou se configurar como uma inserção cuidadosa na qual colocamos nossos conhecimentos e habilidades inerentes ao trabalho de pesquisar a serviço da comunidade do VADL-MQF, desde uma **perspectiva participativa** (BELMONTE; TAFURI, 2015; BRANDÃO, 1986; STRECK; ADAMS, 2012; STRECK, 2010). Diferente de uma perspectiva centrada na mera observação, que intencionalmente procura conservar um distanciamento entre investigador e o objeto de estudo desde uma (suposta) neutralidade no fazer científico, nossa participação primou pela participação-ativa na experiência, nos impelindo a compartilhar as responsabilidades pelo desenvolvimento das

⁵⁷ “O produto deste segundo momento é um plano de sistematização, bem estruturado, de acordo com as condições organizativas e pessoais de quem os propõe, ele expressará a coerência entre seus distintos elementos: o objetivo preciso que se busca, a delimitação adequada de tempo e de espaço da experiência, o eixo central que articula os aspectos que mais interessam, as fontes de informação e a organização das atividades, os/as responsáveis, instrumentos que serão utilizados [...]” (JARA-HOLLIDAY, 2018, p. 149-150 – tradução livre nossa).

⁵⁸ Tivemos o cuidado de colher o Assentimento das crianças e adolescentes e seus/suas respectivos/as responsáveis. Os educadores e educadoras também cumpriram com este requisito. Salientamos que, à exceção do pesquisador-doutorando (Maurício Mendes Belmonte) todos/as demais colaboradores/as desta investigação tiveram seus nomes substituídos por nomes fictícios. Na seção “Apêndices” (2; 3; 4) é possível visualizar um modelo de cada um dos nossos “Termos” que foi utilizado.

atividades; frequentar as reuniões para Planejamento, Avaliação e Formação da equipe do VADL-MQF; sermos co-responsáveis pela organização/preparação do espaço e dos materiais para as diversas vivências que foram desenvolvidas e apresentar contribuições no momento de confecção do diário de campo da equipe pedagógica do VADL-MQF.

O trabalho em campo para o desenvolvimento da prática do *FC* e de vivências inspiradas neste método **ocorreu às terças-feiras**, junto equipe co-laboradora que compuseram a **turma da tarde (período das 14h às 17h)**, totalizando treze encontros. Uma primeira ponderação que fazemos é que a escolha de nossa inserção às terças-feiras foi condicionada pela eleição que a equipe de educadores e educadoras fez para o desenvolvimento do *FC*.

Com relação à escolha do período da tarde nossa justificativa se amparou pela possibilidade de ampliação das contribuições que as investigações científicas podem promover para aquela comunidade. Chamamos “ampliação”, neste caso, porque entre os meses de agosto de 2015 e fevereiro de 2016 foi realizada pesquisa decorrente de iniciação científica, descrita junto ao artigo de Varotto, Gonçalves Junior e Lemos (2017), que teve como objeto de estudo a prática social da Mediação empreendida no contexto de desenvolvimento do *FC* às terças-feiras, justamente com a turma da manhã. Compreendemos, com isso, que seria oportuna uma análise feita a partir da convivência com os/as participantes do período da tarde, ampliando a contribuição para a comunidade participante do VADL-MQF.

Nos dois encontros iniciais foram confeccionadas notas de campo, desde a perspectiva de Bogdan e Biklen (1994), compostas por uma porção descritiva – contendo a caracterização do espaço, a descrição dos/as personagens, as atividades desenvolvidas, a sequência de desenvolvimento das vivências, para citar alguns elementos –, e uma porção reflexiva –, constando nossos comentários que versaram sobre nossas reflexões acerca do acontecimento observado por nós; nossa reflexão acerca das atitudes e/ou falas dos/as participantes; para citar alguns elementos de ordem reflexiva. Estas notas de campos (BOGDAN; BIKLEN, 1994), embora autênticas para o desenvolvimento de uma investigação pautada em perspectiva qualitativa, não consolidariam a nossa trajetória suleada pela atitude analética proposta por Dussel (1974; 1995; 2005), cuja convivência metodológica deve ser balizada pela responsabilidade que temos por outrem, de modo a estar atentos a sua voz, sua palavra reveladora.

Vale lembrar que, em nosso caso, “outrem” tratou ser pessoas as que compuseram a equipe co-laboradora, de maneira que esta palavra, esta voz se estendesse

para além do espaço-tempo do campo, adentrando em nosso momento de análise, síntese e interpretação crítica da experiência (4º momento da Sistematização de Experiências, conforme veremos no capítulo 4), ocasião em que realizamos uma redução fenomenológica (MARTINS; BICUDO, 1989; BICUDO, 2011; GARNICA, 1997). Com efeito, a utilização das notas de campo não possibilitaria a reconstrução dos diálogos e falas de maneira fidedigna ao que se manifestou no momento de seu acontecimento. Trazendo, com isso, não só uma fragilidade no momento de análise, mas uma incoerência tanto com a perspectiva analética, quanto com a redução fenomenológica aqui citadas.

Nossa providência, então, foi estabelecer ainda maior coerência e coesão interna com os métodos e procedimentos eleitos. Assim, para a construção de fontes documentais, encontramos em Mejía (2012) a orientação para o **registro da experiência a partir de filmagens** para captação de áudio e vídeo, que nas palavras do citado autor:

[...] de acuerdo a la mayor o menor fidelidad de lo que se quiere registrar, hay que buscar ayudas para mantener dicha fidelidad. En algunas ocasiones basta con el registro escrito, pero en determinado momento de definiciones o de punto de vista diferenciados, es necesario acudir al registro de audio o de vídeo⁵⁹ (p. 42).

Deste modo, a partir do terceiro encontro, após autorização da equipe co-laboradora, iniciamos as filmagens dos momentos de desenvolvimento do *FC* (1º Tempo e Mediação) e das ocasiões nos quais nós, educadores-investigadores, atuamos como coordenadores das vivências, ou seja, para além da prática do *FC*.

Para além dos treze encontros nos quais atuamos como coordenadores das vivências ministradas no VADL-MQF que, conforme sinalizado anteriormente, compreenderam o período de agosto de 2016 a janeiro de 2017, e após um período de suspensão de nossa inserção⁶⁰ voltamos a campo para a realização de mais duas atividades ligadas à nossa investigação. Em nenhuma destas foi desenvolvida a vivência do *FC*, tampouco práticas inspiradas em tal metodologia. Outrossim, em ambas ocasiões, tivemos como objetivo a promoção do diálogo com a equipe co-laboradora buscando compreender a percepção que estes/as possuíam acerca do *FC*.

⁵⁹ “[...] de acordo com a maior ou menor fidelidade do que se quer registrar, terá que buscar ajuda par manter a desejada fidelidade. Em algumas ocasiões o registro por escrito já é suficiente, mas em determinados momentos de definições ou de pontos de vista diferenciados, é necessário acudir ao registro de áudio ou de vídeo” (MEJÍA, 2012, p. 43 – tradução livre nossa).

⁶⁰ Este momento já foi descrito junto ao Capítulo 1 (“1º Momento”) no qual indicamos nossa participação junto ao Programa Doutorado Sanduíche no Exterior.

A primeira ocasião destes momentos de diálogos, identificamos como “**Diálogo Individualizado**” (19/12/2017 – terça-feira). Este encontro não estava previsto em nosso traçado metodológico inicial, se tratando de uma adaptação que oportunizou nossa escuta atenta aos participantes que sinalizaram possível ausência em nosso último encontro (este sim previsto em nosso desenho de pesquisa original). Deste modo, participaram do diálogo individualizado: David, Julha, Cauã e Carol. Estas/as participantes foram compreendidas, no contexto do VADL-MQF, como informantes-chaves, tendo em vista a frequência/assiduidade, mas também o alto envolvimento destes/as participantes com as nossas práticas.

A segunda ocasião foi identificada como a “**Roda de Conversa**” (21/12/2017 – quinta-feira). Esta foi prevista originalmente em nosso desenho de pesquisa e representou a nossa última inserção em campo no ciclo de investigação desta Tese. Para a concretização deste momento, na semana anterior ao dia Roda de Conversa, fizemos contato telefônico prévio, e também fomos a algumas residências para convidar as pessoas que compuseram a equipe co-laboradora, bem como os pais, mães e/ou responsáveis, pelas crianças e adolescentes participantes do VADL-MQF.

Com relação à Roda de Conversa, contamos com a participação de dez responsáveis (sendo sete mulheres e três homens). Somados aos/as responsáveis, participaram também vinte e três crianças e adolescentes que frequentaram as atividades da Parceria e duas crianças visitantes (que acompanharam seus responsáveis e/ou um familiar participante do projeto). Também compuseram este momento alguns educadores/as que contribuíram diretamente com o desenvolvimento da investigação, participando do Projeto no período de nossa inserção em campo como foi o caso da educadora Abayomi. Também participaram da Roda de Conversa a educadora Maria e os educadores Téo e Fernando, que somados a nós, educadores-investigadores (Maurício e Luiz, orientando e orientador, respectivamente), totalizamos a participação de quarenta pessoas.

Esclarecemos que esta última atividade de inserção em campo se configurou como um momento no qual apresentamos as “pré-categorias” que vinham sendo refletidas desde nosso exame de qualificação. Então, após dialogarmos sobre as vivências e dinâmicas do VADL-MQF, focamos para a apresentação e diálogo acerca do *FC* de modo a iniciar pela apresentação de imagens e comentários sobre a metodologia. Em seguida, apresentamos fotos e trechos das falas dos participantes que auxiliavam na estruturação das categorias. Esta Roda de Conversa foi fundamental para consolidar a comunicação dos saberes desde o ponto de vista da equipe co-laboradora, fundamentando um autêntico movimento analético,

de escuta atenta a outrem (DUSSEL, 1974; 1995): crianças, adolescentes, educadores e educadoras que participaram da experiência.

Ainda *suleados* por Mejía (2012), criamos em nosso computador pessoal diretórios/pastas onde arquivamos as filmagens que foram feitas através do uso de uma câmera fotográfica digital. As filmagens foram agrupadas por datas. Salientamos que fizemos três cópias de segurança destas “pastas”, por meio de gravação destes arquivos em três unidades de mídias do tipo Disco Digital Versátil- Regravável⁶¹. Uma das cópias foi guardada junto aos materiais pertencentes ao VADL-MQF, com fácil acesso para consulta da comunidade co-laboradora. Outra cópia ficou em posse do coordenador do VADL-MQF. A terceira cópia de segurança ficou em nossa posse (dos educadores-pesquisadores), somada ao arquivo original gravado no disco rígido do nosso computador pessoal. Portanto, há quatro documentos idênticos, sendo um o arquivo original acrescido de três cópias de segurança, cada um em um local distinto.

Foram criados um total de quinze diretórios/pastas. Em cada um destes/as está arquivado o registro de nossa inserção, referentes as datas de nossa inserção na qual atuamos como coordenadores das vivências (*FC* ou de outras motricidades lúdicas). Relembramos que apenas dois diretórios não possuem filmagens dentro de um total de quinze arquivos, pois, conforme apontamos anteriormente, começamos a registrar em vídeo a partir do terceiro encontro. As filmagens, para além de ser nossa fonte documental, nos auxiliaram para a consolidação do 3º Momento: Recuperação do Processo Vivido (Capítulo 3 - apresentado logo a seguir), contemplado a partir da confecção dos diários (MEJÍA, 2012).

Foram **confeccionados um total de quinze diários**, cujo recurso de filmagens assegurou a reconstrução e transcrição na íntegra dos diálogos empreendidos durante as vivências. Este procedimento – filmagens e conseguinte confecção dos diários – assegurou o posterior movimento de análise, síntese e interpretação crítica da experiência (JARA-HOLLIDAY, 2006; 2018), embasado na originalidade metodológica que estabelecemos, configurando uma *sistematização-analética-fenomenológica*.

Nossa travessia pela experiência, sendo *suleada* pelo método de Sistematização de Experiências, ganhou nesta Tese uma característica próxima ao movimento de sístole e de diástole cardíaca: expansão e contração. Assim, após um movimento expansivo de olhar para o contexto teórico, no capítulo a seguir intensificamos a presente contração caracterizando o “3º Momento – recuperação do processo vivido”.

⁶¹ Tradução livre para “*Digital Versatile Disc – Rewritable*”, coloquialmente chamado por sua sigla “*DVD-RW*”.

3º MOMENTO: RECUPERAÇÃO DO PROCESSO VIVIDO

Figura 9 – Abrindo a cancha do VADL-MQF.



Fonte: Acervo de imagens dos pesquisadores (2016)

Se penso, não é porque salto para fora do tempo num mundo inteligível, nem porque recrio toda vez a significação a partir de nada; é porque a flecha do tempo arrasta tudo consigo, faz com que os meus pensamentos sucessivos sejam, num sentido secundário, simultâneos, ou pelo menos que invadam legitimamente um a outro. Funciono assim por construção. Estou instalado sobre uma pirâmide de tempo que foi eu. Tomo distância, invento-me, mas não sem meu equipamento temporal, como me movo no mundo, mas não sem a massa desconhecida de meu corpo. O tempo é esse “corpo espírito”[...]. Tempo e pensamento estão emaranhados um no outro. A noite do pensamento é habitada por um clarão do Ser.

(MERLEAU-PONTY, 1991, p. 14).

Procurando manter a necessária coerência entre as providências encampadas para a concretização desta nossa investigação na qual procuramos identificar e compreender os processos educativos decorrentes da prática do FC, bem como dos momentos em que sua lógica de avaliação dos pilares serviu de referência para a análise da convivência entre os/as participantes durante as atividades diversificadas desenvolvidas no contexto do projeto VADL-MQF, chegamos ao seu 3º Momento.

Nesta ocasião, realizamos o que Jara-Holliday (2006; 2018) chamou de “recuperação do processo vivido”, se tratando do procedimento de reconstrução da história de maneira a possibilitar a ordenação e classificação das informações, pois, de acordo com as próprias palavras de Jara-Holliday (2018):

En este tercer tiempo vamos a entrar de lleno a la sistematización propiamente dicha, comenzando por un ejercicio fundamentalmente descriptivo y narrativo. Se trata de una exposición del trayecto de la experiencia, que nos permita objetivarla, mirando sus distintos elementos desde lejos. Es decir, tratando de no realizar aún la interpretación del porqué ocurrió cada situación, sino esforzándonos por expresarla de la forma más descriptiva posible, utilizando los registros con los que contamos como la fuente principal de información⁶² (p. 150).

A marcha exigida pela analética (DUSSEL, 1974; 1995; 2005) suleou nossa escolha pela filmagem como principal ferramenta de registro da experiência. Todavia, foi preciso converter as imagens e os áudios captados para a linguagem textual, de modo que foi imprescindível garantir um registro fidedigno da expressão, da palavra reveladora que nos comunicavam as pessoas que compuseram a equipe co-laboradora.

Nosso caminho foi ao encontro com a proposta de Mejía (2012) que sugere como um instrumento para sistematização de experiência a confecção do “Caderno de Notas”, ou “Diário Pessoal”. A intencionalidade com uso de tal instrumento esteve diretamente relacionada com a possibilidade de proceder à descrição da experiência, sem perder de vista nosso objetivo. Acerca do uso do diário, Mejía (2012) nos esclarece:

Este diario personal, pudéramos asimilarlo a lo que en el trabajo de investigación se llama “cuaderno de notas”, el cual es una herramienta en

⁶² “Neste terceiro tempo vamos entrar de cheio na sistematização propriamente dita, começando com um exercício fundamentalmente descritivo e narrativo. Trata-se de uma exposição do trajeto da experiência, que nos permita objetivá-la, olhando seus distintos elementos desde uma distância. Com isso, tratando de não realizar ainda a interpretação do porquê ocorreu cada situação, mas esforçando-nos por expressá-la da forma mais descritiva possível, utilizando os registros com que contamos como fonte principal de informação” (JARA-HOLLIDAY, 2018, p. 150 – tradução livre nossa).

donde en forma cronológica se va anotando todo lo que se hace, así como los hechos que tienen cierta significación (p. 36)⁶³.

Foram confeccionados quinze diários que se configuraram como nossa fonte documental e que foram utilizados no momento de análise (MEJÍA, 2012). Estes diários representaram uma grande quantidade de laudas, com efeito, para tornar a leitura de nossa Tese mais fluida, os deslocamos para a seção Apêndice 1.

Para uma fácil visualização e identificação do nosso processo de participação e registro da experiência apresentamos logo abaixo o “Quadro 2 – Registro da Experiência”. Neste, posicionado na primeira coluna da esquerda, estão identificados os diários junto das respectivas vivências que estiveram sob nossa coordenação. Também é possível visualizar quais os/as participantes, educadores/as, bem como os/as visitantes presentes em cada um dos quinze encontros.

Quadro 2 – Registro da Experiência (continua).

Diário e Vivências Desenvolvidas	Participantes presentes	Educadores/as presentes	Visitantes presentes
Diário I 23/08/2016 <i>FC + Pic-bandeira + Corrida-Pô</i>	David; Klevis; Marreco; Cauã; Julha; Digo; Dino; Caique; Cássio; Pontes	Romeu; Abayomi; Daenery; Maurício	Ricardo; Peter; Didi
Diário II 30/08/2016 <i>Vídeo sobre o FC</i>	David; Marreco; Nino Salvador Vieira; Lucas; Fernanda; Caique; Klevis; Julha; Digo; Dino; Cássio	Abayomi; Romeu; Daenery; Maurício	Ricardo
Diário III 06/09/2016 <i>FC + Tripé-bol + Derruba-Prefeito</i>	Julha; Fernanda; Klevis; David; Lucas.	Romeu; Dexter; Daenery; Biga; Abayomi; Maurício;	_____
Diário IV 04/10/2016 <i>FC + Pega-Corrente + Elefantinho Colorido</i>	Pontes; Dino; Esther; Quero-Quero; Cauã; Nino; Digo; Leão; Melissa	Rodrigo; Leonel; Abayomi; Maurício	_____

⁶³ “Este Diário Pessoal, poderíamos assimilá-lo ao que em trabalho de investigação se chama ‘cadernos de notas’, o qual é uma ferramenta onde em forma cronológica se vai anotando tudo o que se faz, assim como os feitos que têm certa significação (MEJÍA, 2012, p. 36 – tradução livre nossa).

Quadro 2 – Registro da Experiência (continuação).

Registro e Vivências Desenvolvidas	Participantes presentes	Educadores/as presentes	Visitantes presentes
Diário V 08/11/2016 My God + Jornalzinho + Piscina	Klevis; Nino; Pontes; Julha; David; Quero-Quero; Leão; Esther; Lucas; Cauã; Digo; Dino; Fernanda	Rodrigo; Leonel; Abayomi; Maurício	Melissa Freitas Silva; Jovico; Dadá; Carneiro; Milena
Diário VI 22/11/2016 FC + Pega-Vampiro + Jornalzinho	David; Pontes; Fernanda; Marreco; Caique; Cássio; Klevis; Digo; Esther; Dino	Leonel; Abayomi; Maurício	Milena; Melissa; Amigo da Belisa; Dadá
Diário de Campo VII 29/11/2016 Capoeira + Jornalzinho + Garrafobol	Pontes; Quero-Quero; David; Julha; Leão	Leonel; Rodrigo; Abayomi; Maurício	José; Amigo da Belisa; Jão
Diário de Campo VIII 06/12/2016 FC + Jornalzinho + Bexigôlei	Lucas; Sereno; Julha; David; Cauã; Marreco	Rodrigo; Maurício	Dadá; Milena
Diário de Campo IX 13/12/2016 Piscina + Malabarismo	Cauã; Lucas; Marreco; Esther; David; Julha	Abayomi; Rodrigo; Leonel; Maurício	Caique; Cássio; Queops; Senet; Vitória, Jéssica, Kid; Davi-Luiz; Digo; Matheus; Liriel; Stuart; Fiorella; Natália
Diário de Campo X 10/01/2017 Doce-ou-salgado + Duro de Matar + Combatentes do Brasil	David; Denão. (irmão do David); Julha; Cássio; Caique	Leonel; Lilo; Maurício	Salomão; Davi-Luiz; Digo
Diário de Campo XI 17/01/2017 Jogos de Tabuleiro + Imagem e Ação	Dinho; Carol; Cauã; David; Julha	Leonel; Abayomi; Rodrigo; Maurício	Manoel; Matheus; Leco; Ana; Laura; Ariane; Michele; Cris; Naná; Ruan; Charles
Diário de Campo XII 24/01/2017 Fútbol Callejero; Capoeira; Corrida de revezamento	Esther; Marreco; Cauã; Carol; Julha; Caique; Cássio	Rodrigo; Leonel; Abayomi; Maurício	Stuart; Jovico; Charles; Naná; Michele; Ariane; Lalá; Davi-Luiz; Mili; David; Gabriel Primo do Marreco 3; Natan Primo do Marreco 2; Renam Primo do Marreco 1; Kainã; Ruan; Leco; Cris; Digo; Manoel; Ana; Irmã do Leco; Laura

Quadro 2 – Registro da Experiência (conclusão).

Registro e Vivências Desenvolvidas	Participantes presentes	Educadores/as presentes	Visitantes presentes
Diário de Campo XIII 31/01/2017 Pic-bandeira e Capoeira	Dinho; Theus; Cássio; Caique; Carol; Julha; Cauã; Belisa	Leonel; Abayomi; Maurício	Michele; Manoel; Naná; Kainã; Allan ; Hugo; Dinho; Laerte; Laura; Lucas; Leco; Ana; Cris
Diário de Campo XIV 19/12/2017 Diálogo Individualizado	David; Julha; Cauã; Carol	Maurício	
Diário de Campo XV 21/12/2017 Roda de Conversa	Cauã; Esther, Marreco, Dino; Digo; Ben; Jovico Caetano; Leão; David; Julha; Klevis; Nino; Dinho; Theus, Belisa; Carol	Maria; Abayomi, Téo; Fernando; Maurício; Luiz	Crianças e adolescentes Davi-Luiz; Vitor Hugo; Manoel; Prima do Ben; Primo do Ben; Hugo; Lia; Isadora; Babi Responsáveis Pai do Cauã, Mãe do Dino/Digo; Mãe do Ben; Mãe do Dinho; Pai do David; Pai do Klevis; Mãe da Julha; Mãe do Quero-Quero; Mãe do Leão

3.1 Futebol Callejero uma motricidade emergente presentificada no VADL-MQF

Existiu em nossa jornada uma complexidade que envolveu a nossa ação educativa em campo e que esteve intrinsecamente relacionada com a produção da presente Tese. Ao nos referirmos a complexidade fazemos alusão ao sentido de “trama”, de “tecitura” com o qual nossos alicerces filosóficos-epistemológicos se relacionaram, tanto com a metodologia do *FC*, quanto para a concretização de ações junto à equipe co-laboradora no contexto do VADL-MQF. Foi a partir desta trama que emergiu nosso objeto de estudo. Cumpre-nos, então, *des-envolver* parte dessas relações/tecituras que foram estabelecidas para que o leitor ou leitora possa compreender, a fundo, nossa inserção em campo e nossas ações, tanto como educadores, quanto como investigadores.

Nosso ponto de partida para ação em campo se fixou na compreensão acerca do fenômeno humano proposta pela perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty (1991;

2015). Para este autor, nós, seres humanos, não representamos dualismos estabelecidos pelas ideias cartesianas tais como matéria-espírito, corpo-mente ou alma-carne. Tampouco, poderíamos nos entender como sendo a justaposição de órgãos cujo funcionamento sincrônico, tal qual a máquina de um relógio, garantiria nosso viver. Para o citado autor, somos um todo amalgamados/as e presentificados/as pelo corpo que somos e com o qual nos situamos em relação a outrem, que também é um outrem-corpo que se manifesta diante de um Eu, ou ainda este outrem-mundaneidade (outros seres da Vida). Nas palavras de Merleau-Ponty (2015):

Se, refletindo na essência da subjetividade, eu a encontro ligada à essência do corpo e à essência do mundo, é porque minha existência como subjetividade é uma e a mesma que minha existência como corpo e com a existência do mundo, e porque finalmente o sujeito que sou, concretamente tomado, é inseparável deste corpo-aqui e deste mundo-aqui. O mundo e o corpo ontológicos que reconhecemos no coração do sujeito não são o mundo em ideia ou o corpo em ideia, são o próprio mundo contraído em uma apreensão global, são o próprio corpo como corpo-cognoscente (p. 547).

A perspectiva promovida por esta fenomenologia existencial confronta o cogito fundacional cartesiano, que dá primazia à razão em detrimento da existência. Essa primazia não encontra amparo em Merleau-Ponty (1991; 2015), que não identifica uma justaposição das substâncias pensante e extensa pois, para o citado autor, “corpo é elemento”. Sua filosofia nos comunica que é justamente nossa existência que nos permite pensar – inclusive sobre a nossa própria condição de existência. Com isso, em lugar de afirmar “Penso, logo existo” – como sugere o cogito cartesiano –, a partir de Merleau-Ponty (2015) poderíamos afirmar que “penso, porque existo”. Nas palavras do citado autor:

Na proposição "Eu penso, eu sou", as duas afirmações são equivalentes, sem o que não haveria Cogito. Mas ainda é preciso entender-se sobre o sentido dessa equivalência: não é o Eu penso que contém eminentemente o Eu sou, não é minha existência que é reduzida à consciência que dela tenho, é inversamente o Eu penso que é reintegrado ao movimento de transcendência do Eu sou e a consciência à existência (p. 513).

Esta fenomenologia existencial suscita refletir, inclusive, sobre as bases do conhecimento produzido por uma ciência moderna que, privilegiando a razão em detrimento da existência fundamentada na percepção sensível do mundo e de outrem, estabeleceu modos de produzir conhecimento que, como um sobrevoo, está sempre afastado da concretude e nunca toca, ou (re)pousa na realidade concreta.

O movimento epistemológico proposto pela fenomenologia merleau-pontyana nos indica que somos seres inacabados, inconclusos e com vocação existencial para transcendermos esta efêmera condicionalidade. Para operar essa transcendência, se faz necessário um movimento de interrupção com o fluxo de viver da objetividade e das aparências, de maneira a voltar nossa atenção, nossa “intencionalidade operante” – que subjaz o movimento de apreender (com este corpo que somos) – para a coisa inicialmente percebida buscando superar sua aparência, seu dado pré-teorético, e adentrar na compreensão de sua essência, conferindo-lhe sentido(s). Nas palavras de Merleau-Ponty (2015):

A percepção é justamente este gênero de ato em que não se poderia tratar de colocar à parte o próprio ato e o termo sobre o qual ele versa. A percepção e o percebido têm necessariamente a mesma modalidade existencial, já que não se poderia separar da percepção a consciência que ela tem, ou antes, que ela é, de atingir a coisa mesma (p. 500).

Neste movimento fenomenológico de perceber o mundo, as coisas e outrem, não há apriorismos, pois é preciso que a coisa exista para uma consciência que lhe apreende e lhe confere sentidos (MERLEAU-PONTY, 2015). Nesta esteira, Sérgio (2003) define a sua proposta da “Ciência da Motricidade Humana”, tendo como elemento fundante a motricidade que por ele é definida como:

A energia para o movimento centrífugo e centrípeto da personalização. Por outras palavras: é a energia para o movimento intencional da superação (ou da transcendência). Mas superação a todos os níveis: físico, social, político e espiritual. A transcendência não pode ser física unicamente. O movimento é parte de um todo – o ser finito e carente que se transcende. A motricidade é o sentido desse todo, estando por isso presente nas dimensões fundamentais do ser humano, actualizando-as (p. 70).

Sérgio (2007) compreende que a motricidade é o movimento humano para superação, para a transcendência, ou para ser mais. Com efeito, propõe a “Ciência da Motricidade Humana” (CMH) na qual, procurando se diferenciar da então chamada área da Educação Física, esclarece:

[...] não nos limitamos à área do “movimento”, mas do “movimento intencional”, ou seja, da “motricidade”, de acordo com a definição da escola fenomenológica. Parece-nos indubitavelmente, ser a Motricidade Humana o nosso objeto de estudo e o espaço em que se concretiza uma prática profissional. O Desporto, a Dança, a Ergonomia, a Reabilitação Psicomotora e enfim os vários aspectos da motricidade, do jogo ao trabalho, passando pela saúde, o lazer e a educação, são as especialidades que despontam da CMH (p. 35).

Podemos especificar os campos de atuação da Ciência da Motricidade Humana, pois baseados em Sérgio (1986), identificamos se tratar das “Condutas Motoras: o comportamento motor enquanto portado de significação, de intencionalidade, de consciência clara, expressa e onde há vida, vivência e convivência” (p. 21). Assim, estabelece alguns campos de investigação: a saber: a Ludomotricidade – cultura, arte, desporto desenvolvido desde uma perspectiva “de improdutividade, liberdade e festa” (p. 22); a Ludoergomotricidade – desporto, dança e circo “[...] e do treino que o precede o acompanha [...] sempre que se exigem altos rendimentos” (p. 22); a Ergomotricidade – com olhar voltado para o trabalho “[...] observado e controlado sob o ângulo do rendimento e da produtividade” (p. 22); Educação Motora ou Educação Corporal: “[...] sendo o ramo pedagógico da Ciência da Motricidade Humana procura o desenvolvimento das faculdades motoras imanentes do indivíduo [...]” (p. 22), tal qual temos a Educação Física Escolar atualmente.

Para além destes saberes, no contexto do VADL-MQF cuidamos para que outros saberes fossem postos em diálogo para construção de ações que se identificassem com um projeto de Educação Popular posto em interfaces com o Jogo/Ócio/Lazer. Estes saberes conferiram uma base de elaboração tanto acadêmica, como de outros contextos, tais como aqueles oriundos das experiências vividas e comunicadas pelos/as próprios/as crianças, adolescentes e educadores/as. Esta solidariedade entre os saberes, colocados desde uma relação horizontal, caracterizou a chamada busca pela “ecologia de saberes”, a qual Santos (2009b) comunica como sendo:

[...] o conhecimento como intervenção no real – não o conhecimento como representação do real – é a medida do realismo. A credibilidade da construção cognitiva mede-se pelo tipo de intervenção no mundo que proporciona, ajuda ou impede. Como a avaliação dessa intervenção combina sempre o cognitivo com o ético-político, a ecologia de saberes distingue a objetividade analítica da neutralidade ético-política (p. 49).

Em nossa apropriação da metodologia do *FC*, percebemos haver uma ressonância entre as intencionalidades educativas de ambas práticas (VADL-MQF e *FC*), as duas reúnem esforços para promover formação para o protagonismo e emancipação dos/das participantes da atuação educativa. Esta ecologia se materializou no dia a dia de nossas ações, firmando a horizontalidade nas nossas relações, tal qual também é proposto pela pedagogia dialógica de Freire (2018a; 2018b; 2018c; 2018d) que, em campo, representou o processo de escuta atenta nos momentos de diálogos empreendidos durante a Roda Inicial, Roda Final, bem como durante o 1º e o 3º Tempo do *FC*.

Nos momentos de organização de Roda Inicial procurávamos promover: o acolhimento dos/as participantes e, com isso, oportunizar a comunicação e o diálogo: acerca das novidades que estes/as vivenciaram ao longo da semana; sobre acontecimentos decorrentes dos seus mundo-vidas; para o estabelecimento de acordos sobre a dinâmica de desenvolvimento das atividades que estavam programadas; para comunicação e troca de saberes; para o levantamento de temas geradores que eram convertidos em conteúdo programático da Parceria⁶⁴.

Estes diálogos possibilitaram que nós, que compusemos a equipe co-laboradora, voltássemos nossa percepção para as comunicações que cada participante objetivava a partir de suas falas. Uma vez anunciadas e postas como objeto de diálogo, procurávamos direcionar nossa motricidade para sua compreensão e significação, que era posta em ecologia.

Portanto, o diálogo com outrem se mostrou como elemento fulcral de nossa ação em campo, assumindo o papel de leitura de mundo, de conscientização para projeção de outras possibilidades de agir com-outrem-ao-mundo vislumbrando a transformação da realidade. Nas palavras de Freire (2018a):

Quando tentamos um adentramento no diálogo como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontramos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos. Esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões; ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical, que sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressent, imediatamente, da outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí, que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo (p. 107).

No âmbito do Projeto, também foram realizadas as Rodas Finais, organizadas de maneira a oportunizar diálogos nos quais nós, da equipe co-laboradora, procurávamos: avaliar as vivências desenvolvidas ao longo de um encontro; ampliar o processo de escuta atenta aos gostos e interesses para elaboração da programação referente ao Jogo de Integração; desfrutar do nosso lanche – que foi prioritariamente composto por duas frutas da

⁶⁴ Para um maior aprofundamento acerca do trabalho de “levantamento temático” desenvolvido no contexto do VADL, indicamos a consulta ao estudo de Belmonte (2014), que se deteve especificamente na realização de investigação sobre o processo de levantamento dos temas geradores e a/o respectiva conversão/desenvolvimento dos temas para/como conteúdo programático nas ações do VADL que foi realizada no ano de 2012. Salientamos que no período que compreende a presente investigação doutoral acompanhamos apenas uma ocasião de levantamento temático feito com os/as participantes. Esta ocorreu justamente durante a realização da Roda Inicial do dia 10 de janeiro de 2017 (capturada em vídeo), primeiro dia de atividades após terminado o recesso de final de ano no Clube dos Metalúrgicos.

época/estação; para escolha de temas que embasaram as reportagens e entrevistas do nosso “Jornalzinho”.

Estas ações de formação de roda procuraram estabelecer a experiência do diálogo, da escuta atenta, do respeito e da acolhida a outrem. Ademais, procuramos amplificar o exercício de superação dos dados objetivos, da procura por transcender a aparência dos fenômenos requisitando dos/as participantes o sentido das “coisas” que nos comunicavam. Para tal, nos lançamos em direção dos horizontes da motricidade entendida por Sérgio (1998) como:

[...] mais do que movimento é status ontológico, que permite uma correspondência súbita, pré-consciente às solicitações do mundo que a condiciona. A motricidade diz-nos que o mundo está dentro de nós, antes de qualquer tematização. Porque o homem é portador de sentido – daí a sua intencionalidade operante, ou motricidade (p. 133-134).

A Motricidade tratou, então, desta ação de nos colocarmos em direção a algo para apreendê-lo como um dado da consciência e superar sua objetividade, sua aparência, de maneira a conferir-lhe um sentido. Para tanto, conforme previsto por Sérgio (1998; 1986; 2003; 2007), precisou que tanto o Eu da motricidade, quanto o “algo” para o qual a intencionalidade se voltou existissem, como co-presenças simultâneas, uma para outra, no mundo, quer dizer: nossa pedagogia, ao abrir para o diálogo com a equipe co-laboradora acerca de suas realidades e das ações concretas que elas empreenderam umas-com-as-outras no desenvolvimento do projeto, requisitou dos/as participantes a percepção de que eles existem tanto como protagonistas de suas ações, como co-autores/as da significação do mundo e de outrem que também são (co)existentes e que condicionam o nosso (com)viver.

Estes saberes sobre a motricidade foram o nosso ponto de partida para a práxis educativa vivenciada com as crianças, adolescentes, educadores e educadoras, representando nosso movimento de busca de significação de nossas próprias ações, para transcender com os dados objetivos da realidade (SÉRGIO, 1998; 1986; 2003; 2007). Para tanto, desenvolvemos rodas de diálogos que ora anteciparam nossas motricidades lúdicas (Roda Inicial e/ou 1º Tempo), ora foram organizadas de maneira posteriores às práticas (Mediação e/ou Roda Final). Em nossa práxis, as rodas buscaram potencializar a horizontalidade das relações e oportunizar a ecologia de saberes, no qual nenhum/a de seus/suas integrantes (educadores/as, crianças/adolescentes, investigadores, Mediador/a) ocupava centralidade de maneira a estabelecer hierarquias de poder (FREIRE 2018a; SANTOS, 2009a).

Outra intencionalidade que colocamos em pauta durante o desenvolvimento das rodas de diálogo foi a do estabelecimento do “olho-no-olho”, caracterizado pelo contato visual que nos permitiu, mais do que ouvir a voz de outrem, identificar que este outrem era um rosto presentificado, outro/a outrem diante de nós, que se apresentava em sua inteireza corporeificada (SÉRGIO, 1986; 1998; 2003; 2007), oportunizando relações pautadas pela empatia e pela alteridade como modos de estarmos sendo em nossa co-implicação no mundo, pois segundo Merleau-Ponty (2015):

Pela reflexão fenomenológica, encontro a visão não como “pensamento de ver”, segundo a expressão de Decartes, mas como olhar em posse de um mundo visível, e é por isso que aqui pode haver para um olhar de outrem, este instrumento expressivo que chamamos de um rosto pode trazer uma existência assim como minha existência é trazida pelo aparelho cognoscente que é meu corpo (p. 471).

A formação dos círculos desenvolvida no contexto do VADL-MQF também buscou oportunizar o aprendizado da escuta atenta durante o processo de “aprender a dizer sua palavra”. Para tanto, nos contextos circulares toda gente participante era orientada a levantar o braço para indicar seu interesse em participar do diálogo, de maneira a não interromper no fluxo de comunicação de outrem, para daí exprimir suas significações em torno do objeto-de-diálogo, ou para propor atividades e regras, ou para defender pontos de vista e/ou refutar respeitosamente o ponto de vista de outrem.

Comprendemos que a metodologia do *FC* ao conferir, desde suas bases fundacionais, amplitude e valorização da estética, dos saberes, gostos e interesses dos/as participantes, encontrou ressonância com nossas ações de Educação Popular, pautadas na Pedagogia dialógica, uma vez que Rossini et al. (2012) comunica que “*La elección por lo popular también se efectivizó en la pedagogía educativa en donde la instrucción no fue realizada desde el punto de vista académico, sino a partir de las propias prácticas*”⁶⁵ (p. 23-24).

Compartilhamos com Freire (2018a) a compreensão de que, enquanto seres humanos, nos diferenciamos de outros seres da Vida devido a nossa potencialidade para nos construirmos historicamente. Isso equivale a dizer que nos realizamos enquanto seres humanos à medida que tomamos parte de nossa existência, a partir de nossa ação/intervenção

⁶⁵ “A escolha pelo popular também se efetivou na pedagogia educativa na qual a instrução não foi realizada desde um ponto de vista acadêmico, mas desde as próprias práticas” (ROSSINI et al., 2012, p. 23 – tradução livre nossa).

na realidade, ao transformar o mundo, ao (re)criar cultura. Nesse sentido, Freire (2018a) nos comunica que tanto homens quanto mulheres, conscientes de sua atividade transformadora:

[...] ao atuarem em função de finalidades que propõem e se propõem, ao terem o ponto de decisão de sua busca em si e em suas relações com o mundo, e com os outros, ao impregnarem o mundo de sua presença criadora através da transformação que realizam nele, na medida em que dele podem separar-se e, separando-se, podem ficar com ele ficar, os homens [e mulheres], ao contrário do animal, não somente vivem, mas existem, e sua existência é histórica (p. 124).

Nossas ações em campo, à luz destes referenciais, tiveram como princípio fundante a compreensão de que nos constituímos como seres humanos desde a qualidade das relações que estabelecemos com outrem, com o mundo e com os demais seres da Vida, distanciando, portanto, de posturas reducionistas que classificam o ser humano desde critérios naturais que não ultrapassam uma especiação, ou ainda, enquanto objetos postos à serviço de algo ou de alguém.

Vemos, então, aproximação entre as intencionalidades atribuídas às práticas do *FC* de Rossini et al., (2012) e da Pedagogia dialógica de Freire (2018a; 2018b; 2018d), nomeadamente pautadas pela “Educação Popular” em ambas ações. Diante das adversidades e mazelas vividas pela juventude argentina, o propositor da metodologia do *FC*, Fábian Ferraro, procurou resgatar a potencialidade das juventudes empobrecidas que vinham sendo alijadas de suas existências ao serem tratadas como meros consumidores/as, servindo como objetos de um projeto político-econômico.

Embora o surgimento do *FC* tenha ocorrido na Argentina, encontramos aproximações entre aquela realidade com a que vivem um sem-número de jovens brasileiros/as e, podemos dizer, das demais juventudes empobrecidas latino-americanas, residentes em periferias que compõem o eixo sul do globo terrestre. Do mesmo modo que a juventude argentina, os/as jovens brasileiros/as que encontraram dificuldades de inserção no mundo do trabalho, ou que não conseguiram ingressar em carreiras técnicas ou de curso superior, também foram chamados/as de “nem-nem”, guardando o mesmo significado atribuído em Argentina.

Acerca deste tema, Martins (2014) argumenta que para tal identificação pejorativa a mídia teve ação direta, ao compartilhar os interesses de alguns seguimentos ligados às elites brasileiras, na qual: “A própria OCDE⁶⁶ faz referência a uma terminologia

⁶⁶De acordo com o sítio eletrônico do Ministério da Fazenda (BRASIL, 2015), a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) é uma organização transnacional composta por 34 países membros,

utilizada em especial pelos meios de comunicação de massas que é a situação ‘nemnem’, nem trabalho, nem estudo, nem treinamento [...]” (p. 16). A autora continua:

Chegando aos anos de 1990, o conteúdo visibilizado em torno do tema juventude não é mais de apatia política, retorna a agenda novamente como problema social através das questões da violência urbana, dos desregramentos, desvios manifestados pelos grupos de meninos de rua, gangues, galeras, vandalismos. Na sequência dos anos 2000, essa perspectiva praticamente foi mantida, acumulando um novo adjetivo, o nemnem, esse sim dirigido abertamente aos jovens, pobres, de periferia metropolitana, como aqueles que nem estudam, nem trabalham, nem buscam qualificação (p. 48).

Assim como expressiva parcela da população latino-americana, vivemos um condicionamento histórico que ao longo de séculos foi cristalizando ideologias de dominação. Ao lançar um olhar focal para a condição de ser um/a jovem latino-americano/a se faz necessário questionarmos, junto com tal público, as condicionalidades históricas nas quais estamos imersos. Ter consciência de tais condicionalidades nos permite compreender que todo o porvir possui uma relação direta com o passado. Quando lançamos nosso olhar para a condição de ser jovem Dayrell (2003) pondera:

Quando cada um desses jovens nasceu, a sociedade já tinha uma existência prévia, histórica, cuja estrutura não dependeu desse sujeito, portanto, não foi produzida por ele. Assim, o gênero, a raça, o fato de terem como pais trabalhadores desqualificados, grande parte deles com pouca escolaridade, dentre outros aspectos, são dimensões que vão interferir na produção de cada um deles como sujeito social, independentemente da ação de cada um. Ao mesmo tempo, na vida cotidiana, entram em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentidos, que dizem quem ele é, quem é o mundo, quem são os outros. É o nível do grupo social, no qual os indivíduos se identificam pelas formas próprias de vivenciar e interpretar as relações e contradições, entre si e com a sociedade, o que produz uma cultura própria (p.43).

O citado autor nos ajuda a refletir acerca da complexa condição de viver em um mundo anterior à nossa própria existência, e mais: em buscar alternativas dentro de contextos nos quais as elites teimam em querer (re)produzir formas dos/as jovens não existirem⁶⁷.

cuja maioria são considerados desenvolvidos, e alguns considerados emergentes como o caso do México, Chile, Coréia do Sul e Turquia. A organização tem como mote o intercâmbio de dados/informações com vistas a realizar um alinhamento das ações políticas dos países participantes.

⁶⁷ Freire (2018a) ainda assevera: “Por tudo isso é que defendemos o processo revolucionário como ação cultural dialógica que se prolongue em ‘revolução cultural’ com a chegada ao poder. E, em ambas, o esforço sério e profundo da conscientização, com que os homens [e mulheres], através de uma práxis verdadeira, superam o estado de objetos, como dominados, e assumem o de sujeito da História” (p. 216).

Em nossas ações educativas, compreendemos que foi preciso superar a naturalização das injustiças históricas, tal qual foi encampada na origem do *FC*. As ações no bojo da Parceria buscaram oportunizar o aprendizado do diálogo a partir de sua concreta experiência de fazê-lo, tematizando o “aqui e o agora” dos/as colaboradores/as, tais como nos jogos, nas ações e no mundo da vida que foram pautas de nossos diálogos, conforme ponderam Marturana e Verden-Zöllner (2004):

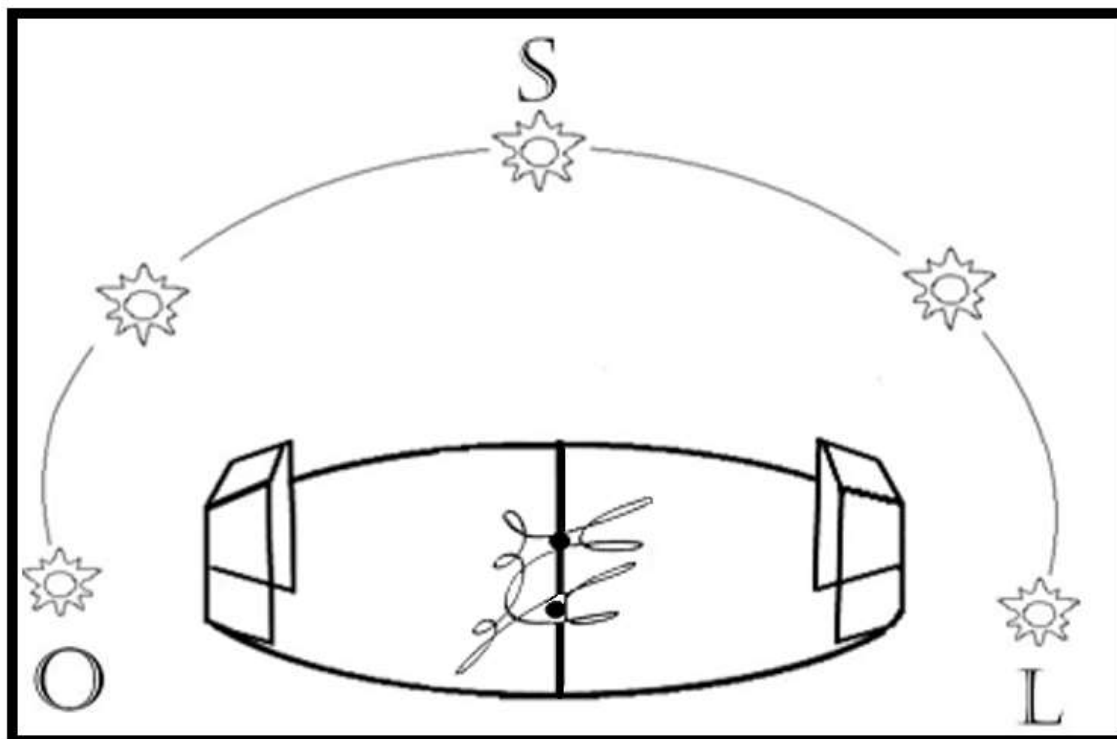
Brincar é atentar para o presente. Uma criança que brinca está envolvida no que faz enquanto o faz. Se brinca de médico, é médico; se brinca de montar num cavalo, é isso que ela faz. O brincar não tem nada a ver com o futuro. Brincar não é uma preparação para nada, é fazer o que se faz em total aceitação, sem considerações que neguem sua legitimidade (p. 230-231).

Portanto, diferentemente de programas educativos que visam preparar para o futuro, nossa atuação procurou historicizar e propor reflexões para o presente, como forma de aquisição de autonomia para que a inserção crítica no processo de questionamento das estruturas (pré)existentes para a transformação cultural, luta e defesa de seus direitos e interesses, seja um horizonte possível e desejável.

As ideias que foram registradas neste tópico procuraram exprimir nossa autêntica incorporação do “contexto teórico” que balizou nossa práxis educativa e, também, delineou nosso objeto de estudo como uma motricidade lúdica, um jogo com explícita intencionalidade educativa, libertadora.

4º MOMENTO: REFLEXÃO DE FUNDO

Figura 10 – *Fútbol Callejero*: uma motricidade emergente, nascida e criada no Sul



Fonte: Acervo de imagens dos pesquisadores (2019).

Des-cobrir o oculto constituirá um movimento, um discurso através de um caminho (*Weg* em alemão, *hodós* em grego: *méthodos*; caminho que se percorre) O processo de descobrir o ser é um método. No pensamento moderno esse processo será invertido, será outro *hodós*, outra direção, outro sentido (DUSSEL, 1974, p. 24).

[...] assumir a condição do nosso tempo consiste não só em rejeitar o **pensamento ortopédico** como também em procurar alternativas a partir da radical incerteza destas. Ou seja, a sociologia das ausências e das emergências deve assentar em procedimentos epistemológicos que credibilizem a busca de alternativas em condições de elevada incerteza (SANTOS, 2009b, p. 460 – grifos nossos).

Nossa trajetória investigativa foi suleada por bases epistemológicas assentadas em um paradigma científico prudente para uma vida social decente (SANTOS, 2002b) que, contemplando o rigor acadêmico – e sem perder de vista a dupla condicionalidade da atuação como educadores-investigadores –, nos permitiu trilharmos uma práxis fenomenológica atentos às demandas que emergiram do próprio contexto de espaço e de tempo de convivência com a equipe co-laboradora (MERLEAU-PONTY, 1991; 2015; MARTINS; BICUDO, 1989, BICUDO, 2011; GARNICA, 1997).

Este modo de estar sendo com-mundo-e-com-viveres foi viabilizado desde uma inserção cuidadosa e pelo exercício de escuta atenta, estabelecendo um eminente contraste com a racionalidade operante na Ciência Moderna, alicerçada no paradigma da apropriação científica e violência social, que vem sendo posta em exercício por meio do “pensamento ortopédico”⁶⁸ ao qual Santos (2009b) se referiu e foi citado em nossa epígrafe. Deste ponto de vista, a Vida e/ou as demandas existenciais são postos a serviço da ciência (Moderna), e não o contrário! Fazendo-as se adequar, se adaptarem aos seus mecanismos-esquemas de pensamentos pré-estabelecidos, tal e qual o faz com um dispositivo de “órtese”. Então, ao nos engajarmos em nossa sistematização de experiências, traçamos um caminho por horizontes transcendentais (DUSSEL, 1974), fazendo a operação “inversa” ao do “pensamento ortopédico”, conforme desvelamos doravante.

Seguindo a constelação de saberes e experiências, e saberes de experiências (LARROSA-BONDÍA, 2002) que compõem as Epistemologias do Sul (SANTOS; MENESES, 2009), destacamos que o método que nossa prática das motricidades ausentes e das motricidades emergentes (CARMO, 2017; CARMO; GONÇALVES JUNIOR, 2017) fixou na Sistematização de Experiência sua trajetória. Esta, de acordo com Jara-Holliday (2006), trata-se de uma interpretação crítica da experiência, que através do “seu ordenamento e reconstrução descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no dito processo, como se relacionaram entre si e porque o fazem desse modo” (p.24).

Contudo, em seu momento de análise, síntese e interpretação crítica da experiência, no qual Jara-Holliday (2006; 2018) propõe o método dialético para desenvolvimento da “reflexão de fundo”, procuramos estabelecer uma coerente interface

⁶⁸ Santos (2009b) ainda delimita o “pensamento ortopédico” como sendo “[...] o constrangimento e o empobrecimento causado pela redução dos problemas analíticos conceptuais que lhes são estranhos [*à ciência moderna*]. Com a crescente institucionalização e profissionalização da ciência [...] a ciência passou a responder exclusivamente aos problemas postos por ela. A vastidão dos problemas existenciais desapareceu (p. 453-454 – grifos nossos).

com a Redução Fenomenológica (MARTINS; BICUDO, 1989; BICUDO, 2011; GARNICA, 1997), tendo em vista nosso interesse pela analética (DUSSEL, 1974; 1995; 2005) e pelos horizontes da Motricidade (MERLEAU-PONTY, 1991; 2015; SÉRGIO; 1986; 1998; 2003). Esta providência foi incrementada com vistas a garantir nossa escuta atenta à voz de outrem, posto que Dussel (1974) comunica:

O método *ana*-lético, vai mais além, mais acima, vem de um nível mais alto (*aná*-) que o do mero método *dia*-lético. O método *dia*-lético é o caminho que a totalidade realiza em si mesma: dos entes ao fundamento e do fundamento aos entes. Trata-se agora de um método (ou do domínio explícito das condições de possibilidade) que parte do outro enquanto livre, como um além do sistema da totalidade; que parte, então, de sua palavra, da revelação do outro e que con-fiado em sua palavra, atua, trabalha, serve, cria (p. 196).

Usamos como “ferramenta” a captura de áudio e vídeo feita através de uma câmera filmadora/fotográfica (conforme apresentado anteriormente). Os arquivos gerados e armazenados (com cópias de segurança) se configuraram como nossa fonte de dados/informações. O procedimento seguinte foi a confecção dos diários (MEJÍA, 2012). Esta confecção foi suleada pelo nosso eixo de estruturação. Isto significou que para a criação dos nossos diários procedemos à transcrição e reconstrução dos momentos de nossa experiência que remontaram as práticas e diálogos que nos auxiliaram em nossa busca por responder a questão de pesquisa e contemplar os objetivos de nossa investigação.

Em posse dos diários, foi preciso manter o exercício analético de “*saber-ouvir*” (DUSSEL, 1974). Este procedimento realizado em campo precisou ser materializado em nossa fonte de informações, estendendo o exercício de *saber-ouvir* para o momento das análises dos dados. Portanto, o *saber-ouvir* atravessou toda nossa experiência como educadores-investigadores. Dussel (1974) pondera que, uma vez que o/a investigador/a opta pelo método analético ou ético, “[...] deve descer de sua oligarquia cultural acadêmica e universitária para **saber ouvir** a voz que vem do mais além, do alto (*aná*), da exterioridade da dominação” (p. 199 – grifos nossos).

O encaminhamento que adotamos na busca de garantir o processo de *saber-ouvir* foi a “Redução Fenomenológica” (MARTINS; BICUDO, 1989; BICUDO, 2011; GARNICA, 1997). Portanto, para proceder à redução fenomenológica de maneira coerente com a abertura para a palavra reveladora de outrem (DUSSEL, 1974; 1995), foi preciso suspender os juízos, abdicar de pré-conceitos para a realização de diversas leituras dos

nossos diários (MEJÍA, 2012), dando início a análise “Ideográfica” e “Nomotética” dos dados (MARTINS; BICUDO, 1989; BICUDO, 2011; GARNICA, 1997).

Em acordo com Martins e Bicudo (1989), o significado de “fenômeno” vem da expressão grega *fainomenon*, uma derivação do verbo *fainestai* que representa dizer “mostrar-se a si mesmo”. Por sua vez, *fainestai* é uma forma reduzida que provém de *faino*, significando trazer à luz do dia. Em outras palavras, significa aquilo que se presentifica, que pode tornar-se manifesto, visível em si mesmo.

Cumpramos esclarecermos que a “*Epoché*” é a expressão fenomenológica que comunica o movimento de suspensão dos juízos. Desde o nosso ponto de vista, o exercício exigido pela alteridade empregada pela trajetória analética, sintetizado por Dussel (1974; 1995) como “saber-ouvir”, exprime sentido semelhante. Todavia, este autor argumenta que o “saber-ouvir” representa uma redução transcendental, “trans-ontológica”, enquanto a “*epoché*” husserliana ficaria apenas no plano ontológico (DUSSEL, 1974).

No decorrer das (re)leituras aos diários, à medida que éramos tocados por trechos de falas, diálogos ou dos discursos das pessoas que compuseram a equipe colaboradora, fazíamos destaques textuais através de “sublinhados”. O “ser tocado” em nossa investigação esteve relacionado com as falas dos/as co-laboradores/as que possuíram relação com a nossa questão de pesquisa, sintetizada como sendo nosso “eixo de sistematização”. Os trechos “sublinhados” representaram as “unidades de significados” pois, de acordo com Martins e Bicudo (1989):

[...] como é impossível analisar um texto inteiro simultaneamente, torna-se necessário dividi-lo em unidades. [...] as unidades de significado são discriminações espontaneamente percebidas nas descrições dos sujeitos quando o pesquisador assume uma atitude psicológica e a certeza de que o texto é um exemplo do fenômeno pesquisado. [...] As unidades de significado [...] também não estão prontas no texto. Existem somente em relação à atitude, disposição e perspectiva do pesquisador (p. 99).

Estando relacionado ao período de nossa inserção, salientamos que foram confeccionados um total de quinze diários. Estes foram identificados por algarismos romanos e postos em ordem crescente (I, II, III, IV...) desde um critério de ordem cronológica de suas datas. As unidades de significados, quando reveladas e sublinhadas, receberam cada uma sua exclusiva numeração em algarismos arábicos, em ordem crescente (1, 2, 3, 4...). Destacamos que a cada novo diário, a contagem das unidades foi reiniciada.

De maneira concomitante e inter-relacionada com a análise ideográfica, realizamos a análise nomotética. Esta expressou o movimento de convergências, ou

divergências entre as diferentes unidades de significados que emergiram da leitura. As convergências ocorreram por parte dos discursos que suscitaram “normalidades”, ou seja, a análise nomotética apontou para o fenômeno das unidades de significado nas quais as sentenças expressavam sentidos semelhantes, ou convergentes umas com as outras. Acerca desse procedimento, Garnica (1997) pondera:

Consideremos, entretanto, que a análise fenomenológica não se encerra na descrição do subjetivo, como poderiam argumentar alguns. A mediação pela linguagem, sempre presente, e o “viver-com” – intersubjetivo – permitindo a compreensão e interpretação de um discurso que não é o nosso próprio, colocam a análise conduzida pela fenomenologia como abrangendo o histórico e o social, pois encontros e mediações ocorrem temporal e contextualizadamente (p. 116).

Corroboramos com este autor ao concebermos que o movimento de análise ideográfica e de análise nomotética não representam qualquer pretensão de neutralidade (GARNICA, 1997). Acerca da expressão “análise ideográfica, Bicudo (2011) esclarece que se refere “[...] ao emprego de ideogramas, ou seja, expressões ideais por meio de símbolos. Esse estudo penetra e enreda-se nos meandros das descrições ingênuas do sujeito, tomadas em sua individualidade” (p. 58). Outrossim, ainda de acordo com Bicudo, (2011) “análise nomotética” procura desenvolver:

[...] o movimento de reduções que transcendem o aspecto individual da análise ideográfica. Esse termo vem de *nomos*, que diz da construção de leis e de seu uso [...]. Fenomenologicamente, indica transcendência do individual articulada por meio de compreensões abertas pela análise ideográfica, quando devemos atentar às convergências e divergências articuladas nesse momento [...] (p. 58).

Cumpramos salientar que no movimento de análise nomotética também foram identificadas divergências entre as unidades de significado que estiveram agrupadas em uma mesma categoria temática, expressando intencionalidade antagônica ao que a categoria temática sintetizou.

Ao procedermos à análise dos dados contidos nos diários, sem nos desligarmos dos saberes sobre a alteridade fundada na intercorporeidade de Merleau-Ponty (1991; 2015), concretizamos outro processo fundamental para a analética, complementar ao saber-ouvir, que foi o *saber-interpretar*, que, nas palavras de Dussel (1974):

Chamamos “interpretar” ao ato mesmo de conceituar ou descobrir um sentido [...] ato que só se pode cumprir ascedendo de alguma maneira ao fundamento dis-tinto do outro; fazendo com que os *fundamenta distincta* hajam se tornado, ao menos num certo nível, *fundamentum univocae*

similitudinis, isto é, a totalidade compartilhada (pela qual se pode “interpretar” algo a partir de um mesmo fundamento, *super communicationem beattitudinis* (p. 204).

Compartilhamos com Dussel (1974, 1995) que, desde a lógica da alteridade, para *saber-interpretar* devemos partir do absolutamente outrem, cuja fala nos comunica os fundamentos elementares desta outra corporeidade que se manifesta. Portanto, outrem é sempre um infinitamente distinto, cuja voz captamos somente pelo nosso inicial silenciar (DUSSEL, 1974; 1995; 2005).

Para auxiliar em nossa formação das categorias temáticas confeccionamos o Quadro 2 – Matriz Nomotética, logo abaixo:

Quadro 3 – Matriz Nomotética

Categorias Diários	A Fútbol Callejero é da-hora!	B Cuidado Callejero	C Quando Callejero é mais que futebol
I	_____	1d; 2d; 3d; 4	_____
II	2	_____	1; 3
III	2; 7; 9	1; 3d; 4; 5; 6; 8; 10; 11; 12; 13; 14; 15; 16; 17; 19; 21	18; 20
IV	6	1; 2; 3; 4; 5; 7; 9; 10; 11; 12; 13	8
V	_____	_____	1; 2; 3; 4; 5; 6; 7; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14; 15; 16
VI	7; 15; 16	6; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14	1; 2; 3; 4; 5;
VII	_____	_____	1; 2; 3; 4; 5; 6; 7; 8
VIII	_____	5; 6; 7; 8; 9; 10 11; 12; 13; 14; 15	1; 2; 3; 4; 16; 17
IX	_____	_____	1; 2; 3; 4;
X	_____	_____	1; 2; 3; 4; 5; 6; 7; 8
XI	_____	_____	1; 2; 3
XII	16	2; 3; 4; 5d; 6; 8; 9; 10; 11	1; 7; 12d; 13d; 14d; 15d
XIII	_____	_____	1; 2; 3; 4; 5; 6; 7; 8; 9
XIV	4; 9; 11; 12; 16; 17	3; 5; 6; 7; 8; 13	1; 2; 10; 14; 15; 18
XV	3; 4; 5; 6; 7; 8; 9	2	1; 10; 11; (12); 13; 14; 15; 16

Esta matriz foi organizada de modo a oportunizar uma visualização do produto resultante do agrupamento das unidades de significado nas respectivas categorias com a qual estabeleceram relações de convergências, ou de divergências. Estas, para além da numeração arábica, foram acompanhadas pela letra “d”, inicial da expressão “divergência”.

Para uma leitura adequada da Matriz Nomotética, temos disposta na primeira coluna da esquerda (disposição vertical) a apresentação de todos os diários (I, II, III...). Por outro lado, as categorias temáticas (1, 2, 3...) foram organizadas na primeira linha superior (disposição horizontal). No corpo do texto, quando o leitor ou leitora se deparar com indicações da origem do dado, tal qual: “(XII-6)”, neste exemplo, a indicação significa que a origem do excerto está situada junto ao “diário doze, unidade de significado 6”.

Os nomes/títulos de cada uma das categorias procuraram sintetizar a intencionalidade operante dos trechos destacados nos diários e que foram capazes de gerar convergências ou divergências entre as distintas unidades de significado que compuseram cada categoria. Ademais, os nomes/títulos de cada uma destas não foram pré-concebidos, ou seja, emergiram genuinamente do nosso processo de análise dos dados.

Junto ao corpo do texto que acompanha cada categoria, destacamos os processos educativos a partir de negrito e sublinhando (exclusivamente). Nossa intencionalidade foi de sinalizar a dinâmica fluida com que percebemos ocorrer os processos educativos destacados, trazendo junto a nossa argumentação. Quando os processos foram comunicados diretamente por algum/a participante da equipe co-laboradora destacamos em itálico, junto com a apresentação em negrito e sublinhado.

4.1 Categoria A – O *Fútbol Callejero* é muito da hora!

Fútbol Callejero é um jogo. Aí você faz... Ai cê, no primeiro tempo, cê faz as regras... As regras... Aí depois no segundo tempo nós joga. Aí no terceiro tempo têm os pilares. Os pilares é: Respeito, Solilariedade e Cooperação. E... o *Fútbol Callejero* é muito da hora! (Cauã⁶⁹ – XIV-9).

Neste momento da investigação apresentaremos o desenvolvimento da chamada “reflexão de fundo” (JARA-HOLLIDAY, 2006), ocasião na qual realizamos um distanciamento metodológico para que, mesmo à distância, possamos *saber ouvir*, admirar o processo vivido em campo a partir da leitura atenta da história que foi reconstruída,

⁶⁹ Relembramos ao leitor ou leitora que todos os/as participantes foram registrados/as com nomes fictícios, de maneira a preservar suas identidades reais.

organizada e classificada por meio da confecção dos diários para, enfim, *saber-interpretar* (DUSSEL, 1974; 1995; 2005).

O excerto trazido logo na abertura desta categoria, ao modo de uma epígrafe, compõe um dos registros contidos no Diário XIV, e reproduz um pequeno trecho da transcrição de Diálogo Individual desenvolvido junto ao participante Cauã, ocasião na qual buscamos compreender as percepções que este participante possuía acerca da prática do *Fútbol Callejero (FC)*. Tal diálogo foi realizado às vésperas do desenvolvimento da Roda de Conversa. As palavras de Cauã surgiram em resposta a nossa provocação na qual procuramos saber como ele explicaria o que é *FC* para uma pessoa que não conhece tal prática.

Os dizeres deste participante lançaram luz ao nosso processo de compreender o fenômeno e (re)animaram nossa atenção ao objetivo desta pesquisa de tal modo que o fragmento “O *Fútbol Callejero* é muito da hora!” emergiu como a ideia-força estruturante das diferentes unidades de significado que convergiram para o presente agrupamento. A expressão “da hora” trata-se de uma gíria, ou um maneirismo que, situada no contexto de espaço e de tempo do VADL-MQF, não está condicionada às normatizações da língua portuguesa dita “formal”. Poderia ser escrita com diferentes formas, por exemplo: “da-hora” (separadas por hífen), ou “da ora” – para citar algumas –, cuja intencionalidade é de comunicar algo como sendo “a coisa que está em voga no momento”. Deste modo, partimos do pressuposto de que o participante Cauã se refere à significação de que a “coisa” posta em reflexão (no caso o *Fútbol Callejero*) é “do momento”, ou ainda “é muito legal”.

Corroborando com esta intencionalidade, temos o anúncio feito pelo participante Marreco, realizado durante o segundo encontro de nossa inserção, no qual sinalizou que se tratando de *FC* “[...] a ideia não é ser um craque, mas jogar legal!” (II-2). Este comentário foi feito após assistirmos dois vídeos⁷⁰ contendo a comunicação das experiências de jovens (meninos e meninas) moradores da região metropolitana de São Paulo – Brasil acerca de suas participações junto a prática do *FC*.

⁷⁰ O primeiro vídeo estava intitulado “#BRnaCopaAmérica2015 #FuteboldeRua” e, para além de apresentar a metodologia do *FC*, comunicou as experiências do “Mundial de Futebol de Rua” realizado no Brasil em 2014 junto com a expectativa de jovens integrantes da delegação brasileira com relação a participação destes/as na Copa América que ocorreria no ano de 2015. Já o segundo vídeo, “Copa América de Futebol de Rua: muito mais que uma vitória”, apresentou como sendo exitosa a experiência da participação da equipe brasileira na “Copa América de *Fútbol Callejero* – Nelsa Curbelo”, organizada no ano de 2015, em Buenos Aires, Argentina. O primeiro vídeo citado encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_Xll6dD3plY>. Acesso em: 24/08/2016. Já o segundo vídeo citado aqui, encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yHIO0vwrF_4>. Acesso em: 24/08/2016.

Figura 11 – Apresentação de vídeos sobre *Fútbol Callejero*



Fonte: Acervo de imagens dos pesquisadores (2016).

Esta fala do participante Marreco nos fez refletir sobre a crítica ao utilitarismo empregado por aqueles e aquelas que trabalham a perspectiva do jogo ou da brincadeira (motricidades lúdicas) “para” alguma coisa que não seja o momento mesmo da convivência, permeada durante o jogo. Nesse sentido, identificamos que a fala do participante Marreco sinaliza para a potência de gozar do “aqui e agora” da motricidade lúdica, rompendo com um interesse que transcenda o espaço tempo da convivência brincante. Compreendemos que essa percepção encontra morada junto às palavras de Maturana e Verden-Zölller (2004), que nos comunicam que:

[...] na vida diária não-profissionalizada, é uma atividade vivida sem objetivos – mesmo quando, por outro lado, tenha um propósito. E que com frequência a realizamos de modo espontâneo, tanto na infância quanto na vida adulta, quando fazemos o que fazemos atendendo – em nosso emocionar – ao fazer e não às suas consequências. A propositividade e a intencionalidade são formas humanas de viver, nas quais se justifica o que é feito mencionando os resultados esperados [...]. Dessa maneira geramos em nós mesmos uma dinâmica emocional que afasta continuamente nossa atenção daquilo que fazemos no momento em que o fazemos, e a dirige para sua suposta consequência. Por isso, não são os movimentos ou as operações realizadas que caracterizam um comportamento específico como brincadeira ou não, mas sim a atenção (orientação interna) sob a qual ele é vivido enquanto se realiza (p. 145).

Em nossa interpretação analética (DUSSEL 1974; 1995; 2005), ou seja, desde uma relação de alteridade para interpretar o mundo com outrem, as palavras reveladoras do participante Marreco nos impeliram fazer aqui uma ponderação: estamos compreendendo e corroborando as críticas de Maturana e Verden-Zöllner (2004), ao sinalizarmos que existe uma tendência contemporânea de se esperar algo para “além da brincadeira”, que vamos chamar aqui de um emprego de “utilitarismo do jogo”.

Com efeito, quando o participante Marreco disse que sua intenção é “jogar legal” ele pactua o desejo de tal emocionar (“jogar legal”) que só é realizável no momento mesmo no qual este jogar é presentificado, de que o jogar seja “da hora”. Quando o “jogar” acaba, o “legal” que está a ele vinculado também acaba. Não há nada para esperar deste tempo acabado (passado), a não ser a memória da satisfação pela vivência do tempo que acabou. Pois, esperar é justamente não ter no momento presente a coisa que está no futuro.

Este utilitarismo do jogo acaba por intervir na qualidade e disponibilidade pelo jogar de crianças e adolescentes, uma vez que, de acordo com Santos (2002b), reflete os anseios da “razão proléptica da Modernidade”, que assentada na Modernidade encurtou o passado e estendeu infinitamente o futuro. Para a superação desta o autor propõe:

[...] a sociologia das ausências substitui a monocultura do tempo linear pela **ecologia das temporalidades**, a ideia de que as sociedades são constituídas por várias temporalidades e de que a desqualificação, supressão ou ininteligibilidade de muitas práticas resulta de se pautarem por temporalidades que extravasam do cânone temporal da modernidade ocidental capitalista. Uma vez recuperadas e conhecidas essas temporalidades, as práticas e as sociabilidades que se pautam por elas tornam-se inteligíveis e objetos creíveis de argumentação e de disputa política. A dilatação do presente ocorre, neste caso, pela relativização do tempo linear e pela valorização das outras temporalidades que com ele se articulam ou com ele conflitem (p. 251-252 – grifos nossos).

As ideias deste viver para o futuro, e que invoca a necessidade de estar produzindo e/ou consumindo bens e serviços, aparecem em frases que costumamos ouvir em nosso dia a dia e são expressas, por exemplo, em: “tempo é dinheiro”; “não desperdice seu tempo com brincadeiras”, “não pense em crise, trabalhe!”. São imperativos que turvam a realidade e mascaram o processo de objetificação de pessoas, que são postas a serviço dos interesses de algo/alguém. Nesse sentido, compreendemos que o *FC*, ao valorizar e possibilitar a temporalidade das crianças e do brincar, coloca-se como uma frente de luta contra a racionalidade moderna capitalista que abnega tudo o que, do seu ponto de vista, não é produtivo.

No processo de leituras dos diários, emergiram unidades de significado nas quais a comunidade co-laboradora entrevistou no momento de proposição das regras, explicitando suas intencionalidades em tornar o momento da prática do FC mais agradável, mais legal, mais divertida e “da hora” aos seus gostos e interesses, sendo a **Ecologia das Temporalidades** um processo educativo vivenciado no VADL-MQF, no qual o tempo do brincar, de tornar o jogo “da hora”, de vivenciar as relações de convivência com mundo-e-com-viveres se entreteceu com o tempo das vivências pedagógicas da Parceria.

Vejamos, por exemplo, a proposição da participante Fernanda (VI-7) que, ao representar sua equipe sugeriu a inclusão de uma regra já conhecida pela comunidade co-laboradora. A saber: “a regra da palavra-chave”. Com esta regra, de acordo com a citada participante, um gol ficava condicionado a ter validade se, exclusivamente, antes de efetuar o chute em direção ao gol/meta da equipe oposta o jogador ou jogadora que detinha a posse da bola pronunciasse, em voz alta, uma expressão previamente eleita. Na vivência que foi registrada em diário de nota as expressões foram eleitas durante o 1º Tempo, sendo elas: “pizza de doritos” e “bola”.

O trecho transcrito logo adiante registrou um momento de diálogo no qual tal regra fora proposta. Chamamos a atenção para a fala do participante David, que comunicou seu interesse em tornar o jogo “Divertido... Engraçado”:

Maurício: *É a regra que vocês conversaram lá, né?*

Fernanda: *Toda vez que a gente... Alguém fazer um gol, ou do time deles ou nosso, tem que falar...*

David: *“Doritos”.*

Fernanda: *“Pizza de doritos”.*

David: *Ou outra palavra que “eles” tem que escolher. O nosso é pizza de doritos.... Ah... “pizza de doritos”, estou com fome, quero comer pizza de doritos. [...]*

Maurício: *E que que isso acontece. Isso torna o gol válido, isso não quer dizer nada, ou vocês ganham um ponto a mais.*

Pontes: *O gol válido.*

Fernanda: *Ah... Se... Torna o futebol mais...*

David: *Divertido... Engraçado.*

Pontes: *É o gol válido! (VI-7).*

A primeira vez que esta regra apareceu nos registros foi em ocasião proposta pelo participante Cauã, durante o 1º Tempo de uma partida conservada junto ao Diário IV. Nesta ocasião, após as comunicações de Cauã, os/as participantes realizaram alguns ajustes, por exemplo: mudança da palavra originalmente proposta (de “sabão” para “sapato”). Ainda assim sua aprovação não foi consensual.

Diante deste conflito, no momento da Mediação foi solicitado para os/as participantes **dialogarem**, de maneira a apresentar argumentos favoráveis e, do mesmo modo, argumentos contrários ao implemento da regra. O participante Quero-quero se pronunciou dizendo que com essa regra o “*O jogo fica mais legal [...]*” (IV-6). Não houve apresentação de argumentos contrários. Em votação a regra foi eleita conforme foi registrado no citado diário.

Acreditamos que as unidades de significado trazidas conotaram os interesses da comunidade co-laboradora em estabelecer o *FC* como uma motricidade lúdica, reafirmando sua dimensão brincante em detrimento de características competitivas contidas na dimensão esportiva do futebol. Nossa compreensão acerca da ludicidade manifestada no momento de (trans)formação do jogo a partir da (re)criação das regras, oportunizada pelas características metodológicas do *FC*, encontram eco com as significações que Prista, Tembe e Edmundo (1992) indicam para a prática dos jogos no contexto de Moçambique, no qual os autores tecem:

A própria competição, que no desporto moderno se traduz muito em pontuação, marca ou tempo, aparece nos jogos aqui descritos de uma forma muito distinta. Raramente os participantes se interessam por “ganhar pontos”, considerando até que poucos são os jogos que os preveem nas suas regras. Competir, aqui, é sobretudo realizar uma sequência de proezas, lutar por ocupar um determinado papel, manter-se em jogo o maior tempo possível, ou seja, não se eliminado. Estes três aspectos, atuando normalmente integrados, dominam o “espírito de jogar”, podendo, parecidos, traduzir uma interiorização pelo Jogo das normas da vida em sociedade ou da realidade que a natureza nos impõe (p. 9-10).

Observamos, também que, devido às características relacionadas à orientação pedagógica do VADL-MQF⁷¹, os educadores e educadoras participaram das vivências de *FC* juntos/as com crianças e adolescentes, sendo também outros/as brincantes. Identificamos, portanto, uma relação de autoridade, uma vez que ainda acumulavam suas co-responsabilidade/referencialidade pela organização pedagógica dos encontros. Esta característica possibilitou a identificação do processo educativo da **horizontalidade das relações** entre os pares educadores/as-participantes, educadores/as-educadores/as e entre as crianças e adolescentes, nos momentos de sugestões e apresentação de propostas para composição das regras de uma partida (1º Tempo). Deste modo, as sugestões dos/as colegas

⁷¹ Nos referimos a práxis dialógica, de orientação freireana, na qual é estabelecida uma relação de horizontalidade entre educadores/as-educandos/as. Uma descrição mais detalhada acerca da parceria representada pelo projeto VADL-MQF já foi apresentada em capítulo anterior. Para saber mais sobre a relação de horizontalidade consultar Freire (2018a; 2018b).

da equipe pedagógica passaram pelo mesmo crivo que aquelas decorrentes das crianças/adolescentes participantes.

Compreendemos que este modo de estar sendo-uns-com-outrem, em um movimento de abertura para uma convivência brincante, cuja relação respeitosa se fez recíproca entre os pares educadores/as-crianças/adolescentes e possibilitou a identificação do VADL-MQF como aquilo que Brandão (2005a) denomina como “comunidade aprendente” que, nas palavras deste autor:

[...] todos têm algo a ensinar enquanto aprendem e todos têm algo a aprender enquanto ensinam. Quando situadas fora de uma concepção classificatória, utilitária e competitiva, as crianças que estudam não sabem mais-ou-menos do que as outras. Elas sabem e compreendem de maneiras diversas. Assim, tal como em outros planos da vida social, as pessoas não devem ser comparadas competitivamente através de suas desigualdades, mas devem ser avaliadas cooperativamente através de suas diferenças (p. 100).

Em um dos registros a educadora Biga também comunicou sua intencionalidade de tornar o jogo “mais divertido”, conforme segue transcrição abaixo:

Educadora Biga: *Eu pensei em colocar uma regra de que a gente não pode chamar pelo nome as pessoas. Eu não posso, a Abayomi do meu time, eu não posso falar: ‘Abayomi, Abayomi, Abayomi, a bola’, sei lá. Pra que? Para que as pessoas estejam atentas em quem, com quem está com a bola, como que a gente pode se organizar. Se for pra chamar, chama de um jeito diferente. Alguma coisa desse fazendo barulho, alguma coisa diferente.*

Lucas: *Olha a bola!*

Educadora Biga: *Não, sem falar.*

Educador Bia: *Sem Falar?*

Educadora Biga: *É, fazer “fii, fii fii” “Tisc... Tisc... Tisc” Sei lá!*

Maurício: *É a sugestão da Educadora Biga. Vocês têm... lembra que pra passar pra outra regra a gente tem que definir sim ou não para essa. Porque que você quer essa regra?*

Educadora Biga: *Porque é... Porque até pensar em outras formas de comunicação durante o jogo e... Pode ser divertido. (III-7).*

O participante David propôs, com intencionalidade semelhante à da Educadora Biga, duas regras que alteraram sutilmente a lógica da contagem de pontos. Nesta ocasião, o participante justificou que procurou tornar a prática “mais divertida” (III-2), ou ainda, “mais legal” com a proposição, conforme descrito abaixo:

Maurício: *[...] O David e a Fernanda acho que pediram a fala. Fala bem alto tá?*

David: *Uma canetinha⁷² in... Incompleta vale um, uma canetinha completa vale dois.*

⁷² Trata-se a “canetinha” de um drible com alto prestígio no contexto dos/as participantes do VADL-MQF, assim como no universo futebolístico. Considerado um drible de alta dificuldade, para a execução da “canetinha

Klevis: Porque?

David : Porque é mais legal, ganha pontos também.

Maurício: Jogar entre as pernas... Vocês têm acordo com essa regra turma.

Resposta em coro: Sim (III-9).

Figura 12 – 1º Tempo de uma partida: combinando as regras



Fonte: Acervo de imagens dos investigadores (2016).

Em nossa revisão de literatura, identificamos que Varotto, Gonçalves Junior e Lemos (2017) indicaram a vivência de processos semelhante ao descrito anteriormente, cuja atuação como mediadores oportunizou que se educassem em meio a convivência com os/as estudantes da escola.

Até este ponto da apresentação de nossa investigação, realizamos o exercício de *saber-ouvir* para *saber-interpretar* (DUSSEL, 1974; 1995; 2005), tivemos o cuidado de identificar os registros nos quais as pessoas que compuseram a equipe co-laboradora comunicaram que suas intervenções durante o jogo estavam voltadas para tornarem a prática do *FC* mais legal, engraçada ou divertida. Neste intento, a redução fenomenológica (MARTINS; BICUDO, 1989; BICUDO; 2011, GARNICA, 1997) foi fundamental e instauradora para o exercício analítico da alteridade durante a análise dos dados.

Compreendemos que a dinâmica metodológica do *FC* estabelecida para o 1º Tempo, momento no qual ocorreu a Trans-formação do jogo por meio da (re)criação das regras, oportunizou aos/às participantes que vivenciassem/exercitassem o **protagonismo**

completa” o jogador ou jogadora que está com a posse da bola deverá fazê-la passar por entre as pernas de seu/sua oponente recuperando, imediatamente, a posse do lado oposto ao que foi inicialmente lançada. Para a execução da “canetinha incompleta”, no contexto do VADL-MQF, basta com que a bola passe entre as pernas do jogador ou jogadora oponente, não havendo a necessidade de deter a posse da bola na continuidade da jogada.

conforme nos descreveu o participante David (XIV-4), quando foi por nós pro-vocado a comentar sobre seus saberes acerca do FC, em situação de Diálogo Individual:

David: É não tem árbitro. Só tem uma pessoa que é o Mediador que vê os pontos das regras e fica de olho no jogo... Bom a gente cria as regras, inventamos e jogamos. E tem 3 tempos. 1º Tempo: a gente fica em roda, conversa e a gente escolhemos as regras. No segundo a gente joga. No 3º a gente fala sobre o jogo e as regras. E no final a gente contamos os pontos. E não é só o gol. Pra... Pra nós não importa o gol, importa é divertir. (XIV-4).

Para além do engajamento na reinvenção dos modos de jogar, possibilidade prevista pela dinâmica metodológica incutida no 1º Tempo, também se fizeram perceber registros nos quais os/as colaboradores e colaboradoras relataram a experiência da satisfação e, ainda mais, de maneira a comunicarem o mote gerador de tal emoção. Nesta esteira, para além da fala do participante David (XIV), que foi apontada anteriormente, temos um excerto do discurso feito pelo participante Marreco que, no momento de Roda Final do VADL-MQF, elencou o acontecimento do “equilíbrio” entre as equipes como o motivo gerador de sua satisfação:

Marreco: Eu gostei mais do Fútbol Callejero hoje.

Maurício: E porque você gostou mais?

Marreco: Tava mais equilibrado.

Maurício: As equipes?

Marreco: É.

Maurício: Legal!

Marreco: Também a gente caiu bastante na areia.

Maurício: Então Pontes, o que o Marreco está dizendo, É muito importante. Às vezes a gente acha legal porque a gente ganhou, mas o fato de estar equilibrado é que tornou pra ele o jogo legal. Não adianta você ser uma super-equipe e a outra ser fraca. A gente não tem desafio se for assim. (VI-16).

Não foram identificados registros de ocasiões em que um/a participante declarou satisfação por ter vencido uma partida. Reiteramos que tal afirmação partiu de nossa análise dos Diários, o que não significa que tal emoção (a satisfação pela vitória) não tenha ocorrido. O que estamos ponderando é que não encontramos trechos dos diários em que fossem apontadas a comunicação (proferida, ou expressa por gestos) de tal emoção.

Em continuidade ao intento analítico de escuta atenta a outrem que imprimimos nesta fase de análise dos dados, fazemos saber que a experiência de Mediação proporcionou satisfação, conforme afirmou a participante Carol em ocasião de Diálogo Individual, cujo trecho está destacado a seguir:

Maurício: [...] *Pensa bem assim, que às vezes: “Já... A gente vai jogar Fútbol Callejero”, aí você fala assim: “Ah... Professor, deixa eu...”*

Carol: *Ah... É... Ser mediadora.*

Maurício: *Você ser a mediadora. E você já foi mediadora aqui no projeto já.*

Carol: *Ahã.*

Maurício: *Quantas vezes mais ou menos?*

Carol: *Umas 5 veiz.*

Maurício: *E o que você sentiu quando foi mediadora?*

Carol: *Legal.*

Maurício: *Você sentiu que foi legal.*

Carol: *É.*

Maurício: *E porque que foi legal?*

Carol: *Porque que eu nunca mediei, e só cinco vez que eu mediei. E quando eu joguei futebol eu nunca mediei.*

Maurício: *Fútbol Callejero.*

Carol: *É. (XIV-19).*

A participante Carol assinalou que o motivo de sua percepção de satisfação esteve alinhavado com o desenvolvimento do papel de Mediadora desempenhado por ela em algumas ocasiões. Embora ela tenha relatado sua satisfação decorrente de tal participação, as ocasiões em que ela desenvolveu a Mediação não ocorreram no período de nossa investigação, portanto, não temos os registros da participante em ação de Mediação. Contudo, essa comunicação emergiu com igual importância para desencadear processos educativos em nós, educadores-pesquisadores, nos fazendo compreender a importância de compartilhar esta tarefa também com as crianças, uma vez que durante o período de nossa investigação a Mediação foi intencionalmente desenvolvida por nós, tendo em vista a possibilidade de ocupar/estabelecer uma posição privilegiada para participar dos diálogos empreendidos durante a prática do *FC*, bem como durante as Rodas Iniciais e Finais organizadas no VADL-MQF.

Nossa percepção acerca da potencialidade dos/as participantes desenvolverem a Mediação encontrou eco nos comunicados de Varotto et al. (2018). Estes autores, em sua intervenção desenvolvida no ambiente escolar, possibilitaram que crianças desenvolvessem o papel de Mediadores durante a prática do *FC* no contexto escolar. Deste modo, guardando similaridades com nossa surpresa pela satisfação em mediar, Varotto et al. (2018) comunicam em seus registros de pesquisa que:

[...] reparamos que Yuri estava sentado com um caderno e um lápis em mãos, foi uma surpresa, porque nos viu em encontros anteriores realizando anotações e como já sabia que faria parte da mediação se preparou a partir do que observou e vivenciou [...] Estávamos surpresos com o engajamento,

interesse, poder de argumentação e crítica demonstrados, pela proposição de regras, solidariedade com as meninas e hoje chegou para a mediação preparado e determinado [...] Júnior, que estava na turma que nos acompanharia na mediação, assim como Yuri no encontro passado, também estava com um caderno para anotar o que lhe seria pertinente. Estamos muito felizes com o engajamento dos dois estudantes que argumentaram e participaram ativamente nos encontros (p. 114-115).

Todavia, diferentemente de Carol e do participante Marreco, ambos citados anteriormente, que indicaram os motivos da satisfação, também captamos situações nas quais os/as participantes não justificaram ou comentaram os motivos que os/as levaram a perceber a satisfação, de maneira a apenas qualificar suas participações como sendo “*legal*” (XV-4, 9), ou como disse o participante Klevis: “*Eu, eu diria que é um futebol muito legal de se brincar. Que é muito... Que é muito legal brincar com os amigos e só*” (XV-8), todas estas falas foram proferidas em situação de Roda de Conversa.

Por outro lado, contribuindo para aprofundamento de nossas compreensões acerca do desenvolvimento do *FC* no contexto do VADL-MQF, destacamos asserções nas quais, para além da comunicação da satisfação, também foram expressos os motivos pelos quais as pessoas gostaram, consideraram legal, ou ficaram felizes. Percepções, estas, intermediadas pelo processo de vivenciar o *FC*. Identificar estes motivos podem contribuir com organização do trabalho pedagógico de maneira a tornar mais satisfatórios os momentos de convivência para/com as crianças.

Em duas ocasiões o local/espço onde foi desenvolvida a prática foi expresso como motivo gerador de satisfação. Uma destas situações foi comunicada durante o momento de Roda Final⁷³ do projeto VADL-MQF, quando consultamos os/as participantes se identificavam algo de positivo no encontro daquela data. Nesta feita, o participante Manoel elencou sua participação junto ao *FC* desenvolvido na quadra de areia (XII-17). Já em outra ocasião, também de realização de Roda Final, foi a vez da participante Fernanda notificar sua satisfação: confusão

Maurício: *Alguém mais quer comentar alguma coisa?*

Fernanda: *Hoje o dia foi legal porque eu tomei um banho de areia. E pra outras pessoas um banho de chuva.*

Maurício: *Porque você tomou um banho de areia.*

⁷³ Conforme apresentamos no primeiro capítulo, lembramos ao leitor ou leitora que tanto as “Roda Final”, quanto as “Roda Iniciais” já constituíam a dinâmica de desenvolvimento do VADL-MQF antes de nossa inserção para investigação. Fazemos esta ponderação com vistas a dirimir possíveis confusões entre “Roda Final” e “Roda de Conversa”. Esta sim, organizada exclusivamente para contemplar o objetivo desta investigação.

Fernanda: E as outras...

Maurício: Um banho de chuva.

Marreco: Porque você gostou mais do Fútbol Callejero, é isso?

Fernanda: Uhum.... (VI-16).

Figura 13 – Ocasião de realização de Roda Final do VADL-MQF



Fonte: Acervo de imagens dos investigadores (2016).

Nossa justificativa pelo destaque se faz, devido ao processo de deliberação pelo espaço do jogo ter sido feito pelos/as próprios/as participantes. Portanto, suas percepções de satisfação possuem estreita relação com o protagonismo na escolha pelo local.

Se faz importante esclarecer que, de maneira concomitante às ações do VADL-MQF, também foram desenvolvidas no Clube dos Metalúrgicos as atividades de ensino e formação de atletas, por meio de sua conhecida “Escolinha de Futebol”, caracterizada pela sua intenção de preparação/formação de adolescentes/jovens em testes seletivos para ingresso em clubes de futebol profissional. Desta forma, com grande frequência, o profissional de Educação Física responsável pela preparação e desenvolvimento dos treinos de futebol utilizou a quadra de areia, inviabilizando um uso sistemático por parte de nossa equipe co-laboradora.

A leitura atenta de nossa fonte de dados também permitiu a identificação de um conjunto de registros nos quais os/as colaboradores/as da pesquisa explicitaram que a qualidade da relação que foi estabelecida com outrem, expressas por gestos de respeito, solidariedade, fossem indicados como responsáveis pela percepção de satisfação, de modo a deixar o FC “da hora” ou “legal”, conforme o registro oriundo de Diálogo Individual com a participante Carol:

Maurício: *É legal a gente falar o que a gente sabe sobre o Fútbol Callejero, porque se alguém assistir depois esse vídeo, pode tentar fazer o futebol. Na escola, na rua. O que mais você tem pra dizer sobre... O Fútbol Callejero?*

Carol: *Porque também ele é muito legal.*

Maurício: *E porque que você também acha ele legal?*

Carol: *Porque ele... Ele não empurra pessoa. E não bate na pessoa também.*

Maurício: *Quando tem Fútbol Callejero as pessoas não empurram umas as outras, e não bate?*

Carol: *Tisc... Tisc...*

Maurício: *E porque que eles não fazem isso? No futebol normal eles fazem isso?*

Carol: *Não Sei.*

Maurício: *Mas, e no Callejero?*

Carol: *No Callejero Não. (XIV-18)*

Apontando semelhanças entre este discurso de Carol – que atribui **à ausência de atitudes agressivas e/ou violentas** como o ensejo da percepção de satisfação –, temos as comunicações de Esther que complementa a questão da relação de respeito e, ainda, pontua as diferenças entre o FC e o futebol de alta-performance, sinalizando para a construção coletiva das regras, ao passo que tal ação também o torna “*mais divertido de jogar*”, conforme asserção adiante, extraída de registro da Roda de Conversa:

Maurício: *[...] A Esther, que é uma menina, como que é pra você jogar o Fútbol Callejero?*

Esther: *Assim, é mais ou menos a experiência que eu tenho de jogar futebol, né? Eu achei muito legal assim, ninguém xinga o outro, não tem brigas, bastante briga assim, ninguém rouba, né?*

Maurício: *Não tem trapaças?*

Esther: *Nas faltas assim!*

Maurício: *Ah tá!*

Esther: *Nessas coisas.*

Maurício: *E você... Você acha que tem diferença do Fútbol Callejero, do futebol que você vê na TV? Do futebol que você treina em outros lugares?*

Esther: *Tem diferença, né? Ah... Acho que tipo, sei lá... Cé mesmo cria suas regras assim, fica mais divertido de jogar. (XV-4).*

Esta pergunta feita para a participante Esther, na ocasião de Roda de Conversa, foi intencional. Pois, sabíamos que ela foi frequentadora dos treinos de futebol de alta-performance que são desenvolvidos na citada escolinha de futebol do Clube dos Metalúrgicos. Na ocasião, vislumbramos a possibilidade de captar qual era percepção da participante acerca de questões relacionadas ao tratamento de gênero⁷⁴, naquilo que tange à

⁷⁴ Acerca da categoria gênero compartilhamos com Belmonte, Gonçalves Junior e Souza Júnior (2018) a compreensão de que se tratar das: “[...] dimensões históricas, social, política e cultural das diferenças entre os sexos. Ou seja, enquanto o sexo nos fornece um parâmetro biológico de análise, o gênero manifesta o seu

qualidade das relações entre meninos e meninas no outro espaço que ela frequenta. Conforme o registro apresentado anteriormente, a participante elencou apenas a questão da dinâmica metodológica das regras, sem tecer comentários sobre nossa curiosidade.

Não raramente ouvimos dizer que tal brincadeira é de menino ou tal brincadeira é para menina (GONÇALVES JUNIOR, RAMOS, 2005). Compartilhamos com Martins, Souza Júnior e Belmonte (2015, p. 5) a compreensão de que existem práticas de jogos, esportes e outras motricidades fortemente condicionadas pela estrutura social que se mostra patriarcal, ao conceber, e até mesmo acolher, a hegemonia de gênero em determinadas práticas. Seria o equivalente a dizer que vôlei é para as meninas e futebol é para os meninos, ou que brincar de “carrinho” ou de “hominho” (“bonecas/os de personagens homens”) é para meninos e “bonecas”, balé e “escolinha” é para as meninas. Nesse sentido, Martins, Souza Júnior e Belmonte (2015) identificaram que há no ideário social jogos que possuem estreita relação com determinado gênero e, de maneira mais angular o futebol, e as práticas afeitas ao universo futebolístico, seriam os últimos redutos de reserva hegemonicamente masculina, se expressando como um forte marcador de gênero. Nas palavras da autora e dos autores:

O futebol como um dos últimos redutos de reserva masculina tem-se mostrado relativamente impermeável às investidas de mulheres. Prova disso é o fato do termo futebol referir-se sempre à sua versão jogada pelos homens, enquanto a sua apropriação pelas mulheres recebe conotação pejorativa e abjeta, exigindo o emprego da expressão “futebol feminino” que tende a desqualificar essa prática e lançá-la numa espécie de porão do futebol tido como legítimo (p. 3).

Corroborando também com esta compreensão o estudo de Moraes e Bonfim (2016), cuja pesquisadora sinaliza a importância da inclusão das meninas no jogo, via da caracterização metodológica do *FC*. De acordo com a autora, tal inclusão se configura como uma potência para ressignificação das relações de gênero.

Atenta e atentos à esta discussão, Martins, Souza Júnior e Belmonte (2015) comentam acerca da possibilidade da superação da hegemonia de um gênero sobre outro na prática de jogos, para tanto, lançam mão de inspiração oriunda da prática do *FC*. Todavia, ponderam alguns cuidados e atenção para o momento de criação de regras:

Tais mecanismos poderiam ser representados pela alteração de regras no sentido de promover uma relativa equiparação das competências tático-

revestimento político/social/cultural/histórico. Nesse sentido, gênero como campo de estudos surge para nos salvar das armadilhas do determinismo biológico que insistia, e em alguma medida ainda persiste, em aprisionar homens e mulheres em categorias opostas, estática e fechadas” (p. 253).

técnicas do jogo? Acreditamos que eventualmente sim, inclusive para facilitar a participação daquelas meninas com experiências reduzidas com o futebol em suas histórias de vida, cabendo a ressalva de que meninos também podem se encontrar nessas condições, merecendo o mesmo tratamento. Contudo, é preciso muita cautela para não transformar tais mecanismos de inclusão em alterações que descaracterizam o jogo de futebol, retirando dele elementos que garantem a fluidez de sua própria “natureza lúdica” (p. 11).

Figura 14 – 2º Tempo de uma partida: meninos e meninas jogando juntos na areia



Fonte: Acervo de imagens dos investigadores (2017).

Diante da possibilidade de compreendermos as possíveis relações de gênero estabelecidas pelos/as integrantes da equipe co-laboradora, perguntamos para o participante Cauã, em situação de Diálogo Individual, como era para ele jogar com as meninas? Ao passo que ele respondeu: “Da hora [...] Porque joga menina e tem menina boa também” (XIV-12). O participante esclareceu, reforçando que “é muito da hora”, conforme segue:

Maurício: E quando as meninas jogam, como que é?

Cauã: É... Assim, tem mais gente, e é muito da-hora jogar c'as meninas.

Maurício: Porque que é da hora?

Cauã: Porque... Por... Porque as meninas faz, faz... Faz... Faz uma... Como que eu posso se dizer? Faz uma... Não faz uma falta no time!

Maurício: Não faz falta no time? Como que é isso? Não entendi! Como assim não faz falta? Se ela não jogar não tem problema? Isso é fazer falta não é?

Cauã: Tem.

Maurício: Eu não entendi, você pode explicar melhor? Como assim: “a menina não faz falta no time”?

Maurício: Cé tava dizendo pra mim, e pra câmara, e pra quem for assistir, porque que é dá-hora quando as meninas jogam, no Fútbol Callejero. Porque?

Cauã: *Porque elas... Elas brincam, elas... Elas não cavalam (XIV-13).*

A leitura da descrição deste diálogo realizado junto a Cauã nos permitiu perceber que para este participante, para além de uma questão quantitativa – expressa em “[...] *tem mais gente* [...]”, também compôs seu ponto de vista a atitude cuidadosa na qual as meninas “[...] *não cavalam*”.

A expressão “cavalam”, no contexto do espaço-tempo de desenvolvimento do VADL-MQF, tem relação com atitudes rudes, agressivas e até mesmo violentas empreendidas por jogadores e jogadoras que tentam, geralmente, defender o seu campo, ou sua meta/gol da invasão e as investidas de jogadores/as do time oponente. Endossa esta nossa percepção o trecho do mesmo fragmento já destacado no qual Cauã diz que as meninas “*Não faz uma falta no time*” (XIV-13).

Ainda em Diálogo Individual com o citado participante, procuramos esclarecer a expressão “falta”, pois inicialmente havíamos compreendido como sinônimo de “ausência”, contudo o participante indicou que tal expressão se relacionava com a concepção de uma “jogada violenta”, uma “arbitrariedade” no jogo.

No contexto do discurso de Cauã, redonda a dimensão da ação respeitosa por parte das meninas (em “não-cavalar”), além da importante observação captada por Cauã que reconheceu a atitude das garotas. Com efeito, no conjunto das asserções identificadas, nos fez identificar o processo de **educação para as relações de gênero**, tão necessária para nossos mundo-vida.

Seguindo com nossa análise, emergiram mais elementos que compreendemos contribuir com que a prática do *FC* se torne “da hora”. Destacamos a fala do participante Davi-Luiz que em consonância com registros anteriormente – extraídos das falas de Carol (XIV-18), Esther (XV-4) e Cauã (XIV-12, 13), anteriormente apresentados –, aponta que junto com a ausência de um/a árbitro/a, que a manifestação da solidariedade também figura como atitude importante para situar a prática do *FC* junto a presente categoria. Assim, conforme comunicado por Davi-Luiz em ocasião de realização da Roda de Conversa:

Maurício: [...] *Davi-Luiz, se você fosse falar do Fútbol Callejero pra alguém o que que você falaria? O que que...*

Davi-Luiz: *Ah... Eu ia falar que é um futebol diferente, que não é igual ao que você vê na televisão. Que você mesmo pode montar suas regras. Você... Não tem juiz, que é um jogo...*

Maurício: *Legal, e porque ele é diferente da televisão? Você falou algumas coisas.*

Davi-Luiz: *Porque ele diferente?*

Maurício: *É, porque que você considera ele diferente da televisão?*

Davi-Luiz: *Porque não tem juiz, todo mundo é... Solidário com os outros, todo mundo tem respeito. Eu acho legal.*

Maurício: *Todo mundo tem respeito, legal. (XV-5).*

Finalizando a apresentação dos registros que convergiram para a emergência da presente categoria, destacamos uma última unidade de significado, extraída do registro de Roda de Conversa (Diário XV). Nesta ocasião, o participante Marreco, baseado em sua experiência de participação, comunicou sua percepção acerca do FC.

Maurício: *[...] Quem mais pode falar algo sobre o Fútbol Callejero? E o Marreco? O Marreco jogou bastante Fútbol Callejero. Como que foi isso aí Marreco? O que que foi o Fútbol Callejero pra você?*

Marreco: *Experiência ótima... Pra mim. Foi todos jogando isso daí né? Deixa eu ver que mais. Tinha muito a galera que gostava, sabe? Porque respeitar um ao outro lá no meio do jogo, foi bom meu! Ser mais solidário também, ajudar o próximo. Eu gostei bastante disso! (XV-6).*

Figura 15 - 2º Tempo de uma partida: meninos e meninas jogando juntos no campo



Fonte: Acervo de imagens dos investigadores (2017).

Nesta categoria, foi notória a importância do **diálogo** para a construção das regras, para o estabelecimento da horizontalidade das relações e para a educação das relações de gênero. Com intuito de oportunizar ao leitor ou leitora um olhar ampliado acerca da variação das regras do FC que foram propostas no contexto de espaço-tempo de nossa investigação, apresentamos logo abaixo o “Quadro 4 – (Recriação das regras para a transformação do jogo”. Na coluna da esquerda encontramos uma síntese da regra que foi proposta em situação de desenvolvimento do FC. Já a coluna da direita indica o diário no

qual consta o momento em que os/as participantes procuraram apresentar, defender ou refutar a inclusão, ou não, da regra proposta.

Quadro 4 – (Re)Criação das regras para transformação do jogo.

Regras	Diário
Não vale dar “chutão” (chutar forte)	I; III; IV; VI; XII
Não vale dar carrinho	I; III; IV; VI; VIII
Atribuição de pontos para acertos na trave; travessão e forquilha.	I; II; XII
Atribuição de pontos para a defesa do Goleiro	III
Esperar um tempo antes de tentar roubar a bola de qualquer jogador ou jogadora	III
Esperar 5 segundos antes de tentar roubar a bola das crianças pequenas	VIII
A bola não sai pelas linhas laterais	III; IV; XII
Não pode falar durante o jogo	III
Atribuição de pontos para chapeuzinho/lençol	III
Atribuição de pontos para canetinha completa e canetinha incompleta	III
Não vale dar jogo-de-corpo	IV
Só vale gol se estiver de mão dada com quem for dar o chute	IV*
Só vale gol se falar a “palavra-chave”	IV; VI; VIII*
Não excluir os/as participantes menores	VIII

* Ocasão na qual a regra foi proposta e dialogada coletivamente, porém não foi aceita pelo coletivo.

Em nosso movimento de *saber-interpretar* (DUSSEL,1974) identificamos que os dois últimos excertos trazidos anteriormente (Davi-Luiz, XV-5 e Marreco, XV-6) sinalizaram para um tênue limiar entre a intenção de tornar o FC “muito da hora” e outras

significações que expressavam em suas ações capaz de nos fazer identificar uma nova categoria. Passamos agora para sua apresentação.

4.2 Categoria B – Cuidado *Callejero*

David: Ah... Eu penso nas outras pessoas e... As pessoas que são. Não são bom de bola, tipo. Passar pras pessoas que são mais fracas no futebol. Eu fui uma delas e... E eu acho que foi muito solidário, e eu saí com muita autoestima. E até hoje eu lembro desse momento que eu gostei muito (David, XIV-6, grifos nossos).

No movimento de realização de diversas leituras dos diários, emergiram diferentes elementos nas falas dos/as participantes que comunicaram como os colaboradores e colaboradoras significavam o fenômeno *FC*. Após compreendermos que para os/as participantes o “*Fútbol Callejero* é muito dá hora”, bem como os motivos de qualificá-lo como tal, na presente categoria expressaremos a percepção das “atitudes de cuidar” que emergiram ao longo de nossa convivência.

Em tempo, diferentemente da maneira pela qual o nome da categoria anterior foi eleito, a inspiração para o título da presente seção, “Cuidado *Callejero*”, surgiu a partir da ressonância entre a comunicação feita pelo participante David (XIV-6), logo na epígrafe, com a compreensão acerca da “atitude de cuidar” com outrem sinalizada por Boff (1999) que nos diz: “Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento com outro” (p. 33).

Começamos, então, por marcar o quão potente e impactante foi a fala de David, cujo trecho compõe a epígrafe desta seção, “Cuidado *Callejero*”. Em situação de Diálogo Individual, ao ser consultado sobre quais as suas intencionalidades nos momentos de proposição de regras, o participante ponderou: “*Ah... Eu penso nas outras pessoas [...]*”. (DAVID, XIV-6). Esta fala nos foi arrebatadora, fazendo clarificar as ações que tiveram como o elemento estruturante o objetivo de promover o cuidado com outrem.

Para tanto, respaldados em Freire (2018c), identificamos que o diálogo se configura como condição imprescindível para o estabelecimento da empatia no movimento que chamamos de “Cuidado *Callejero*” de cuidado com outrem. Nas palavras de Freire (2018c):

É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade [...] Nutre-se de amor, de humanidade, de esperança, de fé, de confiança. Por isso, somente o diálogo comunica. E quando os dois polos

do dialogo se ligam assim, com amor, como esperança, com fé no próximo, se fazem críticos na procura de algo e se produz uma relação de “**empatia**” entre ambos (p. 93 – grifos nossos).

Em nossa análise, percebemos que de maneira análoga às ações empreendidas para tornar a prática do *FC* mais satisfatória, mais legal e mais divertida, as ações que circunscreveram a atitude de cuidado com outrem também se manifestaram durante o momento de (re)criação das regras e (trans)formação do jogo oportunizado pelo 1º Tempo de cada partida. Estes momentos, metodologicamente sistematizados (ROSSINI et al., 2012), exerceram importante papel para o anúncio da intencionalidade de promover o cuidado com outrem, conforme observamos no registro em que a participante Melissa expressa o desejo por “[...] *não excluir os menores na hora de jogar*” (VI-6). Assim, a continuidade deste diálogo gerou alguns arranjos na regra proposta:

Maurício: E aí como isso virou uma regra na hora de jogar? A regra é algo que vai... Então a regra é não excluir os menores.

Dino: É.

Maurício: Sugerido pelo time sem colete. Como que a gente vai fazer esse jogo?

Dino: Tocando para eles.

Melissa: Tocar para todos.

Maurício: Mas, isso cooperação já não garante? Então, veja: O que a Melissa está sugerindo... Pode ampliar a regra...

Marreco: Da cooperação, só que focada pros pequenos?

Maurício: Só que vira uma regra. Só que quem não respeitar. Além de ser falta de cooperação, vai ser falta de des... Vai ser desrespeito!

Marreco: Vai perder ponto (VI-6).

Embora este registro não tenha apresentado de maneira explícita quais foram os/as participantes chamados de menores, na ocasião ficou tacitamente compreendido se tratar de Klevis, Diogo, Cássio, Caique e Milena (participantes com idade entre 7 e 8 anos).

Outras situações de criação de regras similar foram identificadas em nossas análises. Tivemos, com isso, ocasião registrada junto ao Diário VIII (7), constando a indicação de três “crianças menores”, bem como no Diário III (5), cuja formulação instituiu que toda gente participante, independentemente de sua habilidade ou idade, teria direito de possuir a bola por cinco segundos antes que um/a oponente se engajasse na tentativa de lhe tirar a bola.

Figura 16 – Registro da realização de um primeiro tempo



Fonte: Acervo de imagens dos investigadores (2019).

Compreendemos que a oportunidade de proposição desta regra tencionou a relação e o desejo pela vitória pautados por uma atitude competitiva exacerbada, uma vez que o modo competitivo de estar sendo com-mundo-e-com-viveres, é facilmente observado no âmbito dos esportes ou de jogos competitivos, invadidos pelos valores mercadológicos que se estendem e se embrenham em nossos conviveres de maneira melindrosa e, muitas vezes, despercebida. Nesse sentido, Brandão (2005b) tece críticas:

O modo como o esporte tem sido vivido em sociedades regidas por regras de mercado, que tornam as próprias pessoas produtos postos à venda de acordo com a avaliação mercantil do valor de seus desempenhos, é a melhor ilustração de como a lógica que transforma a vida em negócio vai sendo imposta a todos os domínios de todos os relacionamentos entre as pessoas, entre pessoas e natureza, e entre pessoas e símbolos, sentimentos, seus significados e suas vocações de sociabilidades (p. 60).

Com sua especificidade metodológica de organização em três tempos, em seu 1º Tempo, momento em que ocorre um fórum para diálogo e debate de propostas acerca dos acordos que irão moldar as maneiras de se jogar, o *FC* contextualizado no VADL-MQF oportunizou o exercício do cuidado com outrem a partir do acolhimento das pessoas mais novas, ou menos habilidosas. Para tanto, elencamos o processo educativo do **despojamento** para com atitudes excessivamente competitivas. Balizando esta nossa interpretação está Boff (2006) que comunica:

O *despojamento* envolve o esquecimento de si e dos próprios interesses para concentrar-se totalmente no outro. Importa “ver” o outro como outro e não como prolongamento de si mesmo ou do círculo do seu eu. [...] O

cuidado se expressa pela saída de si em direção ao outro e se traduz em solidariedade, em serviço e em hospitalidade para com o outro [e com a outra]. Com-paixão comporta assumir a mesma “paixão” do outro. Vale dizer, sofrer com quem sofre. Mas também alegrar-se com quem se alegra. Implica co-mungar, caminhar juntos, com-viver, oferecendo-se mutuamente o ombro e dando-se as mãos (p. 22 – grifos do autor).

Algumas unidades de significado ilustravam momentos de deliberação das regras nas quais os/as co-laboradores e co-laboradoras tiveram a preocupação em promover o **acolhimento** e adequação do modo de jogar com especial atenção ora voltada para as crianças “menores”, ora com os/as participantes menos habilidosos/as. Corroborando com este gesto, identificamos a recorrência da proposição que interditou/proibiu a ação conhecida como “carrinho”⁷⁵, conforme asserção descrita abaixo, se tratando da argumentação iniciada por Cauã e endossada por Nino, que sugerem:

Cauã: É pra falar regra.

Maurício: Pode falar. Quem quiser falar, levanta o braço. A gente só passa pra ouvir outra regra quando a gente definir a regra que começou a ser estabelecida, ou dialogada.

Cauã: Não pode dar carrinho.

Maurício: É porque que não pode dar carrinho?

Cauã: Porquê cai de cara no chão.

Maurício: Por que cai de cara no chão?

Nino: Não, porque cai de... Costa, e bate a cabeça. (IV-1).

A proposta da regra que invalidou o “carrinho”, conforme o trecho apresentado, também apareceu nos diários I, III, IV, VI e VII. Neste último, inclusive, a proposta original feita pela participante Milena indicou seu interesse em validar tal ação, porém, após extenso diálogo no qual os/as jogadores e jogadoras tiveram o cuidado de caracterizar a ação do “carrinho”, inclusive fazendo uma simulação e ponderando os riscos com tal movimento, fez com que a proponente declinasse ao pedido de inclusão de regra.

Ainda com a nossa atenção despertada para o agrupamento de registros que comunicavam a intencionalidade em promover o cuidado com outrem a partir da (re)criação das regras, foi igualmente recorrente as proposições que não permitiam um jogador/a desferir chutes fortes, ficando conhecida como a “regra do chutão” (I, IV, VI, XII),

⁷⁵ No contexto desta pesquisa desenvolvida junto à comunidade participante do VADL-MQF, trata-se o “carrinho”, de uma ação empreendida por um/a jogador/a no qual este/a se lança ao solo de maneira a deslizar seu corpo pelo chão, direcionando seus pés com intenção de interromper o curso e a condução da bola por aquele/a que a possui. Por vezes, a bola é atingida de maneira exitosa, já em muitas ocasiões é o corpo do/a jogador/a oponente que recebe um golpe.

conforme trecho destacado adiante, no qual David e Caique expressam seus pontos de vista acerca dos riscos que representam um “chutão”:

Maurício: Caique... Sugeriu que não vale dar chutão, cêis tem acordo?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Cêis sabem o que é chutão?

Manoel: Chutar pra frente.

Maurício: É só chutar pra frente turma?

Cauã: Chutar forte?

Caique: Chutar forte.

Maurício: Chutar forte! É... Caique, porque que não vale dar chutão?

Caique: Porque acerta a cabeça das crianças

Marreco: Pode acertar alguém.

Maurício: Cêis tem acordo que não vale dar chutão?

Resposta em coro: Sim (XII-3).

Figura 17 –1º Tempo realizado na quadra de areia



Fonte: Acervo de imagens dos investigadores (2017).

Desde o nosso ponto de vista, a regra que interditou o “chutão” representou, ao mesmo tempo, a possibilidade de cuidado com outrem, mas também a possibilidade de cuidado consigo mesmo. Haja vista os riscos de ora acertar alguém, ora de ser atingido. Nesta esteira o participante Quero-Quero, partindo de sua experiência pessoal com prática de outros “futebóis”, propõe a proibição do movimento conhecido como “jogo de corpo” e justifica:

Quero-Quero: Que não vale empurrar as pessoas.

Maurício: Não vale empurrar a pessoa?

Pontes: Nem dar jogo de corpo⁷⁶?

Quero-Quero: Isso.

Maurício: Não vale dar jogo de corpo ou empurrar? Ou as duas coisas?

Quero-Quero: É isso daí: Jogo de corpo.

Maurício: Então não vale dar jogo de corpo. Por que não vale?

Quero-Quero: Porque machuca. Outro dia eu tava jogando, o moleque fez um comigo, e ele era maior que eu. Ai me deu um jogo de corpo e acertou bem no meu peito.

Maurício: E aí machuca então?

Quero-Quero: Sim (IV-3).

De acordo com nossa sinalização, feita logo na abertura desta categoria, as unidades de significado que convergiram para a formação de “Cuidado *Callejero*” possuem como intencionalidade operante a “atitude de cuidado”. Todavia, nosso rigor metodológico descortinou ações que foram de encontro com a atitude de cuidado, conformando o que chamamos de divergências, ou seja, nesta categoria significou aquilo que Peçanha e Santos (2009) chamaram de “atitudes de descuidados”.

Acompanhando a discussão acerca das divergências identificadas, três manifestações de desrespeito foram observadas em uma mesma data e foram registradas no Diário I. A primeira delas ocorreu antes do início do jogo (antes mesmo do 1º Tempo), porém possui relação com o FC, uma vez que corresponde ao processo de formação de equipes para sua prática. Assim, no Diário I (1d) encontramos o registro no qual o participante Didi exprime uma atitude de descuidado que reflete a uma postura sexista, galgada no patriarcado, conforme apresentamos a seguir:

Para que as equipes tivessem o mesmo número de jogadores/as participantes o educador Romeu precisou integrar a equipe – assim como havia ocorrido na brincadeira anterior (“Pic-bandeira-pô”). O participante Didi se queixou dizendo: “Oloco Maurício, não vale! Assim o time deles fica mais forte... Coloca uma das professoras!” [...] Insisti dizendo que a preocupação do participante Didi deveria ser com a atenção as regras, pois era possível sugerir regras que proporcionassem um jogo mais equilibrado e justo de modo a aproveitar a habilidade que cada pessoa possuía, que para tal ele deveria refletir bastante, junto com seus/suas colegas de equipe, sobre quais regras eles/as gostariam de propor. O garoto aparentou descontentamento com as minhas palavras, pois franziu a testa e baixou a cabeça. A participação do educador na outra equipe foi mantida e demos início ao “1º Tempo” (I-1d).

⁷⁶ O chamado “jogo de corpo”, no contexto do esporte futebol, se trata de uma ação na qual um/a jogador/a utiliza seu próprio ombro para promover o deslocamento de seu/sua oponente através de um toque abrupto no ombro do adversário/a. Dentro da lógica do esporte futebol, este movimento é permitido somente em situações de disputa pela posse da bola, oportunizando que um/a jogador/a vença a disputa pela posse de bola ao retirá-lo/a desta disputa com o efeito do solavanco dado no ombro do/a adversário/a.

Em nossa interpretação do ocorrido, partindo do comentário do participante Didi, a situação aponta para que este adolescente pré-concebeu que as educadoras Daenery e Abayomi não são tão habilidosas no *FC*, ou mesmo no futebol, tanto quanto ele imaginou ser o educador Romeu. Nossa interpretação está embasada em nosso conhecimento de que tal ocasião se tratou da primeira participação do adolescente, desde que o projeto foi iniciado naquele território. Nesse sentido, estamos seguros de que Didi, até então, não havia observado nenhuma das educadoras, tampouco o educador, praticando *FC* em situações anteriores. Cumpre salientar que Didi não disse explicitamente que possui pré-conceitos.

De maneira positiva e propositiva, o *FC* emerge como uma motricidade (do Sul, conforme identificamos e defendemos) no qual meninos e meninas, homens e mulheres, jogam juntos e tencionam as relações que foram historicamente constituídas desde o viés do patriarcado e que se engendram nas diferentes práticas sociais vivenciadas em nosso dia a dia. Assim, ao fixarmos nosso olhar para a prática de Educação Popular que estabelece interfaces com a motricidade lúdica, avaliamos que o participante Didi (12 anos) está, assim como toda a gente, condicionado pela realidade histórica e existencial no qual o patriarcado deitou raízes. De encontro com este fenômeno, o *FC* encampou a necessidade de superação desta relação opressora, desde a proposição de Fábian Ferraro, para a formação de equipes mistas conforme Rossini et al. (2012) anunciam:

La Metodología es inclusiva porque no establece ninguna diferencia entre varones y mujeres. Si bien en el fútbol convencional se ha avanzado en los últimos años en la integración de las mujeres a partir de la expansión del fútbol femenino, las ligas para mujeres no dejan de ser concebidas como “de segunda”, y las mujeres que juegan siguen siendo señaladas negativamente por intentar insertarse en un mundo tradicionalmente masculino (p. 115)⁷⁷.

Em estudo no qual foi analisado o desenvolvimento do *FC* junto a um contexto escolar, a pesquisadora Castro (2018) argumentou que a dinâmica do jogo misto, somada aos momentos de diálogo foram fatores fundamentais para colocar como objeto de reflexão temas sensíveis ao ambiente escolar, mas que a organização da estrutura social os polemizam e, assim, acabam por serem evitados. A citada autora concorda que a questão de gênero é um destes temas censurados/reprimidos:

⁷⁷ “A metodologia é inclusiva porque não estabelece nenhuma diferença entre homens e mulheres. Se bem que no futebol convencional se tem avançado nos últimos anos com a integração de mulheres a partir da expansão do futebol feminino, as ligas para mulheres não deixaram de ser concebidas como ‘de segunda’, e as mulheres que jogam seguem sendo discriminadas por tentar inserção em um mundo tradicionalmente masculino” (ROSSINI et al., 2012, p. 115 – tradução livre nossa).

Com o desenvolvimento da temática [o FC], assuntos que eram censurados e reprimidos no ambiente escolar passaram a ser colocados em pauta, como a questão do gênero. Muitas dúvidas surgiram sobre esse assunto e até certos preconceitos por parte dos meninos (como por exemplo, o discurso machista em que se apoiavam) (p.106 – grifos nossos).

Compreendemos que a combinação das prerrogativas do FC – nos referimos àquelas que suleam a prática mista e a organização de um primeiro tempo para a (re)criação de regras e a (trans)formação do jogo –, atuam de maneira a fortalecer a promoção e o estabelecimento de relações equânimes entre meninos e meninas. Diante da indesejável manifestação de existência de motricidades generificadas, Martins, Souza Júnior e Belmonte (2015) vislumbram, com esperança, o potencial transgressor que o FC possui para de superação desta lógica patriarcal:

O caráter relacional do gênero também nos ajuda a compreender a relação desse marcador com as dinâmicas de poder e exclusão propiciadas por ele. Por isso, construir uma prática cooperativa, solidária e integradora, tal como prega o FC, implica, em primeiro lugar, transgredir e desconstruir os estereótipos de gênero presentes na prática esportiva (p. 6)

Ao promover a **educação para as relações de gênero** o FC se mostrou uma potência contra o patriarcado. Com isso, argumentamos que ao assumir tal posicionamento, significou agir apenas contra a superação da violência de gênero (aspecto que por é extremamente importante/necessária e não devemos abandoná-la), mas consideramos que a ação para superação desta problemática envolveu atuar sobre as diversas manifestações que patriarcado representa. Corroborando, estão Maturana e Veden-Zöllner (2004) que asseveram:

Os aspectos puramente patriarcais da maneira de conviver da cultura patriarcal europeia – à qual pertence grande parte da humanidade [...] constituem uma rede fechada de conversações. Esta se caracteriza pelas coordenações de ações e emoções que fazem de nossa vida cotidiana um modo de existir que valoriza a guerra, a competição, a luta, as hierarquias, a autoridade, o poder, a procriação, o crescimento, a apropriação de recursos e a justificação racional do controle e da dominação dos outros por meio da apropriação da verdade” (p. 37)

De acordo com este autor e autora, o patriarcado se manifesta como mais uma das nefastas consequências da “totalidade europeia” que negou (e ainda nega) a possibilidade da existência e de convivialidade entre diferentes cosmovisões, exterioridade e, também, diferentes totalidades que não prezam por ser totalitárias (DUSSEL, 1974; 1995; 2005). Desde o nosso ponto de vista, sugere o patriarcado uma ação que acaba por impingir em

nossos seres traços da “colonialidade do saber” (QUIJANO, 2005; 2009; MIGNOLO; 2005), ou conforme temos preferido comunicar: a colonialidade dos corpos.

Excertos extraídos do discurso da participante Carol (XIV-20) também contribuem com a nossa compreensão de que o *FC* se configura como frente de resistência e luta contra o patriarcado que, historicamente, tem condicionado e balizado nossas relações em diferentes espaços-tempos dos nossos (com)viveres, tal como em meio as diferentes motricidades lúdicas Assim, a participante aponta o processo pelo qual o *FC* contribuiu para que ela aprendesse a jogar bola:

Maurício: Tá... Então tá. Olha, você acha que você ensinou ou que você aprendeu alguma coisa com o Futebol Callejero?

Carol: É... Aprendi a jogar.

Maurício: Jogar o que?

Carol: Bola.

Maurício: Você não sabia jogar bola antes? Você aprendeu a jogar bola com o Futebol Callejero?

Carol: É.

Maurício: E como que você acha que foi isso. Porque que você acha que aprendeu no Futebol Callejero?

Carol: Porque... Em casa eu nunca joguei bola. Só os meninos, porque minha mãe falou assim que as menina não pode jogar bola. Aí eu vim no projeto e aprendi a jogar bola [...] (XIV-20 – grifos nossos).

No período investigado não identificamos a proposição de uma regra que tivesse a intenção de beneficiar exclusivamente um gênero em detrimento de outro, encontrando amparo nas preocupações de Martins, Souza Júnior e Belmonte (2015), conforme citada/os anteriormente:

Em dois registros que compreendemos possuir relação com a **Cooperação**, as participantes Julha e Fernanda foram enfáticas ao comunicarem sua satisfação promovida pela participação, conotando que, desde o próprio ponto de vista destas participantes, houve um engajamento e seus/suas companheiros e companheiras de equipe para que se sentissem acolhidas e satisfeitas, conforme apresentado logo adiante. A primeira ocasião destacada ocorreu logo ao final do 3º Tempo, conforme segue:

Educadora Daenery: E Cooperação? Todo mundo está satisfeito por ter jogado?

Julha: Sim.

Maurício: Fala de novo pra gente escutar então Julha!

Julha: Eu fiquei bastante satisfeita porque eu joguei bastante.

Maurício: Ah... Porque você ficou satisfeita?

Julha: *Eles tocaram bastante para mim (III-17).*

Ainda no mesmo encontro, registrado no Diário III, em momento de realização de Roda Final, a participante Fernanda comentou acerca de sua percepção de satisfação pela participação no FC, desenvolvido neste encontro.

Fernanda: *É... Eu gostei muito por causa que deram bastante a bola pra mim fazer gol, mas eu não consegui fazer gol.*

Maurício: *Você gostou?*

Fernanda: *Ah... Eu gostei, só que não gostei!*

Maurício: *Ah... você não gostou porque você não conseguiu fazer o gol.*

Educador Dexter: *Não, ela gostou porque tocaram a bola...*

Fernanda: *Não! Eu gostei porque passaram a bola pra mim. Mas, eu não gostei porque eu não consegui fazer o gol (III-21).*

Figura 18 – 2º Tempo de uma partida: meninas e meninos jogando juntos na quadra



Fonte: Acervo de imagens dos investigadores (2016).

As duas manifestações de satisfação⁷⁸ trazidas para o corpo do texto (III-17; III-21) ocorreram num encontro em que havia um número maior de educadores e educadoras, o que pode ter influenciado na qualidade da participação de toda a gente, e neste caso, em especial, das duas participantes citadas.

⁷⁸ Ambos registros poderiam seguramente ser agrupados na categoria “*Callejero é muito da hora*”, pois comunicam a satisfação decorrente da participação. Contudo, optamos por lançar luz para a intencionalidade do cuidado que foi des-velada, capaz de fazer emergir a mobilização dos/as companheiros/as de equipe das participantes citadas, de modo que que ambas percebessem a experiência de satisfação. Portanto, a intencionalidade descortinada foi a do *cuidado com outrem* como sendo o elemento fundante da percepção da satisfação.

O **diálogo** também figurou com importância quando analisamos a participação de Milena durante uma partida (VI-12). Esta, inicialmente, sinalizou que seu time não merecia pontos de Cooperação, pois compreendeu que não havia recebido a bola de maneira satisfatória/suficiente. Porém, após diálogo no qual seus colegas de equipe sinalizaram o esforço para fazê-la receber a bola a fez compreender que seu time havia autenticamente se esforçado para a promoção da participação da pequena.

Este agir-com-outrem desde a alteridade também possibilitou, a nosso ver, que os/as participantes admirassem a si-mesmos/as em suas ações com outrem. Compreendemos que foi este movimento suscitou o processo educativo de **olhar para-si** que, no caso de Pontes, contribuiu para que este refletisse sobre seu engajamento no processo de promover uma efetiva participação de Julha, conforme excerto reproduzido logo abaixo:

A participante Julha comentou que ninguém havia tocado a bola para ela. O participante Pontes argumentou dizendo: “Eu até tentei, mas os outros ia lá e roubava a bola dela. Mas, o mesmo participante complementou sua ponderação dizendo: “Mas, foram poucas vezes, eu acho que nossa equipe não merece os pontos de ‘Cooperação’”. [...] Problematizei com a outra equipe perguntando: “E o que o pessoal da ‘equipe Laranja acha disso? A outra equipe merece os pontos de ‘Cooperação?’ “. Marreco foi o primeiro a dizer: “É... Eu acho que eles não merecem não! Porque a própria Julha e o Pontes tão dizendo que não merecem. E eu também acho que ela participou pouco”. Nessa análise houve consenso entre os/as participantes das duas equipes acerca da não atribuição de pontos referentes ao pilar Cooperação (I-4).

Neste registro compreendemos que o participante Pontes confiou na palavra da participante Julha, estabelecendo um processo de **alteridade** capaz de fazê-lo repensar suas ações e perceber o evento analisado desde o ponto de vista de outrem, em pleno exercício analético. A alteridade, então, se mostrou como uma potente forma de promover a atitude de cuidar (BOFF, 1999), de tal maneira que o participante pôde olhar para-si tendo como objeto de reflexão sua própria ação em jogo, posta em relação com os processos de se mobilizar para que Julha também pudesse participar. Dito de outro modo: Pontes começou a compreender sua parcela de responsabilidade pela baixa participação de Julha, que, antes de ser objeto de reflexão, era um problema somente dela. Notamos, com isso, a manifestação **ética do cuidado**.

Do ponto de vista do nosso *saber-interpretar* (DUSSEL, 1974; 1995; 2005), este processo educativo tem sua genealogia na alteridade, pois para que eu tenha cuidado com outrem, é preciso que este outrem exista para mim. Daí, então, é preciso perceber que entre este outrem e eu há uma desigualdade que se projeta no mundo como algo a ser

superado, fazendo surgir, com isso, a dimensão ética da alteridade e do **amor do próximo**. Nossa proposição encontra na ética do cuidado de Lévinas (2005) que pontua:

O encontro com Outrem é imediatamente minha responsabilidade por ele. A responsabilidade pelo próximo é, sem dúvida, o nome grave do que se chama **amor do próximo**. Amor sem *eros*, caridade, amor em que o momento ético domina o momento passional, amor sem concupiscência. Não gosto muito da palavra amor, que está gasta e adulterada. Falemos duma assunção do destino de outrem. É isso a “visão” do Rosto, e se aplica ao primeiro que aparece (p. 143 – grifos nossos).

A Mediação, ou 3º Tempo, junto aos momentos de constituição de regras, também figurou com importância angular para a emersão do diálogo como sendo um movimento intencional para a concretização do “Cuidado *Callejero*”. Todavia, diferentemente da intencionalidade empreendida no momento inicial (1º Tempo – instante de estabelecimento de acordos para (re)criação das regras para (trans)formação do jogo), no momento final das disputas do *FC* os diálogos colocaram como objeto de reflexão as atitudes e as relações que foram estabelecidas com outrem durante a partida. Conforme ocorreu, por exemplo, com o participante Kelvis (III-13, 19) e a educadora Abayomi (III-16) que, após terem desrespeitado as regras que não permitia aplicar um “carrinho” (no caso de Kelvis) e do desafio de não falar durante o 2º Tempo (no caso de Abayomi), tiveram suas ações postas como objeto de reflexão a partir de diálogo em círculo, de maneira cuidadosa e respeitosa.

Também foi à luz dos pilares: Respeito, Cooperação e Solidariedade, conforme aponta o registro adiante, que Quero-Quero refletiu, espontaneamente, acerca de sua falta de Solidariedade com seu primo Leão:

Quero-Quero: *Professor, você falou que solidariedade tinha que... Que... Não podia uma pessoas... É... uma pessoa tá aprendendo a jogar e o outro mais habilidoso ir pegar, não é isso que você falou?*

Maurício: *Poderia ser! Mas, não é obrigado. Ser solidário, é um exemplo isso.*

Quero-Quero: *As vezes o Leão ele... Pegou a bola, aí eu já tava... Aí eu, na hora que ele pegou a bola eu já tirei dele. Por isso.*

Maurício: *Então você deixou de ser solidário. (IV-11).*

Neste movimento, à exemplo do que ocorreu com Quero-Quero, é possível observar situação semelhante ocorrida com David (III-14), ou ainda, conforme no trecho destacado logo adiante, quando em ocasião de análise da Cooperação o participante Diogo refletiu sobre suas atitudes direcionadas ao seu colega Cauã, conforme trecho a seguir:

Educador Leonel: *É porque, por exemplo. É... Dito que no Fútbol Callejero o importante não é você ganhar pelo número de gols e tal. E aí teve aquela hora que o Cauã falou que tava sentindo que ele não tava tocando muito na bola. Talvez seja pelo fato de tipo assim, ele tá um pouco desatento no jogo, mas mesmo assim eu acho que era importante ele ter mais contato com a bola.*

Diogo: *Eu acho que eu sei porque...*

Educador Leonel: *Então eu acho que ele ficou... Eu acho, particularmente, eu acho que a minha equipe ficou devendo um pouco pro Cauã. Ele não tocou tanto... Eu particularmente acho, que a minha equipe não teve tanto assim, pensando... Meu... Os tanto que vocês fizeram gols, fizeram passes a gol, mas o Cauã... Não assim... Não só pelo fato da inexperiência dele. Mas assim: Talvez se ele tivesse mais contato com a bola ele estaria mais atento ao jogo.*

Maurício: *Ok... Diogo quer falar algo?*

Diogo: *É... Eu acho que é porque o Cauã não... Ficou sem receber a bola, tinha hora que o Educador Leonel ficava jogando a bola pro... Pro Cauã, eu acho que eu ficava um pouquinho tirando a bola dele. (IV-10 – grifos nossos).*

Esta asserção possibilitou identificarmos uma aproximação com a noção da *analética* de Dussel (1974; 1995; 2005), na qual o fundamento ético de responsabilidade por outrem emergiu de uma relação de alteridade e de confiança na palavra reveladora de nossos/as semelhantes. Outrossim, conforme esta analética dusseliana, observamos que nas ocasiões citadas anteriormente houve alguns/as participantes que depositaram uma confiança irrestrita na palavra de outrem que, sendo reveladora de outra exterioridade, fez emergir um mundo perceptível distinto daquele que o/a participante identificava inicialmente, criando novas significações para as ações que estavam sendo objeto de análise dos diálogos, cuja apreensão do novo só foi possível graças a radical entrega à escuta atenta

Em tais ocasiões foi notória a emersão do compromisso ético do cuidado, da responsabilidade para com outrem, exigindo a interrupção, mesmo que momentânea, de um movimento individual-interpretativo, para a co-produção, ou co-interpretação de uma renovada percepção da realidade. Nas palavras de Dussel (1974):

O ser analógico do outro como alteridade meta-física, graças a “distinção”, origina a revelação do outro como pro-criação, na totalidade. O *logos* como palavra ex-pressora é fundamentalmente (em relação ao horizonte do mundo) unívoco: diz o ser único [...] A palavra reveladora do outro como outro primeiramente é uma palavra que se capta (compreensão derivada inadequada) na “semelhança”, mas que não se chega a “interpretar” pelo abismal e incompreensível de sua origem dis-tinta (p. 203-204).

Modo semelhante à ocasião anteriormente comentada (IV-10) também ocorreu na ocasião registrada no Diário XII (8), na qual o participante Caique indicou descontentamento com seus companheiros de equipe durante o 3º Tempo ao presentificar

sua percepção de que seu próprio time não merecia os pontos de Cooperação. Argumento que Lino inicialmente foi contra, responsabilizando, ou até mesmo culpabilizando, o próprio Caique pela sua não-participação. Vimos, conforme asserção apresentada logo abaixo, que a geração de uma nova percepção acerca do ocorrido demandou um momento inicial *dialógico*, mas a escuta atenta, a alteridade e a responsabilidade ética por outrem possibilitou um desfecho *analético*:

Maurício: Time sem colete, seu time merece o ponto de cooperação? Todo mundo do seu time jogou? Recebeu a bola?

Piá: Ele tá falando que não tocou a bola, mas ele tava lá fora! Ele não tava jogando!

Maurício: Quem tava lá fora?

Piá: O... Ele aí....

Maurício: Então vamo vê dele. Porque que cê tava lá fora?

Caique: Ninguém tocava pra mim!

Maurício: Uma coisa leva a outra.... Lino, você correu bastante nesse jogo?

Lino: Corri.

Maurício: Você recebeu bastante a bola?

Lino: Recebi.

Maurício: Você acha que eles receberam bastante a bola?

Lino: Não.

Maurício: Não?... É isso... Time sem colete, seu time merece ponto de Respeito? De Cooperação? Desculpa!

Caique: Não.

Marreco: Não (XII-8).

O desenlace da situação transcrita anteriormente pareceu ser arrebatador para o participante Lino que, frente à problematização feita no momento da Mediação, apertou os lábios, franziu a testa e com um pequeno e tímido aceno com a cabeça sinalizou negativamente: indicando que sua equipe não merecia os pontos relacionados à Cooperação. Também ganhou relevo a importância das problematizações feitas no momento da Mediação, posto que as perguntas/indagações proporcionaram a identificação de que Lino (e seus/suas colegas de equipe) não se mobilizaram na busca de promover uma autêntica e satisfatória participação de Caique. Frente a este episódio desvelamos o processo educativo da **co-responsabilidade**.

Estes registros também nos fizeram compreender a importância da identificação do conflito e a conseguinte ação de trazê-lo à luz dos diálogos e reflexões promovidas em um contexto respeitoso e acolhedor, que permitisse, inclusive, a exposição do sentimento de angústia ante ao desconforto e descontentamento provocados pela não-participação.

Em continuidade à nossa análise, também identificamos o acontecimento de divergências, ou seja, “atitudes de descuidado” (PEÇANHA, SANTOS, 2009). Um episódio de descuidado foi descrito junto ao Diário I (2d). Tal situação foi gerada no 2º Tempo de um jogo e redundou para o momento de Mediação. Ocorreu que os participantes Ricardo e Didi trocaram ofensas durante o desenvolvimento do 2º Tempo. Em seguida, quando o tema do desrespeito entre ambos foi levantado durante a Mediação, as mesmas atitudes ofensivas foram novamente manifestadas.

O agente disparador destes conflitos foi a percepção por parte de Ricardo de que Didi foi “fominha”⁷⁹ durante o momento anterior, de modo que este último, insatisfeito com a alcunha recebida, procurou ofender Ricardo acentuando uma característica fenotípica deste adolescente, conforme registro abaixo:

Aparentemente, nem Ricardo nem Didi queriam dialogar. Não se entreolhavam. Falavam estas palavras olhando para mim, ou para o chão, enquanto mexiam na grama, arrancando alguns pequenos matos. Sinto que não queriam dialogar, e/ou estavam convictos de seus posicionamentos[...]. Procurei restabelecer um diálogo respeitoso dizendo: “Bem, então houve o xingamento?”. Ambos responderam afirmativamente culminando com mais uma manifestação para não atribuição dos pontos de respeito para sua equipe. Desta vez, não se tratava de uma regra desrespeitada. Mas, de um desrespeito a Outrem. Chegamos, todo o grupo, à conclusão de que nenhuma equipe merecia os pontos relativos ao respeito [...] Fiquei em dúvida acerca do quanto os participantes envolvidos, Ricardo e Didi, compreenderam serem desrespeitosas suas atitudes. Ambos pareceram bastante insatisfeitos com as palavras ditas, um para outrem. Em especial Ricardo que fora chamado de “dentuço”. Contudo, pude observar que após a conclusão das atividades os dois brincavam juntos, como se nada tivesse ocorrido. Estou intuindo que ambos podem não ter compreendido como ofensivas/agressivas suas atitudes a ponto de promover mágoa ou ressentimentos neste evento ocorrido durante o Fútbol Callejero, muito embora eu, Pontes e os/as demais colegas participantes que disputavam o jogo entendêssemos como um evento desrespeitoso e agressivo. Ou, ainda, representar uma manifestação de resiliência, ambos colegas superaram rapidamente, desde o meu ponto de vista, a situação de desrespeito (I-3d)⁸⁰.

⁷⁹ No contexto do VADL-MQF a expressão “Fominha” foi utilizada para qualificar um jogador ou jogadora que possui características egoísticas e que acredita possuir habilidade técnico-tática suficiente para que, de maneira individualista, leve sua equipe ao êxito. De maneira geral, no contexto do citado projeto de extensão, foi chamado de fominha aquele jogador ou jogadora que manteve excessivamente a posse de bola, procurava finalizar as jogadas com uma frequência discrepante, quando comparado com seus/suas colegas de equipe, e, com efeito, realizava poucos passes de bola oportunizando que seus/suas companheiros/as de equipe tivesse oportunidades equânimes de participação.

⁸⁰ Chamamos a atenção do leitor ou da leitora de que esta asserção não se trata do discurso de um participante. Trata-se de um registro de nossa reflexão que, neste caso, tratou ser um “Comentário do Observador” feito pelo educador-investigador Maurício.

Em análise ao excerto trazido aqui, reconhecemos nossa limitação à observação direta dos fenômenos que ocorrem apenas dentro do espaço-tempo no qual são desenvolvidas as ações da parceria VADL-MQF. No caso descrito anteriormente, compreendemos que o papel da Mediação foi rigorosamente respeitado, cuja riqueza do processo residiu em não tratar com indiferença o ocorrido, ou conforme destacamos nos estudos de Castro (2018) na qual a direção escolar prefere não dialogar acerca de temas polêmicos.

Salientamos que, desde o nosso ponto de vista, a positividade desta ação se manifestou pela postura que procurou “regular”⁸¹ o conflito em lugar de “resolver” (VELÁZQUEZ-CALLADO, 2004), ou seja, como a própria metodologia denomina, procedemos a “Mediação” de modo a envolver toda gente participante no processo de admiração e reflexão acerca do fenômeno do desrespeito.

Outro registro de divergência que apontou para o desrespeito com outrem constou no Diário XII. Ocasão na qual os/as jogadores e jogadoras deliberaram que a equipe do participante Ruan não merecia os pontos afeitos ao pilar Respeito, pois este participante teve atitudes ofensivas, tanto com os/as companheiros/as, quanto com os/as jogadores/as da equipe oponente, conforme segue:

Maurício: E o que foi que você achou que foi desrespeito?

Charles: Ah... Tipo, eu peguei a bola ali e ele gritou...

Maurício: Ah... Você se sentiu desrespeitado? Você viu esse lance aí Ruan?

Ruan: Ah. Ele não toca! Quer dar de fominha.

Kainã: E cê também. Hã?

Jovico: E o Ruan queria que tipo, fala que queria quebra todo mundo... Querida quebrando todo mundo.

Ruan: Nossa, eu ia te dá um chute na cara que cê ia aprende a cavalgar eu!

Maurício: Você também se sentiu desrespeitado com isso?

Ruan: Fica chutando osôtro.

Maurício: Então, Você... Quando alguém te chuta pa... Bom, no futebol normal, quando alguém chuta alguém o que acontece?

Lalá: É falta.

Maurício: É falta! O árbitro pára. Esse jogo tinha árbitro?

Resposta em coro: Não!

Maurício: Mas, quem podia pedir falta?

Lalá: Eu.

Maurício: Os próprios jogadores, no caso, o próprio Ruan.

⁸¹ Velázquez-Callado (2004) aponta para uma “educação para a paz”, ou, “cultura de paz”. Para este autor os conflitos compõem o processo de conviver. Assim, para o citado autor, “[...] o conflito se apresenta como processo necessário que busca um acordo que beneficie a todas as partes implicadas, fugir-se-ia da acomodação, evitando-se o conflito ou a competição. Estas três possibilidades poderiam degenerar em conflitos latentes que se manifestariam a longo prazo (p. 26).

Michele: Eu!

Maurício: Você, qualquer jogador. Então, cê não precisa revidar. Era só você falar, se aconteceu realmente: “falta!”. O jogo ia parar.

David: É que puxou a... O colete dele aí ele ficou bravo e deu um chute nele...

Maurício: Aconteceu isso também? Então vocês tão entendendo que o time verde não merece o ponto de respeito por causa dessas atitudes do Ruan? [...]

Maurício. Então, cêis tem acordo com isso?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Então o time laranja marca 3 pontos de Respeito. O time verde não vai marcar por conta da atitude, dessas que foram elencadas aí.... XII (10d).

Procedemos a uma apresentação mais estendida desta unidade de significado, tendo em vista descrever o modo como encampamos a Metodologia do *FC*, na qual a identificação da problemática, bem como o encaminhamento pela (não)pontuação são procedimentos levados a cabo a partir da orientação dos/as próprios/as participantes, não do Mediador ou Mediadora (que também é um/a participante – facilitador/a dos diálogos).

A compreensão desvelada é a de que a comunicação da angústia, do desconforto, da situação indesejada é uma etapa para a própria superação das situações geradoras destes modos de se emocionar, de tal forma que presentificar a angústia, ou o desconforto foi a ação necessária para que Pontes e Lino visualizassem suas responsabilidades: tanto na geração, quanto para a superação do conflito.

Na esteira da práxis de uma Educação Libertadora (FREIRE, 2018a; 2018b; 2018d; FIORI, 1991), compreendemos que o *FC* ao estabelecer em sua metodologia o diálogo como o modo de operar acordos (1º Tempo) para a construção coletiva/consensual que, acrescido do diálogo empreendido ao momento de Mediação (3º Tempo) para avaliação das relações estabelecidas durante uma partida, promovem o processo educativo do “estar-sendo-mais”, ao modo Freire (2018a) sinaliza:

No momento, porém, em que se comece a autêntica luta para criar a situação que nascerá da superação da velha, já se está lutando para *Ser Mais*. E, se a situação opressora gera uma totalidade desumanizada e desumanizante, que atinge os que oprimem e aos oprimidos, não vai ceder, como já afirmamos, aos primeiros, que se encontram desumanizados pelo só motivo de oprimir, mas aos segundos, gerar de seu *ser menos* a busca do *ser mais* de todos (p. 47 – itálico do autor – grifos nossos).

De maneira semelhante à tematização das regras, o *Fútbol Callejero* também possibilitou por meio da proposta metodológica da Mediação (3º Tempo) a vivência do processo educativo da tematização das relações que foram estabelecidas durante o momento anterior (o 2º Tempo). Com efeito, a significação de algumas ações que poderiam

ficar desapercibidas foram tematizadas durante a Mediação, e objetivadas pelo diálogo que procurou superar, transcender o mero dado objetivo/aparente, buscando doar sentidos e significados para as (rel)ações que foram postas em diálogo, por meio de um autêntico exercício de intercorporeidade, conforme aponta Merleau-Ponty (1991) que:

Ao saber que meu corpo é "coisa que sente", que é excitável (*reizbar*) – ele, e não apenas a minha "consciência" –, preparei-me para compreender que há outras animálias e possivelmente outros homens. É preciso atentar que nisso não há nem comparação, nem analogia, nem projeção ou "introjeção". Se, ao apertar a mão de outro homem, tenho a evidência de seu estar-ali, é porque meu corpo anexa o corpo do outro a essa "espécie de reflexão" da qual ele é paradoxalmente a sede. Minhas duas mãos são "co-presentes" ou "coexistem" porque são as mãos de um único corpo: outro aparece por extensão dessa co-presença, ele e eu somos como que os órgãos de uma única intercorporalidade (p. 185-186).

Nos casos que foram aqui apresentados, a sintonia, a co-implicação, o sentir-com-outrem, desde o estabelecimento de uma relação de alteridade e de empatia, possibilitou que os/as interlocutores e interlocutoras dialogantes fossem tocados/as e convidados/as a refletirem juntos/as sobre os possíveis encaminhamentos para a superação da situação indesejada. Corroborando com esta percepção Peçanha e Santos (2009) ponderam:

Ser verdadeiramente no mundo é e-xistir, existir para fora, é viver o contato com outro, é sentir o outro, fazer-se presente, tornando-se receptivo e sensível às necessidades do outro. E quando a angústia surgir, fruto de um processo avaliativo, de um balanço de vida, é fundamental permitir que questionamentos que venham à tona sejam confrontados. É a partir dessa angústia, agora dita existencial, que surgem verdadeiras mudanças de atitude [...] (p. 57).

Importa destacarmos que a identificação de divergências é inerente ao método de Redução Fenomenológica que empreendemos (MARTINS; BICUDO, 1989; BICUDO, 2011; GARNICA, 1997). Significa dizer que não nos detivemos em sua busca, mas que tais fenômenos se fizeram mostrar. Compreendemos, com isso, ser um privilégio o distanciamento metodológico para sistematização de experiências e, com esta, poder desvelar a lógica do processo vivido, dando-nos elementos para poder caminharmos na direção de um aperfeiçoamento do trabalho pedagógico, para além de comunicar e compartilhar a experiência.

Portanto, não tivemos uma intenção pragmática de classificar os sujeitos das ações divergentes (crianças, adolescentes, educadores ou educadoras) como sendo pessoas boas ou más. Não foi esta nossa intenção, uma vez que em nosso ponto de vista o humano não está sendo "[...] inteiramente bom ou mau; que opostos como cuidado e descuido podem

mesclar-se com certa facilidade. Não devemos, portanto, exigir demais; **é preciso tolerância que não implique passividade ou omissão**” (PEÇANHA; SANTOS, 2009, p.75 – grifos nossos). Ficando explícito, então, que em lugar de intervir autoritariamente, mediamos o(s) conflito(s) promovendo o diálogo para reflexão sobre o que ocorreu.

Ainda refletindo acerca da identificação de divergências com a intencionalidade fundante desta categoria, qual seja: a “atitude de cuidado”, duas asserções destacadas documentaram o momento de elaboração das regras na qual firmaram divergências e, mesmo tendo ocorrido em datas distintas (diários III e XII), estão inter-relacionadas pelo modo no qual a divergência com o “Cuidado *Callejero*” se manifestou. Em um primeiro momento apresentamos a proposição da educadora Abayomi:

Maurício: [...] *Mais alguma regra?*

Educadora Abayomi: *O goleiro pegar a bola no chão vale 1, e pegar no alto vale 2. Mas da última vez eu sugeri isso e não consegui fazer.*

Maurício: *E por quê?*

Educadora Abayomi: *Porque me favorece.*

Maurício: *Favorece você que é goleira?*

Educadora Abayomi: *É... porque eu vou tentar ao máximo fazer isso pra conseguir arrecadar pontos pra minha equipe (III-3d).*

Partindo do *saber-ouvir* (DUSSEL, 1974; 1995), captamos a justificativa da educadora sobre seu interesse pela proposição da regra dizendo “*porque me favorece [...] porque eu vou tentar ao máximo fazer isso pra conseguir arrecadar pontos para minha equipe*” (III-3d) pareceu-nos refletir uma grande proximidade com aquilo que Brandão (2005a), citado anteriormente, indicou como gesto de colocar as outras pessoas a serviços de interesses alhures à comunidade. Esta mesma intencionalidade competitiva, ou seja, de exclusivamente arrecadar pontos, também se fez presente na proposição do participante David-Luiz (XII-5d) que, em ocasião de 1º Tempo, sugeriu a atribuição de pontos todas as vezes que a bola atingisse a trave, o travessão, ou a forquilha⁸², com a valoração de 1, 2 e 3 pontos, respectivamente. Tais eventos compreendemos incidir contra a perspectiva do “Cuidado *Callejero*”

Cumpramos ressaltar que, sendo o 1º Tempo um fórum deliberativo, tanto a proposta da Educadora Abayomi (III-3d), quanto a proposta do participante Davi-Luiz (XII-

⁸² “Forquilha”, no contexto de nossa inserção, se tratou do ponto de junção entre as traves dispostas na posição vertical (traves) com a trave que está assentada horizontalmente (travessão) sobre aquelas duas traves, cujos pontos de junção formam um ângulo de 90°. Com efeito, cada gol, ou “meta” como também é chamado, possuiu duas “forquilhas”.

5d) tiveram a anuência e aceite de toda gente participante. Com efeito, atribuímos apenas a proposição da regra para as pessoas que originalmente as anunciaram, porém o aceite e implementação foi de responsabilidade de toda gente envolvida.

Para melhor compreensão acerca dos fatores que intervieram como um contrassenso ao “Cuidado *Callejero*”, é importante fixar atenção naquilo que Brandão (2005a) define como o contrário do amor, substanciado pelo “interesse”. Assim, temos que o ódio seria apenas a uma deformidade na maneira de se relacionar com outrem que, por isso mesmo se faz outrem, ou seja, paradoxalmente o ódio é um amor deformado. Já o “interesse” retira o Ser de outrem, tornando-o uma “coisa”, um “objeto” posto em favor do interesse de outrem, ou outra coisa. Nas palavras de Brandão (2005a):

Podemos suspeitar de que a principal emoção geradora de ações de negação da vivência interativa da plena aceitação do outro para mim – o amor – não é propriamente o ódio, como estamos acostumados a pensar. Pois o ódio, às vezes, é apenas um amor que perdeu o seu rumo e esqueceu o seu sentido original. Uma das emoções mais contrárias ao amor é o interesse. É em nome e a serviço do meu desejo de tirar proveito de tudo e de todos, convivendo com outras pessoas como objetos de realização de meus interesses individuais, que saio do campo das ações entre sujeitos livres para ingressar no campo dos relacionamentos em que as pessoas valem como coisas. Como uma coisa, o outro diante de mim “vale” algo, porque tem uma utilidade para mim (p. 96).

Atentos à necessidade de coerência com uma postura interpretativa crítica e reflexiva empreendida neste momento de reconstrução da experiência, nos pareceu adequado observarmos qual o olhar dos/as participantes acerca do (não)cumprimento de acordos, caracterizando atitudes que foram de encontro com um dos pilares do *FC*, neste caso o Pilar “Respeito”. Para tal análise, conforme já foi detalhado na apresentação do método do *FC*, os/as participantes lançam mão das análises de duas dimensões afeitas ao Respeito. A primeira dimensão é a do respeito às regras e aos acordos que foram estabelecidos (APELANZ, 2016).

Identificamos que em apenas dois jogos houve a deliberação de que alguma das equipes não deveria receber os pontos afeitos à análise do Respeito porquanto uma ou mais regra(s) não foi/foram contemplada(s). Na primeira ocasião (Diário III), foi apontado desrespeito à regra que não permitia o “carrinho” e, ainda mais, com a regra que não permitia que os/as participantes se comunicassem por meio de palavras durante o 2º Tempo.

Já a segunda ocasião de não-atribuição de pontos afeitos ao Respeito foi registrada no Diário XII, indicando que os/as jogadores/as romperam com o acordo no qual não era permitido dar “chutão”. Salientamos que nestes dois casos a comunidade co-

laboradora deliberou que as equipes não receberiam os pontos. Agrega-se, também, o modo acolhedor com o qual o diálogo entre os jogadores e jogadoras para deliberação de encaminhamentos, fazendo emergir o **Respeito** como um processo educativo.

Com em relação à Cooperação, podemos afirmar que as análises desenvolvidas no contexto do VADL-MQF foram realizadas conforme a proposição de Apelanz (2016), ou seja: buscamos realizar a análise, desde uma dimensão intraequipe, para identificar a mobilização que cada time empreendeu para promover a participação efetiva das pessoas que o(s) compunha(m). Em nosso caso, tal análise era feita com base no diálogo e nas declarações feitas pelos/as participantes, à luz de seus comunicados acerca da (in)satisfação decorrentes da (não)participação durante uma partida. Portanto, não estando vinculada exclusivamente com a vitória ou com a derrota (APELANZ, 2016).

Atentos a esta compreensão, em nossa Mediação das partidas perguntávamos aos jogadores e jogadoras: *“Toda gente está satisfeita com sua participação? As duas equipes merecem os pontos de Cooperação?”* Desta forma, em análise aos registros das Mediações desenvolvidas no espaço-tempo de nossa investigação, observamos somente duas ocasiões os/as participantes deliberaram que alguma equipe não deveria receber os pontos referentes ao pilar Cooperação (Diários I e VII). Em ambos os casos, durante o momento da Mediação, foi promovido um diálogo para compreensão acerca da falta de cooperação entre os/as jogadores. Dentro do universo de nossas análises, diante das demais manifestações identificadas pelos/as próprios/as participantes, identificamos que o FC oportunizou o processo educativo da **Cooperação**, significando a busca por promover uma autêntica inclusão/participação de seus/suas companheiros/as de equipe.

Também nos detivemos na análise da Solidariedade. Vale lembrar que no contexto do FC a Solidariedade se trata de uma dimensão inter-equipe (APELANZ, 2016). Com efeito, em nossa inserção junto a equipe co-laboradora do VADL-MQF procuramos promover a reflexão acerca das ações que os/as jogadores direcionaram em apoio para pessoas da equipe oponente. De maneira geral, sintetizamos na seguinte problematização: *“O que você fez para a pessoas da outra equipe?”*.

A leitura dos registros permitiu identificarmos que os/as participantes incorporaram, como sendo afeita a Solidariedade, atitudes direcionadas a outrem da equipe oponente e que foram plasmadas, por exemplo: através de gestos empregados para ajudar um/a colega da outra equipe a se levantar (IV-9, 13; VI-14; VIII-11); ou simplesmente saber/perguntar se o/a seu/sua semelhante estava bem (VIII-15). Estas foram as ações identificadas como solidárias pelos/as próprios/as participantes.

Outras ações solidárias sugeriram maior complexidade, pois conferiam certo despojamento com a narrativa competitiva, uma vez que a ação solidária significou a atitude desprendida em “apoio” à participação de pessoas da equipe oponente. Vale reiterar que as identificações dos gestos solidários foram comunicadas pelas próprias crianças, adolescentes, educadores e educadoras participantes. Deste modo, também figurou como um processo educativo a **Solidariedade**, que foi vivenciada e identificada pela equipe colaboradora por meio de ações, tais como a de não tomar a bola de um participante mais novo/menor, que foi observada em mais de uma ocasião (XII-9; VIII-15), conforme a descrição seguinte:

Maurício: *O que que você achou que foi solidariedade Kainã. Pra eu anotar aqui.*

Kainã: *Ele... Não tomou a bola dele lá...*

Maurício: *Então óh. O Kainã tá apontando que quem foi solidário foi o Jovico. O Jovico não quis tomar a bola do Caique. Alguém mais viu esses lances.*

Lalá: *Eu vi, eu tava ali perto.*

Michele: *Eu vi.*

Maurício: *Então, quem foi solidário? O Caique, ou o Jovico?*

Michele: *O Jovico.*

Maurício: *Por enquanto, o time laranja consegue os pontos de solidariedade. (XII-9)*

Caminhando para o final da apresentação da “Cuidado *Callejero*”, doravante apresentamos um último modo de relacionar-se com outrem que, a nosso ver, também sintetizou a “atitude de cuidar”. Nos referimos ao “diálogo”. Dussel (1974) nos esclarece que “*diálogo*” se trata da junção das expressões gregas “*dia*”, como significando “aquele movimento que atravessa”, acrescida de “*logos*” que “significa abarcar, reunir, englobar (de *légein*).

Poderíamos compreender que o diálogo é “aquele movimento que atravessa o horizonte estabelecido” (DUSSEL, 1974, p.171). Afirmar que algo “atravessa” alguma coisa, significa dizer que, inevitavelmente, há um ponto de contato. Para Freire (2018a), esse “ponto” é a realidade percebida, ou seja, a experiência existencial que nos faz encarnar, que compõe o corpo que somos (MERLEAU-PONTY, 2015) no qual o processo de comunicação de suas percepções de mundo faz com que ambos dialogantes se toquem e se atravessem.

Neste toque de atravessamento, há alteração das qualidades originais da coisa percebida que foi posta em diálogo, impossibilitando um retorno ao ponto original. Portanto, dialogar é nos tocarmos com as palavras, partindo do índice existencial que representa a totalidade de tudo que sabemos acerca da experiência que está posta em diálogo.

Nesse sentido, nos dizeres de Gajo Petrovic (1967), citado por Freire (2018a) diálogo emerge como libertação de uns-com-outrem:

Se “uma ação livre somente o é na medida em que o homem [e a mulher] transforma seu mundo e a si mesmo”, se uma condição positiva para a liberdade é o despertar das possibilidades criadoras humanas, se a luta por uma sociedade livre não o é a menos que, através dela, seja criado um sempre maior grau de liberdade individual, se há de reconhecer ao processo revolucionário o seu caráter eminentemente pedagógico (p. 185 – grifos nossos).

Uma primeira dimensão do diálogo colocou como objeto de apreciação dos/as participantes as próprias regras, convidando-os/as a argumentarem de modo a apresentar, com protagonismo, seus pontos-de-vista em defesa ou em esclarecimento de seus interesses temáticos pelas regras. Durante os processos de (re)leituras dos Diários ganharam relevo os registros dos momentos de diálogos para a proposição e/ou defesa de uma regra. Algumas destas defesas foram recorrentes e promoveram extensos diálogos, como, por exemplo, ocorreu para a decisão se o jogo teria ou não saída de bola pelas laterais da quadra, sintetizada como “a regra da lateral” (III-6; IV- 4, 7; VIII-9); ou como ocorreu com a regra do “chutão” que no Diário XII (6) que, diante da presença de muitos participantes visitantes, precisou ser esclarecida e teve como encaminhamento a proibição do chute forte. Curiosamente, no Diário IV (2), esta mesma regra foi defendida por Quero-Quero, mas após diálogo teve o mesmo desfecho do encaminhamento anterior, ou seja, não foi incrementada ao jogo.

A dinâmica metodológica do *FC* procurou oportunizar estes momentos de **diálogo**, de modo a torná-lo um processo educativo decorrente de sua prática. Em seu livro Rossini et al. (2012) investigaram junto a jovens de diferentes países da América Latina que vivenciaram a experiência do *FC* e ao analisarem o discurso de uma jovem da Costa Rica, e anunciaram:

Sin embargo, el cambio se mostraba en lo que había significado el FC para su vida cotidiana, el aprendizaje de que todo empezaba y terminaba en un diálogo sobre las condiciones del juego, y sobre la resolución del resultado [...] Y este aprendizaje le significó poder “empoderarse” en este espacio, ya que nadie te decía como hacer las cosas, sino que se mediaba a partir del diálogo. Y resolver las cosas por el diálogo entre competidores, hace tener confianza en uno mismo y en que uno puede ayudar a resolver las condiciones del juego, y sobre la resolución del resultado (p. 61)⁸³.

⁸³ “No entanto, a mudança se mostrava naquilo que havia significado o *FC* para sua vida cotidiana, a aprendizagem de que tudo começava e terminava em um diálogo sobre as condições do jogo, e sobre a resolução do resultado [...] E esta aprendizagem significou poder “empoderar-se” neste espaço, já que ninguém

Em nosso caso, destacamos que membros da equipe pedagógica do VADL-MQF também participaram das vivências do *FC* estando, como estiveram todos jogadores e jogadoras, sujeitos/as ao mesmo crivo para eleição das regras propostas durante o primeiro tempo. Neste percurso, percebemos dois processos enriquecedores para a convivência durante nossa inserção no VADL-MQF. O primeiro consta da participação de jovens-adultos/as (os educadores e educadoras) brincando junto com crianças com idade situada na faixa etária entre 7 e 13 anos, proporcionando uma excelente experiência de **educação para as relações inter-etárias** para toda gente participante.

Uma segunda dimensão residiu para a manifestação da **horizontalidade das relações** durante os diálogos, no qual, independentemente da idade e, no caso, do prestígio social do qual gozaram os educadores e educadoras que atuaram contexto do VADL-MQF. Nesse sentido, não identificamos o estabelecimento de hierarquias de poder ou de relações assimétricas capazes de afetar negativamente a convivência durante a prática do *FC*. Nessa esteira os registros dos Diários III (8; 10), IV (5; 12) sinalizam para os momentos nos quais um educador ou uma educadora foi instado/a à (contra)argumentar acerca de alguma regra que, ora propôs, ora foi proposta por outrem, havendo, inclusive, situação de não aprovação de indicações feitas originalmente por educadoras/as.

Destacamos unidades de significado que registraram momentos nos quais a valoração/pontuação dos pilares foi motivo de diálogo para apresentação de argumentações favoráveis ou contrárias às propostas feitas (VI-10; VIII-10), ou para o esclarecimento de uma ação referente a uma regra (VI-11), ou ainda, conforme o extenso registro de diálogo que ocorreu para a escolha do local de desenvolvimento da prática (XII-2), culminando com o consenso em solidariedade ao participante Caíque que, na ocasião, condicionou sua participação ao desenvolvimento da prática na quadra de areia.

No curso da ecologia de saberes (SANTOS, 2002a; 2009a; 2009b), privilegiamos um diálogo horizontal e uma comunicação equitativa e solidária entre as diferentes percepções acerca das ações empreendidas ao longo da convivência, descortinando uma relação de co-laboração entre as crianças, adolescentes, educadores e educadoras.

Seguindo o exercício no qual buscamos *saber-ouvir* para *saber-interpretar* (DUSSEL, 1974; 1995), passamos agora para a apresentação das unidades de significados

lhe dizia como fazer as coisas, mas que se mediava a partir do diálogo. E resolver as coisas pelo diálogo entre os competidores, faz ter confiança em si mesmo e que podemos ajudar a resolver as condições do jogo, e sobre a resolução do resultado” (ROSSINI et al., 2012, p. 61 – tradução livre nossa).

que fizeram presentificar ações capazes de gerar um novo agrupamento, culminando com a formação da terceira e última categoria analítica decorrente desta investigação. Todavia, diferentemente das duas tematizações (categorias “A” e “B”) analisadas até aqui, doravante trataremos de apresentar nosso processo de transposição intencional de aspectos metodológicos que constituem o *FC* para as vivências diversificadas de motricidades lúdicas que, conforme apresentaremos, solidarizou seus saberes acerca da avaliação das relações de Respeito, Cooperação e Solidariedade (Pilares do *FC*) e que foi capaz de fazer emergir uma nova categoria. Passamos agora para sua apresentação.

4.3 Categoria C – Quando o *Callejero* é Mais Que Futebol.

Bom, o projeto VADL e MQF, que é Mais Que Futebol, aprendemos brincadeiras e jogamos *Fútbol Callejero*. Nesse *Fútbol Callejero* a gente sai do projeto bem feliz, respeitado, sendo que você sente mais conforto aqui do que em casa às vezes. Às vezes, mesmo com problema, você pode se divertir aqui no... No... que é muito mais legal que em casa. Eu venho aqui 4 anos porque eu me sinto como uma casa, eu gosto muito daqui. Porque a gente aprende... A gente aprende coisas novas, brincamos, se divertimos, muito mais! (David, XIV-1).

Para iniciar nossa exposição nesta categoria faremos um breve esclarecimento acerca de seu título. Há nele um sentido denotativo e um conotativo. O primeiro é que ele é o que diz ser: “Quando o *Callejero* é Mais Que Futebol”. Aqui denotamos que nossa análise está condicionada, indicada pela expressão “Quando”, ao bojo de ações da parceria “Mais Que Futebol” (daí vem a abreviação “VADL-MQF”⁸⁴). Portanto, nossas comunicações estão situadas em um *ethos* de acontecimentos e de produção de conhecimento, em um contexto histórico bem definido. Ou seja: quando o *FC* foi desenvolvido junto à Parceria – VADL-MQF.

Naquilo que concerne ao sentido conotativo do título, observamos que a expressão “quando” mantém o sentido de “condicionalidade”, porém arremetendo à motricidade à qual ela não se condiciona mais, mas a transcende/ultrapassa. Com efeito, na presente categoria também traremos comunicações de “Quando o *callejero* é ‘mais que futebol’” (com suas iniciais minúsculas). Ou seja, quando a motricidade desenvolvida não

⁸⁴ Relembramos que o nome da parceria é “Vivências em Atividade Diversificadas de Lazer e Mais Que Futebol” (VADL-MQF). Curiosamente, as crianças e adolescentes chama a parceria apenas de “projeto”. Enquanto os educadores e educadoras chamam ora apenas de “VADL”, ora de “VADL-MQF”. Aqui, tentando conferir maior fluidez para o texto, ora temos utilizado esta sua forma abreviada, apresentada anteriormente, ora nos referimos a “Projeto”, ora a “Parceria”, ou ainda a “Projeto Socioeducativo”. Todos guardando a mesma significação e intencionalidade de identificação do nosso contexto de investigação.

foi o *FC* em si, mas quando a lógica de avaliação dos Pilares (Respeito, Cooperação e Solidariedade) foi subsumida junto a outras motricidades lúdicas desenvolvidas no contexto do VADL-MQF.

Relembramos que em sua originalidade o *FC* foi anunciado por Rossini et al. (2012) como sendo uma prática de Educação Popular que procurou oportunizar pra seus/suas praticantes a aprendizagem do diálogo como maneira de se engajarem na luta pelos seus direitos e interesses. Para tanto, os autores ratificam que o 3º Tempo, ou Mediação, é a “coluna vertebral” da metodologia do *FC* “[...] *es el espacio donde valores como el respeto, la solidaridad y el compañerismo se vivencian y se adoptan*”⁸⁵. (ROSSINI et al., 2012, p. 13).

Conforme destacado, há um esperar de que a atitudes afeitas aos modos de se relacionar com outrem durante o jogo, pautados pela solidariedade, pelo respeito e pela cooperação sejam incorporadas e manifestadas nos diferentes contextos de (com)vivência dos/as participantes, balizando as relações com-mundo-e-com-outrem daqueles/as que experimentam a metodologia do *FC*. Nesse sentido, o discurso do participante David (XIV-1), que atribui sua percepção de felicidade e de respeito diretamente ao *FC*, corroborou com tal preocupação e possibilitou fazer sobressair outros registros nos quais atitudes afeitas aos Pilares fossem projetadas e/ou efetivamente incorporadas e expressas no contexto do VADL-MQF.

Em face a projeção de ações, emergiram unidades de significado nas quais nós, educadores-pesquisadores, propusemos para os/as participantes o exercício de idealizarmos possibilidades de interações pautadas pelos princípios de Respeito (VI-5; VIII-2), Cooperação (V-5; VIII-3) e Solidariedade (VI-4; VI-3), conforme segue a reprodução de trecho de diálogo no qual o participante David projeta ações afeitas à Solidariedade para o jogo africano *My-God*⁸⁶:

David: *Quando a bola estiver dentro do campo de quem está montando, poder pegá-la.*

Maurício: *Poder pegar? Vocês topam turma?*

Nino: *Não!*

Maurício: *Porque Nino?*

⁸⁵ “[...] é o espaço no qual valores como o respeito, a solidariedade e o companheirismo se vivenciam e se adotam” (ROSSINI et al., 2012, p. 13, tradução livre nossa).

⁸⁶ O jogo encontra-se descrito no Diário V. No contexto do VADL-MQF desenvolvemos uma variação para adequação do nosso espaço, tempo e material disponível. Mas, sempre que possível fazendo a contextualização do jogo e do contexto originário desta motricidade que arremeta às regiões de Maputo e de Niassa, na África, como maneira de conhecer outras motricidades ausentes para torna-las emergentes, por meio de diálogos das relações étnico-raciais. Para saber mais sobre o jogo *My-God*, consultar: Prista, Tembe e Edmundo (1992).

Nino: Por causa que... Não pode entrar no campo que estão montando as latinhas.

Maurício: Mas ele está dizendo agora que seria um gesto solidário que a equipe de quem está montando a lata permitir que o adversário entre... Mas eu posso queimar o adversário? ... Ou é só pra pegar a bola? Daí eu me afasto até a linha?

David: Sim.

Maurício: Olha... Achei legal hein?

Leão: Eu topo! (V-4).

Este exercício intencionalmente voltado para promover o diálogo entre diferentes experiências, representou uma ecologia das motricidades (BELMONTE, 2017). No contexto de nossa Tese, identificamos que tal ecologia possibilitou a **projeção da lógica valores do Fútbol Callejero**, estabelecendo coerência com a proposição de uma intervenção educativa voltada para a mediação de conflitos a partir do diálogo, sendo este também, o qualitativo das relações de estar sendo com-o-mundo-e-(com)viveres tencionou valores e narrativas contidas nos discursos mercadológicos expressos pela competição e pela comparação, marcadamente antagônicos a um projeto de vida justo e solidário, encontrando eco nos anúncios de Brandão (2005b) que nos diz:

[...] semear cenários, criar espaços e momentos dentro dos quais nossos estudantes e nós próprios possamos interagir livre e amorosamente, entre eles, estudantes, e conosco, docentes. Esse é o caminho para o protagonismo infantil e juvenil. Se a experiência da paz, do amor e da solidariedade não se aprende na escola com artifícios de aprender pelo decorar, ou mesmo do criar puros conteúdos “a respeito de”, mas se aprende dentro de e entre vivências interativas, em que, criando significados e sensibilidades de amor, de fraternidade, de solidariedade, desafiam os educadores e educandos a buscar saberes e sentidos que nos digam e aos outros o que é isso: a paz (p. 205 – grifos nossos).

Quando desenvolvemos no contexto do VADL-MQF uma a variação do jogo africano *My-God*, uma de suas regras diz que a equipe atacante tem vetada a entrada dentro de uma região/área da cancha de jogo que é destinada exclusivamente para a equipe defensora realizar a montagem e a defesa de uma base de equilíbrio (representada, pelo empilhamento de 6 latas de achocolatados ou de leite em pó), cujo objetivo da equipe atacante é tanto atingir tal base antes que seja montada, ou atingir o corpo do/a defensor/a que está montando-a.

Figura 19 – Variação do jogo moçambicano *My-God*



Fonte: Acervo de imagens dos investigadores (2016).

No caso transcrito anteriormente (V-4), o participante David assertivamente projetou como uma possibilidade de expressão de Solidariedade o aceite da entrada de uma pessoa da equipe “atacante” dentro da área de montagem da base de equilíbrio da equipe “defensora”, desde que fosse apenas para pegar a bola que estivesse parada nesta região, para depois voltar para a região adequada e realizar o arremesso. Tal possibilidade confere certa vantagem para a pessoa/equipe que está atirando a bola na tentativa de atingir o oponente ou a base de equilíbrio. Portanto, notamos que no caso desta proposição feita por David, para além do despojamento com uma atitude competitiva, há certo altruísmo por parte do/a jogador/a que autoriza a entrada do/a oponente para pegar a bola que está dentro da área da defesa. Despojamento que, ao menos inicialmente, o participante Nino demonstrou não possuir.

Este movimento de incorporação da lógica do *FC* junto a outras motricidades identificou aquilo que, juntos com Belmonte, Gonçalves Junior e Pazos-Couto (2017), chamamos de “ecologia das motricidades”. Tal ecologia emergiu do estabelecimento de relações horizontais entre motricidades que compunham diferentes matizes culturais e que solidarizaram seus saberes, experiências e saberes de experiências gerando novas significações para ambas motricidades dialogantes, com destacada inspiração na “ecologia dos saberes” de Santos (2009b) que esclarece:

O pensamento pós-abissal pode ser sumariado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul. Confronta a monocultura da ciência moderna com uma ecologia de saberes. É uma ecologia, porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas

entre eles sem comprometer a sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento (p. 44-45).

Nossa intencionalidade ao estabelecer uma ecologia das motricidades entre o *FC* e diferentes motricidades lúdicas tratou de representar uma estratégia de nossa Sistematização de Experiências com vistas a contemplar nosso engajamento no âmbito das motricidades ausentes e motricidades emergentes (CARMO, 2017; CARMO; GONÇALVES JUNIOR, 2017).

Seguindo o curso de nossas análises, também compuseram o presente agrupamento registros nos quais apresentamos, explicitamente, a intencionalidade de aproximação entre a lógica de análise dos pilares do *FC* subsumidas para outras vivências do projeto (V-1; X-7; XII-1; XIII-4, 9), de maneira semelhante ao registro reproduzido logo abaixo:

Maurício: *E pra vocês que tão vindo hoje, muita atenção com é... muita atenção com três pilares. Vocês que estão vindo hoje cês sabem menos disso. Mas é o Respeito.*

Michele: *Eu sei.*

David: *Solidari...*

Maurício: *Solidariedade...*

Manoel: *Respeitar.*

Maurício: *E Cooperação. Isso... O Respeito é respeito às regras das brincadeiras. Respeito às outras pessoas. Então, respeitar o colega. A Cooperação, por exemplo: Se a Abayomi fala assim ó: “Eu não quero participar”. Ela não está cooperando. Porque a Cooperação é a participação durante todos os jogos. Todas as brincadeiras. E a Solidariedade. Eu tô tentando melhorar a ideia de Solidariedade, porque eu tenho usado o Fútbol Callejero. O Fútbol Callejero, vocês não conheceram ainda à, mas é um futebol que... Quem vai jogar é que inventa as regras, não tem juiz, meninos e meninas jogam juntos. É... Adultos inclusive. E esses pilares: Respeito, Cooperação e Solidariedade conta ponto. E no Fútbol Callejero Solidariedade significa: O que eu posso fazer pela pessoa do outro time. E que eu sozinho pensei em mudar essa palavra pra camaradagem⁸⁷. Porque fica mais fácil. Na capoeira a outra pessoa que joga comigo é meu camarada. Embora ela esteja do outro lado, tentando me acertar, e eu tentando acertar ela de maneira cuidadosa, ela é meu oponente. [...]. (XI-1).*

Ainda no tocante à projeção da dinâmica de avaliação dos pilares do *FC*, um último conjunto de unidades de significados registraram tal exercício. Desta vez, buscando

⁸⁷ Embora tenhamos sinalizado ao longo de nossa inserção em campo os parâmetros utilizados para avaliação do pilar “Cooperação” do *FC*, e que este se distingue dos critérios para avaliar a “Solidariedade” (no contexto do *FC*), identificamos algumas dificuldades de nossa parte (educadores-investigadores) em encontrar formas de consolidar essas diferenças, uma vez que fora do contexto do *FC*, não nos é sensato fragmentar a cooperação da solidariedade. Em nossa revisão de literatura, encontramos publicações em língua nas quais seus autores utilizaram a expressão “*compañerismo*” que, em tradução para língua portuguesa é “*companheirismo*”. Acreditamos ser mais apropriada tal expressão para o contexto brasileiro, bem como para a intencionalidade do *FC*.

ressoar com a proposta educativa de formação para atuação na realidade concreta dos/as participantes. Um dos exercícios de projeção identificado procurou compreender as possibilidades do exercício da Solidariedade. Deste modo, em Roda Inicial, o participante Laerte ponderou:

Maurício: [...] *O que é a Solidariedade? Quem pode dar... Falar, dar um exemplo de Solidariedade?*

Laerte: *Não deixar uma pessoa solitária.*

Maurício: *Não deixar uma pessoa solitária Laerte? Pode ser também! Você consegue dar o exemplo disso? Em que situação?*

Laerte: *Uma pessoa tá quieta, sem nenhum amigo, cê vai lá e ajuda ela, a ser amigo.*

Maurício: *É um exemplo de Solidariedade, na vida. Isso é muito importante! (XIII-3).*

Comprendemos, na esteira de Brandão (2005b), que o aprendizado dos modos de se relacionar com outrem e com o mundo, sob os signos do Respeito, Cooperação e Solidariedade, por exemplo, se conquista desde a concreta experiência de sua vivência e não por meio de “comunicados ou informes”. Estes são modos de expressão de dominação impostos pela “colonialidade dos corpos”, que nos mantém presos a um sistema colonialista-imperialista ao qual Freire (2018a) denuncia como ser o modo de operação de uma “educação bancária”⁸⁸, e anuncia como proposta de superação deste quadro a “Educação libertadora” que, nas palavras Freire (2018a):

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens [e mulheres] como seres vazios a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanisticamente compartimentada, mas nos homens [e mulheres] como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens [e mulheres] em suas relações com o mundo (p. 94 – grifos nossos).

Compartilhamos com estes dois autores a compreensão de que este processo, da experiência do amor, da paz (mediando os conflitos), da generosidade, da bondade e do respeito como uma realidade viável e/ou vivível, é que pode tornar capaz e desejável a busca para se viver nestes modos de estar em relação com outrem e que, a um só tempo,

⁸⁸ O autor utiliza essa expressão “educação bancária” aludindo a um sistema pedagógico no qual o professor, ou professora deposita (como em uma agência bancária) conteúdos que os/as estudantes deverão guardar, memorizar ou armazenar, para que em momento oportuno de avaliação, o professor ou professora realize os “saques” destes saberes que foram ao longo do processo sendo guardados/depositados/memorizados nos/nas estudantes. Para saber mais, consulte Freire (2018a).

despertados/vislumbrados e/ou mantidos: desejo despertado pela vontade de manutenção da fruição deste tipo de relação já vivida. Desde este ponto de vista, asseveramos e assumimos a radicalidade de compartilhar com Fiori (1991) que “**A educação, pois, é libertadora, ou não é educação**” (p. 83 – grifos nossos).

A partir de nossa experiência com o *FC*, cuja sua metodologia preconiza o Respeito, a Cooperação e a Solidariedade tanto como parâmetros de avaliação como horizontes desejados, destacamos nossa percepção de fortalecimento com a sistemática pedagógica que a equipe do VADL-MQF historicamente desenvolve junto a sua comunidade participante, e que encontra amparo em seus referenciais de ação. Com efeito, em nossa inserção, identificamos que os referidos Pilares do *FC* incrementaram a intencionalidade da equipe pedagógica do Projeto, direcionada em possibilitar processos educativos para serem apre(e)ndidos como a experiência de um “corpo consciente” (FREIRE, 2018a) ao serem percebidos e tornados objetos de nossa reflexão. Dito de outro modo, apre(e)ndemos estes Pilares vivenciando os seus modos de estar sendo com-mundo-e-com-outrem no espaço tempo do jogo.

Em nossa práxis de educadores-investigadores, esta foi a intencionalidade direcionada, atentos à necessidade de promoção da “**ecologia das temporalidades**” (SANTOS, 2002a), instaurando assim o ato de educar e educar-se por meio de experiências concretas destas vivências (Respeito, Cooperação, Solidariedade, Diálogo, Protagonismo) para que sejam vivências desejáveis de serem vividas a cada sequência de instantes em que estamos sendo com-mundo-e-com-outrem. Este é esse o sentido de experiência, para o qual Larrosa-Bondía (2002) compreende ser preciso:

[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo⁸⁹, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (p. 19).

Deste modo, as asserções agrupadas na presente categoria revelaram que em campo buscamos, mesmo que de maneira tímida e ainda incipiente, o movimento de amparar a lógica do *FC* junto à temas que compõem a convivência social dos/as participantes para

⁸⁹ Destacamos que tanto a perspectiva fenomenológica da *Epoché*, de suspensão dos juízos (MERLEAU-PONTY, 2015; RIBEIRO JUNIOR, 2003; MARTINS; BICUDO, 1989; BICUDO, 2011; GARNICA, 1997) ressoam e nos possibilitam o sentido do *saber-ouvir* de Dussel (1974; 1995) que, para este, é o compromisso da ética da alteridade.

além dos limites de espaço e de tempo da Parceria, oportunizando sugerir novas qualidades de relações com-mundo-e-com-outrem:

Maurício: *E aí, solidariedade é o que você faz pela outra pessoa não é?... Não teve mais nada de solidariedade?*

Julha: *Não.*

Maurício: *Mas, quando eu tenho um saber. Que ele é só meu. Por exemplo: É... Sobre a minhoca, era do David esse saber... Quando ele pega esse saber e compartilha com a outra pessoa não é um ato de solidário? Ele não está fazendo pelo outro?... É, ou não é?*

Quero-Quero: *É.*

David: *Sim.*

Pontes: *Sim.*

Maurício: *Então veja que vocês podem o tempo todo, ser solidário uns com os outros quando compartilham saber. Uma sabedoria. (VII-7).*

Na ocasião citada anteriormente, destacamos que a partilha de saberes se mostra como uma expressão de Solidariedade. Este nosso olhar encontrou eco na projeção feita pelo participante David, ao ser indagado no encontro seguinte sobre possibilidades de manifestar a Cooperação para além do contexto do projeto, de tal modo que o adolescente afirmou: “[...] *passar conhecimento para o outro*” (VIII-1).

No processo de leitura dos registros dos Diário também nos detivemos na observação de nossa atuação junto a coordenação dos momentos de desenvolvimento da Roda Inicial e da Roda Final⁹⁰. Estes compuseram a historicidade do próprio projeto de extensão, sendo desenvolvidas, inclusive, desde antes do início de nossa inserção para investigação da prática do FC. Aproveitamos o ensejo de nossa coordenação destes momentos para promover o exercício de projeção dos pilares (II-1, 3; IV-8; VI-1; VIII-17; IX-4; XII-7) dentre os quais destacamos, logo adiante, a ocasião de realização de Diálogo Individual no qual o participante Cauã exemplificou uma projeção do Respeito, inspirado pelo FC:

Maurício: *[...] Você acha que você aprendeu alguma coisa jogando Futebol Callejero?*

Cauã: *Aprendi.*

Maurício: *O que?*

Cauã: *Respeito.*

Maurício: *O Futebol Callejero fez você aprender respeito? Como que é isso? [...]*

Cauã: *Respeitar os outros, é... Não fazer maldade. É... Não fazer essas coisas.*

⁹⁰ Nesta investigação, ao nos apropriarmos de uma perspectiva de pesquisa participante, procuramos nos colocar à disposição da comunidade co-laboradora (BRANDÃO, 1986). Desta forma, nos opomos à uma perspectiva extrativista e utilitária para com as pessoas com quem, juntos, construímos o saber. Nesse sentido, compartilhamos os afazeres da equipe pedagógica: desenvolvemos a coordenação de suas sistemáticas Roda Inicial e Roda Final; auxiliamos na confecção de Diários; organizamos/preparamos os espaços das vivências; auxiliamos nas ações de planejamento e avaliação.

Maurício: Ahhh... E foi o Fútbol Callejero que te... Te ajudou a aprender a não fazer maldade, a respeitar os outros? E como que cê acha que cê aprendeu isso jogando Fútbol Callejero? Como que ele te ensinou isso?

Cauã: Pelos pilares.

Maurício: E isso cê só faz dentro do Fútbol Callejero? Fora não?

Cauã: Eu faço em todo lugar.

Maurício: [...] Cê consegue dá um exemplo de fora do futebol, mas que lembra o futebol assim? Que você fez: “Ah eu aprendi isso no Callejero vou fazer isso aqui também na rua, na escola, em casa”. Você sabe dar um exemplo?

Cauã: Tipo assim: um amigo que... Quer ba... Um amigo meu quer bater no outro cara. Aí eu digo assim: “Eu não, não vou bater”. Isso aí é respeito!

Maurício: Hum... E você aprendeu isso com o Fútbol Callejero?

Cauã: Ahã (XIV-10).

O discurso do participante Cauã clarificou outras manifestações na busca de contemplar os pilares nos quais se assenta a metodologia do *FC*. Assim, ganharam relevo as comunicações feitas, ora pelas crianças, adolescentes, educadores e educadoras, ora por nós, educadores-pesquisadores que, em lugar da projeção de atitudes afeitas ao Respeito, à Cooperação e à Solidariedade, houve o anúncio/explicitação da **incorporação da lógica de avaliação dos pilares**.

Destarte, ponderamos que o momento de Roda Final se mostrou como espaço-tempo privilegiado para a realização de diálogos com vistas à avaliação da qualidade da convivência no contexto do projeto, bem como para o anúncio por parte da comunidade co-laboradora acerca da incorporação relativa aos Pilares do *FC*. Iniciamos pela apresentação do participante Quero-Quero que identificou sua atitude de **Cooperação** durante o jogo *My-God*:

Maurício: O nosso colega Quero-Quero quer falar.

Quero-Quero: Professor, cooperação é aquilo de deixar os outros pegar na bola?

Maurício: Se for do seu time é!

Quero-Quero: Ah... Então! É que teve uma hora que... É... Tava ela no meu time, você e a Fernanda e aí tinha vindo umas duas bolas pro lado que eu tavo. E aí eu joguei uma pra lá, e aí alguém pegou e acertou... E aí queimou a pessoa que tava lá montando a base... Eu joguei porque já tinha muito pra mim.(V-14).

Outro aspecto que cumpre chamar a atenção foi o da proposição de uma regra, feita por David (V-7) e aceita pelo grupo que, quando comparada às regras originais do jogo *My-God*, denotou **Solidariedade**. No mesmo Diário do qual foi extraído o relato ora apresentado, foram captados por nós, educadores-pesquisadores, outros episódios de incorporação dos Pilares do *FC*: (V-8, 9, 10, 11). Todavia, em tal ocasião nós não

procedemos à comunicação de nossa percepção para os/as participantes, e que possibilitaria um aprofundamento em nossa compreensão acerca das diferentes percepções que eles/as mesmos/as possuíam destes seus gestos benfazejos.

Figura 20 – Vivência do jogo Garrafobol



Fonte: Acervo de imagens dos pesquisadores (2016).

Corroborando está o participante Nino que, a partir de provocações que fizemos em momento de realização da Roda Final, comunicou sua percepção acerca da Cooperação (V-13). De maneira semelhante, Esther e Cauã apresentaram a satisfação decorrente da participação nas vivências (V-16) aludindo, também, à lógica da Cooperação.

Já as unidades de significados identificadas no Diário VII permitiram a reflexão acerca dos pilares postos em ecologia com as motricidades lúdicas: “Garrafobol” (VII-1, 2) e “Pega-Pega da Capoeira” (VII-4, 5, 8), nos fazendo compreender que o estabelecimento de um **ambiente acolhedor e respeitoso para o diálogo** oportunizou que Leão comunicasse sua percepção de desrespeito, conforme o registro a seguir:

Maurício: [...] *Alguém aqui se sentiu desrespeitado?*

Jão: *Não.*

Leão: *Eu... me senti desrespeitado porque ninguém protegia a bola quando ia bater na minha garrafa.*

Maurício: [...] *Então, as pessoas não cooperou com você? Não cooperaram? [...] Então turma! Numa próxima ocasião a gente pode vê de como proteger melhor a garrafa do Leão. Alguém aqui lembra de ter protegido a garrafa do Leão?*

Quero-Quero: *Ninguém protegeu.*

David: *Ah... Eu quase protegi, só que... Bateu.*

Hugo: *Eu protegi de... de bastante defesa!*

Maurício: *Eu lembro que você fez uma defesa da garrafa do Educador Rodrigo meu... Ai logo em seguida ele quis te proteger também. Foi bem legal... Mas, a gente vai ficar mais atento tá Leão (VII-3).*

Em acordo com o trecho anteriormente destacado, o participante Leão se sentiu desrespeitado. Esta comunicação foi importante e igualmente considerada no momento do diálogo/vivência. Todavia, atentos aos parâmetros de avaliação para cada um dos Pilares e que estão estabelecidos na metodologia do FC (APELANZ, 2016), ponderamos de que se tratou de falta de Cooperação – à luz da lógica do FC, reiteramos. Logo na sequência do diálogo, o participante Quero-Quero também se sentiu provocado para comunicar sua percepção acerca da falta de Solidariedade para com seu colega Jão durante o jogo “Pega-Pega-Capoeira”, conforme segue:

Maurício: *[...] E solidariedade? Vocês viram episódios de Solidariedade?*

Quero-Quero: *Não.*

Maurício: *Não teve?*

Quero-Quero: *Teve uma hora que o Jão caiu e ninguém foi ajudar ele que eu vi.*

Maurício: *O Jão caiu na hora que ele estava tentando pegar alguém. Vocês lembram quem foi?*

Resposta em coro: *Não.*

Maurício: *Ele estava tentando capturar o José. E ele pegou o José na verdade. E aí você acha que não teve solidariedade? Que ninguém tentou ajudar o Jão?*

Resposta em coro: *Não (VII-6).*

Figura 21 - Vivências de Capoeira



Fonte: Acervo de imagens dos pesquisadores (2016).

Outras vivências, tais como a do jogo “Bixigôlei” (VIII-16) cuja análise dos 3 pilares gerou um extenso registro; a do “Detetive” (X-3, 4); a do “Pic-Bandeira” (XIII-5, 7) e as práticas realizadas na “Piscina” (IX-1, 2, 3) também foram objeto de reflexão feita

pela comunidade participante do VADL-MQF à luz dos pilares do FC. Ademais, embora não possua uma relação específica com apenas um dos Pilares, interpretamos que a prerrogativa de formação de equipes mistas que ocorreu em nossas práticas do FC também balizou a formação de equipes para o jogo Bexigôlei (VIII-4).

Seguindo com a análise e, ainda compreendendo a incorporação de atitudes ligadas ao modo de estar sendo uma pessoa respeitosa, cooperativa e solidária, descortinamos que para além das situações de desenvolvimento de jogos e vivências de atividades diversificadas, os critérios de avaliação de Respeito (respeito às regras e respeito à outrem) também contribuíram para avaliar a convivência para o desenvolvimento da própria dinâmica do projeto VADL-MQF, por exemplo, conforme a ocasião de eleição/acordo da sequência das vivências, logo adiante:

Maurício: [...] *se começar pelo desenho, pelo jornal. Vocês participam com a gente?*

Digo: *Sim.*

Maurício: *Sim?*

Milena: *Sim.*

Maurício: *E você Nino?*

Nino: *Ah... Não!*

Maurício: *Então... A gente decidiu começar pelo jornal, e não foi à toa. A gente não vai começar pelo jornal porque é... É o que a gente quer, e só! A gente vai começar pelo jornal por um ato de solidariedade com a nossa colega...*

Esther: *Esther.*

Maurício: *Esther! Então, por enquanto, todos os colegas aqui, inclusive a Milena e o Digo que falaram: “Ah... Aceito”, ganharam um ponto de Solidariedade, menos você Nino. Então vamos ver se até o final do jogo você consegue ganhar esse ponto de Solidariedade, entendeu? Então, vamos começar então pelo Jornalzinho (V-6).*

O registro ora destacado se trata apenas de um trecho que compõe um extenso diálogo (V-6) para decisão da sequência na qual iríamos desenvolver as vivências programadas para aquela data (*My God*, *Jornalzinho* e *Piscina*). A necessidade do diálogo e problematização se justificou devido ao compromisso de participação que a participante Esther possuía junto ao treino de futebol, na “Escolinha”, previsto para iniciar às 16h. Deste modo, as palavras direcionadas na ocasião para o participante Nino⁹¹, conforme o excerto anteriormente destacado, procurou sensibilizá-lo de que, caso iniciássemos pela piscina (desejo original do citado participante), não iríamos oportunizar que Esther compartilhasse

⁹¹ Ressaltamos que Nino é irmão de Esther, portanto, no escopo desta investigação, não conseguimos captar o quanto desta qualidade de relação interferiu para a atitude do participante que, em si, não se configurou como uma atitude danosa.

conosco a vivência do Jornalzinho ou do My-God, uma vez que ela se encaminharia para o seu pré-estabelecido treino.

Ao revisitar os dados e refletir sobre este diálogo com Nino, percebemos que nossa ação também poderia ser diferente, pois ao dizermos “ (...) *vamos ver se até o final do jogo você consegue ganhar esse ponto de Solidariedade, entendeu?*” (V-6) nos equivocamos ao empregar o sentido reducionista de “conquista de ponto” para si-mesmo na situação anteriormente descrita (V-6). Uma vez que defendemos que o sentido de Solidariedade proposto pela metodologia reside justamente naquilo que você pode fazer por outrem de outra equipe (APELANZ, 2016), ainda acrescentamos, com gratuidade, entrega, gentileza e generosidade.

Os horizontes para a análise do Respeito também trouxeram contribuições e oportunizaram o processo educativo de **mediação de conflitos a partir do diálogo**, principalmente aqueles oriundos de situações desrespeitosas que identificadas pelos/as próprios/as participantes, em situações ocorridas em momentos em que não foram desenvolvidas vivências de jogos, brincadeiras e, tampouco o *FC* (XI-3, XII-12, 13, 14).

Todavia, conforme salientamos na categoria anterior, para a mediação dos conflitos, procuramos uma postura propositiva ressaltando, inclusive, as boas ações e atitudes das próprias crianças e adolescentes que participam do Projeto, conforme descrito no Diário XII (15).

O processo de ad-mirar os dados e voltar a olhar a experiência nos permitiu instituir um duplo significado para o título da presente categoria. Portanto, nossos anúncios estão situados no contexto do VADL-MQF, procurando comunicar as potencialidades educativas de “quando o *callejero* é mais que futebol”, com especial atenção para a subsunção da lógica de avaliação dos Pilares do *FC* para vivência de diferentes motricidades lúdicas.

Nossa compreensão é a de que a organização pedagógica do VADL-MQF, pautada na Pedagogia Dialógica (FREIRE, 2018a; 2018d), na Ciência da Motricidade Humana (SÉRGIO, 1986; 1998; 2003; 2007) na Fenomenologia Existencial (1991; 2015) e na Ecologia dos Saberes (SANTOS, 2002a; 2009a; 2009b) permitiu o estabelecimento de uma sinergia com a prática de incorporação da avaliação dos Pilares, oportunizando que crianças, adolescentes, educadores e educadoras vivenciassem esse modo de estar com-mundo-e-com-outrem, sendo intencionalmente respeitosos/as, cooperativos/as e solidários/as. Tal característica organizacional ressoou com as Brandão (2005b), ao ponderar que:

O que importa é humanizar e reencantar os cenários, os gestos e as experiências onde e com que se vive qualquer dimensão disso que chamamos educação. Criar neles e através deles espaços, interações e entre-cenas de vidas de pessoas livres e felizes. E não pelo que aprendem, ouvindo de outros, mas pelo que criam como co-saberes e co-valores, co-vivências, na medida em que, crítica, ativa e encantadamente criam, elas próprias, as pessoas que são e os mundos de vida cotidiana em que vivem (p. 204).

Buscando dar autenticidade ao exercício de ecologia das motricidades sintetizadas na presente categoria, também procuramos compreender e incorporar a percepção e os olhares dos/as participantes acerca das potencialidades educativas do método de FC. Para tanto, intensificamos o exercício de *saber-ouvir* (DUSSEL, 1974; 1995; 2005) a partir da realização da Roda de Conversa, desenvolvida no dia 21/12/2017, buscando proceder aos necessários ajustes, alterações e/ou aperfeiçoamento dos saberes que havíamos previamente sistematizados.

Nosso intento apresentamos as pré-categorias para a equipe co-laboradora e para os/as responsáveis pelas crianças e adolescentes que estiveram presentes durante a Roda de Conversa (observar Diário XV). Nesta ocasião problematizamos para as pessoas presentes: “*O Fútbol Callejero é bom pra que?*”.

Figura 22 – Roda de Conversa: momento coletivo de interpretar a experiência



Fonte: Acervo pessoal do investigador (2017).

Diante deste questionamento, de maneira sucinta, o participante Nino (XV-10) indicou que “*Esse Futebol Callejero [...] é bom pra... Pra aprender mais sobre Solidariedade*”; e Manoel (XV-11) que sinalizou que “[...] É pra não ficar brigano” e em

seguida ainda complementou (XV-13) que o *FC* é bom para “***Ajudar as pessoas [...] Pra ficar assim... Tudo amigo. Pra continuar aqui no projeto***”.

O educador Téo também aproveitou o momento de Roda de Conversa para apresentar seu olhar acerca das potencialidades do *FC* desenvolvido no âmbito das ações do VADL-MQF. Nas palavras do educador:

Educador Téo: Esse jogo, que a gente tá falando aqui agora, ele acaba sendo a referência pra muito... Pra... Pra praticamente as demais brincadeiras né? Quando a gente senta antes pra... Pra conversar sobre a brincadeira que vai... Que vai realizar, a gente vai pensar, parece, a partir do Fútbol Callejero. Quando a gente começamos a falar do respeito, solidariedade, a cooperação é... Ele acaba, sendo uma... Uma referência. Essa... Esses pilares que ali estão né? No jogo, acabam sendo referências também para as demais brincadeiras. É... Por isso que eu acho muito valorosa essa... Esse diálogo sobre essa... Esse... Essa dinâmica, esse jogo aí. Porque acaba tendo muito uma frente do... Daqui do projeto. Então entendendo um pouco o jogo, Fútbol Callejero, a gente consegue entende até mesmo as demais as brincadeiras aqui, a maneira que conduzimos as demais brincadeiras. Então... É uma reflexão aí sobre a importância da gente tá falando disso. E que legal! (XV-16).

Conforme observamos no discurso do educador Téo, a dinâmica de desenvolvimento dos três tempos do jogo encontrou eco e sinalizou para a coerência com o processo da “***ecologia das motricidades***” na dinâmica de organização do próprio Projeto⁹². Ademais, podemos seguramente afirmar de que não se tratou de uma coincidência, mas de manifestação de coerência, uma vez que ambas práticas estão ancoradas nos horizontes do diálogo, sendo este tanto um meio, como um fim do processo de uma formação crítica para a ação na realidade.

Nossa trilha metodológica, balizada pela Sistematização de Experiências (JARA-HOLLIDAY, 2006; 2012; ECKERT, 2009; MEJÍA, 2012), pela Analética (DUSSEL, 1974; 1995) e pela Fenomenologia (MARTINS; BICUDO, 1989, BICUDO, 2011; GARNICA, 1997) permitiu que atuássemos como educadores-investigadores de modo a contemplar as demandas do trabalho investigativo sem que perdêssemos de vista os horizontes pedagógicos de nossa práxis. Tal empreita exigiu de nós um afastamento com ideais de neutralidade no campo científico. Com efeito, em situação de organização da Roda de Conversa (XV), ao compormos a equipe co-laboradora, também compartilhamos nossos olhares e percepções acerca das potencialidades vivenciadas pela prática do *FC*. O educador-

⁹² Salientamos que o VADL-MQF tem historicamente organizado os momentos de: Roda Inicial (análogo com o 1º Tempo); da vivência das atividades (análogo ao 2º Tempo); da Roda Final (análogo ao 3º Tempo). Antes mesmo da incorporação do *FC* no âmbito de suas práticas.

pesquisador Luiz comentou que o FC “É bom pra unir as pessoas [...]” (XV-12). Já o educador-pesquisador Maurício colocou em destaque a potencialidade para a educação das relações de gênero:

***Maurício:** Legal. É bom pra unir as pessoas. E nessa de união, eu tenho visto que... As escolas em alguns casos ensinam. Alguns casos é de casa. E eu não posso falar se é certo ou errado, mas tem lugar que tá ensinando que existe brincadeira de menina e brincadeira de menino. O Futebol Callejero é uma brincadeira mista. Eu só posso dizer isso. E que quando menino e menina brincam juntos, num espaço que ensina respeitar o outro, a ser cooperativo, a ser solidário, eles entendem que ambos tem direitos iguais... E a solidariedade, faz mais do que isso: Mais do que igual, porque se a gente estar num lugar, hein Belisa, que historicamente, ou seja, desde os tempo passado as mulheres tem menos oportunidades, quando eu posso mudar a regra do jogo, eu posso tornar isso, a gente fala “equitativo”, ou seja, oportunizar que as meninas, no caso futebol, ou os meninos que não são habilidosos, possam jogar de maneira mais igualitária. Então o Futebol Callejero pode ensinar a isso, é... A tornar a relação mais justa entre meninos e meninas, e futuramente, entre homens e mulheres. Mas isso só pode né? É sempre uma potência. Eu acho que vai ao encontro com isso que o professor está falando né? Unir as pessoas também. I e... Eu tô colocando em destaque unir, colocar para conviver homens e mulheres num ambiente mais... Mais justo. (XV-13).*

Caminhando para a finalização da apresentação da categoria “C – Quando o Callejero é Mais Que Futebol”, as unidades de significados nas quais os/as próprios/as participantes comunicaram o que aprenderam com o FC também convergiram este agrupamento. Deste modo, em ocasião de Roda Inicial, registrada no Diário XIII (1) foram apontados processos educativos ligados ao Respeito (Allan, Kainã, Dinho), à Cooperação (Dinho) e à Solidariedade (Cauã, Julha, Belisa, Michele).

De maneira mais detalhada também foram comunicados processos educativos na ocasião em que desenvolvemos os Diálogos Individuais conforme ocorreu com a participante Julha que indicou ter aprendido o Respeito, conforme segue a transcrição do diálogo:

***Maurício:** [...] E você sabe dizer se você aprendeu alguma coisa com o Futebol Callejero?*
***Julha:** Eu aprendi o respeito, respeito aos outros. Não pode dar carrinho também. Quando alguém pede alguma coisa respeitar também né?*
***Maurício:** Como que é isso que “não pode dar carrinho”?*
***Julha:** Ah, tipo: Se dá carrinho pode machucar, bater a cabeça, e a gente joga na quadra ainda, futebol... Então fica muito... Ai pode... Cair por cima do baço se dar carrinho.*
***Maurício:** Entendi. E porque que tem essa regra? Quem pôs?*
***Julha:** Ah... Eu não sei!*
***Maurício:** Toda vez que você vai jogar tem essa regra?*
***Julha:** Tem!*

Maurício: *Olha que legal. E sobre o Respeito. Como é que você aprendeu isso? Porque que tem que respeitar os outros?*

Julha: *Porque é tipo assim: Se outros não quer que, num quer carrinho, que dá carrinho. Você tem que respeitar! No outro dia pode dar carrinho, no outro dia que tem Fútbol Callejero, pode dar carrinho, se todo mundo concordar (XIV-14).*

A participante Carol (XIV-19), assim como Julha, foi enfática ao dizer que aprendeu a jogar bola a partir de sua participação no FC, e ainda acrescentou “ [...] *Em casa eu nunca joguei bola. Só os meninos, porque minha mãe falou assim que as menina não pode jogar bola. Ai eu vim no projeto e aprendi a jogar bola*”. (XIV-19).

A fala desta participante tencionou uma das formas de manifestação do patriarcado que, pelos discursos dos/as participantes e pela observação de nosso mundo-vida próprio, também tem cerceado, tolhido e/ou interditado que meninas/mulheres realizem plenamente sua vocação para “ser mais” (FREIRE 2018a; 2018b), sendo o patriarcado manifestação de fatores condicionantes para o viver de mulheres, homens e demais seres da Vida (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004).

No momento de Roda de Conversa, ocasião angular para consolidação e (tras)formação dos saberes comunicados pela presente Sistematização de Experiências, o participante Quero-Quero também contribuiu com a análise de nossas experiências, ao comunicar seus aprendizados:

Maurício: *Quero-Quero... Cê pode e consegue dizer algo que você aprendeu aqui com a gente?*

Quero-Quero: *A ser solidário.*

Maurício: *Cê aprendeu a ser solidário! E como foi isso? O que que é aprender a ser solidário?*

Quero-Quero: *Ajuda os outros que precisa... E se você tivé assim, num... Num jogo de futebol, quando alguém da outra equipe assim caí ou se machucar você ajudar ele... No futebol se ajudar.*

Maurício: *Legal, cê aprendeu isso como?*

Quero-Quero: *É... Jogando Fútbol Callejero (XV-1).*

Compreendemos que nossos esforços para *saber-ouvir, saber-interpretar e saber-servir* (DUSSEL, 1974; 1995) permitiram a comunicação dos saberes apresentados até aqui, desde uma perspectiva fenomenológica, de maneira a identificar e destacar os processos educativos decorrentes da prática do FC que foi desenvolvida no VADL-MQF durante o espaço-tempo de nossa investigação.

Junto à abertura desse capítulo, “4º Momento: reflexão de fundo”, apresentamos a “Figura 10 – Fútbol Callejero: uma motricidade emergente, nascida e criada

no Sul”. Tal imagem tratou de uma releitura que fizemos da ilustração criada por Campos (2015, p. 453), pois, acreditamos que assim como o povo *Kayapó*, retratado pelo citado autor, compreendemos que a prática do *FC* oportunizou que cada um/a percebesse sua condição de co-implicação com outrem-e-com-mundo desde uma referencialidade partindo de seu próprio corpo.

Daremos início ao nosso “5º Momento”, ocasião para apresentarmos “os pontos de chegada” e para “formular conclusões” (JARA-HOLLIDAY, 2006, p. 92) tendo em vista a possibilidade de comunicar e compartilhar nossos saberes e experiências.

5º MOMENTO: PONTOS DE CHEGADA

Figura 23 – *Adinkra de Sankofa*



Fonte: Castro e Meneses (2009, p. 40).

O *adinkra* significa adeus. Cada símbolo tem um nome e um significado. Derivam de provérbios, fatos históricos, comportamentos humanos, tornando-se fatores identificadores e potencializadores da imagem de todo o produto. Esses símbolos já se tornaram uma arte nacional ganense, somando-se em muitos números. A comunicação por meio das vestimentas é de valor essencial para a cultura *akan*, pois a potencialidade da imagem, por meio dos signos denominados *adinkra*, incorpora, preserva e transmite aspectos da história, filosofia e normas socioculturais de seu povo. O *adinkra Sankofa* pode ser traduzido literalmente como *san* – retorno, *ko* – ir, *fa* – olhar. Pode ser entendido também como buscar, levar, necessitar, ou seja, voltar e apanhar de novo, aprender com o passado, construir sobre as fundações do passado. Podemos dizer que a história do *Sankofa* nos remete à significação simbólica de objetos e vida dessa etnia [o povo *Akan*], uma espécie de porta-voz de sua filosofia, do poder da reconstrução e de retificação cultural. A importância de conhecer um pouco melhor a África, aqui, é para reforçar os laços de parentesco histórico resultante da escravidão e de colonização que marcaram o Brasil e a África e são tão pouco lembrados. (CASTRO; MENESES, 2009, p. 40-41 – grifos nossos).

[...] *partiendo de lo vivido, la sistematización construye intencionalmente un conocimiento ubicado, que nos posibilita abstraer lo que estamos haciendo en condiciones particulares y así encontrar terrenos fértiles donde abrirse a la generalización es posible. Quien sistematiza, produce conocimiento desde lo que vive, siente, piensa y hace; desde sus intereses, sus emociones, sus saberes, sus acciones y omisiones*⁹³ (JARA-HOLLIDAY, 2018, p. 75-76 – grifos nossos).

Chegamos juntos/as ao cumprimento de mais um ciclo desta investigação. Chamamos a “ciclo” por compreender que nossa ação em campo não se esgotou ou, tampouco, se restringiu ao contexto do presente compromisso acadêmico de elaboração da Tese. Não queremos, com isso, negar a importância e autenticidade de tal momento. O que ocorre é que “esperançamos”, sem esperar (FREIRE, 2018d), que as comunicações feitas aqui superem qualquer pragmatismo conclusivo e imobilizador das experiências vividas pela equipe co-laboradora em campo, e que foram aqui sistematizadas. Tal e qual nos propõe o sentido de se produzir uma sistematização para, com ela, refletir sobre a própria prática para transformá-la (JARA-HOLLIDAY, 2006, 2018; ECKERT, 2009; MEJÍA, 2012).

Neste ponto de chegada, corroborando com o processo de sistematizar experiências, trazemos à colação a sabedoria-cientificidade representada pela *adinkra* de *Sankofa*, no qual Silva (2014) nos ensina que “Para avançar e projetar o futuro, tens que olhar para o passado e com ele aprender” (p. 21). Deste modo, caminhando para o final da narrativa de nossa travessia, conduziremos o leitor, ou leitora, rumo às nossas considerações acerca da busca por identificar e compreender os processos educativos decorrentes da prática do *Fútbol Callejero*, bem como dos momentos em que sua lógica de avaliação dos pilares serviu de referência para a análise da convivência entre os/as participantes durante as atividades diversificadas que foram desenvolvidas no contexto do VADL-MQF.

A presente sistematização nos permitiu perceber a necessidade de nós, educadores, educadoras, organizações/associações e movimentos sociais que lançam mão da prática sistemática do *FC*, em cooperação e solidariedade, estabelecermos um consenso mínimo acerca de uma (ou mais) “palavras-chave” para a identificação de produções que tenham o *FC* como seu objeto de estudo e/ou de ação.

Esperançamos, com isso, aperfeiçoar a troca de saberes, experiências e de saberes de experiências em torno do *FC*. Portanto, nossa proposta é para que as futuras

⁹³ “[...] **partindo do vivido, a sistematização constrói intencionalmente um conhecimento situado**, que nos possibilita abstrair o que estamos fazendo em condições particulares e assim encontrar terrenos férteis onde abrir-se a generalização é possível. Quem sistematiza, produz conhecimento desde o que vive, sente, pensa e faz; desde seus interesses e emoções, seus saberes, suas ações e omissões (JARA-HOLLIDAY, 2018, p. 74-75 – tradução livre nossa, grifos nossos)

investigações, em diferentes contextos, sempre que possível, contenham em seu título ou no conjunto de suas palavras-chave, para além da expressão “*Fútbol Callejero*” (que é a nossa prática) a expressão “Metodologia *Callejera*” que foi assertivamente cunhada por Castro (2018) ao se referir ao uso da metodologia do *FC* incrementada a diferentes esportes no contexto escolares. Nossa proposição é para que se mantenha o uso da expressão “*Fútbol Callejero*”, mas que seja acompanhada da expressão ora indicada.

Acreditamos que o encaminhamento ora indicado⁹⁴ facilitará novas buscas, principalmente quando feitas a partir do uso combinado com operadores *booleanos*, tais como “*AND*” ou “*OR*” (ou demais congêneres, a depender da base de dados consultadas) e, assim, auxiliando tanto na especificidade de produção de saberes acerca do *FC*, quanto para o momento das buscas sobre tal prática.

Ainda com relação a questões que circunscrevem a literatura do *FC*, identificamos uma segunda problemática. A revisão de literatura desenvolvida para nossa investigação des-velou uma produção quantitativamente baixa de artigos publicados em periódicos, ou literatura decorrente de dissertações ou teses que tiveram o *FC* como objeto investigado. Nesse sentido, em alguma medida, podemos nos beneficiar do momento “relativamente incipiente” de produções para implementar a primeira proposição feita aqui, ou outras que possam emergir e ser compartilhada por toda gente que vivencia a prática do *FC*, bem como outras experiências no campo da Educação Popular

Chamamos “relativamente incipiente”, pois desde um ponto de vista cronológico já se passaram aproximadamente, até o momento de produção desta tese, 18 anos em que o *FC* começou a ser desenvolvido no território de *Moreno*, periferia empobrecida de Buenos Aires - Argentina. Portanto, baseado em Santos (2002b), acreditamos que junto com o *FC*, outras motricidades têm sido produzidas como não-existentes pela razão científica da modernidade.

Enquanto encaminhamento para a problemática apontada, a própria Tese, produto de nossa sistematização de experiências, procura prestar contribuições. Ademais, está em nossos horizontes proceder a mais comunicações decorrentes deste estudo, a partir de formatos adequados para produção de artigos, livro ou capítulo(s) de livro(s). Ainda sobre o universo vocabular que circunscreve o nosso objeto de estudo, bem como propondo

⁹⁴ O desafio posto é estabelecer um consenso para facilitar no intercâmbio de saberes de experiência. Portanto acreditamos que pelo papel já instituído na articulação, alguns atores sociais possuem melhores condições para centralizar este possível encaminhamento, tais como: *Movimiento de Fútbol Callejero*; Ação Educativa – SP; *Fundación Defensores Del Chaco*; PEI-Unisinos.

encaminhamentos que poderão melhor especificar o *FC*, propomos a utilização da expressão “**Companheirismo**” em substituição ao uso da expressão “Cooperação”, para compor os Pilares do *FC*. Nossa primeira argumentação aponta para que o uso da expressão ora proposta (“Companheirismo”) já é feito, com menor frequência, de maneira concomitante e aparentemente indistinta (de “Cooperação”) em países de língua espanhola. Conforme trecho da obra de Rossini et al. (2012) que destacamos na porção inicial de sua última categoria apresentada⁹⁵ ou, até mesmo, conforme apresentado no artigo de Sánchez e Salermo (2012) quando comunicam: “*En algunas Escuelas se comenzó a jugar al fútbol callejero, convencidos de que a través de él se refuerza el dialogo, el compañerismo, el respeto de género y el buen juego*”⁹⁶ (p. 5 – grifos nossos).

Ponderamos que nossa proposta de substituição está apenas direcionada para a expressão, e não dos parâmetros/significados de avaliação do Pilar. Nossa justificativa reside na possibilidade de superar a dificuldade que encontramos para diferenciar o sentido da “Cooperação”, dado seu uso corrente que encontra significação muito fortemente ligada aos modos de estar sendo uma pessoa solidária, nos diferentes contextos da vida. Outra preocupação nossa é que em trabalhos com Educação Popular custa caro fragmentar a cooperação da solidariedade.

Por outro lado, a experiência tácita do nosso mundo-vida nos ensinou que “companheiro”, ou “companheira” é quem está muito próximo a nós, compartilhando projetos, lutas e intencionalidades. Seria oportuno encampar o uso de “Companheirismo” sem causar prejuízos à historicidade do *FC*, para além de corroborar com os parâmetros de avaliação do Pilar, cuja proposta para atribuição de pontos busca compreender o elemento intraequipe, que neste caso específico trata de compreender a mobilização que os/as jogadores/as empreenderam para que toda gente de sua própria equipe (ou seja, “companheiros/as de seu próprio time”) estejam satisfeitos/as e autenticamente incluídos/as no jogo, tendo oportunidades equânimes de protagonismo durante uma partida.

Outro apontamento propositivo concerne a um possível aperfeiçoamento da prática pedagógica do VADL-MQF (educadores e educadoras). Propomos a realização sistemática de filmagens das vivências, com especial atenção para os momentos de diálogos

⁹⁵ Nos referimos ao seguinte trecho de Rossini et al. (2012, p. 13) “[...] es el espacio donde valores como el respeto, la solidaridad y el **compañerismo** se vivencian y se adoptan”, cuja tradução aponta para “[...] é o espaço onde valores como o respeito, a solidariedade e o **companheirismo** se vivenciam, se adotam” (ROSSINI et al., 2012, p. 13 – tradução livre nossa, grifos nossos).

⁹⁶ “Em algumas escolas começaram a jogar o *fútbol callejero*, convencidos de através dele se reforça o diálogo, o **companheirismo**, o respeito de género e o jogar bonito” (SANCHÉZ; SALERMO, 2012, p. 5 – tradução livre nossa, grifos nossos).

empreendidos em sua “Roda Final” e de “Roda Inicial”. Compreendemos que tal ação poderá demandar uma sensível alteração da dinâmica já realizada, porém, destacamos a concreta possibilidade de proporcionar um salto qualitativo naquilo que tange o registro de dados e o estabelecimento de suas “fontes de informações”. Nossa percepção é de que com as filmagens emerge uma fidedigna e ampla gama de possibilidades, ao oportunizar que para um mesmo arquivo captado (áudio e vídeo) sejam lançados diferentes eixos de sistematização. Salientamos, ainda, que tal encaminhamento não inviabiliza a continuidade da confecção dos diários de campo que a equipe já realiza, pelo contrário, poderá inclusive enriquecer tal instrumento.

Estes apontamentos iniciais comunicam parte dos nossos “pontos de chegada”, e estão diretamente relacionados à nossa marcha de investigação, cujos anúncios procuraram problematizar alguns procedimentos que foram por nós encampados no curso desta investigação. Com eles, vislumbramos possibilitar novos avanços e maiores aperfeiçoamentos dos saberes acerca de nosso objeto de estudo, bem como dos modos/possibilidades de proceder à uma Sistematização de Experiências.

Investigar os processos educativos decorrentes da prática do *Fútbol Callejero*, bem como dos momentos em que sua lógica de avaliação dos pilares serviu de referência para a análise da convivência entre os/as participantes durante as atividades diversificadas desenvolvidas no contexto do projeto VADL-MQF, significou construir um caminho efêmero para compor as nossas bases epistemológicas para a libertação, cuja coerência entre os seus referenciais firmou um paradigma científico prudente capaz de nos fazer esperar uma vida social decente (SANTOS; 2002b). E foi a partir desta perspectiva que desenvolvemos nossa investigação acerca do *Fútbol Callejero*, assumindo os desenhos de uma *sistematização-analético-fenomenológica*.

Em nossa contextualização histórica do *Fútbol Callejero*, apresentamos sua origem na exterioridade, cujo *ethos* foi representa a América-Latina, junto a *Moreno*, bairro periférico e empobrecido de Buenos Aires – Argentina (ROSSINI et al., 2012; COON; DURBIN; 2013; ARTAVIA-LORÍA, 2008). Esta região, no período das décadas de 1990 e dos anos 2000, junto com toda a Argentina e demais países que compõem o eixo Sul do globo terrestre, sofreu as mazelas geradas pelo capitalismo globalizado. É neste contexto que ocorre a gênese do *Fútbol Callejero* como uma estratégia de emancipação das juventudes empobrecidas e marginalizadas que, para além da crise socioeconômica, também possuíam estigmas sociais por serem jovens que se encontravam desempregados e não estarem envolvidos/as em espaços de formação para o trabalho (ROSSINI et al., 2012).

Voltando nosso olhar para o passado, identificamos que nosso interesse por esse objeto de estudo emergiu após nossa participação junto a “4º Conferência Latino-Americana de Futebol e Desenvolvimento” em São Paulo - dezembro de 2013. Nesta ocasião, identificamos ressonâncias entre ambas experiências (a do *Fútbol Callejero* e a do VADL-MQF), uma vez que as duas ações sinalizavam para o diálogo como eixo central de suas ações educativas para o protagonismo dos/as participantes e formação para emancipação.

Nossas bases epistemológicas para a libertação identificaram que a prática social do jogo de futebol foi o exemplo de “localismo globalizado” mais bem-sucedida entre as práticas sociais que partiram da totalidade eurocêntrica (NOLASCO, 2004; 2015; SANTOS, 2001), cujo localismo globalizado representou na hierarquização e assimetrias geradas no contato entre a cultura oriunda da totalidade, que pretendiam ser totais, e às da exterioridade, que foram marginalizadas. Os efeitos sentidos pelos povos invadidos foram a subalternização ou folclorização de suas práticas, tornadas inferiores, atrasadas, causando a invisibilização e a produção de não-existências de muitas experiências e de modos de produzir existência (SANTOS, 2004; NOLASCO, 2004; 2015).

Chamamos atenção, em se tratando de América-latina, da problemática da invasão cultural como projeto totalitário que teve início com o colonialismo – marcado pelo período de instalação territorial/geográfico da matriz do poder –, que fluiu para formas mais sofisticadas de dominação que acompanharam o projeto de sistema-mundo global, assumindo a “Colonialidade do poder” e, mais recentemente, para a “Colonialidade do saber” –, formas de desterritorialização geográfica do poder que atuam por meio da cooptação (inter)subjativa para formação de racionalidades marginais-subalternas em relação às elites do poder (MIGNOLO, 2005; QUIJANO; 2005; 2009; STRECK; ADAMS, 2012).

No campo dos anúncios, Dussel (2005; 2016) aponta que para ocorrer a superação dos processos de apropriação e violência característicos da Modernidade será preciso que a exterioridade se reconheça como vítima de tais processos, e estabeleçam um diálogo intercultural, capaz de superar as assimetrias e hierarquizações entre diferentes matizes culturais para a consolidação de relações horizontais. Nesse sentido, a partir de nossa investigação, compreendemos que o *Fútbol Callejero* se tratou de um autêntico “projeto trans-moderno” (DUSSEL, 2005; 2016), por representar um diálogo intercultural cuja intencionalidade pedagógica voltada para o protagonismo das juventudes empobrecidas,

foram postas em interfaces com o “localismo globalizado” (o Futebol), culminando com a emergência de uma nova prática social.

Nossas bases epistemológicas plasmaram uma ação em campo não fragmentada, que congregou responsabilidades educativas com a nossa rotina de investigação. Portanto, em nossa práxis, atuamos como educadores-investigadores, e os saberes que emergiram desta jornada se retroalimentaram conformando nossa perspectiva participante para o desenvolvimento da Sistematização de Experiências (JARAHOLLIDAY, 2006; 2018; ECKER, 2009; MEJÍA, 2012).

Na esteira das Epistemologias do Sul (SANTOS; MENESES, 2009; MARTINS; SANTOS, 2018), fizemos oposição frontal ao “desperdício da experiência”, para tanto, ao modo das “sociologias das ausências e sociologia das emergências” (SANTOS, 2002b) configuramos a nossa investigação no âmbito das “motricidades ausentes” e “motricidades emergentes” (CARMO, 2017; CARMO; GONÇALVES JUNIOR, 2017) procurando oportunizar a percepção da ausência do *Fútbol Callejero* no campo epistemológico-científico, fazendo emergir essa motricidade nascida e criada no Sul (metafórico e geográfico).

Nos inserimos em campo a partir desta integralidade do corpo que somos. Em inteireza e completude nos lançamos para uma relação de “intercorporeidade” (MERLEAU-PONTY, 1991) com as crianças, adolescentes, educadores e educadoras. Encampamos o aporte da “Analética” (DUSSEL, 1974, 1995; 2005), firmando nosso compromisso ético para desvelar os processos educativos, a partir da escuta atenta da palavra reveladora das crianças, adolescentes, educadores e educadoras que compuseram a equipe co-laboradora.

No processo de sistematizar a experiência do *FC* que foi desenvolvido no VADL-MQF, emergiram 3 categorias temáticas, foram elas: “**A- o Fútbol Callejero é muito da hora**”; “**B – Cuidado Callejero**”; “**C – Quando o Callejero é mais que Futebol**”. Seus saberes emergiram e foram situados no espaço tempo das comunicações e interpretações decorrentes de nossa inserção em campo, exclusivamente. Os processos educativos foram destacados juntos aos eventos que contribuíram para sua manifestação.

Concordamos com Martins e Santos (2018) quando sinalizam que para tornar mais efetiva a luta contra as “três cabeças” da opressão (Capitalismo, Colonialismo e o Patriarcado), será preciso encampá-la de maneira articulada e não fragmentária, procurando atuar contra as “três cabeças” de maneira articulada. Urge vivenciarmos e compartilharmos experiências de articulação para além da mobilização intra-organizacional, ou seja, no

escopo de ações de apenas um ator/agente social, pois nas palavras de Martins e Santos (2018):

A ideia da diversidade que fragmenta, que se ia condensando numa ideia central que é hoje para mim o grande dilema da nossa sociedade: a dominação é constituída pelo capitalismo, colonialismo e patriarcado e atua sempre unida, articulada, enquanto a resistência a essa dominação está sempre fragmentada. Porque os movimentos de resistência ou são anticapitalistas, ou anticolonialistas ou antipatriarcais, mas não conseguem ser as três coisas ao mesmo tempo, mesmo que com doses diferentes. A resistência está fragmentada, a dominação articulada (MARTINS; SANTOS, 2018, p. 42 -43).

Comprendemos, então, que nossa sistematização desvelou que o *Fútbol Callejero é Anticapitalista*, pois emerge originalmente de um projeto de Educação Popular promovendo uma educação emancipadora para jovens moradores em periferias empobrecidas. No contexto do VADL-MQF, observamos que a equipe co-laboradora tencionou a competição, (uma das insígnias do capitalismo) inclusive possibilitando a geração da “Categoria A”, cuja intencionalidade foi de tornar jogo “mais divertido” em detrimento de performances competitivas, ou de super-valorização da vitória. Em sua dimensão histórica também identificamos que no ano de 2014 foi organizado o “1º Mundial de Fútbol Callejero”, desvinculado da FIFA e com arenas/canchas montadas em espaço público intencionalmente concebido para que o povo pudesse assistir gratuitamente ao evento.

O *Fútbol Callejero é Antipatriarcal*, pois enquanto uma normativa de sua metodologia o *Fútbol Callejero* possui a prerrogativa de formação de equipes compostas por meninos e meninas, ou homens mulheres. Em nossa investigação, inclusive, um dos processos educativos identificados foi justamente a educação para as relações de gênero. Ademais, compartilhamos com Maturana e Verden-Zöller (2004) a necessidade de compreender que o signo do patriarcado ultrapassa a relação homem-mulher. Assim, encontramos como ações antipatriarcais elementos que compuseram a categoria “B - Cuidado Callejero” e seus processos educativos, tais como empatia; horizontalidade das relações; autoestima; acolhimento; o olhar-para-si e a equidade promovida pela (re)criação das regras para a trans-formação do jogo, que possibilitaram uma autêntica inclusão de pessoas com diferentes habilidades técnico-táticas para jogar futebol. Todos estes atributos citados, em alguma medida, atuaram contra o patriarcado.

O *Fútbol Callejero é Anticolonialista*, uma vez que, ao estabelecer interfaces entre a Educação Popular com um localismo globalizado (o jogo de futebol), o fez desde

uma relação de alteridade e horizontalidade, em lugar de subalternidade. Deste modo, foi criada uma nova prática social: inventiva, (trans)formadora a cada ocasião de realização devida a premissa de organização das regras durante o 1º Tempo. Outra ideia-força que tenciona o colonialismo/colonialidade é a da ausência de um “agente externo de poder”, pois no *Fútbol Callejero* não existe a figura de um “árbitro/a” que delibera sobre as decisões. Tal papel é relegado ao protagonismo dos/as seus/suas participantes. Ademais, cumpre salientar que a figura de um/a Mediador/a não substitui um árbitro. Seu papel reside em facilitar o diálogo, fazer a mediação entre as situações problematizadas para possibilitar encaminhamentos coletivamente deliberados.

Dentre os processos educativos que aparecem destacados em cada uma das categorias que foram identificadas, gostaríamos de chamar a atenção para dois que estiveram intimamente relacionados com a maneira pela qual conduzimos o processo pedagógico, e que esteve amparada pelo referencial de “ação dialógica” (FREIRE, 2018a; 2018b; 2018d), bem como na “sociologia das ausências e das emergências” (SANTOS, 2002b). O primeiro foi o processo educativo do “*Estar-Sendo-Mais*” (FREIRE, 2018a; 2018b), que foi captado, principalmente, dos momentos de diálogo para estabelecimento de acordos 1º Tempo e/ou Roda Iniciais, e para realização de avaliação do 3º Tempo e/ou Rodas Finais. Elencamos, em nossa investigação, que o processo de “estar-sendo-mais” foi fundamental para o exercício da autonomia e do constante movimento de humanizar-se, pois, desde a (re)criação das regras para trans-formação do jogo com a intencionalidade para tornar o “*Fútbol Callejero* muito da hora”, ou para alterar regras que possibilitassem o exercício do “Cuidado *Callejero*”.

Desde o nosso ponto de vista, o “*Estar-Sendo-Mais*” também perpassou os momentos de Mediação, ou 3º Tempo, cuja qualidade da relação com outrem foi tornada objeto de nossa percepção e tematizada pelos diálogos, permitindo o movimento de olhar-para-si, de modo a com-outrem compreender e (res)significar a nossa própria ação no mundo.

O segundo processo educativo que salientamos se tratou da manifestação da *Ecologia das Temporalidades* (SANTOS, 2002b) que, no contexto de desenvolvimento do *Fútbol Callejero* no VADL-MQF significou a valorização do tempo vivido com os/as participantes, respeitando as intencionalidades e significados que cada um/a direcionou para as práticas no instante mesmo de nossas (com)vivências, desde um aqui e agora dos/as participantes. Esta ecologia das temporalidades tencionou a relação que chamamos de utilitarista com o jogo, com o brincar, que projeta um processo formativo de modo a

instrumentalizar as pessoas para tomada de decisões e para um agir no futuro. Ou seja, na perspectiva utilitarista o proveito de algo é conferido a partir de sua potencialidade para promover o acúmulo de habilidades, técnicas, conhecimento que serão solicitadas em um porvir e detrimento da concreta ação no aqui-e- agora de nossas relações com-mundo-e-com-outrem.

5.1 À guisa de algumas considerações: a cancha está aberta!

Após realizarmos a travessia pelos cinco momentos da nossa sistematização de experiências, anunciamos **nossa Tese** de que o *Fútbol Callejero* (nascido e criado na Argentina – Sul geográfico e metafórico) se configurou como uma **Motricidade Callejera**, emergente e compondendo as Epistemologias do Sul, com a potência de estar sendo um projeto trans-moderno e intercultural de intervenção educativa e uma frente de luta que atua articuladamente contra o capitalismo, o patriarcado e o colonialismo. Percebam que, conforme já anunciamos, a expressão “*callejera*” poderia ser traduzida ao português como “rueira”, fazendo referência à diversas possibilidades de expressão da cultura popular, que se dão muito frequentemente no espaço público, como é o da rua, anunciando luta, resistência, empoderamento de manifestações populares.

Consideramos, com o encerramento deste ciclo de investigação, que a *Motricidade Callejera* a qual está imbuído o *Fútbol Callejero* nos ensinou que “**Temos que a todo custo dialogar [...]**”, bem ao modo da sabedoria do poeta Mais-Novo (2018, s/p – grifos nossos). Será a partir do diálogo, do face-a-face, em intercorporeidade e co-implicação com-mundo-e-com-outrem que iremos operar a leitura de mundo capaz de des-velar esta realidade que está aí, cujas assimetrias sociais expressam o projeto de dominação posto por uma Modernidade colonialista-patriarcal-capitalista que insiste em dificultar a autêntica possibilidade de participação, autonomia e protagonismo do povo.

Nosso argumento é de que a *Motricidade Callejera*, em consonância com nossas bases epistemológicas para a libertação, compreende o Ser em sua inteireza e se coloca contra a colonialidade dos corpos, ao buscar processos educativos afeitos a constante humanização das relações, em que é vivendo o momento presente de uma relação de **Respeito** que se apr(e)ende a ter o desejo de estender esse modo; vivenciando a relação de **Companheirismo** que se apr(e)ende a vontade de seguir protagonizando a construção de contextos inclusivos com nossos semelhantes; experienciando a **Solidariedade** que se apr(e)ende o anseio por empreender ações transformadoras para o cuidado e acolhida à outrem em plena vivência de amor ao próximo. Com base nos dados analisados

consideramos que é vivenciando esses modos de ser/estar com outrem que se deseja compartilhar experiências éticas e estéticas de presentificar benfazejos.

Esperançamos que nossa sistematização de experiências componha a constelação de saberes assentes nas Epistemologias do Sul e que seja capaz de sulear novas travessias e novas sistematizações. Parafraçando ao citar mais uma vez o poeta Mais-Novo (2018): “A cancha está aberta”! Vamos dialogar? Construir-partilhar mais saberes Sul-Sul?

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADAMS, Telmo. **A pesquisa participativa como mediação pedagógica da educação popular**. 2009. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT06-5171--Int.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2013.

APELANZ, Ildefonso. Movimiento fútbol callejero y las ligas COED en Estados Unidos. **Revista Con Efecto**, p. 1-8, ago. 2016.

ARTAVIA-LORÍA, Roberto. **Defensores del Chaco: o futuro construído por todos**. Santiago: Viva Trust, 2008.

BELMONTE, Maurício M.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Fútbol callejero: nascido e criado no sul. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 116, p. 155-178. 2018.

BELMONTE, Maurício M.; GONÇALVES JUNIOR, PAZOS-COUTO, José, M. Fútbol Callejero: processos educativos des-velados a partir de uma sistematização de experiências em interface com a fenomenologia. In: VI Congresso Ibero Americano de Investigación Cualitativa, 2017, Salamanca – Espanha. **Actas...**, 2017. p. 866-875.

BELMONTE, Maurício M.; Gonçalves Junior, Luiz; SOUZA JUNIOR, Osmar M. Fútbol callejero e educação das relações de gênero. In: SALDANHA, Daiany F.; GONZALEZ, Ricardo H. (Org.). **Projetos sociais para crianças e adolescentes**. Juiz de Fora: Garcia, 2018. p. 251-274.

BELMONTE, Maurício M.; TAFURI, Diogo M. Epistemologias do sul: pesquisa participante e sistematização de experiências enquanto metodologias científicas de investigação no campo da educação. In: VI Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: Etnomotricidades do Sul, 2015, Valdivia - Chile. **Anais...**, 2015. p. 70-80.

BELMONTE, Maurício M. **Vivências em atividades diversificadas de lazer: processos educativos decorrentes de uma práxis dialógica em construção**. 2014. 313f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

BICUDO, Maria A. V. (Org.). **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Cortez, 2011.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano- compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível: convivência, respeito, tolerância**. Petrópolis: Vozes, 2006.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sara. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRANDÃO, Carlos R. **A canção das sete cores**: educando para a paz. São Paulo: Contexto, 2005b.

BRANDÃO, Carlos R. **A educação como cultura**. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Carlos R. Jogar para competir ou jogar para compartilhar? Da competição contra o outro a cooperação com o outro. In: _____. **Aprender o amor**: sobre um afeito que se aprende a viver. Campinas: Papyrus, 2005a. p. 85-116.

BRASIL. Ministério da Fazenda. Secretaria de Assuntos Internacionais. **Organização para a cooperação e desenvolvimento econômico – OCDE**. Disponível em: <<http://www.sain.fazenda.gov.br/assuntos/politicas-institucionais-economico-financeiras-e-cooperacao-internacional/ocde>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

BURGOS-JUAN. **VI Encuentro Latinoamericano de Fútbol Callejero**:– Montivideo Uruguay 2012. 2012 (8m37s). Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=77ml1HrUsjI&t=16s>. Acesso em: 07 jun. 2017.

CAMPOS, Marcio D. SURear, NORtear y ORIENTar: puntos de vista desde los hemisférios. In: LEYVA, X. et al. (Org.). **Prácticas otras de conocimiento(s)**: entre crisis, entre guerra(s) (TomoII). Chiapas: Retos, 2015 p. 433-458.

CARMO, Clayton S. **Epistemologia da bicicleta**: processos educativos emergentes na prática do pedalar. 2017. 453f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

CARMO, Clayton S.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Motricidades ausentes e o mito da modernidade: reflexões acerca do falso anacronismo imposto ao uso da bicicleta como transporte na contemporaneidade. In: VII Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: ecomotricidade e bem viver, 2017, Aracajú. **Anais...** São Carlos: SPQMH, 2017. p. 157-158.

CASTRO, Jaqueline A.; MENEZES, Marilda S. (Org.). **Design e planejamento**: aspectos tecnológicos. São Paulo: Editora UNESP/ Cultura Acadêmica, 2009.

CASTRO, Lígia. E. **A construção de valores orientadas pela metodologia calljera na Educação Física Escolar**. 2018.133f. Dissertação (Mestrado Profissional). Faculdade de Ciências de Bauru. Universidade Estadual Paulista, 2018.

COON, Jeremy; DURBIN, Paula. Fútbol callejero y cambio en el conurbado de Buenos Aires. **Desarrollo de base revista de la fundación interamericana**, v. 34, p. 9-21, 2013.

COSTA, Paulo H. D. **Pensamento e impossibilidade**: intersecções entre M. C. Escher e Gilles Deleuze.2010. 115f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal de Uberlândia, 2010.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n.24, p. 40-52, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

DELEGAÇÃO BRASILEIRA DE FÚTBOL DE RUA. **Brasil na Copa América de Fútbol Callejero**. Disponível em:

<<http://copaamerica.mundialfutebolderua.org/es/times/>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

DI-GIANO, Roberto. Un puente entre la educación y el fútbol: el fútbol callejero. **Lecturas Educación Física y Deportes**, v. 118, n. 12, p. 1-6, 2008.

DUSSEL, Enrique D. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgard (Org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 24-32.

DUSSEL, Enrique D. **Introducción a la filosofía de la liberación**. 1995. Bogotá: Editorial Nueva América, 1995.

DUSSEL, Enrique D. **Método para uma filosofia da libertação**. São Paulo: Loyola, Edições, 1974.

DUSSEL, Enrique D. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 51–73, 2016.

ECKERT, Cordula. **Orientações para elaboração de experiências**. Porto Alegre: EMATER - RS-ASCAR, 2009.

FERRARO, Fábian. **Fábian Ferraro: história do Fútbol Callejero**. 2013 (8m41s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vS4-myTDGsc&t=4s>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

FIORI, Ernani M. Conscientização e educação. In: **Educação & Realidade**, v. 11, n. 1, p. 3-10, 1986.

FIORI, Ernani M. Educação libertadora. In: _____. **Textos escolhidos: VII: Educação e Política**. Porto Alegre: LPM, 1991. p. 83-88.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 56 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 24 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018d.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018a.

FUNDACIÓN DEFENSORES DEL CHACO. **Quiénes somos**. Disponível em: <<http://defensoresdelchaco.org.ar/quienes-somos/>>. Acesso em: 23 maio. 2018

GARNICA, Antônio V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface**, Botucatu, v.1, n.1, p.109-122, 1997.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; CARMO, Clayton S.; CORRÊA, Denise A. Ciclovigagem, lazer e educação ambiental: processos educativos vivenciados na Serra da Canastra. **Licere**, v. 18, n. 4, p. 173-208, 2015.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; RAMOS, Glauco N. S. **A educação física escolar e a questão do gênero no Brasil e em Portugal**. São Carlos: EdUFSCar, 2005.

GUTIERREZ, Cláudio. A. S.; DOTTO, Augusto.; ALLET, Andressa. Futebol callejero, juventude e cidadania. **Lúdica Pedagógica**. v. 23, n. 1, p. 19–29, 2016

HUGOIA-ALVARADO, SARA El giro ambiental de las ciencias sociales. In: **Nómadas: Trayectos y posibilidades en ciencias sociales**. Bogotá: Instituto de Estudios Sociales, 2014. p. 13–24.

JARA-HOLLIDAY, Oscar. **La sistematización de experiencias: práctica y teoría para otros mundos posibles**. Bogotá: CINDE, 2018.

JARA-HOLLIDAY, Oscar. **Para sistematizar experiências**. 2 ed. Brasília: MMA, 2006.

LARROSA-BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n. 19, 2002. p.20-28.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre Nós: ensaios sobre a alteridade**. 2ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2005.

MAIS-NOVO. **A porta está aberta**. São Carlos: o autor, 2018.

MARTINS, Bruno S.; SANTOS, Boaventura. D. S. Socialismo, democracia e epistemologias do Sul. Entrevista com Boaventura de Sousa Santos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, número esp, p. 9–54, 2018.

MARTINS, Eliane M. **O sentido do trabalho para jovens da periferia: região metropolitana de Porto Alegre**. 2014. 145f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2014.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes, 1989.

MARTINS, Mariana Z.; SOUZA JÚNIOR, Osmar M.; BELMONTE, Maurício M. Quando as meninas tomam a rua as relações de gênero no fútbol callejero. XVII Combrace /IX Conice - Ciência e Compromisso Social: Implicações na/da Educação Física e Ciência do Esporte (ANAIS...). **Anais...Vitória - ES**: 2015

MATURANA, Humberto R. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão**. 8 ed. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **De máquinas e seres vivos: autopoiese – a organização do vivo**. 3ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.

MATURANA, Humberto R.; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MEJÍA, Marco R. **Sistematización**: una forma de investigar las practicas y de producción de saberes y conocimientos. La Paz: Ministerio de Educación, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MIGNOLO, Walter, D. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 33-49.

MORAES, Carolina. F.; BONFIM, Aira. F. Mulher no Futebol - no campo e nas arquibancadas. V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades - 10 Anos. **Anais...** Salvador: Editora Realize, 2016. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_M D1_SA18_ID1399_07082017191501.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2018.

MOVIMIENTO DE FUTBOL CALLEJERO. **Carta de Principios**. 2013. Disponível em: <<https://movimientodefutbolcallejero.org/movimiento/carta-de-principios/>>. Acesso em: 01/05/2017.

MOVIMIENTO DE FUTBOL CALLEJERO. **Movimiento de de Futbol Callejero**. Disponível em: <<http://movimientodefutbolcallejero.org/futbol-callejero/historia/>>. Acesso em: 26 dez. 2018.

MUNDIAL FUTEBOL DE RUA. **Mundial Futebol de Rua**. Disponível em: <<http://www.mundialfutebolderua.org/>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

NOLASCO, Carlos. Futebol : Desporto e Emoção. **Con(m)textos de sociologia**, n. 3, p. 16–20, 2004.

NOLASCO, Carlos. Bola prá frente! Em busca de outro futebol. Colóquio Internacional Epistemologias do Sul: aprendizagens globais Sul-Sul, Sul-Norte e Norte-Sul - Actas. **Anais...** Coimbra: CES, 2015. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/42165>>

OLIVEIRA, Maria W.; SILVA, Petronilha B. G.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONE, Aida V. G.; JOLY, Ilza Z. L. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014a. p. 29-46.

PEÇANHA, Dóris. L. N.; SANTOS, Luciana S. **Cuidando da vida**: olhar integrativo sobre o ambiente e o ser humano. São Carlos: EDUFSCar, 2009

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Vice-prefeita participa de conferência sobre futebol de rua**. Disponível em:

<<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/comunicacao/noticias/?p=163101>>. Acesso em: 24 dez. 2017.

PRISTA, António; TEMBE, Mussá; EDMUNDO, Hélio. **Jogos de Moçambique**. Lisboa: Instituto Nacional de Educação Física, 1992.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. (Org.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 73-117.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 107-130.

RIBEIRO JUNIOR, João. **Introdução à fenomenologia**. Campinas: Edcamp, 2003.

RODRIGUES, Cae; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Ecomotricidade: sinergia entre educação ambiental, motricidade humana e pedagogia dialógica. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 4, p. 987-995, 2009

ROSSINI, Luciano; SERRANI, Esteban; WEIBEL, Matías; WAINFELD, Manuel. **Fútbol Callejero: juventud, liderazgo y participación - trayectorias juveniles en organizaciones sociales de América Latina**. Buenos Aires: FUDE, 2012.

SÁNCHEZ, Leonel.; SALERMO, Juan. El Fútbol Callejero , un deporte inclusive en Chos Malal, Provincia del Neuquén. **EFDeportes.com**, v. 175, n. 17, p. 1–7, 2012.

SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. Introdução. In: _____. (Org.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 9-19.

SANTOS, Boaventura S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. (Org.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009a. p. 23-71.

SANTOS, Boaventura. S. Para uma concepção Multicultural dos Direitos Humanos. **Contexto internacional**, v. 23, n. 1, p. 7–34, 2001.

SANTOS, Boaventura. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 63, p. 237–280, 2002a.

SANTOS, Boaventura S. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002b.

SANTOS, Boaventura S. Um ocidente não-ocidentalista?: Filosofia à venda ou , a douda ignorância e a aposta de pascal. In: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. (Org.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009b. p. 445-486.

SÉRGIO, Manuel. **Algumas teses sobre o desporto**. 2ª ed. ed. Lisboa: COMPENDIUM, 2003.

SÉRGIO, Manuel. A racionalidade epistémica na educação física do século XX. In: SÉRGIO, Manuel et al. **O sentido e a ação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999. p. 11-30.

SÉRGIO, Manuel. **Motricidade Humana**: uma nova ciência do homem. Lisboa: Ministério da Educação e cultura Direção-Geral dos Desportos, 1986.

SÉRGIO, Manuel. Motricidade Humana: uma nova ciência para um novo homem. In: ARAÚJO, A. et al. (Eds.). **I Seminário Internacional de Motricidade Humana**: Passado - Presente - Futuro. Homenagem ao professor “Manuel Sérgio”. SÃO PAULO: Assembléia Legislativa, 2007. p. 09-10.

SÉRGIO, Manuel. Maurice Merleau-Ponty: O corpo e a Fenomenologia. **Episteme**, v. 2, n. 123-137, 1998.

SILVA, Petronilha B. G. S. Práticas sociais e processos educativos: da vida e do estudo até o grupo de pesquisa. In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 29-46.

STRECK, Danilo, R. Educação popular e pesquisa participante: a construção de um método. In: STRECK, Danilo. R.; GHIGGI, Gomercindo; SILVEIRA, Fabiane T.; PITANO, Sandro C. (orgs.). **Leituras de Paulo Freire**: contribuições para o debate pedagógico contemporâneo. Brasília: Liber livro Editora, 2010. p. 171-197.

STRECK, Danilo R.; ADAMS, Telmo. Pesquisa em educação: os movimentos sociais e a reconstrução epistemológica num contexto de colonialidade. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 38, n. 1, p. 243-257, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. **UFSCar e Comunidade**: programas e projetos de extensão – educação. Disponível em: <http://www.extensao.ufscar.br/site/menu_projetos/Educacao>. Acesso em: 12 jan. 2019.

UNISINOS. **PEI Participa da IV Conferência Latino Americana de Futebol e Desenvolvimento**. Disponível em: <<http://unisinis.br/blogs/pei/2013/12/10/pei-participa-da-iv-conferencia-latino-americana-de-futebol-e-desenvolvimento/>>. Acesso em: 20 dez. 2018a.

UNISINOS. **Unisinis**. Disponível em: <<http://www.unisinis.br/extensao/acao-social/programas/programa-esporte-integral>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

VAROTTO, Nathan R.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; LEMOS, Fábio R. M. Futebol Callejero: processos educativos emergentes da prática social da mediação. **Kinesis**. Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 91-100, 2017.

VAROTTO, Nathan R.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; LEMOS, Fábio R. M.; MORAES, Fábio. Futebol Callejero na educação física escolar: processos educativos emergentes de uma intervenção. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, v. 5, p. 104-120, 2018.

VELÁZQUEZ-CALLADO, Carlos. **Educação Par a paz**: promovendo valores humanos na escola através da educação física e jogos cooperativos. Santos: Projeto Cooperação, 2004.

APENDICES.**Apêndice 1 ou 3º Momento – Diários - Reconstrução da experiência****Diário – I**

23/08/2016

Participantes: David; Klevis; Marreco; Cauã; Julha; Digo; Dino; Caique; Cássio; Pontes

Visitantes: Ricardo; Peter; Didi.

Equipe pedagógica: Educador Romeu; Educadora Abayomi, Educadora Daenery; Educador Maurício.

Vivências: Pic-Bandeira-Pô e *Fútbol Callejero*.

Iniciamos a prática do *Fútbol Callejero* logo após o jogo “Pic-Bandeira-Pô” e, com intuito de “poupar tempo”, aproveitamos a divisão de equipes já realizada na primeira brincadeira e nos dirigimos para uma área sombreada ao lado da quadra para dar início ao 1º Tempo.

Enquanto caminhava em direção à quadra os participantes Pontes e Marreco pediram para conversar comigo. Percebi que eles queriam falar algo, mas de modo discreto. Vieram ao meu encontro no momento em que fui para o almoxarifado pegar o material (bola e a prancheta para fazer algumas anotações relativas ao jogo). Os dois participantes disseram que na última ocasião de realização do *Fútbol Callejero* o participante Ricardo foi muito desrespeitoso, inclusive falando palavrões, ofendendo os colegas e desrespeitando as regras que foram instituídas no 1º Tempo. Pontes ainda comentou: “Ele falou o palavrão perto das crianças mais novas... E se elas aprenderem, ou falarem para seus pais que aprenderam aqui no projeto, ficará ruim pra vocês professores!” Agradei aos dois participantes pela preocupação e disse-lhes que iria observar as atitudes de Ricardo durante o encontro desta data.

Chegando próximo à quadra fui abordado por duas crianças com idade entre 10 e 12 anos (não consigo recordar os nomes), que não eram participantes do VADL-MQF, que pediram para participar do jogo. Expliquei que iríamos desenvolver o *Fútbol Callejero* e, confirmado o interesse pela participação, acolhi o pedido dos garotos. Neste encontro duas crianças que não quiseram participar do jogo. A saber, foram Cauã e Julha. Ambas disseram, apenas, que não queriam participar e não justificaram os motivos. Orientei para que ambas ficassem próximas às Educadoras, observando o jogo.

Para que as equipes tivessem o mesmo número de jogadores participantes o Educador Romeu precisou integrar a equipe – assim como havia ocorrido na brincadeira

anterior (“Pic-bandeira-pô”). O participante Didi se queixou dizendo: “Oloco Maurício, não vale! Assim o time deles fica mais forte... Coloca uma das professoras!”.

Insisti dizendo que a preocupação do participante Didi deveria ser com a atenção as regras, pois era possível sugerir regras que proporcionassem um jogo mais equilibrado e justo de modo a aproveitar a habilidade que cada pessoa possuía, que para tal ele deveria refletir bastante, junto com seus/suas colegas de equipe, sobre quais regras eles/as gostariam de propor. O garoto aparentou descontentamento com as minhas palavras, pois franziu a testa e baixou a cabeça. A participação do Educador na outra equipe foi mantida e demos início ao “1º Tempo”. (1d)

Foram propostas as seguintes regras:

- * Não vale dar chutão;
- * Não vale dar carrinho;
- * Não vale chutar direto para gol em ocasiões de saída de bola;
- * Acertar a trave vale 1 ponto;
- * Acertar o travessão valem 2 pontos;
- * Acertar a forquilha⁹⁷ valem 15 pontos;

O 2º Tempo, ou, “tempo de bola rolando”, teve duração de 20 minutos. Alguns conflitos foram manifestados. A saber: Um dos meninos que pediu para participar do *Fútbol Callejero* (o mais novo, porém não recordo o nome) adotou uma postura muito individualista, que no contexto futebolístico é chamado de “fominha”, ou seja, aquela pessoa que fica com a posse de bola o tempo todo e não realiza passes para seus colegas de equipe; Outro conflito envolveu Ricardo e Didi na qual, após uma jogada em que Didi perdeu a posse de bola, culminou com a discussão entre estes participantes. Mesmo sendo companheiros de equipe os dois chegaram a trocar ofensas, pois Didi chamou Ricardo de “burro”, enquanto este retrucou chamando Didi de idiota (2d); Outras duas situações envolveram os irmãos gêmeos Cássio e Caique. Posto que Caique deu um carrinho em seu irmão e, em outro momento, Cássio agarrou seu irmão pela camisa, puxando-o. Atrapalhando a jogada. Todos estes eventos, citados aqui, ocorreram no 2º Tempo (ou “Tempo de Bola Rolando”) e afetaram, inevitavelmente, o processo de atribuição de pontos das equipes representadas pelos respectivos jogadores envolvidos, durante o 3º Tempo.

⁹⁷ Trata-se do exato ponto de junção entre a trave (pilar vertical) e o travessão (pilar horizontal). Esta região também é chamada de ângulo, devida a formação do ângulo de 90°.

Após transcorrido o tempo de bola rolando (2º Tempo), iniciei a mediação. Para tanto, orientei para que as crianças formassem um círculo debaixo da sombra das árvores situadas no gramado ao lado da quadra de futsal. Antes de iniciar o diálogo do “3º Tempo” os dois participantes que pediram para jogar se ausentaram e foram participar de outra atividade.

C.O. Maurício - Inicialmente eu pensei que eles tinham compromisso com o treino de futebol que ocorre paralelamente às atividades do VADL-MQF. Contudo, pude observar que ambos se ausentaram daquele momento para ficarem junto à outras crianças que não estavam treinando futebol. Embora não tenha sido explicitado pelos dois colegas, acredito que houve um desinteresse em participar. Pois, estou intuindo que não se tratou de acreditar que o jogo havia acabado. Posto que eu sinalizei que iríamos começar o “3º tempo” e ver qual equipe havia convertido mais pontos. Nesse sentido, me pareceu desinteresse, mais do que desconhecimento. De todo modo, em próxima ocasião que eu os vir procurarei perguntar, ou estar atento caso haja manifestação parecida com esta.

Já em círculo e com a atenção de todas as crianças participantes iniciamos os diálogos da mediação. O primeiro passo foi realizar a conversão dos gols em pontos. A “equipe sem colete” havia feito 4 gols, enquanto a “equipe de colete laranja” não havia marcado gols. Com isso o 3º Tempo começou com o placar de 3 pontos para equipe “sem colete”, e 1 ponto para equipe com colete laranja.

Avaliação do Respeito:

O passo seguinte foi problematizar os pilares do *Fútbol Callejero*: Respeito; Cooperação e Solidariedade, respectivamente. Perguntei se toda gente havia respeitado as regras. Iniciei pela do “chutão”, de modo que a resposta afirmativa foi unânime. Ou seja, as crianças sinalizaram que ninguém havia dado “chutão”⁹⁸.

Outra regra problematizada fora proposta por Klevis, que comunicava que não era permitido dar “carrinho”⁹⁹. Neste quesito, foi constatado que o próprio Klevis (que jogava para equipe com colete laranja) havia dado um carrinho, incorrendo no desrespeito à tal regra e ocasionando a não atribuição dos pontos de Respeito para sua equipe. Já na equipe

⁹⁸ O “chutão”, na linguagem das crianças é o mesmo que “dar bica”, “dar bicudão”, ou “bicudo”: O ato de chutar forte, ou muito forte.

⁹⁹ Trata-se de um movimento realizado por um/a jogador/a na ânsia de tomar a bola ou interceptar um passe do adversário, ou ainda, efetivamente cometer uma falta para parar uma jogada. Para tanto, o jogador que empreende tal movimento se projeta no solo, geralmente com os dois pés, produzindo um movimento rasteiro e deslizante em direção à bola ou ao Outrem.

sem colete o participante Caique também deu um “carrinho” em seu irmão Cássio, sendo mote de não atribuição ao ponto de respeito.

Ainda em análise específica às regras, os/as participantes também nos disseram que não houve manifestação de chutes provenientes de “saída/reposição de bola”.

A análise do pilar “Respeito” também comunica a necessidade de observar o respeito ao Outrem, para além do respeito às regras. Deste modo, quando problematizei perguntando: “houve respeito aos colegas?” o participante Pontes comentou: “Não teve professor. O Didi xingou o Ricardo, daí o Ricardo xingou ele de volta”. Após este apontamento feito por Pontes, que inclusive era jogador da mesma equipe dos outros dois colegas citados, eu perguntei aos envolvidos se isso havia acontecido. Neste momento o participante Didi disse: “Ah professor... Esse dentuço não toca [a bola]” e, imediatamente, Ricardo retrucou: “Que não toca o que? Você que é fominha seu idiota!”.

Aparentemente, nem Ricardo nem Didi queriam dialogar. Não se entreolhavam. Falavam estas palavras olhando para mim, ou para o chão, enquanto mexiam na grama, arrancando alguns pequenos matos. Sinto que não queriam dialogar, e/ou estavam convictos de seus posicionamentos.

Procurei restabelecer um diálogo respeitoso dizendo: “Bem, então houve o xingamento?”. Ambos responderam afirmativamente culminando com mais uma manifestação para não atribuição dos pontos de respeito para sua equipe. Desta vez, não se tratava de uma regra desrespeitada. Mas, de um desrespeito ao Outrem. Chegamos, todo o grupo, à conclusão de que nenhuma equipe merecia os pontos relativos ao respeito.

Fiquei em dúvida acerca do quanto os participantes envolvidos, Ricardo e Didi, compreenderam ser desrespeitosa suas atitudes. Ambos pareceram bastante insatisfeitos com as palavras ditas, um para outrem. Em especial Ricardo que fora chamado de “dentuço”. Contudo, pude observar que após a conclusão das atividades os dois brincavam juntos, como se nada tivesse ocorrido. Estou intuindo que ambos pode não ter compreendido como ofensivas/agressivas suas atitudes a ponto de promover mágoa ou ressentimentos neste evento ocorrido durante o Fútbol Callejero, muito embora eu, Pontes e os/as demais colegas participantes que disputavam o jogo entendêssemos como um evento desrespeitoso e agressivo. Ou, ainda, representar uma manifestação de resiliência, ambos colegas superaram rapidamente, desde o meu ponto de vista, a situação de desrespeito (3d).

Pretendo observar melhor esta questão do que tenho entendido como atitude desrespeitosa e até mesmo agressiva para compreender melhor as manifestações que ocorrem durante o projeto.

Cooperação

O pilar seguinte à ser analisado foi “Cooperação”. Tal observação foi realizada com objetivo de saber se os/as participantes de uma determinada equipe estavam satisfeitos/as com suas atuações. Para tal, buscamos observar se todos/as participaram das jogadas da maneira mais igualitária possível (recebendo a bola, fazendo passes, auxiliando sua própria equipe). Esta análise refere-se a um componente interno de uma equipe, ou seja, o que cada time fez para incluir todos/as.

A participante Julha comentou que ninguém havia tocado a bola para ela. O participante Pontes argumentou dizendo: “Eu até tentei, mas os outros ia lá e roubava a bola dela [de Julha]”. Mas, o mesmo participante comentou: “Mas, foram poucas vezes, eu acho que nossa equipe não merece os pontos de ‘Cooperação’”.

Problematizei com a outra equipe perguntando: “E o que o pessoal da “Equipe Laranja acha disso? A outra equipe merece os pontos de ‘Cooperação?’ ” Marreco foi o primeiro a dizer: “É... Eu acho que eles não merecem não! Porque a própria Julha e o Pontes tão dizendo que não merecem. E eu também acho que ela [a Julha] participou pouco”. Nessa análise houve consenso entre os/as participantes das duas equipes, culminando com a não atribuição de pontos para nenhuma delas (4).

Como de praxe, inverti a pergunta. Desta vez, perguntando para integrantes da equipe Laranja se a equipe sem colete merecia os pontos de “Cooperação”. Ninguém respondeu nada. Houve um silêncio que durou uns 10 segundos, até que o participante Didi disse: “Esse menino aí [se referindo à Dino] ficou parado lá atrás do gol, e eu nem vi ele jogando bola”. Neste momento o participante Dino disse que não queria jogar.

C. P. MAURÍCIO - Tenho percebido que, com grande frequência, o participante Dino fica sozinho em um canto, brincando distante de seus/suas colegas. No caso de hoje, durante a partida de *Fútbol Callejero*, ele até estava em quadra, mas não participava das jogadas, não corria para tentar pegar a bola que estava em posse do adversário, e, também pude observar, que ele ficou junto de seu irmão, Digo, quando este estava no gol. Mote de reclamação/apontamento de Didi. Em diálogo com as Educadoras Daenery e Educadora Anitta foi apontada, por ambas Educadoras, a possibilidade de Dino sofrer de algum quadro de deficiência intelectual. Daenery disse: “É, às vezes ele dá umas gaguejadas... Sei lá, fala de um jeito estranho”. Já a Educadora Educadora Anitta comentou: “Teve uma quinta-feira que o participante Lucas falou que o Dino havia batido nele. Quando a Educadora Biga perguntou para ele o que o Lucas havia lhe feito o participante disse: ‘O Lucas me fez correr’. Daí a Biga perguntou como é que o Lucas havia feito ele correr, de modo que o próprio Lucas comentou que havia começado a correr e o Dino começou a correr

atrás dele, sem que lhe fosse pedido, ou ordenado. Depois Dino foi lá e lhe deu uns tapas nas costas... De graça! “Quando eu fui falar com o Dino ele confirmou o que o Lucas havia relatado”. Este diálogo entre eu (Maurício) e as Educadores, nos fizeram refletir sobre a importância de conversar com os/as responsáveis pelo participante Dino, e investigar se o garoto possui, ou não, deficiência intelectual.

No final do diálogo foi compreendido que nenhuma equipe conquistou os pontos de Cooperação.

Solidariedade

Por fim, nos debruçamos na análise da solidariedade. Perguntei para o grupo se as equipes haviam expressado Solidariedade durante a partida. Houve um grande silêncio. Reforcei explicando: “Turma, a solidariedade é aquilo que a gente faz para a equipe adversária. Não significa ir lá e fazer um gol contra ou dar um passe para o/a adversário/a. Mas, também é considerado atitudes que contribuam para uma melhor/maior participação das pessoas da outra equipe, bem como, para o bom andamento do jogo”.

Mesmo com estas minhas palavras o silêncio persistiu. Então, seguindo a sistematização do método, perguntei para equipe laranja: “O pessoal do time ‘sem colete’ merece os pontos de solidariedade?” Timidamente, Ricardo e Didi e depois as outras crianças, responderam que não. Inclusive algumas do próprio time “sem colete”. Em seguida, perguntei: “Pessoal do time ‘sem colete’, a sua equipe merece o ponto de solidariedade?” Outra vez a resposta “em coro” foi negativa”.

Por fim, foi a vez de consultar sobre a “equipe laranja” e, do mesmo modo, foi levantado pelas crianças participantes que tal equipe também não era merecedora dos pontos de solidariedade.

C. P. MAURÍCIO: O pilar “Solidariedade” tem se mostrado como o mais complexo à ser analisado pelas crianças. Elas próprias aparentam ter dúvidas quanto a qualificar determinadas atitudes como sendo solidárias. Tenho, em cada mediação procurado sinalizar a intencionalidade que tal pilar-conceito possui dentro do *Fútbol Callejero*. A saber: Aquilo que você pode fazer para as pessoas da outra equipe. Em algumas ocasiões já foram citadas pelas crianças: “Eu fui pegar a bola para a outra equipe”, ou “eu ajudei ‘fulano’ do outro time levantar. Estes são exemplos de atitudes compreendidas como solidárias, dentro do contexto do *Fútbol Callejero*, e que foram citados pelas crianças em outros momentos. Todavia, hoje não foi citado nenhum evento.

Após elencarmos a pontuação dos três pilares (Respeito, Cooperação e Solidariedade), consultamos nossa súmula de mediação para levantar e analisar as demais

regras que foram acordadas no 1º Tempo. Assim, foi levantado que o time de sem colete acertou a trave três vezes enquanto a equipe sem colete acertou apenas uma vez. Sendo atribuído mais 3 pontos para equipe sem colete e 1 ponto para equipe com colete.

Não houve chutes que acertaram o travessão ou a forquilha que tinham valores de 2 e 3 pontos, respectivamente. Deste modo, a somatória final resultou no placar de 6 pontos para equipe “sem colete”, contra 2 pontos para “equipe laranja”. Perguntei se as crianças tinham acordo com o placar. Em coro foi respondido que sim pelas crianças das duas equipes. Finalizando o jogo, consultei as crianças buscando saber se havia acordo com o placar final. Foi sinalizado por toda gente que sim. Encerramos a prática com aplausos. Como término do 3º Tempo encerramos a prática do *Fútbol Callejero*.

No momento de “Roda Final, sinalizei a possibilidade de começarmos a filmar nossa prática, para que eu pudesse, para além de fazer os registros do *Fútbol Callejero*, pudesse compor os diários de campo com as falas dos/as participantes. As crianças concordaram.

Antes de entregar o lanche e finalizar as atividades deste encontro, foi combinado que na semana seguinte iríamos brincar de Pé-na-Lata (brincadeira escolhida pelas crianças) e eu iria ministrar alguns vídeos de *Fútbol Callejero* para que todos/as pudessem conhecer essa prática realizada por outros grupos e contextos.

Diário – II**30/08/2016****Participantes:** David; Marreco; Nino Salvador Vieira; Lucas; Fernanda; Caique; Klevis; Julha; Digo; Dino; Cássio.**Visitante:** Ricardo;**Equipe pedagógica:** Educadora Abayomi, Educador Romeu, Educadora Daenery; Educador Maurício.

Seguindo com que eu havia sinalizado no encontro anterior, hoje foi ministrado vídeos ligados ao *Fútbol Callejero*. Devida a dinâmica realizada no período da manhã, os materiais e espaço já estavam pré-organizados. Tive o cuidado de fazer uma ligeira mudança na disposição das cadeiras, de modo a garantir que nenhum/a participante ficasse na frente de outrem.



Figura 1: Apresentação de vídeos do *Fútbol Callejero* com a Turma da Tarde

Com a turma da tarde optei em apresentar três vídeos que compõem a compilação de materiais feita pela Ação Educativa, disponível em sítio eletrônico do “youtube” intitulado: “Mundial Futebol de Rua”.

O primeiro estava intitulado “#BRnaCopaAmérica2015 #FuteboldeRua”¹⁰⁰ (com duração de aproximadamente 9 minutos) apresentava a metodologia do *FC* e comunicava a experiência do Mundial de Futebol de Rua realizado no Brasil em 2014 e, também, a perspectiva de integrantes da delegação brasileira acerca de suas expectativas quanto a participação na Copa América que ocorreria no ano de 2015.

Neste primeiro vídeo eu coloquei em destaque a fala do Formador de Mediador e treinador responsável pela delegação que atua nos polos de São Paulo (Capital), Vandrigo Magalhães. Para tanto, eu pausei o vídeo e pedi a atenção dos/as participantes. Dizendo: “Turma, vamos prestar atenção agora no porque o pessoal está desenvolvendo o *Fútbol Callejero* com os jovens”. A turma fixou olhar na tela e ouvimos as seguintes palavras de Vandrigo:

“Eu digo muito que eu consegui juntar duas coisas que eu gosto muito né? Juntar o prazer que eu sinto pelo futebol com o dever de cidadão: Que é você fazer a transformação né? Não utilizar projetos como meio de assistencialismo, mas como meio de transformação. Pra você conseguir transformar mesmo a vida destes jovens. E essa metodologia dá a possibilidade disso né? Ela dá a oportunidade para o jovem ser mais autônomo. Vivenciar mesmo o protagonismo de verdade. E não só ficar achando que é o futebol pelo futebol. Mas, é o futebol que lá na frente vai dar um sentido diferente de vida pra eles né? Porque a gente discute valores né? Eu lembro que quando eu iniciei neste projeto era difícil colocar eles pra sentar e fazer o Terceiro Tempo. E hoje depois de um ano e... Um ano, quase dois anos né? Que a gente tá aqui praticando isso aqui em São Paulo. Quando termina o jogo a gente já vê os jovens se direcionando para uma área pra gente discutir o terceiro tempo e preocupado com a metodologia. Isso é... Vai além do futebol.... Acho que é o grande prazer de desenvolver essa metodologia dentro dos polos”.

Após chamar-lhes a atenção para a fala de Vandrigo, procurei colocar destaque a questão do protagonismo, da autonomia e da cidadania, dizendo-lhes: “Então turma, nossa intenção em praticar o *Fútbol Callejero* não é de ficarmos craque em futebol. Pode até acontecer isso, e será legal! Mas, esperamos que as pessoas que participam do *Fútbol Callejero* aprendam a conversar, a dialogar com outras pessoas, em favor de seus direitos e interesses. Aprendam a resolver conflitos, brigas e problemas sempre dialogando

¹⁰⁰ Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_Xll6dD3pLY> Acesso em: 24/08/2016.

(1). E a ideia do protagonismo, que o Vandrigo falou no vídeo, é para que não fique sempre um adulto, ou outras pessoas, falando o que os jovens devem fazer ou querer. Os próprios jovens e crianças devem escolher e ter o direito de viver aquilo que gostam. A ideia é que os próprios jovens comecem a transformar a realidade em favor de seus interesses”.

C. P. MAURÍCIO - Em um primeiro momento fiquei preocupado com o entendimento da turma acerca de conceitos que foram comunicados pelo Vandrigo. Tais como “protagonismo” e “cidadania”. Com isso compreendi ser importante trazer outras palavras acerca destes conceitos. Em minha percepção as crianças parecem ter compreendido a intencionalidade de se jogar o *Fútbol Callejero*. O participante Marreco disse: “É, a ideia não é ser um craque, mas jogar legal!”. No contexto da fala do participante, compreendi que jogar legal significava jogar em um ambiente prazeroso, divertido e acolhedor.(2) Ainda assim, sinto que pode ter faltado melhores palavras. Inclusive, em atenção as crianças menores. Ademais, percebo que será preciso encontrar estratégias para que falem mais, para que comuniquem mais as suas percepções.

O segundo vídeo, “Copa América de Futebol de Rua: muito mais que uma vitória¹⁰¹” apresentava como sendo exitosa a experiência da participação da equipe brasileira na Copa América de *Fútbol Callejero* – Nelsa Curbelo¹⁰², organizada em 2015 na Argentina. Este vídeo resgatava a fala dos/as participantes acerca de suas expectativas e, em seguida, a fala destes/as participantes após o regresso da viagem. Ocasão na qual a seleção brasileira se tornou campeã do torneio.

De maneira geral, todos/as jovens que apareciam na filmagem sinalizavam para a riqueza do encontro entre as culturas. Todavia, coloquei em destaque a fala do mediador e coordenador do polo de *Fútbol Callejero* dos moradores de rua de São Paulo, o Entrevistado Lucas, na qual apresentou:

“ Desde quando eu entrei nesse futebol, que eu comecei a me portar de outro jeito, que trouxe, não só pra... Pro meu dia-a-dia, mas também pro meu interior pro meu convívio com minha família, pro meu convívio com minha esposa, porque eles viram que era capaz de cumprir: Tinha responsabilidade, tinha horário, teve tudo isso, e quando eu tava falando que eu ia prá lá [para a Argentina, participar da Copa América ninguém estava acreditando que eu ia chegar lá. Mas, aí, quando eles viram meu desenvolver, largar muitas coisas pra trás, os companheiros que estavam te atrapalhando, tudo isso foi muito construtivo, hoje eu vou na casa da minha vó, falo com minha mãe, falo com todo mundo. Não tem coisas que pague. Tudo isso foi através desse futebol. Porque quando eu conheci as drogas eu perdi

¹⁰¹ Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=yHIO0vwrF_4>. Acesso em: 24/08/2016.

¹⁰² O nome do evento foi uma homenagem à escritora e ativista uruguaia, candidata à prêmio nobel da paz.

tudo. Mas graças a Deus eu conheci esse futebol que foi onde me deu força de vontade e coragem pra sobreviver, e do mesmo jeito que eu posso eles também podem reconciliar com as famílias.”

Após apresentar o vídeo iniciei um diálogo com os/as participantes buscando investigar o que o grupo havia compreendido acerca da fala do entrevistado Lucas. Pude perceber que esta fala despertou mais a atenção dos/as participantes. Ao final da fala do entrevistado perguntei para as crianças. Alguém aqui usa drogas? Todas responderam que não. Daí, então disse-lhes: “Então turma, com o *Fútbol Callejero* esperamos que vocês consigam ter maior protagonismo-participação nos lugares que vocês frequentam: escola, casa, na rua com os amigos e amigas. E, de acordo com o Entrevistado Lucas, também ter maior autoestima, gostarem mais de si mesmos” (3). Percebi que com minha pergunta as crianças pareceram um pouco surpresas e/ou espantadas. Por ora, não sei ao certo o concreto motivo, talvez por parecer obvio que sendo crianças com idade entre 6 e 12 anos, nenhuma delas tenham experimentado diretamente substâncias ilícitas (ou drogas lícitas como álcool e tabaco). Ou ainda, por conhecerem, ou terem pessoas muito próximas que fazem uso de drogas.

Antes de encerrar a apresentação do vídeo sobre *Fútbol Callejero*, perguntei-lhes sobre o que seria importante de se fazer presente em nossa produção. O participante Ricardo comentou: “É importante ter as regras professor”. Nesse momento eu (Maurício) disse-lhe: “Mas as regras não são organizadas em cada jogo, podendo ser cada vez diferente?” O participante disse que sim, esclarecendo: “Não professor! Estou falando do jeito que tem que jogar: com três os tempos, com a gente fazendo as regras”. Acenei positivamente ao garoto e continuei perguntando acerca dos elementos que poderiam conter em nossa filmagem. O participante Marreco disse: “É importante [apresentar] que joga todo mundo junto. Meninos e meninas, e não tem árbitro”.

Embora o participante Marreco tenha lembrado da ausência de um/a árbitro/a, não foi comentada a participação de um/a mediador/a, tampouco, destinarmos uma parte da apresentação para indicar a história do *Fútbol Callejero*. Diante disto eu mesmo lembrei da importância da apresentação de tais elementos.

C. P. Maurício: Percebi que as crianças não citaram a participação de um/a mediador/a, nem a história. Antes de encerrar, eu mesmo indiquei a necessidade de apresentarmos tal personagem/elemento que compõem a prática do *Fútbol Callejero*. Estive refletindo sobre a seguinte questão: Será que o esquecimento trata-se de um simples episódio de desatenção das crianças, ou é necessário que

eu coloque em destaque estes aspectos que são, sobremaneira, diferenciadores entre as práticas do *Fútbol Callejero* com as demais práticas futebolísticas que encontramos por aí.

Na esteira do vídeo que acabávamos de assistir, combinamos que a partir do encontro seguinte (06/09/2016) iríamos realizar as filmagens, tendo em vista a possibilidade de produzir vídeos como aqueles que havíamos acabado de assistir, bem como possuir o registro de nossos encontros, me auxiliando no processo de confecção dos Diários.

Realizamos nossa Roda-Final no espaço do “quiosque” mesmo. Aproveitamos o semicírculo formado para que pudesse assistir aos vídeos para programar as atividades do encontro seguinte, ficando combinado a realização do Derruba Prefeito (Como atividade de Integração) e a vivência do *Fútbol Callejero*.

Foram servidas uma banana e uma mexerica para cada criança. Logo que foram encerradas as atividades com as crianças, às 17hrs, auxiliei a equipe pedagógica à organizar o espaço e fiquei mais alguns minutos para contribuir com a confecção do diário do próprio projeto.

Diário – III**06/09/2012****Participantes Presentes:** Julha; Fernanda; Klevis; David; Lucas.**Equipe Pedagógica:** Educador Romeu; Educador Dexter; Educadora Daenery; Educadora Biga; Educadora Abayomi; Educador Maurício;**Vivências:** Derruba-Prefeito; Tripé-Bol e *Fútbol Callejero*.

Hoje fez uma tarde nublada. Durante o período da manhã, para além de chover, fez muito frio. O que promoveu, a meu ver, um grande número de ausência. No horário de início das atividades da tarde não estava chovendo, mas as intemperes climáticas do período anterior deixou a quadra e demais espaços do clube (gramado, quadras de areia, campo) umedecidos. As crianças também chegaram bem agasalhadas, denunciando o flagrante friozinho que fazia nesta tarde.

Hoje também foi o **início das filmagens**. Tenho grande expectativa que este modo de coleta de dados me permita fazer um bom registro histórico, de maneira a colaborar com duas dimensões da sistematização de experiências: O adequado cuidado com o arquivamento da experiência possibilitando posteriores consultas a história, e um registro mais autêntico para que eu possa proceder, no momento oportuno da pesquisa, à uma análise de dados mais fidedigna.

Roda Inicial

Conduzi os diálogos da Roda Inicial. Assim, para além das novidades, também foi lembrada as atividades que estavam programadas para este encontro. A saber: os jogos “Tripé-Bol”, “Derruba Prefeito” e *Fútbol Callejero*.

As vivências iniciais, de acordo com a dinâmica metodológica do projeto de extensão, possui a intencionalidade de promover integração dos/as participantes. Hoje elas foram desenvolvidas na quadra que estava parcialmente úmida. Após concluídas as duas vivências iniciais sugeri, para que as crianças e adolescentes bebessem água para que pudéssemos iniciar o *Fútbol Callejero*.

C. P. MAURÍCIO – Estou intuindo que devido ao frio e ao tempo chuvoso, muitos/as participantes não compareceram no encontro desta tarde. Inicialmente, achei que não seria possível desenvolver as vivências em espaços descobertos/abertos, em especial o próprio *Fútbol Callejero*, que já estava à semanas sem ser desenvolvido por força das chuvas.

Todavia, embora com um pequeno número de participantes e um relativo grande número de Educadores/as, foi possível desenvolver todas as três vivências planejadas para esta data. A divisão das equipes foi feita pela participante Fernanda e pelo participante David. A eleição das pessoas que dividiriam as equipes seguiu critério sugerido pelos/as próprios/as participantes em encontro da semana anterior, respeitando a condicionalidade da “idade média”, ou seja, na ocasião anterior foi a vez dos/as participantes mais novos. Desta vez, aqueles cuja idade estava na média da faixa etária (9 à 11 anos). Outra observação foi que Fernanda salientou, autonomamente, a necessidade de montar equipes equilibradas. Tal critério pareceu-me ter sido considerado e respeitado, podendo conotar interesse mais voltado para uma participação prazerosa do que o interesse exclusivo pela vitória.

As crianças beberam água ao retornarem para o espaço da quadra. Logo orientei para formarem um círculo, aproveitando a marcação central da quadra de futebol de salão. Ajustei o tripé da câmera filmadora que foi emprestado pelo Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da Universidade Federal de São Carlos e tão logo demos início ao 1º Tempo.

1º Tempo: Combinando as regras.

O primeiro tempo teve uma duração relativamente longa, levamos aproximadamente 25 minutos. Esta foi a primeira vez que jogamos com tantos/as Educadores/as, pois estávamos eu (Maurício), Educadora Abayomi, Educador Dexter, Educadora Biga e, logo após o término do Tripébol, chegou o Educador Romeu Callejero. A Educadora Daenery fez a Mediação. Portanto, estávamos em quatro Educadores/as que participariam do jogo. Condição, por sua vez, que possibilitou que pudéssemos sugerir regras diferentes das usuais, bem como, apresentar argumentações mais complexas na hora de defender os diferentes interesses e pontos de vista.

Segue a transcrição do diálogo que ocorreu durante o 1º Tempo.

Maurício: Bom, nós temos o privilégio hoje de já ter as equipes formadas. Então, agora começa o primeiro tempo. O que que a gente faz no primeiro tempo?

Fernanda: Decide as regras.

Klevis: Combina as regras.

Maurício: Combina as regras. Muito importante na hora de combinar as regras sempre respeitar a fala do outro camarada. Então, quem quiser sugerir uma regra levanta o braço e a gente só pode passar para a regra a seguinte depois de uma regra já ter sido dialogada,

discutida, tudo bem? Então a Daenery foi sorteada hoje para ser a mediadora. Então ela vai tomar nota das regras. Até porque eu sou o jogador. Só pode sugerir regras quem for jogador.

Julha: Eu vou jogar.

Maurício: Você quer sugerir regras? [pergunta direcionada para Julha]. Diga Julha.

Julha: Não pode dar carrinho.

Maurício: Isso... Não pode dar carrinho. Mas, hoje é importante, assim como nós fizemos na última terça que nós jogamos Callejero, falar o “porque? ”. Porque não pode dar carrinho? Fala bem alto.

Julha: Porque machuca.

Maurício: Porque machuca? Vocês têm acordo com isso?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Então, na hora do terceiro tempo vai ser avaliado se alguém vai respeitar essa regra, se alguém der carrinho desrespeitou a regra que a gente combinou, que não vale dar carrinho: porque machuca outra pessoa. Então, essa equipe não vai ter os pontos de respeito (1). Alguém mais quer sugerir regras?

David: Se bater na trave vale ponto.

Maurício: Se bater na trave vale ponto?

Klevis: Quanto?

David: Um ponto.

Maurício: Um ponto. Mas por que que você quer sugerir essa regra, fala bem auto para eu ouvir?

David: Porque é mais divertido.

Maurício: Porque é mais divertido? As pessoas que estão aqui tem acordo?

Resposta em coro: Sim (2).

Educador Dexter: Tem alguma diferença entre trave e travessão?

David: Não.

Educador Dexter: Então é tudo igual?

David: Tudo igual?

Maurício: Então eu vou perguntar porque eu estou jogando, e no meu jogo eu poderia fazer isso. Minha equipe marca gol lá (indicando o gol que fica situado mais próximo ao campo), aí se eu bater na trave vale ponto quantos pontos?

Klevis: Um ponto.

Maurício: E se eu chegar a minha trave e chutar na minha trave? Vai valer ponto?

David: Não

Lucas: Não.

Klevis: Nem para o outro time.

Educador Dexter: Então, é só na trave da equipe adversária.

Maurício: Na trave da equipe adversária. É bom saber isso da regra! Mais alguma regra?

Educadora Abayomi: O goleiro pegar a bola no chão vale 1, e pegar o alto Vale 2. Mas da última vez eu sugeri isso e não consegui fazer.

Maurício: E por que?

Educadora Abayomi: Porque me favorece.

Maurício: Favorece você que é goleira?

Educadora Abayomi: É... porque eu vou tentar ao máximo fazer isso pra conseguir arrecadar pontos pra minha equipe.

Lucas: Mas, é do adversário né? [participante se referiu à defesas pontuadas a partir do chute de adversários].

Educadora Abayomi: Hã?

Lucas: Do adversário né?

Educadora Abayomi: É... Só quando vem bola que o adversário chutou...

Maurício: E o goleiro defender bola jogada pelo adversário vale ponto.

Educadora Abayomi: Se eu pegar ela rasteira vale um ponto. Se eu pegar ela no alto vale dois pontos.

David: Igual essa fez [o participante disse isso, indicando para a Educadora Biga].

Educadora Abayomi: É a defesa de goleiro.

David: Igual a Biga fez (3d).

C. P. Maurício – Curioso notar no momento em que eu revi a gravação que eu não perguntei se havíamos estabelecido um acordo acerca da aceitação desta regra. Estou intuindo que a reação de David e de Lucas, somada a não manifestação dos/as demais colegas me fez crer que toda gente aceitou a inclusão daquela regra.

Maurício: As duas equipes têm meninas no time?

Lucas: Sim?

David: Ah... A nossa só tem uma.

Maurício: É... Alguma equipe ia estar com duas. A menos...

Lucas: Não ela tá com duas.

Educadora Abayomi: As duas tem meninas.

Educadora Biga: Eu queria assim... De que quando eu tiver com a bola ninguém pode tirar de mim.

Maurício: Só você?

Educadora Biga: Quando cada um tiver segurando a bola na sua vez e a bola se tiver parada com o pé em cima, ninguém pode tirar.

David: Não entendi.

Educadora Abayomi: Quantos segundos?

Educadora Biga: Por... Cinco.

Maurício: Então quem pegar a bola e ficar com ela parada ninguém pode tirar dela, da pessoa?

Educadora Biga: É, por exemplo, eu recebi do Rafa, o Rafa tocou pra mim. Daí eu parei a bola pra olhar pra quem que eu vou jogar. Daí podem contar 1, 2, 3, 4, 5. Que daí eu...

Educador Dexter: Daí eu não posso tocar nem em você, nem na bola?

Educadora Biga: É.

Educador Dexter: Só posso ficar perto.

Educadora Biga: Perto pode!

Klevis: Nos cinco tem que tocar a bola pra outra pessoa.

Lucas: Pode chutar pro Gol?

Maurício: O Klevis... Fala de novo Klevis.

Klevis: Nos cinco tem que jogar a bola para alguma pessoa.

Maurício: Nos cinco segundos né?

Klevis: É.

Maurício: E é obrigado a tocar ou eu posso sair correndo depois?

Educadora Biga: Pode tocar ou sair correndo.

Maurício: Ah... Então é um pouco diferente do que o Klevis falou.

Educadora Biga: Ah...

Maurício: Você pode, depois dos cinco segundos... O grande lance é que aí o adversário pode tomar a bola. Você pode fazer o que você quiser com a ela. Pode tentar driblar, pode tocar. Mas o adversário tem que respeitar cinco segundos sem pegar ela de você... Eu tenho uma dúvida desta regra.

Educadora Biga: Ãh?.

Maurício: Depois que eu parei a bola eu posso correr e parar ela de novo, ou é só na hora que recebe.

Educadora Biga: Eu acho que é só na hora que recebe.

Maurício: E você está propondo isso?

Educadora Biga: Sim.

Lucas: Pode chutar no gol?

Maurício: Depois dos cinco segundos?

Lucas: Não! Quando você tá correndo, pra não ter que ficar tocando,

Maurício: Mas é outra regra, ou é a mesma.

Lucas: É a mesma.

Maurício: Não... Você pode correr com a bola dentro dos cinco segundos, ou você tem que ficar parada?

Educadora Biga: Não, é só o tempo de ficar parado para eu me achar no jogo.

Maurício: Matar a bola... Você não pode correr dentro desses cinco segundos. Então pode chutar pro gol.

Educadora Biga: Não sei se ficou muito complicado.

Educadora Abayomi: Achei que era no máximo, no máximo cinco segundos.

Maurício: Então é isso: A pessoa tem 5 segundos para resolver a vida.

Educadora Abayomi: Se ela quiser em 2, por exemplo, ela pode chutar no gol.

Maurício: Pode... Pode (4).

Educadora Biga: É só para garantir um tempo maior para pessoa ficar com a bola.

Maurício: Então, isso é muito importante, não que... E nem, é para privilegiar, em alguma medida, a pessoa que está começando a jogar bola e que ninguém rouba a bola a bola com tanta facilidade. Então eu acho que vai ser... Insensato eu: “5, 4” e ninguém puder pegar e eu pegar e chutar no gol. Porque ninguém vai poder roubar a bola de mim. Então, eu queria fazer uma inclusão nessa regra, e queria ver se vocês têm acordo que não vale chutar no gol dentro dos 5 segundos. Tem que ficar bem claro.

Educadora Abayomi: Eu acho que tem um lance assim também. Nesses cinco segundos, mas a pessoa usou só dois, a partir do momento que ela se movimentar, as pessoas já podem tirar a bola dela e marcar e tudo mais. Eu acho que ela tem no máximo 5 segundos, mas a partir do momento que ela se movimentar as pessoas já podem! Mesmo que tenha tempo.

Maurício: Mais alguma regra.

David: Só sai em linha de fundo.

Maurício: Ah... Muito bem lembrado. Só esqueci de perguntar né? A Biga falou porquê?

Educadora Biga: Ahã! Que é para eu ter um tempo para me organizar para chutar para outra pessoa (5).

Maurício: Tá! Só vale sair na linha de fundo? Porque David?

David: Porque dá mais espaço pra jogar.

Maurício: Vocês têm acordo com essa regra?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Eu também tenho. Mais alguma?

Educadora Abayomi: Eu gosto que tenha lateral, eu prefiro lateral. Porque fica uma confusão ali...

Lucas: Eu também!

Educadora Abayomi: Joga a bola na coisa e volta, joga a bola coisa... Aí vem uma em cima do outro e bate cabeça e bate a canela. Eu prefiro lateral mas percebi que eu sou minoria.

Maurício: Mas a partir da sua fala, o Lucas... Eu acho que tudo deve ser dialogado...

Educadora Abayomi: Eu já dei minha opinião

Maurício: Então turma. O Gui falou que gosta que deixa a quadra toda, só tendo a linha de fundo porque tem mais espaço para jogar. Mas, a Abayomi apresentou o porquê que ela não gosta desta regra: Porque as pessoas ficam amontoando umas nas outras. Às vezes trombam. O Lucas falou que tem acordo com isso. Vocês gostariam de discutir mais? Vai ter essa regra ou não vai? Vamos votar então?

Conforme visto, inicialmente aparentava haver um consenso Acerca da saída da bola. Contudo, após a argumentação da Educadora a Abayomi Lucas também sinalizou estar em desacordo com a regra ora proposta. Com isso foi realizada a votação na qual cinco votos foram contrários à implementação da regra (Educadora Abayomi, Lucas, Educadora Biga, Educador Romeu, Educador Dexter). Já a soma dos votos que eram favoráveis à implementação da regra que indicava um jogo na “quadra inteira” (saída apenas na linha de fundo) chegou à um total de três (participantes David, Klevis e Julha).

Devida votação ficou combinado que a bola sairia na lateral. Diante disso, minha problematização acerca da reposição de bola foi consensual que a “cobrança de lateral” poderia ser feita com as mãos ou com os pés. Ficando à critério de quem faria a cobrança. Junto com o lateral, também foi deliberado por consenso que o\ a jogador\ a que faria a cobrança é quem escolheria o modo de fazê-la (6).

Maurício: Eu acho que a trave, pra facilitar pra Daenery, Se fosse eu, eu ia pedir isso também, toda vez que fosse defesa do goleiro, ele aprontasse: “olha”. E aí a gente só vai carinha é essa que foi finalizada. E travou e também: “bateu na trave aqui!” Como tudo vale um ponto fica fácil de marcar.

Educador Dexter: Não, tem um que nós dois!

Maurício: A gente combinou que tudo valeu um!

Educadora Daenery: É aquela de goleiro no alto [a Educadora é disse isso se referindo a defesa do goleiro de bolas aéreas].

Educadora Biga: Eu pensei em colocar uma regra de que a gente não pode chamar pelo nome as pessoas. Eu não posso, a Abayomi do meu time, eu não posso falar: ‘Abayomi, Abayomi, Abayomi, a bola’, sei lá. Pra que? Para que as pessoas estejam atentas em quem, com quem está com a bola, como que a gente pode se organizar. Se for pra chamar, chama de um jeito diferente. Alguma coisa desse fazendo barulho, alguma coisa diferente.

Lucas: Olha a bola!

Educadora Biga: Não, sem falar.

Educador Abayomi: Sem Falar?

Educadora Biga: É, fazer “fiu, fiu fiu” [a Educadora assoviou]... “Tisc... Tisc... Tisc” [Educadora produzindo estalo com a língua no céu da boca]... Sei lá!

Maurício: É a sugestão da Biga. Vocês têm... lembra que pra passar pra outra regra a gente tem que definir sim ou não para essa. Porque que você quer essa regra?

Educadora Biga: Porque é... Porque até pensar em outras formas de comunicação durante o jogo e... Pode ser divertido.

Maurício: Eu nunca joguei assim.

Julha: Eu concordo.

Maurício: Vocês aceitam essa regra.

Resposta em coro: Sim. (7)

Educadora Abayomi: Não pode falar?

Maurício: Pedir a bola [Eu não havia prestado a atenção, portanto até aquele instante eu acreditava que não era permitido pedir a bola, mas a Educadora Biga e demais participantes estavam indicando a proibição de diálogos durante todo o jogo].

Educadora Biga: Não pode falar!

Maurício: Durante o jogo não pode falar?

Educadora Biga: É, só fazer outros barulhos.

Educador Dexter: É, aí só pode falar nos momentos tipo... É... O goleiro defendeu. Aí pode falar “Oh, defendi”.

Maurício: Defesa e trave pode falar né?

Lucas: E tocar?

Maurício: Tóca! Pedir a bola? Tem que fazer barulho: “Tisc, tisc”... “Rup, Rup, Rup” [tentei reproduzir o mesmo som feito pela Educadora Biga, bati palmas e fiz outros ruídos]...

David: É só fazer com a boca né?

Educadora Biga: Não.

Maurício: Não precisa. Pode ser [mais uma vez bati palmas, indicando uma possibilidade diferente de pedir a bola]... Mas eu gostei. Vamos experimentar?

Julha: Sim!

Educadora Abayomi: Vamos.

Maurício: Então, óh turma, Não pode... Mas, eu posso conversar, combinar uma jogada, ou é só na hora de pedir bola?

Klevis: Pode apontar pra pessoa!

Educadora Abayomi: O ruim vai ser pro goleiro né?

Klevis: Pode apontar pra pessoas!

Maurício: É mas não pode falar: “toca pra ela” [ao dizer isso, aponte com o dedo para Fernanda, simulando uma situação que poderia conflitar com a regra que estava sendo dialogada]. Porque a gente está falando. Lembrar que durante o jogo... Mas, eu posso cochichar.

Educadora Biga: É, por exemplo: saiu um gol. Daí volta no meio do campo, não volta?

Maurício: Volta.

Educadora Biga: Daí você quer falar algo: é o momento de organizar as ideias.

Maurício: E ainda sobre essas regras eu queria saber se é possível cochichar uma jogada no ouvido de alguém? A bola não vai estar comigo, daí eu vou “chi...chi...chi...” [simulei um cochicho no ouvido da participante Julha]... Ou não?

Educadora Biga: Eu não sei!

Maurício: Ah... Não né?

Educadora Abayomi: Pode ser assim!

Maurício: Mas, não precisa. Desencana. Não pode comunicar através da língua portuguesa aí... Formal.

Educador Dexter: Ah... Língua portuguesa?

Maurício: É... Língua portuguesa formal e inglês também né? Não vem com [fiz o movimento de abrir e fechar as mãos próximo ao ouvido]... E espanhol... Em línguas... Tem que ser sons e não palavras!

Educadora Biga: Outra forma de linguagem.

Maurício: Que não sejam palavras. De qualquer língua... É foi legal!

Educadora Biga: Pode inventar uma outra língua: “O Tininué... tununu” [a Educadora emitiu sons desconexos, como se estivesse falando enrolado, inventando uma nova língua].

Maurício: Beleza, tudo combinando turma? Falou! Desrespeitou uma regra hein... (8) O David e a Fernanda acho que pediram a fala. Fala bem alto tá.

David: Uma canetinha em incompleta vale um, uma canetinha completa vale dois.

Klevis: Porque?

David: Porque é mais legal, ganha pontos também.

Maurício: Jogar entre as pernas... Vocês têm acordo com essa regra turma.

Resposta em coro: Sim (9).

Maurício: Sim? Então se der canetinha incompleta é um ponto. Completa é quando você joga de um lado e você mesmo pega do outro. É dois pontos. Acho que esta para quem está mediando. É sempre difícil. É importante falar: “óh... Teve uma canetinha aqui”. Completa e incompleta. Tem que avisar. Mas, mais do que isso. Falar assim óh: “Canetinha pro colete, canetinha pro sem colete”. Porque quem está olhando não viu. “Quem está olhando não viu”! [Risos].

A minha frase “Quem está olhando não viu” soou como um paradoxo. À medida que as pessoas entenderam o conflito em minha fala elas riram. Após esses risos, voltamos atenção para o Educador Dexter que também queria propor uma regra.

Educador Dexter: Chapeuzinho completo vale dois.

Maurício: Chapeuzinho completo... Vocês têm acordo?

Educadora Biga: Não.

David: Sim.... Como que não? [questionando o posicionamento da Educadora Biga].

Educadora Biga: Ah... Por que você fica mal se tomar um chapeuzinho!

Educadora Abayomi: É a mesma coisa a caneta!

Educadora Biga: Mas a caneta é muito mais rapidinho. Agora eu ver a bola passando assim [indicando com as mãos o caminho que a bola faz].

Educadora Abayomi: Eu fico chateada.

Lucas: Eu também acho.

Maurício: É, eu tenho uma dúvida, e é dúvida: Eu sempre acho que chapeuzinho... Tem gente que dá um chutão pra cima e aí: “Eh... chapelou”. É sempre discutível. Porque tem aquele que passa mais perto.

Educador Dexter: Então é chapeuzinho completo só. Eu pensei nisso também.

Maurício: Ah... Só quando joga de um lado e pega do outro.

Educador Dexter: Chapeuzinho completo... Isso! E o motivo de eu dá essa regra é que eu acho divertido e bem bonito dá um chapeuzinho.

Maurício: E aí chapéu vale quantos pontos?

Educador Dexter: Chapéu completo vale dois. Aí não tem incompleto. Mas eu acho que tem gente que não... Não entrou em acordo.

Maurício: Ah... se você quer muito, você falou o porquê? E alguém que não gosta? Além da Biga, porque a Biga já falou: “Ah porque tem que olhar e ela demora!”... O problema seu é que demora?

Educadora Biga: Não... Eu acho chato ué! O que que é chapeuzinho no jogo? Pra mim é tirar um sarro do outro jogador.

Maurício: Ah... É?

Educador Dexter: É tipo um drible.

Educadora Biga: Ah... [apresentando algum desacordo].

Educador Dexter: Daí você passa por cima em vez de passar por baixo das pernas.

Maurício: Entendeu? Eu tenho acordo com ele.

Educadora Biga: Eu ainda não tenho.

Maurício: Aé? Então vamos votar?

Educadora Biga: Pode ser!

Diante do impasse optamos em realizar uma votação e levantar quantas pessoas eram favoráveis à implementação da regra do chapeuzinho e quantas eram contrárias. O Número de favoráveis foi 5 (Educadores Dexter e Romeu, e as participantes Julha, Fernanda e Lucas). Já o número de votos contrários a implementação da regra foi de 1 (Educadora Biga). Curioso que nesse processo o participante Lucas foi questionado por Fernanda. Esta disse-nos: “O Lucas acabou de falar que não queria”. De modo que o garoto lhe respondeu “É, agora eu quero. Mudei de ideia”. Perguntei se a mudança ocorreu após ouvir os argumentos, e o participante sinalizou positivamente com um aceno de cabeça (10).

Finalizando este momento inicial do *Fútbol Callejero*, dialogamos sobre o valor dos pilares.

Maurício: Nós temos os pilares. Quais são os pilares?

Fernanda: Cooperação, solidariedade e respeito.

Maurício: Você pode falar mais alto?

Fernanda: Cooperação solidariedade e respeito.

Maurício: E o que que a gente avalia como avalia a cooperação?

David: Tocar para seus amigos.

Maurício: Isso, Então a gente quer saber se toda a gente tá satisfeita com o tanto que jogou. Por isso é importante que a bola... Todo mundo receba a bola, viu Julha. Que toda a gente se movimente para receber a bola. É importante ter a preocupação com outro. E a solidariedade? O que que é solidariedade?

David: Ajudar...

Fernanda: É tipo assim...

David: Alguém caiu do seu outro time.

Fernanda: É... Pode ajudar!

David: Daí se deve esperar.

Maurício: E aí vocês deram um exemplo. Vocês conseguem falar o que é solidariedade no jogo?

Fernanda: Ajudar o próximo.

Maurício: Aí eu sou do time da Abayomi, Ela caiu, eu ajudo ela. É isso?

David: Não.

Fernanda: Não.

David: Não... Primeiro... Tem que ajudar as pessoas do outro time.

Maurício: Ah... É o que a gente pode fazer pelas pessoas da outra equipe. É um pouco diferente da cooperação. Isso é no *Fútbol Callejero*, a gente depois vai conversar sobre como que é vida, fora do futebol.

Maurício: Então a solidariedade é o que eu posso fazer pelas pessoas da outra equipe. E o respeito? Como que é o respeito?

Fernanda: Não brigar com o amigo: não xingar, não humilhar.

Maurício: Ah... Então a Fernanda falou aqui não xingar o outro não brigar. Então é o respeito com o outro, do meu time e do outro time, eu respeito as regras. Todos os times começam sem esses pontos. E ao final, no terceiro tempo, a gente vê se conquista eles. Então, É importante a gente fazer coisas para ganhar esses pontos que valem, inclusive, a gente vai falar quanto que vale cada um, normalmente valem mais do que o gol. E quanto vai valer o respeito no nosso jogo?

Lucas: Cinco.

Maurício: Cinco pontos?

Educadora Abayomi: Três.

Fernanda: Seis.

Maurício: Cinco, três ou seis? e porquê? Por que cinco, você falou primeiro?

Lucas: Ah... Não sei!

Maurício: Porquê três [direcionando a pergunta para Educadora Abayomi].

Educadora Abayomi: Eu sugiro três pros três pilares na verdade. Sei lá, eu acho que faz conta mais fácil, um número menor do que o pessoal aí chuta cento e cinquenta né? Aí fica complicado.

As crianças riram.

Educadora Abayomi: Sei lá, acho que fica melhor pra contar. E aí é mais que um, mais que o gol. E três porque vale mais que as outras pontuações, que é um e dois.

Maurício: Muito bem. Então a Abayomi explicou porque três para os três. Porque seis Fernanda?

Fernanda: Porque toda vez que a gente jogou sempre valia cinco.

Maurício: Ah... toda vez que jogou sempre valia cinco pontos. E hoje você sugeriu seis?

A participante acenou positivamente com a cabeça. Perguntei se havia algum contra-argumento. Ninguém se posicionou, apenas David disse “Cinco”. Então promovi uma votação dizendo: “Quem acha cinco levanta o braço”. Os participantes Klevis, David e Lucas, junto com a Educadora Biga e o Educador Dexter levantaram o braço, totalizando 5 pontos. Em seguida perguntei: “Quem acha três levanta o braço”, se manifestando favoráveis Eu (Maurício), o Educador Romeu, a Educadora Abayomi e a participante Julha. Por fim, perguntei quem tinha interesse que os pilares valessem seis pontos. Apenas a participantes Fernanda.

Junto com essa votação, também ficou decidido que todos os pilares valessem cinco pontos. Sendo esta última decisão (todos pilares valerem cinco pontos) firmada por consenso. (11)

Iniciamos então a prática do 3º Tempo, caracterizado por ser o "tempo de bola rolando", também chamado de "Mediação".

2º Tempo: Tempo de bola rolando.

Enquanto os participantes vestiam os coletes aproveitei para posicionar a câmera filmadora com seu respectivo tripé em um local que fosse possível captar a cena de toda a quadra. Para tanto, foi preciso posicioná-la na porção superior da pequena arquibancada/escadaria ao lado da quadra. Após fazer o adequado enquadramento, fui ao encontro da turma na quadra e iniciamos o 2º Tempo.

Durante a partida não percebi desrespeito entre os/as participantes. Todavia, a regra sugerida pela Educadora Biga que sinalizava a necessidade de qualquer comunicação ser feita exclusivamente por sons, e não palavras de línguas/idiomas conhecidos, estava sendo desconsiderada. Assim, enquanto um jogador, sinalizei para toda turma o que estava ocorrendo: “Pessoal! Está todo mundo falando! Vocês querem mudar essa regra? Embora eu estivesse emitindo ruídos durante o jogo, percebi que os/as demais participantes não estavam, com exceção da Educadora Biga. No momento do jogo intuí que os/as jogadores/as (e isso inclui os/as Educadores/as) estavam com dificuldade adaptar à regra acordada. A Educadora Abayomi era a que mais pareceu desconfortável, pois até aquele instante ela era a goleira. Sugeri, então, para que fosse permitido que apenas uma pessoa de cada time pudesse se comunicar através de palavras com seus/suas colegas de equipe. Toda gente concordou. E assim seguimos o jogo.

C. P. MAURÍCIO – Mesmo com a adaptação da regra a Educadora Abayomi pareceu não se esforçar para cumpri-la. Já havíamos paralisado o jogo antes para estabelecer um novo acordo. Analisei brevemente a situação e decidi dialogar sobre o ocorrido durante o terceiro tempo, por compreender que se tratava de um desrespeito à regra, portanto, mote de não atribuição de pontos referentes ao pilar Respeito. Ademais, achei ser uma importante situação na qual um/a Educador/a é o agente conflitante. De modo a poder demonstrar para as crianças participantes que toda gente está sujeita a vivenciar conflitos, bem como à mediá-los de modo dialógico. Assim, ocorreu durante o terceiro tempo.

Este jogo pareceu ser bem prazeroso. Todos e todas participaram ativamente fazendo passes, tentando roubar a bola do/a colega da outra equipe, tentando finalizar a jogada chutando à gol. Houve um momento em que consegui fazer um gol muito bonito, de “bicicleta”¹⁰³. Os adolescentes que assistiam nosso jogo da arquibancada vibraram.

Ao longo da partida o participante Lucas conseguiu acertar em mim uma “canetinha incompleta”. Com isso, para além de ter sido um lance muito bonito, rendeu para

¹⁰³ Trata-se de uma jogada na qual, de costas para o gol da equipe adversária, o jogador salta dando impulso com uma das pernas, projetando seu corpo na horizontal e, de maneira fluida (ainda no ar e de costas para o gol) alterna-se a posição das pernas e chutando a bola na direção desejada.

sua equipe 1 ponto extra que foi somado no “3º Tempo”. Ainda no que tange pontos extras, também ocorreram defesas de goleiro e bolas que acertaram a trave.

C. P. MAURÍCIO – Percebo que algumas regras são recorrentes. A da “Canetinha” e a do “Chapeuzinho” são frequentemente combinadas. Contudo, não me agradam, uma vez que coloca a performance e a habilidade técnica em relevo. Em contrapartida a sugestão da regra de “não falar” e “pontuar as defesas do goleiro” me agradam bastante. A primeira por incentivar e exprimir a possibilidade de criação de regras que escapem do repertório futebolístico, lhes instigando a criatividade e imaginação; Já a segunda por colocar em destaque um personagem (o goleiro) que no futebol de várzea, de rua ou do bairro, geralmente não é valorizado. Sendo atribuída, tal “fardo”, geralmente, para as pessoas menos habilidosas com a bola no pé.

Aos 15 minutos de partida fomos informados pela Educadora Daenery sobre o tempo transcorrido. Os/as participantes sugeriram o acréscimo de mais alguns minutos e assim procedemos. Até o momento este foi o jogo com maior tempo de “bola rolando” realizado até hoje: foram 18 minutos de 2º Tempo.

C. P. MAURÍCIO – Durante o jogo não percebi nenhuma situação de desrespeito ao outrem. Contudo, na ocasião em que fiz o gol de “bicicleta” a Educadora Abayomi se mostrou bastante descontente. Inicialmente, acreditei que ela estava chateada pelo fato da equipe adversária ter convertido um gol. Também ponderei que o fato dos adolescentes que estavam na arquibancada terem vibrado com o gol, pudesse ter causado aborrecimento à Educadora. Por fim, em diálogo com a mesma após o término da partida, ela comentou que achou desrespeitoso da minha parte, pois, nas palavras da Educadora: “Você poderia ter me acertado, você estava de costas e deu um chute forte”. Ao ouvi-la acolhi sua angústia e compreensão sobre o que havia ocorrido. Me desculpei e sinalizei que tinha uma percepção diferente. Disse a ela: “Olha Abayomi, não tinha a intenção de lhe acertar. Eu queria era fazer o gol bonito. Inclusive, nem dá pra dar um chute forte dando uma ‘bicicleta’. Mas, de todo modo, desculpa, vou ficar atento para que não ocorra de novo”. Ainda no espaço do clube fiquei pensando ser exagero da Educadora. Mas, por fim, após chegar em casa e ainda refletindo sobre o ocorrido compreendi que seria importante acolher a percepção dela, seu ponto de vista sobre o que se passou. Este diálogo me conscientizou acerca da necessidade de sempre considerar o ponto de vista de outrem, ainda mais quando o as ações no mundo podem causar desconforto, angústia ou insatisfação à outrem (12).

Encerramos a partida e para não atrasar o horário do lanche, orientei para que antes de beber água realizássemos o 3º Tempo. Assim como no 1º Tempo, formamos um círculo no centro da quadra e iniciamos a “Mediação”.

3º Tempo ou “Mediação”.

Este foi um jogo muito agradável. Toda gente participou de maneira ativa e com muito respeito ao outro. Todavia, convém lembrar que havia um número grande de Educadores/as, 5 no total. A saber: Eu (Maurício); Abayomi; Biga; Dexter; Romeu e Daenery. Já o número de participantes foi baixo, pois estiveram presentes neste encontro: Fernanda, Klevis, David e Lucas, somando apenas 4 participantes. Em uma breve avaliação, a equipe pedagógica ponderou que as intempéries climáticas provocadas pelo frio e chuva ocasionou a ausência de um número significativo de participantes.

Hoje foi a primeira vez que Daenery fez a mediação. Nesse sentido, no momento de formação da roda para o desenvolvimento do 3º Tempo, sentei junto a ela e fui auxiliando-a.

C. P. MAURÍCIO – O desenvolvimento da Mediação não é difícil, mas envolve alguma complexidade. Desde a dinâmica de anotação, até a problematização dos eventos e atitudes ocorridas durante uma partida envolve saberes e experiências pedagógicas que auxiliam no processo dialógico para o estabelecimento de acordos e reflexão acerca das atitudes que ocorreram durante o 2º Tempo. Em sendo sua “primeira mediação” a Educadora requisitou meu auxílio diversas vezes. Possibilitando que eu sugerisse desde o modo de fazer as marcações dos pontos, até o como fazer a pergunta problematizadora. De maneira geral ela “deu conta do recado”. Porém, é inegável a necessidade de aprofundamento pedagógico acerca da mediação de diálogos, em especial, acerca da Pedagogia Dialógica de orientação freireana. Posto que seus movimentos de problematização pareceram mais mecanizados, tarefeiros, do que autênticos, genuínos e inquietadores.

Durante a “Mediação”, percebi o mesmo movimento respeitoso, manifestado durante o “Tempo de bola rolando”. Diante da problematização dos eventos afeitos às regras/acordos estabelecidas/os durante o “1º Tempo” foram apresentados argumentos, exercitando assim o diálogo e a boa convivência.

Segue uma síntese que facilitará a breve visualização dos pontos atribuídos para cada equipe, que são correlatos à cada um dos acordos estabelecidos. Em sequência, os diálogos que balizaram a atribuição dos respectivos pontos anotados.

Segue a transcrição do diálogo empreendido na “Mediação”.

Maurício: A gente vai começar agora o terceiro tempo. A ideia é a gente conversar sobre o que aconteceu durante o jogo, sempre respeitando as regras que foram combinadas para chegar ao time que venceu. No terceiro tempo do *Fútbol Callejero* todos os gols são convertidos em pontos, no início do terceiro tempo. Então quantos gols a equipe de colete fez?

Lucas: zero.

Educadora Abayomi: nenhum.

Maurício: zero. Quantos gols a equipe sem colete fez?

Educadora Abayomi: três.

Maurício: Três! É uma coincidência, mas no *Fútbol Callejero* começa o terceiro tempo a equipe que mais fez gols. Então essa equipe fez 3 gols é uma coincidência [apontando para jogadores/as da equipe sem colete] a gente começa com três pontos. A que fez menos gols começa com quantos?

David: um.

Maurício: agora pode falar tá Lucas?

Hoje foi a primeira vez que Daenery realizava a "Mediação". De maneira coerente e, em alguma medida, esperada, a Educadora demonstrou alguma dificuldade na dinâmica de anotação das regras e acordos. Com isso eu auxiliei a colega.

Maurício: Então a gente começa com um ponto. Como a Daenery tá fazendo pela primeira vez a mediação em eu sugiro que você sempre use palitinho. Porque daí a contagem fica mais dinâmica.

Educadora Daenery: eu faço a pergunta? [dicionando a pergunta para mim, Maurício]

Maurício: É.

Educadora Daenery: Algum time fez algum chapéu?

David: Não.

Educadora Daenery: Trave?

Diante da pergunta da Educadora Daenery todos os participantes sinalizaram positivamente acenando com a cabeça. O diálogo prosseguiu.

Educadora Abayomi: Sem colete fez um.

Maurício: Então sem colete tem um porque acertou a trave.

Educadora Daenery: Defesa de goleiro no alto? Não teve nenhuma.

Educadora Abayomi: Teve uma.

Educadora Daenery: Mas faz rasteira?

Educadora Abayomi: É [a Educadora respondeu, tendo a anuência do participante Lucas que acenou positivamente com a cabeça].

Educador Dexter: Pode falar agora?

C. P. MAURÍCIO – As crianças estavam caladas. Só me atentei que pudesse ser devida a regra que a Educadora Biga havia sugerido (de não falar em idiomas conhecidos) quando o Educador Dexter perguntou se já poderia falar. No momento compreendi que ele estava sendo irônico, mas, tenho dúvidas se as crianças sabiam que já era possível se comunicar através de palavras. Então, sinalizei que no “3 Tempo” podia falar, posto que aquela regra era específica para o 2º Tempo. O diálogo seguiu.

Educadora Daenery: Agora não tem mais nada aqui... O que tinha que já foi.

Maurício: Tinha uma última regra... Vale dar carrinho?

Educadora Daenery: Teve canetinha.

Educador Romeu: Teve.

Educadora Daenery: Ah... Aqui... Foi uma pro colete só né?

Maurício: O time de colete marcou uma caneta... Eu tenho uma dúvida, valia dá carrinho?

Julha: Não.

Maurício: Não pode dar carrinho. É a primeira regra, teve carrinho no jogo?

David: Eu não vi.

Lucas: Hã hã [acenando negativamente com a cabeça].

Educador Romeu: Teve do Klevis ni mim ali.

Maurício: Você deu o carrinho Klevis?

Klevis: Eu dei um pouquinho.

Maurício: Então, foi você que falou dessa regra não foi?

Educadora Abayomi: Não, foi a Julha.

Maurício: A Julha [confirmando a informação da Educadora Abayomi]. Então você deu o carrinho... e aí, eu acho que foi carrinho também. Quem mais acha que foi carrinho?

Julha: Ãhã [acenando positivamente com a cabeça].

Maurício: Você pode falar viu Julha.

Educador Romeu: Eu não acho eu tenho certeza.

Fernanda: Eu nem sei o que é carrinho.

Maurício: Klevis ela não conhece o que é carrinho. Você pode dar um carrinho para ela ver como que é?

Nesse instante o participante Klevis, de onde estava posicionado e ainda sentado, simulou um “carrinho”, dando um ligeiro e curto deslize no chão, com uma perna à frente da outra.

Maurício: O Klevis fez isso lá? [pergunta direcionada a participante Fernanda].

A participante acenou positivamente com cabeça. Continuamos o diálogo.

Maurício: Então, eu vi como agente quebrou uma regra, e não é a primeira vez que você dá carrinho. Lembra no último jogo que aconteceu isso também. Você precisa resolver isso aí: controlar mais entendeu? Você queria tanto pegar a bola, que você deu um carrinho, em especial, na lateral, que podia fazer com que o professor caísse na grade. É perigoso, não é?

O participante Klevis acenou positivamente com a cabeça.

Maurício: É ou, não é?

Educador Romeu: ainda bem que eu sou rápido.

Maurício: É campeão mundial de driblar “carrinho”.

Neste instante, toda a turma toda sorriu:

Maurício: Então, por causa do carrinho, a gente já não ganha ponto de respeito por causa disso. Tudo bem? Fique atento para os próximos jogos tá? Vocês têm acordo com isso?

O participante Klevis e toda a turma respondeu “sim”. (13) O diálogo sobre os eventos ocorridos durante a partida continuou, mas agora tendo como mote os Pilares.

Educadora Daenery: Respeito a regra dos 5 segundos.

David: Não. Eu tirei a bola da Fernanda.

Educador Dexter: Eu acho que aconteceu algumas vezes sem querer, por causa do começo do jogo assim... No... Na... [o Educador foi interrompido pelo Educador Romeu].

Educador Romeu: Mas sempre devolvia a bola.

Educador Dexter: Mas sempre devolvia... Isso! Isso é o mais importante.

Educadora Abayomi: Teve dos dois lados.

Educador Dexter: Isso.

Educadora Daenery: Conta? Tem que tirar os pontos? (14)

Julha: Eu estou muito satisfeita porque eu ganhei a bola.

Maurício: Você está satisfeita, muito satisfeita, porque você ganhou a bola.

Julha: Ahã [participante positivamente acenando com a cabeça]. (15)

Maurício: Legal. Mas, agora sobre os cinco segundos, eu acho que também todas as vezes que foi desrespeitado, foi por uma desatenção, mas eu lançaria para o próximo jogo o desafio: É uma regra! Se a gente está com a atenção, é porque a gente está muito com vontade de pegar a bola e esquece o que foi combinado. Pra esse jogo eu acho que realmente, tá legal, não precisa ser... Do meu ponto de vista, ser um desrespeito. Mas eu acho que a gente devia levar à risca o que foi regra. Mas, eu acho que foi sensato dessa vez. Acho que a gente deve iniciar o jogo se tiver essa regra, com essa chamada de atenção. Como foi pro Klevis, por exemplo.

Educadora Daenery: Então não vai tirar os pontos por causa dessa regra?

Maurício: Eu acho que não.

Educadora Daenery: Uma regra de que não podia falar, à menos que fossem os goleiros ou para acusar pontos? Vocês lembram?

David: Ah...

Maurício: No jogo eu vi dois momentos: um que começou com todo mundo falando, porque havia esquecido. E depois eu sugeri, os times encamparam, que era: "Olha, só os goleiros podem [falar]". Mas, depois disso eu acho que teve uma jogadora, em especial a Educadora Abayomi, que ela não se esforçou, nenhum momento, para que fosse feito isso. Ela decidiu apresentar um argumento: "Ah.. Tenho que dar a mensagem pra Julha". Mas, era esse o desafio. Os parceiros delas fizessem isso... [fui interrompido pela Educadora Abayomi].

Educadora Abayomi: É porque eu falei no começo das regras. A gente trabalha tanto para conseguir que as pessoas falem, não é só no futebol, mas em outros esportes também, as pessoas não falam: "Ah... A bola é minha; Ah... Deixa que eu pego". E as pessoas não falam. As outras ficam zombando, e elas tem que se esforçar pra isso... (pequeno trecho inaudível)... Eu como não tinha concordado ali no "primeiro tempo" aí eu quebrei essa regra.

Educadora Biga: E você falou que não tinha concordado?

Educadora Abayomi: Não... Eu já era voto vencido. Mas, eu acho importante.

Maurício: Então eu acho que ela optou, nessa regra, por desrespeitar, é meu ponto de vista. Inclusive, o primeiro tempo é o momento que a gente tem que ouvir o argumento das pessoas

e ponderar se... Se eu tivesse ouvido esse argumentou certamente teria refletido melhor sobre a regra.

Educadora Abayomi: Eu falei pra você que eu acho chato. Eu estava do seu lado.

A turma toda riu. Aproveitei para ponderar ainda mais e explicitar um fator muito importante no primeiro tempo:

Maurício: Por isso que é sempre bom no primeiro tempo expor seus pontos de vistas. Às vezes o que você está pensando... [fui interrompido pela Educadora Abayomi].

Educadora Abayomi: Eu achei que seria divertido. Foi como a Educadora Biga falou: "Seria divertido todo mundo falando errado".

Maurício: Ah... Então foi opção dela mesmo [me referi a Educadora Abayomi].

Educadora Abayomi: E foi divertido! Todo mundo falando com um som diferente.

Maurício: Até as maritacas estão fazendo som agora [chamando a atenção da turma para um bando de maritacas que fazia algazarra na árvore próxima]... Eu acho que a equipe de... É meu ponto de vista, só meu por enquanto, que a equipe de colete não merece o ponto.

Educadora Abayomi: É... Eu acho que nenhuma equipe merece os pontos de respeito. Uma porque falou e a outra porque deu carrinho.

Maurício: É, mas é outro aspecto...

Educadora Abayomi: É... É outra regra.

Maurício: Sim, mas eu acho que teve a... Com relação à regra de falar teve dois momentos, estou entendendo! Num momento ainda assim foi desrespeitada.

Educadora Daenery: Então ninguém merece os pontos de respeito?

Maurício: Não, a equipe não vai pontuar: a nossa por causa do "carrinho". Porque pra gente pensar depois no que é que a gente fez no jogo, é importante entendermos que nós erramos ou não. E refletir sobre isso que você está falando, no que a Abayomi está falando. (16)

Educadora Daenery: Houve solidariedade?

Educadora Abayomi: Teve [Inaudível].

Educador Romeu: [Inaudível].

Fernanda: [Inaudível].

Educadora Daenery: as duas equipes pontuam?

Todos os participantes sinalizaram positivamente com um aceno com a cabeça. Seguimos análise para o último pilar: cooperação.

Educadora Daenery: E cooperação? Todo mundo está satisfeito por ter jogado?

Julha: Sim.

Maurício: Fala de novo pra gente escutar então Julha!

Julha: Eu fiquei bastante satisfeita porque eu joguei bastante.

Maurício: Ah... Porque você ficou satisfeita?

Julha: Eles tocaram bastante para mim.

Maurício: Tocaram bastante pra você? (17)

A participante acenou positivamente com a cabeça. Perguntei para todos os outros/as participantes, crianças e Educadores/as, se estavam satisfeitos/as. Todos responderam de maneira bastante assertiva que sim, estavam satisfeitos/as. Culminando com a atribuição dos pontos de Cooperação para as duas equipes.

A Educadora Daenery anunciou o resultado final da partida que culminou com o placar de 15 pontos para a equipe sem colete contra 14 pontos para a equipe com colete.

Após o anúncio do resultado final destaquei que a diferença de gols, estabelecidas durante o 2º Tempo, acabou sendo diminuída a partir da atribuição dos pontos afeitos a outros quesitos: Defesa do Goleiro, bolas batidas na trave e Canetinha. Fazendo com ao final a diferença fosse de apenas 1 ponto.

C. P. MAURÍCIO - Ao lançar um olhar mais detido para o resultado da partida percebo que a Educadora Abayomi aparentou estar um pouco incomodada. Ao final, ficou em destaque que sua atitude, aparentemente displicente com a regra de “não poder falar”, promoveu a derrota de sua equipe. Pois, caso tivesse conquistado o ponto de respeito sua equipe teria vencido. No momento da roda final eu não quis apresentar nestes termos e apenas observei que ninguém trouxe argumentos nesse sentido. Ademais, a atitude da Educadora de Abayomi de romper com a regra tratou de uma escolha pessoal, feita de modo a não promover episódios de agressividade e/ou violência. Ainda compreendo ser este caso diferente do caso do desrespeito à regra ocasionado por Klevis, que desferiu um “carrinho. Compreendo que Klevis tenha agido de maneira violenta, apenas pondero que as consequências de um carrinho poderiam ser mais graves do que uma pessoa desrespeitar a regra que restringia a comunicação. Além disso, percebo que Abayomi tinha consciência de sua atitude transgressora, enquanto Klevis, aparentemente, se deixou levar pela emoção do jogo. Indo de encontro justamente o que tenho procurado despertar a atenção dos/as participantes. De todo modo, percebi algum desconforto por parte da Educadora: seu olhar, sua premente necessidade de justificar sua atitude, a meu ver conotou desconforto.

Encerramos a prática do *Fútbol Callejero*, mas ainda aproveitamos para refletir um pouco para além daquele jogo. Aproveitando a formação do círculo para a realização do 3º Tempo, e já tendo oficialmente encerrado a partida, aproveitei o momento junto com os demais participantes (Educadores/as e crianças) para ouvir do Educador Dexter sua experiência de desenvolvimento do *Fútbol Callejero* junto à estudantes universitários/as do curso de Educação Física, na qual também é graduando. Nesta ocasião o Educador destacou:

Maurício: Agora eu acho que é interessante pra nós aqui... É... Tem um colega que fez com adultos. Como que foi você fazer lá na faculdade? Foi igual aqui?

Educador Dexter: foi bem diferente. Foi mais diferente em relação a ser mais competitivo assim. A cooperação ficar muitas vezes de lado por causa da competição que eles têm entre eles. Às vezes eles esquecem de tocar, ou quando tocam é pra mesma pessoa, porquê... Tipo, eles vão... As pessoas aparecem [Educador sinalizou com as mãos uma espécie de círculo, ou aglomeração de pessoas, indicando certa bagunça sobre a bola], e quem não fica muito assim vai pra trás... Aí em certos momentos eles disseram que é uma tática né? Deixar algumas pessoas na defesa. E aí eles disseram que é uma tática né? É... Mas, eram solidários, isso depois do jogo, foram bem solidários. Respeito também: Respeitaram as regras, e pelo tempo também que a gente tinha o jogo ficou um pouco mais difícil assim, um pouco mais corrido. Mas, deu pra mostrar um pouquinho o que que é o futebol. Porque muitos lá não conheciam. (18)

Também procurei colocar a atitude de Klevis em destaque, para que juntos/as (Educadores/as e participante) refletisse sobre sua atitude em jogo. Para tanto, problematizei.

Maurício: Klevis? O que que você sentiu quando eu a Daenery, todo mundo, falou assim óh: "Nosso time não vai ganhar ponto porque você desrespeitou uma regra que era dar 'carrinho'"? O que é que você sente?

Klevis: Nada!

Maurício: Nada?

O participante apenas acenou com a cabeça como se dissesse "não", negando qualquer ressentimento por sua atitude.

Maurício: Tá tudo bem?

Klevis: Uhum.

Maurício: Tá. E aí que que você tem que ficar atento? Com as regras! Porque hoje foi combinado carrinho. Pode ser que no outro jogo não... Num combine e aí cê pode dar carrinho. Mas eu percebi, e agora não é só para o Klevis, é pra todo mundo, que a gente tá muito viciado, até quem não joga futebol, com as regras do futebol. A Abayomi foi bastante atenta. Ela falou: “Olha, ele cobrou lateral você é goleiro e pegou com a mão, pode isso?”... Aqui ninguém combinou nada. A princípio pode, porque é um futebol rueiro! Na regra oficial, toda recuada pro goleiro, no caso o futebol de salão, só pode uma recuada, e ele não pode pegar com a mão no futebol de salão. E pra ele recebe no futebol de salão, a bola pra ele receber de novo, a bola tem que ter ultrapassado o meio da quadra. Aí eu posso voltar pro goleiro. Pra eu tocar a bola pro goleiro de novo, a bola tem que passar o meio da quadra... Então essa é uma regra... E a gente tá tão viciado no futebol que a gente já vem com umas regras viciadas: “Ah, então isso não vale, porque no futebol não vale”.

C. P. MAURÍCIO - O participante Klevis tem idade entre 7 e 8 anos. Ele fala muito pouco. Mostra-se tímido, mas ao mesmo tempo é ávido com o corpo. Muito miudinho, o participante e suas atitudes consegue facilmente passar facilmente despercebido para um/a observador/a desatento/a. Minha intenção não foi de constrangê-lo, porém, eu queria saber se ele guardava algum sentimento entristecedor, ou pesaroso pela sua atitude que, do meu ponto de vista, não envolveu gravidade. De maneira direta e leve e serena, o participante disse um eloquente, e do meu ponto de vista paradoxal, "Não". Isso me fez pensar nas diferenças, mesmo que apenas aparente, de como a questão de prejudicar a pontuação de minha equipe me afeta, em detrimento a aparente indiferença de Klevis. Poderíamos aprender mais com este garoto sobre sua serenidade. Todavia, penso que também seria importante ele aprender a considerar mais as consequências de suas atitudes/intervenções quando é passível de afetar o coletivo (19).

Roda Final.

Chegando ao espaço de acolhimento as cadeiras já estavam posicionadas de modo a formar uma grande roda. Neste momento, o pouco sol que fazia somado a energia posta no desenvolvimento das atividades nos dava uma sensação térmica confortável. Diferente daquele friozinho sentido durante a “Roda inicial”.

Durante a Roda Final sugeri um momento de reflexão no qual cada participante pôde ponderar e apresentar suas percepções acerca das vivências desenvolvidas neste encontro.

Maurício: Turma, o que vocês acharam das brincadeiras feitas hoje?

Fernanda: Muito legal.

Lucas: Humm! [participante fez um grunido, mas não pronunciou nada, entendi que se tratava de uma brincadeira].

Maurício: Agora, eu queria lembrar vocês que já pode falar. Já acabou o segundo tempo.

Lucas: Hummm! [Outra vez o participante emitiu o grunido].

Maurício: Será um desafio a gente combinar tudo sem falar?

David: Não! Não! Não!!

Educadora Biga: O David não gostou.

David: Não.

Educadora Biga: Porque não gostou David?

David: Ah... Eu gosto de falar!

Maurício: É, mas é importante a gente tem que respeitar a fala de um colega também que é importante que as pessoas “falem”. A Abayomi sinalizou né? “A gente” fala pouco aqui! E a Roda Final é uma roda que as pessoas devem se expressar bastante. Inclusive falando aquilo que não gostou né? Mas, a nossa roda de hoje é pra isso agora. A gente deve avaliar o que fez: É como um “Terceiro Tempo” né?... A nossa roda final, não lembra um “Terceiro Tempo”?

Julha: sim! (20)

Aproveitei, após essa ponderação, para fazer o informe sobre o uso da piscina, previsto para ocorrer no encontro seguinte (13/09/2018). Este planejamento respeitou a dinâmica de realização de tal atividade sempre na terceira terça-feira de cada mês (alternando semestralmente para a terceira quinta-feira de cada mês). Também dialogamos sobre autoestima, pois o participante David comentou sentir vergonha de seu corpo, pois mesmo no âmbito familiar, ele sinaliza ser chamado de “Gordinho”. Este assunto emergiu diante da necessidade de uso de trajes de banho para uso da piscina enquanto uma normativa determinada pelo próprio clube. Para além da Piscina, também ficou combinada a prática do jogo de integração a partir da realização da brincadeira sugerida pelo participante David, chamada “Pega-Pega Queimada”.

Lembrei sobre os trajes de banho (toalha, biquini, maiô, sunga, chinelo e itens de higiene pessoal), depois de ter combinado retomei a avaliação das vivências. Acerca da realização da atividade na piscina a participante se mostrou muito empolgada com tal possibilidade. Todavia, David comentou que não participaria porque sentia vergonha de seu corpo, pois as pessoas o chamam de “Gordinho”.

Neste momento comentei com o participante que seria muito ruim ele se privar da participação nas atividades da piscina, e que nós teríamos o cuidado de respeitar as pessoas. Contudo, caso alguém fizesse um comentário indesejável, iríamos dialogar, juntos, com essa pessoa. O participante sinalizou, então, que iria participar das atividades na piscina.

O participante Klevis sugeriu para que além da piscina deveríamos escolher outra atividade, pois poderia chover. Atentos à esta ponderação do participante, ficou indicada a prática de Capoeira que, junto com o *Fútbol Callejero*, figurou “como atividade central”. Também escolhemos a atividade de integração que foi o Pega-Pega-Queimada.

Retomei a avaliação acerca das vivências diárias.

Maurício: O que que vocês acharam do dia de hoje?

David: Ah... eu gostei!

Fernanda: Muito Legal!

Maurício: Você gostou, achou legal... Gostou do que? Achou legal porque?

David: Ah... Gostei mais da... Como é que é o nome?... A... Do Derruba-prefeito!

Maurício: Derruba-prefeito?

David: É... E do outro jogo

Maurício: Dos dois ou só do Derruba-prefeito?

David: Dos dois!

Educadora Abayomi: O outro você chama como?

Maurício: O outro eu nunca pensei num nome... “Tripé-bol”.

Educadora Daenery: “Bobo-tripé” (contudo, no momento escutei “bola-tripé”).

Maurício: Bola-tripé?

Educadora Daenery: Bobo! Bobo-tripé...

Maurício: Bobo-tripé?/

Educadora Daenery: Porque fica de “bobinho”.

David: Ah... Verdade!

Maurício: Pode ser!... Eu prefiro “tripé-bol”

Fernanda: É... Eu gostei muito por causa que deram bastante a bola pra mim fazer gol, mas eu não consegui fazer gol.

Maurício: Você gostou?

Fernanda: Ah... Eu gostei, só que não gostei!

Maurício: Ah... você não gostou porque você não conseguiu fazer o gol.

Educador Dexter: Não, ela gostou porque tocaram a bola... [falou quase que simultaneamente com Fernanda, que esclareceu melhor a questão].

Fernanda: Não! Eu gostei porque passaram a bola pra mim. Mas, eu não gostei porque eu não consegui fazer o gol (21).

Eu (Maurício) havia reparado que Fernanda estava muito bem vestida para aquele encontro do projeto. Ela vestia uma espécie de casaquinho com botões na frente, não muito grosso, que tinha uma estampa que imita pele de onça; calça jeans e um calçado que embora se parecesse com um tênis cano-alto, se tratava na verdade de um “tamanco disfarçado”.

Maurício: Mas, posso falar uma coisa. Eu nunca usei esse tênis. Mas eu sei que ele é um tamanco por dentro... Não é uma plataforma.

A participante acenou positivamente com a cabeça.

Maurício: Não é o melhor calçado para jogar bola. Os meninos todos talvez não saibam disso. Você sabia disso (direcionei a pergunta ao Educador Dexter).

Educador Dexter: Não.

Maurício: Esse tênis por dentro é um salto-alto, uma plataforma.

Educador Dexter: É... Agora reparando dá pra ver.

Maurício: Então, ela está jogando o tempo todo com os pés assim (simulei com as mãos a posição em que os pés ficavam acomodados no tamanco, como se estivesse na pontas dos pés).

Educador Dexter: É... Fica difícil para correr.

Maurício: É... Difícil para correr, dominar. Então quando tiver as atividades do projeto (minha fala foi interrompida pela participante Julha).

Julha: Minha mãe usa um tênis desse.

Educador Dexter: Esse aqui (apontando para seu calçado) já é difícil já, que ele é muito... Alto.

Maurício: Embora você esteja muito elegante (direcionando a fala para Fernanda) e bonita.

Neste instante a turma toda riu. Fernanda também. A Educadora Biga ainda chegou a fazer um ruído alto: “Uuuuuuuuuuuuuuuuu”. Toda gente achou graça e sorriu. Seguiu com as orientações.

Maurício: Não é o melhor tênis, hoje, para a prática. Você tem algum tênis? Que número você calça?

Fernanda: Trinta e sete.

Maurício: Trinta e sete? Nós temos aqui no clube alguns tênis para doação. Eu não sei se tem um trinta e sete ainda, mas eu acho que números maiores talvez tenha: trinta e nove. Se alguém quiser e aceitar, a gente pode doar.

Lucas: Eu já peguei um!

Maurício: Você já pegou um?

C. P. MAURÍCIO - O participante Lucas é muito espirituoso e gentil. Ele está sempre muito bem vestido: com roupas em boas condições, limpas e sempre calçado com tênis em bom estado. Eu não havia percebido, e não tinha memorizado que ele havia pego um tênis de doação. Aliás, sua fala foi surpreendente pra mim, embora eu não tenha expressado esta minha surpresa. Percebo que o participante Lucas aparenta possuir uma condição de vida diferenciada de seus/suas colegas do projeto. Ele morar no “Grande Santa Felícia”; quando não é seu pai é sua mãe que vai buscá-lo de carro. Seu pai e sua mãe não são divorciados/separados, com isso, já pude observar dois veículos diferentes. Por fim, justifico que esses saberes, inicialmente, me levaram a se surpreender com seu aceite à um tênis de doação. Reforçando ainda mais minha percepção acerca da simplicidade e gentileza que tal participante apresenta em suas relações com outrem durante sua permanência no projeto.

Após sinalizar que já pegou um par de tênis para doação o próprio participante Lucas nossa avaliação acerca da percepção que os/as participantes possuem do encontro de hoje:

Lucas: Eu não gostei da caneta.

Maurício: Não gostou da caneta! Mas, você recebeu ou você ganhou... Deu uma caneta?

Lucas: Acertei uma caneta.

Maurício: Ne quem?

Lucas: Em você!

Maurício: Ah... Eu nem lembrei disso!

Maurício: Mas, porque você não gostou?

Lucas: Porque não foi completa.

Educador Dexter: Mas se você tivesse dado você teria gostado?

Lucas: Não.

Educador Dexter: Você não iria gostar se tivesse dado uma caneta no Maurício?

Lucas: Não.

Educador Dexter: Não?... Eu teria gostado.

Maurício: Eu gostei porque, eu percebi que muita gente gostou de brincar. E quando eu venho aqui, eu venho pensando nisso: Olha, eu gosto de brincar em espaços agradáveis, onde as pessoas se respeitam, e hoje teve bastante respeito. Mesmo tendo algumas coisas que: “olha, não me agrada, mas é legal estar aqui”, como foi falado em outros momentos. Tudo bem?

Já caminhando para a finalização do encontro desta data, orientei as crianças para não comerem o lanche (2 bananas e 2 maçãs) no espaço do parquinho, pois, de modo recorrente e acidental, algumas deixavam cair seus lanches na areia, incorrendo no descarte do alimento.

Diário – IV**04/10/2016****Participantes presentes:** Pontes; Dino; Esther; Quero-Quero; Cauã; Nino; Digo; Leão; Melissa.**Vivências:** Pega-Corrente; Elefantinho-Colorido e *Fútbol Callejero*.**Equipe pedagógica:** Educador Rodrigo, Educadora Abayomi; Educador Leonel; Educador Maurício.

Hoje fez uma tarde ensolarada, porém com nuvens espessas que, em alguma medida, contribuiu para nos proteger do sol intenso. Hoje a Educadora Abayomi foi quem conduziu a Roda Inicial e, como de praxe para quem cumpre esta função, também foi a responsável pela organização da Roda Final.

Após o desenvolvimento das duas atividades de iniciais, ou de integração (Pega-Corrente e Elefantinho-Colorido) pedimos para que as crianças bebessem água e ao retornar para a quadra formassem um círculo na região central. Neste espaço iniciamos a prática do *Fútbol Callejero* a partir realizando a formação das equipes.

A tarefa de formar as equipes é muito desejada pelas crianças. Muitas querem ser a pessoa responsável por escolher seus/suas colegas de time. Na ocasião deste encontro a participante Esther e os participantes Leão, Pontes e Nino manifestaram tal intencionalidade. Diante desta quantidade de crianças eu (Maurício) problematizei acerca da real possibilidade de participassem da eleição dos/as jogadores/as dizendo: “Mas turma, não serão apenas duas equipes? Temos quatro pessoas que querem escolher o time? Como podemos resolver isso?”.

Diante da minha problematização o participante Nino disse que apenas duas pessoas deveriam escolher as equipes, de modo que as demais crianças concordaram. Nino ainda sugeriu que fosse realizado o método de “cinco-ou-zerinho”. Contudo, a participante Esther refutou dizendo: “Não... Cinco-ou-zerinho vai demorar muito, vamos tirar no dois-ou-um”. Nino e as demais crianças concordaram com Esther, que argumentou dizendo que deste modo decisão seria mais rápida pois, nas palavras da participante: “As duas pessoas que colocarem o mesmo número é quem vai escolher o time”.

O participante Nino pediu para participar da escolha da equipe. Todavia, como ele já havia participado de outros dois momentos de protagonismo – ser pegador no “pega-corrente” e também no “elefantinho colorido” (em ambos momentos ele havia ganho a disputa no “cinco-ou-zerinho”) – ponderei, sugerindo para que ele não participasse deste momento de escolha, explicando-lhe que era importante que outras crianças pudessem

experimentar tal possibilidade, dizendo: “Mas Nino... Você já venceu para ser pegador em duas brincadeiras que fizemos hoje: o pega-corrente e o elefantinho-colorido. Desta vez não seria importante que outras crianças participem agora da ‘escolha dos times’”. Nino, ainda assim quis participar do sorteio, mas não foi agraciado com mais esta oportunidade, perdendo no “dois-ou-um”, no qual os/as participantes sorteados/as foram Leão e Melissa. Com este encaminhamento, Nino decidiu não participar do *Fútbol Callejero*.

C. P. MAURÍCIO – Este episódio me fez refletir acerca das atitudes de Nino. Percebo que ele se mostra bastante proativo e propositivo durante as diversas vivências do projeto: como em situações de proposição e explicação de um jogo, na qual o seu modo de falar sugere ansiedade que, a meu ver, pode sinalizar para um sentimento de acolhimento e confiança que o garoto pode não estar experimentando em outros espaços. O participante chega a gaguejar, comunicando suas ideias de maneira confusa e de difícil compreensão da minha parte e, aparentemente, para as crianças. Nestas ocasiões, eu (Maurício) e os/as demais Educadores/as temos respeitado a temporalidade desta criança e, em alguma medida, estimulado a fala do participante. Já nas situações que tenho identificado como sendo proativa ele sugere brincadeiras já conhecidas ou, mais ainda, apresenta ou cria jogos que pouca gente ou, até mesmo, ninguém do projeto VADL-MQF conhece. Em contrapartida, ainda sob o exercício de uma reflexão aprofundada acerca das atitudes de Nino, estou intuindo o surgimento de um descontentamento por parte dos/as demais colegas participantes e Educadores/as que podem também, assim como eu, estar identificando atitudes que expressam um individualismo, ou, na falta de uma expressão melhor, um “egoísmo” por parte de Nino. Tal compreensão corrobora com o evento ocorrido hoje, na qual ao ter seu interesse negado (a vontade de escolher o time) Nino decidiu não participar da atividade, uma vez que se frustrou por não ser uma das pessoas à eleger a equipe.

A participante Esther e o participante Leão formaram as equipes. Esther escolheu para compor sua equipe os seguintes participantes: Pontes, Quero-Quero, Cauã e o Educador Leonel. Já a equipe de Leão foi composta por Digo, Melissa, e o Educador Rodrigo e a Educadora Abayomi. Após a formação das equipes demos início ao 1º Tempo. Tivemos neste encontro duas crianças que decidiram não participar da atividade. A saber: Nino e Dino.

C. P. MAURÍCIO – Com relação à não participação de Nino já teci comentários anteriores e ressalto a necessidade de uma maior observação. Já no caso de Dino, tenho percebido que o participante se mostra desinteressado em atividades que envolvam capacidades como a de corrida e/ou força, bem como habilidades como drible, pedalar entre outras. Não é raro vê-lo ausente de uma vivência. Em diálogos anteriores as Educadoras Educadora Anitta, Bruna e Abayomi, refletindo acerca das condutas de Dino, comentaram identificar certo desinteresse do participante por atividades que envolva uma movimentação mais intensificada. Ademais, sua aparência física conota uma condição de sobrepeso. Em certa ocasião,

em um diálogo empreendido em uma “roda inicial”, na qual comunicávamos nossas afeições por atividades de lazer/ócio, Dino sinalizou que em seu “tempo disponível” ele gosta de jogar videogame, brincar no celular e/ou assistir televisão. Tais afeitos coadunam com a identificação de uma postura sedentária assumida por este participante. Ainda sobre Dino, é preciso uma investigação junto a ele e à sua/seu responsável buscando compreender melhor a dificuldade na fala (dicção e apresentação de ideias) pelo participante. Uma vez que em diferentes momentos ele gagueja e/ou apresenta uma pronúncia equivocada de alguns termos.

1º TEMPO (deliberação das regras)

Com as equipes formadas e toda gente já no círculo central, iniciamos o 1º Tempo do *Fútbol Callejero*. Segue a transcrição dos diálogos para os acordos estabelecido.

Maurício: No primeiro tempo o... O Quero-Quero, o que é que a gente faz no *Fútbol Callejero*?

Digo: A gente de... Decide as regras e...

Leão: Aí depois que a gente deci... Decidiu a regra nós vai jogar.

Maurício: E jogar é no segundo tempo né?

Leão: Não.

Maurício: Aí no final tem o terceiro tempo.

Educador Leonel: Tem que ver os pilares também.

Maurício: Isso.

Cauã: Professor!

Maurício: Fala Cauã.

Cauã: É, uma regra.

Maurício: Ah... Então já vamos começar? Então turma, o *Fútbol Callejero*, acho que a Melissa nunca jogou né?

Melissa: Tisc... Tisc...[Fez esse som e balançou a cabeça em sinal de negativo].

Maurício: É um futebol que acontece em 3 tempos. Nino [procurei ter a atenção do participante Nino que estava conversando com o participante Dino]. No primeiro tempo é o tempo que não tem a bola rolando, que é esse agora. A gente vai combinar as regras. O segundo tempo é o de bola rolando. E no terceiro tempo a gente vê quem venceu. O *Fútbol Callejero* não tem juiz ou juíza, árbitro. Então, tudo que é decidido, é decidido entre vocês no jogo. Não vai ter nem um adulto, ou árbitro ou técnico falando: “Óh, foi falta, não foi, saiu, não saiu”. E o primeiro tempo então, as pessoas que vão jogar, por isso Eu o Dino, o Nino, que não vamos jogar, A gente não pode sugerir regras. Mas vocês podem. Só fiquem atentos com o tempo. Agora são quinze para as quatro. A gente não pode leva uma hora

decidindo regra né? Então vamos sintetizar, falar as regras que é mais importante e tentar jogar...

Cauã: Professor.

Maurício: Pode falar Cauã.

Cauã: É pra falar regra.

Maurício: Pode falar. Quem quiser falar, levanta o braço. A gente só passa pra ouvir outra regra quando a gente definir a regras que começou a ser estabelecida, ou dialogada.

Cauã: Não pode dar carrinho.

Maurício: E porque que não pode dar carrinho?

Cauã: Porquê cai de cara no chão.

Maurício: Porque cai de cara no chão?

Nino: Não, porque cai de... Costa, e bate a cabeça (1).

Maurício: O Cauã... se vai jogar? Cauã não! Nino, você vai jogar?

Nino: Não.

Maurício: Ah bom. Então, não pode dar carrinho. Vocês têm acordo turma?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Não vale dar carrinho [Fui anotando enquanto repetia as regras].

Quero-Quero: Não pode empurrar o outro.

Maurício: Olha, você tá querendo falar uma regra?

Quero-Quero: É.

Maurício: Então ele tava ali primeiro ó [indiquei com o braço que o participante Digo]...

Fala Digo, depois é você Quero-Quero.

Digo: É... Vale dá chutão porque as vezes pode dá sorte pra fazer um gol.

Maurício: Você é a favor de dar chutão... Todo mundo tem acordo com essa regra?

Resposta em coro: Não.

Maurício: Porquê?

Nino: Pode acertar na cara de uma pessoa.

Maurício: Você vai jogar então?

Nino: Não.

Maurício: Então... Você precisa participar.

Nino: Tô dando exemplo só.

Maurício: Não pode.

Quero-Quero: Professor, é de longe que você está falando?

Maurício: É chutão... Explica melhor, é de longe que você está falando? [Direcionei meu pedido para Digo].

O participante Digo acenou positivamente com a cabeça, indicando que se tratava de chutes fortes feitos de longa distância.

Educador Leonel: Mas chutão de longe, e se acertar a cara de outra pessoa?

Melissa: Eu não concordo.

Maurício: Então vocês têm acordo?

A maior parte das pessoas disseram que não, mas Quero-Quero sinalizou que queria a manutenção da regra do “chutão”. Pedi para que ele justificasse sua escolha.

Maurício: A maior parte das pessoas estão dizendo que não. Você quer defender o chutão? Porque você acha que vale?

Quero-Quero: Porque sim!

Maurício: Porque sim? Esse é seu argumento?

O participante Quero-Quero sinalizou positivamente, fazendo um aceno com a cabeça. Segui com o diálogo pedindo para que alguém argumentasse de maneira a refutar a regra.

Maurício: Quem acha que não vale pode argumentar o porquê acha que não vale?

Esther: Pode machucar alguém.

Maurício: Porque pode machucar alguém... Alguém quer falar mais alguma coisa?

Pontes: Pode acercar o rosto de alguém.

Maurício: Pode acertar o rosto de alguém? Bom, então ouvimos pessoas que acham que vale dar chutão. Ele falou porque sim [indicando a fala de Quero-Quero], e ela falou que não vale porque pode machucar alguém, acertar o rosto [apontando para Esther e Pontes,

respectivamente]... Então vamos votar. Quem acha que não vale chutão levanta o braço pra eu ver. (2)

Após termos ouvidos argumentos favoráveis e contrários sobre a regra do chutão, sugeri a votação. Nesta feita, votaram contrários a regra 7 participantes, enquanto, apenas 2 participantes (O propositor Digo, junto com Vitor Caetano) votaram favoráveis à implementação desta regra.

Maurício: Pelo sistema de votação, não vale dar chutão. Então, se der chutão perde o ponto de respeito. Respeito à uma regra.... O Quero-Quero queria falar uma regra.

Quero-Quero: Que não vale empurrar as pessoas.

Maurício: Não vale empurrar a pessoa.

Pontes: Nem dar jogo de corpo?

Quero-Quero: Isso.

Maurício: Não vale dar jogo de corpo ou empurrar? Ou as duas coisas?

Quero-Quero: É isso daí: Jogo de corpo.

Maurício: Então não vale dar jogo de corpo. Por que não vale?

Quero-Quero: Porque machuca. Outro dia eu tava jogando, o moleque fez um comigo, e ele era maior que eu. Aí me deu um jogo de corpo e acertou bem no meu peito.

Maurício: E aí machuca então?

Quero-Quero: Sim. (3)

Cauã: O que que é jogo de corpo?

Pontes: É assim ó. A pessoa chega assim óh... Assim em você [Pontes, sentado ao lado de Cauã, demonstrou empurrando o ombro deste com seu próprio ombro]. Quando você tá correndo a pessoa chega assim em você [repetiu o gesto de empurrar], ou entra na sua frente e chega assim em você, no seu peito [repetiu, mais uma vez, o gesto de empurrar].

Maurício: Então, você viu aí que o Pontes demonstrou 3 vezes o que é o jogo de corpo.

A turma toda riu, achando graça.

Maurício: Alguém quer falar a favor do jogo de corpo? Acha que vale jogo de corpo? Então, a gente tem um acordo de que não vale jogo-de-corpo?

Resposta em coro: Sim.

Cauã: Não.

Houve alguns segundos de silêncio. Compreendi que a maioria não queria que valesse jogo de corpo, concordando com a proposição original de Quero-Quero. Todavia, eu não me fiz entender com o questionamento e precisei esclarecer para Cauã.

Maurício: Não tem acordo? Você é a favor do jogo-de-corpo?

Pontes: Porque você quer?

Cauã: Não, eu não quero jogo de corpo.

Maurício: Então você tem acordo de que não vale jogo de corpo... Ah bom, então não vale jogo de corpo... A Esther vai falar hein!

Esther: Não tem, tipo assim... Da bola sair pra fora. Só na linha de fundo.

Maurício: Então a Esther e o Pontes tão dizendo aqui, que não tem lateral, só vai valer linha de fundo. Vocês têm acordo com essa regra.

Resposta em coro: Sim.

Quero-Quero: Como? Qual não tem?

Maurício: Lateral.

Quero-Quero: Ah.

Maurício: Só escanteio e Tiro-de-meta.

Pontes: Não... Não... Não...

Cauã: Sim... Sim... Sim...

Esther: Muito melhor assim.

Maurício: Calma... Turma a gente não ganha no grito. A ideia é argumentar. Quem é a favor e gostaria de falar a favor desta regra. Ou seja: “Eu acho que não vale sair a bola por causa disso, disso e disso”. Quem sugeriu quer falar ? [Direcionei esta pergunta para o propositor, Quero-Quero].

Quero-Quero: Não.

Maurício: Lembra: Se não tem argumento fica difícil sustentar a ideia. Porque que você quer... Você não quer que tenha essa regra? Você quer que a bola saia na lateral.

Pontes: Porque pode ficar uma muvuca é... Aí chuta a canela. Quem tá de tênis, e quem tá descalço pode pisar no pé.

Maurício: Bom, ouvimos argumentos contra e a favor da regra. Alguém quer falar mais alguma coisa?

Ninguém apresentou interesse em argumentar mais. Foi promovida uma votação. 4 pessoas foram favoráveis a ter lateral, ou seja: Que o jogo fosse interrompido toda vez que a bola atravessasse a linha lateral. De maneira coincidente também tivemos 4 participantes que votaram contrário a saída da bola na lateral. Diante do empate foi solicitado mais uma rodada de argumentações favoráveis ou contrários à regra ora debatida.

Maurício: Teve empate. A gente precisa ouvir mais então. Alguém precisa falar o porquê que é a favor que tenha lateral. E alguém precisa falar porque não deve ter.

Quero-Quero: Ah... Porque aí não precisa ficar parando.

Maurício: Você é a favor de que jogue a quadra inteira pra que aí não fique parando o jogo.

Quero-Quero: Sim.

Maurício: Agora você deu um argumento... Porque aquela hora você disse: “Porque sim”... E alguém vai falar contra? Além do Pontes... Porque que você é contra, que tem que ter lateral?

Cauã: Por causa da mesma coisa que o Pontes falou.

Maurício: Por causa da mesma coisa? E o que é que o Pontes falou?

Cauã: Que não pisa no pé.

Maurício: Pisa no pé, fica encaroçada as pessoas lá né? Muito bem... Então agora, Digo, ninguém pode se abster. Todo mundo tem que votar, porque deu empate né? Então tem que votar mesmo. Então vocês têm que pensar, hein Leão? Quem é a favor de que tenha lateral? Quem acha que a bola deve sair na linha? Levanta o braço.

Outra vez ocorreu empate, mas desta vez com 5 votos para cada opção, pois ninguém se absteve. Propus para que dialogássemos acerca de outras regras possíveis, somente para no final retomar esta que regulava as saídas de bola do jogo. (4)

Maurício: Alguém quer sugerir outra regra.

Educador Leonel: Eu quero.

Maurício: Educador Leonel.

Educador Leonel: Pode fazer mão se tiver dado a mão [O Educador corrigiu sua fala logo em seguida]... Pode fazer gol se tiver dado a mão pra outra pessoa.

Pontes e Esther se manifestaram, timidamente, contrários a regra dizendo “não”. Esther ainda disse que seria estranho. O Educador Leonel apresentou suas justificativas.

Educador Leonel: É, mas é por isso mesmo que eu propus. Pra dar uma diferenciada no jogo.

Nino: Pra ficar mais difícil?

Esther: Mas aí vai ter que formar duplas.

Educador Leonel: Sim! Logo que você for fazer o gol.

Esther: Não, mas a pessoa não vai ter a mesma agilidade que você para fazer gol.

Educador Rodrigo: E pode formar movuca.

Esther: É.

Quero-Quero: “Muvuca”, o que que é “muvuca”.

Maurício: “Muvuca”, o que que é isso? Ele está perguntando [direcionei minha pergunta para o Educador Rodrigo, apontando que a dúvida era de Quero-Quero].

Educador Rodrigo: Quando tem um monte de gente junto de uma vez, num lugar só.

Educadora Abayomi: Mas não é só dupla?

Educador Rodrigo: Então, mas aí vai todo mundo quere formar dupla e vai formar movuca.

Educadora Abayomi: hum.

Educador Leonel: Era só pra dar o chute a gol só. Não, tipo assim: Quem for defender pode defender sozinho. Mas quem for chutar tem que dar a mão pro colega antes de chutar.

Educador Rodrigo: Mas tem que ser o time inteiro vindo, pra te dar a mão.

Maurício: Bom... Ouvimos alguns, claro foram poucos argumentos, a gente não tem tanto tempo assim, dizendo a favor da regra e gente contra. Vamos votar?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Quem é a favor da regra do Educador Leonel que diz que na hora de fazer o gol você deve estar de mão dada pra alguém, levanta a mão quem é a favor.

Do mesmo modo que eu perguntei para os favoráveis, que somavam 3 colegas, eu também perguntei para quem era contrário/a ao implemento da regra. Estes/as contabilizaram 5 votos. Portanto a regra proposta pelo Educador Leonel não foi implementada.

C. P. MAURÍCIO – A não aceitação da regra proposta pelo Educador Leonel me faz intuir uma genuína relação horizontal entre as crianças participantes e os Educadores e Educadoras. Não se manifestando coerção para aceitação de regras por parte de ninguém. Em alguma medida isso me traz satisfação. Tal fenômeno poderá potencializar tomadas de atitudes similares em outros espaços tempos do projeto, quiçá fora dele. Pretendo observar melhor tal possibilidade (5).

Maurício: Então, por voto, não foi consenso, não teremos essa regra. Alguém quer sugerir mais alguma ou vamos voltar para a regra do... Da... Da linha de lateral e encerrar o primeiro tempo?

Cauã: Na hora de fazer o gol fala sabão.

Maurício: Na hora que for fazer o gol fala?

Quero-Quero: Não pode sugerir outra palavra?

Maurício: Você que está sugerindo a regra quer propor outra palavra? [Pergunta direcionada ao Cauã].

Cauã: Sapato.

Maurício: Sapato?

Parte da turma sorriu e achou graça na palavra escolhida.

Maurício: Bom, então explica direitinho a regra que você tá propondo para as pessoas entenderem.

Cauã: É uma regra que quando você for fazer o gol... [O participante começou a rir e não conseguiu concluir sua frase]

Educador Leonel: Quando você fazer o gol...

Leão: É quando você fazer o gol falar sapato ou sabão.

Pontes: Mas é quando a bola tiver dentro do gol ou quando você for chutar?

Educador Rodrigo: Ou é quando você for chutar?

Cauã: Quando você for chutar.

Pontes: Quando você for chutar!

Maurício: Quando for chutar... Então é antes de sair o gol.

Melissa: Ah... Assim a pessoa vai saber.

Maurício: Se vai chutar pro gol, você avisa o que?

Educador Leonel: Sapato... Sapato.

Nino: Então todo mundo, então o goleiro vai... ouvir.

Cauã: É sapato, é sabão, sei lá.

Maurício: É mesmo Nino. Mas você vai jogar?

Nino: Não.

Maurício: Então... Foi escolha sua. É uma regra do *Fútbol Callejero*. Só pode falar as regras quem vai jogar. Você escolheu ficar de fora... Vocês tem acordo com as regras do nosso colega Cauã, de que se a pessoa for chutar pro gol, antes de chutar pro gol, ela tem que falar sapato.

Educadora Abayomi: Antes?

Educador Leonel: Antes!

Maurício: Foi o que ele falou.

Esther: Antes de chutar ou na hora que for chutar?

Maurício: Antes de chutar pro gol tem que falar sapato. Importante... É isso? [direcionei esta pergunta ao participante Cauã, como maneira de pedir esclarecimento].

Cauã: É.

Maurício: E se ela chutar e não falar sapato e for gol. Valeu o gol?

Cauã: Não.

Pontes: Não.

Maurício: Não vale o gol quando é assim?

Cauã: Não.

Maurício: Tá bom... lembra que não tem árbitro, são vocês que vão definir se vai valer o gol ou não.

Educadora Abayomi: Mas vai valer essa regra?

Educador Leonel: Vamos votar.

Maurício: Essa regra tá valendo?

Neste momento houveram participantes favoráveis (me pareceu ser a maioria) e participantes contrários (me pareceu ser a minoria), mais uma vez solicitei para que argumentassem os/as favoráveis e os/as contrários/as à esta regra.

Maurício: Bom, tem gente que é a favor e tem gente que é contra. Quem é a favor e gostaria de argumentar a favor dessa regra.

Quero-Quero: Ah... Porque fica mais legal e também, quando... Se o goleiro tiver meio assim...

Pontes: Distraído.

Leão: Zen.

Quero-Quero: É, meio distraído, aí é bom falar sapato. Porque você avisa ele que você vai chutar ele fica mais atento.

Maurício: Olha aí que legal.

Esther: Pra não acertar na cara.

Leão: Mas aí a gente não faz o gol.

Maurício: Agora a gente precisa ouvir as pessoas que são contrárias a essa regra. Quem é contrário à essa regra e gostaria de falar?

Houve alguns segundos de silêncio. Perguntei para o grupo se não havia pessoas contrárias ou se não havia pessoas que não queria falar? Na ânsia de provocar ponderei mais uma vez a importância de participar ativamente nos espaços de decisões.

Maurício: É importante, sempre que você não gosta de algo, argumentar. O *Fútbol Callejero* procura ensinar isso. Você sempre se posiciona diante do que está acontecendo. Então, a gente ouviu o argumento a favor. Isso vai favorecer o voto favorável... Mas a gente vai fazer o voto então, já que não teve um consenso.

Realizei outra vez uma votação. Nesta, 7 participantes foram favoráveis à implementação da regra, enquanto 2 foram contrárias.

Maurício: Então vai ter a regra do sapato: só vai valer o gol se antes do chute avisar "sapato" (6).

Após esta regra eu propus dialogarmos sobre os Pilares. Todavia, o participante Marco, muito atento, pergunta: “E a regra?” e Quero-Quero, de imediato, complementou: “A do lateral!”. Retomei, então, o diálogo sobre ter, ou não ter, a saída de bola nas linhas laterais.

Maurício: Turma, vocês puderam pensar melhor se é legal ou não ter a regra do lateral? Alguém gostaria de falar mais algumas coisas a favor ou contra da regra do lateral?

Esther: Ah, porque, tipo assim: Se você estiver com uma pessoa ali [apontou para uma das laterais da quadra] e não consegue sair dela, você chuta pra parede e dá a volta nela.

Maurício: Ah... Você pode usar pra driblar, pra fazer uma tabela? Isso é a favor ou é contra?

Esther: Não, a favor.

Maurício: Ah... Você pode argumentar contra.

Quero-Quero: Não... É que fica embolando com zôtro!

Maurício: Com os zôtro, tá vendo.

Esther: Com zôtro! [risos].

Quero-Quero: Não é... Que, quando vai fazê lateral aí... Os... Fica tudo em cima.

Maurício: E aí alguém... Duas pessoas falaram a favor da regra, de que não tenha lateral: vai ser quadra aberta, só tendo a linha de fundo. Então quem é... Acha que tem que ter lateral e gostaria de argumentar a favor do lateral?

Educador Leonel: Então, ah... Justamente pra... Num embolar as pessoas no canto do campo né? Porque aí tipo assim. O adversário pode trancar você no canto do campo até te roubar a bola e sair correndo. Se tiver lateral as pessoas têm mais atenção quanto a lateral mesmo. Não faz uma... Uma toca assim em volta de você.

Quero-Quero: Ah... É verdade.

Maurício: Olha a importância da argumentação [Me referi a reação de Quero-Quero que se mostrou surpreso com a reflexão que o Educador Leonel apresentava]... Tem gente que já mudou a opinião óh... Você quer falar professor [Pergunta direcionada para o Educador Rodrigo].

Educador Rodrigo: Mas, se a bola sair você perde ela de qualquer jeito.

Educadora Abayomi: É.

Educador Leonel: Sim! Se você a perde. Mas, só isso evita que assim, tendo a lateral evita que fique muita gente embolada mesmo.

Esther: Mas, de qualquer jeito você vai perder a bola.

Educador Rodrigo: De qualquer jeito.

Esther: É, você vai perder. Você tá preso ali.

Educador Rodrigo: O jogo pode embola aqui no meio óh. Na hora de sair.

Educador Leonel: Sim mas, a... A... A partir do momento que sai na lateral o jogo é parado e a pessoa tem que cobrar a lateral. Mesmo que ela perca a bola, ela vai ter que se... Ela vai ter que cobrar a lateral.

Educador Rodrigo: E aí embola do mesmo jeito.

Maurício: Ouvimos as duas partes, precisamos jogar agora. Então...

Pontes: Pilares?

Maurício: Calma... Então agora é a decisão da regra.

A decisão acerca da saída da bola estava realmente difícil de ser tomada. Mais uma vez foi feita votação. Comecei perguntando sobre quem era contrário que a bola saísse nas laterais da quadra, ou seja, que fossem respeitados os limites postos pelas linhas laterais. 4 participantes se manifestaram favoráveis. Nesse momento o participante Pontes chamou a atenção de seu colega Cauã, que não votou. Então, consultei a turma sobre quem era favorável de que não houvessem limites laterais para o jogo, ou seja: “jogar quadra inteira”, respeitando apenas as marcações de linha de fundo. Desta vez foram 5 votos. Comuniquei o acordo desta regra e definimos a pontuação dos pilares do *Fútbol Callejero*. (7)

Maurício: Então, por diferença de voto pequena, ou seja: Vai ter muita gente descontente, esse é o ruim do voto. Não... É... Não terá lateral. Vale quadra inteira. Com exceção da linha de fundo pelo que foi sugerido aqui na regra. E aí fica o aprendizado de prestar atenção nos momentos... É um aprendizado isso, é ruim, mas ainda bem que foi aqui no futebol. Imagine se é pra decidir se vai viajar, ou se não vai; Se faz a cirurgia ou se não vai. E não está prestando a atenção. Então tem que estar sempre atento nos lugares que tá plei... Tá participando. Muito bem. Os pilares.

C. P. MAURÍCIO – A comunicação desta regra gerou grande polarização nas intencionalidades dos/as participantes. Após as argumentações que incluiu a apresentação dos Educadores Leonel e Rodrigo, a regra foi aceita com a diferença de apenas 1 voto. Tal diferença foi gerada porque o participante Cauã (contrário a proposição da regra) não votou, pois estava desatento. Seu colega Pontes ainda tentou chamar sua atenção, porém não teve êxito. A Minha fala teve a intenção de destacar que a participação atenta nos diferentes espaços-tempos no qual convivemos é muito importante, principalmente em contextos nas quais deliberamos acerca de nossos interesses e ações (8).

Maurício: Quanto vai valer os pilares?

Quero-Quero: Pilares? Como assim?

Maurício: Quais são os pilares turma?

Pontes: Respeito, Colaboraç... Respeito...

Educador Leonel: Cooperação.

Pontes: Cooperação e sola... So-la... Ah... [participante não conseguiu pronunciar a expressão "Solidariedade"].

Dino: Solidariedade.

Quero-Quero: O que que é isso? Solidariedade?

Maurício: Turma, o que que a gente avalia no Respeito?

Pontes: É o... Respeito as regras e respeito ao próximo.

Maurício: Óh... O Pontes! Uma salva de palmas para o Pontes.

C. P. MAURÍCIO – Tenho percebido que os participantes Pontes, Dino, Fernanda, Lucas (ausente neste encontro), tem apresentado uma boa compreensão da metodologia. Diante da explicação que Pontes apresentou acerca de respeito pedi a turma que desse uma salva de palmas, apresentando satisfação e alegria pela expressão de sabedoria do participante. Tenho procurado realizar tal gesto em diferentes momentos nas quais os participantes compartilham saberes, empreendem gestos de gentileza e solidariedade para com outrem.

A turma toda aplaudiu. Segui com a explicitação das intencionalidades de cada um dos pilares.

Maurício: No respeito a gente avalia se as pessoas respeitaram as regras, e se respeitaram as outras pessoas. Então não adianta só respeitar as regras, mas respeitar um colega do time ou do outro time! Isso é o Respeito. E a Cooperação? Quem sabe dizer o que que a gente avalia na Cooperação?

Quero-Quero: O trabalho em equipe.

Maurício: Também, mas... [Fui interrompido pelo participante Pontes].

Pontes: Não.

Maurício: Falta algo pra ficar melhorar a explicação. Também é isso que ele falou.

Pontes: Deixar os mais experientes pegar a bola.

Quero-Quero: Colaborar.

Maurício: É Cooperação envolve colaboração. Mas, como? A gente quer saber se tomo mundo que jogo participou do jogo.

Quero-Quero: Ah...

Maurício: Não adianta ter uma pessoa muito habilidosa no meu time e só ela toca na bola e só ela faz gols. Porque o objetivo do *Fútbol Callejero* num é, em primeiro lugar, vencer. É se divertir com o amigo. E aprender esse jeito divertido de dialogar pra resolver os problemas, tal. Então em primeiro lugar vem essa diversão e se uma pessoa não toca na bola. Não participa da jogada, você acha... Vocês acham que ela estará feliz?

Resposta em coro: Não.

Maurício: Olha, você está atrapalhando, você pode ir lá no seu lugar [Chamei a atenção de Nino que saiu de seu lugar original para tentar pegar a bola que o participante Dino segurava]. Então a Cooperação avalia se toda gente participou do jogo. E se está satisfeito com sua participação. Então, toda gente recebeu a bola? fez o passe? Tentou fazer gol. É isso que se avalia na Cooperação... E por fim, a Solidariedade.

Nino: Solidariedade é...

Quero-Quero: Solidariedade é... É o que você pode fazer para o próximo do seu time.

Maurício: É... A Cooperação é o que você pode fazer para a pessoa do seu time. Se você está tocando a bola para Esther, ou para um colega que é menos habilidoso, o Educador Leonel por exemplo, que está aprendendo a jogar...

Educador Leonel: Ahã, eu sou menos habilidoso.

Maurício: Você tocou pra ele, ou só porque ele vai perder a bola você nem tocou pra ele? Você acha que ele vai ficar feliz por não receber o toque? Quando você faz pensando no seu time só no seu time é Cooperação. Agora Solidariedade é muito desafiadora. Porque é o que você pode fazer pela pessoa do outro time. Não significa que você vai tocar a bola pra ele fazer gol [apontei para uma criança do time adversário de Quero-Quero]. Mas se o Educador Leonel está no outro time, e daí vai a Educadora Abayomi, que é super-habilidosa, sabe que é habilidosa e que o Educador Leonel tá aprendendo e vai lá e rouba a bola dele. É justo?

Dino: Tá errado.

Maurício: Se a gente pode, no *Fútbol Callejero*, óbvio. Não vai ser divertido pra quem tá aprendendo a jogar perder a bola toda hora para quem é muito habilidoso. Então a gente permite que a outra pessoa toque na bola, tenha tempo de receber. Isso é ser solidário. Toda vez que envolver a sua ação com a pessoa do outro... Da outra equipe. Entendeu isso? Cooperação é o que você faz para o seu time.

Cauã: Professor, que horas são.

Maurício: Agora é quatro e quatro... Bom, quanto valerão... Quanto vai valer os pilares? Quantos pontos vale Respeito? Quantos pontos vale Cooperação? E quantos pontos vale Solidariedade?

Quero-Quero: Cinco... Não dez?

Maurício: Vocês que definem.

Quero-Quero: Dez.

Maurício: Dez cada um?

Quero-Quero: Sim.

Maurício: Tudo bem pra vocês? Você prestou atenção Melissa? Então dez! Dez pontos cada pilar. Vamos começar o jogo então? Vocês têm dúvidas? Oh... uma coisa que acontece quando começa o *Fútbol Callejero* é as pessoas esquecerem das regras, então eu vou falar todas aqui hein!

Quero-Quero: Professor eu tenho uma dúvida. Quando, é... É... Foi... Aprovada a regra de empurra?

Maurício: Foi aprovado que não vale dar jogo-de-corpo, não empurrar. Se der é desrespeito às regras... Então óh, a gente aprovou que não vale dar carrinho; não vale dar chutão; não vale empurrar ou dar jogo-de-corpo; Antes do chute pra fazer gol tem que falar "sapato", e acho que já tinha gente que esqueceu; e não tem lateral; cada pilar valem 10 pontos, Vale!. Vamos iniciar?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Então vâmo!

No momento que eu chamei a turma para jogar o participante Digo disse que não queria participar. O participante Cauã tinha acabado de sair para participar do treino de futebol. Com isso, as equipes não teriam o mesmo número de participantes. Procurei sinalizar a importância de ele começar jogando, caso o jogo não estivesse legal para ele, ele poderia sair.

Maurício: Então eu vou falar uma coisa pra vocês. Ninguém é obrigado a brincar. Mas, se você não brincar. A gente já tem o Brayam que saiu.

Educadora Abayomi: Cauã.

Maurício: O... Ro... Dieg... O Cauã que saiu.

Educadora Abayomi: Mas já está voltando.

Maurício: É... Então se não tiver gente suficiente o jogo não acontece. Então imagine se seus amigos falarem assim: "É de... Pega-corrente eu não vou brincar não". A brincadeira não acontece. Então às vezes, quando não faz mal pra gente, a gente faz uma coisa pensando no outro. Se você não for jogar, pode ser que não aconteça o jogo. Lembra que você, junto com a sua mãe falou: "Óh, vou ajudar o Maurício nessa pesquisa sobre *Fútbol Callejero*". Pra eu poder fazer a pesquisa precisa ter o *Fútbol Callejero*. Se você jog... Não jogar eu não vou nem conseguir entender se o *Fútbol Callejero* é bom ou não é. Você não pode jogar? Pra me ajudar e pra que seus amigos fiquem satisfeitos também?

Quero-Quero: Ser solidariedade também.

Maurício: É também uma solidariedade. Muito bem Quero-Quero! Mas, você não é obrigado, e ninguém vai ficar triste por causa disso. Mas eu vou sugerir que você comece, se doer sua mão, que é onde você falou que está doendo, daí você fala: "Óh Maurício, eu vou para porque tá doendo minha mão". Porque daí não dá mesmo. Pode ser?

O participante Digo aceitou iniciar com sua participação. Demos, enfim ao 2º Tempo do Fútbol Callejero (9).

2º TEMPO (ou “tempo de bola rolando”)

Com o início do 2º Tempo me debrucei na tarefa de mediar a partida. Para tanto, me posicionei na lateral da quadra que faz divisa com um campo de areia. Nesta posição eu fiquei intencionalmente de costas para o sol, de modo me proporcionar uma menor estafe no processo de observação da partida. Vieram ao meu encontro os participantes Enrique e Nino. Este, desde o processo de seleção das equipes decidiu não participar do jogo, mas, contrariamente à regra do *Fútbol Callejero* que comunica que somente os/as jogadores/as devem participar do diálogo acerca das regras e acordos, não conteve seus ânimos e em diferentes momentos procurou discutir e/ou esclarecer as regras. Já o participante Enrique aceitou me auxiliar na função de “Mediador” e, ao seu modo, assim o fez.

C. P. MAURÍCIO – Por ora, sinalizo que estou procurando compreender melhor as atitudes de Nino. Suas intervenções durante o 1º Tempo foram positivas e propositivas, uma vez que procurou contribuir com o diálogo acerca das regras. Em nenhum momento lhe interrompi durante sua fala. Todavia, assim que ele concluía a apresentação de seu raciocínio eu problematizava sua intervenção dizendo: “Nino, você vai participar? Pois, de acordo com as regras do *Fútbol Callejero*, somente as pessoas que jogam deve dialogar sobre as regras”. Diante desses episódios o participante indicava (negativamente) com um balanço de cabeça que não iria participar. A participação de Enrique também merece uma maior observação, uma vez que tenho compreendido que tal participante não gosta muito de práticas corporais que envolvam uma movimentação mais intensa, como atividades que envolvam o correr, saltar e o pedalar. Nestas atividades Enrique tem participado de maneira displicente, correndo pouco, em algumas ocasiões deixando ser capturado e, nestas ocasiões, tem aparentado não empreender grande ânimo/energia para capturar seus colegas. Hoje, enquanto mediador, acredito que deixei à desejar naquilo que tange estratégias para a participação de Enrique. Estive preocupado com o bom desenvolvimento da dinâmica do jogo e não refleti de modo adequado sobre como seria a participação desta criança enquanto mediador. Que acabou se restringindo à uma observação passiva da minha mediação. Não havendo protagonismo. Devo estar atento para que eu não promova tal “passividade” novamente, bem como na busca por compreender e propor vivências nas quais Enrique tenha interesse.

O tempo de bola rolando teve duração de 15 minutos. Brincaram juntos meninos e meninas, Educadores/a e crianças. Em minha observação pude avaliar que todos e todas puderam se divertir ao participar ativamente das jogadas, correndo atrás da bola, tentando marcar gols, ou se engajando contra na defesa contra o adversário. Algumas crianças tiveram maior protagonismo, como foi o caso de Esther e Quero-Quero que compunham o “time-de-colete” e de Melissa e Leão da equipe “sem-colete”. No caso de Esther e Quero-Quero destaque grande habilidade na prática de futebol, contribuindo para uma participação mais protagonista. Já com Melissa e Leão, que não aparentam possuir altas habilidades na prática de futebol, seu protagonismo foi marcado pelo grande empenho destas crianças/adolescentes em correr, tentar acertar os passes e/ou roubar a bola do time adversário.

Em minha observação também destaque que a equipe pedagógica (Leonel, Rodrigo e Abayomi) procuram realizar uma participação genuína. Ou seja, Rodrigo procurou adequar suas habilidades de jogar futebol à dos participantes. Percebo que Abayomi e Leonel, assim como algumas crianças, também estão em fase de aprendizagem do futebol, não possuindo grandes habilidades nesta prática. Com isso, não foi percebida, da minha parte, a prática de atitudes nas quais a diferença de idade, velocidade, força ou sabedoria de jogo proporcionasse disparidade ou alguma vantagem dos/a professores/a sobre as crianças.

C. P. MAURÍCIO – Por ora, na falta de melhor expressão, sinalizo que senti uma alegria e satisfação muito grande em perceber que a Educadora Abayomi, junto aos colegas Leonel e Rodrigo apresentaram entusiasmo durante o 2º Tempo. Compreendo a importância de tal evento, pois, são jovens-adultos brincando com as crianças. Quero destacar, com isso, a manifestação implícita de “Solidariedade” por parte dos Educadores e Educadora que pode não ter sido percebida pelas crianças nos diferentes momentos de disputa de bola. A expressão de esforço, os risos, o suor aparente na tentativa de capturar a bola que estava em posse do adversário, a gana por tentar fazer o gol e/ou a preocupação em executar passes para seus/suas colegas de equipe também exprimiram, a meu ver, uma genuína participação da/os colega/s.

Durante o jogo, enquanto mediador, procurei observar a dinâmica do jogo em desenvolvimento. Ainda no início procurei envolver Nino e Dino. Para tanto perguntei aos dois garotos se todos e todas que estavam jogando, havia recebido a bola. O participante Nino disse que não, de modo que eu sugeri: “Vocês têm uma missão, em falar para cada um dos goleiros, quem vocês acham que não está recebendo a bola”. Após tal sugestão nenhum dos participantes sinalizaram interesse em proceder conforme havia sinalizado. Ambos continuaram sentados ao meu lado apenas observando o jogo.

C. P. MAURÍCIO – Tal pedido foi uma tentativa de tentar envolve-los na atividade, pois me pareceu que ambos não estavam muito atentos ao que se passava no jogo. Mesmo assim, as atitudes de Enrique eram distintas das de Nino. Este, pareceu inquieto, estava sempre procurando “puxar conversa” comigo, ou mesmo com Enrique, acerca de assuntos alheios aos da partida de *Fútbol Callejero* que estava sendo desenvolvida. Já o participante Dino aparentava estar um pouco mais atento, pediu-me a prancheta onde estava a folha com as regras, observava o jogo. Minha percepção é a de que Dino cumpriu com o combinado em me auxiliar na mediação. Isso por si só já é muito positivo. Contudo, estou inseguro com tal percepção, uma vez que este participante tem procurado se ausentar de atividades que exijam grande um esforço maior, conforme já apontado em comentários anteriores.

Após ter transcorrido aproximadamente 9 minutos de partida, o participante Digo veio até mim e disse que não queria mais jogar porque sua mão estava doendo. Havia reparado que ele cumpria a função de goleiro então lhe sugeri para que jogasse na linha, uma vez que na função de goleiro as mãos são muito requisitadas. O garoto aceitou a sugestão, continuou na brincadeira, e pediu para o Educador Rodrigo ocupar seu lugar no gol. Seu pedido foi prontamente atendido.

Sendo o Mediador da partida, portanto atento ao que ocorria no jogo, não identifiquei situações de conflitos durante o 2º Tempo. Em relação específica com as regras, também não foram observadas situações de desrespeito ao outrem ou, para com as regras que foram combinadas.

Com relação aos gols convertidos por cada equipe, pude tomar nota de um total de 9 no total. Sendo que 6 foi para “equipe-de-colete” e apenas 2 para “equipe-sem-colete”. Todavia, para a contabilização final, foi necessário avaliar aqueles em que foi anunciada a expressão “sapato” antes do chute que gerou o gol. Após 15 minutos de “bola rolando” encerramos o 2º Tempo e, antes mesmo de uma pausa para que todos/as pudessem beber água, foi desenvolvido o 3º Tempo, ou Mediação.

3º TEMPO (ou Mediação)

Para a realização da mediação solicitei para que os/as participantes formassem um círculo no centro da quadra. O passo seguinte foi a conversão dos gols em pontos, pois de acordo com o método a equipe que marcar mais gols inicia o 3º tempo com 3 pontos, já a equipe que marca menos gols começa com 1, para tanto perguntei: “Quantos gols válidos cada equipe converteu? ”.

Maurício: Vamos começar agora o 3º Tempo. Então, Quero-Quero. A ideia é ver quem venceu. Mas esse futebol não vence só quem fez mais gols. Vence quem soube... É... Jogar de acordo com os acordos, com as regras que foram estabelecidas. Então, no *Fútbol Callejero*, pra começar o terceiro tempo a gente converte os gols em pontos. Então eu preciso saber primeiro quantos gols a equipe de colete fez. Eu tenho anotado aqui. Vocês sabem dizer quanto gols?

Após um breve diálogo entre o Educador Leonel, e os participantes Pontes e Quero-Quero, foi indicado que a equipe de colete (verde) teria convertido 5 Gols. Fiz algumas ponderações.

Maurício: Eu tenho anotado aqui ó. O nosso amigo Dino ajudou na marcação. A gente tem marcado do time de colete 5 gols em que foram falados "sapato" antes do chute. Então seriam 5 gols válidos. E um gol contra da outra equipe. É isso mesmo?

Quero-Quero: Hã.

Pontes: É!

Quero-Quero: Ah... É.

Pontes: Sim.

Educadora Abayomi: Mas é um gol que não foi falado sapato então não tava valendo [se referindo ao gol contra].

Educador Leonel: É... [após concordar com a Educadora ele deu uma gargalhada].

Educador Rodrigo: Sim, mas não falou "sapato".

Maurício: O argumento é esse. E aí?

Educador Leonel: Eu concordo.

Maurício: Quantos gols eu marco? cinco ou seis?

Resposta em coro: Cinco!

Nino: seis.

Pontes: Cinco, você nem tá jogando! [Pontes direcionou a fala para Nino].

Educador Leonel: Cinto, porque tem que falar sapato!

Maurício: Então o gol contra sem falar sapato não vai valar... Valer [corrigindo a minha própria fala].

Resposta em coro: Não.

Maurício: Tá bom. Então o time que marcou cinco gols... e o sem-colete marcou quantos gols?

Educador Rodrigo: dois.

Quero-Quero: Dois do Leão.

Maurício: Eu tenho anotado aqui dois gols em que foram falados “sapato”. Dois gols válidos. No *Fútbol Callejero* a equipe que marcou menos gols fica com 1 ponto a que marcou mais gols fica com 3 pontos. Então a de [equipe] de colete começa o terceiro tempo com 3 pontos, por causa de ter feito mais gols. E o time sem-colete começa com 1. Agora eu vou falar as regras pra vê... Pra gente julgar agora os outros critérios. Foi combinado que não vale dar carrinho;

Quero-Quero: Sim.

Maurício: Que não vale dar chutão; que não vale dar jogo-de-corpo ou empurrar.

Educadora Abayomi: Vai desligar [Educadora se referiu à câmera filmadora].

Antes de dar continuidade às avaliações de cada um dos pilares e levantamento de pontos conquistados por cada equipe, procedi a releitura das regras e somente depois

C. P. MAURÍCIO – Tenho percebido que a releitura das regras é algo muito importante. Embora ela esteja preconizada enquanto rotina/procedimento, tenho observado concretamente que, durante o 2º Tempo, as pessoas que estão jogando (crianças, adolescentes e jovens) acabam esquecendo algumas regras. Tal esquecimento é possivelmente ocasionado pela emoção/furor do jogo. Desta forma, a releitura daquilo que foi coletivamente acordado permite não somente a lembrança das regras, mas também, a percepção de alguma situação de jogo que dialoga diretamente com os acordos estabelecidos e que no momento da disputa não foi percebido. A importância ao respeito pelo acordo que é destacada pelo método de *Fútbol Callejero* celebra justamente esse compartilhar de criações coletivas (neste caso a redundância parece ser necessária) a partir do diálogo com outrem. Por isso, embora se trata de apenas uma fruição do lazer, de um jogo-brincadeira, sua prática procura despertar a importância e atenção aos acordos.

Maurício: E que antes do chute tem que falar sapato; e de que não tem lateral. A minha primeira pergunta é: Teve respeito às regras? As equipes merecem pontos de respeito às regras?

Educador Leonel: Respeitar as regras sim.

Maurício: E respeito às outras pessoas? Alguém se sentiu desrespeitado durante o jogo?

Pontes: Alguém?... Alguém?

Maurício: As duas equipes merecem o ponto de respeito.

Educadora Abayomi: Sim.

Maurício: Sim turma?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Então, as duas equipes ganham, cada uma, 10 pontos... E Cooperação? Toda gente tá satisfeita com o tanto que brincou?

Pontes: Sim.

Educador Leonel: Satisfeito?

Maurício: Equipe de colete, a equipe sem-colete merece o ponto... os pontos de respeito?

Quero-Quero: Sim.

Os colegas de equipe de Quero-Quero também sinalizaram que a equipe sem colete merecia os pontos fazendo um aceno positivo através de um gesto de balançar a cabeça. Continuei as problematizações.

Maurício: Sim... E equipe sem colete...

Educador Rodrigo: Respeito? [Educador Rodrigo fez a pergunta com intuito de corrigir minha fala, pois errei o pilar que estava sendo avaliado]...

Maurício: De Cooperação... De Cooperação, merece?

Pontes: Sim.

Maurício: A outra equipe, todo mundo tocou na bola?

Digo: Sim.

Leão: Sim.

Maurício: Equipe sem-colete: A equipe de-colete merece o ponto de Cooperação?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Vocês acham que ali todo mundo tocou na bola.

Educador Rodrigo: Eu só escutei eles falando que tinha alguém fominha no time.

Quero-Quero: Era ela [Apontando para Esther].

Esther: Era ele [Apontando para o Pontes].

Maurício: Mas, você julga que tendo um fominha, que as outras pessoas tocaram na bola de maneira igualitária e justa?

Educador Rodrigo: Tem que ver se eles ficaram felizes de...

Maurício: Você quer passar pra eles?

Educador Rodrigo: Pra eles decidirem.

Maurício: Vocês de verde... Eles já falaram, mas vou perguntar de novo: Vocês acham que vocês merecem o ponto de Cooperação?

Quero-Quero: Sim.

Educador Leonel: Eu estou meio em dúvida... Falar a verdade. Posso argumentar sobre?

Maurício: Pode.

Educador Leonel: É porque, por exemplo. É... Dito que no *Fútbol Callejero* o importante não é você ganhar pelo número de gols e tal. E aí teve aquela hora que o Cauã falou que tava sentindo que ele não tava tocando muito na bola. Talvez seja pelo fato de tipo assim, ele tá um pouco desatento no jogo, mas mesmo assim eu acho que era importante ele ter mais contato com a bola.

Digo: Eu acho que eu sei porque...

Educador Leonel: Então eu acho que ele ficou... Eu acho, particularmente, eu acho que a minha equipe ficou devendo um pouco pro Cauã. Ele não tocou tanto... Eu particularmente acho, que a minha equipe não teve tanto assim, pensando... Meu... Os tanto que vocês fizeram gols, fizeram passes a gol, mas o Cauã... Não assim... Não só pelo fato da inexperiência dele. Mas assim: Talvez se ele tivesse mais contato com a bola ele estaria mais atento ao jogo.

Maurício: Ok... Digo quer falar algo?

Digo: Ém eu acho que é porque o Cauã não... Ficou sem receber a bola, tinha hora que o Educador Leonel ficava jogando a bola pro... Pro Cauã, eu acho que eu ficava um pouquinho tirando a bola dele.

Maurício: Do Cauã?

O participante acenou positivamente com a cabeça, confirmando que se tratava de suas investidas para tomar a posse de bola de Cauã. Decidi que seria prudente perguntar ao próprio Cauã o que ele pensava sobre sua própria participação. Perguntei se ele estava satisfeito e se ele percebeu se seu time havia se esforçado para passar a bola para ele. O participante, com expressando alguma timidez, sinalizou positivamente para ambas perguntas com um simples aceno com a cabeça. Ou seja, que tanto estava satisfeito, quanto seus/suas colegas de equipe se esforçaram para incluí-lo na partida. Diante das considerações de Cauã, retomei a pergunta:

Maurício: Então a pergunta é: Time de colete, a sua equipe merece o ponto de Cooperação? Já é algo diferente do que o Educador Rodrigo falou.

Educador Leonel: Você acha que a gente merece? [Direcionando sua pergunta para Cauã que respondeu afirmativamente com um balanço de cabeça]. Você ficou satisfeito mesmo,

com o tanto que a gente fez... De esforço? [Novamente o participante acenou positivamente com um simples balançar de cabeça]... Então, sim.

Maurício: Então as duas equipes pontuam com 10 pontos cada uma... E solidariedade? Houve solidariedade durante o jogo?

Resposta em coro: Sim (10).

Maurício: Teve turma? Solidariedade é o que você pode fazer... Hein Digo e Leão [procurei ter a atenção destes participantes que disputavam a bola entre si, e não estavam atentos aos diálogos]... Para as pessoas da outra equipe? Segura a bola agora [Voltei a ponderar a atenção com os dois participantes distraídos].

Pontes: Teve... Teve... Teve...

Maurício: Teve? Vocês sabem dar exemplos de Solidariedade que teve no jogo?

Pontes: Ele caiu [Apontando para o Quero-Quero] e o... Foi o...

Educador Leonel: Rodrigo?

Pontes: Não foi o...

Educador Rodrigo: Quem caiu?

Pontes: Ele [Novamente apontou para o participante Quero-Quero].

Quero-Quero: Professor, quando você falou... [Participante interrompeu a fala e pareceu estar surpreso com a indicação que seus colegas faziam]. Que? eu caí? Não fui eu!

Educadora Abayomi: foi o Leão que caiu gente.

Nino: Foi o Leão.

Quero-Quero: Professor, você falou que solidariedade tinha que... Que... Não podia uma pessoas... É... uma pessoa tá aprendendo a jogar e o outro mais habilidoso ir pegar, não é isso que você falou?

Maurício: Poderia ser! Mas, não é obrigado. Ser solidário, é um exemplo disso.

Quero-Quero: As vezes o Leão ele... Pegou a bola, aí eu já tava... Aí eu, na hora que ele pegou a bola eu já tirei dele. Por isso.

Maurício: Então você deixou de ser solidário (11). Agora minha pergunta é: Existiu solidariedade nesse jogo?

Marco: Sim.

Educador Rodrigo: Sim.

Maurício: E aí se teve, quais foram os momentos?

Marco: Na hora que ele caiu [apontando para o Leão].

Educador Leonel: Ah, é! Na hora que ele caiu [Também apontou para o Leão]. É... Eu ia ajuda-lo, mas aí o Educador Rodrigo ajudou ele, mas tudo bem.

Maurício: Os dois são do mesmo time? [Me referindo ao Educador Rodrigo e o participante Leão].

Educador Leonel: Não eu sou... Ah! Os dois são da mesma equipe. Mas assim, eu tive a intenção de ajudar ele quando ele caiu, mas o Educador Rodrigo chegou primeiro. Entendeu?

Maurício: E você conseguiu efetivar a sua solidariedade ali naquele lance?

Educador Leonel: Não porque o Educador Rodrigo chegou primeiro.

Maurício: Então, existiu seu ato solidário... A solidariedade existiu ou existiu a intenção.

Educador Leonel: Existiu a intenção. É o que ia falar... Eu esperava... O Educador Rodrigo o ajudou, mas eu tive a intenção de ajuda-lo quando ele caiu.

Maurício: Tá... Tá registrado... (12) Alguém mais viu solidariedade durante o jogo, ou foi só esse episódio... Então, por enquanto, a solidariedade se existiu foi a intenção do Educador Leonel, que é do time verde, pro time sem-colete. É isso? Só teve esse episódio do time verde de solidariedade.

Pontes: Não, quando você fez a falta aquela hora [indicando que o Quero-Quero teria feito uma falta], eu acho que foi o Educador Rodrigo que ajudou ele a levantar. Você não lembra?

Quero-Quero: Teve uma hora que eu tava assim... Teve uma ho...

Educador Rodrigo: Ah... Teve uma hora que ele sofreu a falta aqui no meio.

Quero-Quero: Teve uma hora que eu tava ali no meio aí ficou alguém atrás de mim falando não sei o que? Me segurou assim [gesticulou simulando receber um abraço pelas costas]... Alguém... Não sei.

Educador Rodrigo: Eu fui ver e ele tava bem só. Porque ele pegou por trás [Indicando que Leão teria acertado Quero-Quero pelas costas]... E ele caiu.

Pontes: É.

Quero-Quero: É tinha alguém atrás de mim.

Pontes: Deu um carrinho!

Educador Rodrigo: Deu um carrinho? Não ele caiu!

Pontes: Não, ele não caiu... O coisa pegou ele por trás [apontando que Leão não tinha caído, mas dado um carrinho intencionalmente em Quero-Quero].

Educador Rodrigo: Ele não caiu com a mão no chão? [Perguntando se Quero-Quero não havia caído].

Pontes: Não foi que ele colocou o pé [Apontando para Leão].

Quero-Quero: É ele colocou o pé... Não, assim nessa hora, teve uma hora... Assim, não sei se foi nesse jogo [participante pareceu estar confuso sobre o que havia acontecido]. Eu tava

assim. Eu tava de costa, aí ficou alguém me segurou assim [repetiu o gesto de ter sido segurado por alguém que estava atrás dele]... E falou "Opa"!

Educadora Abayomi: É, eu fiz isso num momento com você, porque eu passei o pé em você e pra você não cair eu segurei você.

Maurício: Aí, logo em seguida, eu lembro desse lance...

Educadora Abayomi: Mas você não caiu... Você não fez nada.

Maurício: Leão te deu um "rodo"?

Pontes: Olha a Educadora Abayomi dando um rodo.

Educador Rodrigo: No mesmo lance.

Maurício: Foi... Nem um minuto depois.

Quero-Quero: Doeu aqui ne mim, no meu machucado [Apontou para a região do joelho direito], no meu machucado.

Maurício: Aí você falou ainda: "Oloco, ô! ".

Educadora Abayomi: É foi pro Leão isso.

Maurício: E aí o Educador Rodrigo te levantou. Você entende que o Educador Rodrigo te levantar foi um gesto solidário? [Pergunta direcionada para o participante Quero-Quero].
Você entende?

O participante Quero-Quero sinalizou positivamente com um gesto com a cabeça. Segui com a problematização.

Maurício: Então as duas equipes expressaram solidariedade?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: As duas equipes merecem os pontos de solidariedade?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Então, 10 pontos para cada equipe. (13)

Nino: Acabou quanto?

Maurício: Vamos saber agora... Alguém mais quer falar mais alguma coisa sobre o jogo?

Ninguém sinalizou interesse em dizer mais nada sobre a partida. Procedi à somatória dos pontos conquistados por cada equipe referentes à cada um dos pilares, bem como daqueles referentes à conversão dos gols para pontos. O resultado final foi de 31 pontos para equipe com sem-colete e a Equipe com-colete [verde] Marcou 33 pontos.

Maurício: O jogo acabou 31 para o time sem-colete e 33 para o time com-colete. Vocês têm acordo?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Então, no *Fútbol Callejero* a gente celebra os acordos com uma salva de palmas.

Toda gente aplaudiu. O relógio marcava 16h35min., orientei para que as crianças lavassem as mãos e bebessem água para que nós pudéssemos realizar a Roda Final e servíssemos o lanche.

C. P. MAURÍCIO – Ao lançar um olhar para a prática do *Fútbol Callejero* que foi desenvolvida hoje (1º, 2º e 3º Tempo) pude perceber a emersão de um sentimento de satisfação da minha parte, bem como a partir da própria expressão deste sentimento feita pelos/as participantes durante a Roda Final. Destaco minha percepção acerca de uma genuína fruição do brincar que se manifestou a partir do esforço, de cada um e de cada uma, nas diferentes situações de jogo (passar a bola, tentar tomar a bola do adversário, nas situações de ataque e de defesa), bem como na expressão alegre que foi estampada nos momentos de sorriso, inclusive quando dialogávamos acerca de um lance dito “faltoso” que ocorrerá com o participante Quero-Quero. Destaco, inclusive, a atitude brincante dos Educadores e Educadoras que, junto com as crianças e adolescentes, brincaram e se divertiram a partir de uma relação que respeito todas as diferenças existentes entre cada um/a (força física, sabedoria/experiência de jogo, habilidades específicas para o futebol).

A Educadora Abayomi coordenou a Roda Final hoje. Deste modo, não houve nenhum comentário e/ou aproximações com o *Fútbol Callejero* para que eu tomasse nota. As atividades agendadas para a semana seguinte os jogos Rei-Rainha; Levantamento de Temas para o Jornalzinho e Piscina.

Servimos bananas e bolacha tipo água e sal. Nos despedimos das crianças e eu fiquei mais alguns minutos no espaço para contribuir com a confecção do diário da equipe do projeto.

Diário – V**08/11/2016**

Participantes: Klevis; Nino; Pontes; Julha; David; Quero-Quero; Leão; Esther; Lucas; Cauã; Digo; Dino; Fernanda.

Visitantes: Melissa Freitas Silva; Jovico (menino novo do futebol); Dadá (irmão da Milena) Carneiro (menino do futebol); Milena;

Vivências: *My-god*; Jornalzinho e Piscina.

Equipe pedagógica: Educador Rodrigo; Educador Leonel; Educadora Abayomi; Educador Maurício;

O projeto VADL-MQF possui em sua dinâmica de trabalho a sistematização das vivências em três momentos: “Roda Inicial”. “O desenvolvimento das vivências” e a “Roda Final”. Em diálogos com o Prof. Leco (orientador desta pesquisa de doutorado e também coordenador do projeto de extensão VADL-MQF), sinalizei minha percepção acerca da consonância entre a dinâmica dos três momentos deste projeto de extensão com a metodologia do *Fútbol Callejero* que preconiza, enquanto perspectiva metodológica, o desenvolvimento do jogo em “três tempos” (“1º”, “2º” e “3º” tempo).

No VADL-MQF a “Roda Inicial” possui a intencionalidade do estabelecimento do diálogo com os/as participantes de modo que possamos apreender um pouco mais do mundo-vida de cada uma/a. Para tanto, perguntamos para as crianças se elas possuem novidades que gostariam de contar? Como foi a semana anterior? O que fizeram de interessante e que gostariam de contar para os/as colegas? De modo geral, as crianças apresentam elementos e práticas presentes em seu dia a dia. Por exemplo: acontecimentos ocorridos na escola; onde e com quem brincam; visita a familiares; suas práticas de lazer; onde e com quem moram; para citar algumas possibilidades de diálogo. Hoje, fui eu o responsável por conduzir este momento.

Após a seção inicial de “comunicação”, mas ainda compondo nosso momento de “Roda Inicial”, procurei lembrar a programação do dia. Para tanto, perguntei: “O que estava combinado para hoje? Diante da lembrança e apresentação das atividades programadas, estabelecemos acordos acerca da sequência com qual será desenvolvida as atividades, também dialogamos acerca dos objetivos das vivências, de suas regras e, em seguida, iniciamos suas práticas.

Conhecendo o objetivo metodológico que é empreendido no 1º Tempo do *Fútbol Callejero* (estabelecimento de acordos coletivos acerca das regras e de valoração dos pilares que sustentam sua prática – “Respeito”, “Cooperação” e “Solidariedade”), fui para campo com a intencionalidade de explicitar tal consonância para as crianças e para a equipe pedagógica, de modo a observar as potencialidades educativas que emergem das interfaces entre as práticas do VADL-MQF com a do *Fútbol Callejero*, mesmo hoje não estando programada a vivência de tal prática.

Após os informes, anúncio de novidades e comunicações que são costumeiramente feitas na “Roda Inicial” comentei o meu intento de realizar aproximações entre o *Fútbol Callejero* com as demais vivências que seriam desenvolvidas neste encontro.

Maurício: Vocês lembram que eu comecei falando que o *Fútbol Callejero* parecia com o nosso projeto? Ele tem a “Roda Inicial” que seria o “1º Tempo”... O projeto tem a “Roda Inicial”, não tem?

Lucas: Tem!

Maurício: Aí o *Fútbol Callejero* tem o tempo de bola rolando, não tem? Nosso projeto o tempo de bola rolando seriam as brincadeiras. Hoje as brincadeiras quais são?

Lucas: *My-god*.

Nino: Piscina.

Maurício: *My-god*, Piscina e Jornalzinho. Vamos pensar pra uma regra que a gente possa compartilhar nesses três espaços? Quais são os pilares do *Fútbol Callejero*?

Lucas: Solidariedade, Cooperação e Respeito;

Maurício: Será que a gente pode pensar na piscina de maneira respeitosa, solidária e cooperativa?

Resposta em coro: Sim!

Maurício: Como?

Nino: Respeitando as regras da piscina. (1)

Maurício: E quais são as regras da piscina?

Nino: Não pode ir sem sunga!

Lucas: Não pode correr, pular e dar mortal!

Maurício: Mas as meninas vão entrar na piscina de sunga?

Resposta em coro: Não!

Nino: Maiô!

Lucas: Não pode dar mortal... Não pode correr.

Maurício: Mas não pode muita coisa! Vocês sabem porque não pode tudo isso?

Lucas: Porque machuca.

Nino: Porque é perigoso... É perigoso escorregar e bater a cabeça no chão.

Maurício: Legal Nino... Mas é importante levantar o braço... Fala Klevis.

Klevis: Pode se machucar e se afogar.

Maurício: Pode se machucar e se afogar... Dando mortal as vezes você não vê quem está na água. Porque você pode vir correndo e dar esse salto chamado de mortal... E olha o nome do salto “mortal”. Porque que ele chama mortal?

David: Porque ele pode matar.

Maurício: Pode inclusive causar a morte, não é atoa né?... O... Tem mais gente com o braço levantado ainda. Quem era... Ah, esqueci seu nome [Direcionei minha fala para a participante Milena].

Milena: Milena.

Maurício: Milena, diga Milena!

Nino: Pode te chamar de Madu?

Milena: Não, é Milena!

Maurício: Milena, você queria falar uma regra sobre a piscina.

Milena: É... não pode dar cambalhota, porque se não bate a cabeça.

Maurício: É... É outro problema de se dar o mortal. Então vocês entendem que essas regras existem, no caso as da piscina, para tornar a piscina mais segura. E as outras [regras] mais agradáveis. Por exemplo: passar no chuveirão. Todo mundo sabe o que é o chuveirão lá?

Resposta em coro: Sim

Maurício: Porque a gente tem que tirar o sal do corpo. O sal é o suor... A sujeira, pra água não ficar suja. Outra regra que vocês falaram e talvez não saibam o porquê? Porque que só pode nadar de sunga?

Leão: Porque se não vai mostrar... [o garoto interrompeu a fala franzindo as sobrancelhas e dando um leve sorriso, como se a “coisa” que estivesse prestes a comunicar era sabida por toda gente].

Maurício: Vai mostrar?

Lucas: A cueca! [O participante disse “cueca” de maneira cômica e entusiasmada. Minha impressão é de que ele mesmo queria ter dito outra coisa, e usou de uma forma cômica para disfarçar o nervosismo].

Maurício: A cueca? É isso que você ia falar Leão?

Nino: Vai mostrar “as partes pessoal”.

Maurício: As partes pessoal? E quais são as partes pessoal?

Lucas: íntimas?

Maurício: E quais são as partes íntimas?

Cauã: Pingulim.

Maurício: Pingulim? É pingulim que vocês chamam?

Nino: É pênis.

Maurício: Pingulim ou pênis... Isso! E a nossa colega Fernanda? Ia mostrar o pingulim dela?

Nesse momento as crianças riram, parecendo estar surpreendidas.

Nino: Ela tem outra coisa.

Maurício: E como é que é o nome da outra coisa?

Lucas: Não sei.

Nino: É... Vagina.

Maurício: Vagina... É verdade... Turma, pênis e vagina não são nomes feios. É claro que tem o lugar certo e o momento certo para se falar. Aqui na nossa roda Enrique [O participante Dino conversava com Nino, com aparente desatenção ao diálogo que estava sendo estabelecido] é o momento que a gente está conversando sobre isso. Então o Leão disse: “Olha, a gente tem que usar sunga e as meninas biquíni para não mostrar as partes”... que é no caso dos meninos o pênis e [no caso das meninas] a vagina. Mas é mais do que isso. O clube não permite que a gente use shorts [bermuda] de futebol ou cueca ou calcinha. Porque se eu jogo bola, e minha cueca é de algodão, ou de qualquer outro material, ela segura o suor. O suor é algo higiênico?

Resposta em coro: Não.

Maurício: Então imagina eu entrar na piscina suado. Vai ser higiênico?

Resposta em coro: Não

Maurício: Eu não uso sunga para jogar bola. Eu não deveria, ao menos... Nem biquíni. Então eu coloco uma roupa limpa para entrar na piscina essa roupa limpa a gente sugere que seja maiô para meninas e para meninos, ou biquíni para as meninas e sunga pra menino... Existe o “sunquíni” também, não sei se vocês já ouviram falar... É um biquíni maior pras meninas com a parte de cima. Parece uma sunga e um biquíni. Muito bem, então veja as regras são feitas na possibilidade de a gente conviver de maneira mais harmoniosa e boa. Eu não... por ora eu não consigo lembrar de uma regra que seja feita para nos tornar mais triste aqui no projeto. Aqui no projeto, até agora, eu não sei de uma regra que seja para feita para colocar

vergonha na outra pessoa, para entristecer alguém... É sempre para que seja mais e mais prazeroso (2).

Carneiro: *Bullying.*

Maurício: Que não cause *bullying*.... Muito bem! Então, na piscina, já falaram algumas regras. Mas e no *My-god*... Não é pra falar regra do *My-god*. É para falar regras ou coisas que tornem mais cooperativa, mais solidária e mais respeitosa nossa participação durante o jogo *My-god*...

Após essa orientação, apresentei um possível exemplo, indicando que uma pessoa mais habilidosa poderia, em um gesto de solidariedade, não realizar o arremesso para acertar de imediato uma pessoa menos habilidosa, quando esta estivesse próximo à linha onde ficam posicionados/as os/as jogadores/as que irão fazer o arremesso (para queimar um/a adversário/a). Apresentei tal possibilidade salientando que se tratava de um exemplo de solidariedade (3).

Diante destes meus esclarecimentos e exemplo, o participante David sugeriu o seguinte:

David: Quando a bola estiver dentro do campo de quem está montando, poder pegá-la.

Maurício: Poder pegar? Vocês topam turma?

Nino: Não! [Respondeu o garoto de maneira bastante efusiva].

Maurício: Porque Nino?

Nino: Por causa que... Não pode entrar no campo que estão montando as latinhas.

Maurício: Mas ele [o David] está dizendo agora que seria um gesto solidário que a equipe de quem está montando a lata permitir que o adversário entre [na cancha do adversário]. Mas eu posso queimar o adversário? [Esta pergunta direcionada ao David, propositor da regra]... É só pra pegar a bola? Daí eu me afasto até a linha?

David: Sim.

Maurício: Olha... Achei legal hein?

Leão: Eu topo! [Disse o participante de maneira espontânea e com excitação, chegando a levantar do assento da cadeira].

A afirmação espontânea do participante Leão me incentivou perguntar se toda gente topava vivenciar tal regra. Todas as crianças levantaram o braço indicando positivamente o acordo com esta possibilidade, inclusive o participante Nino que inicialmente havia argumentado contrariamente ao implemento desta regra (4).

O próximo valor a ser combinado era o da “Cooperação”. Perguntei para às crianças o como poderia ser uma atitude cooperativa dentro do “*My-god*”, suscitando as seguintes falas das crianças:

Maurício: Bom, respeito a gente já falou. E cooperação? Como poderia ser uma atitude cooperativa do *My-god*?

Nino: Passar a bola para o outro!

Maurício: Para o outro do próprio time?

Nino: Ahã [o garoto respondeu afirmativamente].

Maurício: Muito bom! O Nino foi muito inteligente agora Nino. Porque a cooperação no *Fútbol Callejero* é o que você faz para que a pessoa da sua equipe sinta prazer em ter participado... Não é? Não é isso? Ou seja, envolve participação de todo mundo. Às vezes o Leão está lá... E eu já ví o Leão jogando e o Leão é muito bom! Agora eu vou dar um exemplo tá? Eu nunca vi isso: O Leão sendo muito bom, ele quer fazer todos os arremessos. E aí está eu lá. Eu já falei que sou meio lento né? Não tenho nenhuma habilidade, e não consigo pegar nenhuma bola para arremessar. Ele poderia, num ato de cooperação, passar a bola para mim que sou do time dele, que sou parceiro dele, e que o projeto... O projeto inteiro, e o jogo *My-god* só vai ser legal se eu participar também. Então, ele sendo meu parceiro ele pode: “o, arremessa lá também” [citando um exemplo do ato de compartilhar o ato de arremessar com um colega de equipe]... Isso no *My-god*, na queimada, no futebol, no bixigôlei... Em todo jogo dá pra ser cooperativo. Claro, pensando no *Fútbol Callejero*. Cooperação é algo maior ainda que o *Fútbol Callejero* nem pensou ainda. Mas, vocês entenderam como dá para ser cooperativo? Como é que eu faço o parceiro, do meu time, jogar também e ficar feliz por ter participado? Isso é pensar de maneira “*Callejera*”, por causa do *Fútbol Callejero*. E ao final, será que na roda final de hoje a gente consegue chegar e falar: Quem aqui merece o ponto de cooperação? E aí ah... Eu fiz isso porque cooperei [falando como se fosse um exemplo de uma criança projetando a resposta]. Quem aqui merece o ponto de solidariedade? Eu, porque em um momento do projeto na piscina... A piscina não tem equipe né? Mas dá pra ser solidário: As vezes eu não quero brincar de caça as pérolas, mas eu brinco porque se eu não brincar não vai ter graça pro meu colega. Então eu vou ser solidário à sua vontade e vou brincar também. Tudo bem? Então solidariedade dá pra você expressar em diferentes momentos. É quando você permite que a outra pessoa participe ajudando essa outra. Tudo bem? É... Vamos fazer esse teste hoje?

David: Sim.

Nino: Vamos! [respondeu o participante de maneira entusiasmada].

Maurício: Então vamos começar pelo jogo de integração. (5)

Todavia, embora esteja estabelecido na rotina do VADL/MQF o início a partir de uma atividade de integração, percebi que uma participante poderia ser afetada, neste caso negativamente, pela sequência em que fosse desenvolvida a atividade. Posto que Esther não participaria da piscina, mas tinha grande interesse em participar do *Jornalzinho* e do *My-god*. A decisão da sequência em que seria desenvolvido o diálogo foi mote de intenso diálogo que transcrito:

C. P. MAURÍCIO - Foi estabelecido um pequeno conflito nesta tarefa que parecia ser simples. Fazia um clima muito agradável para utilizar a piscina. Muitas crianças tinham grande interesse e ansiedade em utilizar a piscina, com exceção de Esther que nunca participou desta atividade conosco. Ela tem 13 anos e gosta muito de futebol. Treina junto com os meninos na escolinha de futebol do Clube dos Metalúrgicos. Com isso, se seguissemos a rotina usual (jogo de integração, piscina, jornalzinho e lanche) Esther não participaria do *Jornalzinho*, cuja garota apresentou grande interesse. Percebi que não havia risco de chover, ocasionando o consequente cancelamento do uso da piscina. Contudo, esta percepção até aquele momento era minha. Minha decisão por dialogar foi possibilitar a reflexão da possibilidade de sermos empáticos e solidários com Esther, uma vez que as demais crianças tinham o interesse e disponibilidade para desenvolver todas as atividades previstas.

Maurício: A gente ia conversar hoje sobre a sequência das coisas.

Lucas: A sequência do que?

Maurício: A sequência com o que a gente vai fazer as atividades. Vocês vão me falar se chover, ou se tiver pressa porque vai chover. Será que hoje vai chover turma?

Resposta em coro: Não.

Maurício: Não parece... Então a gente precisa se preocupar que daqui a uma hora vai chover?

Resposta em coro: Não.

Maurício: A piscina precisa ser feito agora neste instante?

Resposta em coro: Sim.

O participante Lucas respondeu “sim” e foi seguido por um coro que lhe acompanhou na resposta. Imediatamente ao coro de “sim” as crianças, espontaneamente sorrindo, achando graça. Logo após os risos o participante Lucas, declinou em sua resposta,

dizendo “não”. Com isso, parte da turma também voltou atrás e começaram a espocar “nãos”. Quando a turma silenciou, retomei o diálogo sugerindo uma melhor reflexão e argumentações.

Maurício: Então, eu acho que a gente pode conversar. E... É... Mas, tem que ser honesto: “Ah, o meu interesse é de nadar ué!”. Mas precisa ser neste momento. Ter sabedoria e falar: “Olha realmente parece que não vai chover agora! Não é urgente entrar na piscina”. Não parece que vai chover daqui à uma hora! Mas, se a gente entrar na piscina agora. Dá tempo depois de fazer o *My-god* e o Jornalzinho?

Milena: Sim!

Maurício: Porque? Se a gente fizer como foi programado: *My-god*, Piscina e terminar com o Jornalzinho, parece-me que a gente consegue controlar o tempo da piscina, ou aumentando ou diminuindo. Mas, se a gente começar com a piscina agora, eu acho que o *My-god* é um jogo que não dá pra cortar no meio: “Ah não vai dar tempo de terminar”. Não é frustrante não terminar o *My-god*?

Dino: É!

Ainda no meio deste diálogo, consultei a Educadora Abayomi para saber qual era o mote de desenvolvimento do Jornalzinho. A Educadora sinalizou que o objetivo era a conclusão do desenho que tinha como tema “Dia dos Professores” e “Semana da consciência Negra”. Ponderei que o tempo para desenvolvimento da atividade de Jornalzinho também poderia ser controlado/programado. Segui com as problematizações:

Maurício: Então, quem gostaria de sugerir uma sequência. Sabendo que a gente já tem uma sugerida, que é: *My-god* de integração, Piscina e Jornalzinho? Quem quer sugerir uma sequência? teve dois colegas [duas crianças levantaram as mãos pedindo a fala].

Nino: Eu: piscina, *My-god* e Jornalzinho.

Maurício: Legal. Porque?

Nino: Por causa que... a piscina a gente já entra pra refrescar. E a gente quer se refrescar.

Maurício: A piscina vai tá refrescada e vocês querem se refrescar? Vocês concordam com ele turma?

As crianças responderam todas de uma só vez, concordando ou discordando, tornado um coro homogêneo e confuso de “Sim/Não”.

Maurício: Há quem não concorde. O Quero-Quero levantou o braço e?

Quero-Quero: é! Jornalzinho, *My-god* e depois a piscina.

Maurício: E porquê?

Quero-Quero: Ah... É... Eu não sei! [Disse após alguns instantes de silêncio].

Diante de seu silêncio eu ia dizer algo, mas notei que outro participante pediu a fala.

Maurício: O Carneiro quer dizer algo também.

Carneiro: Piscina, Jornalzinho, depois *My-god*.

Maurício: Piscina, Jornalzinho e depois *My-god*. Porque?

Carneiro: Pra piscina não atrapalhar o tempo do *My-god*.

Maurício: Pra não atrapalhar o tempo do *My-god*.

Aquela era a primeira vez que Carneiro participava do projeto em uma terça-feira. A Educadora Abayomi aproveitou o ensejo da fala deste participante para perguntar se o mesmo iria participar do treino de futebol. Ele respondeu que sim. Abayomi justificou sua curiosidade devida a necessidade de organização do lanche. Posto que nosso combinado é de que as pessoas que participarão do treino devem participar atividade das atividades elencadas e retornar para o momento do planejamento das atividades da semana seguinte e do lanche. Aproveitei e perguntei se mais alguém participaria do treino de futebol. Para além de Carneiro, somente a Esther sinalizou positivamente. Explicitei minha preocupação:

Maurício: Porquê, se a gente começar com o *My-god*, ou por qualquer atividade que a gente começar... Que horas que começa o treino de vocês?

Esther: As quatro horas.

Maurício: Então, independente do que a gente começa, as quatro horas vocês vão abandonar a atividade e ir pro [Treino de futebol]... Então a gente pode ouvir esses dois colegas, e as vezes eles sinaliza. Você gostaria de começar com o que [direcionando a pergunta para Esther]?

Esther: Não sei. *My-god*.

Maurício: *My-god*... Hoje nós temos *My-god*, Jornalzinho e Piscina.

Esther: Jornalzinho e piscina.

Maurício: *My-god* por último?

Esther: Não, piscina por último.

Maurício: Você tem que pensar em algo que você queira muito, pra... Pras quatro horas?

Esther: É!

Maurício: Porque você vai estar com a gente até as quatro. Então, o que é que você consegue estar, “vocês” [indicando que o participante Carneiro também deveria refletir acerca de tal problematização], até as quatro vivenciar com a gente. Porque depois vocês vão para o treino e só no final: às quatro e meia? Ou vocês não voltam para a roda final?

Esther: Volta.

Maurício: Tem que ver que até às quatro vocês estão com a gente.

Educadora Abayomi: É porque você não vai entrar na piscina né? Aí se eles resolve fazer piscina primeiro você fica de fora.

Maurício: Ai não ia fazer a atividade.

Pontes: Professor! E se a gente fazer futebol... Ah... *My-god* e piscina.

Maurício: *My-god* primeiro!

Pontes: Aí depois vai ter meia hora pra fazer os desenhos do jornalzinho.

Maurício: É outro argumento. Então, turma, alguém mais quer falar sobre isso?

David: Não.

Toda a turma ficou em silêncio. Prossegui o diálogo com a intenção de finalizar o tema.

Maurício: então o Pontes está sugerindo manter o que está combinado: *My-god*, piscina e Jornalzinho. Isso foi mais ou menos o que você falou, não foi João?

Quero-Quero: O que?

Maurício: *My-god*, piscina e Jornalzinho.

Quero-Quero: Não.

Lucas: Ele falou... Jornalzinho... [foi interrompido pelo participante Quero-Quero].

Quero-Quero: Jornalzinho, *My-god* e piscina.

Maurício: Nós temos o Carneiro junto com o Nino que falou: piscina, Jornalzinho e *My-god*. E... [fui interrompido por Nino].

Nino: Não, foi *My-god* e depois a piscina.

Maurício: Tá! E a Esther... Agora tem duas Marias aí, e pra arrumar confusão é fácil né? Fernanda e Esther... Mas, nós temos também a opção da Esther de começar com o *My-god*, Jornalzinho e piscina.

Esther: É!

Maurício: Vamos ouvir então a Fernanda. Quem sabe ela... dá uma luz aí pra gente.

Milena: Eu acho que a piscina, depois o Jornalzinho e *My-god*.

Maurício: Então, pra quem está falando piscina, eu vou dar uma dica hein. Nós temos no mínimo uma colega que enquanto a gente está na piscina, ela não vai participar com a gente. Se a gente ficar lá, uma hora na piscina. É uma hora que ela não vai brincar com a gente. Quando a gente sair da piscina, vai ser a hora que ela vai pro treino. Então, corre o risco de ela não brincar com a gente hoje. E... vocês seriam solidários a essa colega?

David: Sim.

Dino: Sim! [Participante exclamou “sim” e levantou o braço pedindo a fala].

Maurício: Você quer falar algo Dino. Diga aí.

Dino: É melhor... É... *My-god* primeiro, aí depois Jornalzinho e piscina.

Maurício: A gente pode... No sentido que o Dino tá falando, fazer piscina até o horário do lanche, parar a piscina pra fazer o lanche, combinar as atividades de outra terça-feira. Porque a próxima é feriado, na outra... E encerrar o dia.

David: não vai dar tempo. Porque a gente tem que... Que... Tomar banho, ir no negócio.

Quero-Quero: Acho melhor *My-god*, piscina e Jornalzinho.

Nino: Eu acho piscina, *My-God* e Jornalzinho.

Maurício: Qual é, e porque a melhor sequência pra você. Você já falou, mas porquê?

Esther: Ah... porque eu posso passar o dia com vocês e depois ir treinar.

Maurício: depois ir treinar né? Então você participaria do que com a gente?

Esther: Do *My-god* e do Jornalzinho.

Maurício: Então vejam: Se a gente fizer a piscina no meio das duas, ela vai ficar fora de uma. Seja qual for. Se a gente fizer *My-god* e Jornalzinho, ou Jornalzinho e *My-god* ela participa de duas e na hora que a gente for pra piscina ela se despede da gente.

Milena: Ah, eu acho *My-god* e piscina.

Maurício: Mas você viu que ela vai ficar fora então do Jornalzinho. Mas ela quer fazer Jornalzinho.

Milena: Ah... então é piscina e Jornalzinho.

Maurício: Piscina e jornalzinho? Ela não vai na piscina.

Milena: Então primeiro é.... *My-god* e... [participante teve uma breve pausa e foi interrompida por Lucas].

Lucas: E jornalzinho.

Milena: É jornalzinho.

Nino: Ou podia ser assim: É... Quem não ia na hora que for na piscina, faz o jornalzinho. E quem não for querendo fazer Jornalzinho vai na piscina. Ou, outra coisa.

Maurício: Então o Nino está falando assim ó: “Alguém aqui não quer ir na piscina?”. Levanta o braço pra eu ver... Quem não quer ir na piscina?

Milena: Ninguém!

Lucas: Um só!

Maurício: Só uma pessoa, que é justamente a Esther.

Após esse longo diálogo eu sinalizei que era momento de a turma finalmente decidir o encaminhamento acerca dinâmica de desenvolvimento da programação.

Maurício: Então turma, quem vai decidir é vocês agora. Então, eu quero ouvir qual a nossa primeira atividade de hoje, depois de ouvir todo mundo, saber dos interesses.

Leão: *My-god*.

Milena: *My-god*

Quero-Quero: Não!

Maurício: Porque *My-god*?

O participante Leão tentou responder, mas não conseguiu. Algumas crianças começaram a pensar em voz alta, mas não expressavam de modo audível, pareciam que murmuravam algo. Diante deste impasse, Educadora Abayomi sugeriu:

Educadora Abayomi: Na minha opinião... A gente deve fazer o Jornalzinho agora. Já que nós estamos aqui. E a gente já faz o uso do espaço, tira as mesas. Aí a gente desce, faz o *My-god*, isso pra ser mais dinâmico e... Aí a gente faz o *My-god*, depois a gente vai todo mundo pra piscina. Mas, isso é pra pensar em ser mais fácil de organizar.

C. P. MAURÍCIO – Do meu ponto de vista o diálogo estava cansativo, mas acredito ser importante que as crianças façam o exercício de escolherem o encaminhamento a partir de uma intensa reflexão, uma vez que a escolha poderia excluir ou incluir uma colega. Contudo, percebo que a intervenção da Abayomi se pautou por uma necessidade cronológica de

encaminhamento, cuja análise das expressões da Educadora me faz compreender que o único motivo foi para encaminhar brevemente a questão. Penso que a riqueza está em centrar a análise e a necessidade de encaminhar a programação partir de um intenso refletir de nossa interação/relação com o outro. Do modo explicitado pela Educadora me permite compreender quase que uma necessidade exclusiva de cumprir as tarefas.

A partir da sugestão da Abayomi, fiz uma análise cronológica das possíveis ações, apontando para os/as participantes os horários para cada vivência e, finalmente encaminhamos a questão:

Maurício: Agora são duas e trinta e oito. Se a gente ficasse até às três fazendo o desenho; das três até perto... Perto, não pode ser às quatro; no *My-god*. Pode ser trinta minutos de *My-god*, mais ou menos. Dá pra fazer duas ou três rodadas. E no final perto das quat... Três e quarenta, três e cinquenta entrar na piscina! A gente consegue fazer tudo de maneira agradável. Daí você pode às três e cinquenta [direcionando minha fala para Esther] ir para o treino. Dez pras quatro. Vai lá se prepara, faz sua... Seu aquecimento. É uma ideia boa da Abayomi. Começar pelo desenho, pelo jornal... Desenho, se alguém quiser fazer uma poesia também, enfim.... É, pensando que toda gente pode sair daqui feliz hoje, por ter participado daquilo que queria. Vai ter piscina do mesmo jeito, vai ter jornalzinho, vai ter *My-god*. O que vocês acham?

David: Jornalzinho, *My-god* e Piscina

Maurício: Nessa sequência David?

David: Sim.

Maurício: E vocês?

Lucas: Também acho!

Maurício: Então vamo... Quem acha que a gente deve começar pelo Jornalzinho, ir pro *My-god*, ir pra piscina, levanta o braço [Somente 3 participantes não levantaram o braço].

Lucas: Ganhô!

Maurício: Calma! [Disse isso em resposta ao comentário de Lucas]... Quem acha que a gente deve começar pela piscina, depois ir pro *My-God* e pro jornalzinho?

Somente Nino e Digo levantaram o braço. Perguntei acerca da outra sequência indicada/possível, perguntando quem era favorável de iniciar pela piscina, depois ir para o Jornalzinho e finalizar com o *My-God*. Somente Milena levantou o braço. Assim, a partir dos diálogos empreendidos até aqui, visualizei que maioria dos/as participantes

gostariam de seguir a sequência indicada pela Educadora Abayomi e repetida pelo participante David (Jornalzinho, *My-God*, piscina). Como não se tratava de um consenso, propus então uma votação. Nesta feita, apenas Milena, Nino e Digo, não aceitaram a proposta apresentada pela Educadora.

Maurício: Se começar... Desculpa, se começar pelo desenho, pelo jornal. Vocês participam com a gente? [Pergunta direcionada para Milena, Nino e Digo].

Digo: Sim.

Maurício: Sim?

Milena: Sim.

Maurício: E você Nino?

Nino: Ah... Não!

Maurício: Então... A gente decidiu começar pelo jornal, e não foi à toa. A gente não vai começar pelo jornal porque é... É o que a gente quer, e só! A gente vai começar pelo jornal por um ato de solidariedade com a nossa colega... [Não lembrei o nome da participante].

Esther: Esther.

Maurício: Esther. Então, por enquanto, todos os colegas aqui, inclusive a Milena e o Digo que falaram: “Ah... Aceito”, ganharam um ponto de Solidariedade, menos você Nino. Então vamos ver se até o final do jogo você consegue ganhar esse ponto de Solidariedade, entendeu? Então, vamos começar então pelo Jornalzinho.

C. P. MAURÍCIO – As atitudes de Nino sempre me chamam a atenção. Ora ele é muito solidário e solícito, ora ele apresenta posturas e atitudes ensimesmadas. Contudo, cabe lembrar que no caso específico pode estar condicionado por fatores históricos, uma vez que Esther é tia de Nino. Ademais, acredito que o fato de Nino ser adotado pode influenciar nestas questões de defender interesses. Até no momento da escrita deste diário é difícil de chegar a uma compreensão assertiva sobre a atitude de Nino que está em destaque. Oras: é a intencionalidade do *Fútbol Callejero* que as pessoas defendam seus interesses e, de acordo com as palavras deste participante, ele tinha interesse de se “refrescar”, por isso queria ir imediatamente para a piscina. Em contrapartida, seria notoriamente um gesto solidário e até mesmo cooperativo ele reajustar seus interesses e exercitar a empatia por Esther [sua tia]. Bem, compreendo que a dificuldade esteja no enquadramento e categorização das atitudes ao qual eu mesmo me condicionei na busca por compreender melhor a metodologia do *Fútbol Callejero*. Uma vez que somos e vivemos diferentes ambiguidades e incoerências. (6)

O Jornalzinho é um material informativo bimestral que procura abordar diferentes temáticas. Dentre as escolhidas, procuramos contemplar reflexões acerca de datas comemorativas e/ou de eventos históricos que possam contribuir para que compreendamos a história dos diferentes povos que vivem no Brasil.

Na edição deste bimestre foram eleitos, junto com as crianças, o “Dia dos professores” e a “Consciência Negra”. No desenvolvimento da atividade desta tarde, foi solicitado para que as crianças fizessem um desenho que buscasse retratar essas duas temáticas. As crianças também foram informadas que seriam escolhidos desenhos produzidos pela própria turma para compor uma seção do Jornalzinho.

Posicionamos as duas grandes mesas em nosso espaço de acolhimento. Couberam todas as crianças sentadas, lado a lado, nas cadeiras plásticas. Dispusemos nas mesas vários conjuntos para pintura, compostos por lápis de cor, borracha, régua e lápis de escrever, de modo que se faltasse uma cor específica, ou um material, todos e todas pudessem compartilhar.

Cada um escolheu o que desenhar. Curiosamente, alguns participantes desenharam um contexto de futebol e justificaram dizendo que se tratava da aula de Educação Física. Portanto, contemplando a temática do “Dia do Professor”.

Após 15 minutos desta vivência informei que as crianças deveriam começar a finalizar seus desenhos, pois em 5 minutos deveríamos recolher o material para iniciar o *My-god*. E assim procedemos. Com 20 minutos de vivência recolhemos o material e descemos para quadra para realizar o *My-god*.

My-god.

Conheci este jogo ao longo de minha participação junto ao projeto VADL, quando este ainda era desenvolvido no bairro Jardim Gonzaga, em meados de 2007. O “*My-god*” é oriundo de Moçambique, país do continente africano. Em sua versão original ele é jogado em grandes áreas abertas. No projeto procuramos desenvolvê-lo muito próximo à versão original moçambicana, com pequenas adaptações nas regras.

Utilizamos a quadra poliesportiva do Clube dos Metalúrgicos para organizar a cancha do jogo. Para sua prática foram formadas duas equipes. Estas possuem funções distintas e bem definidas durante a partida, que é disputada em dois tempos que são cronologicamente idênticos. Assim, no primeiro momento uma equipe terá a função de montar uma base/pirâmide compostas por 6 latas idênticas entre si na região central da

canha. Após montar a pirâmide, o/a jogador/a deve passar o pé por cima da lata [como no movimento do golpe de capoeira chamado de meia-lua-de-frente], gritar “*My-god*” e derrubar a pirâmide. Feito isso o/a participante deve voltar para junto de seu grupo/equipe. Cada vez que um jogador conseguir cumprir esta tarefa, sua equipe receberá 1 ponto.

Contudo, concomitantemente às ações aqui apresentadas, os/as jogadores/as da equipe adversária tentarão impedir que seu/sua oponente conquiste pontos. Para tanto, em uma região demarcada da cancha de jogo, os/as jogadores/as irão arremessar bolas (geralmente utilizamos 4 para que a dinâmica de jogo seja mais emocionante) no conjunto de latas, derrubando a estrutura da pirâmide, gerando (re)trabalho para aquele/a que está na ação de montar a pirâmide. Também é possível “queimar” o/a oponente, acertando diretamente a bola neste/a. Quando isso ocorre, o/a jogador/a que foi “queimado” deve deixar o conjunto de latas imediatamente, e como está, retornando para a fila de seu time para que outro/a colega de equipe continue seu trabalho da situação em que foi deixada pelo/a colega anterior.

Após transcorrido o tempo previamente estabelecido, hoje foi combinado 7 minutos por “rodada”, o jogo é interrompido e reiniciado com uma inversão dos “papeis”, ou seja: a equipe que estava montando a base passará nesse segundo momento a tentar impedir que o/a oponente acumule pontos. E a recíproca é verdadeira, pois agora a outra equipe é quem tentará conquistar o maior número de pontos no mesmo período de tempo (7 minutos). Após o encerramento desta segunda rodada é feito um levantamento acerca dos pontos conquistados por cada equipe. A equipe que acumulou mais pontos vence o desafio.

Na versão do jogo que desenvolvemos junto aos/as participantes do VADL/MQF, também identifiquei outras regras importantes para a dinâmica do jogo:

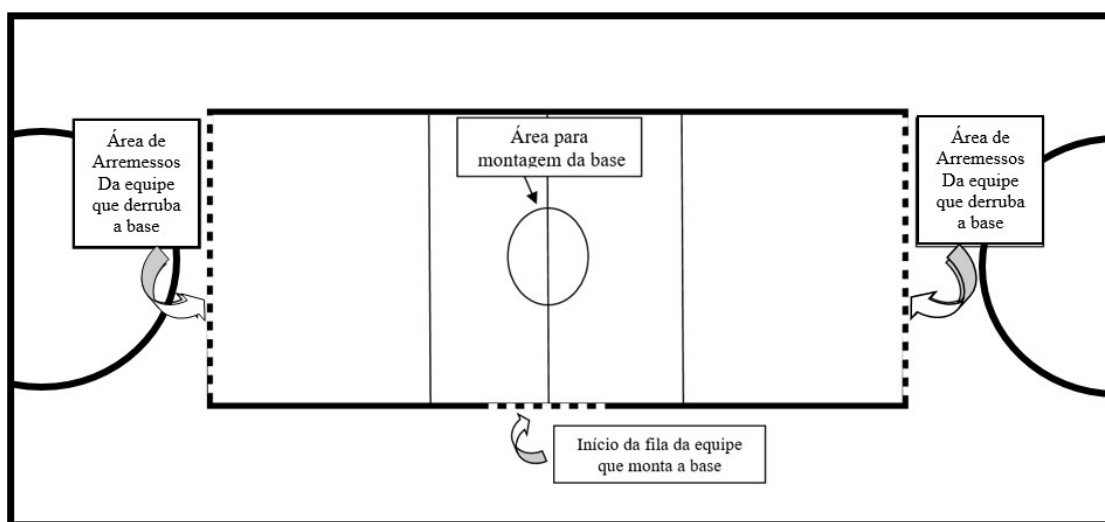
- 1) Para “queimar” um jogador, a bola deve tocar/bater diretamente no corpo do/a jogadora. Portanto, caso a bola quicar no chão o/a jogador/a se mantém em campo;
- 2) O/a jogador/a que está montando a base tem a mão e a região da cabeça (rosto, orelha, nuca etc.) frias, ou seja: Um/a jogador/a jogadora não podem ser queimados/as caso a bola atinja uma dessas duas regiões do corpo. Surge, com isso a possibilidade de se defender e defender sua base.

C. P. MAURÍCIO – Na versão moçambicana os/as jogadores/as devem se esquivar da bola, posto que este implemento não pode tocar em seu corpo. No projeto, nós da equipe pedagógica temos permitido o uso das

mãos para a defesa do corpo e da base devido, principalmente, pelo desenvolvimento em espaços que acabam por restringir a distância, tornando a cancha relativamente pequena. Já a orientação de que toda a região da cabeça é “fria” trata-se de uma estratégia adotada por nós, da equipe pedagógica, procurando não incentivar arremessos e boladas nesta região, uma vez que jogam crianças de diferentes idades [entre 6 e 12 anos] jogam juntos. Já houve ocasiões em que acidentalmente a bola atingiu a região do rosto das crianças “novinhas” [entre 6 e 8 anos]. Normalmente elas choram, pelo susto de serem atingidas nesta região, dado que o impacto da bola promove um abrupto e inesperado agito na cabeça. Diante desses episódios, não foram raras as vezes que as crianças choravam e abandonavam o jogo. Hoje, mesmo com a regra e a orientação houveram participantes que foram atingidos/as acidentalmente na região da cabeça. Porém, as bolas utilizadas são muito leves, justamente pelo que foi aqui exposto. Não causando susto, dor ou lágrimas.

- 3) A conquista do ponto deve ser feita como descrito anteriormente. Caso ocorra de a base/pirâmide cair antes do/a jogador/a ter passado a perna por cima desta, ou ainda em meio à este ato, o ponto não será computado.
- 4) Só é computado ponto quando o/a participante gritar “*My-god*”. Portanto, sugere-se que ele execute tal ação, logo após derrubar a lata. Uma vez que pode ser queimado antes mesmo de completar esta ação.
- 5) A pessoa que irá arremessar para “queimar” o/a adversário/a, ou tentar derrubar a base não pode fazer arremessos das regiões das linhas laterais da quadra de vôlei. Todo arremesso em direção às latas, ou à outros/as jogadores/as deverão ser realizados do fundo da quadra, na área de arremesso.
- 6) Observação: Na variação do jogo original que é desenvolvida pela equipe do VADL/MQF, há uma regra que no qual não é permitida a entrada entro da área de montagem da base por parte dos/as jogadores/as que compõem a equipe que está “queimando. Contudo, em nosso exercício de pensar na cooperação, solidariedade e respeito, proposta pela metodologia do *Fútbol Callejero*, foi elencada uma alteração nesta regra. A saber: foi permitida a entrada do/a jogador/a adversário/a no campo de montagem da base para que pudesse pegar a bola que estava parada. Na ocasião da roda inicial e discussão das regras deste jogo, esta proposição do participante David foi compreendida como um gesto de solidariedade, uma vez que seria intencionalmente proposta uma ação de auxílio à equipe adversária, tendo como referência a regra original apresentada aqui (7).

De acordo com a regra de “número 5”, apresentada anteriormente, torna explícita a orientação dada a todos/as de que a equipe que realizará os arremessos para “queimar” os/as adversários/as, ou derrubar a base/pirâmide precisa, necessariamente, de estar dividida e ter componentes ocupando as duas áreas/regiões de arremesso da cancha, conforme esboço da cancha de jogo.



Para o desenvolvimento deste jogo no clube dos metalúrgicos aproveitamos as marcações da quadra de vôlei. Assim, as “linhas do fundo” de cada lado da quadra do vôlei foram os limites para a equipe que atacava a base. Só é permitido arremessos destes dois pontos da quadra. O círculo central da quadra de futebol também foi aproveitado como uma referência para a montagem da base/pirâmide. Contudo, não era obrigatório o uso deste espaço para a montagem da base. Segue um esboço da cancha para melhor visualização do jogo.

A divisão das equipes ocorreu ainda no espaço de acolhimento. Toda gente participou, crianças e Educadores/as. Foram 11 jogadores/as em cada equipe, e não teve árbitro/a como usualmente ocorre.

Realizamos dois jogos, ou seja, duas rodadas. Cada equipe venceu 1 jogo. Todos e todas se mostraram satisfeitos/satisfeitas. Os participantes Nino e Lucas chegaram a pedir para realizar mais um jogo. Contudo, alertamos os colegas acerca do horário para uso da piscina, pois o relógio já marcava 15h45 minutos e, de acordo com o combinado em roda inicial, deveríamos sair da piscina às 16h30min.

Diante do exposto, as crianças concordaram que era hora de mudar a atividade e assim procedemos: Fomos, com exceção de Esther, todos/as para a piscina. A citada participante se encaminhou para o treino de futebol que começaria em 10 minutos, nos encontrando novamente no momento de roda final.

Piscina.

Hoje foi uma tarde de temperatura muito agradável e propícia para brincar na piscina. Estimo algo em torno de 28 graus. O céu tinha algumas nuvens, garantindo um pouco de sombra sem apresentar risco de chuva.

As orientações e regras para a participação nas atividades da piscina foram discutidas no momento de roda inicial. Atento aos acordos, eu não observei nenhuma situação de desrespeito ao que foi dialogado, de modo que todos os meninos respeitaram o acordo de não gritar no vestiário e aguardar dentro deste espaço até que todos os seus colegas participantes estivessem prontos para sair, juntos, para a área da piscina.

A orientação para que todos saíssem juntos do vestiário tange segurança. Pois, orientamos, intencionalmente, para que os meninos aguardassem dentro do vestiário até que todos estivessem prontos, para somente a partir de então irmos para a piscina. A intencionalidade desta orientação contempla dois pontos: Segurança e cooperação. Posto que estando os dois Educadores dentro dos vestiários, ainda não teria ninguém na área da piscina para cumprir o papel de guarda-vidas. Já a potencialidade cooperativa se relacionava com a orientação dadas aos meninos mais experientes: auxiliar os meninos mais novos com a organização de suas roupas e demais pertences, para a adequada acomodação nos armários. Com grande frequência as crianças mais novas são as últimas a ficarem prontas para além de não serem raras as ocasiões em que deixam seus pertences jogados/espalhados no chão. Temos percebido que o cuidado e organização também precisa ser aprendido, bem como o simples ato de vestir-se autonomamente. Em ocasião anterior o participante Stuart (7 anos) não soube vestir sua cueca e suas meias autonomamente. (8)

O “chuveirão”, como as crianças costumam chamar, é o terror da meninada, posto que ele expela um jato de água fria que causa arrepios por todo o corpo. De todo modo, também foi respeitada a regra de uso. “O chuveirão” é uma grande ducha que fica localizada logo no acesso da piscina. Sua intenção é garantir que as pessoas que irão utilizar a piscina estejam minimamente limpas. Sejam elas participantes do VADL/MQF, ou associados/as que utilizam tal espaço.

O Educador Leonel e eu (Maurício) entramos dentro da piscina para brincar com as crianças.

C. P. MAURÍCIO – A Educadora Abayomi ficou dentro da área da piscina, porém, não entrou na água. Não encontrei em minha memória lembranças da Educadora dentro da água. Penso que seria muito positivo para as crianças à verem brincando junto com elas. Uma vez que junto com o grupo de terça-feira, ela tem sido a única referência feminina.

Outras regras também foram respeitadas, como a de não correr no entorno da piscina para realizar saltos, tampouco houveram os “famosos” saltos “mortais” (9).

De modo geral, as crianças costumam brincar livremente. Portanto, não houve uma intervenção pedagógica dentro da água. Contudo, algumas práticas foram sugeridas por mim, como por exemplo, um “pega-do-tubarão”. Trata-se de uma variação do mãe-da-rua, só que adaptada para o contexto da piscina. Assim, os/as participantes tiveram que atravessar de uma borda à outra sem seres pegues por um/a brincante era o tubarão. Conforme as crianças eram capturadas elas eram transformadas em tubarão.

Também foi realizado o “pega-corrente” dentro da piscina. Neste local as regras são as mesmas quando feito na quadra do Clube dos metalúrgicos. Trata-se de um jogo de “pegar” na qual é iniciado com 1 pegador/a. Quando este toca em um/a fugitivo/a torna-o/a pegador/a. Porém, este novo/a pegador/a deve correr de mãos dadas para a pessoa que lhe pegou. Somente as pessoas que estão nas pontas podem fazer a captura de fugitivos. A cada participante capturado a corrente é ampliada, dificultando para ambos/as jogadores/as [fugitivos/as e pegadores/as]. O jogo é concluído quando todos/as forem capturados/as.

Outra brincadeira que é muito esperada pelas crianças, e que também foi desenvolvida dentro da piscina, é o “caça-às-pérolas”. O jogo consiste no maior número possível de “pérolas” encontradas/capturadas. Tais “pérolas” são “bolinhas-de-gude¹⁰⁴” que são arremessadas dentro da piscina e que devem ser (re)encontradas pelos/as participantes. A equipe que encontrar o maior número de “pérolas” vence a disputa. Podendo ser reiniciado a partir de nova ocultação das “pérolas”.

¹⁰⁴ Também conhecidas como “fubecas”, “burcas”, “burquinhas”, “boligão” ou “bolinhas-de-vidro”. Para o desenvolvimento do jogo “Caça-as-pérolas”, também podem ser utilizadas pedras ou sementes de árvores e frutas, desde que respeitadas as condições de higiene e de segurança das crianças, bem como dos equipamentos do sistema de bomba e filtro da piscina. Portanto, necessita de ter cuidado com o tamanho dos implementos, bem como com a limpeza dos mesmos.

Para a disputa ora apresentada, foram formadas duas equipes. O início do jogo foi marcado pela ocultação das “pérolas”. Ocasão na qual fui o animador da brincadeira. Solicitei para que todos/as participantes das duas equipes se posicionassem na borda da piscina e virados para mim, que estava fora dela. Isso fez com que todos/as ficassem de costas para a outra borda e toda extensão da piscina. Sem poderem olhar para trás, todos/as contavam, junto comigo, a quantidade total de pérolas que eram arremessadas na água (hoje foram 14 “bolinhas-de-gude), de modo que não viam seus paradeiros. Ao terminar de arremessar todas as “pérolas”, disparei o comando para que iniciassem a procura. As “pérolas” encontradas eram depositadas dentro de recipientes relativos a cada equipe.

Realizamos duas rodadas na piscina grande. Percebi que Klevis não estava muito confortável para brincar na piscina grande, pois ele não tinha habilidade de nadar, isso fazia com que seu deslocamento dentro da piscina ficasse limitado à área em que a água não lhe cobria a cabeça. Algo parecido ocorreu com o participante Digo. Porém este, não estava brincando dentro da piscina grande. Por insegurança ele brincava na piscina pequena. Após as duas rodadas, falei com a turma que seria legal experimentarmos brincar na piscina pequena, inclusive, oportunizando a participação de Digo. A maioria dos participantes aceitaram (10).

C. P. MAURÍCIO - Para além do participante Digo, também percebi que Nino brincava sozinho na outra piscina. Na verdade, este participante chegou a iniciar a “primeira rodada” do jogo caça-às-pérolas. Todavia, de maneira inesperada e até mesmo despercebida por toda gente, saiu do jogo. Só fui perceber sua ausência quando pude reparar que Digo estava na outra piscina. Eles não interagem entre si. Nino ficava boiando na flor d’água, quieto e sozinho. No momento compreendi que ele queria experimentar aquela sensação de quietude e tranquilidade. Contudo, tenho observado que ele possui atitudes individualistas, por isso tive dúvidas se era só a quietude ou desinteresse pelo jogo e pela possibilidade de cooperação, mesmo em uma brincadeira não eleita. De todo modo, no instante que em um grande número de participantes foram para a outra piscina, ele acabou brincando de procurar as “pérolas” junto com os/as demais.

Por volta das 16h30min chamamos orientamos as crianças para saírem da água, se envolverem na toalha e irem para o vestiário tomar banho e se vestir.

C. P. MAURÍCIO – Tudo ocorreu da maneira planejada. Mais uma vez as crianças cumpriram com os acordos e regras combinadas. Tive que intervir mais pontualmente no uso dos chuveiros. Pois, percebi que algumas crianças ficavam um tempo maior no chuveiro quente. Potencialmente a sensação gostosa do banho quente após a imersão na água fria da piscina os incitavam a querer se demorar um pouco mais. Contudo, eu controlei o tempo de maneira a evitar o desperdício de água, bem como

oportunizar que todos/as se banhassem em tempo hábil de desenvolvermos a roda final [avaliando o dia], bem como para combinar as vivências do encontro seguinte (11).

(Após todos os meninos se vestirem saímos juntos do vestiário e nos dirigimos para o espaço de convivência para o desenvolvimento da roda final.

Roda Final

Maurício: Então turma, agora na nossa Roda Final, quem está filmando é nosso amigo David. E a ideia da nossa Roda Final é ver se o que a gente combinou deu certo, se alguma coisa saiu do combinado. Então, quem gostaria de falar sobre o dia de hoje? O que é que a gente teve hoje?

Fernanda: Hoje a gente teve aquele negócio lá que eu esqueci o nome.

Maurício: *My-god?*

Fernanda: é, *My-god*. Depois... [participante foi interrompida por Nino];

Nino: Depois teve jornalzinho e “ó” [participante disse isso e, ainda sentado na cadeira gestualmente indicou um mergulho].

Julha: piscina.

Fernanda: É, o jornalzinho e a piscina.

Maurício: Jornalzinho e a piscina.

Fernanda: E a piscina foi muito legal!

Maurício: Muito legal? E nós começamos com o que nosso dia?

Alguns/algumas participantes (Fernanda, David e Leão) responderam quase que simultaneamente: “Com o jornalzinho”. Todavia, atento, o participante Pontes respondeu, imediatamente após seus/suas colegas e com um jeito bonachão: “Com a Roda Inicial”.

Maurício: Ah... Pegadinha!. A gente começou com a Roda Inicial, onde a gente fez nossos acordos né? Será que ao longo do dia teve cooperação, respeito e solidariedade?

Leão: Sim.

Fernanda: Sim!

Maurício: O Nino quer falar. Vamos ouvir o Nino.

Nino: Sim, houve. Eu gostei desse dia.

Maurício: E porque você gostou?

Nino: “Participei”! [Respondeu o participante com um tom que sugeria “obviedade”].

Maurício: Cê participou? Ah... Legal! Olha, a nossa colega quer falar mais uma vez. Diz aí!

Fernanda: Eu gostei da piscina também... Também da... Da... Como é que chama?

Maurício: *My-god?*

Fernanda: É, *My-god*. E eu fiz... como é o nome?

Pontes: Jornal.

Nino: Jornalzinho.

Fernanda: Jornalzinho! (12)

Maurício: Também gostou do jornalzinho? Eu queria ouvir de vocês o porquê vocês gostaram né? Quero-Quero, você queria falar algo.

Quero-Quero: Eu não gostei do jornalzinho.

Maurício: Você não gostou do jornalzinho? E porque você não gostou?

Quero-Quero: Porque eu acho que meu desenho ficou muito feio!

Maurício: Você achou que seu desenho ficou muito feio? Eu não vi, quem mais viu o desenho que o Quero-Quero fez? [Direcionei minha pergunta ao participante Leão].

Leão: Eu?

Maurício: E o que ele fez?

Leão: Fez a “escóia” [entenda-se “escola”].

Maurício: Uma escola?

Leão: A dele né? “A nossa” [essa frase ele falou em voz baixa, como indicando que ambos estudavam na mesma escola].

Maurício: O que é que você achou da escola que ele fez? Você achou feia? Você achou bonita? O que é que você achou?

Leão: Bonita.

Maurício: Você achou bonita? E você Julha? Você viu o desenho que ele fez? Você achou feia, ou achou bonita?

Julha: Eu achei bonita.

Maurício: Bonito ué! [Ao dizer esta frase direcionei meu olhar para o participante João tentando expressar que as pessoas tinha uma percepção diferente de seu desenho].

Fernanda: Eu vi!

Maurício: E o que você achou?

Fernanda: Ah, eu achei bonito!

Maurício: Bonito?

Percebi que o participante David estava com a mão levantada. Como ele estava sendo o responsável pela filmagem brinquei dizendo: “Fala David, e agora? Como é que você faz David? Filma você mesmo!” Aparentemente tímido, o participante sinalizou que não gostaria de aparecer naquela filmagem, ficando registrado apenas a sua voz. Ele nos disse:

David: A própria pessoa que fez... Tipo... Igual que ele falou, não pode fazer isso. Todo desenho que a pessoa faz tem que acreditar que é bonito.

Maurício: Ah... Legal. O David dando uma sugestão. E você aprendeu isso com sua professora?

David: Hã?

Maurício: Você aprendeu isso onde?

David: Ah, na escola.

Maurício: Na escola? Legal! Então fica a sugestão pra você João. Talvez você reencontre esse desenho. Mexa em alguns traços. É importante que você goste da sua produção.

Leão: Eu gostei do jornalzinho, do *My-god* e da piscina.

Maurício: E porque você gostou disso daí?

Leão: Porque é legal é... E também se diverti!

Maurício: Se divertiram? O Nino quer falar turma.

Nino: É... houve cooperação em tudo!

Maurício: Houve cooperação em tudo?

Nino: Solidariedade!

Maurício: Solidariedade? Você pode falar um episódio de cooperação?

Nino: Cooperação? Lá no *My-god*.

Maurício: Teve cooperação no *My-god*? Como é que foi a cooperação no *My-god*?

Por alguns segundos houve um silêncio, intuí que talvez o participante não compreendeu minha pergunta, ou, ainda, não conseguiu expressar aquilo que estava pensando. Deste modo, refiz a pergunta, alterando-a ligeiramente:

Maurício: Como é que a gente pergunta no *Fútbol Callejero* se teve cooperação?

Nino: Passe... Que passou... A bola pra outra pessoa no time pra jogar, o que não está jogando muito... É... Solidariedade o time que tava atacando no *My-god* jogou pra gente... [o participante foi interrompido por Leão].

Leão: E o outro que não tá tacando, dá pra outra pessoa.

Maurício: Óh... Dino e Digo, vocês ouviram porque é que teve cooperação?

Digo: Não:

Maurício: Aí o Nino pode perguntar assim David: “Todo mundo aqui participou do *My-god*”?

Lucas: Sim.

Fernanda: Sim.

Maurício: E todo mundo esteve satisfeito com sua participação?

Resposta em coro: sim.

Maurício: Pôde tentar queimar alguém, ou de tentar armar a lata, marcar ponto? Você está feliz Klevis com sua participação no *My-god*?

Klevis: Tô. (13)

Maurício: Tá? Legal. E o Nino também falou... Começou falar sobre a solidariedade. Onde vocês viram solidariedade hoje! [disse isso enfatizando procurando enfatizar a análises nas vivências desenvolvidas nesta data].

Nino: Eu vi no *My-god*.

Maurício: O nosso colega Quero-Quero quer falar.

Quero-Quero: Professor, cooperação é aquilo de deixar os outros pegar na bola?

Maurício: Se for do seu time é!

Quero-Quero: Ah... Então! É que teve uma hora que... É... Tava ela no meu time, você e a Fernanda e aí tinha vindo umas duas bolas pro lado que eu tavo. E aí eu joguei uma pra lá, e aí alguém pegou e acertou... E aí queimou a pessoa que tava lá montando a base... Eu joguei porque já tinha muito pra mim.

C. P. MAURÍCIO - Foi muito prazerosa a brincadeira *My God*. Pude perceber que nas duas equipes todos e todas participaram ativamente do jogo, realizando arremessos, entrando dentro do campo adversário para pegar a bola (regra nova sugerida pelo participante David em observação à solidariedade). Fiquei muito feliz e satisfeito com o modo com que toda gente participou, bem como com a própria brincadeira. Ela, em-si, é muito gostosa. Em um dado momento da atividade pude observar meu colega de equipe, o Quero-Quero, pegando a bola e passando para mim, e para seus/suas companheiros/as de equipe. Na ocasião da roda final, este gesto foi lembrado pelo próprio participante como um ato de cooperação. Do modo como foi empreendido tal gesto, e a maneira como ele apresentou sua intencionalidade na roda final, compreendi ser genuinamente sua compreensão acerca da cooperação, dentro da perspectiva do *Fútbol Callejero*. (14)

Enquanto empreendíamos esse diálogo a Educadora Abayomi distribuiu as frutas, pois faltavam apenas 5 minutos para às 17 h. Indiquei a necessidade de iniciarmos o encerramento de nosso diálogo.

Maurício: Turma! Hoje o dia foi bastante corrido com coisas muito cheias, teve *My-god*, Jornalzinho e piscina. A gente não vai ter tempo de fazer uma conversa bastante aprofundada agora. Mas, teve um colega que pediu a fala, que é o Cauã. Depois do Cauã falar, Dino [novamente precisei requisitar a atenção deste participante que estava distraíndo seu irmão], a gente vai combinar as atividades da semana que vem. Fala Cauã.

Cauã: Eu tô feliz também porque todo mundo participou e o Nino Também.

Maurício: Olha aí... Está vendo! Todo mundo participou e o Nino também! E teve uma colega que pediu... Como é que você se sentiu [direcionando a pergunta para Esther], porque você pediu para fazer de um jeito e a turma, respeitou, decidiu acolher isso que você pediu. Como é que você se sentiu?

Esther: Legal! Eu achei muito interessante.

Maurício: Legal, e o que foi muito interessante? Que você conseguiu fazer tudo o que você tinha desejo?

Esther: É.

Maurício: Legal (16).

Devido ao horário já adiantado, compreendi que a fala da Esther encerraria os diálogos acerca do olhar que os/as participantes tinham sobre cooperação, solidariedade e respeito. Comuniquei, então aos/as participantes que na terça-feira seguinte (15 de novembro), não teria encontro do projeto, uma vez que será feriado municipal (dia da padroeira da cidade). Outra decisão importante a ser tomada pelo grupo era a escolha da atividade que será desenvolvida na semana seguinte. Neste momento, aproveitei para (re)lembrarei a turma de que na semana anterior (01/11/2016) houve uma atividade que não foi eleita pela turma, a saber: o Pega-vampiro, sugerida pelo participante Nino.

Após esta última seção de informes o projeto foi encerrado. Me despedi das crianças e fiquei no espaço por mais 50 minutos auxiliando na confecção do Diário do projeto.

Diário – VI**22/11/2016**

Participantes presentes: David; Pontes; Fernanda; Marreco; Caique; Cássio; Klevis; Digo; Esther, Dino;

Visitantes: Milena; Melissa; Amigo da Belisa; Dadá.

Vivências: Jornalzinho; Pega-Vampiro e *Fútbol Callejero*

Equipe Pedagógica: Educador Leonel, Educadora Abayomi e Educador Maurício

- Informe: Hoje o Educador Rodrigo se ausentou das atividades do projeto VADL. O Educador justificou por meio de redes sociais eletrônica (aplicativo “watts zap”) o motivo de sua ausência. Em mensagem explicou que está passando por problemas de ordem pessoal.

A tarde de hoje foi uma típica tarde de verão: Sol forte seguido de pancadas de chuva. Com exceção do participante David que vestia blusa de moletom e bermuda, todos e todas as demais pessoas estavam com roupas leve. O calor do sol era muito intenso, porém muitas nuvens nos protegeram. Somente no final da tarde caiu uma forte chuva, mas “passageira”. Mesmo com a chuva foi possível desenvolver todas as atividades que estavam programadas para o encontro de hoje. A saber: Pega-do-vampiro, *Fútbol Callejero* e Jornalzinho. Às 14hrs iniciamos as vivências com a realização de nossa “Roda Inicial”.

Roda Inicial.

Hoje eu coordenei os momentos de Roda Inicial, *Fútbol Callejero* e de Roda Final, respectivamente. Para o primeiro momento, como é de praxe, as crianças fizeram a comunicação de novidades e também de troca de saberes. Após este momento relembramos o planejamento das previsto para hoje no qual constavam as vivências de Pega-Pega-vampiro (integração), o Jornalzinho (elaboração) e o *Fútbol Callejero*.

Chamei a atenção positivamente para as ações, desenvolvidas no encontro anterior (08/11/2017) que buscaram contemplar as premissas dos três pilares da prática do *Fútbol Callejero*: Respeito (Respeito às regras e respeito a outrem); Cooperação (empreender ações e/ou possibilitar que todos/as de sua equipe esteja satisfeito com a própria

participação) e Solidariedade¹⁰⁵ (ações de apoio para as pessoas da outra equipe), mesmo não tendo sido desenvolvido o jogo disputado em três tempos, mas que foram incorporadas intencionalmente junto a outras práticas (My-God e piscina). Para tanto, sinalizei:

Maurício: Acho importante eu falar que eu fiquei muito satisfeito com o combinado que a gente fez na semana passada de pensar, mesmo não tendo o *Fútbol Callejero*, como que a gente podia usar os valores do *Fútbol Callejero*, que são os pilares, quem lembra quais são os pilares?

Marreco: Cooperação

Fernanda: Respeito

David: Solidariedade

Maurício: Muito bem! "Cooperação", "respeito" e "solidariedade". Então... E o que cada um avalia né? O que avalia na "cooperação"?

Fernanda: Ajudar ao outro.

Pontes: O que você pode fazer pelo próximo.

Maurício: Quase... É... Você não está equivocado. Mas cooperação e solidariedade as pessoas confundir. Será que a gente consegue, é porque é do *Fútbol Callejero* né? E o *Fútbol Callejero* é muito específico. Será que a gente consegue dividir um do outro. O que é exatamente cooperação no *Fútbol Callejero*? Eu sempre faço uma pergunta que ela é importante para lembrar da cooperação.

Digo: Cooperação.

Fernanda: Cooperar com as regras.

Maurício: Pode ser. Mas, ele é mais específico ainda.

David: Oloco!

Digo: Cooperar com as pessoas?

Marreco: Todo mundo do time participando.

Maurício: Ah... Essa é importante! Essa é a pergunta principal [me referindo à análise da cooperação].

¹⁰⁵ Tenho percebido que a acepção acerca do que vem a ser "Solidariedade" dentro do *Fútbol Callejero*, não tem contribuído para um profundo saber acerca das ações que podem representá-la. Recentemente, pensei em utilizar o termo "camaradagem", emprestando da capoeira a compreensão de que aquele que joga comigo não é meu "adversário" (de "ad-versar" - não diálogo), mas alguém com quem vivo a experiência de aprender e ensinar aquilo que sabemos, jogando. Ademais, também tenho pensado em dimensões da solidariedade como Empatia, Alteridade e, por fim, aquela que mais recentemente parece-me cumprir melhor o objetivo de ajudar outrem no contexto do projeto VADL/MQF e no *Fútbol Callejero*, que é a "Equidade". Embora eu ainda não tenha debruçado sobre a etimologia da palavra, tenho compreendido como: Tratar de forma desigual as diferenças para superar/dirimir injustiças e condicionamentos históricas/os.

Esther: Ah...

Maurício: Eu sempre pergunto. Todo mundo está satisfeito com a sua participação? Então, quando eu pergunto sobre... Quando eu pergunto sobre Cooperação eu pergunto: "Todo mundo está satisfeito pela participação? Está satisfeito com o quanto participou?" E a gente conseguiu fazer isso por exemplo no *My-god*: ": "óh, todo mundo tá satisfeito com a cooperação?"... Faltou hoje o Quero-Quero. O Quero-Quero não veio, mas ele comentou algo [me referindo ao momento de roda final do encontro anterior, quando o Quero-Quero esteve presente]: "Lá teve cooperação, teve um momento que eu passei a bola para o meu amigo, porque era do próprio time". Então Cooperação é o que a gente faz pra alguém, dentro do *Fútbol Callejero*, alguém da nossa equipe [procurei contextualizar o significado de cooperação dentro do desta prática educativa]. Na nossa vida, hoje pode ter atitudes cooperativas, e aí cooperação e solidariedade são quase a... A mesma coisa assim! É... uma depende da outra para acontecer.(1)

C. P. MAURÍCIO - Tem se tornado cada vez mais notória pra mim a necessidade de repensar melhor a explicitação do que vem a ser cada um dos 3 pilares do *Fútbol Callejero*, ou, até mesmo, a superação destes valores/conceitos, por outros que expressem de maneira mais adequada as ações/valores que esperamos ser aprendidos e postos em práticas na vida. Na minha fala procurei destacar a dicotomia "dentro do *callejero*" "versus fora do *callejero*", buscando demonstrar que no mundo-vida tais valores estabelecem entre si uma relação de interdependência, posto que estão amalgamados à uma mesma forma de interação com outrem: o Amor.

Maurício: E Solidariedade? No *Fútbol Callejero*?

Marreco: É o que você pode fazer pro...

Maurício: Pode falar [disse isso, como que sinalizando que ele estava na direção correta].

Marreco: Pro outro time.

Maurício: Pelas pessoas da outra equipe. Porque eu estou enfatizando o que é no *Fútbol Callejero*. Porque no esporte normal, a gente não deve fazer atitudes pra ajudar o adversário. Por enquanto, pode ser que exista, mas eu não conheço um esporte em que você tente auxiliar o adversário. No *Fútbol Callejero* a ideia é que o jogo seja justo, honesto e que a vitória não seja a qualquer custo. E aí o exemplo dado na semana passada, quem deu foi o David. Falou assim: "óh..." [interrompi minha intencionalidade de dizer, porque rapidamente compreendi que seria um importante o próprio autor dizer de sua sugestão]. De acordo com a regra do David, a gente jogou *My-god* de manhã. Você lembra qual foi a regra que você sugeriu pro *My-God*?

David: Sim... [respondeu titubeando, após alguns segundos de silêncio].

Dino: Eu sei!

Maurício: Ah... Qual foi?

Dino: Que podia pegar a bola e ir pra trás!

Maurício: Uma salva de palmas pro Dino... Foi isso mesmo. No *My-God* a gente não pode entre no campo do adversário pra pegar a bola. Mas, a gente pensou: "ah... Como a gente pode ser solidário?". Daí o David sugeriu: "óh... Então será que a gente não pode ir pegar a bola dentro do campo do adversário, mas só fazer o arremesso de fora?"... (2) Foi exatamente isso. Mas hoje a "participante da manhã", falou um outro jeito de ser solidário no *My-God*. Quem consegue pensar num outro ato de solidariedade no *My-God*. Lembrando que solidariedade é aquilo que você pode fazer pras pessoas da outra equipe... David! O homem das ideias! [chamei o participante que levantou o braço, lhe convidando para falar].

David: Ih... Esqueci!

Maurício: Fernanda!

Fernanda: Jogar a bola para quem está no outro time? Pra quem está na pista ali fora da quadra.

Maurício: É uma opção também né? Olha que ideia interessante. A gente nunca fez! Mas, quem tá na fila jogar a bola só quando a bola vai lá, ou dentro da quadra mesmo? Como é que é?

Fernanda: Só quando vai na fila.

Maurício: Só quando for perto da fila, devolver a bola pro adversário... Pra quem está assistindo à essa gravação, ou que nunca jogou *My-god*, é importante saber que quando você entrega a bola de maneira rápida pro adversário, você está beneficiando o adversário, que ele tem mais chance de se queimar. Então chega a ser um gesto, eu vou usar uma palavra diferente né? Até altruísta você ser ligeiro para devolver a bola para o adversário. E nesse sentido, ele também é solidário(3)... Fala David.

David: É... na hora que... que alguém do outro time tá... Esperando fazer *My-God*. [nesse contexto o garoto indicou alguém prestes a "queimar" o adversário] Aí quando... Ah, não! Tipo, a bola tiver no meio, aí os cara vão poder entregar! Pra eles poder ir no campo e tocar pra eles.

C. P. MAURÍCIO - Neste momento intuí que o participante estava em um momento genuíno de criação. Era notório que ele se esforçava, procurava palavras, às vezes gaguejava. Parecia que ele estava visualizando a cena que ia dizendo. Ao menos eu, pude fazer este movimento: de construir a cena. Mesmo com a dificuldade de compreender de maneira imediata as ideias/sugestões que o participante David proferia, com calma e paciência

foi possível desenhar aquilo que propunha. No momento em que fala compreendi ser importante não intervir, interrompendo-o. O meu exercício também foi bom pra mim, de aguardar, de eu construir simbolicamente, junto às palavras do participante, uma representação da situação de solidariedade.

Maurício: A pessoa que está na fila?

O participante acenou positivamente com a cabeça.

Maurício: É uma outra opção que lembra um pouco o da Fernanda né? A da Fernanda é: Se a bola vir pra fila a gente joga! Agora, você está propondo que quem está na fila vai ter essa função: De ir lá e jogar pro adversário a bola. É legal, a gente experimentar um dia(4). Muito bem, mas hoje não tem *My-God*, e aí eu falei um pouco sobre respeito... Ah... e o respeito [lembrei, de sobressalto, episódios ocorridos na ocasião de atividades na piscina]. A gente fez a piscina, e a gente começou falando sobre o respeito. E o respeito é respeito ao que?

David: Respeita as regras.

Maurício: Vamos ver aqui a Milena.

Milena: O respeito é empurrar os outros. Quando os outros tã brincando lá na piscina, de pulá... Não pode empurrar [ao final compreendi que no início da frase ela expressou o que era "desrespeito" para depois ilustrar indicando um exemplo de desrespeito]..

Maurício: Não pode empurrar os outros como...

Milena: Se não, não dá graça.

Maurício: Quando os outros estão brincando na piscina "se não, não dá graça"... Então, é... O respeito é o respeito à outra pessoa, mas tem outra dimensão do respeito também. Você sabe me dizer qual é Digo? Qual que é?

Digo: Não correr, não pular porque pode se machucar.

Maurício: Não correr... Não... E quem falou que não pode esse não correr e não pular? É respeito à que?

Pontes: As regras.

Maurício: As regras! Então respeito é: Respeito às outras pessoas, às regras ou, aos acordos que foram estabelecidos. Você quer falar algo? [pergunta direcionada ao participante Vitor que estava com o braço levantado]. Eu só esqueci o seu nome.

Vitor: Vitor:

Maurício: Vitor... Agora eu vou lembrar hein!

Vitor: Não pode é... Virar mortal fora d'agua.

Maurício: Essa é uma regra que deve ser respeitada.(5)

O diálogo acerca dos valores/pilares do *Fútbol Callejero* foi importante para eu avaliar a compreensão que alguns/algumas participantes possuem sobre cada um dos três valores (Cooperação, Solidariedade e Respeito). Mais do que isso, se conseguem fazer o exercício de estabelecer paralelos, aproximações com outros contextos. Fiquei muito satisfeito com as palavras e saberes expressados nesse breve diálogo.

Ainda durante a Roda Inicial elencamos a ordem/sequência com a qual seriam desenvolvidas as atividades. Assim ficou decidido Jornalzinho – que apenas consistiu em realizar a escolha dos desenhos que iriam compor a versão final da nova edição); Pega-Pega-Vampiro (realizamos três rodadas aproveitando o espaço da quadra de futebol de salão) e por fim o *Fútbol Callejero*.

Fútbol Callejero.

Aproveitamos o gramado e a sombra de uma árvore frondosa para iniciarmos o *Fútbol Callejero*. Já em círculo comentei sobre a necessidade e da formação das equipes. Hoje foi estabelecido um acordo, através de consenso, de que as meninas é quem iriam fazer a separação das equipes. A sugestão para tal encaminhamento partiu do participante Pontes e foi prontamente acolhido por todas as crianças. David concordou, mas ponderou que na semana seguinte os times deverão ser escolhidos por meninos.

Na escolha dos jogadores/as Fernanda escolheu para sua equipe: Milena, Marreco, David, Cauã, Pontes, Caique. Já para a formação da equipe formada de Melissa foram chamados/as por ela para compor seu time: Vitor, Klevis, Cássio, Esther e Davi e Digo.

Com as equipes formadas, firmamos nosso primeiro acordo coletivo, que condicionaria a eleição das regras. O sol estava muito intenso, mesmo havendo algumas nuvens densas. Diante deste cenário decidimos experimentar a vivência do *Fútbol Callejero* junto à quadra de areia, pois o chão da quadra poliesportiva estava muito quente. Após encaminhamento iniciamos o 1º Tempo.

1º Tempo: formação das regras a partir de acordos

Procurei estabelecer o diálogo acerca das regras a partir de uma perspectiva diferente. Orientei os/as participantes para que realizassem uma breve reunião de equipe para que juntos, cada equipe elencasse um conjunto de regras aos quais seus/suas respectivos jogadores/as tivessem interesse.

Minha intencionalidade foi de tentar otimizar os diálogos do 1º Tempo e ganhar tempo. Porém, percebi que, diferentemente do que ocorreu com a turma da manhã, o desenvolvimento desta dinâmica com a turma ocorreu da maneira esperada, pois, quando voltamos a formar o grande círculo e cada equipe deveria apresentar seu conjunto de regras, os participantes Caique e David quiseram sugerir regras que não haviam sido dialogadas com seus respectivos grupos.

C. P. MAURÍCIO – Estou intuindo que neste episódio de deliberação prévia das regras, os/as participantes não conseguiram se organizar de modo a cumprirem a tarefa proposta. No momento de apresentar as regras que foram previamente combinadas muitos/as da mesma equipe falavam ao mesmo tempo. Isso foi mais observado entre as crianças mais novas (Caique, Cássio, Digo e Cauã). No instante em que mediava o 1º Tempo, acabei declinando sobre a proposta. O que culminou com o desenvolvimento do eventual modo de elaboração das regras: "Cada um/a fala as regras que tem interesse". Refletindo melhor em casa compreendi que se trata uma questão complexa que eu mesmo deverei elencar prioridades. O que, dentro de uma perspectiva dialógica envolverá a participação do grupo na eleição da prioridade. Pois, é prioritário o "tempo para jogar bola". Pois, foi isso que me fez adiantar o tempo. Ou é prioritário o processo educativo da auto-gestão do grupo: para que as próprias crianças aprendam diante da necessidade de também ponderarem, sem a interferência de um agente externo, ou adulto/a, acerca de seus interesses.

Diante da minha frustrada tentativa de organização, a dinâmica de eleição das regras acabou por ser uma mescla entre o velho método de proposição em roda, com o jeito sugerido por mim. Foi notório que algumas regras foram aproveitadas do debate em grupo realizado anteriormente. Curioso notar que hoje não foram sugeridas regras que atribuíssem pontos extras. Aquela que poderia comunicar algo semelhante é a da "palavra-chave", que deverá validar um gol. Portanto, neste caso, trata-se de consolidar o ponto, não somá-lo a outro já conquistado.

Segue a transcrição do diálogo que culminou com eleição das regras.

Maurício: Pessoal o time sem colete. Qual regra que vocês gostariam de propor?

Melissa: Acho que não excluir os menores na hora de jogar.

Maurício: E aí como isso virou uma regra na hora de jogar? A regra é algo que vai... Então a regra é não excluir os menores.

Dino: É.

Maurício: Sugerido pelo time sem colete. Como que a gente vai fazer esse jogo?

Dino: Tocando para eles.

Melissa: Tocar para todos.

Maurício: Mas, isso cooperação já não garante? Então, veja: O que a Melissa está sugerindo... Pode ampliar a regra... [fui interrompido pelo participante Marreco].

Marreco: Da cooperação, só que focada pros pequenos?

Maurício: Só que vira uma regra. Só que quem não respeitar. Além de ser falta de cooperação, vai ser falta de des... Vai ser desrespeito!

Marreco: Vai perder ponto.

Maurício: É vai perder ponto. Eu acho que vocês devem decidir sobre essa regra. O que vocês acham?

Fernanda: Isso pode virar uma regra como... É... Tipo assim, Algum do nosso time ou algum do time deles pedir... Pedir que faça alguma coisa. A gente que vê se é possível. Deixa... Tipo assim: eles ir no gol porque eles não tem muita habilidade Né?. Mas, a gente pode... Atender a todos...

Melissa: A gente pode deixar né?

Fernanda: É atender a todos os...

Pontes: Pedidos!

Fernanda: É! Atender todos os pedidos dos menores.

Marreco: E não ficar arrancando a bola deles assim, sempre, com frequência.

Maurício: Então, vocês aceitam a regra dela.

Fernanda: Sim.

Maurício: Dela que eu falo é do time sem colete.

Fernanda: Sim.

Maurício: E como que é mesmo? Não excluir os menores?

Melissa: É.

Maurício: No final, no terceiro tempo eu vou perguntar: "time de colete, o time sem colete excluiu os menores? Vocês vão ter que falar... (6) Agora a gente vai ouvir uma regra proposta pelo pessoal do time de colete...

Fernanda: Toda... [a participante foi interrompida por mim].

Maurício: É a regra que vocês conversaram lá né?

Fernanda: Toda vez que a gente... Alguém fizer um gol, ou do time deles ou nosso, tem que falar...

David: "Doritos".

Fernanda: "Pizza de doritos".

David: Ou outra palavra que "eles" [neste caso, entenda-se "o time de colete"] tem que escolher. O nosso é pizza de doritos.... Ah... "pizza de doritos", estou com fome, quero comer pizza de doritos.

Maurício: Então... Então turma! O time sem colete, vocês aceitam essa regra.

Os/as participantes que compunham o time sem colete concordaram com a regra. Ainda ponderei que a citada equipe fizesse gols deveriam falar uma palavra. Mas, faltava decidir que palavra era essa.

Maurício: Que palavra vocês escolhem... Eles [neste caso, entenda-se "o time de colete"] escolheram "pizza de doritos".

David: É "mór" gostosa.

Cauã: Sapato.

Digo: Sapato.

Marreco: Se vocês quiserem vocês podem mudar.

Dino: Acha...

Pontes: Não, a gente escolhe a "nossa" [nesse caso entenda-se "do time de colete"] e vocês escolhem a de "vocês" [nesse caso entenda-se do "time sem colete"].

Fernanda: A gente tá escolhendo já.

Esther: "Bola".

Marreco: Então tá!

Melissa: É bola!

Maurício: Bola? Toda vez que "vocês" [neste caso, entenda-se "time sem colete"] fizerem gol tem que falar bola. Mas, me explica isso. Se vocês [neste caso, entenda-se "time de colete"] fizerem o gol vocês vão falar "pizza de doritos".

Cauã: Sim.

Maurício: E que que isso acontece. Isso torna o gol válido, isso não quer dizer nada, ou vocês ganham um ponto a mais.

Pontes: O gol válido.

Fernanda: Ah... Se... Torna o futebol mais...

David: Divertido... Engraçado.

Pontes: É o gol válido!

Maurício: Então, se vocês não falarem, não vai valer o gol!

Pontes: É!

Fernanda: Não vai valer o Gol.

Maurício: Então, se vocês não falarem bola, o gol não vale (7). Mas, que que é importante vocês saberem? Que... [fui interrompido pelo participante Dino].

Dino: "Lanterna-verde"... Tô zuando!

Maurício: É toda gente que precisa falar, ou só quem fez o gol.

Esther: Só quem fez o gol.

Melissa: Só quem faz o gol!

Maurício: A regra que vocês [direcionando minha pergunta para o "time de colete"] bolaram é pra quem falar:

Fernanda: Pro time todo.

David: Pro time todo.

Fernanda: Se uma pessoa não falar não vai valer o gol.

Maurício: vocês entenderam isso?

Resposta em coro: Sim [participantes da equipe sem colete].

Maurício: Vocês têm acordo?

Esther: Não.

Melissa: Não, porque as pessoas não vão prestar atenção em quem está fazendo o gol.

Esther: É... E aquela dormindo olhando pro céu.

Melissa: É... Tipo, aquela que não tá nem aí pra nada! Fico olhando o que o outro faz... Hã!

Marreco: E o goleiro?

Esther: É... Bom...

Marreco: É, então!

Pontes: É só quem faz o gol!

Fernanda: Tem que ficar atento no gol.

Pontes: É só quem fez o gol pro Vitor!

Maurício: Quem está propondo a regra é quem tem que...

Fui interrompido pelo participante Pontes que tentava convencer seus/suas colegas de equipe que somente as pessoas que tivessem feito o gol deveriam falar a "palavra

escolhida". Procurou argumentar acerca de seu ponto de vista, acabando por promover um rápido debate entre seus/suas companheiros/as:

Pontes: Vai que alguém está no mundo da lua. Tá viajando na maionese!

Fernanda: Mas aí já falou.

Marreco: E o goleiro que fica na frente deles?

Vitor: É o seu coração? [garoto me fez essa pergunta ao observar o meu relógio frequencímetro que estava acionado].

David: Aí óh... Ele está viajando [referindo-se ao participante Dadá];

Fernanda: Você vai no ouvido do cara e fala: "Oh bola" [contra argumentando às provocações do participante Pontes].

Houve alguns segundos de silêncio, pareceu haver um empasse entre quem deveria falar a "palavra chave". Alertei, então, à toda gente do adiantado do horário, pois já era quatro horas da tarde.

Pontes: Só quem faz o gol.

Maurício: E aí, vocês já decidiram?

Pontes: É só quem faz o gol!.

Houve um silêncio, nenhum de seus colegas discordaram. Tampouco concordaram. Apenas ficaram em silêncio. Compreendi, então que esta seria a decisão do grupo.

Maurício: É só quem faz o gol? Então a pessoa que faz o gol tem que dar o grito. Esse time "bola" [referindo-me ao time sem colete] e esse time "pizza de doritos" [referindo-me ao time com colete]. Se não gritar o gol não é válido.

Após essa alongada discussão acerca desta última regra, perguntei se a equipe sem colete tinha mais regra para sugerir. Melissa, inicialmente, disse que não, mas o participante David, que compunha a equipe sem colete, disse: "Eu sei":

David: Não vale dar chutão!

Melissa: Na verdade... Dá chutão sim!

Neste momento houve um coro, muito efusivo, de participantes dizendo "não!".

C. P. MAURÍCIO - A participante Melissa está iniciando sua inserção junto ao grupo. Ela veio de Piauí e está passando as férias na casa de familiares que residem no Santa Felícia. A regra de "não dar chutão", ou seja, não dar um chute forte, é bastante recorrente. Acredito que junto com Esther, que tem 13 anos e é muito habilidosa no futebol, pensariam que seria possível jogar futebol de modo despreocupado, se esquecendo da presença dos menores. O coro de "não" foi alto e assertivo. Foi possível perceber que entre os/as próprios companheiros/as de equipe não havia acordo firmado sobre esta regra. Em grupo, já com a participação de pessoas da outra equipe (a equipe de colete) acabou por ser decidida.

Pontes: Não!

Maurício: E aí?

Melissa: Ah... não gostei não.

Pontes: É... você quer comer mil quilos de areia?

Cássio: É.

Maurício: E... Vai valer chutão ou não vai turma?

Resposta em coro: Não. (8)

Esther e Melissa não disseram nada. Segui com o diálogo e ficou combinado de que não estava permitido dar chutão.

Fizemos uma breve pausa para que os participantes Cauã, Davi, Vitor e Esther pudessem se deslocar para outra atividade que já previa suas participações: O treino de futebol. Com isso, de modo bastante simples, adequamos a quantidade de participantes promovendo a inclusão do Educador Leonel junto à equipe sem colete, fazendo com que as equipes mantivessem 5 jogadores/as cada uma.

Seguimos com a definição das regras. Fernanda comentou que em sua equipe também iria sugerir que não vale dar carrinho. Afirmei que o fato das duas equipes pensarem na mesma regra era positivo. E Melissa propôs:

Melissa: Não vale dar carrinho também.

Pontes: Não vale dar carrinho... [o modo como o participante falou, sugeri que iria citar mais regra, intencionalmente interrompi].

Maurício: Então espera...

David: Cadê o Klevis que sempre escorrega?

Maurício: Pontes, antes de ir pra próxima, vamos definir a do carrinho. Vai valer dar carrinho?

Resposta em coro: Não.

Pontes: Porque pode engolir um quilo de areia.

Cássio: Um quilo de areia... (9)[participante repetiu a frase de seu colega e deu uma gargalhada].

Pontes: Ah... vai ter escanteio! Que a gente falou [referindo ao diálogo inicial em equipe].

Fernanda: Tem escanteio!

Maurício: Vai ter lateral?

Resposta em coro: Não.

Pontes: Mas, tem escanteio.

Maurício: Mas, escanteio tem?

Melissa: Sim.

Estava combinado o uso da quadra de areia. O participante David tinha dúvida sobre a marcação do escanteio. Como jogaríamos na quadra de areia e não havia uma efetiva marcação no chão, expliquei-lhe que se tratava de uma linha imaginária no chão, que ficava "da trave para trás".

Finalizando o primeiro tempo faltava definir somente quantos pontos valeriam cada um dos pilares do *Fútbol Callejero* (respeito, cooperação e solidariedade).

Maurício: Pessoal, agora então a gente precisa definir os pilares. Quanto vai valer cada um?

Pontes: Vinte!

Fernanda: Cinco!

Melissa: Cinco.

Cauã: Cinco!

Dino: Cem.

Pontes: Vinte.

Cássio: Cem.

Melissa: Quem concorda com cinco levanta a mão.

Dino: Quem quer cinco, centavos!

Ao comunicar tal empreitada, as crianças começaram a falar os valores, mas de maneira desordenada, inclusive juntas. Sendo impossível deliberar os valores. Diante do impasse, a própria participante Melissa insistiu na organização de uma votação.

Maurício: Pessoal! [fui interrompido por Melissa].

Melissa: Gente, quem concorda com cinco levanta a mão.

Fernanda: Tudo bem cinco gente?

Pontes: Eu concordo com vinte porque é mais fácil de contar.

David: Ahhhhh... [disse isso em tom de deboche].

Dino: Quem quer cem... cem reais.

Marreco: Acho que o pessoal vota por um número menor.

Pontes: Porque? [direcionou a pergunta para o participante Marreco].

Caique: Três reais! [disse isso em tom de deboche].

Dino: Ah... Tá bom.

David: Quem quer cinco pontos... Reais. De reais tá?

Fernanda: Ah, eu quero.

Marreco: Ah, Se você quiser dar aí!

Pontes: Não Gente, para!

Caique: Quem quer cem reais?

Melissa: Gente... O tempo está passando e a gente não vai jogar!

Maurício: O pessoal falou sério cinco.

David: É cinco.

Maurício: É cinco pessoal?

Dino: cem!

Pontes: É cinco que tá falando vé..!

David: O que que você sugere então, que tá falando assim?

Maurício: É cinco então?

C. P. MAURÍCIO - Tenho compreendido que minhas intervenções deverão ser mais pontuais e permitir que os conflitos e as experiências que dele emergem possibilitem processos educativos. A desordem no momento de combinar as regras implica em um maior dispêndio de tempo cumprindo esta tarefa (e combinar regras). A própria participante Melissa e o participante Pontes estavam atentos a isso, e cobraram seus colegas. Não houve, a meu ver, desrespeito por parte de nenhum dos/as participantes, mas a necessidade de refletir quais eram as prioridades para aquele momento. Talvez esse seja, em si, um importante processo educativo: Compreender quais são as prioridades elencadas nos diferentes momentos e espaços, para daí se engajarem. (10)

Quando perguntei se seria 5 pontos houve consenso. A participante Fernanda se adiantou dizendo. “É cinco para Cooperação, Solidariedade e Respeito”. Concluímos assim o primeiro tempo. Orientei as crianças a beberem água e se dirigirem para a quadra de areia para dar início ao tempo de bola rolando.

2º Tempo: Tempo de bola rolando.

Já na quadra de areia demos início ao 2º Tempo. O Educador Leonel solicitou esclarecimento acerca da regra da "palavra-chave", pois entrou na equipe de maneira emergencial, uma vez que alguns/algumas participantes que foram ao treino de futebol. Foi esclarecido, inclusive para mim, que havia compreendido de modo diferente, que só seriam validados os gols em que o/a jogador/a falasse a "palavra-chave" antes de chutar.

C. P. MAURÍCIO - O que ocorreu, na realidade foi uma alteração da regra original. Esse diálogo o Educador teve junto à Pontes. Como o diálogo ocorreu em voz alta, o Educador Leonel disse: "ah... Então antes de chutar eu tenho que falar "bola". A grande maioria das crianças responderam afirmativamente. Tornando explícito para quem estava atento/a que a regra havia sido alterada. Para quem não estava atento/a, potencialmente esse diálogo passou apenas como uma afirmação da regra anterior, e manteve-se jogando à luz daquele acordo.

O início foi marcado por um sol forte, que de vez em quando era coberto por nuvens espessas e escuras. Enquanto mediador fiquei atento ao jogo e às atitudes que os/as participantes manifestavam ao interagirem uns-com-outrem.

Embora o foco não seja o ensino sistemático de futebol, pude observar que faltam saberes mais apurados acerca desta prática, de modo a possibilitar que aquelas crianças tivessem maior êxito nas jogadas empreendidas por elas. Por exemplo: acertar o chute ao gol; conseguir fazer um passe para seu companheiro/a de equipe; maneira mais eficientes de realizar a movimentação para marcação, bem como para as situações de ataque. Eficientes aqui, no sentido dispêndio de menor gasto energético, pois, o que ocorre é que percebo as crianças correndo o tempo todo, inclusive, se amontoando na bola. Faltam-lhe saberes sobre como "jogar mesmo estando sem a bola", os diferentes tipos e intencionalidades de movimentação.

Minhas análises se valem do meu ponto de vista acerca de saberes que beneficiarão a prática futebolísticas destas crianças, em especial, aquilo que tange os "saberes esportivo" (habilidades específicas para a prática esportivizada do futebol).

C. P. MAURÍCIO – Esta minha reflexão emergiu da observação direta das crianças jogando. Eu, Maurício, enquanto adulto com grande vivência na prática do futebol e tendo colhido os saberes pedagógicos do curso de Educação Física sobre esta, fiz a descrição a ora apresentada. Contudo, em meus estudos recentes e engajamento, pude visualizar aquilo que pra mim é de veras fundamental para o coletivo: O respeito e a diversão. E tal emoção (a alegria, o prazer, o divertimento) tem sido anunciado como objetivo da participação de algumas crianças e/ou para o estabelecimento das regras. Nesse sentido, mesmo observando minhas próprias potencialidades pedagógicas para o ensino do futebol (devido aos meus saberes tácitos, correlatos à minha área de formação e espaço adequado para o ensino da modalidade), percebo que por ora nossa prática, com as crianças que estão aqui brincando, está satisfatória, acolhedora e possibilitando o cuidado com outrem. Potencialidade que, poderia ser tolhida em contextos de alta performance.

Ao observar o jogo percebi que o participante Dino não se esforçava durante as jogadas, não tentava interceptar os passes do adversário, não fazia investidas ao gol. Apenas ia acompanhando, caminhando, a massa de crianças que estavam perseguindo a bola. Em outras ocasiões eu já havia percebido o que estou considerando "falta de vontade/afeito" por práticas corporais que envolvam movimentações mais intensa, que no nosso caso seria brincadeiras de correr (Pic-bandeira, variações de Pega-pega, o próprio *Fútbol Callejero*). Hoje, ele tocou na bola em situações em que por acaso a multidão (outros 7 participantes) foram em sua direção disputando a bola. Nessas ocasiões ele chutava para onde seu corpo estava direcionado.

A equipe de colete conseguiu se organizar melhor na quadra. Inclusive, dirimindo uma possível vantagem ocasionada pela presença do Educador Leonel no time adversário. Com isso, converteram 4 gols. Todavia, em 1 dos gols marcados não foi anunciada a "palavra-chave" que, no caso desta equipe, era "pizza de doritos". Cumpri minha função de Mediador, que foi de observar e tomar nota do ocorrido, para proceder à problematização durante o 3º Tempo.

Já a equipe sem colete conseguiu converter apenas 1 gol. Este foi validado com o anterior anúncio da "palavra-chave", que no caso da "equipe sem colete" foi "bola".

Houve pouca participação das crianças pequenas. Contudo, também houve uma desatenção por parte de toda a gente: Minha [mediador] e dos/as demais jogadores/as. Pois, não definimos quem estávamos chamando de "pequenos". Minha intuição compreendia ser eles: Cássio, Digo e Klevis (do time sem colete) e Milena e Caique (do time sem colete). Como não recebi a bola sistematicamente, houve poucas ocasiões de conflito com a regra. Decidi que no 3º Tempo eu iria acompanhar a avaliação que o grupo faria.

O tempo disponível para a realização da vivência foi curto, 12 minutos. Mas, como se tratava de um número relativamente pequeno de participantes (09 crianças e um adulto - o Educador Leonel), foi tempo suficiente para ficarem exaustos. Com isso, por volta das 16h20min encerramos o Tempo de bola rolando para dar imediato início ao 3º Tempo.

Com um forte assovio encerrei o jogo. Algumas crianças pediram para tomar água. Porém, receoso de que elas se dispersassem, orientei para que formassem um grande círculo, dizendo-lhes que seria oportuno iniciar de imediato o 3º Tempo para somente depois beber água.

3º Tempo ou Mediação

Iniciamos o terceiro tempo na areia mesmo. Assim, já em círculo relembrei as regras que foram estabelecidas para aquele jogo. Tive que pedir para que Caique e Cássio não jogassem areia para cima, pois, começou a ventar e a areia voava para em direção aos seus colegas.

Quase no final da Mediação começou a chover forte, faltava apenas analisar o pilar “Solidariedade”. A chuva chegou rapidamente, e como é comum das “chuvas no período da estação do verão: “foi muita água em pouco tempo”. Tivemos que subir às pressas para o espaço de acolhimento para terminar o terceiro tempo.

Segue a transcrição do diálogo que possibilitou a emersão do placar final.

Maurício: Turma, eu vou falar as regras que foram combinadas. E aí, em cima dessas regras que foram combinadas, Milena, a gente vê quantos pontos cada equipe recebeu. Tudo bem? Então quem for falar, fala um pouquinho alto. Pra eu possa ouvir e o celular possa gravar. Então, a primeira regra era: Não excluir os menores, os mais novinhos; A segunda regra é: Quem faz o gol tem que falar, no caso do time de colete, "pizza de doritos", e no outro "bola", pra outra equipe; Não vale dar chutão; Não vale dar carrinho; E nesse jogo teria escanteio. Além disso a gente combinou que cada um dos pilares valeriam cinco pontos cada um. Alguém tem alguma dúvida?

Resposta em coro: Não.

As crianças responderam que não. Procedi então à transformação do número de gols em pontos, procedimento sistemático do *Fútbol Callejero* iniciando com a problematização de quantos válidos cada equipe havia convertido. O participante Klevis,

sempre muito quieto, respondeu "três a dois". Fernanda falou "três a um". David também disse "três a um". Continuei a problematização.

Maurício: Eu marquei que falaram "pizza de doritos", o time de colete, quantos será que vocês fizeram?

David: Três.

Maurício: Que vocês falaram? Todos esses três vocês falaram "pizza de doritos"?

Digo: O... O primeiro...

Marreco: Não, a gente fez quatro! Então, só que um a gente não falou "pizza de doritos".

Digo: O... O primeiro eu lembro que eles não... Eles falaram depois que fizeram.

Pontes: Eu falei.

Marreco: É

Educador Leonel: É, mas falou depois, não falou antes.

Pontes: É, eu falei assim: "pizza de doritos" depois que eu fiz o gol, mas eu falei rápido.

Maurício: E no time com colete, quantos gols fizeram?

Educador Leonel: É uai, o time de colete que fez três!

Maurício: O time sem colete? Desculpa.

Dino: Um.

Educador Leonel: Um.

Maurício: Válido né? E que falou doritos, é isso?

Dino: Não! "Bola".

Educador Leonel: "Bola", o nosso é bola.

Maurício: Então, foi uma grande coincidência, porque no *Fútbol Callejero* a equipe que marca mais gols fica com três pontos...

Fernanda: Isso, e a que fica com menos óh... [a participante aparentou estar surpresa com a coincidência que foi comunicada]

Maurício: Fica com... O jogo... O terceiro tempo começa três pra eti.. Co... Pra equipe de colete e um para a outra equipe.

Feita a conversão de pontos em gols, iniciamos a observação dos três pilares do *Fútbol Callejero*: Respeito, Cooperação e Solidariedade. Eu estava curioso por compreender a percepção das crianças que eu julgava serem as mais novas (Cássio, Caique, Milena e Klevis) acerca de suas próprias participações. Então, iniciei a problematização de cada pilar. O primeiro foi "Respeito".

Maurício: Teve respeito às regras?

David: Não sei.

Fernanda: Teve gente que falou que não valia dar chapeuzinho? Mas, eu não escutei nas regras.

Maurício: Isso está combinado no primeiro tempo? [direcionei minha pergunta para Fernanda].

Marreco: Não.

David: Não.

Maurício: Não foi. Então, valia dar chapeuzinho.

Fernanda: Eu falei pro "Marco".

Maurício: É... Enquanto regra eu re-li.... Você está estragando o colete fazendo isso, imagina se é uma roupinha sua? [Interrompi minha fala para orientar o participante Cássio sobre o risco de estragar o colete colocando os dois joelhos próximo ao peito e cobrindo-os com o colete]. Então é importante vocês lembrarem. Então... Era pra não excluir os menores; Não valia dar chutão; Não valia dar carrinho... Teve respeito às regras?

Pontes: Sim.

David: Não sabemos.

Fernanda: Eu acho que não.

Maurício: Você acha que não?

Fernanda: Eu tenho certeza que não.

Maurício: Você tem certeza que não teve respeito às regras?

Fernanda: Do nosso time não?

Maurício: Porque? Que regra vocês desrespeitaram?

Fernanda: Porque. Porque eu vi, eu acho que ela deu dois carrinhos [indicando sua companheira de equipe Milena].

Maurício: A... Milena?... Alguém viu mais carrinhos ao longo do jogo?

Cássio: Não!

Melissa: Ele deu em mim [apontando para Dino]!

Digo: Eu não dei carrinho não!

Marreco: Não, não foi carrinho aquilo.

Melissa: Você pois o pé assim [indicando como o participante Dino teria posicionado a perna]!

Digo: Mas, não foi de propósito!

Educador Leonel: Eu não tenho certeza.

Houve nesse instante um murmurinho, os participantes Marreco, David, Dino, Melissa ficaram discutindo, de maneira respeitosa, se havia sido carrinho ou não. Por uma questão de ordem, decidi intervir e sinalizar que havia um jogador com os braços levantados pedindo a fala.

Maurício: Ó... tem um camarada pedindo a fala lá!

Educador Leonel: Não, é que eu não tenho certeza, cê está falando a Milena baixinha aqui né?

Fernanda: É.

Educador Leonel: É que eu não tenho certeza se foi tipo assim, carrinho intencional, ou porque ela não sabe jogar mesmo. Entendeu. No caso dela eu acho que foi do jogo. Não foi por... Por... Por intenção.

Pontes: Por querer!

Educador Leonel: É... por querer dar um carrinho.

Fernanda: Ah... Então eu retiro.

Educador Leonel: Porque ela tava querendo... Chegar na bola.

Maurício: Será que não é mais legal a gente perguntar pra ela se ela sabe o que é um carrinho? [sugerindo para que consultássemos Milena].

Fernanda: Você sabe o que é um carrinho Milena?

Milena: Eu já sei.

Maurício: Bom, ela sabe o que é carrinho.

Fernanda: Quando você coloca o pé na frente, coisa assim?

David: É isso que é carrinho? [Simulou fazer um carrinho com um pequeno deslize de seu corpo no chão].

Fernanda: É, pra tirar a bola do outro.

Marreco: Acho que... Acho que cê confundiu com rasteira.

David: Acho que é assim óh.... Acho que escorregar e fazer ó [o participante gesticulou o que seria um “carrinho”, feito com uma perna só].

Cássio: Carrinho de rasteira é assim [expressando concordar com a movimentação de David].

Pontes: Normal, mas no futebol de Areia é assim [também expressou sua compreensão acerca do que vem a ser um carrinho no futebol de areia, para tanto, ainda sentado e sem sair

do lugar, esticou as duas pernas pra frente, como se projetasse a descida em um escorregador].

Fernanda: Mas pra mim não é... é só com uma perna só!

Pontes: Então, o que é que eu fiz?

David: Eu também acho que é escorregar.

Fernanda: Ah... também tem o de escorregar né? Porque eu caí duas vezes à toa.

Maurício: Mas, e aí? Teve carrinho no jogo?

Caique: Tinha.

Houve um grande silêncio. Os/as participantes não chegaram a uma conclusão sobre a ocorrência ou não do "carrinho". A Fernanda já havia declinado de sua denúncia após a fala do Educador Leonel. Inclusive, sinalizou que também escorregou por duas vezes. Entendo que, com esta fala, ela compreendeu que Milena não havia dado carrinho (11).

Decidi então trazer o foco para a essência da avaliação deste pilar, que é a relação com as regras e com as pessoas, tentando não pormenorizar a necessidade de se identificar se foi ou não foi carrinho.

Maurício: Então turma, eu quero saber se houve respeito às regras, ou se sentiu desrespeitado.

Milena: Eu senti.

Maurício: Você se sentiu desrespeitada? Porque?

Milena: Porque ninguém queria dar a bola pra mim.

C. P. MAURÍCIO – No instante em que ela comentou sua percepção sobre o desrespeito (de que não haviam tocado para ela) compreendi que ela confundiu com a análise da Cooperação. Todavia, continuei a provocação para saber se realmente se tratava de um caso de desrespeito ou de falta de cooperação.

Maurício: Vocês ouviram isso?

David: Rá! [exclamando em sinal de espanto].

Marreco: Eu vi ela bastante pegando a bola hein?

Fernanda: Eu dei duas vezes a bola pra ela.

Melissa: Foi, pra ela fazer... Cobrar... Foi, ela cobrou.

Educador Leonel: Ela cobrou ali...

Cássio: "Escanteiro"

Fernanda: É eu ia cobrar ali, mas eu deixei ela cobrar.

Maurício: Ninguém tocou pra você?

A participante sinalizou, fazendo um aceno com a cabeça, que não.

Maurício: E isso aí que eles estão falando?

Marreco: Hã?

Maurício: Você lembra? [perguntei para Milena se ela concordava com que seus/suas colegas de equipe estavam comentando]

Milena: Foi.

Maurício: Então, eles tocaram pra você?

A participante ficou um instante muda e sem reação, como se ainda estivesse refletindo sobre o que estavam argumentando.

C. P. MAURÍCIO - Do meu ponto de vista a participante Milena estava correta, posto que ela efetivamente não recebeu passes com a mesma frequência, ou oportunidade de Marreco, ou David, por exemplo. Contudo, até que acabasse o 3º Tempo e por orientação metodológica, eu não deveria expor meu ponto de vista naquele momento, mas, estimular a reflexão de todos e todas. Posto que a intencionalidade é que todos aprendam a defender seus interesses e pontos de vistas.

Maurício: Então, você precisa decidir. Você acha que eles podiam ter tocado mais?

A participante sinalizou positivamente, fazendo um aceno com a cabeça

Maurício: Ah... Mas eles tocaram pra você?

Novamente, com aparente timidez, a participante sinalizou positivamente com a cabeça.

Maurício: Tá bom! É diferente viu...

Fernanda: É.

Maurício: Será que eles conseguiam tocar mais? É... Turma, então eu vou mudar a pergunta. A equipe de colete merece os pontos de respeito?

A equipe de colete era justamente a equipe em que estava jogando a participante Milena que, durante o debate deste pilar havia sido, inicialmente, apontada como autora de um carrinho e, em seguida, comentado que sentiu desrespeitada por não receber a bola. Fiquei ansioso e curioso por saber o que as crianças iriam dizer. Houve alguns segundos de silêncio e as respostas não foram tão seguras.

David: Ah... Merece.

Pontes: Sem colete?

Fernanda: A gente respeitou eu acho.

Maurício: Vocês respeitaram as regras e as outras pessoas?

Pontes: Sim.

David: Sim [quase que simultaneamente à Pontes].

Maurício: Então a resposta de vocês é qual?

David: Sim!

Maurício: E a equipe sem colete merece os pontos de respeito [ainda direcionando a pergunta para a equipe de colete].

Resposta e coro: Sim.

Maurício: As duas equipes merecem os pontos de ‘Respeito.

Resposta em coro: Sim!

Com este consenso sobre o pilar “Respeito” as duas equipes conquistaram 5 pontos cada uma. (12) Disparei, então, a reflexão sobre Cooperação.

Maurício: E “Cooperação”? A pergunta, lembra lá em cima, eu falei né? Todo mundo está satisfeito com a sua participação?

Fernanda: Sim

Klevis: Sim.

Digo: Sim.

Maurício: Todo mundo... Klevis, você está feliz com sua participação? Está feliz por ter brincado?

Klevis: Sim.

Também perguntei diretamente ao Caique, Cássio e Digo. Fernanda já havia dito que sim.

C. P. MAURÍCIO – Perguntei para cada um dos pequeninhos para observar se eles percebiam de modo similar ao meu acerca de sua participação. Eles responderam que estavam satisfeitos. E até aquele momento, com exceção de Milena, não haviam se queixado de não terem recebido a bola. Já com relação ao ocorrido com Milena, foi curioso notar a possibilidade da manifestação da incoerência, descompasso, conscientização ou, resiliência das crianças. A meu ver a participante Milena estava descontente com seus/suas colegas de equipe, uma vez que declarou que não havia recebido a bola. Depois de um breve diálogo em que seus/suas colegas (da sua equipe e da equipe oponente) listaram os momentos em que Milena havia recebido a bola, ela aparentemente aceitou, mas não de modo efusivo (possível conscientização a partir da reflexão/decodificação da própria ação). O modo como ela espontaneamente falou “Sim” neste segundo momento, me pareceu que ela já havia considerado sua nova situação, ou seja: ter recebido a bola, participado com mais efetividade. Seu abatimento inicial foi substituído por uma nova percepção de sua participação. (13).

Maurício: Então as duas equipes fez?

Marreco: Cooperação?

Maurício: O que pôde para que seus amigos e amigas tocassem a bola? Brincassem? As duas equipes merecem o ponto de “Cooperação”?

Fernanda: Sim.

David: Sim.

Melissa: Sim.

Maurício: Então, Mais cinco pontos para cada um.

De maneira abrupta, e coincidentemente com a conclusão da análise deste pilar, tivemos que nos deslocar para o nosso espaço de acolhimento. Pois, começou a cair uma chuva muito forte. Deu tempo apenas de recolhemos nossos calçados que estavam na lateral da quadra de areia e chegarmos no espaço coberto.

Após estarmos, todos e todas, protegidos/as da chuva e tendo bebido água, reiniciamos nossa Mediação para compreender se houve solidariedade durante a partida.

Maurício: Então turma, vamos voltar e terminar o “Terceiro Tempo”. As equipes, eu quero saber se a equipe de colete foi solidária. Teve solidariedade?

Milena: Sim!

Maurício: Vocês lembram o que é solidariedade?

Fernanda: O que você pode fazer pro outro time.

Marreco: O que você pode fazer pela pessoa do outro time.

Maurício: Perfeito! E teve solidariedade?

David: Teve quando ela caiu.

Maurício: O que? [eu não havia compreendido a fala do participante].

David: Ela caiu duas vezes [apontando para Melissa].

Fernanda: Eu... Quando ela machucou que ela caiu sei lá o que... [a participante foi interrompida por mim].

Maurício: Eu... Eu não consegui ouvir! [o barulho da chuva que batia no telhado era tão intenso que eu não consegui ouvir direito a participante, pedi para que ela repetisse].

Fernanda: Ela tinha caído na quadra de areia... Aí ela falou que tinha machucado o pé, aí eu ajudei ela a levantar [Fernanda, participante da “equipe de colete”, se referia a Melissa, participante da equipe “sem colete”].

Maurício: Você ajudou ela a se levantar?

Fernanda: Sim.

Maurício: Você lembra de alguma coisa? [dicionando minha pergunta para Marreco].

Marreco: Eu... Eu ajudei os gêmeos aqui a se levantar... Porque eles caíram lá.

Pontes: Os dois caíram de cabeça [participante falou sorrindo].

Fernanda: Eu também ajudei ele a se levantar [apontando para Caique, um dos gêmeos que estava em sua equipe].

Marreco: Mas, o que “conta” [entenda-se “dá pontos”] na solidariedade é o que você pode fazer pelo outro time.

Fernanda: É, mas, eu ajudei os dois.

Maurício: Então teve o lance, que a própria Fernanda comentou. O Marreco que ajudou os gêmeos a se levantar... Teve algo mais de solidariedade?

Melissa: Eu ajudei ele duas vezes.

Maurício: Ele quem?

Pontes: Cássio.

Marreco: Eu ajudei uma vez lá quando você caiu [indicando ter ajudado a própria Melissa] (14).

Maurício: Sabe o que eu e a Abayomi reparamos bastante nesse jogo de hoje? Muita gente caiu.

A maioria das crianças riram e, de maneira desordenada, começaram a falar sobre suas quedas.

Milena: Eu caí.

Caique: Eu caí duas vezes.

Digo: O professor, eu acho que eu sei! Hoje deve ser o dia de cair das pessoas.

Melissa: Tava todo mundo pulando em cima da bola.

Fernanda: É porque a quadra é de areia.

Marreco: Eu nem lembro o que aconteceu, porque eu caí lá!

Klevis: Você ficava pulando em cima da bola [direcionando sua fala para Digo].

Melissa: Teve uma hora que cobriu a bola com areia e tudo!

C. P. MAURÍCIO - Eu e a Educadora Abayomi observamos que as crianças realmente estavam caindo muito. A areia que foi depositada no espaço é adequada para a prática. Potencialmente, há um estranhamento das crianças e as diferentes sensações que sentem enquanto jogam nesse espaço. Uma vez que a areia é fofa, o pé afunda, as mudanças abruptas de direção envolvem, muitas vezes, escorregões por falta de atrito com o solo. Ademais, a estafe muscular causada pelo grande esforço envolvido em correr na areia chega a “amolecer” a perna da gente. Com isso, cair é quase que uma consequência de jogar/brincar na areia. Ademais, percebemos que no momento em que o 3º Tempo era realizado ainda na quadra, os participantes Caique, Cássio e Digo, brincavam de fazer formas com “montinhos” de areia, cobria os próprios pés, ou apenas rabiscavam com os dedos, como se quisessem desenhar na areia. Com exceção da queda de Melissa, que inicialmente sentiu dor, mas logo em seguida voltou a jogar sem apresentar queixas, não houve outras queixas de dor, ou de insatisfação. Pelo contrário, as quedas foram sempre seguidas de risadas, e como vimos, auxílio de um colega para levantar. No meu comentário durante o 3º Tempo, junto às crianças, estava implícita minha percepção sobre o aparente momento de divertimento que foi brincar na areia.

De maneira harmônica e sem chamar a atenção/repreender as crianças, procurei retomar o diálogo sobre solidariedade.

Maurício: As equipes merecem, as duas, o ponto de solidariedade?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Fui somando os pontos aqui, a equipe “com colete” marcou dezoito pontos. Enquanto a equipe sem colete marcou dezesseis pontos.

Fernanda: Nossa uma diferença de dois pontos.

Maurício: É, todo mundo fez ponto de respeito, cooperação e solidariedade. Então manteve a diferença dos gols. Porque foi três a um. Coincidentemente três a um, uma diferença de dois gols.

Marreco: Quero ver o dia que empatar.

Pontes: Já empatou já.

Maurício: Vocês têm acordo com esse resultado?

Resposta em coro: Sim.

Celebramos o consenso acerca do resultado final com uma salva de palmas, como é de praxe no *Fútbol Callejero*. Aproveitamos a formação circular para iniciamos uma avaliação das vivências, bem como estabelecer a programação do encontro seguinte.

Roda final

Às 16h45min, coincidentemente com o início da Roda Final, começou a cair uma chuva torrencial. Estávamos já todos e todas agrupados em um espaço restrito do nosso espaço de acolhimento, pois mesmo o espaço sendo coberto o vento trazia a chuva até nós pelo grande vão frontal daquele local. Outra coincidência, muito boa, foi a chegada dos/as participantes que estavam junto ao treino da escolinha de futebol, possibilitando que participassem da avaliação e planejamento comumente realizados neste momento. Inevitavelmente, estes/as colegas que chegaram por último, chegaram encharcados/as.

Maurício: Muito bem, turma! Eu gostaria de saber o que que vocês acharam das atividades que a gente fez hoje?

Fernanda: Legal!

David: Legal.

Maurício: Mas, legal porque?

David: Ah... porque foi respeitoso.

Maurício: legal porque foi respeitoso. Olha aí que legal!

Vitor: Foi legal porque choveu.

Cauã: Foi legal porque choveu.

Algumas crianças estavam eufóricas. Possivelmente, devida a forte chuva. As conversas começaram a se entrecruzar, mas nenhuma fala especificamente das atividades. A

fala de Vitor e Cauã focalizou a atenção das crianças menores na chuva. Porém, Marreco, autonomamente, retomou a atenção do grupo ao indicar o que ele havia gostado.

Marreco: Eu gostei mais do *Fútbol Callejero* hoje.

Maurício: E porque você gostou mais?

Marreco: Tava mais equilibrado.

Maurício: As equipes?

Marreco: É.

Maurício: Legal!

Marreco: Também a gente caiu bastante na areia.

Maurício: Então Pontes, o que o Marreco está dizendo, É muito importante. Às vezes a gente acha legal porque a gente ganhou, mas o fato de estar equilibrado é que tornou pra ele o jogo legal. Não adianta você ser uma super-equipe e a outra ser fraca. A gente não tem desafio se for assim.(15) Alguém mais quer comentar alguma coisa?

Fernanda: Hoje o dia foi legal porque eu tomei um banho de areia. E pra outras pessoas um banho de chuva [potencialmente indicando o pessoal que estava no treino de futebol].

Maurício: Porque você tomou um banho de areia?

Fernanda: E as outras...

Maurício: Um banho de chuva?

Marreco: Porque você gostou mais do *Fútbol Callejero*, é isso? [Marreco direciona sua pergunta para Fernanda].

Fernanda: Uhum... [Participante acenou positivamente com a cabeça]. (16)

O horário já estava chegando ao seu limite. Aproveitamos para distribuir o lanche e realizar a eleição das atividades da semana seguinte. Houve um consenso acerca da realização do Garrafobol como atividade de integração, escolhida pelos/as próprios/as participantes. Também já estava pré-programada a atividade de Capoeira e o desenvolvimento da leitura e alguma das atividades de “passatempo” do Jornalzinho.

Servimos o lanche da tarde, que hoje foi composto por uma maçã e um pacote (individual) de bolacha tipo “água e sal”. Curiosamente, de maneira gentil, o participante Davidtrouxe chicletes para distribuir para seus/suas colegas participante do projeto. Salientei o cuidado de não cometerem excessos com a guloseima. Me despedi das crianças e fiquei por mais um tempinho no clube, auxiliando a equipe pedagógica do VADL/MQF na confecção do diário da equipe.

Diário – VII**29/11/2016****Participantes:** Pontes; Quero-Quero; David; Julha; Leão.**Visitantes:** José; Amigo da Belisa; João.**Equipe pedagógica:** Educador Leonel, Educador Rodrigo, Educadora Abayomi; Educador Maurício**Vivências:** Garrafobol, Jornalzinho (leitura e passatempo) e Capoeira

Hoje fomos acometidos por uma condição climática um tanto atípica. Posto que por volta das 12hrs o bairro Santa Felícia, local onde está situado o Clube dos Metalúrgicos de São Carlos, foi surpreendido com uma forte e rápida chuva, de tal modo que às 14h os diferentes espaços (Campo de futebol, quadra, quadra de areia, parquinho e gramado) ainda se encontravam úmidos. Todavia, o céu estava nublado e fazia calor. Era possível observar a evaporação da água na quadra.

Por volta das 14h as crianças que são trazidas pelo transporte chegaram. Com isso, demos início à nossa Roda Inicial. Neste momento, como é de costume, as crianças/adolescentes são provocadas para contar novidades, coisas de seu cotidiano, e trocar saberes e experiências.

A prática de *Fútbol Callejero* não estava programada. Contudo, tenho me esforçado para fazer um exercício de Ecologia de Saberes entre esta prática oriunda da Argentina, com as demais vivências que são desenvolvidas no contexto do VADL/MQF. Deste modo, no momento de “Roda Final” procurei investigar se as crianças/adolescente conseguiam fazer as relações entre os pilares do *Fútbol Callejero* - Respeito, Cooperação e Solidariedade - com as vivências desta data.

Desta forma, transcrevo aqui o diálogo ocorrido na Roda Final, ocasião em que pude minimamente praticar um exercício aproximação entre a lógica do *Fútbol Callejero* com as vivências do projeto VDL/MQF.

Roda Inicial.

Maurício: Mas, eu vou aproveitar que boa parte de vocês que chegaram agora “tão” participando do *Fútbol Callejero*. Então, estou aqui com o David. O David, você sabe dizer alguma coisa que você aprendeu aqui?

David: Bom, não!

Maurício: Não?

David: Não.

Maurício: Tá! E você sabe dizer alguma coisa que você ensinou aqui hoje?

David: Sim, sobre os animais e da minhoca.

C. P. MAURÍCIO - Por ora, percebo como positiva a lembrança do participante David, acerca de suas próprias contribuições. Não penso, neste caso, que tenha sido falta de humildade, como poderia aparentar. Compreendo que se trata da afirmação de seus saberes. Processo importante quando se demanda refletir acerca de nossas próprias contribuições para/com um grupo/comunidade/coletivo. Ademais, é um exercício (auto)reflexivo importante, pode contribuir positivamente para autoestima e assunção de uma postura proativa, construtiva, autônoma e consciente de nossa ação como-mundo-e-com-outrem.

Maurício: Olha, e que animais você ensinou?

David: Minhoca... [houve uma breve pausa em sua fala... e Julha interviu auxiliando o colega].

Julha: Da joaninha.

David: Joaninha.

José: Teve os microbinho?

Julha: Que come as folhinhas.

David: Não, não falei sobre eles, eu falei sobre as minhocas.

Maurício: Não, a joaninha come alguma coisa. O que que é que a joaninha come?

David: vinte pulgões por dia.

Maurício: Vinte pulgões por dia! Até a quantidade... [expressei espanto pela apresentação de detalhes destes saberes]... Mas, você falou de um bicho que corre muito também.

David: O guepardo.

Maurício: Guepardo... O Leão, você aprendeu alguma coisa com a gente hoje aqui.

Leão: ahã...

Maurício: Aprendeu com a gente que eu digo, aqui no projeto. O que foi que você aprendeu no projeto?

Leão: É... ah, esqueci.

Maurício: Esqueceu? E Quero-Quero, você aprendeu alguma coisa aqui no projeto hoje?

Quero-Quero: Ah... Acho que sim.

Maurício: Você acha que sim? O que você acha que você pode ter aprendido no projeto.

Quero-Quero: Humm... É, sobre, que nem que na roda inicial falaram que a minhoca tinha três intestinos e eu não sabia.

Maurício: Olha, e com quem você aprendeu isso?

Quero-Quero: Com o David.

Maurício: Com o David. Então o David ele também ensina a gente?

O participante Quero-Quero acenou positivamente com a cabeça, sinalizando que David também ensina a gente.

Maurício: Também né? Mas quem é que falou do Humus da minhoca?

Quero-Quero: Eu.

José: O Leão.

Maurício: O Leão?

Leão: Eu falei da minhoca só.

Maurício: Ah... Da minhoca né? E aí a gente pode pensar da importância da minhoca para as plantas né? Porque daí produz o húmus né? E foi a partir disso que o David também apresentou um conhecimento dele. Então, quando a gente fala das coisas que a gente conhece. A gente pode e tem a oportunidade de ir aprendendo mais coisas. E como essas coisas estão relacionadas. Você Hugo, aprendeu alguma coisa aqui hoje?

Hugo: Aprendi do... Da... Do... Da brincadeira.

Maurício: Qual brincadeira?

Julha: Garrafobol?

Hugo: É.

Maurício: Garrafobol?

Maurício: E você pode ensinar alguma coisa pra gente hoje?

Hugo: Não.

Maurício: Não? Não sei?... E o Pontes? Cê aprendeu alguma coisa aqui hoje? O que você aprendeu?

Pontes: Eu não sabia que a minhoca tinha três intestinos.

Maurício: Você não sabia?

O participante fez um aceno com a cabeça indicando que não sabia.

Maurício: Sobre a joaninha cê não sabia?

Pontes: Sabia.

Maurício: Que a joaninha comia pulgões?

Desta vez o participante acenou positivamente com a cabeça.

Maurício: E cê sabia da onde?

Pontes: a Descola.

Maurício: Na escola? E do Guepardo?

Pontes: Guepardo?

Maurício: Você lembra que hoje foi falado inclusive da velocidade do guepardo?

Pontes: Ah... já lembrei.

Maurício: Você já sabia?

Pontes: É, li num livro da professora de português.

Maurício: Legal, então, além de aprender coisas a gente pode reafirmar alguns saberes né? Aqueles que a gente já tem e que está vendo de novo... Muito bem!.. E você acha que você ensinou alguma coisa pra gente hoje?

Pontes: Não.

Maurício: Você acha que não?

O participante acenou negativamente com a cabeça.

Maurício: Muito bem... É... Cês acha que o... Lembram que a gente tá vendo que o nosso projeto pode ser como o *Fútbol Callejero*? Vocês acham que teve cooperação hoje?

Resposta em coro: sim.

Maurício: Em que momento?

Quero-Quero: No Garrafobol.

David: No Garrafobol.

Maurício: E como que foi a cooperação no Garrafobol.

David: Ajudando a proteger a garrafa do outro quando ele vai jogar a bola.

Maurício: Ah... Uma salva de palmas pra ele... Porque a cooperação dentro do *Fútbol Callejero* é o que você faz para seu próprio parceiro. Pra que?

Julha: Amigo... Pra ajudar uns aos outros.

Maurício: Pra ajudar uns aos outros. Pra que ele se sinta incluído. Então, além de proteger a garrafa do outro, teve o passe da bola para um amigo?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Vocês compartilharam o uso da bola?

Resposta em coro: sim. (1)

Maurício: E teve respeito?

David: Sim.

José: Sim

Quero-Quero: Sim.

Maurício: Vocês acham que teve?

David: Sim!

Maurício: Porque vocês acham que teve?

David: Porque todo mundo cooperou com o outro e não houve nenhum desrespeito. (2)

Maurício: Des... Alguém aqui se sentiu desrespeitado?

Jão: Não.

Leão: Eu... me senti desrespeitado porque ninguém protegia a bola quando ia bater na minha garrafa.

Maurício: Ah... Você se sentiu desrespeitado?

Participante acenou, com a cabeça, afirmando que acreditava ter sido desrespeitado.

C. P. MAURÍCIO - Mais uma vez percebo que as crianças não se sentem condicionadas pela lógica “callejera” para identificação dos valores. Pois, na perspectiva do *Fútbol Callejero*, seria uma atitude compreendida a luz da cooperação (no caso em análise – a falta de cooperação) e não vinculada ao “desrespeito”. Porém, a lógica que opera no aparente descontentamento deste participante é a sua própria. É importante que ele saiba diferenciar uma da outra. Pois, no contexto do *callejero* haveria um descompasso na análise. Mas, na lógica do mundo-vida, o participante está com sua “razão”.

Maurício: Então, as pessoas não cooperou com você? Não cooperaram? [procurei corrigir meu erro de concordância verbal]!

Leão novamente acenou afirmativamente, ou seja, sinalizando que cooperaram com ele.

Maurício: Então turma! Numa próxima ocasião a gente pode vê de como proteger melhor a garrafa do Leão. Alguém aqui lembra de ter protegido a garrafa do Leão?

Quero-Quero: Ninguém protegeu.

David: Ah... Eu quase protegi, só que... Bateu.

Hugo: Eu protegi de... de bastante defesa!

Maurício: Eu lembro que você fez uma defesa da garrafa do Educador Rodrigo meu... Aí logo em seguida ele quis te proteger também. Foi bem legal... Mas, a gente vai ficar mais atento tá Leão. (3) Então, o “Respeito” é respeito às pessoas e também respeito às regras. Então, a gente respeito as regras do projeto? As regras dos jogos?

Resposta em coro: Sim. (4)

Maurício: Eu acho que teve bastante cooperação também na capoeira. Porque todo mundo brincou dos jogos e fez os exercícios propostos pela Educadora Abayomi. E a Cooperação, analisa isso: A participação de toda gente. (5) E solidariedade? Vocês viram episódios de Solidariedade?

Quero-Quero: Não.

Maurício: Não teve?

Quero-Quero: Teve uma hora que o Jão caiu e ninguém foi ajudar ele que eu vi.

Maurício: O Jão caiu na hora que ele estava tentando pegar alguém. Vocês lembram quem foi?

Resposta em coro: Não.

Maurício: Ele estava tentando capturar o Vitor. E ele pegou o Vitor na verdade. E aí você acha que não teve solidariedade? Que ninguém tentou ajudar o Jão?

Resposta em coro: Não. (6)

Maurício: E aí, solidariedade é o que você faz pela outra pessoa não é?... Não teve mais nada de solidariedade?

Julha: Não.

Maurício: Mas, quando eu tenho um saber. Que ele é só meu. Por exemplo: É... Sobre a minhoca, era do David esse saber... Quando ele pega esse saber e compartilha com a outra pessoa não é um ato de solidário? Ele não está fazendo pelo outro?... É, ou não é?

Quero-Quero: É.

David: Sim.

Pontes: Sim.

Maurício: Então veja que vocês podem o tempo todo, ser solidário uns com os outros quando compartilham saber. Uma sabedoria (7). Eu vou falar um exemplo de solidariedade meu: Lá na corrida dos escravos, teve momentos que eu podia pegar alguém, eu preferi não pegar pra que outro colega pegasse. E aí essa pessoa que tava fugindo, que era, no jogo meu adversário,

foi beneficiado com isso, porque eu não peguei de imediato. Eu acho que foi um ato solidário da minha parte. Eu não sei se as pessoas entendem desse jeito.

Quero-Quero: Ah... Entendi, você não pegou ele porque você era mais habilidoso do que ele, e deixou outro pegá.

Maurício: Muito bem Quero-Quero. É isso aí!

David: Palmas!

Maurício: Ah... Obrigado(8). Então turma, É...você têm que ficar atentos toda vez que alguém perguntar, não é só no projeto: o que é que vocês aprenderam hoje? Sobre: O que vocês sabem? Vocês sabem muita coisa, e aprendem muita coisa também. Só que tem que parar um instante pra pensar né?: “Nossa... o que é que eu aprendi com isso” (comunicando como se fosse um exemplo de alguém se dando conta do próprio processo de aprendizagem). Então, muita atenção com isso tá?

C. P. Maurício – Fiquei, autenticamente, lisonjeado com o pedido de palmas que Daviddirecionou para mim. Percebi, no momento que o correu o pedido, que ele estava agindo com reciprocidade, pois é comum eu fazer um pedido de palmas para as crianças quando em situações benfazejas. Neste caso, percebo que minha satisfação foi por dois motivos. O primeiro pela “imitação prestigiosa”, o segundo por identificação de minha atitude como merecedora de tal reconhecimento.

Diante do adiantado da hora, fizemos o planejamento das atividades da semana seguinte. Já tínhamos a previsão de desenvolver o *Fútbol Callejero* e, devida ao baixo número de participantes que desenvolveram o jornalzinho (apenas 3 – Jão, Julha e José), também já estava previsto o desenvolvimento do Jornalzinho, restava apenas fazer a escolha do jogo de integração que nesta ocasião foi escolhido o Bixigôlei.

Após combinar as vivências do encontro seguinte foram distribuídas frutas, maçã e banana, marcando o encerramento das atividades. Orientei para que jogassem as cascas e sobras da maçã no lixo. Permaneci no espaço por mais alguns minutos para auxiliar na confecção do Diário do VADL/MQF.

Diário –VIII**06/12/2016****Participantes presente:** Lucas; Sereno; Julha; David; Cauã; Marreco.**Visitantes:** Dadá; Milena.**Equipe Pedagógica:** Eu (Maurício) e Educador Rodrigo;**Vivências:** Bexigôlei, Jornalzinho e *Fútbol Callejero***Informes:**

- Durante o período da tarde a Educadora Abayomi se ausentou das atividades do projeto. A Educadora justificou sua ausência indicando a necessidade de tempo para descanso e preparo para a prova que terá no período noturno desta mesma data.
- O Educador Leonel não participou das atividades do projeto hoje. Ainda em reunião de planejamento e avaliação (realizada na quarta-feira, 30/11/2016) o Educador sinalizou que faria uma viagem para participação junto ao programa de auditório do apresentador Silvio Santos, do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Ocasão no qual foi participou de gravações da apresentação da equipe do "*cheer leader*" em tal emissora.

Roda Inicial:

O momento da Roda Inicial foi marcado pela comunicação de novidades, troca de saberes e estabelecimento de acordos que dinamizaram o desenvolvimento das atividades. Também foi o momento de reapresentar o participante Ben, que retomava sua participação no projeto após um longo período de afastamento, pois realizara uma cirurgia para retirada de tumor no cérebro.

A “Roda Inicial” de hoje também contou com a continuidade de diálogos de tema que foi abordado e despertou muita curiosidade das crianças no encontro seguinte. A saber: a velocidade dos animais. Deste modo, após uma breve pesquisa, preparei algumas imagens e vídeo para serem projetados contendo os 10 animais mais velozes.

Após esse diálogo, que levou um pouco mais de tempo do que o usual, procedemos, à recordação de nossa programação. Perguntei se as crianças lembravam o que

estava programado para esta tarde, de modo que o participante Lucas indicou: “Bexigôlei”, *Fútbol Callejero* e Jornalzinho.

Procurei contextualizar a prática dos jogos e brincadeiras que são desenvolvidas no VADL-MQF à luz dos pilares do *Fútbol Callejero* (Cooperação, Respeito e Solidariedade). Para tanto perguntei para os/as participantes o que eles/as sabiam sobre cada um destes “pilares”.

Maurício: Eu comentei que o nosso projeto ele... Eu tô começando a estudar o *Fútbol Callejero* e ele tem coisas parecidas. E já algum tempo a gente analisa a Cooperação a Solidariedade e o Respeito. E vocês lembram o que é Cooperação?

David: Cooperação? É tipo, passar a... [após um breve instante de silêncio David foi interrompido pela participante Julha].

Julha: As bola!

David: Não, tipo, passar conhecimento para o outro...

Maurício: Seria um jeito de cooperar. Mas, e no *Fútbol Callejero*? O que é “Cooperação”?
(1)

David: Passar a bola para todos

Marreco: O que você pode fazer para ajudar o seu time.

Maurício: O Marreco foi mais firme ali óh: “O que você faz para ajudar seu time”. Ou seja... [participante Cauã interrompe minha fala e diz]:

Cauã: Pra ajudar o outro!

Maurício: O que você faz pra que todo mundo do time, do seu time... Jogue... O que é Respeito no *Fútbol Callejero*?

David: Respeitar as regras.

Maurício: Respeitar as regras...

Marreco: Respeito aos jogadores!

Lucas: o Adversário.

Maurício: E às outras pessoas: Seja o adversário ou o camarada de equipe.

Ben: Ou o mais velho!

Maurício: E o mais novo também né? O mais novo, o mais velho. Respeitar todos e todas... Então, se a gente pensar em respeito no Bexigôlei, o que que pode ser o Respeito no Bexigôlei. No *Fútbol Callejero* vai ser... Fácil! A gente já tá craque de jogar o *Fútbol Callejero*.

Lucas: Bixigolei... respeito?

Marreco: Respeitar a vez do outro jogar lá..

Maurício: O bixigolei tem regra?

Cauã: Não.

Lucas: Tem... Claro que tem !(2)

Maurício: Eu acho que todo jogo tem regra né? A gente vai falar sobre as regras do Bexigôlei, vai ser importante respeitá-las também.... Mas eu pulei, mas a Cooperação no Bexigôlei. Como poderia ser um ato de Cooperação no Bexigôlei.

David: Deixar... [David foi interrompido pela participante Julha].

Julha: Deixar os outros jogarem a bexiga... do seu time. (3)

Maurício: Legal.... E... Tem mais um elemento que eu não falei. Qual que é?

Marreco: Solidariedade.

David: Solidariedade.

Maurício: No *Fútbol Callejero* o que é Solidariedade?

Cauã: Ajudar o outro time.

Lucas: Ajudar o próximo.

Marreco: O que você fazer pela pessoa do outro time.

Maurício: Da outra equipe... Muito bem!

Julha: Se cair ajudar a levantar.

Maurício: Por exemplo, no Fútbol [em resposta à ponderação da participante Julha]. Mas e no bexigôlei? Como que a gente pode ter solidariedade?

Cauã: Ah... Fazer o gol para “eles” [entenda-se “o adversário”... o participante fez esse comentário e em seguida sorriu].

Lucas: Fazer o gol? [Risos]

Marreco: Que gol? [Risos]

C. P. MAURÍCIO – O contexto da fala de Cauã sugeriu que sua intervenção se tratava de uma brincadeira, pois, imediatamente após sua fala ele sorriu. Os participantes Marreco e Lucas também expressaram achar engraça. Pois, embora o pilar solidariedade sintetize “aquilo que você pode fazer para outrem, da outra equipe”, tal elemento não significa necessariamente que você deva chegar ao extremo de, em práticas competitivas, converter pontos, ou facilitar que estes sejam atingidos pela outra equipe. Na ocasião da fala do participante pareceu-me um gracejo que, aliás, foi apropriado e divertido para o momento.

David: Cooperar com o outro time!

Maurício: E como pode, no bexigôlei, porque no Futebol a gente fala que é um esporte de invasão. A meta que é o gol, inclusive tem gente que chama o goleiro de “guarda metas”, não sei se vocês já ouviram falar?

Cauã: Olha, eu guardo metas! [participante sorriu, logo após fazer este comentário].

Maurício: No futebol, a meta do seu time é fazer o gol. Não é? Só que o gol está no campo do adversário. Então a gente fala que o futebol o basquete, o handebol são esportes de invasão. Porque você vai invadir o campo do adversário.... O Bexigôlei, assim como o vôlei, o tênis, não é um esporte de invasão. A gente fala que é um esporte de rede, ou também de parede. Vai ser difícil de visualizar parede: então é um esporte de rede. O objetivo é você jogar a bola onde?

Ben: Por cima da rede.

Maurício: Por cima da rede para ela cair aonde?

Lucas: No campo do adversário.

Maurício: No campo do adversário, e vai ser muito melhor se cair num espaço que está vazio, que não tem ninguém né? Então no Bexigôlei, no vôlei e no tênis, no futevôlei, no vôlei de areia. O segredo Cauã... O segredo é você procurar os espaços vazios do campo do adversário. E se você está defendendo, qual vai ser uma postura importante?

C. P. MAURÍCIO - Minha pergunta gerou um instante de silêncio. Nem as crianças, tampouco o Educador Rodrigo, responderam ao meu questionamento. Talvez por suscitar uma reflexão mais aprofundada diante o conteúdo recém aprendido. Ademais, penso que o silêncio deveria ser melhor aproveitado, de modo a contemplarmos mais a sua fruição e impacto(s) e significado(s) decorrentes deste.

No instante que fiz esta pergunta as crianças ficaram quietas. Coincidentemente, neste mesmo momento dois adolescentes que não participam do projeto VADL-MQF caminharam em direção de onde estavam alocadas as bexigas d'agua. Fiquei preocupado, acreditando que esses dois adolescentes pudessem estourar as bexigas e pedi para que o Educador Rodrigo se encaminhasse até o local para impedir tal feita. Contudo, ainda com o Educador próximo ao espaço da roda inicial, os dois garotos se afastaram das bexigas sem que tivessem tocado nelas. Aproveitei então para chamar a atenção das crianças para a atitude respeitosa que os dois garotos tiveram. Assim foi desenvolvido o seguinte diálogo:

Maurício: Seria importante você cobrir os espaços vazios. Não deixar no seu campo, espaço vazio. Hein Lucas? Tudo bem? O que está acontecendo?

Lucas: Nada não!

Maurício: Está preocupado com as bexigas?

Lucas: Eu tô.

Marreco: Vai que eles pegam a caixa assim e joga!

Lucas: Então né? [em acordo com o Marreco].

C. P. MAURÍCIO – As crianças estavam atentas à dois adolescentes que estavam próximos às bexigas que havíamos preparados para o bexigôlei. O participante Lucas e Marreco explicitaram a preocupação de que os dois adolescentes estourassem as bexigas. O que acabaria por inviabilizar nossa brincadeira, até que novas bexigas fossem repostas.

Maurício: A lá! A turma só olhou... Viu só Cauã. Aquela hora você quis pegar a bexiga do... Lucas, a turma que não é do projeto foi lá, olhou as bexigas, achou curioso, mas ninguém mexeu. Porque é de outra pessoa. Então... foi legal a atitude dos dois meninos. A gente é... Curioso, a curiosidade é importante... Mas a gente tem um limite para a curiosidade.

Marreco: A curiosidade humana!

Maurício: É!...

Em seguida, foi iniciada separação das equipes para o desenvolvimento do “bexigôlei”. Aproveitei a ocasião para propor o aproveitamento das equipes para a atividade conseguinte, o *Fútbol Callejero*. As crianças aceitaram. Assim perguntei:

Maurício: Precisamos aqui formar duas equipes?

Lucas: Os “pequeninho” [como se quisesse indicar que as crianças mais novas formassem as equipes]!

Maurício: Como podem ser formadas essas equipes?

Milena: Um menino e uma menina.

Maurício: Um menino e uma menina? No mesmo time?

A participante Milena sinalizou positivamente com a cabeça. E o diálogo prosseguiu.

Maurício: É importante que meninos e meninas joguem juntos. Hoje a gente tem duas meninas só. Se for *Fútbol Callejero* a gente tem que ter uma menina em cada equipe. Acho que hoje pode ser assim.

Lucas: Faz o mesmo time já... O mesmo time do bexigôlei faz o *Fútbol Callejero*!

Maurício: O mesmo time do bexigôlei vai para o *Callejero*... Legal! (4)

Marreco: A gente precisa discutir primeiro como é que vai formar os times.

Maurício: Como é que a gente vai formar os times?

Cauã: Que nem o do Lilo!

Maurício: Como? Você falou “do jeito do Lilo”? E como é que o Lilo fez? O Lilo é o professor?

O participante Cauã acenou positivamente com a cabeça. Porém não respondeu. Neste momento houve um instante de silêncio. Nenhuma criança se manifestou. Interrompi o silêncio e busquei apresentar de maneira positiva o modo como a própria turma havia resolvido este mesmo imbróglío na semana anterior e disse:

Maurício: Nós fizemos aqui na semana anterior de um jeito legal!

Lucas: Qual que foi?

David: É... Dando igualdade dos times?

Maurício: Eu lembro que foi dois colegas formar o time. Foi o Quero-Quero... Você seria um [apontando para o participante David], mas no final você desistiu... O Quero-Quero e no final foi o Vitor.

David: É!

Maurício: Eles combinaram: “Oh... Essa pessoa pode ir nesse time, aquela e aquela...”.

Marreco: Ah... sim!

Maurício: Porque a ideia era ficar equilibrado. No final eles não tinham time nenhum os dois. Foram as pessoas que falaram: “Olha, pra ficar equilibrado você vem pra esse, você vem praquela”. Então a pessoa escolhe o time, mas não escolhe aonde vai jogar. Por isso monta o time equilibrado. Vocês acham este método interessante?

Os participantes Marreco e Lucas e David responderam afirmativamente. As demais crianças não disseram nada.

Maurício: Quem gostaria de ser as pessoas que não tem time mas separa as pessoas?

David: Porque não vai o Sereno e a Julha?

Maurício: Pode ser! Você quer escolher o time Ben?

Perguntei para as duas crianças participantes, Sereno e para a Julha, se gostariam de escolher os times. Sereno respondeu que sim, mas Julha disse que não. O participante Lucas consultou Davi e este também apresentou não estar interessado. Cauã perguntou para Milena. Esta sinalizou positivamente à sua indicação. Com isso, Sereno e Milena foram responsáveis pela formação de equipes. Esta formação foi aproveitada tanto no bexigôlei, quanto no *Fútbol Callejero*. Nós Educadores, eu (Maurício) e o Educador Rodrigo, também fomos escolhidos e compusemos, cada um, uma equipe.

Reexpliquei para Sereno e Milena que ambos iriam formar as equipes, mas que não poderiam escolher a equipe que integrariam. Tal escolha seria feita pelos seus/suas colegas. Toda gente teve acordo e assim sucedeu. Realizamos o jogo Bexigôlei no espaço de uma quadra de vôlei de areia. Neste mesmo local, aproveitando as bexigas cheias de água, também ensinei uma brincadeira chamada de “*Splash*”.

Após estas vivências orientei para que as crianças se deslocassem até a quadra poliesportiva para darmos início a prática do *Fútbol Callejero*.

1º Tempo (Acordo sobre as regras).

Iniciamos a prática aproveitando a sombra das árvores que estão situadas ao lado da quadra poliesportiva. Formamos um círculo e logo iniciamos o diálogo sobre as regras.

Nosso diálogo durou aproximadamente 25 minutos e, ao final, apenas duas regras foram estabelecidas.

C. P. MAURÍCIO - Embora o diálogo tenha sido extenso, compreendo que, desde um ponto de vista da intencionalidade *Fútbol Callejero* de promover uma educação para/pelo diálogo, foi muito produtivo e enriquecedor: As crianças participantes puderam apresentar e defender seus pontos de vista, ora argumentando favoravelmente à implementação de uma regra, ora apresentando argumentos contrários à sistematização de uma determinada regra. Percebo uma espécie de "amadurecimento" ao longo do processo de vivência deste método. É como se eu estivesse intuindo que as crianças têm falado e ouvido mais uns-aos-outros durante o momento de acordo das regras.

Maurício: Então, quem for jogar *Fútbol Callejero* já senta pra formar o círculo. Porque a ideia é que toda gente consiga se ver. Vê um no olho do outro, pra propor as regra... As regras... Então turma, nós já temos as equipes formadas.

Relembrei a formação das equipes. Sinalizei a importância de não perdermos muito tempo na formação das regras para que pudéssemos realizar a atividade seguinte, o Jornalzinho. Assim, com toda gente já posicionada em círculo, iniciamos o diálogo.

Maurício: Então vamo lá! Alguém... No *Fútbol Callejero*, as pessoas que querem sugerir regras, levanta o braço e espera o colega terminar... Vamo lá, a Julha foi a primeira pessoa que sinalizou que quer falar alguma regra.

Julha: Pode dar carrinho.

Educador Rodrigo: Pode?

David: Ai! [o participante exclamou apresentando aparente desconforto].

Maurício: Pode? Porque você quer que acha que vale?

Julha: Porque sim!

Maurício: Porque sim? E as pessoas? Vocês têm acordo de que vale dar carrinho?

Resposta em coro: Não.

Milena: Vale.

David: Ah... Então eu vou derrubar você. Você vai gostar? [direcionou sua fala para participante Milena].

Maurício: Você sabe o que é um carrinho? [pergunta direcionada para a participante Milena].

Milena: Aquilo que desliza assim no chão.

Ben: Eu sei... É legal nós jogado.

Maurício: É legal o que?

Ben: Jogar.

Maurício: Carrinho... Você sabe o que é carrinho?

Sereno fez um aceno com a cabeça, indicando que não sabia do que se tratava o "carrinho".

Maurício: Então a Julha está falando que vale e tem gente falando que não vale. E a maioria das pessoas estão falando que não vale. Julha, se você quiser muito que tenha carrinho, é

importante preciso que você fale porque é legal ter carrinho. Para as pessoas poderem ouvir e pensar. Porque que que você gostaria que valesse dar carrinho?

Julha: Ah... Porque assim ia ser legal eu... [a participante interrompeu sua fala].

Maurício: É isso? Você acha que é mais legal quando vale dar carrinho? Tá legal.

Milena: Vai ser ali na quadra?

Maurício: Vai.

Milena: Ah... Vai doer!

Maurício: E aí? Você é a favor que dê carrinho ou é contra? [Pergunta direcionada para participante Milena].

A participante acenou com a cabeça negativamente. Indicando que era contra o implemento da regra do "carrinho".

Maurício: Então, Julha, levante a mão quem é a favor do carrinho. Quem acha que vale dar carrinho.

Marreco: Na quadra?

Milena: Posso falar um negócio?

Maurício: Ah... Você quer falar um negócio? Sobre o carrinho?

Milena: Sobre o carrinho...

Maurício: Pode falar.

Milena: Que você dá um carrinho num colega... Aí vai bater a cabeça... Aí... Aí vai ter a culpa... A culpa do colega e da colega que escolheu dar carrinho.

Maurício: Também... Muita sabedoria! Você viu? Então, muito bem. Vamos votar? Não é um consenso... Julha, ouvindo estes argumentos, você ainda quer manter essa regra?

A participante Julha respondeu com um aceno negativo de cabeça, indicando ter acordo com as palavras de Milena. Também perguntei se ela, Julha, havia achado importante os argumentos de Milena. A participante Julha respondeu com outro aceno de cabeça, mas, desta vez afirmativamente, indicando acordo com Milena.

Maurício: Então, por consenso, não vai ter carrinho. A própria Julha retirou sua sugestão...

(5) O David tinha levantado o braço. Fala David.

David: Quando uma pessoa pega a bola... Aí quando, tipo: A Milena pegou, daí vem uma pessoa do outro time e pega a bola dela... Eu acho que deveria tipo, esperar 5 segundos para ela chutar a bola para outra pessoa.

Maurício: Então quando alguém pegar a bola tem que esperar 5 segundos para poder tomar a bola dela? Qualquer pessoa?

David: Sim.

Maurício: Ela tem 5 segundos para ver o que vai fazer com a bola. Porque que você está propondo isso?

David: Ahh... Porque tem tipo... Tipo... Deixa eu fala... Tem a Milena que é Tipo... Tipo nova e tá aprendendo.

Maurício: Legal... Vocês tem acordo com essa regra?

Resposta em coro: Sim.

Marreco: Não.

Maurício: Então, ela falou o argumento. Falou porque tá propondo.

Marreco: Concordo então só se for só pros menores essa regra!

David: Não! pros maiores também.

Marreco: Ah, eu vou teu que... Eu vou ficar esperando 5 segundos pra tomar a bola de você então?

David: Ah... Não sei!

Marreco: Ah.

Maurício: É... É a proposição dele.

Maurício: Se... uma coisa que já aconteceu, já teve essa regra em outro jogo. Mas é importante saber. Dentro desses cinco segundos, eu posso correr com a bola?

David: Ah, se quiser sim.

Maurício: A outra pessoa não vai poder tomar de mim?

David: Não, não... Tem que ficar parado. [a resposta foi em relação à pergunta anterior: "... eu posso correr com a bola?].

Maurício: Ah... Tá.

Marreco: Mas vai poder correr?

Maurício: É... O que ele está falando é que seu receber a bola e eu matar ela, durante cinco segundos ninguém pode tirar ela de mim. E eu também não posso sair correndo com ela. É isso David?

O participante acenou positivamente com a cabeça, em sinal de que eu havia entendido corretamente sua proposição.

Maurício: É cinco segundos pra eu poder matar a bola e decidir o que eu vou fazer com ela.

Marreco: Mas tem que esperar então! Tem que ficar parado esperando o que você quiser resolver?

Maurício: Não, não é estátua. Você pode se mexer. Pelo que eu entendi você não pode é tirar a bola.

Marreco: Ah. Pode mexer, mesmo que ele tiver com a bola, mas não pode tomar dele?

Maurício: Durante cinco segundos. E ele também não vai poder correr com a bola. É só pra ele poder matar e pensar no que vai fazer... Se a pessoa se mexer e começar a correr pode roubar dela? [pergunta direcionada ao participante David].

David: Não entendi.

Maurício: Se dentro dos cinco segundos eu não ficar parado e decidir correr, a pessoa pode tirar de mim se quiser?

David: Não.

Maurício: Mesmo se eu optar por correr?

David: Não.

Maurício: Ah... Então é sua regra... E aí turma, vocês tem acordo com essa regra?

Marreco: Não.

Milena: Não.

Maurício: Porque não? [pergunta direcionada ao participante Marreco].

Marreco: Ah, porque ela vale pra todo mundo. Não vai aguentar ficar esperando cinco segundos até o cara mexer.

Maurício: Bom, então a gente vai votar. A gente ouviu os argumentos a favor, o David já explicou, o Marreco falou um argumento que é contra. Então, quem é a favor da regra dos cinco segundos levanta o braço.

Promovi então a votação e fiz a contagem. houve empate, pois, quatro pessoas eram favoráveis à incorporação da regra, já outras quatro crianças/adolescentes não. Fiz pedido de novos esclarecimentos.

Maurício: Então a gente vai ter que ouvir mais um pouquinho quem é a favor. O David... Pra ver se alguém muda os votos. Precisa melhorar os argumentos. Porque que é que você acha importante ter essa regra?

David: Ah... Porque é mais respeitosos com o pequenos. Porque nós somos mais habilidosos que eles.

Marreco: É... Então... Não...

Maurício: Você é a favor de que valha para os pequenos.

Marreco: Só pros pequenos.

Maurício: Ele nem é contrário a regra... Ele é a favor de uma mudança na regra.

David: Ah... Pode ser.

Educador Rodrigo: É... Eu acho que isso já entra na solidariedade, já... Nos... Nos pontos de Solidariedade. Se você não toma a bola de um pequeno você já está sendo solidário com ele. Se dá tempo para ele pensar, pra dominar a bola... Que já é um dos pilares do jogo.

Maurício: Então, você é contrário a regra? Contrário à inclusão da regra?

Educador Rodrigo: Sim.

Maurício: Então... Ouvi...Alguém quer falar mais alguma coisa? Então vamos de novo pra votação.

Após essas ponderações realizamos nova votação. Todavia, a eleição agora era escolha entre a regra original, proposta pelo David, ou a alteração proposta por Marreco. Com a nova consulta realizamos nova votação. Neste novo cenário a proposta de David incrementada com a proposta de Marreco recebeu 7 votos favoráveis (Marreco, David, Julha, Milena, Vitor, Cauã e Lucas) e apenas 2 contrários (Educador Rodrigo e Ben). (6)

Maurício: Então os três entram na regra dos pequenos! Ninguém pode roubar a bola dos três durante 5 segundos. Então Ben, Milena e Julha... Quando vocês receberam a bola, vocês não precisam dar um chutão. Vocês podem parar, olhar pra um lado, pro o outro e escolher o que vai fazer. Vocês têm 5 segundos que ninguém vai pegar a bola de vocês.

Milena: E que pegar?

Maurício: Dentro dos 5 segundos, quem pegar vai estar desrespeitando uma regra. Aí o time dessa pessoa vai perder o ponto de "respeito".

Marreco: Daí não vai tar sendo solidário.

Maurício: É... Não, isso aí é uma regra. Solidariedade é outra coisa. Por que? Não vai ser solidário, é verdade. Mas pode expressar de outra forma a solidariedade... (7) Então...

Ben: Tio, vale dibrar [entenda-se "driblar"]?

Maurício: Vale dibrar. Você já perguntou e estou respondendo de novo! Quem mais quer falar uma regra?

Milena: Uma regra é que... Que... Na hora que os cinco segundos... Não vai [Participante desistiu de sugerir a regra].

Maurício: Outras regras?

Cauã: Professor! O professor... É... É...

Maurício: Mas vocês vão jogar? [Pergunta direcionada para Cauã e Hugo].

Cauã: Sim... Uma regra é... É... Antes de fazer o gol gritar "sabao"!

David: Sabão?!

Lucas: Ah... Essa não!

Marreco: De novo! Mas já foi de gritar!

Lucas: E ninguém fez gol.

Maurício: Então... Vocês aceita a regra turma?

Resposta em coro: Não.

Maurício: Não? Você quer falar a favor dessa regra? Porque você quer essa regra? [pergunta direcionada ao participante Cauã].

Cauã: Porque é ponto!

Maurício: Porque é ponto? Porque dizer [sabao] é ponto? Tem que argumentar.

David: Isso é igual comemoração, que é ponto.

Marreco: A gente já fez essa regra e não deu muito certo. Deu, mas nem tanto.

Maurício: Então vamos para votação: Quem é a favor da regra de quando for fazer o gol falar o que? "tabao"...

David: Sabao!

Cauã: Sabao!

Maurício: Sabao, levanta o braço que é a favor.

Apenas os participantes Cauã e Hugo foram favoráveis. Continuei a votação e perguntei quem era contra. 7 pessoas (os/as participantes Marreco, Ben, Julha, Lucas, Milena, David e o Educador Rodrigo) levantaram o braço expressando não concordar com o implemento desta regra. Culminando com a não aplicação desta regra. (8) Dando continuidade ao primeiro tempo, perguntei se alguém mais gostaria de sugerir regras o Educador Rodrigo disse:

Educador Rodrigo: Da bola não sair na lateral.

Maurício: Vocês concordam que não tenha lateral?

David: É... Tipo a bola vai pra lateral aí?

Educador Rodrigo: Se bater na mureta não sai, só sair da linha não sai...

David: Ah não... Porque fica vuco-vuco ali... E aí fica... Tipo assim batendo nos outros.

Marreco: É.

Lucas: É... Verdade

Educador Rodrigo: Óh... Eu vou dar um exemplo. Hoje de manhã a gente usou essa regra e não aconteceu de ter essa muvuca!

Ben: Qual regra?

Educador Rodrigo: De não sair a bola na lateral.

Marreco: É... Mas que se der uma disputa ali assim, pra ver quem pega a bola. Vai todo mundo se agarrando.

Milena: É verdade.

David: É verdade.

Maurício: Bom, a gente ouviu as pessoas a favor. Inclusive de o exemplo da turma da manhã, e o pessoal contrário. Vamos votar? Tem um consenso? Você quer manter essa regra?

O Educador Rodrigo sinalizou com a cabeça negativamente, como se dissesse não haver consenso.

Maurício: Então vamos para votação. Quem é a favor de que a bola saia na lateral? Tenha lateral?

Lucas: Tenha lateral eu quero!

Pontes: Vai David... Nossa! [Marreco chamando a atenção do participante David para a votação].

No instante da votação o participante Pontes chamou a atenção do participante David. Este, não estava atento e não estava sinalizando seu voto. Foram contabilizados 4 votos (participantes Pontes, Lucas, David e Ben) contrários à implementação da regra.

Maurício: Quem acha que não deve ter lateral? Seja a quadra inteira levanta o braço

Novamente, 4 participantes levantaram o braço (Julha, Milena, Educador Rodrigo e Ben). O participante Sereno votou favorável às duas propostas. Com isso, anulando seu voto, seguiríamos 3 votos em cada proposta. Foi solicitado novos esclarecimentos.

Educador Rodrigo: Sim... Tem... Tem algumas crianças que não tem tanta habilidade então vão ficar dando chutão e o jogo vai ficar parando muito. Então, pode ser que não flua muito bem.

Maurício: Alguém que queira argumentar contrário à essa regra?

Marreco: E aí Lucas? Você tava votando!

Lucas: Fala você.

Marreco: Eu já argumentei o meu.

Educador Rodrigo: Você ia falar alguma coisa Milena?

Maurício: Você quer falar sobre a regra Milena? Sobre essa regra da bola sair pela lateral? O que é que você quer falar?

Milena: A regra que sai na lateral aí vai ter que esperar mais... Mais ainda, porque pra pegar... Aí depois da... A hora que for pegar.

Maurício: Vai ter menos tempo para brincar?

A participante Milena sinalizou positivamente acenando com a cabeça, indicando que a implementação da regra poderia suscitar ter menos tempo para brincar.

Maurício: Então... Ouvimos argumentos a favor. A Milena falou que o jogo vai parar mais, vai ter que ficar mais tempo, porque vai ter que buscar a bola. Então ela é contra de que saia na lateral. Então, a gente ouviu os dois argumentos, vamos mais uma vez votar. Dessa vez todo mundo tem que votar! O Cauã o colega. [indicando o Vitor]. Porque na primeira vez o pessoal não votou e deu empate. Então agora todo mundo tem que se posicionar. Quem é a favor de que tenha lateral? De que a bola saia na lateral?

Foram computados 8 votos (Marreco, Julha, Milena, Cauã, Hugo, David, Ben, Lucas) contrários à regra original proposta pelo Educador Rodrigo. Quando perguntei quem era favorável pela regra ("Não ter lateral"), apenas o Educador Rodrigo votou

favorável. Com o objetivo de finalizar este momento perguntei se mais alguém gostaria de apresentar uma regra. (9)

Ben: Futebol é legal.

Maurício: Futebol é legal. Então tá legal. Os pilares. Cooperação, Respeito e Solidariedade. Cooperação é o que o time faz para que os seus colegas de equipe é... Toque na bola, participe do jogo. Respeito é respeito às regras.

Lucas: Vai valer dar chutão?

Maurício: Ninguém sugeriu esta regra. Então está valendo. Então "Respeito" é respeito ao colega e às regras. A "Cooperação" é o que você faz para alguém do seu time e a "Solidariedade", que eu não falei ainda é o que você pode fazer pelas pessoas da outra equipe. Então o Educador Rodrigo deu uma ideia, que nem seria para ser uma regra ele falou: "Olha isso já é um ato de solidariedade". Então a gente precisa ver quantos pontos cada um desses pilares vão valer...

Após eu fazer esta pergunta as crianças começaram a falar quantos pontos deveriam valer cada pilar. O participante Marreco chegou a recomendar para que não fosse sugerido valores muito altos. Cauã falou 10. Lucas, Marreco e David falaram 6, Milena falou 5 e o Educador Rodrigo falou 3.

Maurício: Então, você quer falar porque você quer 10 Cauã?

Cauã: É porque a equipe fica com mais pontos e ganha.

Maurício: Alguém quer falar o porquê 6?

Marreco: É porque é um número bem baixo.

Maurício: A Milena... É um número bem baixo? Milena... [A participante havia levantado a mão, passei a palavra para ela].

Milena: Porque 6?... Porque tem mais horas?

David: Hora?

Educador Rodrigo: O que?

Ben: 6, porque você pode ganhar mais ponto.

Marreco: Ah [Risos... O participante riu, parecendo zombar do argumento de Ben].

Maurício: Pessoal, é importante respeitar, então vamos votar. Quem é a favor de 10 pontos levanta o braço.

Neste momento ninguém levantou o braço, nem mesmo o participante Cauã que propôs a pontuação.

Maurício: Óh... Eu não vou mais ouvir o Cauã. Porque eu perguntei quem era a favor dos 10 pontos e nem ele levantou os braços. Quem é a favor de 6 pontos levanta o braço.

Quando perguntei quem era favorável à 6 pontos, a quase totalidade das crianças levantou as mãos, ficando definido que este pilar valeria 6 pontos. Buscando finalizar este momento eu perguntei pelos outros dois pilares.

Maurício: E a Cooperação?

Marreco: Todos vale 6.

David: Ah... Tudo a mesma coisa.

Maurício: Tudo 6? Vocês têm acordo com isso?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Vamos começar nosso jogo?

Resposta em coro: Sim. (10)

Educador Rodrigo: Vitória, empate ou derrota... vai?

Maurício: Hã?

Educador Rodrigo: Vai dar pontuação, pra vitória, pro empate pra derrota?

Maurício: Não, isso é uma norma. Isso nem é discutido.

2º Tempo, ou “tempo de bola rolando”.

O Sol estava bastante intenso nesta tarde. A composição das equipes seguiu respeitando a formação do jogo anterior (bexigôlei). Desta forma a Equipe de "colete laranja" era composta por: Eu (Maurício), Lucas, David, Milena, Davi. Já a "equipe sem colete" foi formada por: Educador Rodrigo, Ben, Julha, Marreco e Cauã.

Durante a partida as crianças pareciam estar se divertindo. Elas sorriam, se esforçavam para pegar a bola, fazer passes, apanhar a bola da equipe adversária. Não percebi episódios de desrespeito entre as crianças participantes. Houve uma ocasião na qual a participante Milena caiu sozinha no chão ao tentar interceptar a bola de um jogador da equipe adversária. Contudo, Cauã e David tiveram o cuidado para não a machucar e, inclusive, pediram para "parar o lance".

De maneira geral, não foi percebido conflitos durante a partida. A equipe de colete Laranja Converteu 2 gols, enquanto a equipe "sem colete" conseguiu converter apenas 1.

Após ter transcorrido o tempo de bola rolando (15 minutos) pedimos para as crianças beber água e se deslocarem até o nosso espaço de Roda Inicial, pois iríamos realizar o 3º Tempo/Mediação lá naquele espaço. Posto que para além de ser protegido do sol, também seria oportuno para o conseguinte desenvolvimento da atividade de "Jornalzinho".

Fútbol Callejero - 3º Tempo , ou Mediação.

Logo que todas as crianças chegaram ao nosso espaço coberto, iniciamos nosso 3º Tempo. Dois participantes: Cauã e Davi não participaram deste momento, pois ambos treinam o futebol junto a "Escolinha de Futebol". Assim, conforme combinado previamente, se deslocaram para o local do treino no horário combinado (às 16h).

Seguindo a dinâmica do método do *Fútbol Callejero*, formamos um círculo aproveitando as cadeiras que já estavam posicionadas em nosso espaço de acolhimento. Como de praxe, iniciei o 3º Tempo, fazendo uma breve releitura dos combinados iniciais.

Maurício: Então a gente vai dar início ao terceiro tempo. A gente... Nós subimos aqui porque estava muito sol e dois participantes pararam para poder jogar bola. E continuar na quadra ia ser muito ruim... É... a única regra acordada para que fosse desenvolvida é de que os pequenos poderiam ficar cinco segundos com a bola. Foi uma regra inicialmente sugerida pelo David e que o Marreco contribuiu deixando que fosse só para os pequenos. Então, os pequenos que eram a Julha, a... Milena e o Sereno poderiam receber a bola e ficar cinco segundos sem que alguém roubasse a bola deles. Essa foi a única regra instituída e os pontos por respeito, cooperação e solidariedade, cada pilar valia seis pontos. Cada equipe, a equipe laranja no jogo marcou dois gols. A equipe sem colete marcou um gol. No *Fútbol Callejero* os gols são convertidos em pontos e a equipe que fez mais gols fica com três pontos e a equipe que fez menos gol fica com 1 ponto. Então o jogo começa, o terceiro tempo, 3 a 1 para a equipe laranja. Eu queria saber se houve respeito às regras?

Houve alguns segundos de silêncio.

Maurício. Vocês podem ser sinceros e francos.

Marreco: Sim, teve.

Milena: Teve.

Maurício: Teve?

Julha: Teve, que a Milena caiu e o menino do colete levantou ela.

Maurício: Mas era uma regra levantar a Milena?

Julha: Não.

Maurício: Ah... Acha que a pessoa foi solidária?

Julha: isso.

Milena: Foi ele [apontando para o participante David].

Maurício: Mas vamos ver primeiro o respeito (11). Então houve respeito às regras?

Educador Rodrigo: Quase... Quase não teve mas... O pessoal esqueceu da regra e aí... Voltou atrás pra poder...

Maurício: Devolvendo a bola?!

Educador Rodrigo: Isso!

Milena: Deu carrinho!

Maurício: Alguém deu Carrinho!

Marreco: Não.

Lucas: Não.

Maurício: Ah... Mesmo assim, foi combinado que não valia carrinho né? Eu não anotei, mas essa foi uma regra que estava combinada também. Teve algum carrinho?

Marreco: Não.

Maurício: E respeito às pessoas teve? Alguém se sentiu desrespeitado durante o jogo?

Resposta em coro: Não.

Maurício: As duas equipes merecem os seus pontos de respeito?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Agora Cooperação. A ideia da cooperação no *Fútbol Callejero* é saber se todas as pessoas puderam participar da melhor forma possível do jogo. As pessoas puderam participar do jogo.

Resposta em coro: Sim.

Julha: Mas teve gente que saiu.

Educador Rodrigo: É... Eu acho que faltou "Cooperação" dos meninos que saíram. Mas aí é por causa do futebol [Educador Rodrigo ponderou que os meninos saíram devido o compromisso com o treino na escolinha de futebol]... E o Davi teve uma hora que ele saiu do jogo e eu falei: "Davi você não vai jogar?" E ele: "Ai... Eu vou beber água!"... Ah, mas eu acho que tem hora para beber água né? E ele [Educador gesticulou com o braço,

sinalizando que o participante Davi saiu andando sem se importar com a orientação dada pelo Educador].

Maurício: Você acha que faltou Cooperação do Davi?

Educador Rodrigo: Eu acho que sim.

Maurício: É, acho que a Julha saiu para beber água também...Eu... Eu acredito que sair para beber água não seja grave, dado a condição climática que a gente está. O importante é saber se voltou depois do jogo... Ele voltou, mas tinha treino, assim como o Cauã.... eu não entendo como falta de "Cooperação" deles. Não sei se alguém pensa diferente?

Milena: Você tem dois dentes de vampiro.

Maurício: Tem dois dentes de vampiro? Tá! Cooperação! É... mais alguém quer falar alguma coisa? As duas equipes merecem o ponto de Cooperação?

Resposta em coro: Sim (12).

Maurício: Sim? Todo mundo tá satisfeito? Você está satisfeito Ben?

Ben: Sim.

Maurício: Você tocou na bola?

Ben: Sim.

Maurício: Tocaram pra você?

O participante acenou positivamente com a cabeça, sinalizando que seus/suas colegas de equipe haviam passado a bola para ele, culminando com o consenso de que as duas equipes mereceram os 6 pontos de "Cooperação". O Pilar analisado em seguida foi a "Solidariedade".

Maurício: E solidariedade? Solidariedade é o que você pode fazer pelas pessoas da outra equipe. Hoje a gente combinou uma regra que já nos tornava solidário. Mas eu pude ver eventos de solidariedade lá. E mais alguém viu esses eventos.

David: Não.

Marreco: É... Aquela hora lá que o... Que o Lucas começou a... Tava machucando a perna né? Tava... Torceu? Não foi? [direcionou a pergunta para o participante Lucas].

Maurício: Quem?

Lucas: Eu.

Maurício: Você torceu a perna?

Lucas: Sim.

Maurício: Mas o que é que teve de solidário nisso? Explica melhor.

Marreco: Perguntei se ele estava bem.

Maurício: Você perguntou se ele estava bem?

Marreco: É. (13).

Maurício: E você David?

David: Ah... Aquela hora que eu peguei do... Que eu esqueci da regra... Que eu peguei do Ben, aí eu devolvi pra ele.

Maurício: Você acha que você foi solidário?

David: Ah... Não sei.

Maurício: Ou você seguiu uma regra?

David: Ah... Não sei... É que eu tinha me esquecido, como o professor falou.

Maurício: Ah... Legal. Eu só quero explicar que, agir de acordo com a regra, o *Fútbol Callejero* ele tem algumas coisas que a gente precisa melhorar nele... E ser respeitoso é uma forma de ser solidário também, de ser cooperativo. Só que o *Fútbol Callejero* dividiu as coisas pra poder marcar pontos. Então o que você está dizendo no *Fútbol Callejero* não é solidariedade. Aliás se você for mais rígido, a fundo você vai ver que você começou desrespeitando uma regra. Qual foi? Tirar a bola dele antes dos 5 segundos. Entendendo que você tinha feito: "Opa, eu desrespeitei a regra, eu quero me redimir" Você devolveu a bola. Este é um ato que a gente pode entender que é de respeito. Mas, dentro do *Fútbol Callejero*, essa devolução da bola não seria solidariedade, porque na verdade você pegou a bola num momento que não podia. "Que nem" [entenda-se "igual] aquele caso do professor Educador Rodrigo. Vocês viram que teve um momento que ele disse: "óh... pegou na minha mão". Isso favorece a outra equipe. Mas isso é ser honesto, não é ser solidário. Ser honesto toda gente tem que ser. Então, também não entra como "solidariedade", embora foi um gesto muito importante o que ele fez. Foi honesto: "Olha a bola tocou em mim, na minha mão". E solidariedade então turma? Vocês não viram?

David: Não. (14)

Maurício: Não?

Ben: E o Jornalzinho?

Maurício: Assim que acabar aqui. [Eu disse isso em resposta à pergunta do Ben].

Milena: É... Eu acho que ele, que pulou aquela cerca [a participante se referiu à uma atitude de Sereno tomada durante a partida]... Então eu acho que isso não podia, porque tem todas regras... Eu pensei assim, de ele passar por lá. Porque não tem muito tempo!

Maurício: Você achou que foi desrespeito dele? Pular a cerca?

Milena: Porque tem tempo pra tudo... Aí ele... Ele prefere ter pulado!

Maurício: Ele pegou, pra buscar a bola, e pulou o portão! Alguém mais acha que isso é desrespeito?

David: Não!

Julha: Sim, porque ele pode se machucar lá.

David: Ele foi pegar a bola.

Maurício: Então, o David acha que "é desrespeito".

David: Não, não.

Maurício: Que não é desrespeito e você acha [dicionando para Julha], inclusive porque ele pode cair e se machucar!

Julha: É.

Maurício: Eu acho que para o futebol a gente não vai entender como desrespeito. Mas fica para você como uma orientação: "Não pule mais grade". Entendeu? [Orientação direcionada para o participante Ben]. Você é bastante habilidoso, a gente viu lá, mas não pode pular a grade! Pode falar [indicando abertura de fala para a participante Milena].

Milena: Que eu gostei.

Maurício: Não. É no final. Agora é sobre solidariedade... Olha teve um momento que a Milena... Já que eu joguei eu posso falar né? E eu sou o mediador hoje... A Milena teve um momento que ela caiu, e quando ela caiu quem estava próximo foi o Cauã.

Lucas: Ele não fez nada.

Maurício: Ele tentou pegar a bola, mas o Lucas falou: "Calma, olha a Milena aí". E ele calmou. Ele esperou que a Milena levantasse. Embora o Lucas fosse do nosso time, e ajudou a Milena, o Cauã também teve uma participação ali, porque ele tava quase pisando nela. Ele parou, ele não era obrigado a parar pela regra do futebol normal. Porque ele não fez a falta, mas isso é solidariedade. Houve, houve esse episódio de Solidariedade. Vocês viram esse lance?

Lucas: Ahã.

Marreco: Não.

Maurício: Entendeu? Mas a solidariedade nesse caso foi do Cauã com a Milena. Alguém viu mais outros episódios de "Solidariedade"?

David: Não.

Maurício: Então só foi essa?

Lucas: Só.

David: Só.

Maurício: Então essa Solidariedade quem faturou, quem fez foi o time sem-colete. Faturou 6 pontos... Algo mais? (15)

Resposta em coro: Não.

Maurício: Então, eu fui contabilizando os pontos enquanto a gente conversava a equipe laranja marcou 15 pontos. A equipe sem-colete marcou 19. Porque? Porque a equipe sem-colete poderia, de colete laranja, poderia ter chegado aos 21 pontos e ganhou o jogo, se tivesse um evento de solidariedade.

Ben: Quem que ganhou?

Maurício: A equipe sem-colete ganhou esse jogo.

Milena: Eeeeeee!

Maurício: Por dezenove pontos contra quinze da equipe de colete. Tudo bem turma? Vocês têm acordo com esse placar?

Marreco: Sim.

Resposta em coro: Sim.

Maurício: No *Fútbol Callejero* a gente sela o acordo com uma salva de palmas.

É importante o registro de que mesmo tendo convertido 2 gols à mais durante o 2º Tempo (Tempo de bola rolando) a "equipe com colete laranja" não venceu a partida. Ademais, a peculiaridade da dinâmica da contagem dos pontos desta prática permite pôr em relevo a valorização de atitudes como "Cooperação", "Solidariedade" e "Respeito". No caso específico da vivência de hoje, a equipe que foi mais eficiente na técnica do jogar futebol não saiu vencedora [mesmo tendo convertido mais pontos]. Os pontos afeitos ao pilar "Solidariedade", que foram atribuídos à "equipe sem colete", foram fundamentais para a vitória desta equipe e, mais ainda, com uma discrepância de 4 pontos à frente da equipe oponente.

Logo que encerrei a Mediação/3º Tempo sugeri para as crianças beberem água, e logo com o retorno das crianças/adolescentes, iniciamos a atividade de leitura do Jornalzinho.

Roda Final

Iniciei a Roda Final trazendo alguns informes sobre as atividades dos próximos encontros. O primeiro foi sobre uma festa de confraternização organizada pela EPTV que ocorrerá na quinta-feira (08/12/2016). A EPTV é uma repetidora televisiva do sistema Globo de Televisão, tratando-se de uma parceira da ADESM junto as atividades de

"escolinha de futebol". Nestas confraternizações, à luz do que ocorreu nos anos anteriores, geralmente há a distribuição de um brinde para as crianças, aluguel de brinquedos (pula-pula, castelo inflável, futebol de sabão) e um lanche festivo [refrigerante, cachorro quente, bolo].

Também foi sinalizado nosso encerramento, previsto para ocorrer na quinta-feira da semana seguinte (dia 15/12/2016). Ocasão na qual faremos um passeio na UFSCar. Para tanto, apresentei a autorização e fiz a leitura/explicação desse documento.

Combinamos as atividades da terça-feira seguinte, que será o último encontro da equipe pedagógico que frequenta as atividades às terças-feiras, deste ano (2016). Assim, como já estava prevista a atividade da "piscina", atividade que ocupa um grande tempo, propus que enquanto vivência de integração fosse realizada a confecção de bolinhas de malabares e, caso tivéssemos tempo, a prática do *Fútbol Callejero*. A turma aceitou a proposição, havendo consenso.

Maurício: Agora eu preciso saber de vocês se no projeto hoje teve... Pensando no Fútbol Callejero, e ne todas as atividades, se teve respeito?

Marreco: Ah... Sim.

Maurício: Você acha que teve? A gente respeitou as regras dos jogos?

Milena: Sim.

Marreco: No futebol... [foi interrompido pelo participante Lucas].

Lucas: Mais ou menos!

Maurício: Qual que você acha que foi menos?

Milena: Qual que é aquele... Aquele lá... Que... Que eu caí, ele ficou parado?

Maurício: Solidariedade!

Lucas: O Cauã.

Milena: Ah... Eles ficaram um pouquinho.

Maurício: Bravo?

Milena: Não! Bravo não!

Maurício: O que ele fez?

Milena: Ele ficou um pouquinho parado.

Maurício: Mas ele não pegou a bola de você né?

Milena: Não! Ah... Entendi!

Maurício: E Cooperação? Teve Cooperação no projeto hoje?

Lucas: Sim.

Maurício: O que é que é cooperação mesmo?

David: Ah... É tipo... É assim ohhh... Tipo... Quando no futebol... É pra passar pra todos da sua equipe. No Bexigôlei também teve isso!

Maurício: No Bexigôlei teve isso também. De passar para as pessoas de sua equipe... E no Jornalzinho? Teve Cooperação?

David: Ahã!

Maurício: Todo mundo participou do Jornalzinho?

Milena: Sim... Não... Quase... Não!!!

Maurício: Só quem foi pro treino de futebol que não né?!

Marreco: Claro que teve cooperação né? O pessoal ficou passando "lá é ó"!

Maurício: A lá! Um ajudou o outro com as palavras?

Marreco: É.

Milena: Sim.

Maurício: Ah... E hoje teve solidariedade no projeto? Hein Julha? Teve solidariedade no projeto hoje?

Julha: Si... [a participante não concluiu a palavra e sinalizou positivamente com a cabeça].

Maurício: Teve? No projeto, não só no futebol.

David: Teve.

Maurício: Quais foram.

David: Bom... No bexigôlei... Quando... Passava por baixo... Do... Não... Não tinha a linha ali? Então... Aí, pegou ali e... O menino falou que... Não era pra passar por cima dela? E ela pegou... E... [o próprio participante interrompeu sua fala].

C. P. MAURÍCIO - No caso do nosso bexigôlei (que é uma adaptação do vôlei] em algumas ocasiões nas quais o participante Sereno e as participantes Julha e Milena, não conseguiram fazer a bexiga passar sobre a corda (que o participante David chamou de "linha") que cumpria a mesma função de uma "rede". Portanto, estou identificando o esforço que o participante David está empreendendo para construir suas reflexões. Assim, penso que é preciso observar e destacar positivamente as ocasiões em que ele alcançar êxito na comunicação de suas ideias e reflexões. Posto que minha pergunta exigiu um raciocínio complexo, ao requisitar que os/as participantes analisassem suas ações ao longo de todas as atividades, e as relacionassem com a especificidade do conceito de "Solidariedade" ao qual que está imbuído o *Fútbol Callejero*.

Maurício: Ah... ela passou a bola pro pessoal do outro time.

David: É. (16)

Maurício: Legal... Então esse gesto de Solidariedade... [participante David levantou o braço abruptamente, como se tivesse lembrado de seus argumentos que ora havia esquecido. Interrompi minha fala passando a palavra para ele].

David: Ah não... A não... [o participante desistiu de sua fala].

Maurício: Mesmo quando no "Jornalzinho": "Ah, vamos fazer o caça-palavras". Isso vocês já entenderam como Cooperação. Eu também identifico como um ato solidário: "Ah... eu achei essa palavra aqui oh! Quer ver aqui?" Falava pra outras pessoas! Ajudava ela também! Então esse exercício é importante. No dia-a-dia é bom ter solidariedade.... Eu tenho aqui... Alguém quer falar alguma coisa no dia de hoje? (17)

Nessa altura do nosso diálogo e com o adiantado da hora, compreendi que era momento de finalização dos diálogos. a minha compreensão de que o diálogo acerca da percepção das crianças acerca da manifestação do "Respeito", "Cooperação" e da "Solidariedade" estava satisfatório, diante do contexto da proximidade do horário de encerramento do projeto, quis saber das crianças as suas percepções sobre o encontro desta tarde. Elas comentaram acerca da satisfação por terem participado, mas não fizeram mais relações com o *Fútbol Callejero*.

Antes de distribuir o lanche eu trouxe algumas imagens e vídeos sobre os animais mais velozes, que foi tema de nossa Roda Inicial na semana anterior. Para tanto, lancei mão do uso do meu computador pessoal (notebook) para apresentação das imagens. Antes de encerrar a vivência, foi distribuído o lanche, composto por uma banana e uma bolacha de água e sal para cada participante.

Após encerrar a apresentação me despedi das crianças e fiquei mais alguns instantes para ajudar a equipe do VADL/MQF na confecção de diário da respectiva equipe pedagógica.

Diário – IX**13/12/2016****Participantes Presentes:** Cauã; Lucas; Marreco, Esther; David, Julha;**Visitantes:** Caique, Cássio, Queops; Senet; Vitória (da Manhã), Jéssica (da manhã), Kid (da manhã), Davi-Luiz (da manhã), Digo (vizinho do Davi-Luiz), Matheus (vizinho do Clube dos Metalúrgicos), Liriel; Stuart (amigo do Davi-Luiz da manhã); Fiorella (da turma da manhã), Natália (da turma da manhã);**Vivências:** Piscina e Confeção de bolinhas para malabares e malabarismo.**Equipe pedagógica:** Educador Maurício, Educadora Abayomi, Educador Rodrigo e Educador Leonel.**Roda Inicial.**

Hoje foi o último encontro do ano de 2016. A programação de hoje foi eleita no encontro anterior (06/12/2016) e contou com brincadeiras na piscina (sempre muito esperada pelas crianças), e uma “oficina” de confecção de bolinha de malabares e a sua respectiva prática.

O momento de Roda Inicial foi conduzido por mim. Curiosamente, ao consultar as crianças acerca da comunicação de novidades nenhum/a participante trouxe contribuições. Compreendi que este silêncio inicial foi resultado da ansiedade das crianças/adolescentes em utilizar a piscina.

Ainda na Roda Inicial promovi um diálogo em torno do episódio de sumiço do aparelho telefônico da participante Esther. Pois, no encontro de quinta-feira (08/12/2016) que antecedeu as atividades da presente data, ela sentiu falta de seu aparelho celular, que foi encontrado somente após cada um/a consultar sua mochila. Nesta feita o aparelho foi encontrado na mochila de seu irmão, o participante Marreco. Minhas observações acerca deste episódio geraram em torno do necessário cuidado com as palavras nestas ocasiões, uma vez que no ínterim entre perder o celular e reencontrá-lo, houve algumas suspeitas acerca de quem poderia ter pego, gerando desconforto.

Durante a Roda Inicial também dialogamos sobre a ordem/sequência em que seriam desenvolvidas as vivências e, atentos/as à chuva intermitente que ocorreu pela manhã, em consenso elencamos o início pelas práticas aquáticas e depois com a confecção de bolinha de malabares e o malabarismo em-si.

A atividade na piscina foi o mote para a aproximação entre os valores/pilares que sustentam a prática do *Fútbol Callejero* – Cooperação, Solidariedade e Respeito.

Todavia, de maneira distinta como em ocasiões anteriores, desta vez, por uma desatenção, eu não tornei explícito este meu interesse, de modo que simplesmente começamos a elencar regras para o uso da piscina.

Maurício: E o restante da turma... Alguns cuidados então para piscina. Eu poderia falar todas as regras.

David: Só que todo mundo já sabe.

Maurício: Mas... Não é todo mundo porque tem gente que veio pela primeira vez. Mas eu queria saber se vocês entendem bem as regras. Então, levanta o braço quem quer falar uma regra da piscina.

O participante Liriel, que visitava o projeto pela primeira vez levantou o braço. Fiquei surpreso, pois, conforme eu havia sinalizado para o participante David, minha intenção foi de sinalizar para os novos participantes as normas/regras de uso da piscina. E isso incluía o Liriel.

Maurício: Ohh... Tem um cara aqui! Era pra você que a gente ia falar e você já sabe uma! Qual que você já sabe?

Liriel: Que não... Não pode passar da boia.

Maurício: E todas as regras tem um porquê. Gente, é muito fundo lá [indicando o limite das boias que dividem a piscina ao meio, sendo uma parte funda e a outra parte rasa]. Eu... Se eu... O Leonel... é mais fundo que você da boia pra lá Leonel.

Educador Leonel: Nunca entrei pra lá.

Maurício: Então, depois você mostra pra turma.

Cido O cara falou que tinha dois metros e quinze.

Educador Leonel. Então é mais fundo que eu!

Maurício: E você tem quanto?

Educador Leonel: Eu tenho um e oitenta.

Maurício: Um e oitenta... então óh, passa "25 centímetros" [no momento da roda eu me equivoquei na conta. O cálculo adequado resulta em "35 centímetros"]... Um tanto assim [indicando a metragens com as mãos acima da minha própria cabeça] Fica em pé aí Leonel pra você ver.

Quando o Educador Leonel ficou em pé, algumas crianças ficaram impressionadas ao imaginarem que a piscina ainda era mais funda. Matheus ainda disse relembrando diálogo com um associado do clube dos metalúrgicos: "Nossa! O cara tinha dois metros e dois e batia aqui nele ó". O garoto disse isso e sinalizou que a água atingia a altura do nariz de tal pessoa. Após esses comentários seguimos com os anúncios e (re)produções de regras para a piscina.

Maurício: Mas o Leonel tem um metro e oitenta e cinco e com certeza é mais fundo que ele, porque eu já entrei lá.

Matheus: Ele tinha dois metros e dois, o cara lá.

Maurício: É... Curioso, pode ser que a... Não seja dois metros. Pode ser que a gente esteja com a informação errada. De toda forma, como tem gente que não sabe nadar, nós hoje não vamos ensinar natação, então é da boia pra cá. O nosso colega Cris quer falar algo.

David: Queops!

Maurício: Queops!

Queops: Eu sei nadar um pouco, mas não muito!

Maurício: Um pouco, mas não muito. Então fica sempre próximo aos professores. Gabriel, você quer falar uma regra da piscina?

Caique: Não pode dar mortal.

Maurício: Não pode dar mortal. Vocês sabem o que é mortal?

Caique: Pular piscina e virar de cabeça.

Maurício: Isso, a própria palavra fala: "Mortal". Ela pode ser mortal! O Cauã quer falar algo Cauã?

Cauã: Não cagar na piscina.

Neste momento algumas pessoas riram. O próprio participante ao fazer a proposição a fez dando risada. Entendi com graça aquele comentário. Porém não deixei de estabelecer uma reflexão.

Maurício: Olha... Nem fazer xixi! Já que ele falou essa regra, eu não conhecia a regra. Eu acho que na verdade é uma questão de higiene, mas pode virar uma regra. Todo mundo tem acordo que não pode cagar na piscina?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: O pessoal diz que nas piscinas: "Oh... se você fazer xixi vai ficar uma bola redonda assim".

Milena: É azul, em volta de você!

Maurício: Então óh... Isso turma... Isso é mentira. Eles falam pra que vocês não façam xixi. Mas, quando a gente está nadando a água encosta na gente ou não?

Resposta em coro: sim.

Maurício: Vocês não acham que seria desagradável saber que tem xixi ou urina encostando em vocês?

Resposta em coro: sim.

Maurício: Tem gente que não nada direito e faz assim óh... "ururuuulll" [tentativa de reproduzir o som emitido em uma situação de afogamento]... engole um pouquinho d'agua.

Cauã: E faz mal... Perigoso morrer.

Maurício: Imagina se tem xixi.

Lucas: Ecaaa!

David: Não pode correr e dar um pulo na beira da piscina.

Maurício: Não pode correr porque você pode trombar com alguém, ou correr pra saltar. Porque pode ter alguém.

Digo: Você pode escorregar!

Ben: Não pode afogar as pessoas.

Maurício: Afogar. E esse afogar é aquele brincar de afundar a cabeça, ou brincar de lutinha. Na piscina não é legal turma.

As crianças apresentaram suas regras. Todavia, enquanto um Educador, eu compreendia que haviam mais questões que precisavam ser dialogadas. A saber: Algumas atitudes que as crianças manifestavam e que precisavam ser refletidas.

Maurício: Agora, as coisas que sempre me preocupam na piscina. Na verdade não é uma preocupação, é que atrapalha um pouco. Vocês vão entrar pra usar a piscina, vocês devem ir no vestiário. Não precisa gritar... E sempre tem alguém gritando, e hoje de manhã eu ví o João Dinho, por exemplo. Eu cheguei lá e ele tava com a toalha cobrindo a cabeça assim: "Ahhh... aahhhh", parecendo um zumbi.

Neste momento as crianças riram. João Dinhotambém!

Maurício: É desagradável turma. O vestiário tem eco. E lá tem os armários: Vocês vão entrar, tirar a roupa, colocar a roupa de banho, quem não estiver usando ainda. Vestir ela. E só levar toalha ou chinelo para piscina, ou os dois: toalha e chinelo. A toalha é importante que vocês levem. Vocês tão vendo a copa das árvores, os galhos ó: Está balançando.

Cauã: Sim.

Maurício: Com o corpo molhado, esse vento pode ser frio e dar uma friagem vocês ficarem doentes da garganta, gripados.

Cauã: Eu já fiquei com a garganta ruim e não foi muito bom não! E o remédio era ruim que eu tomei.

Outro assunto que a equipe pedagógica havia tratado em reunião de "planejamento e avaliação" realizada ainda no mês de novembro, foi a questão do banho. Em especial, a atitude de algumas crianças em momento de banho. Em nossa reunião foi comunicado que algumas crianças ficavam nuas durante o banho. Tal evento é mais comum no período da manhã entre os meninos e as meninas. Já no período da tarde, isso só ocorria com os meninos. Durante a reunião ficou encaminhado que para evitar problemas com as crianças, pais, mães e responsáveis, nós Educadores e Educadoras, não iríamos nos banhar nus. Pois poderia gerar desconfortos para/com crianças e adolescentes, seus/suas respectivos/as familiares, bem como possíveis mal-entendido com adultos/as frequentadores/as do clube.

Maurício: Outra coisa que esqueci [me referindo à um comentário] de manhã, é o momento do banho. Então, nós nunca falamos disso. Os meninos e as meninas se quiserem podem ficar nuas ou nus. Mas vocês nunca vão ver aqui no espaço um professor nu tomando banho com vocês. Eu tenho um sobrinho, que tem mais ou menos a idade de vocês, e eu sou o tio dele e as vezes vai na praia a gente nada. E eu posso tomar banho junto com ele. Mas ele é meu sobrinho. E ninguém vai entender que é desrespeitoso. Mas aqui nós somos professores e professoras. Aí alguém pode ver e achar que há mal intenção da nossa parte. Do professor ou da professora. Então como a gente quer evitar esse constrangimento a gente não... A gente toma banho geralmente depois de vocês. Então ali a gente só põe a sunga, ou joga uma água e vem fazer a roda final. Depois toma banho. Mas você se se sentirem à vontade, lá no vestiário é o lugar para tirar a roupa, para se trocar. Então... Todo mundo tem corpo, é natural você ver a outra pessoa é... da sua idade, do seu gênero e do seu sexo nu. Não tem problema nenhum. O importante é sempre respeitar. Então não toque o corpo do outro, da outra pessoa.

Espera ele sair do banho, mas não tem problema nenhum. Mas quem não se sentir à vontade pode tomar banho de sunga sim. Não tem problema nenhum. Só que vocês nunca vão ver um professor aqui nu por essa questão de respeito, de outra pessoa ver e achar estranho porque é um adulto. Tudo bem turma?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: E aí, tomem banho rápido. Porque vai ter um colega na fila. Então vai, toma banho, enxuga, guarda as coisinhas na mochila e vem aqui pra gente fazer a outra brincadeira... O Leonel quer dar um recado turma.

Educador Leonel: Pra... Queria falar pra não sujar, pra não deixar o vestiário sujo, não deixar fora tudo revirada. Porque de manhã...

Cássio: Uma criança deixou a toalha no vestiário. Né Leonel?

Neste momento as crianças começaram a se levantar de modo a, aparentemente, deixar de ter atenção às palavras do Educador Leonel.

Maurício: O Educador Leonel ainda está dando recado.

Educador Leonel: Não.. Não deixar o vestiário sujo, não deixar as toalhas jogadas. Deixar tudo juntinho, colocar as coisas tudo num armário só e depois quando precisar, se você precisar deixar a toalha ali já pega e já tragam a toalha e deixa ali. Mas, deixa tudo organizadinho, tudo certinho no lugar. Não suja o vestiário.

Maurício: É pessoal. A piscina não vai sair correndo. Uma última regra importante meninos. Atenção o Ben. Alá aquele lá saiu correndo e eu preciso falar!

As crianças estavam muito ansiosas para começar as práticas na piscina. O participante Queops começou a caminhar em direção à piscina. Chamei a atenção das crianças para um último comunicado.

Maurício: Uma última regra importante é que é obrigado a passar pelo "chuveirão". Não pode tomar banho quente para depois entrar na piscina ou tomar o banho quente e passar no chuveirão. O chuveirão é inevitável. É lá no chuveirão que a gente está vendo, o guarda-vidas, todos os associados, as crianças e os professores, tirando o suor do corpo. Às vezes que jogou bola, um pouquinho da terra, da areia. É ali que a gente garante que a piscina vai continuar limpa. Então tem que ir no chuveirão e não é pra passar correndo. Chega lá de baixo e esfrega bem as axilas, ou o "fubaco" [entenda-se "sovaco"].

Roda Final

Maurício: A ideia agora de nós conversarmos, é que eu preciso saber como é que foi na piscina. A gente a tarde tem feito isso direto, que era pensar no *Fútbol Callejero*. Teve respeito às regras da piscina?

Lucas: Sim.

Cauã: Sim.

Educadora Abayomi: Algumas pessoas não, e aí tiveram que ficar sentadas fora um pouco.

Maurício: E quais foram as regras desrespeitas? Por enquanto eu não preciso saber quem são as pessoas.

Educadora Abayomi: É... Passar do cordão pra lá! [indicando o sistema de boias que divide a piscina de acordo com o limite de profundidade].

Maurício: Teve isso lá turma? Alguém passou do... Do... Do meio da piscina lá? Do lado fundo?

Caique: Teve!

Ben: Foi o Queops.

Maurício: Foi o Queops?

Neste momento os participantes Queops e Sereno se entre olharam. Queops chegou a mostrar o braço, com os punhos cerrados, como se quisesse sinalizar para Sereno que lhe daria um soco. Fez isso e não proferiu uma só palavra para o outro participante.

Maurício: O Queops, porque você passou para o outro lado?

Queops: Eu não passei.

Ben: Passou sim.

Queops: Eu tava de baixo d'água segurando um negócio pra você saber.

Maurício: Bom a professora sabe. Quem foi professora?

Liriel: O Leco e... E eu!

Maurício: Você também passou pro outro lado?

Educadora Abayomi: Ele que eu não sabia o nome [disse isso apontando para o Queops].

Maurício: Queops.

Educadora Abayomi: É... Ele [apontando para o participante que nos visitava pela primeira vez - Gabriel do futebol].

Maurício: Vocês não sabiam que não ia poder... que não podia ir pro outro lado?

Liriel: Sabia.

Maurício: E porque você passou?

Liriel: Porque eu queria ver se era muito fundo.

Maurício: Queria ver se é muito fundo... E é fundo?

Liriel: Não deu pra ver!

Educadora Abayomi: É que eu peguei eles.

Cido Na hora que ele estava na "rodinha" [esta refere-se às boias que separam as raias da piscina].

Maurício: Bom, vocês dois nunca jogaram, ao menos não comigo né? Um futebol que chama *Fútbol Callejero*.

Marreco: É!

Maurício: Se fosse futebol o time que vocês dois tivessem jogando ia perder ponto. Porque vocês desrespeitaram uma regra. Então, seria muito legal você conhecerem o *Fútbol Callejero*. E você ficou bravo com nosso amigo Ben, não precisa Queops. Hein? Queops? Não precisa ficar bravo com ele... Aconteceu ué. (1) E além dessa regra, teve outras desrespeitadas? Quais foram?

A turma ficou em silêncio. Decidi insistir a pergunta.

Maurício: Turma lembra?

Educadora Abayomi: Correr e pular.

Maurício: De pular?

Educadora Abayomi: Correr e pular.

Maurício: Olha aí... Quem mais desrespeitou essa regra de correr e pular?

Novamente houve silêncio. Insisti na pergunta:

Maurício: Ninguém lembra? Quem foi professora?

Educadora Abayomi: A Kid, que eu já tinha falado de manhã.

Maurício: De manhã e... De novo a tarde Kid? Você sabia que não podia fazer isso?

Kid: hãhã. [A participante fez esse som junto com um aceno de cabeça, sinalizando negativamente].

Maurício: Não sabia?

Vitória: Sabia sim.

Kid: Não! a Abayomi falou à tarde.

Educadora Abayomi: Não! Eu falei de manhã!

Kid: É de manhã quer dizer.

Maurício: E aí ela falou de manhã e pra tarde ela não! Na roda inicial nossa ela falou: "você lembra?". E você fez de novo! Porque você fez de novo?

Kid: Esqueci.

Maurício: Esqueceu?... Muito bem. E isso acontece no futebol também! A gente está tão emocionado, empolgado com a brincadeira, com o nadar, que esquece as regras. E o *Fútbol Callejero* pode nos ensinar isso. Que os acordos, as regras são tão importantes quanto a própria atividade, quanto o próprio jogo de futebol, a própria piscina. Porque? O acordo é estabelecido coletivamente. Vocês, antes de ir pra piscina a gente tinha falado, não tinha?: "óh... Todo mundo concorda? Quais são as regras?" Eram vocês que falaram as regras. Então, muito cuidado onde vocês forem. Todos os lugares têm suas regras. Por exemplo: Em casa, eu sempre gosto de falar essa regra né? Eu posso, dá lá dez e meia da noite, onze horas ou meia noite e falar óh: "Vou dormir". Pegar o cobertor e deitar em cima da mesa da cozinha para dormir em cima da mesa da cozinha.

Lucas: Não!

Maurício: Ninguém nunca falou. Mas parece ser uma regra que não se deita em cima de uma mesa né?

O participante Lucas deu um largo sorriso.

Marreco: Se fosse num sofá pelo menos.

Maurício: Se fosse no sofá é aceitável, mas é sempre tem o papai, a mamãe, ou o vovô ou a vovó nos dizendo: "Óh... Vamos pra cama, lugar de dormir é na cama". É uma regra.

Marreco: Até mesmo no chão.

Cássio: Eu dormi no sofá.

Maurício: Já dormiu no sofá... Muito bem. Então, nesse sentido Kid, você seria uma pessoa que no *Fútbol Callejero* teria desrespeitado uma regra e o time que você estaria jogando iria

perder ponto. Porque no *Fútbol Callejero* as regras que são desrespeitadas, fazem a equipe não ganhar o ponto de respeito (2).

Decidi então promover uma análise sobre a "Cooperação".

Maurício: E cooperação? Houve cooperação na piscina?

Julha: Teve.

Maurício: A cooperação no *Fútbol Callejero* é saber se todo mundo participou. Todo mundo que quis participar da piscina brincou?

Lucas: Sim.

Maurício: Sim?

Senet: Não.

Maurício: Não? Você não brincou?

Senet: Sim.

Maurício: Teve alguém que você viu que não brincou?

O participante não falou nada, mas apontou o dedo para o Marreco.

Maurício: O Marreco? O Marreco ele não quis ir lá. Ele e a irmã dele. Eles falaram desde o início: "óh eu não vou lá". Mas a ideia é saber se alguém se sentiu excluído na piscina... Ou todo mundo brincou e está feliz por ter brincado.

Marreco: Eu estava sem sunga.

Maurício: Ahhhhhh... Você esqueceu?.

Marreco: Sim.

Maurício: Todo mundo está satisfeito por ter participado da piscina.

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Todo mundo brincou?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Ninguém foi excluído.

Lucas: Não.

Maurício: Então no *Fútbol Callejero*, isso seria a articulação de uma e outra pessoa para que elas brincassem. Por exemplo, eu vi lá que o professor Leonel e o professor Rodrigo organizaram algumas brincadeiras. Acho que teve um pega-pega [Dentro da Piscina] e quem quis brincar brincou?

Lucas: Sim.

Maurício: Então seria um ato de exclusão se alguém falasse assim: "Oh... Você não vai brincar não hein! E aí deixasse alguém de fora. Não teve isso, teve? Então todo mundo foi incluído nas brincadeiras? Então todo mundo ganha um ponto de cooperação (3).

Após comentários acerca da "cooperação", iniciei um diálogo sobre solidariedade.

Maurício: E por fim, a "Solidariedade". Eu já falei que o *Fútbol Callejero* tem alguns limites né? Um problema que eu já identifiquei é que ele separa "Respeito" de "Cooperação" e de "Solidariedade". No dia a dia essas três coisas estão juntas. Vou tentar dar um exemplo: Quem aqui é que fica com um... Um parente quando a mamãe e o papai vai trabalhar? Por exemplo: "óh, eu fico com minha vó quando meu pai vai trabalhar".

Neste momento Matheus (vizinho) e Marreco ergueram os braços. Prossegui com a problematização.

Maurício: Quando vocês vão na casa da vovó, porque a mãe ou o pai foi trabalhar, é um ato de solidariedade da sua vó. Porque ela não mora na mesma... Às vezes ela não mora na mesma casa né? Às vezes é um terreno igual, mas a casa, o quarto o cômodo é do lado. Então quem cuida de maneira solidária é as nossas vovós. Às vezes é nossa vizinha. Quando eu era da idade de vocês quem olhava eu era uma vizinha. Em algumas ocasiões, porque minha mãe não trabalhava [fora de cada], porque ela tinha que ir para centro comprar alguma coisa e eu ficava em casa e aí neste momento que minha mãe saía ela deixava eu com a vizinha. E do mesmo jeito que essa vizinha era solidária, eu cooperava. Porque eu ficava ali com a vizinha... É, respeitando o espaço da casa dela, brincando com os filhos dela, com as filhas. E ao mesmo tempo eu era respeitoso. Porque eu não fazia bagunça na casa dela. Se tinha as regras lá eu respeitava. Então, a Solidariedade não está desligada nem do Respeito nem da Cooperação. Mas no *Fútbol Callejero*, para tornar isso fácil de ver eles separaram um do outro. Mas no dia a dia não é assim. (4) E depois teve os malabares, teve bastante cooperação. Uma pessoa ajudou a outra. Não foi? Teve bastante. É... E eu estou vendo aqui o espaço está um pouquinho sujo, mas antes de ir embora eu vou pedir para que os colegas também ajudem a pegar, principalmente os toquinhos da bexiga nas sacolas... E alguém quer falar alguma coisa sobre a piscina ou sobre construir as bolinhas de malabares?

Ben: Foi bem legal.

Maurício: Você achou legal? O que é que você achou "bem legal"?

Ben: A... A piscina!

Maurício: A piscina? Foi bem legal! Quem mais? Alguém mais quer falar algo?

Vitória [Turma da manhã]: Eu gostei bastante porque eu fiz várias bolinhas!

Maurício: Você fez as bolinhas de novo!

Caique: Eu gostei da piscina.

Maurício: Mas você é quem?

Caique: Caique.

Maurício: Caique gostou da piscina. E porque você gostou da piscina Caique?

Caique: Porque eu nadei.

Maurício: Porque você nadou. E nadar é legal pra você?

Stuart: Eu gostei da piscina.

Maurício: E porque você gostou da piscina?

Stuart: Porque sim.

Quando o participante Gabriel (da turma da manhã) pediu a fala, lembrei que o Educador Leonel havia comentado sobre o a sujeira que este participante havia feito no vestiário durante a manhã. Segundo este Educador, o participante Gabriel havia entrado no vestiário com os pés sujos do barro que era proveniente do trecho que liga nosso espaço de acolhimento com a piscina. O Educador percebeu que o participante estava intencionalmente sujando o chão com barro.

Maurício: Mas a gente viu que aconteceu uma coisa bem chata hoje de manhã. Que foi você sujar lá o vestiário.

Por coincidência o funcionário que cuida da limpeza e organização de todo o clube estava passando. Continuei minhas comunicações:

Maurício: Olha esse moço aí que está passando aí... [Me referi ao Funcionário 1, que é caseiro/zelador no clube] É ele que cuida da limpeza e da organização junto com o "Funcionário 3" [Funcionário responsável pela limpeza e organização de todo o clube], junto com a Funcionária 2 [caseira/zeladora]. E aí você ter espalhado barro lá, vai dar trabalho para ele. Você acha que ele está feliz?

O participante não respondeu, ficou de cabeça baixa. Continuei as reflexões:

Maurício: Quando a gente chegou lá turma, o banheiro estava limpo ou estava sujo?

Resposta em coro: Estava sujo.

Maurício: E de manhã? Estava limpo ou estava sujo?

Resposta em coro: limpo.

Maurício: Então, a gente tem que deixar os lugares como a gente encontrou. Quanto que vocês pagaram pra poder usar a piscina hoje?

Cido: Eu nada!

Maurício: A gente, além disso, a gente não pagou nada! Então tem alguém que está pagando por isso. Porque o "funcionário" [nome do funcionário], ele recebe o salário. Então imagina o gasto de dinheiro e de energia, do "funcionário" [nome do funcionário] ir lá e limpar, uma coisa que a gente podia manter organizada e limpa! Então a gente precisa cuidar de tudo: Das outras pessoas, dos lugares, das relações, das amizades! Então Stuart, fica muito atento pra não fazer coisas desse tipo de novo tá. E que ninguém faça também. Porque é bem ruim isso. Teve uma semana aí que um colega da bicicleta mexeu no extintor. Isso tem um custo também. Extintor é esse aparelho aí de apagar fogo.

Marreco: Apagar incêndio.

Maurício: Então turma a gente precisa ter mais cuidado com o lugar. Com as pessoas que estão no lugar. Enfim... Eu já falei muito e, aliás, quase que só eu falei, e a gente tá indo pro final. Hoje, de terça-feira é a última terça-feira da gente junto. De manhã já falei, eu vou repetir aqui. Foi um ano muito gosto de brincar com vocês. Estou sempre conhecendo camaradas novos né? Fazendo novas amizades. Isso pra mim foi muito gostoso. Mas eu pude aprender bastante brincadeira. O Pontes não está aqui, eu sempre falo do tear dele, eu achei muito bonito.... É ele ensinou pra mim essa questão de fazer uma mandala com linhas. Nos caças palavras a gente consultou vocês pra saber olha: "o que que São Carlos é importante para melhorar?" Aí vocês falaram "asfalto". Então o "Jornalzinho" me ensinou bastante. Eu já falei na roda inicial, principalmente com as conversas com o David. O Davidé uma pessoa que tem bastante sabedoria, gosta bastante de pesquisar, estudar. Então ele... Trás bastante conhecimento. Os meninos faltaram, mas o Digo e o Dino. O Digo e o Dino, eles falam bastante da hortinha da vó deles lá que tinha bastante frutas. E assim a gente vai aprendendo mais coisas. Mas, eu gostaria de ouvir vocês da tarde, porque o pessoal da manhã já falou, mas se lembrarem de alguma coisa pode levantar o braço e falar. De alguma coisa que

aprendeu aqui no projeto. O que é que vocês aprenderam aqui no projeto? Você quer falar Julha? O que é que você aprendeu Lu?

A participante Julha pediu a fala, levando a mão. Porém, aparentemente mudou de ideia e só falou após sua colega Vitória (turma da manhã) falou.

Maurício: Não quer falar Lu? Vai lembrando aí!

Vitória: Eu aprendi malabarismo.

Maurício: Fazer a bolinha de malabares? É uma aprendizagem.

Julha: Eu também!

Maurício: Também aprendeu? E quando eu pergunto "o que é que vocês aprenderam no projeto, hoje eu não pergunto só de hoje. Então quem está filmando, se quiser pode falar também! [Marreco fazia o registro da Roda-Final]. É o que que vocês aprenderam esse ano aqui no projeto? Que que vocês poderiam falar? O que que vocês poderiam falar pra gente?

Marreco: Vixi... Esse ano?

Após esta fala de Marreco, houve um grande silêncio. Este participante ainda comentou: "um minuto de silêncio". Neste momento em que produzo o diário e observando a filmagem pude observar que durou 30 segundos. As crianças olhavam para os lados desviando seu olhar, ora olhavam para seus/suas colegas. Até que Sereno fez um comentário:

Ben: Eu só tô ouvindo o homem lá [se referindo ao funcionário]

Maurício: Vocês estão ouvindo o homem.

Marreco: E os passarinhos!

Maurício: Seria importante vocês pensarem agora e dizer o que vocês aprenderam enquanto esteve aqui com a gente. Não precisa ser só hoje. O que será que vocês aprenderam estando aqui com a gente? Legal, dois colegas levantaram as mãos.

Lucas: Eu aprendi a brincar de combate.

Maurício: Aprendeu a brincar de combate. Quem falou Marreco, foi o Lucas. Mostra o Lucas aí. O Davi-Luiz quer falar algo.

Davi-Luiz: Eu aprendi a muitas novas brincadeiras e aprendi a ter mais respeito com as pessoas.

Maurício: Olha, legal! Muitas novas brincadeiras e a ter mais respeito com as pessoas.

Julha: Bixigôlei.

Maurício: Cê aprendeu bixigôlei! Legal, é uma brincadeira também... Marreco? [participante estava com o braço levantado, pedindo a palavra].

Marreco: Aprendi a ser mais solidário.

Maurício: Você aprendeu a ser mais solidário?

Marreco: Ahã.

Maurício: Legal! Legal Também! Alguém mais?

Novamente houve outro grande instante de silêncio. Por coincidência, aparentemente, ao observar o registro da filmagem, o silêncio durou 30 segundos. Desta vez foi eu (Maurício) a interromper.

Maurício: Se a gente lembrar né? O que será que a gente faz aqui no projeto? Quando a gente chega a gente faz o que?

Ben: Nós brinca!

Lucas: Conversamos.

David: Conversamos sobre a como foi a semana.

Maurício: Conversamos sobre a semana. Então a gente conta novidades. Será que vocês lembram de algum assunto aqui. que vocês aprenderam aqui.

Vitória: Como foi inventado o dia das crianças.

Maurício: Como foi inventado o dia das crianças. Você aprendeu no projeto?

Vitória (Turma da manhã): Sim!

Maurício: E com quem que você aprendeu?

Vitória: Foi com você [apontando para eu-Maurício], com a Abayomi. Mais um monte de coisas que esqueci.

Maurício: Isso tava no "Jornalzinho", não tava?

Vitória: Também!

Maurício: Também tava no jornalzinho... E aí a gente conta novidades. Vocês lembram de ter aprendido alguma coisa na hora das novidades? Davidque gosta de ensinar bastante a gente? Você lembra de ter ensinado ou aprendido alguma coisa aqui?

David: Sim.

Maurício: O que é que você lembra?

David: Falar sobre o guepardo!

Maurício: De falar sobre o Guepardo?

Julha: E da minhoca!

Maurício: E da minhoca? Que mais?... Depois a gente faz as brincadeiras. Vocês já falaram algumas que nós aprendemos né? Bixigôlei, fazer malabares vocês já falaram hoje. Eu, na roda inicial, falei um monte já né? Que era o quadradão, entre outras tantas... Eu não quero falar muito porque é importante que vocês falem.

As crianças pareciam apáticas, após a fala da participante Julha e da minha provocação, elas não falaram nada. Após um breve silêncio segui perguntando na esperança de ouvir das crianças suas experiências que poderiam indicar aprendizagens, troca de saberes, ou processos educativos. Procurei problematizar a roda final e significado de "legal" que as crianças tanto dizem.

Maurício: E na roda final a gente sempre avalia o dia. De maneira geral vocês tem falado assim: "Olha, é legal!". Igual falaram hoje: "Eu gosto da piscina. É legal!" Mas, é importante que vocês comecem a pensar o porque que é legal? O Caique... O Caique ou Cássio.

Lucas: Gabriel.

Maurício: O Gabriel falou "Ah... Eu gostei e achei legal porque eu nadei". Pra ele o legal é nadar. Alguém quer comentar alguma coisa à mais?

Mais uma vez houve um silêncio. Notei que a apatia expressa pelas crianças, somada a minha falta de estratégias para provocá-las, não permitirá um diálogo com as crianças.

Aproveitei, então para reiterar os horários do transporte que levará as crianças para o passeio na UFSCar. Esta atividade marcará o encerramento junto com as crianças. Também foram esclarecidos alguns questionamentos feitos pelas/os participantes: Para Julha, esclareci que na ocasião deste passeio não será possível levar um familiar/responsável; Para Vitória eu (comentei) acerca da disponibilidade de mais uma Van; Para todos, que não seria necessário levar um lanche, pois a equipe pedagógica providenciará um "café-da-manhã", bem como uma almoço.

Após os comunicados aqui apresentados, realizamos nosso lanche. Nesta tarde foram servidas duas frutas para cada participante, sendo uma maçã e uma banana para cada participante.

Encerramos a vivência e nos despedimos das crianças. Algumas foram brincar no parquinho enquanto aguardava a Van, outras ficaram ali próximas sentadas no banco de frente para o parquinho, conversando umas com as outras.

Diário – X**10/01/2017****Participantes Presentes:** David; Denão. (irmão do David); Julha; Cássio; Caique**Visitantes:** Salomão; Davi-Luiz; Digo**Equipe pedagógica:** Educador Maurício; Educador Leonel e Educador Lilo**Vivências:** “Doce ou Salgado”; “Combatentes do Brasil” e “Duro de Matar”.

Hoje foi o primeiro dia de vivência após o recesso de férias de “virada de ano” (Dezembro 2016 para Janeiro de 2017). Nos meses que marcam o início anual das atividades os encontros são marcados pelo grande número de participantes, uma vez que, com as férias escolares, muitos/as frequentam o projeto nos dois períodos disponíveis: manhã e tarde.

Todavia, hoje foi diferente, haviam poucas crianças. Somente 7 crianças participaram deste encontro.

C. P. MAURÍCIO – Minha percepção acerca do pequeno número de participantes está relacionada ao processo de “esquecimento” da data de reinício. Uma vez que o único canal de diálogo entre a equipe pedagógica e as crianças e seus/suas respectivos/as responsáveis, é um “bilhete” no qual consta o dia de paralização e o dia de retorno das atividades. Compreendo que, ao seguir a dinâmica de participação em período de recesso escolar dos anos anteriores, se manifestará a tendência de ampla participação de crianças e adolescentes nos dois períodos. Havendo, inclusive, a presença de crianças “Salomãos”, ou seja, crianças que nos meses regulares de atividade escolar não possuem disponibilidade para participação no projeto VADL-MQF, mas que durante as férias escolares fazem questão de frequentar as atividades.

Como hoje foi o primeiro dia após o recesso não tínhamos atividades planejadas/previstas. Portanto, as vivências foram elencadas durante a “Roda Inicial. Antes mesmo de escolher as vivências dialogamos sobre as novidades trazidas pelas crianças, as vivências e acontecimentos durante o período natalino e festivo. Também aproveitei para dialogar sobre os “Temas Geradores”: momento no qual os/as participantes indicaram suas predileções por temas a serem desenvolvidos em nossas vivências.

Estes diálogos iniciais contribuíram para o processo de acolhimento das crianças e para o protagonismo destas no momento de planejamento do dia. Deste modo, respeitando a dinâmica dialógica ao qual o projeto VADL-MQF está imbuído, foram eleitas vivências dois jogos novos, a saber: Doce-ou-Salgado”, sugerido pela participante Julha e o Jogo “Combatentes do Brasil”, sugerido por mim (Educador Maurício). Também foi eleito um jogo que há muito tempo não era desenvolvido, a saber: o “Duro de Matar”, que foi proposto pelo participante Digo.

Para esta programação não foi realizada votação. As atividades foram escolhidas após indicação e, conseguinte, consenso, no qual o critério considerado foi de “brincadeiras novas” ou que não eram realizadas a algum tempo. Após as vivências de cada uma delas realizamos nossa usual “Roda Final”, para avaliação das vivências, planejamento das atividades do próximo encontro e para a distribuição do lanche.

Roda Final

Aproveitei o ensejo da “Roda Final” para fazer aproximações entre a lógica da análise de cada um dos pilares do *Fútbol Callejero* (Respeito, Cooperação e Solidariedade), tendo em vista a possibilidade de incorporação desta mesma lógica para avaliação da qualidade da relação estabelecida em diferentes práticas corporais. Segue a transcrição deste momento:

Maurício: Vocês lembram o que a gente faz na nossa roda final?

Davi-Luiz: conversa sobre o... A...

David: Sobre o dia!

Davi-Luiz: É!

Maurício: Conversa sobre o dia. Só isso?

Digo: E prepara a semana que vem.

Maurício: E aí prepara... É aquilo que eu falei sobre planejamento né? A gente vai planejar a semana... A outra semana. Então, se é pra conversar sobre o dia, é... Eu tenho sempre perguntado pra vocês sobre o respeito, a Cooperação e a Solidariedade. Em especial, a turma da tarde. Que é o que eu tô tentando descobrir sobre o Fútbol Callejero. Teve respeito durante nossas atividades?

Resposta em coro: Sim!

Maurício: Como se expressou o respeito?

Salomão: Não entendi a pergunta.

Maurício: Vocês acham que teve ou que não teve respeito durante nossas atividades?

Resposta em coro: Teve.

Maurício: Porque que teve respeito.

Salomão: Ninguém xingou os outros, num fa... Num... essas coisas. Não pode xingar os outros... Num falar coisas que num deve.

Maurício: Legal, é um jeito de ter respeito.

Salomão: Não responder aos professores.

Maurício: Eu vou ajudar vocês. No *Fútbol Callejero* a gente analisa o respeito. Quando a gente analisa respeito o que que significa? O que que é que a gente vai analisar? Respeito o que?

Davi-Luiz: Se a gente respeito as regras do jogo.

Maurício: As regras e tem algo mais? Vocês já falaram, mas eu só quero afirmar! É só respeito às regras que avalia?

Salomão: Aprende as brincadeiras.

Maurício: Quem já brincou de *Fútbol Callejero* e que lembra aí? É respeito as regras e...?

David: A participação de todos.

Maurício: Quase isso. Isso já é outro... Pilar! Respeito às pessoas.

Salomão: Não falar palavrão.

Maurício: Isso! Aí envolve, já é respeito às outras pessoas. O Davi-Luiz falou, mas teve respeito às regras nos nossos jogos? Quando foi lá no... Doce ou Salgado, ou, Bicho da terra bicho do [da água]... Todo mundo respeitou a hora de correr? Distâncias da corda?

Salomão: Sim. (1)

Maurício: Legal. E durante nossa atividade teve Cooperação? Vocês lembram o que é Cooperação no *Fútbol Callejero*?

Digo: Todo mundo brincar.

Maurício: Isso, a participação de toda gente. No *Fútbol Callejero* em especial a gente sempre analisa por equipe né? Porque no *Fútbol Callejero* é uma equipe contra a outra. Então, é o que você faz para que as pessoas do seu time jogue. Todo mundo! As atividades que a gente fez tinha time?

Salomão: Tinha.

Maurício: Quais foram? Em que tinha time?

Digo: Doce ou Salgado.

Maurício: Doce ou salgado!

David: Combatentes do Brasil.

Maurício: Combatentes do Brasil. E como era o jeito de participação. Por exemplo: quem sugere... [interrompi minha fala, mas retomei imediatamente]... Quem está satisfeito por ter brincado de Doce ou Salgado?

Diante da minha pergunta todas as crianças levantaram as mãos, o Salomão ainda comentou:

Salomão: Todas as brincadeiras.

Maurício: Todas? Você? Mas eu vou falar todas outras tá. Vai que alguém... Quem está satisfeito por ter brincado de Combatentes do Brasil.

Nesse instante, provocado pelo participante Caique que disse que a participante Julha não estava satisfeita. Ela estava realizando a filmagem/registro, com isso não se manifestou. Todavia, perguntei se ela estava satisfeita e ela disse que sim. Segui com a condução do diálogo buscando compreender se houve Cooperação no projeto.

Maurício: Mas no Combatentes do Brasil, como seria um jeito de participação de todo mundo? Como que eu poderia garantir que as pessoas do meu time participassem? Isso pra ver cooperação?

David: Ajudando uns-aos-outros.

Maurício: E como poderia ser ajudar uns-aos-outros no Combatentes do Brasil?

Salomão: Equipe.

Maurício: Como? Tinha duas equipes. Como que é isso que você está dizendo?

Salomão: É tipo assim: Se eu caí numa... a equipe do lado direito. Aí é tipo assim.

Maurício: Aí você ia pra equipe do lado direito e ia ajudar lá do lado direito. É um jeito de cooperar? Como que é a Cooperação no *Fútbol Callejero* mesmo?

David: Passar a bola pra todos.

Maurício: Do seu time né? Mas, no Combatentes do Brasil não tem bola. Mas no Combatentes do Brasil sempre tem uma pessoa que sugere uma mímica. Todo mundo pôde ou sugerir, ou ...[fui interrompido pelo participante Salomão].

Salomão: Então ajudando aos outros. Um tá perguntando: “Ah, pode fazer?”

Maurício: Esse é o jeito né? Tá perguntando, e tá sendo respondido. Vocês acham que teve Cooperação no Combatentes do Brasil?

Resposta em coro: Uhum.

Maurício: Teve Cooperação no Doce-ou-Salgado?

Resposta em coro: Uhum.(2)

Maurício: E no Detetive?

David: Ah... Ah, um pouquinho.

Maurício: Ah é? O que que teve no Detetive que você acha que não foi cooperativo? Lembrando que cooperação a gente avalia a participação de todo mundo.

David: Ah... Os gêmeos ficaram perguntando. Aí quase todo mundo sabia o que que eles eram.

Maurício: Então vocês entenderam? David está considerando que vocês: “Ó, o que que é ‘L’?”. Vocês estavam falando o que vocês eram. Isso no jogo atrapalha. E deixa o jogo menos interessante. Então o David está dizendo que isso pode ser uma falta de Cooperação (3).

Caique: Eu não disse nada, foi o Caique.

Maurício: Está bom. E Solidariedade turma? Teve Solidariedade durante nossas atividades?

David: Sim.

Maurício: Como que expressa Solidariedade? O que significa, aqui para nós, Solidariedade?

David: Ajudar uns-aos-outros?

Maurício: Mas isso não é Cooperação?

Houve alguns segundos de silêncio. Optei, então, por fazer algumas ponderações acerca da Solidariedade no contexto do *Fútbol Callejero*.

Maurício: No *Fútbol Callejero*, Solidariedade, no *Fútbol Callejero*, é diferente de Cooperação.

David: Solide... Solidari... Não sei o quê! [participante não conseguiu pronunciar a expressão “solidariedade”] no *Fútbol Callejero* é quando uma pessoa de um time ajuda a da outra.

Maurício: Legal. Então a gente pode entender que um oponente... [fui interrompido pelo participante Salomão que expressou um exemplo de equipes oponentes].

Salomão: Que nem Atlético Nacional e Chapecoense.

Maurício: Que nem Atlético Chapecoense e...?

Salomão: Não! Atlético Nacional contra Chapecoense.

Maurício: Isso. “Atlético Chapecoense” já é a junção dos dois [a turma sorriu diante da minha confusão com os nomes das equipes].

Caique: A Chapecó... O time da Chapecoense morreu.

Maurício: De acidente de avião né?

David: Não é não. Tem cinco vivos.

Salomão: Cinco?

David: Sim.

Salomão: Não é três não?

David: Não.

Davi-Luiz: Jogadores ele explicou [ponderando que dos 5 sobreviventes, 3 são jogadores].

Maurício: Então, o David tá explicando como que é a Solidariedade e eu pergunte né? No Jogo... É... Doce-ou-Salgado, teve Solidariedade? Vocês ajudaram a pessoa do outro time?

David: Ah... Eu perguntei para o Cássio se estava tudo bem, porque que ele... Ele estava chorando.

Maurício: Ele era da outra equipe e você perguntou se estava tudo bem? Legal, pode ser Solidariedade?

David fez um aceno com a cabeça, em sinal de positivo, ou seja, que sua atitude durante o jogo se tratava de um gesto de solidariedade. (4)

Maurício: Teve mais?

David: Não.

Salomão: No Detetive... Um perguntando pro outro porque não entendia.

Maurício: Ah... O Detetive não é um jogo que é cada um por-si.

Resposta em Coro: Sim.

Maurício: E aí teve ocasiões que um colega perguntava pro outro: “Óh... O que que é isso aqui?”. Isso é um jeito de ser solidário. Embora ele seja seu oponente no jogo você contribuiu com ele. Muito bem. Muito bem observado (5). E no outro jogo: Combatentes do Brasil? Teve Solidariedade?

Houve alguns segundos de silêncio. Nenhuma criança se pronunciou.

Maurício: Então vejam e percebam que tem jogo que facilita você manifestar solidariedade, e tem jogo que... Dificultam, não que seja impossível. Até porque os jogos de competição são os que mais não valorizam a solidariedade. Os jogos competitivos têm por natureza querer vencer o outro. Mas o *Fútbol Callejero*, mesmo sendo jogo competitivo, tenta ensinar que não é a competição a qualquer preço. A gente, ainda competindo com o outro, pode ser

solidário. No nosso jogo, Combatentes do Brasil, eu não lembro de ocasião que teve Solidariedade. Mas às vezes alguém pode falar: “Olha, eu vi que eu ia pegar, mas eu preferi não! Porque a pessoa corria menos que eu. Eu preferi não pegar” (6).

Aproveitei o tema da Solidariedade para enfatizar que atitudes ligadas a este modo de estar com outrem não deve ser incidentais, mas intencionais, conscientes.

Maurício: Bem, mas eu estou perguntando isso, mas é importante que a gente faça de maneira intencional. Por exemplo: mesmo sabendo o que o Cássioz... Cássio era, eu fui solidário [fiz referência ao jogo Detetive]. E nas vezes, por exemplo, que eu era assassino, eu não usei uma vantagem e falar: “Ah, eu vou matar ele ‘de cara’ né? Eu já sei o que ele é”. Então, teve ocasiões que eu poderia ter feito isso, e preferi não fazer. É uma atitude, dentro do jogo, de solidariedade. Dentro do conceito de Solidariedade no *Fútbol Callejero*. Bem, mas a gente precisa ter esses três tipos de atitude: respeito, cooperação e solidariedade, nos diferentes momentos fora do *Callejero*. Foi o que aconteceu hoje, vocês avaliaram aqui e viram que teve respeito; vocês falaram que teve cooperação. É porque vocês estão agindo assim. Isso é muito importante, eu fico feliz! Espero que as quintas sejam assim também. No momento da flauta, de outro instrumento musical. De fazer as atividades com as professoras Anitta e Abayomi.

Educador Lilo: Na bicicleta, importante.

Maurício: Na bicicleta... Dá pra cooperar bastante (7).

Finalizada a reflexão acerca de possíveis relações entre as práticas desenvolvidas no encontro (Doce-ou-Salgado, Combatentes do Brasil e Detetive), solicitei para que as crianças comentassem suas percepções sobre o dia, perguntando: “Alguém quer falar alguma coisa sobre o dia de hoje?”

Denão Rodrigues: Foi legal porque todo mundo se divertiu.

David: Foi legal porque eu aprendi uma brincadeira nova. O “Combatentes do Brasil.

Digo: Eu não gostei de um momento que sem querer eu bati o pé na cabeça do Caique. Que eu estava dando estre.. [Fui interrompido por Davi-Luiz].

Davi-Luiz: Plantando bananeira.

Digo: Plantando bananeira, daí ele também plantou. Só que ele caiu, eu caí junto. Daí eu bati meu pé na cabeça dele, daí todo mundo foi lá ajudar ele.

Maurício: Esse é outro momento de Solidariedade... Que teve. Inclusive pessoas de outro time foi lá perguntar se estava bem e tal. Mas, legal você... Foi por querer ou sem querer.

Digo: Sem querer! (8)

Maurício: Então eu vou dar uma sugestão: Eu ví eu estava no outro lado. Realmente foi sem querer, mas já teve casos, principalmente com a turma da manhã, o colega foi dar uma estrela, um aú, no momento que a gente não estava fazendo o aú, e aí a outra pessoa estava do lado em pé ouvindo a professora Abayomi, de repente o pé do cara que fez o aú fez assim ó [fiz um gesto de deixar minha mão bater no meu queixo, simulando ser um pé batendo em meu rosto]. Pum! Foi sem querer, mas não era o momento de fazer um aú. Uma estrela.

Salomão: Foi tipo um boxe, o cara [participante simulou ter sido nocauteado].

Maurício: Tipo um golpe de kung-fú aí.

Consultei o participante Caique se ele havia entendido que havia recebido o golpe por um acidente, que foi “sem querer”. Ele comentou que sim, e que não estava bravo ou aborrecido com o ocorrido. Outros participantes também comentaram suas percepções sobre o dia.

Salomão: Foi muito legal.

Maurício: E porque que foi muito legal?

Salomão: Porque teve pessoas novas, como eu.

Maurício: Oh... Legal.

Salomão: Teve brincadeiras novas.

David: Ah, você não é novo.

Maurício: o É-Denão também, não é Denão?

Denão: o que?

Maurício: É uma pessoa nova também né? Teve brincadeiras novas, pessoas novas... Legal.

Salomão: E que eu aprendi também, Combatentes do Brasil e Doce-ou-Salgado.

Maurício: Legal... Mais alguém quer falar algo... Olha eu também gostei muito do dia de hoje... Porque teve bastante respeito, e no início David, o pessoal falou: “Óh... Precisa respeitar os mais velhos, os mais novos”. Teve isso porque eu fui respeitado. Acho que eu sou, hoje, a pessoa mais velha aqui. Todo mundo me respeitou.

Concluída as aproximações entre os valores/pilares do *Fútbol Callejero*, teci alguns comentários acerca da importância da participação das crianças nas escolhas das atividades.

Seja no ambiente escolar, seja na rua, ou até mesmo no projeto. Procurei colocar em destaque a importância e a satisfação promovidas pelo protagonismo, pela participação nos espaços deliberativos. Indicando, inclusive, que a participação nas escolhas pode diminuir a frustração ocasionada pela participação em algo que não escolheu, ou ainda, que era de interesse oposto ao delas.

O encerramento do encontro foi marcado com o planejamento das atividades para o encontro da terça-feira (17/01/2017) da semana seguinte. Neste momento para além do *Fútbol Callejero* que já seria vivenciado como uma atividade pré-agendada, foi sugerido que as crianças escolhessem uma atividade e que os/as Educadores/as escolheriam uma “atividade surpresa” em ocasião de reunião de planejamento e avaliação. As crianças sinalizaram interesse em: Aulas de dança, Imagem e Ação, Pic-Bandeira-Pô, Corrida de revezamento. Foram eleitas de maneira consensual pelas crianças a **corrida de revezamento**.

Após combinar as atividades foi distribuído um lanche, composto por uma maçã e uma embalagem individual (com 3 unidades) de bolacha tipo “água e sal” as crianças foram dispensadas. A equipe pedagógica ficou no espaço por mais alguns minutos para dialogarem sobre a confecção do diário do projeto de extensão.

Diário – XI**17/01/2017****Participantes:** Dinho; Carol; Cauã; David; Julha;**Visitantes:** Manoel; Matheus; Leco (Turma da manhã); Ana (irmã do Leco); Laura; Ariane; Michele; Cris; Naná; Ruan; Charles;**Equipe Pedagógica:** Educador Leonel; Educadora Abayomi; Educador Rodrigo; Educador Maurício**Vivências:** Jogos de Tabuleiro, Imagem e Ação.**Roda Inicial**

Hoje foi uma tarde com temperatura agradável, porém com chuvas intermitentes. Esta condição climática inviabilizou a programação originalmente planejada para esta tarde, composta pelo *Fútbol Callejero*, Corrida de Revezamento (eleita pelas crianças) e uma “atividade surpresa” (o jogo “Imagem e Ação”, eleita pela equipe pedagógica), nos fazendo adaptá-la sendo mantida apenas a “atividade surpresa”, pois esta poderia ser desenvolvida em diferentes condições de espaço disponível, bem como, climáticas.

Diante da inevitável necessidade de adaptar a programação, vislumbrei a possibilidade de subsumir algumas atitudes inerentes à prática do *Fútbol Callejero*, incrementando-as nas atividades que seriam desenvolvidas. Promovi, então, ainda durante a roda inicial, um diálogo acerca dos Pilares que sustentam sua prática – Respeito, Cooperação e Solidariedade, de modo a refletir sobre as possibilidades analisar a participação das crianças e adolescentes nas atividades que seriam desenvolvidas, à luz dos pilares.

Maurício: E pra vocês que tão vindo hoje, muita atenção com é... muita atenção com três pilares. Vocês que estão vindo hoje cês sabem menos disso. Mas é o Respeito.

Michele: Eu sei.

David: Solidari...

Maurício: Solidariedade...

Manoel: Respeitar.

Maurício: E Cooperação. Isso... O Respeito é respeito às regras das brincadeiras. Respeito às outras pessoas. Então, respeitar o colega. A Cooperação, por exemplo: Se a Abayomi fala assim ó: "Eu não quero participar". Ela não está cooperando. Porque a Cooperação é a participação durante todos os jogos. Todas as brincadeiras. E a Solidariedade. Eu tô tentando melhorar a ideia de Solidariedade, porque eu tenho usado o *Fútbol Callejero*. O *Fútbol*

Callejero, vocês não conheceram ainda à parte [direcionei minha fala para as participantes Ana Irmã do Leco e Laura], mas é um futebol que... Quem vai jogar é que inventa as regras, não tem juiz, meninos e meninas jogam juntos. É... Adultos inclusive. E esses pilares: Respeito, Cooperação e Solidariedade conta ponto. E no *Futebol Callejero* Solidariedade significa: O que eu posso fazer pela pessoa do outro time. E que eu sozinho pensei em mudar essa palavra pra camaradagem. Porque fica mais fácil. Na capoeira a outra pessoa que joga comigo é meu camarada. Embora ela esteja do outro lado, tentando me acertar, e eu tentando acertar ela de maneira cuidadosa, ela é meu oponente. Então, quem aqui já jogou capoeira?

Diante minha pergunta os/as participantes David, Manoel, Cauã, Ruan, Michele e Carol, bem como a Educadora Abayomi e o Educador Leonel levantaram o braço. A participante Carol ainda ponderou.

Carol: Eu jogo Capoeira.

Maurício: E quando você treina lá com teu mestre de vocês, você deve acertar seu colega?

Resposta em coro: Não.

Maurício: Mas você sabe quando seu golpe... Encaixou, ou quando você: "Ó, eu não acertei, mas viú só onde tá minha 'rasteira' o meu 'martelo'" [gesticulei com as mãos como se tivesse feito alguns golpes da capoeira, falando seus nomes, que teriam passado perto de acertar alguém, mas que intencionalmente não teria acertado]. Cê não precisa acertar pra saber que você foi melhor. Então a "camaradagem" pra mim é bastante interessante quando eu penso que eu tenho o oponente, mas ao mesmo tempo eu posso ser gentil com ele para que eu me aperfeiçoe e ele se aperfeiçoe. Que é diferente de "ad-versário" ou de "inimigo", como tem no futebol né? O pessoal quer brigar com a pessoa do outro time. (1) Hoje, por exemplo, eu vi o pai do Douglas e do Yude [Duas crianças moradoras do Jardim Gonzaga que não participam do projeto]. Você viu como ele tá? O joelho dele?

Houve alguns instantes de silêncio, Michele comentou a situação em que ele machucou.

Michele: Ele tava num jogo assim... [a participante gesticulou passando o braço na frente do próprio corpo, querendo indicar um "carrinho", movimento típico do futebol].

Maurício: Isso, ele teve que fazer uma cirurgia no joelho porque ele foi jogar bola e o cara quebrou o joelho dele lá! Então... Então, muito cuidado em Naná [procurei ter a atenção da

participante que conversava com Carol]. Com o Respeito, com a Cooperação e com a Solidariedade. E já avisando, porque eu conheço parte da turminha, e espero estar engando. Não dá pra vir no projeto Naná [precisei novamente procurar ter a atenção da participante que conversava com Carol]. E falar assim: "Isso eu não vou fazer" e fazer assim ó [cruzei meus braços encenando a recusa por participar de alguma atividade], e aí não brincar.

Michele: Eu faço isso [disse isso e deu uma gargalhada].

Maurício: Então não dá pra fazer isso. Então hoje no final do dia, a gente vai formar essa roda de novo e vai falar: "Olha na terça-feira que vem", que nós de terça não fazemos a programação pra quinta, porque o projeto é terça e quinta, então de terça a gente escolhe pra terça e de quinta a gente escolhe pra quinta... Então hoje no final do dia a gente vai falar: "Olha na terça-feira que vem, do que que a gente gostaria de brincar?", supondo que vocês virão na terça-feira que vem. Então só sugira se tem certeza que virá na terça-feira que vem. Minha fala procurou chamar a atenção das crianças para a necessidade de participação de todos/as no processo de escolha da atividade.

Como estamos em um período de férias escolares muitas crianças aproveitaram para visitar o projeto pela primeira vez, outras aproveitam este período para re-visitar. Assim, ainda durante a roda inicial, para além de realizamos uma rodada de apresentações, no qual todos/as apresentaram seus nomes, bairro em que mora e a brincadeira preferida também fizemos um novo planejamento para este encontro. Realizamos, então, um diálogo acerca do interesse por atividades que poderiam ser desenvolvidas naquelas condições climáticas, sendo compreendida apenas a possibilidade de jogos de carteados (super-trunfo, Uno, Can-Can), brinquedos (carrinho, fantoche, pião e boneca) e jogos de tabuleiro e o próprio Imagem e Ação (também de tabuleiro) que já estava previsto para este encontro. Cada um/a pode formar seus pares/grupos de acordo com o interesse por jogo.

Após algum tempo de “livre participação”, ou seja, as crianças e adolescentes tiveram autonomia para escolher o jogo e realizar trocas/revezamento com duplas e, até mesmo, por jogo, foi finalizada esta vivência e iniciada uma intervenção dirigida, com o jogo “Imagem e Ação”, tratando essa de explorar a teatralidade através da mímica.

Por volta das 16h40 encerramos as vivências e demos início à nossa “Roda Final”. Ocasão em que retomei o diálogo acerca das aproximações e ecologia entre a lógica do *Fútbol Callejero* para avaliação da participação das crianças e adolescentes nesta tarde.

Roda Final

Comecei perguntando para os/as participantes sobre o que eles/as tinham achado do projeto. Muitos/as disseram que foi legal, indicando alguns jogos (imagem e ação, banco imobiliário) como o motivo de suas percepções. Contudo, também chamei a atenção para algumas atitudes indesejadas que foram manifestadas hoje. Para tanto, após descrever o episódio de conflito de alguns participantes que abandonaram o espaço dos "jogos de tabuleiro" para brincar e brigar no parquinho, lancei mão dos pilares do Fútbol Callejero para avaliar a situação.

Maurício: É... Mas teve uma turma que brincou em partes do jogo de tabuleiro, mas depois não brincou com a gente. Então... Uma das pessoas é a nossa colega que ali está [falei isso indicando para a participante Naná]. Precisa ter atenção aqui na roda agora... [a participante Naná estava em pé em sua cadeira olhando para o extintor de incêndio]. Eu percebi que você foi brincar no parquinho. Você e seus colegas. Então o Dinho, o Ruan e o... Gregor?

Resposta em coro: Cris [as crianças me corrigiram].

Maurício: Cris... E a gente orientou para que vocês não fossem lá. Vocês viram que não foi nenhum professor ou professora lá incomodar vocês? Porque a gente acha chato ficar: "Óh, não é pra ir no parquinho agora!"... A areia estava molhada, olha como o Dinho está, e vocês também [apontei para a perna dos participantes que estavam todas impregnadas de areia molhada]. E lá no parquinho teve um momento que eu vi que o Dinho se balançou e por algum motivo vocês dois começaram um bater no outro [apontei para Dinho e para Cris]. Porque foi? Porque que você deu um chute nele [pergunta direcionada para Cris].

Cris: Porque ele... Ele... Ele catô o chinelo meu! E enfiou a sandália e jogou lá pra fora.

Maurício: E você deu um chute nele?

Cris: Não! [falou isso exclamando, quase se levantou da cadeira].

Ruan: hahaha... Ah não? [participante sorriu, parecendo ser irônico].

Maurício: E você jogou o chinelo dele pra lá? Não jogou?

Dinho: Jogou.

Ruan: Jogou.

Maurício: E não tentou chutar ele? [pergunta direcionada para Cris].

Ruan: Não!

Maurício: Então eu imaginei isso?

Eu havia observado a situação. Eu havia avistado Cris dando um chute em Dinho. Portanto, ou Cris havia esquecido ou estava mentindo.

Maurício: Ele não tentou te chutar [Perguntei para Dinho que respondeu afirmativamente acenando com a cabeça]. E você? Tentou bater nele? [desta vez, acenou negativamente com a cabeça].

Cris: Tentou!

Maurício: Porque ele tentou te chutar [Pergunta direcionada para Dinho].

Dinho: Porque eu tava no parquinho brincando com aquele negócio que tem dois.

Maurício: Sei, as argolas.

Dinho: Ai... Eu tava brincando e ele se pendurou... [foi interrompido pelo participante].

Cris: E eu fiquei com medo!

Dinho: E começou a me chutar e eu chutei ele.

Maurício: Então, veja só, a Julha já vai falar tá? [participante levantou o braço pedindo a fala]. Aqui no projeto a gente... Nós falamos hoje... Eu falei lá no início sobre: Respeito, Cooperação e Solidariedade. Respeito era respeito às regras. Tem gente que nunca jogou *Fútbol Callejero*. Mas as regras é um acordo. O acordo que nós fizemos foi: Juntos, jogar jogo de tabuleiro. E depois uma atividade surpresa que foi "Imagem e Ação". Que era um jogo de mímica. Vocês quebraram esse acordo, essa regra. Ou seja: Vocês desrespeitaram. Se fosse o futebol, você também Naná. É... Teriam perdido ponto o time de vocês, por desrespeito. O segundo desrespeito é: O respeito às pessoas. Então, a gente não pode agredir uma a outra, ofendê-la. Mais uma... Motivo que vocês teriam perdido ponto no futebol. Então com esses dois motivos vocês foram desrespeitosos. Ora com o acordo, ora com a outra pessoa. Se vocês continuarem assim vai ser impossível a permanência de vocês. Então fiquem atentos pra não acontecer de novo. Nem desrespeito aos acordos, nem desrespeito à um colega. (2) A Cooperação no futebol é se todo mundo brincou, e se todo pôde brincar. No nosso projeto, teve? Bom, vocês já não brincaram! Vocês foram brincar de outra coisa que não estava combinada. Mas e quem ficou nos jogos de tabuleiro? Pôde brincar?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Tá todo mundo satisfeito com o que jogou?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Conseguiu manipular as peças?

Cauã: Sim.

Maurício: Sim?... Isso é Cooperação. Julha, você queria falar algo. Você lembra?

Julha: Sim. Quando eu fui no banheiro, os... Eles que tava lá no parquinho, não a Naná, eles menino, me seguilam [entenda-se "seguiram"]. E pegaram a porta e trancaram a porta e depois saíram correno.

Cris: Eu não tava não.

Dinho: Nem eu.

Maurício: Bom... Então vejam.

Carol: Pssor. Eles assim... Na hora que a Naná estava no banheiro, eles seguiram ela até lá dentro. Aí... [participante foi interrompida pela Naná].

Naná: Eles...

Carol: Aí depois o Cris prendeu ela lá dentro!

Naná: Aí ele pego... Ele ficou lá assim [participante agachou, simulando a posição que teria ficado o Cris]... Agachadinho pra não vê nós.

Carol: Foi ele, o Ruan e o Dinho.

Maurício: Então vocês vêm!

Cris: Você também ficou fazendo graça viu!

Julha: E ele deu um chute em nós!

Maurício: Então ó. Vocês veem quanta coisa... [Fui interrompido pelo participante Cris].

Cris: Eu dei um chute?

Carol: Você deu um chute mesmo!

Maurício: O Cris... [Fui interrompido pela participante Julha].

Julha: Ni mim!

Maurício: Quantas vezes... Meninas, posso falar agora?

Julha: Pode.

Maurício: Carol, eu posso falar agora?

Carol: Pode.

Maurício: Então é importante ouvir. Veja quantas coisas ruim aconteceu só com vocês quatro assim. Proporcionaram por não estar conosco aqui.

Ruan: Ah... Eu não fiz nada.

Maurício: Porque... Menino pode entrar no banheiro de menina Cris?

Ruan: Ah... Eu não entrei. Elas...

Maurício: o Cris?

Julha: Não... Não entrou! Magina! [disse isso parecendo duvidar das palavras de Ruan].

Cris: Você entrou no nosso banheiro [apontando para Carol].

Carol: Não tem aquela volta? [Participante Carol se referiu à curva que dá acesso à área dos vestiários masculino e feminino. Todavia interrompi a participante].

Maurício: Escuta... Carol, escuta. Agora é momento de cada um tem seu momento de fala. Cris, você entrou no banheiro das meninas para trancar a porta lá?

Cris: Não.

Dinho: Não, a porta tava quase encostada... Entrou e pegou e... [eu interrompi a fala do participante].

Maurício: Quase encostada? Do lado de fora você puxou a porta e fechou o banheiro das meninas.

Ruan: É...

Cris: Não!

Ruan: É sim! [afirmou o que eu havia comentado e sorriu, voltando seu olhar para Cris].

Carol: Fechou!

Maurício: Então ó... Não dá pra conversar quando tem a mentira. Porque aconteceu uma coisa.

Julha: Eu tô de prova porque eu vi as cor da camisa dele.

Cris: E nós vai continuar prendendo!

Ariane: Eu vi dele, dele e do Dinho[falou isso apontando o dedo para os três meninos envolvidos].

Maurício: Então veja, se vocês três... Vocês três aqui ó, os meninos, hein... Nádj... Naná ou...

Resposta em coro: Naná.

Maurício: Naná, se vocês três estivessem aqui, elas não poderiam falar isso de vocês.

Ruan: De mim não, dos dois.

Dinho: Ah... Dos dois!

Maurício: Então... Então, é sempre assim: "Não é de mim, é o do outro... não de mim é do outro". Então, a gente tem outras coisas pra resolver nessa roda final, não vai dar pra conversar sobre isso. Então veja como foi ruim vocês não estarem junto da gente. Cris eu nunca vi no projeto [Errei o nome do participante].

Educadora Abayomi: Cris! [Educadora Abayomi me corrigindo]

Maurício: Cris! Eu nunca te vi aqui no projeto. E se continuar assim, possivelmente os outros professores vão falar assim: "Olha o Cris não dá pra brincar", tudo bem?... Bom espero, Cris, Ruan, Dinho e Naná que vocês entendam o recado: Se combinou uma coisa, tem que fazer. O Ruan já participou do projeto uma vez. O Ruan já deixou de participar do

projeto, por questão de atitude, de desrespeito. Então eu tô entendendo que ele não gosta de vir aqui. Então, se não gosta não precisa vir. Ninguém foi lá e te empurrou pra dentro da Van. Vai ser muito legal se você vir! Que a gente brinca aqui. É sempre muito gostoso. Mas não dá pra vir e não respeitar. Com palavras, falar palavrão. Por exemplo: o Dinho e o Ruan, na hora do jogo de tabuleiro pegaram as peças, que eram os dinheirinhos e tavam saindo com o dinheirinho. Não dá pra jogar sem ter essas peças no jogo. É ruim. Então atrapalhou também.

Procurei estabelecer um diálogo para que os/as participantes pudessem refletir sobre as atitudes indesejadas, bem como a necessidade de respeitar os acordos estabelecidos e, assim, melhorar a participação no projeto. (3) Como o horário para realização da Roda Final estava avançando, passei para o diálogo acerca da Cooperação.

Maurício: Bom, com exceção dessa parte chata, a gente tava falando da Cooperação. Que é com todo mundo conseguiu jogar, participar. Eu só tenho dúvida do Matheus Rosatti. Matheus Rosatti, você brincou de jogo de tabuleiro?

O participante que comentou, ainda na Roda Inicial, ter apenas 7 anos fez um aceno com a cabeça, indicando que não havia participado.

Maurício: Porque não?

Matheus Rosatti: Porque não quis.

Maurício: Você não quis mesmo?

Novamente o participante acenou negativamente.

Maurício: Mas ficou sempre junto onde tava tendo as atividades?

Matheus Rosatti: Sim.

Maurício: Você aprendeu alguma coisa hoje aqui?

Participante acenou positivamente com a cabeça. Segui com as problematizações.

Maurício: O que você aprendeu hoje?

Houve alguns segundos de silêncio. Insisti nas provocações a fim de possibilitar que aquele participante comunicasse suas percepções acerca de sua própria participação no projeto.

Maurício: Você consegue falar Matheus Rosatti, o que você aprendeu? O que você hoje?

Novamente houve alguns segundos de silêncio. Ninguém se manifestou. Coincidentemente a chuva aumentou fazendo com que as crianças e adolescentes que estavam sentados na borda próxima da entrada do espaço arrastassem suas cadeiras para frente, fechando ainda mais nosso círculo. Perguntei se alguém mais gostaria de falar sobre algo que havia aprendido hoje e, de maneira geral, foram citados os nomes dos jogos de tabuleiro, em especial o *Queops* e o *Senet*, ambos de países africanos. Todavia, por descuido da minha parte, não desenvolvi a reflexão sobre os pilares Cooperação e Solidariedade, ao modo que fiz com o Respeito.

Antes de distribuir o lanche dialogamos acerca das vivências da semana seguinte, distribuímos o lanche e encerramos o encontro. Antes de eu ir embora, fiquei mais alguns instantes com no espaço para auxiliar a equipe pedagógica na confecção do diário.

Diário – XII**24/01/2017****Participantes presentes:** Esther; Marreco; Cauã; Carol; Julha; Caique; Cássio.**Visitantes:** Stuart; Jovico; Charles; Naná; Michele; Ariane; Lalá; Davi-Luiz; Mili; David; Gabriel Primo do Marreco 3; Natan Primo do Marreco 2; Renam Primo do Marreco 1; Kainã; Ruan; Leco; Cris; Digo; Manoel; Ana Irmã do Leco; Laura.**Equipe pedagógica:** Eu (Maurício); Educador Rodrigo; Educador Leonel, Educadora Abayomi;**Vivências:** *Fútbol Callejero*; Capoeira; Corrida de revezamento.

Hoje vieram muitas crianças. A Roda Inicial estava bem cheia. Consultei a turma para saber quem gostaria de fazer a filmagem/registro deste momento, como de costume. Manoel sinalizou interesse. Orientei-o como fazer a filmagem e inicie os diálogos.

Durante a Roda Inicial, para além do sistemático diálogo acerca das novidades, eventos do cotidiano das crianças/adolescentes e troca de saberes, também dialogamos sobre as atividades planejadas. Aproveitei para reforçar o olhar transversal sobre a prática do *Fútbol Callejero*, uma vez que a maioria dos/as participantes de hoje estavam visitando o projeto pela primeira vez.

Maurício: E durante o dia todo, eu já falei né? Nós esperamos que vocês aprendam o Respeito, e o respeito de acordo com o *Fútbol Callejero*, é respeito às regras e às outras pessoas. Então: Respeito às regras do jogo. Ah se o jogo diz que deve ser feito assim é assim. Respeito ao Planejamento, respeito às outras pessoas, não ofender o amigo, amiga; usar sempre de palavras de... Gentis e acolhedoras pra que a pessoa se sinta bem. A gente tem a visita do pessoal que nem é desse estado, de São Paulo, ele é de outro estado, do Paraná, é... Então, vâmo tratar bem essa visita, assim como se a gente fosse prá lá o pessoal... A gente saísse de lá com uma boa impressão, também. Da turma que tava lá. A Cooperação: então a gente vai fazer de tudo na cooperação, também pensando no *Fútbol Callejero*, como que a gente faz pra todo mundo se sentir incluído? Eu vou fazer um jogo que a Naná não consegue brincar? E aqui no projeto a gente brinca todo mundo junto, independente da idade. E sempre

é divertido. Então, a gente tem que fazer de tudo pra incluir os colegas. E a solidariedade: É "o que que eu posso fazer pelo outro?" De acordo com o *Fútbol Callejero*, eu já falei em outros momentos, é... Eu acho que o *Fútbol Callejero* nos ensina bastante, mas ele fala olha: Respeito é uma coisa, Solidariedade é outra e Cooperação é outra. (1)

Após a Roda Inicial foi realizada a Corrida de Revezamento, prevista como sendo a atividade de integração no espaço da quadra poliesportiva. Realizamos algumas dinâmicas/jogos relacionadas à corrida de revezamento. Ao término desta prática, orientei as crianças/adolescentes a beberem água e formar um círculo no centro da quadra para darmos início efetivo à prática do *Fútbol Callejero*.

Fútbol Callejero.

Com o grande círculo já formado na quadra, minha intervenção ocorreu no sentido de apresentar o *Fútbol Callejero* para os/as participantes que estavam visitando o projeto pela primeira vez. Em seguida foi necessário um debate acerca do local onde seria desenvolvida a prática, posto que havia um número considerado inadequado de participantes (10 por equipe) para o limitado espaço da quadra poliesportiva, culminando com a escolha do desenvolvimento na quadra de areia. Segue a transcrição deste momento inicial.

Maurício: Aqui tão formada as equipes do *Fútbol Callejero*. Tem gente que tá vindo pela primeira vez aqui e não conhece como que é o *Fútbol Callejero*, quem gostaria de falar... Como que é o *Fútbol Callejero*?

Julha: Tem... A gente escolhe as regras.

Maurício: Uma salva de palmas pra Julha...

Cássio: De novo!

Maurício: Pra quem não conhece, o *Fútbol Callejero* é um futebol que quem vai jogar escolhe as regras. Fut... Esse futebol não foi inventado por mim, existe o campeonato mundial de *Fútbol Callejero*. *Callejero* é porquê vem de "*calle*", de "rua", e o Brasil, já teve jun...[Fui interrompido por Julha que queria dizer algo]...

Julha: A gente...

Maurício: Fala!

Julha: A gente já assistiu esse vídeo.

Maurício: Verdade, então eu mostrei uma época aqui os vídeos, é jogado entre adultos e o time, a seleção brasileira e todos os outros times são formados por homens e mulheres juntos. Alguém quer falar mais alguma coisa sobre o *Fútbol Callejero*?

Manoel: Não pode xingar os outro.

Maurício: Tem isso também Manoel.

Marreco: Tem 3 tempos.

Maurício: A lá, legal! É um futebol que é jogado em 3 tempos. E como é esses tempos Marreco?

Marreco: No primeiro tempo a gente decide as regras do jogo. No segundo tempo a gente faz o jogo mesmo e o terceiro tempo a gente discute sobre como foi o jogo.

Maurício: Perfeito! E é no terceiro tempo que a gente vê quem venceu o jogo. Por que? Durante o jogo todos os jogadores e jogadoras tão sendo avaliados pelo respeito, e o que é o respeito Educador Leonel?

Educador Leonel: O respeito é avaliado assim tipo, para com as pessoas do nosso time e para com as pessoas do outro time a gente tem... A gente tem é... Ah, respeito!

Maurício: Então, respeito é respeito às regras: Então, se vocês fizerem um acordo antes do jogo, por exemplo: "Toda lateral tem que sê cobrada com a mão". Aí vai alguém lá e chuta a bola, durante o 2º Tempo, cêis não precisam falar nada, mas no 3º tempo: "Ó, lá teve um desrespeito a regra de cobrar lateral com a mão o cara chutou a bola, a menina chutou a bola, então eles não merecem o ponto de respeito porque desrespeitou uma regra. E o *Fútbol Callejero* é bastante severo com relação às regras. Por que a gente entende que todo acordo feito entre as pessoas é importante. Então, desrespeitar um acordo é algo muito grave. No *Fútbol Callejero* também é avaliado, avaliada a cooperação.

Educador Rodrigo: Acho que a Julha queria falar alguma coisa.

Maurício: Julha cê queri... O Educador Rodrigo viu aí, desculpa, o que cê queria falar?

Julha: Eu queria falar que o Respeito, quem não conseguiu pegar a bola, deixar u... U.....uma menina ou um menino do outro time pegar a bola.

Maurício: A Julha ela falou comentando sobre o respeito. Mas, o que ela disse entra como solidariedade. E aí a gente pode falar de solidadie... Solidariedade já, ou daqui a pouquinho. Mas, você quer falar já ou depois?

Julha: Tanto faz.

Maurício: Tanto faz? Então vamo falar de solidariedade, depois a gente fala de cooperação. Quem pode ajudar a gente. O que a Julha falou é um exemplo de solidariedade, mas quem

pode falar o que é solidariedade no *Fútbol Callejero*? Quem já joga consegue falar o que é solidariedade? [O participante Marreco levantou o braço pedindo a palavra] Marreco?

Marreco: Acho que você pode fazer pelo outro time.

Maurício: Isso, quando tá jogando lá, São Paulo e Palmeiras, um jogador do São Paulo vai entregar a bola pro jogador do Palmeiras?

Resposta em coro: Não.

Maurício: Não né? Mas, não é pra gente fazer isso aqui também. Quando o Marreco diz, e tá certo, que é o que você pode fazer pelas pessoas do outro time é: Tá eu e o Educador Rodrigo - vocês sabem eu sou campeão mundial de futebol, sou muito habilidoso - e o Educador Rodrigo tá aprendendo agora. Não faz sentido eu que sou muito ir lá e roubar a bola do Educador Rodrigo que está aprendendo. Então é um gesto de solidariedade minha, esperar que ele receba a bola, pensar no que vai fazer, pra interceptar o passe dele. Então, eu permito que a outra pessoa também jogue. Mesmo sendo do outro time. Não significa que eu vou deixar ele ir lá e fazer o gol, mas também seria ruim pra quem tá aprendendo não ter tempo nem de matar a bola. Esse é só um exemplo, não precisa fazer isso. Mas ganha ponto a equipe que expressar solidariedade, e a solidariedade é o que você faz para o outro time. O Marreco acertou direitinho. E o último elemento avaliado, Michele... [busquei ter a atenção da participante Michele que conversava com Naná]. Você sabe o que é isso no *Fútbol Callejero*? Quem sabe e gostaria de Falar?

Aproveitei o ensejo de minha pergunta para dirigi-la para as crianças menores, na ânsia de permitir que elas esprimissem o como vinham significando cada um dos pilares (Respeito, Cooperação e Solidariedade). Assim, perguntei para Caique que disse não saber, para os primos Cris e Leco (ambos participantes da manhã) que disseram que sabiam o que era cooperação, mas que não queriam falar. Também teve Lalá que disse saber, mas que não queria falar. Diante da não apresentação de seus saberes, eu mesmo sinalizei o significado que a cooperação tem no contexto do *Fútbol Callejero*.

C. P. Maurício - Com relação à minha provocação, penso que eu poderia ter pedido exemplos. Deste modo, talvez as crianças conseguissem apresentar seus saberes sobre cooperação e, a partir do exemplo ir, com elas, construindo um conceito sobre tal atitude. Ademais, também compreendo que o silêncio pode ter sido ocasionado pela timidez dos participantes que eram da turma da manhã (Leco, Cris e Caique) que não estavam familiarizados com os/as colegas da turma da tarde. Cris e Leco disseram apenas que não queriam falar, mas que sabiam o que era cooperação. Ambos são participantes assíduos de tal prática que é realizada no período da manhã. Já no caso de Michele e Lalá, que também apresentaram saber o que significa cooperação, não consigo avaliar a autenticidade de seus saberes,

pois, para além de serem visitantes, não as vejo engajadas durante o desenvolvimento da prática.

Maurício: Turma! A cooperação eu já falei lá em cima na roda, eu acho que vocês não estavam atentos, cooperação é quando todo mundo participa, por exemplo: Eu tô vendo aqui o Educador Leonel, e sei que ele é muito bom, é só um exemplo tá, agora é só um exemplo, ele é muito bom na corrida. Nossa! Ele, e bom mesmo hein?

Caique: Igual o outro Bolt.

Maurício: Igual o outro Bolt, mas no futebol. Vixi ó!...[sinalizei, gesticulando de modo a posicionar meu polegar para baixo, que ele era ruim no futebol]... Iiiii... Aí ele é do meu time, em vez de eu tocar pra ele, eu pego e não toco. Por que eu tenho medo de ele perder a bola. E aí ninguém do time toca pra ele. Quando acaba o jogo ele viu que não participou. Então meu time não foi cooperativo. Então, no *Fútbol Callejero*, no final a gente avalia se teve cooperação. Então é, se as pessoas do seu time, se uniram, se organizaram pra que todo mundo do time recebesse a bola. Tudo bem? Então, isso também é avaliado. E quem faz as avaliações são as próprias pessoas que jogaram. Esse jogo não tem juiz ou árbitro, inclusive no campeonato mundial. Então, vocês conseguem imaginar a Copa do Mundo de futebol sem ter um juiz?

Frente à minha problematização muitas crianças acenaram negativamente com a cabeça. Continuei a explanação.

Maurício: No *Fútbol Callejero* é, e foi assim: Foi assim no Campeonato Mundial, na Copa do Mundo, e não teve nenhuma briga, não teve gesto de desonestidade que não deixou de ser comentado. Vâmo jogar então?

Resposta em coro: Vamos!

Para organizar o jogo também foi preciso decidir coletivamente sobre o local em que iríamos desenvolver as partidas, uma vez que a quadra estava úmida, com algumas pequenas poças d'água devida a chuva que antecederam o início do nosso encontro. Ademais, 30 crianças participavam da atividade, o que tornava a quadra pequena para o número de participantes. Houve, à princípio, um impasse de interesses, posto que parte das crianças queriam jogar na quadra, outra parte na areia. Sugeria que fossem apresentados pontos de vistas favoráveis e contrários à cada um dos espaços.

Maurício: *Fútbol Callejero*, eu falei lá em cima, então tudo aqui é motivo de aprendizagem, que é ensinar as pessoas a argumentarem na luta pelos seus direitos e seus interesses. Então, quem tem interesse em jogar na areia e quer argumentar? É importante defender o seu argumento... [a participante Lalá levantou a mão pedindo a fala]... Olha a Lalá levantou ó. Cê quer jogar na areia ou na quadra?

Embora Lalá tivesse levantado a mão e eu tivesse direcionado a pergunta para ela, algumas crianças (Caique, Julha, Michele, Naná) responderam "na areia".

Lalá: Na areia.

Maurício: Porque na areia Lalá?

Lalá: Porque se escorregar bate a cabeça no chão!

Maurício: Se escorregar aqui vai bater a cabeça.

Julha: Eu também ia fala isso [indicando concordância com Lalá].

Caique: Eu também [indicando concordância com Lalá].

Maurício: Ó a lá, tem pessoas que concorda com você Lalá. Foi importante seu argumento... [Naná estava com o braço levantado].

Naná: Na Areia.

Maurício: Na areia? E por que na areia Naná?

Naná: Senão vai bater a cabeça.

Maurício: Igual a Lalá falou?... [A participante acenou positivamente com a cabeça]. Legal. Alguém mais quer falar a favor de jogar na areia.

Manoel: A lá, levantou a mão.

Maurício: Stuart quer falar? Porque jogar na areia Caique?

Stuart: Porque daí se caí não machuca a cabeça.

Maurício: Porque se caí não machuca a cabeça! Foi como a Lalá falou. E quem quer jogar na quadra? E porque que é bom jogar na quadra e gostaria de falar?

Os/as participantes não responderam de maneira que o grupo todo ouvisse. Percebi que alguns sussurravam para seus/suas colegas mais próximos/as um possível motivo. O Educador Rodrigo percebeu esse movimento e perguntou para um grupinho de participantes, formado por Marreco e seus primos que visitavam o projeto:

Educador Rodrigo: Cêis querem jogar na quadra? Cêis querem jogar na quadra ou na areia.

Primo de Marreco 1: Na quadra, melhor pra chutar... Daí... Na areia segura muito.

Maurício: Então, fala isso alto pra turma ouvir e decidir.

Primo do Marreco 2 pareceu ficar envergonhado com meu pedido e de imediato se virou para seu primo Natan (também primo de Marreco 1) pedindo para que ele falasse, de modo que o garoto respondeu "Fala você alto". Renam apenas disse, de maneira tímida, "Sossegado", endossando minha percepção de vergonha/timidez. Segui nas provocações para decidir coletivamente o local de desenvolvimento do jogo.

Maurício: Mais alguém quer falar sobre jogar na areia?...[o participante Caique levantou o braço, pedindo a fala]. Cê quer falar Caique? Pode falar?

Caique: Porque... Porquê cai machuca o joelho tudo.

Maurício: Joga na areia machuca o joelho?

Caique: Não, na quadra!

Maurício: A... Então ó, já não é a cabeça também, agora também é o joelho... Mas e quem que quer jogar na quadra? Quer jogar na quadra porquê?

Meu pedido por mais argumentações favoráveis a jogar na quadra não foi atendido, era como se ninguém tivesse mais nada a argumentar. Diante da não-argumentação, consultei a turma perguntando:

Maurício: Então, eu gostaria de ouvir de vocês: A gente vai jogar na quadra ou na areia?

Novamente o impasse se impôs, pois as primeiras manifestações foram favoráveis à jogar na areia, porém, logo em seguida os/as participantes favoráveis à jogarem na quadra também se manifestaram. Em meio ao pequeno tumulto gerado por crianças/adolescentes que diziam "areia" e outras dizendo "quadra" levantei meu braço pedindo a fala/palavra, e aguardei as crianças me darem atenção e disse:

Maurício: Turma, tem gente aqui que ainda é muito nova pra entender que no grito não se convence as pessoas. Por isso o argumento é importante. Se a gente não tem um acordo a gente pode ir pro voto, e aí o voto é assim: A maioria vence. Quem quer argumentar, eu vou dar mais uma rodada, então Carol ...[pedia a atenção da participante Carol que estava

conversando com Michele]... Quem quer falar sobre jogar na areia? Que não seja o argumento dado pela Lalá e pelo Caique, são novos argumentos. Porque seria bom jogar na areia?

Manoel: Na areia não machuca!

Caique: É!

Educador Rodrigo: Eu quero falar da areia.

Maurício: Na areia não machuca?

Caique: Não.

Julha: O Educador Rodrigo quer falar.

Maurício: Educador Rodrigo.

Educador Rodrigo: Como tem muita gente a quadra eu acho que vai ficar muito apertada pra jogar 10 contra 10. Então o jogo vai ficar ruim. Por mais que cê ...[indicando diálogo com os primos do Marreco] acha que vai segurar ali na areia, aqui cê num vai conseguir nem se mexer, por causa do tamanho da quadra.

Maurício: É um argumento. A gente tem sempre que ouvir todos os argumentos e pensar no que a gente tá entendendo que é legal ou não. Mais alguma? Argumento a favor da areia?

Renam - Primo do Marreco: Então vamo na areia então.

Maurício: Agora a gente vai ouvir quem é a favor de jogar na quadra. Então, quem tá interessado em jogar na quadra, é importante que fale seus argumentos.

Educador Leonel: O sol tá vindo aí. Vai secar a quadra.

Lalá: Mas mêmo assim eu caio.

Marreco: É, então... [expressando concordância com Lalá].

Natan - Primo do Marreco: Fala vai! ... [pedindo que seu primo, Renam falasse algo].

Renam - Primo de Marreco: É pra falar, cêis tem boca também! Sai fora...[em resposta a Natan].

Manoel: Na areia.

Maurício: Porque Manoel?

Manoel: Na areia num machuca, num escorrega.

Caique: É!

Natan - Primo de Marreco 1: Mai aqui é melhor pra jogar... A areia segura muito a... A bola.

Renam - Primo de Marreco 2: Aqui num escorrega não cara, ó! [disse isso em contraposição à Manoel, fazendo um movimento de arrastar o pé no chão, como se quisesse mostrar a aderência de seu tênis no piso da quadra]...

Manoel: Acha... Escorrega ô;

Natan Primo de Marreco 1: Mas é melhor prá chutar a bola.

Michele: Mas tá muito apertado.

Manoel: A, eu escolho a quadra.

Maurício: Então... Ouvimos as duas partes e... E a gente chegou a um acordo? E aí eu vou saber disso agora: É "areia" ou é "quadra".

Outra vez a comunicação do interesse dos/as participantes não apresentou consenso. Mesmo sendo comunicada quase que em um coro, as respostas não convergiam apontando um interesse hegemônico.

Maurício: Ah... Veja... Veja turma, que na vida a gente não vai ter acordo com tudo.

Michele: Vai a votação!

Maurício: E aí...

Manoel: Vai a votação!

Maurício: E aí, pode fazer a votação, mas assim: Sempre tem alguém que não vai ficar satisfeito e vai... Ou vai ceder, vai falar: "Então, tem que sê lá porque eu perdi", ou desde já fala: "Olha, hoje como eu nunca joguei em tal lugar, nunca joguei em tal lugar molhado, ou... Eu me proponho a ceder a vontade". Mas, sempre pensando que a outra pessoa poderia fazer isso por ele, por ela. Então, quem quer... Vamos fazer a votação. Depois da votação, é importante saber disso, Naná... [pedi a atenção da participante que conversava com Michele]... Atenção Naná. É... depois da votação inevitavelmente alguma... Alguma proposta vai sê vencida. Ainda assim vocês vão jogar? Tem alguém aqui que só joga se fô na quadra? "Ó, só vô jogar se for na quadra".

Houve alguns segundos de silêncio, continuei as ponderações antes de chegarmos juntos/as a um consenso/acordo.

Maurício: E aí eu vou fazer a outra pergunta também: Tem alguém aqui que só vai jogar se for na areia? [Participante Caique levantou o braço, como em resposta à minha pergunta]... Caique, você só vai brincar de *Fútbol Callejero* se for lá [apontei para a direção da quadra de areia]... Se for aqui você não vai brincar?

O participante estava cabisbaixo e, com um aceno de cabeça indicou que não participaria se a disputa fosse realizada na quadra. Segui fazendo ponderações até que fosse estabelecido um acordo.

Maurício: turma, tendo ouvido o colega, vocês querem jogar na quadra?

Cauã: Sim.

Manoel: Eu cedo a quadra.

Maurício: Você... cê mudaria de ideia pra acolher o seu colega?

Participante acenou positivamente com a cabeça.

Maurício: E é isso que eu quero saber!

Manoel: Vai gente, um ôto dia a gente joga na quadra.

Maurício: Então turma, vocês concordam em jogar na quadra pra atender a vontade do colega?

Resposta em coro: Não!

Educador Leonel: Na areia, você falou errado.

Maurício: É na... Vocês... Concordam em jogar na areia para ceder a vontade do colega?

Resposta em coro: Sim!

Desta vez toda gente respondeu, em coro, "Sim". A partir deste acordo/consenso, nos dirigimos todos/as para a quadra de areia para dar início ao 1º Tempo do *Fútbol Callejero* (2).

1º Tempo

Antes mesmo de iniciar o primeiro tempo estabelecemos, de maneira consensual, que as regras que seriam estabelecidas iriam valer para os dois jogos. Tal encaminhamento foi sugerido por mim, com vistas a “poupar tempo”, imaginando que seria possível desenvolver apenas dois jogos entre as três equipes.

Outro acordo que foi consensual entre as crianças e adolescentes participantes é de que a equipe que vencesse o primeiro jogo permaneceria na disputa da segunda partida, enfrentando, então, o time que estava aguardando.

Tendo estabelecidos mais estes acordos pré-jogos, iniciei o 1º Tempo explicitando a importância da formação do círculo, uma vez que haviam muitos participantes visitantes que não conheciam o *Fútbol Callejero*.

Maurício: O *Fútbol Callejero* a gente forma o círculo porque a gente aprende que todo mundo tem o mesmo valor, a mesma importância. Então se tá ali alguém no centro, Olha só Caique...[solicitei a atenção do participante Caique que estava brincando com a areia]... Se tem alguém aqui no centro eu tô de costa pra ele.. [Caminhei até o centro da roda para exemplificar melhor o que eu estava tentando esclarecer]... Eu não consigo nem vê o que eles tão falando e nem o que tão fazendo. É como se eles não tivessem importância pra mim. Então, Naná, Ana... [precisei requisitar a atenção das participantes Naná e Carol que jogavam areia uma na outra]... A intenção de formar um círculo é pra que todo mundo tenha o direito à voz, hein? Então, todo mundo tem um direito igual de falar...

Precisei interromper, momentaneamente, minha fala sobre a intenção da formação da roda, pois notei que algumas crianças (Naná, Carol, Michele, Julha, Guabriel Faria) estavam distraídas brincando de desenhar ou fazer esculturas na areia. Indiquei que poderíamos combinar um horário para fazer brincadeiras na areia, mas que naquele momento era preciso ter atenção com o que estava combinado. Após solicitar a atenção e pedi para que a roda fosse reajustada e retomei minhas considerações da importância do momento de formação do círculo.

Maurício: O que a gente vai fazer agora é preciso ouvir a voz de todo mundo que quiser falar. Então, o primeiro passo é formar o círculo correto... Então pessoal, quem quer sugerir uma regra levante o braço. Aí todo mundo vai ouvir essa regra e vê se tem acordo ou não.

Manoel: Não pode dá chutão com pé na... Na...

Maurício: Cê levantou o braço Manoel? Quem quer falar uma regra?... Levanta o braço Manoel [o participante interrompeu a fala de seu colega].

Caique: Eu levantei primeiro.

Maurício: Mas o Manoel está aprendendo agora o *Fútbol Callejero*, agora você pode falar... [disse indicando que Manoel deveria falar].

Manoel: Você não pode... Você não pode chutar nas pernas dos outros.

Maurício: Chutar a bola? Ou chutar a perna?

Manoel: A perna.

Maurício: Ah... Vocês escutaram o Manoel?

Caique: Sim.

Maurício: Cêis têm acordo com isso?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Cê não sabe? Cê acha que vale ou que não vale acertar a perna do outro Ruan? [pergunta direcionada para o participante Ruan que fez um gesto com os ombros, indicando indiferença ou não saber].

Cássio: Não Vale.

Manoel: Não Vale.

Maurício: Ele tá propondo que não vale. Cêis tem acordo com isso?

Os irmãos Caique e Cássio responderam que sim, os/as demais participantes apenas acenaram com a cabeça, sinalizando terem acordo com a regra. Segui com as problematizações e esclarecimentos.

Maurício: Se durante o jogo acontecer, no 3º tempo, vamos supor: eu que sou do time sem colete fui lá e chutei a perna do Kainã. No 3º tempo o Kainã ou o time dele pode falar: "Olha, mas o Maurício chutou minha perna". E se tod... Se as pessoas falar: "É, chutou". Isso é um desrespeito a essa regra, o time perde ponto por desrespeito. Qualquer regra que for firmada agora... Vocês tem acordo com a regra do Manoel.

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Então não vale chutar a perna do outro...

Marreco: Tem que bater na bola.

Maurício: Tem que ter a... O cuidado e a habilidade de pegar a per... De pegar a bola sem pegar a perna do outro.

Marreco: Mas e se não for com intenção.

Caique: Aí é falta.

Manoel: Falta.

Maurício: É uma regra.

Manoel: É falta Maurício.

Maurício: Então... É falta?

Manoel: É, é falta!

Maurício: Quando que é falta?

Manoel: Chutar a perna do ôto.

Maurício: Mas, pode ou não pode?

Manoel: Não pode.

Cássio: Aí é falta.

Maurício: Ah... Então não perde ponto? Se chutar é falta?

Manoel: É!

Cássio: Não!

Maurício: Ah, então tá bom!

Neste momento ficou nítido haver um impasse e compreensões distintas acerca da proposição se tratar de uma regra ou não. A Educadora Abayomi ponderou:

Educadora Abayomi: Então vai sê normal?

Manoel: É, só é uma falta.

Educadora Abayomi: É, precisava nem falar.

Educador Rodrigo: Falta já é falta, até onde eu sei.

Manoel: Então é pênalti.

Maurício: Calma Manoel! Tem mais gente que levantou o braço. Cássio?

Caique: Não vale dá chutão.

Maurício: Pessoal... Pera aí, é Caique ou Cássio?

Educadora Abayomi: Caique.

Maurício: Ai meu Deus do Céu viu. Tem que andar com um crachá meu! [fui irônico diante da minha dificuldade de identificar os irmãos gêmeos] É... O Cássio... Sugeriu...

Caique: Caique!

Maurício: Caique... Sugeriu que não vale dá chutão, cêis tem acordo?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Cêis sabem o que é chutão?

Manoel: Chutar pra frente.

Maurício: É só chutar pra frente turma?

Cauã: Chutar forte?

Caique: Chutar forte.

Maurício: Chutar forte! É... Caique, porque que não vale dar chutão?

Caique: Porque acerta a cabeça das crianças

Marreco: Pode acertar alguém.

Maurício: Cêis tem acordo que não vale dá chutão?

Resposta em coro: Sim.

A maioria das crianças responderam "sim", algumas não falaram nada, em aparente acordo ou indiferença. Compreendi que o implemento desta regra se tratava e um consenso. (3)

Maurício: Se for identificado um chutão e algum time falar: "ó, deu chutão", o time da pessoa... Hein Naná [A participante Naná não estava prestando atenção, pois estava brincando com a areia]... Que deu o chutão perde ponto. É vocês que vão falar todas as regras. Por enquanto só tem a regra de que... Vai ter goleiro, e de que... Não vale dá chutão. O David tá sugerindo ter pênalti. Vocês concordam?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: E onde, pra ter pênalti, o que que é pênalti turma?

Marreco: Fazer falta dentro da área.

David: Derrubar dentro da área. Colocar a mão dentro da área.

Maurício: "Derrubar dentro da área", "colocar a mão dentro da área". Veja que nas duas frases que eu falei inclui um lugar importante no campo. Qual que é?

Manoel: É a área.

Maurício: Boa Manoel! E onde que é a área?

Manoel: Lá dentro da área.

Maurício: Me mostra pra mim aqui Manoel onde tá a área. Você está vendo ela ali?

Manoel: Não.

Maurício: Então cêis tem que falar pro professor fazer a área [indicando que o Educador Rodrigo também deveria fazer as faixas no campo que representava a área do/a goleiro/a]... Então vamo combinar que a área... Onde pode ser a área aqui?

Natan: Futebol de areia não tem área.

Maurício: O nosso colega está dizendo que o futebol de areia não tem área. Vocês concordam com isso?

Manoel: Concordo

Caique: Sim.

Maurício: Sim? E aqui não vai ter área?

Educador Leonel: Ah, não.

Educador Rodrigo: Não?

Houve alguns instantes em que os/as participantes discutiam uns-com-os-outros, sem comunicar a resposta para o grupo todo. Natan (primo de Marreco 1) chegou a dizer, "Mas aí não tem pênalti", de modo que Marreco respondeu: "Ah, o pessoal quis vim aqui", como se estivesse se queixando da escolha por um local onde não havia a marcação da área. Continuei a problematização.

Maurício: E aí turma, vocês querem ou não querem?

Educadora Abayomi: Eu acho que mesmo que se o professor fizer uma área durante o jogo ela vai meio que sumi.

Natan - Primo do Marreco: Ela some né? De ficar passano.

Educador Rodrigo: Ah, é só redesenhar né?

Maurício: O que que você acha disso David?

David: Ah, tá certo.

Maurício: Tá certo? Cê quer manter a sua regra ou você quer tirar ela?

David: Não, pode tirar.

Maurício: Pode tirar? Cêis tem acordo com isso? Tirar a regra do pênalti.

Resposta em coro: Sim.

Alguns participantes responderam, em coro, que "sim". Porém, logo imediatamente, o Educador Rodrigo fez uma ponderação.

Educador Rodrigo: Oh, mas ainda assim, eu acho que tem que ter área. Porque, senão, como é que vai definir onde que o goleiro pode pegar com a mão.

Maurício: Você ouviu isso Michele [procurei ter a atenção da participante que estava distraída brincando com a areia]

Michele: Eu não.

Maurício: Então você está desrespeitando, sua equipe pode perder ponto por Respeito. Pela falta de respeito.... Agora é um momento de acordo. Então, vocês ouviram? O goleiro pode pegar a bola com a mão de qualquer lugar?

Ouvi algumas crianças falando "não", porém a maioria ficou quieta. Desta forma, compreendi que a decisão era para que não tivesse área.

Maurício: Lembra que esse aqui não é o futebol profissional. Cêis falarem "pode", o goleiro vai poder atravessar a bol... O campo com a bola na mão. É vocês que criam regras.

Manoel: Pode.

Cássio: Pode.

Natan Primo de Marreco: Não.

David: Não.

Maurício: Então vai ter uma área?

Manoel: Vai.

Marreco: Vai.

Maurício: E como que a gente determina a área...

Houve um silêncio que durou alguns segundos. Diante da ausência de propostas, apresentei um ponto de reflexão.

Maurício: Eu vou falar o que eu conheço. O futebol de areia profissional existe um poste, um pilar, uma marcação na lateral que determina o tamanho da área. Por exemplo: se vocês falarem: "A área vai até o refletor". Olha onde tá o poste do refletor lá...[apontando com meu dedo indicador para o refletor que ficava em uma das laterais da quadra de areia]... E existe pênalti sim no futebol de areia e existe área no futebol de areia. Se não o goleiro poderia pegar de qualquer lugar. Cêis querem determinar uma área?

Cássio: Sim.

Maurício: Oi? Cêis querem turma?

Os/as participantes demonstraram estar com sua atenção dispersa. Para além da areia, havia o barulho de uma máquina cortadora de grama, e um enxame de abelhas arapuá, ambas ao lado do espaço que estávamos. Outra vez precisei requerer a atenção dos/as participantes.

Maurício: Então ó: Quem está fora da roda, vem pra roda. Quem não está prestando atenção na roda, presta atenção na roda!

Educador Leonel: Quanto mais rápido a gente vai, mais rápido a gente joga.

Maurício: É, a gente não vai conseguir nem jogar um jogo assim, se continuar na desatenção... Então, quem tá brincando com a areia deve parar! E prestar atenção no que está

sendo combinado. Quem for beber água vai depois, espera terminar os acordos... Muito bem, turma vai ter pênalti? Sim, ou não?

Michele: Pode ser professor!

Maurício: Então, mas é um acordo.

Julha: Por voto!

Maurício: A gente tem um acordo?

Marreco: Sim.

Digo: Sim.

Maurício: Qual que é Digo. Você falou que a gente tem. Qual que é o acordo?

Digo: Que é... Que tem área.

Maurício: "Que tenha área". Cêis tem acordo com isso?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Se tem área é possível ter pênalti?

Resposta em coro: Sim!

Maurício: E vai ter pênalti então?

Desta vez, um maior número de crianças respondeu "vai". Sendo mais incisivas no estabelecimento do acordo.

Maurício: É um acordo? Legal... Então a gente vai ter pênalti... Onde que é o limite da nossa área turma?

Houve um grande silêncio, segui com a provocação.

Maurício: Cêis não consegue estabelecer? Cêis podem onde vocês quiserem. Vocês que mandam.

Manoel: No meio do campo.

Maurício: Meio do campo é aqui... [apontei, sinalizando com minha mão, onde ficava o meio da quadra de areia]... O goleiro vai... Poder saí de lá e vim pegar aqui com a mão?

Manoel: Não.

Maurício: E onde que é então Manoel?

Caique: Em frente do gol.

Manoel: Tem... Ta... Tem uma bola ali em cima, só no meio da área só que cê pode só atravessar bem bola.

Maurício: Então mostra pra gente onde é que vai ficar essa bola.

Enquanto Manoel caminhava para o ponto no qual ele sugeriu ser a limitação da quadra, perguntei para Esther se ela gostaria de dar outra ideia, pois a participante estava com as mãos levantadas.

Esther: Nesse poste do meio aqui ó.

Maurício: Então vejam que não é por acaso que no clube está assim turma.

Manoel: Aqui ó Maurício.

Maurício: Que é mais ou menos onde é que ele tá ó! Então, cêis querem combinar no poste de luz ou onde ele está. (4).

A turma deliberou que a marcação deveria coincidir com o poste de luz. Como a elaboração das regras foi demorada e muitas crianças estavam desatentas, optei por relembrar aquelas que foram escolhidas. A saber: 1) Terá Goleiro/a; 2) Quem ganha fica!; 3) Não vale dar chutão; 3) Limite da área é o poste.

Diante da apresentação do conjunto de regras eleitas Davi-Luiz se manifestou sugerindo que fossem pontuados os acertos na trave (1 pts), travessão (2 pts) e forquilha (3 pts). Inicialmente não houve consenso, sendo necessário o pedido de apresentação de argumentos favoráveis e contrários à regra sugerida por Davi-Luiz.

Maurício: Quem... A gente não tem um acordo, porque não é todo mundo. Não é um consenso. A gente pode chegar num acordo mesmo sem o consenso. Quem é favorável a essa regra e gostaria de falar o porquê que é interessante tê essa regra?

Houve alguns instantes de silêncio, como se nenhum participante quisesse se pronunciar. Até que o próprio propositor se manifestou.

Davi-Luiz: Porque se acertar um desses 3, ganha mais pontos.

David: Mas aí é diferente do futebol!

Maurício: Mas aqui David, é pra ser diferente do futebol. Não precisa sê diferente, mas pode sê. Se for mais legal e mais divertido, pode ser que tenha. Mas quem vai decidir isso são vocês juntos, tá? Então você disse que tem chance de marcar mais pontos? Esse é seu argumento? [Essas perguntas foram direcionadas para Davi-Luiz].

Davi-Luiz: É.

Maurício: Alguém mais quer falar a favor da trave, travessão e forquilha?

Manoel: Eu.

Maurício: A favor? O que que você quer falar a favor?

Manoel: É... Pá... Pode sê essa regra.

Maurício: Pode sê?

Manoel: Pode sê.

Maurício: Porque que pode sê?

Manoel: E... I... Va... Vale ponto!

Maurício: Agora a gente vai ouvir quem é contrário. Quem é contrário essa regra? Acha que não deve tê, sê colocada e gostaria de falar?

Diante minha pergunta nenhuma criança sinalizou interesse em argumentar contrariamente ao implemento da regra sugerida por Davi-Luiz. Para confirmar perguntei novamente se a regra seria colocada em jogo. A maioria dos/as participantes responderam sim, outra parte não se pronunciou. Com efeito, compreendi que a regra seria aceita. (5).Na esteira desta decisão o participante Digo também quis propor uma regra.

Maurício: Pode falar Digo.

Digo: Não tem lateral. Só sai na linha de fundo.

Maurício: Cêis tem acordo com essa regra?

Resposta em coro: Sim.

Ainda englobando o 1º Tempo, e já concluída a etapa de formulação de regras, foi decidida a pontuação/valoração de cada um dos pilares.

Maurício: Alguém quer falar mais alguma regra? Então a gente vai decidi rapidamente sobre quanto vai valer cada um dos itens: Respeito. Quantos pontos vale respeito?

Davi-Luiz: 3.

Manoel: 3.

Maurício: E Cooperação?

Digo: 3.

Marreco:3.

Manoel: 4.

Maurício: 3 ou 4?

Marreco: 3.

Digo: 3.

Davi-Luiz: 3.

Maurício: 3 ou 4 Manoel?

Manoel: 3.

Cássio: Tudo 3.

Maurício: Solidariedade também?

Resposta em coro: Sim.

Como havia muitos/as participantes que estavam em sua primeira visita ao projeto, decidi que deveria explicitar a intencionalidade de cada um dos pilares, ou seja, o que era avaliado em cada um deles. Para tanto, problematizei com os/as participantes para que expressassem suas compreensões acerca de cada um dos pilares.

Maurício: Se eu falar respeito todo mundo sabe como ganhar o ponto de respeito ou não?

Marreco: Sim.

Maurício: Como que faz? Pra ganhar o ponto de respeito.

Marreco: Respeitando as regras.

Maurício: Respeitando as regras e as outras pessoas. Às vezes eu não dou chutão, as vezes eu não... Eu não desrespeito as regras mas eu falo: "O Ariane, você é ruim mêmo hien? Tá looco!".

Ana Irmã do Leco (participante da manhã): Laura [participante me corrigiu indicando o nome correto da participante].

Maurício: É... Laura... E aí é um desrespeito com a Laura. Perdeu ponto. Não é uma regra! E se eu falar cooperação, vocês sabem o que que é?

Marreco: Claro!

Maurício: O que que é?

Marreco: Todo mundo do time jogar!

Maurício: Todo mundo do time jogar. Então óh... Se eu não tocar pro Kainã e ele não receber a bola durante o jogo, meu time deixa de ganhar 3 pontos. 1 gol só vale 1 gol. A Cooperação vale 3. Então vale muito mais... Eu ter cooperação do que fazer gol... E Solidariedade?

Marreco: É o que você pode fazer pelo outro time!

Maurício: Pelo outro time. Então óh... Dessa vez é a primeira vez que eu vô falar desse jeito: Eu olho a Naná, eu acho que ela não tem habilidade. Faz sentido eu, Maurício, com 36 anos de idade, eu ir lá e toda hora roubar a bola da Naná?

Resposta em Coro: Não!

Maurício: Eu posso não roubar... E ser solidário.

Concluída a etapa de elaboração das regras e valoração dos pilares (Respeito, Cooperação e Solidariedade), tivemos que decidir quais equipes deveriam iniciar jogando, afinal havia 3 equipes participantes. De maneira gentil e solidária o participante Manoel propôs que um time de colete e o outro sem colete comesçassem as disputas. De modo preconceituoso suspeitei, inicialmente, que ele estivesse sugerindo que o time dele comesçasse, pois ele compunha uma equipe de colete. Todavia, ele comentou que o time dele poderia esperar, enquanto as outras duas equipes jogavam, e aguardariam aquela que fosse a vencedora para disputar, com esta, a partida seguinte. Consultei seus/suas colegas de equipe que prontamente sinalizaram concordar com Manoel, ou seja, que concordavam em aguardar e jogar somente em seguida. Tivemos então um acordo e o primeiro jogo foi iniciado.

Orientei para que a equipe que fosse aguardar a primeira partida deveria ficar junto dos outros Educadores na quadra ao lado, para que assim que terminasse a primeira partida eles/elas pudessem prontamente vir para o espaço de jogo e dar início a segunda partida. Assim sucedeu.

Durante o 2º Tempo (tempo de bola rolando) do primeiro jogo percebi que Stuart e Leco (vizinho do Prof. Edson) estavam frustrados por não receberam a bola. Como naquele momento eu atuava como mediador eu não podia intervir diretamente. Todavia, eu também acumulava o papel de Educador e durante a vivência compreendi que eu deveria minimamente problematizar a situação. Desse modo, inicialmente dialoguei diretamente com Stuart que à princípio queria parar de jogar. Quando perguntei para ele o motivo do seu desinteresse ele sinalizou apenas que queria estar na outra equipe. Disse-lhe que ele deveria voltar para o jogo pois, com a atitude de parar de jogar ele poderia prejudicar sua equipe com relação ao pilar Cooperação. Concomitantemente, o Educador Rodrigo também convidou-o para voltar ao jogo. Stuart demonstrou ligeira animação e voltou a participar.

Já com Leco aconteceu situação parecida. O participante sentou na lateral do campo, indicando desistência em sua participação. Indiquei para que Marreco, que na ocasião era companheiro de equipe de Leco, observasse a situação de seu colega de equipe

e mobilizasse os/as demais colegas de seu time de modo a promover a participação de Leco e demais colegas. Marreco, que é uma figura solícita e gentil atendeu e procurou realizar mais passes para Leco e demais colegas que não estavam participando ativamente do jogo.

Ainda durante o 2º Tempo da primeira partida percebi que Ruan estava muito agressivo, reclamando de seus colegas de equipe, dizendo que não recebia a bola. Ademais, em diferentes ocasiões em que ele "perdia a bola", ou seja, quando um adversário tomava a bola dele de maneira justa, ele reclamava de ter sido vítima de uma falta ou de jogada desleal. Vale ressaltar que Ruan já possui um histórico de agressividade em suas visitas anteriores. Suas atitudes desrespeitosas como xingamentos e ameaças de brigas marca a trajetória deste participante no projeto. Ademais, esta era a primeira vez que ele participava da prática, o que contribuía para suas atitudes indesejáveis e diretamente relacionada com pessoas altamente condicionadas por posturas afetas e manifestadas pelas pessoas influenciadas pela prática de futebol à moda midiática, espetacularizada¹⁰⁶.

3º Tempo do primeiro jogo.

Ainda na quadra de areia organizamos um círculo. Fazia calor, mas pedi o esforço dos/as participantes para que fossemos beber água apenas depois de concluir o 3º Tempo, pois, minha experiência aponta para a dificuldade e morosidade em conseguir juntar os participantes uma vez que eles/as se dispersam para beber água. As crianças/adolescentes aceitaram. Com toda gente à postos iniciei os diálogos da Mediação com a conversão dos gols em pontos.

Maurício: Pessoal, no *Fútbol Callejero* o time que marcou mais gols vai para o 3º Tempo, que é agora, com 3 pontos. O time que marcou menos gols vai com 1. Em gols o time verde marcou 7 gols, enquanto o time laranja marcou 2, ou o time sem colete [esta última fala foi uma correção, pois não havia “time laranja”]. Então o jogo começa, começa o 3º Tempo com 3 pro verde e 1 pro sem colete. Agora a gente vai ver as regras. E... Outra coisa importante Caique, cuidado com a areia... [procurei ter a tenção do participante que brincava com a areia

¹⁰⁶ Compreendemos, conforme Rodrigues e Gonçalves Junior (2009) que o futebol espetacularizado arremete à “Supervalorização da competição e do elemento espetacular-visual costumeiro no âmbito do esporte de rendimento, vinculado ao interesse da exibição de performance para outrem ou de busca estética compulsiva ao aspecto físico massificado e padronizado pelos meios de comunicação, em detrimento da realização de práticas corporais autônomas e significativas, desenvolvidas pelo prazer desencadeado por elas mesmas, com satisfação pessoal intrínseca” (p. 988).

jogando-a para o alto]... É a trave e o travessão. O time verde acertou duas traves. Então, além dos 3 pontos o time verde agora ganha mais 2. Vocês estão acompanhando a contagem?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: O time laranja acertou 1 travessão. Valia quanto o travessão?

Resposta em coro: 2!

Maurício: Então, 2... 2 pontos o travessão, a forquilha valia 3. Então o time laranja [Errei o time, procurei corrigir imediatamente]. Tisc... O time sem colete! Então fica com mais dois pontos. Agora eu preciso saber. Teve chutão?

Resposta em coro: teve.

Cauã: Teve bastante.

Marreco: Nossa, não dá nem pra contar!

Maurício: Atenção... Atenção, eu quero saber se teve respeito às regras. Eu vou falar as regras rapidinho:

Marreco: Ah.

Maurício: Não vale chutão; trave; travessão e forquilha vale 1, 2 e 3 pontos respectivamente; A bola não tinha lateral, então podia usar as laterais, só saia na linha de fundo.

Marreco: Por isso o pessoal foi tudo pra cima de você lá... [o participante disse isso apontando para o Educador Rodrigo].

Maurício: E a área, o limite da área, era o poste. Essas foram as regras combinadas. Eu quero saber se teve respeito.

Educador Rodrigo: Não!

Maurício: Respeito às regras... Eu acabei de falar as regras. E se teve respeito aos outros jogadores? Time verde, que está de colete, o time sem colete merece os pontos de respeito?

Marreco: Nossa.

Gabriel Primo do Marreco 2: Não, tisc... tisc...

Maurício: Time verde, que está de colete, o time sem colete merece os pontos de Respeito?

Resposta em coro: Não.

Maurício: O time sem colete não merece? Porque?

Educador Rodrigo: Desrespeitaram a regra do chutão.

Maurício: Então, time sem colete, vocês deram um chutão em algum momento? É isso que o Educador Rodrigo tá falando.

Cássio: O Ruan.

Manoel: O Ruan, duas veiz.

Maurício: Então pera aí. O Ruan é do time “de colete”, eu quero saber se o time sem colete, porque o Educador Rodrigo tá falando, deu chutão.

Marreco: Eu não vi isso.

Educador Rodrigo: Cê não viu Marreco? O... O chute do Ruan foi chutão, mas você percebeu mais, porque ele tava mais perto do gol, mas o primeiro gol que você fez, que eu tava no gol, foi um chute igual o dele... igualzinho.

Houve um breve instante de silêncio. Segui com este diálogo.

Maurício: O time verde viu isso? Que o Educador Rodrigo está falando?

Caique: Sim;

Maurício: Cêis também acha que foi chutão?

Leco: Ahã.

Maurício: E pra você... Vocês do time sem colete? Cêis viram esse lance?

Natan – Primo do Marreco 1: Verdade.

Renam - Primo do Marreco 2: É... Se o dele foi, se o do piazinho foi, o dele também foi.

Cássio: Eu vi.

Maurício: Então, vocês acha que foi igual, foi chutão?

Gabriel - Primo do Marreco 3: De 7 gol 8 foi chutão.

Maurício: Então essa regra foi desrespeitada?

Gabriel - Primo do Marreco 3: Verdade.

Maurício: Então o time... Cêis tem acordo que o time sem colete não merece ponto de respeito?

Renam - Primo do Marreco 2: Também!

Maurício: Agora a pergunta é contrária. Atenção! O time de colete merece o ponto de respeito?

Cássio: Não!

Manoel: Não.

Maurício: Porque?

Manoel: Deu chutão.

Maurício: Deu mesmo turma? E qual foi o chutão?

Renam - Primo do Marreco 2: Vixi.

Maurício: E quem deu esse chutão?

Caique: O Ruan.

Cássio: O Ruan.

Renam - Primo do Marreco 1: O Ruan, o goleiro também.

Gabriel - Primo do Marreco 3: Mas o goleiro chutou pra frente.

Renam - Primo do Marreco 1: Mas é chutão!

Maurício: Mas a regra foi desrespeitada?

Educador Rodrigo: É, mas é chutão do mesmo jeito. A ideia do chutão não pra você num chutar forte pra não fazer o gol, é pra você num chutar forte pra num correr o risco de... De... De machucar alguém. Porque se entra alguém na frente enquanto a bola tá subindo, machuca.

(6)

Maurício: Levanta o braço quem quiser falar porque tem gente falando junto. O nosso colega vai falar aqui. [apontei para o participante Cássio]. Pode falar.

Cássio: O Maurício, O Caique quase acertou a bola na minha, duas vezes assim óh [participante levou a mão no rosto simulando estar recebendo uma bolada].

Maurício: Então óh: não levante mais areia porque está indo no rosto dos colegas... É... Se teve mais de um desrespeito? O que acontece é que a equipe foi muito desrespeitosa. Mas, não perde mais pontos. Numa próxima ocasião vocês podem e a gente...

Precisei interromper brevemente minha fala para chamar a atenção das participantes Julha e Carol que estavam conversando e brincando com a areia muito próximas a roda onde desenvolvíamos o 3º Tempo. Ambas participantes integravam a equipe que participaria do jogo seguinte, portanto, não haviam jogado a disputa que era objeto de nossa reflexão naquele momento. Após eu ter alertado que elas estavam atrapalhando nosso diálogo, ambas vieram se juntar a roda e acompanhar o diálogo. Segui com a discussão acerca “do chutão”.

Maurício: Numa próxima ocasião que a gente for jogar, e a gente aprende isso: "óh, o gol de chutão não vale ponto", e aí seria anulado, ou "a cada chutão se desconta ponto"... Entende? É igual na vida. O que a gente aprende com o que aconteceu é para as próximas vezes também, eu não acho que foi ruim o que aconteceu, mas aí o ti... Não... Não... Não Ganha ponto de Respeito, mas também não ganha mais pontos por causa disso. Porque não foi combinado antes. Tudo bem? A gente não pode mudar a regra depois do jogo iniciado
(7).

Com relação ao Respeito foi deliberado que as duas equipes não respeitaram a regra do chutão não sendo atribuídos pontos para tal quesito. A próxima análise foi referente à Cooperação.

Maurício: Houve Cooperação entre as equipes? Todo mundo jogou, todo mundo tá satisfeito por ter jogado? Essa é a pergunta?

Cris: Sim.

Educador Rodrigo: Maurício, o Stuart saiu uma hora. Porque você saiu Stuart? Você acha que não tava jogando o suficiente? O Stuart do verde.

Maurício: Você entendeu a pergunta Stuart?

Cássio: Não, esse Caique aqui ó! [o participante estava entendendo que falávamos de seu irmão, todavia, desfiz o equívoco explicitando que se tratava de outro participante com o mesmo nome].

Maurício: Não, a gente tá falando desse ... [apontando para o Stuart]... O que que você quer falar para o professor... [direcionei minha pergunta para o Stuart].

Cássio: Você saiu?

Stuart: Quando o Maurício falou eu fui lá e “fiz” [entenda-se “voltei”].

Maurício: Bom... A saída do jogador... Você saiu porque... Você recebeu a bola do seu time? O Pessoal tocou pra você?

Stuart: Uma zora não! Uma zora sim!

Maurício: “Uma zora não, uma zora sim!” É... Então vou perguntar por equipe: Equipe sem colete, a equipe de colete merece o ponto de Cooperação?

Como de praxe, para além dos/as próprios participantes avaliarem o processo de jogarem juntos/as, as problematizações também são feitas por equipes. Assim, optei por perguntar para os/as participantes da equipe adversária se a equipe oponente, neste caso a equipe sem colete, se a equipe oposta, a de “de colete” – a qual Stuart, merecia ter o ponto. Poucos participantes se pronunciaram.

Cássio: Não.

Educador Rodrigo: Merece.

Leco: Sim.

Gabriel - Primo do Marreco 3: Merece.

Manoel: Merece.

Maurício: Merece?

Marreco: Merece.

Maurício: Vocês avaliam que todo mundo do time adversário jogou [entenda-se do time de colete]?

Manoel: Jogou.

Marreco: Jogou!

Decidi então fazer a pergunta que faltava, saber se os/as integrantes da própria equipe consideravam que seu time era merecedor dos pontos de Cooperação.

Maurício: E as pessoas do “time verde” [entenda-se “de colete”], vocês... Vocês do time verde, merece o ponto por Cooperação? Vocês do time verde, acha que seu próprio time merece o ponto de Cooperação? Eu não ouvi ainda? Seu time merece?

Caique: Sim.

Maurício: Então o time verde ganha 3 pontos por cooperação.

Minha pergunta procurou entender se Stuart e seus próprios colegas entendiam que sua própria equipe merecia os pontos por Cooperação. Nesta ocasião, o próprio participante Stuart não se manifestou. Como seus/suas adversários/as não teceram críticas no sentido de “desabonar” os pontos de cooperação da equipe verde, minha atuação como mediador foi respeitar a decisão do coletivo, atribuindo os pontos de Cooperação para o time verde. Passei, então, para a análise da equipe oponente.

Maurício: E o time sem colete? Merece o ponto de cooperação?

Resposta em coro: Sim.

Caique: Não.

Diante da minha pergunta houve um impasse, pois, alguns participantes sinalizaram positivamente, ou seja, que a equipe sem colete deveria receber os pontos por Cooperação, enquanto outros/as participantes achavam que não.

Maurício: Time verde, o time de colete [procurei corrigir, imediatamente, pois havia errado a identificação do time]... O time sem colete! Merece o ponto de cooperação?

Caique: O de... O de... O de sem colete não! [o participante falava da própria equipe]!

Procurei esclarecer para Caique e para os/as demais participantes que era momento da equipe oponente analisar a ação da equipe “sem colete”.

Maurício: Legal, então agora eu quero saber do time verde [mesmo que “equipe de colete”]. Se o outro time merece. Merece? Vocês devem falar, se sim ou se não.

Educador Rodrigo: Não.

Stuart: Merece.

Maurício: Você acha que merece Stuart? Todo mundo do outro time jogou, recebeu a bola? [me referindo ao time de colete].

Caique: Eu não! [Se referindo a seu próprio time].

Maurício: A gente já vai saber já! O Kainã? O outro time merece Kainã?

Gabriel Primo de Marreco 2: Ah... Nem jogando o outro tava! [se referindo a Caique].

Natan Primo de Marreco 1: Ele saiu do jogo, como ele vai receber a bola!

Ao ser indagado sobre o merecimento do ponto ou não da equipe adversária, Kainã sinalizou dúvida, indicada pelo seu gesto de levantar simultaneamente os dois ombros e franzir a sobrancelhas. Segui com o diálogo para saber mais sobre a percepção dos/as participantes.

Maurício: Time sem colete, seu time merece o ponto de cooperação? Todo mundo do seu time jogou? Recebeu a bola?

Piá: Ele tá falando que não tocou a bola, mas ele tava lá fora! Ele não tava jogando! [se referindo ao Caique].

Maurício: Quem tava lá fora?

Piá: O... Ele aí... [o participante disse isso apontando para Cássio].

Maurício: Então vamo vê dele. Porque que cê tava lá fora?

Caique: Ninguém tocava pra mim!

Maurício: Uma coisa leva a outra.... Lino, você correu bastante nesse jogo?

Lino: Corri.

Maurício: Você recebeu bastante a bola?

Lino: Recebi.

Maurício: Você acha que eles receberam bastante a bola?

Lino: Não.

Maurício: Não?... É isso... Time sem colete, seu time merece ponto de Respeito? De Cooperação? Desculpa! [me desculpei por errar o anúncio do pilar que estava em análise].

Caique: Não.

Marreco: Não.

Gabriel Primo de Marreco 2: Não, deixa.

Embora a fala do participante Gabriel - Primo do Marreco 2 tenha soado com indiferença, a expressão no olhar de Nathan - Primo do Marreco1 me fez identificar um conflito com sua própria fala inicial. Pois, ao ser perguntado se sua equipe merecia os pontos de Cooperação ele balançou a cabeça sinalizando negativamente, ou seja, que sua equipe não merecia os pontos, apontando para, talvez, um processo de escuta de outrem.

Maurício: Então tá legal. Então o time sem colete não recebe o ponto de Cooperação. (8)

Por fim, marcando o final do terceiro tempo do primeiro jogo, seguimos para análise da Solidariedade.

Maurício: Por último é a Solidariedade. Houve solidariedade nesse jogo?

Houve um breve instante de silêncio. Comuniquei a lógica/intencionalidade da análise deste pilar.

Maurício: Solidariedade é o que você pode fazer pelas pessoas do outro time. Teve?

Renam Primo do Marreco 2: Teve, teve xingamento do outro lá!

Natan - Primo do Marreco 3: É eu deixei o piazinho tocar lá, pegar a bola.

Marreco: É.

Renam - Primo do Marreco 2: Não, mas teve xingamento do outro lá!

Marreco: É, desrespeito.

Educador Rodrigo: Não, isso é Respeito, já foi.

Maurício: Então você falou algo importante. Que... Qual foi o seu gesto de solidariedade?... [Direcionei minha pergunta para o Gabriel - Primo do Marreco 3].

Natan - Primo do Marreco 1: Hum... Quando eles tavam tocando, tocaro pra ele [apontando para Stuart] Daí eu vi e esperei ele dominar e tocar. Daí eu fui.

Maurício: Legal... Então teve da sua parte, do seu time... (9) E o time... De colete? Teve gesto de Solidariedade? Sim ou não?

Resposta em coro: Não.

Natan - Primo do Marreco 1: Sim.

Cássio: Não.

Cauã: Eu acho que não.

Maurício: Então, somente a equipe sem colete é que ganha o ponto de solidariedade?

Cauã: Sim.

Gabriel - Primo do Marreco 3: Sim.

Maurício: Então, 3 pontos para equipe... Bom, eu fui contando ponto a ponto... Fui contando ponto a ponto, e o time verde ganhou por 8 pontos contra 6 do time sem colete. Foi apertado. Cêis tem acordo com esse placar?

Os/as participantes sinalizaram ter acordo com a somatória dos pontos. Celebramos o resultado final com aplausos.

Tão logo foi finalizado o terceiro tempo já orientei para que os/as participantes de colete bebessem água pois, conforme foi combinado previamente entre os/as participantes, a equipe vencedora disputaria a próxima partida com a equipe que estava esperando o término do jogo para começar a brincar.

Os/as participantes foram beber água e quando retornaram demos início ao segundo momento de 2º Tempo, pois, conforme havíamos combinado coletivamente os jogos teriam as mesmas regras.

2º Tempo do segundo jogo.

Durante a segunda partida o participante Ruan se mostrou, outra vez, agressivo, de modo a ofender e a ameaçar os/as participantes de ambas equipes.

Curiosamente o jogo aparentou ter maior fluidez e menos situações de conflitos (com exceção das intervenções de Ruan). Em minha análise, nesta partida estavam em “campo” um maior número de pessoas que tinham maior experiência com o *Fútbol Callejero*.

Transcorrido o 2º Tempo do segundo jogo, antes de dispersarmos para beber água ou desenvolver outras atividades, iniciamos o 3º Tempo da referida partida.

3º Tempo da segunda partida.

Após organizarmos um círculo iniciamos o 3º Tempo do segundo jogo. Reforcei a lógica e dinâmica do levantamento dos pontos no *Fútbol Callejero*.

Maurício: Bom, no *Fútbol Callejero*, quem fez mais gols começa o 3º Tempo com 3 pontos e quem fez menos gols começa o 3º Tempo com 1. Porque isso? O *Fútbol Callejero*, o Ruan... [procurei ter a atenção deste participante que estava com atenção voltada para o campo de futebol]... Não interessa quem é o mais habilidoso. O time pode fazer 70 gols e o outro fazer só 1. Quando começa o 3º Tempo sempre começa com 3 a 1. Então... Só a habilidade não vence o jogo. Então o time laranja nesse jogo fez 2 gols. O time verde fez 1. Então olha o que aconteceu: O time laranja começa com 3 pontos o 3º Tempo e o time verde começa com 1. Nesse caso foi vantagem para o time laranja que ganhou até mais 1 ponto. Mas agora a gente tem que ver os outros pilares. Teve... Alguma trave?

Resposta em coro: Não.

Maurício: Travessão?

Educador Rodrigo: Quase.

Maurício: Quase? Quase vale ponto?

Resposta em coro: Não.

Educador Rodrigo: Não... Não valeu? Pra mim pegou no travessão... Ah, não foi nesse jogo! Foi no outro né?

Maurício: E forquilha? Teve?

Resposta em coro: Não.

Maurício: Passou perto o chute do Digo mas não bateu. Já pensou se bate e é gol? 4 pontos assim! Legal a regra. Muito bem então, por enquanto tá 3 a 1. Eu quero saber.

Educador Rodrigo: Pro time laranja?

Maurício: O time laranja tem 3 pontos e o time verde tem 1. Eu quero saber se alguém durante o jogo se sentiu desrespeitado?

Lalá: Como assim professor?

Maurício: Se alguém se sentiu desrespeitado porque foi agredido, ofendido.

Lalá: Não.

Maurício: Não? E se ao longo do jogo teve alguma regra que foi desrespeitada?

Lalá: Nenhuma.

Maurício: Então, se não teve nenhuma regra desrespeitada, se nenhuma pessoa foi desrespeitada, os dois times merecem o ponto de respeito?

A quase totalidade dos/as participantes responderam que sim. Porém Kainã disse "não", sugerindo ter ocorrido algum evento desrespeitoso durante o 2º Tempo. Diante seu posicionamento insisti na pergunta.

Maurício: Não Kainã?

Kainã: Sim.

Maurício: Você acha que [qual] time não merece o ponto de respeito?

Kainã: O verde.

Maurício: O verde?

Charles: Eu também acho!

Maurício: Porque?

Charles: Ah! Porque eu acho que foi desrespeito.

Maurício: E o que foi que você achou que foi desrespeito?

Charles: Ah... Tipo, eu peguei a bola ali e ele gritou... [disse isso apontando para o participante Ruan].

Maurício: Ah... Você se sentiu desrespeitado? Você viu esse lance aí Ruan?

Ruan: Ah. Ele não toca! Quer dar de fominha.

Kainã: E cê também. Hã?

Jovico: E o Ruan queria que tipo, fala que queria quebra todo mundo... Queria quebrando todo mundo.

Ruan: Nossa, eu ia te dá um chute na cara que cê ia aprende a cavalgar eu!

Maurício: Você também se sentiu desrespeitado com isso?

Ruan: Fica chutano ozôtro.

Maurício: Então, Você... Quando alguém te chuta pa... Bom, no futebol normal, quando alguém chuta alguém o que acontece?

Lalá: É falta.

Maurício: É falta! O árbitro para! Esse jogo tinha árbitro?

Resposta em coro: Não!

Maurício: Mas, quem podia pedir falta?

Lalá: Eu.

Maurício: Os próprios jogadores, no caso, o próprio Ruan.

Michele: Eu!

Maurício: Você, qualquer jogador. Então, cê não precisa revidar. Era só você falar, se aconteceu realmente: "falta!". O jogo ia parar.

David: É que puxou a... O colete dele aí ele ficou bravo e deu um chute nele... [indicando que Ruan havia chutado o Kainã].

Maurício: Aconteceu isso também? Então vocês tão entendendo que o time verde não merece o ponto de respeito por causa dessas atitudes do Ruan?

Alguns participantes responderam que "sim", expressando ter acordo que o time verde não deveria ganhar os pontos de respeito. Muitos participantes não se manifestaram. Segui com os diálogos.

Maurício. Então, cêis tem acordo com isso?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Então o time laranja marca 3 pontos de Respeito. O time verde não vai marcar por conta da atitude, dessas que foram elencadas aí... (10d) Bom, cooperação: Todo tá mundo satisfeito pela participação?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Todo mundo?

Ninguém se pronunciou. Insisti, fazendo nova problematização.

Maurício: Os dois times merecem os pontos de Cooperação?

Michele: Sim.

Maurício: Sim? Então, quem manda são vocês. Eu só, faço as perguntas. Então 3 pontos pra cada time... E por fim, Solidariedade: Teve solidariedade nesse jogo?

Michele: Uhum!

Lalá: Solidariedade?

Maurício: Solidariedade é o que você pode fazer pela pessoa do outro time. Teve? Ações de solidariedade?

Lalá: Eu acho que teve.

Michele: Sim.

Kainã: Sim.

Maurício: Quem falou sim?

Michele: Kainã.

Maurício: O que que você achou que foi solidariedade Kainã. Pra eu anotar aqui.

Kainã: Ele... [apontando para Jovico do “time laranja”]... Não tomou a bola dele lá... [apontando, desta vez, para Caique do “time verde”].

Maurício: Então óh. O Kainã tá apontando que quem foi solidário foi o Jovico. O Jovico não quis tomar a bola do Caique. Alguém mais viu esses lances.

Lalá: Eu vi, eu tava ali perto.

Michele: Eu vi.

Maurício: Então, quem foi solidário? O Caique, ou o Jovico?

Michele: O Jovico.

Maurício: Por enquanto, o time laranja consegue os pontos de solidariedade. (11). Teve mais algum lance de solidariedade?

Michele: humm...

Maurício: Não?

No momento de finalizar o 3º Tempo, após ter feito todos diálogos sobre os pilares, a bateria da câmera que eu estava utilizando para fazer o registro se esgotou. De todo modo, este evento não trouxe prejuízos maiores, uma vez que já havíamos empreendidos os diálogos sobre o levantamento dos pontos de solidariedade. Com efeito o fui somando os pontos conquistados por cada equipe. A equipe laranja somou 12 pontos, enquanto a equipe verde conquistou apenas 7 pontos. O acordo com o resultado final foi firmado a partir de uma salva de palmas.

Orientei todas as crianças e adolescentes para lavar as mãos o rosto e ir beber água para podermos lanchar e desenvolver nossa Roda Final.

Roda Final.

Como a bateria da câmera filmadora se esgotou ao final do 3º Tempo do segundo jogo, o registro da Roda Final foi feito com auxílio de um aparelho celular. Portanto, através da transcrição de áudio, exclusivamente.

O grande número de crianças participantes fez com que alterássemos a dinâmica planejada para o encontro de hoje. Deste modo, após a Roda Inicial, desenvolvemos a atividade de integração, Corrida de Revezamento e, em seguida, o *Futebol Callejero*. A vivência de capoeira ocorreu no interim entre uma partida e a outra do *Futebol Callejero*, possibilitando que integrantes de duas equipes participassem da vivência desta luta de origem brasileira.

Iniciamos nossa Roda Final distribuindo os lanches de modo a otimizar nosso tempo, pois estávamos relativamente atrasados. A intenção foi possibilitar que as crianças lanchassem no clube enquanto dialogávamos acerca das vivências daquele encontro.

O primeiro tema eleito para o diálogo roda foi, na realidade, um informe sobre a atividade da semana seguinte: "A piscina", sempre muito aguardada pelas crianças. O informe foi importante para que os/as participantes se organizassem com os necessários trajes de banho, bem como, fossem autorizados por seus/suas responsáveis. Ainda sobre o tema "participação das atividades na piscina", reiteramos que os/as participantes deveriam ficar atentos/as sobre suas atitudes e frequências no projeto, pois ambos critérios eram decisivos para participação, ou não em tal programa.

O participante Manoel comentou não possuir sunga e aparentou estar preocupado com sua efetiva possibilidade de participar. Sinalizei para toda gente que tínhamos algumas sungas infantis para empréstimo. Porém, também apontei que Manoel já era um rapaz grande (tem 19 e aproximadamente 1,75), e que precisaria de uma sunga para adulto, tamanho grande. Disse-lhe que iria verificar a disponibilidade e que ele deveria, ainda assim, não esquecer de trazer toalha, chinelo e outros itens para banho, após utilizar a piscina.

Após este informe inicial, tendo toda gente recebido seu lanchinho (uma banana e uma maçã), iniciei um diálogo com o tema "Respeito". Registro aqui que os diálogos transcritos logo adiante foram registrados através do uso de um aparelho celular, pois a máquina fotográfica que estava sendo utilizada para filmar as rodas, teve o esgotamento da carga de sua bateria.

Maurício: Eu quero saber se vocês sentiram desrespeito durante o projeto? Cêis viram alguma situação, Naná [procurei ter a atenção da participante que conversava com Michele]... De desrespeito durante o projeto?

Michele: Eu vi.

Marreco: Vi.

Maurício: Então, quem quiser falar levanta o braço. A Lalá falô, fala Lalá.

Michele: Eu vi.

Lalá: A é... Eu ví elas brigano... [Falou isso apontando para Naná]...

Maurício: A Naná e quem?

Lalá: Ela [Apontando para a Julha] e a Ana. Depois eu vi ela e ela [Apontando para Julha e a Ana] (12).

Maurício: Marreco?

Marreco: Quando a gente tava no campo de areia lá o Ruan xingou nós lá.

Maurício: Ah, porque tava de fora né?

Marreco: É.

Maurício: Eu também ví esse momento. Você usou palavras desrespeitosas, não deve viu Ruan.

Ruan: Num falei com cê [direcionando sua resposta para o participante Marreco].

Marreco: Ah..

Maurício: Mas, você falou pra todo mundo. Isso a gente... Então veja, eu não estou bravo com você. Consegue olhar pra mim? Mas, muita gente e eu me senti desrespeitado. Você não deve usar as palavras como você usou. Você entende isso?

O participante Ruan apenas abaixou a cabeça, não respondeu nada. Segui provocando as crianças (13).

Maurício: Quem mais quer falar?

Manoel: A Naná tava falando palavrão lá no jogo.

Maurício: A Naná?

Manoel: É.

Maurício: No jogo?

Manoel: É.

Maurício: Não pode Naná. Porque que você falou palavrão?

Novamente houve alguns segundos de silêncio. A participante Naná abaixou a cabeça, do mesmo modo que o participante Ruan fez.

Maurício: Então, viu que muita gente se sente desrespeitada? Não é correto, isso vai lhe prejudicar, vai prejudicar o Ruan. (14).

Uma participante que visitava o projeto pela primeira vez levantou a mão solicitando a fala.

Maurício: Olha, eu vou ter que perguntar seu nome de novo.

Mili: Mili.

Maurício: Mili!

Mili: Bom, é a mesma coisa que ele falou. Eu vi ela xingando uma a mãe da outra... [Disse isso apontando para a participante Naná]...

Maurício: Hum... Então... A Naná mesmo?

Manoel: É, a Naná.

Mili: É.

Maurício: Então, cuidado pessoal com... Pra não ofender! Veja só as nossas mães que estão lá, ou trabalhando nos seus empregos.

Marreco: Ou cuidando da casa.

Cássio: Maurício.

Maurício: Cuidando da gente. Dos nossos irmãos e irmãs

Cássio: O Maurício! Minha mãe tava trabalhando quebrou o carro lá na pista.

Maurício: Quebrou o carro na pista... São pessoas que se esforçando pra que a gente viva bem e a gente ofendendo a mãe do outro. Isso é muito grave. Diga Carol.

Carol: E também a Naná xingou a nossa mãe de galinha e xingou eu de galinha.

Maurício: E você gostou?

Carol: Não!

Julha: E eu, nós duas, a gente não gostou.

Maurício: E vocês duas não gostaram do quê? [Direcionando minha pergunta para Julha].

Carol: E a Naná deu um soco nela [Apontando para a Julha].

Maurício: Então, veja Naná. É muita gente falando que você fez coisa que não é boa. Se você fizer de novo vai chegar um momento que a gente vai falar: "Óh... Naná", e não é só ela é com todo mundo, qualquer pessoa, "Não tem condições de continuar no projeto". E vai ser muito chato se desligar do projeto. Então observe como as pessoas mais velhas, ou as pessoas novas mesmo, vai, que tem bastante sabedoria, como a Ariane, se comporta! Eu falei só da Ariane como um bom exemplo. Mas a gente tem o Lucas, o Digo, o Marreco que é mais velho, a Esther que não tá aqui... Ah, tá ali. A Esther. São Pessoas que tem boas atitudes. Eu tô falando das que tem mais tempo. O Charles tem se demonstrado uma pessoa muito gentil, o Cauã. Vamos tomar esses bons exemplos. (15). Tudo bem? Mais alguém queria falar alguma coisa?

Após levantar e refletir acerca de ações/atitudes relacionadas ao respeito, consultei os/as participantes acerca da Cooperação, mas a Educadora Abayomi e o Educador Rodrigo em atentaram para a chegada da Van, sendo necessária a conclusão breve dos diálogos. Não sendo possível aprofundar neste quesito.

Maurício: Então, antes de sair turma... Antes de sair eu quero saber, ouvir... turma! Antes de sair...

Kainã: Eu vou jogar o lixo lá na lixeira.

Maurício: Espera um pouquinho Kainã, aí já vai direto. Eu quero saber se alguma coisa... Atenção, se tiveram coisas positivas? Teve coisa legal no projeto?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: O que?

Manoel: Nói brincô!

Maurício: Brincô? Quem veio pela primeira vez quer falar alguma coisa sobre o projeto? Se gostou, se não gostou.

Cássio: Eu gostei.

Maurício: O que que teve de positivo? Se não eu vou saí daqui, e vou achar que só teve coisa ruim. E pode sê mesmo! Mas, é isso mesmo?

Caique: Eu gostei.

Manoel: Nóis jogô *Callejero* lá [apontando para a direção da quadra de areia].

Maurício: Jogô *Callejero*. Que mais teve de positivo? É isso só? (16)

Manoel: Nói brincô de... Da ôtra lá Maurício.

Maurício: Corrida de revezamento... Mas, vocês não podem sair daqui, por mais que a Van esteja atrasado, sem falar qual que é atividade, a primeira que a gente vai fazer na semana que vem. O Caique falou bixigôlei mas, a ideia é a gente variar.

Carol: Bicicleta.

Maurício: Muita gente falou do pic-bandeira. Vocês topam fazer pic-bandeira?

Resposta em coro: Sim.

Maurício: Pode ser pic-bandeira como jogo de integração:

Resposta em coro: Sim.

Manoel: E Suruba!

Maurício: Cuidado prá não pedir na quinta-feira hein! Se não vai ser duas vezes, pic-bandeira.

Marreco: Surumba.

Maurício: Eu espero que semana que vem a Naná, o Ruan, a Carol, que tiveram essas atitudes desrespeitosas, não... [Fui interrompido pela participante Julha]...

Julha: Não foi a Carol.

Maurício: A Carol teve também. Eu até já falei com ela.... Que não tenham novamente. Entendeu isso? Mas é pro bem de vocês. E eu vou ouvir dos professores sobre a piscina. Tá bom?

Manoel: Tá.

Maurício: Desculpem tomar o tempo de vocês, ultrapassou, mas foi importante. Quem quiser ficar e contar mais coisa pra gente mais coisas pode.

O relógio marcava 17h10 minutos e muitas crianças dependiam do transporte feito em Van para retornar para seus lares. O motorista já havia nos alertado em encontros anteriores que ele recomeçou a fazer o transporte de estudantes que iam para faculdade e que, portanto, não poderia atrasar sua saída do clube, pois, como consequência, também atrasaria a chegada dos estudantes nas suas respectivas faculdades.

O encontro foi encerrado, nenhum/a participante ficou para continuar dialogando, aqueles/as que regressavam de Van, correram para tentar ocupar os lugares mais desejados (nos assentos da frente – junto com o motorista, ou na janela). Aqueles que não utilizavam a Van, ou foram embora ou foram brincar no parquinho aguardando a chegada de seus/suas responsáveis.

Fiquei mais um tempo no espaço, ajudando os/as Educadores/as a ajeitar as cadeiras e a confeccionar seus respectivos diários de campo. As atividades da semana seguinte são **Piscina** e **Pic-Bandeira**, portanto, não terá tempo para o desenvolvimento do *Fútbol Callejero*. Por volta das 18h encerramos nossas participações e regressamos para nossos lares.

Diário – XIII**31/01/2017****Participantes:** Dinho; Theus; Cássio; Caique; Carol; Julha; Cauã; Belisa.**Visitantes:** Michele; Manoel; Naná; Kainã Allan; Hugo; Dinho; Laerte; Laura; Lucas; Leco (turma da Manhã); Ana (irmã do Leco) Cris (turma da manhã);**Equipe pedagógica:** Educador Leonel; Educadora Abayomi; Educador Maurício**Vivências:** Pic-bandeira e Capoeira;**Roda inicial**

Hoje foi outra tarde com chuvas intermitentes. Tivemos muitos participantes visitantes que estão aproveitando as férias escolares para conhecer e/ou visitar o projeto. Também tivemos a participação de crianças que vieram no período da manhã e que voltaram para participar com toda a turma no período da tarde.

As vivências planejadas para o encontro de hoje eram o Pic-Bandeira (como atividade escolhida pelas crianças) e a Capoeira. Também comentei que caso tivéssemos tempo e condições climáticas fossem favoráveis, também tentaríamos desenvolver o *Fútbol Callejero*.

Maurício: Já tem algum tempo que eu tô investigando ou, é como a gente também chama pesquisando, o *Fútbol Callejero*. E aí eu tô querendo ver o que vocês aprendem com o *Fútbol Callejero*.

Allan : Respeitar, tocar a bola.

Maurício: Aí Allan !

Dinho: Compartilhar.

Maurício: Compartilhar Dinho, muito bem. Que mais, alguém quer falar mais alguma coisa sobre o *Fútbol Callejero*, que sabe.

Kainã: Respeitar os outros.

Maurício: Respeitar os outros. Muito bem Kainã.

Dinho: Num falar palavrão.

Maurício: Não falar palavrão... É uma... O Cauã quer falar algo.

Cauã: É... Ajudar os outros.

Maurício: Isso tudo vocês têm aprendido com o *Fútbol Callejero*? Com o que vocês têm aprendido? A ajudar o outro?

Julha: O outro time.

Maurício: Como que é Julha?

Julha: Do outro time.

Maurício: Que que tem do outro time?

Julha: Se o outro time cair você pode ajudar.

Maurício: E isso no *Fútbol Callejero* tem um nome. Qual que é?

Allan : Solariedade... Sole... Sole... Ah...

Maurício: Cê tá falando certo... É isso mesmo.

Belisa: Solidariedade.

Michele: Solidariedade. (1)

Educador Leonel: Ah tá.

Maurício: Você quer dizer algo? [pergunta direcionada para o Educador Leonel].

Educador Leonel: Queria, mas foi uma coisa que a gente até falou hoje na roda inicial da manhã. Hoje é dia da Solidariedade.

Maurício: Olha... Eu não sabia. Então... Vocês veem no projeto estão vendo hoje aqui: Eu, O Educador Leonel e a Educadora Abayomi, como o... A Educadora e os Educadores responsáveis... [interrompi brevemente minha fala para orientar a participante Michele sobre o correto posicionamento da câmera para filmagem]. Então Allan , a ideia é que você venham no projeto e aprendam, durante esse período que eu tô estudando o *Callejero*, se vocês tiver interesse né, é... Solidariedade, Cooperação e Respeito né?

Dinho: Uhum...

Maurício: Alguém aqui não tem interesse em aprender isso?

Houve alguns segundos de silêncio, ninguém se pronunciou diante da pergunta levantada. Segui com o diálogo.

Maurício: Então, quem tem interesse em aprender Cooperação, Solidariedade e Respeito levanta o braço para eu ver.

Todos os/as participantes, junto a Educadora Abayomi e o Educador Leonel levantaram o braço, indicando ter interesse em aprender sobre os citados pilares do *Fútbol Callejero*.

Maurício: Então, vou lembrar junto de vocês: Semana passada a Educadora Abayomi, o **Educador Leonel**, o Educador Rodrigo tava aqui?

Michele: Tava.

Educador Leonel: Tava.

Maurício: O Educador Rodrigo, e... Eu, aprendi que eu falo muito. Então eu vou falar pouco. Mas pra eu parar de falar quem precisa falar é vocês. Pode ser 1, pode ser todo mundo. Mas tem que ser de maneira organizada. O que é respeito turma? Capoeira [participante levantou a mão pedindo a fala].

Capoeira: Respeito é quando... Tipo: alguém não gosta de ser chamado de tal apelido, e os outros chamam ela desse apelido que ela não gosta. Isso não é respeito.

Maurício: Isso não é respeito, é uma falta de respeito?

O participante sinalizou afirmativamente com um simples aceno de cabeça, indicando que se tratava de um gesto de desrespeito. Pedi uma salva de palmas para o participante, em sinal de satisfação pelas suas palavras e segui o diálogo.

Maurício: E... Que mais é respeito turma? Ele deu um exemplo [estava me referindo ao participante Capoeira...]

Outra vez houve um breve silêncio. Decidi provocar as crianças ponderando sobre a importância delas falarem.

Maurício: Eu vou perguntar também sobre Cooperação e sobre Solidariedade. Mas como eu quero falar menos, eu vou ficar quieto. E aí a gente só vai sair daqui quando o pessoal falar sobre o que sabe sobre isso. Pra eu não precisar falar. Que mais pode ser respeito? Pode pensar no *Fútbol Callejero*. Quando a gente vai avaliar o que é respeito no *Fútbol Callejero* a gente avalia como? Vocês lembram? Como que a gente faz, por exemplo, Cauã! Você que é uma pessoa sabida: Quando o professor é mediadora, mediador e geralmente sou eu, vai avaliar respeito qual a pergunta que sempre é feita?

Cauã: Se deu chutão, desrespeitou a regra.

Maurício: Isso, cê deu um exemplo: "Se alguém deu chutão" e depois você falou: "desrespeitou uma regra". Isso configura desrespeito, não é? Se for combinado que não é pra dar chutão, por exemplo. Outra questão do respeito não é só com as regras, é com quem?

Laerte: Com os outros.

Maurício: Com os outros. Muito bem Laerte. Então a gente pode entender... [fui interrompido pela participante Julha].

Julha: E os professores.

Maurício: A Julha falou algo... Que cê falou Julha?

Julha: Tem que respeita os professores.

Maurício: Tem que respeitar os professores também. E não só os professores. Aqui só tem professor?

Resposta em coro: não.

Maurício: Que mais?

Caique: Professora.

Maurício: Professora? E o que mais?

Theus: Amigos

Michele: Amigo.

Maurício: Amigos. Quando não é amigo é o que.

Allan : Inimigo.

Michele: Inimigo.

Maurício: Não pode ser uma pessoa conhecida?

Michele: Não.

Kainã: Pode.

Cauã: Pode.

Maurício: Todo mundo que tá aqui é amigo?

Michele: Não tudo.

Caique: Irmão.

Maurício: Irmão...

Michele: Primo.

Theus: Quebrada!

Maurício: Vocês vão aprender com o tempo, turma... Que amigo... É... A gente tem poucos, a gente pode ter bastante amigo também, as a gente tem bastante colega, camarada... E aí o Laerte falou, a Julha também, respeito às outras pessoas, aos professores, aos amigos, aos primos que nem o Allan falou. Mas o respeito turma, eu quero deixar bem claro pra vocês, que respeito é respeito também àquilo que é combinado. A regra no *Fútbol Callejero* ela é combinada, não é? Então, quando vocês não cumprem o combinado, cês tão desrespeitando também. Ora a regra, ora as outras pessoas. O que é pra vocês Cooperação?

Allan : Ajudar.

Maurício: Então, o Allan falou “ajudar” e o Capoeira levantou o braço lá [passei a palavra para o participante Capoeira.

Capoeira: A Cooperação, tipo: Tem dois times! Tipo "Pic-Bandeira". Quando uma pessoa congelada, aí você pode ir lá, quando ela tá no outro time, você pode ir lá descongelar e voltar pro seu time.

Maurício: É um exemplo de Cooperação. Alguém mais quer falar outro exemplo de Cooperação?

Ninguém sinalizou interesse em complementar com mais exemplos, fiz mais algumas considerações sobre Cooperação, à luz do *Fútbol Callejero* (2).

Maurício: E no *Fútbol Callejero*? Eu sempre faço algumas perguntas... E não ouvi o Lucas não falar nada ainda. Então vamos ouvir. Lucas, você que vem sempre. Que participa... bastante ativa... É... energia aí. O que é Cooperação no *Fútbol Callejero*? Alguém pode ajudar o Lucas?

Allan : Ajudar uma pessoa que não sabe...

Maurício: Essa pessoa, no *Fútbol Callejero*... [fui interrompido pelo participante Dinho].

Dinho: Ensinar também.

Maurício: Ensinar também Dinho? Essa pessoa, no *Fútbol Callejero*, é do seu time ou do time adversário?

Allan : Pode ser dos dois.

Maurício: No *Fútbol Callejero* é assim que avalia a Cooperação?

Michele: Ahã.

Maurício: Sendo dos dois times Lucas?

Direcionei minha pergunta ao participante Lucas, contudo ele franziu a testa e apertou os lábios, como se quisesse indicar que não saberia responder.

Naná: Pode ser qualquer um?

Maurício: Então, a Naná está perguntando se pode ser de qualquer um. No *Fútbol Callejero*, e só no *Fútbol Callejero*. O exemplo que você deu no Pic-bandeira, é diferente [fala direcionada ao participante Capoeira]. No *Fútbol Callejero* a Cooperação é o que você faz, ou como o seu time se organiza para que todo mundo do seu time participe, receba a bola, tente fazer gol, tire a bola do adversário. Então, eu sou uma pessoa, é um exemplo que eu

vou falar agora: Muito habilidosa. Aí eu vou lá, como eu sou muito habilidoso, dibro todo mundo, só eu faço gol. E aí o Kainã que está aprendendo futebol agora, também é um exemplo porque o Kainã é bom de bola, não recebe a bola. Ninguém passa pra ele! Cêis acham que se... O Kainã vai ficar satisfeito em ter participado?

Resposta em coro: Não.

Maurício: Não. Então... É... Allan e Theus [procurei ter a atenção deste participante que pareciam estar distraídos, conversando entre si]. A Cooperação é o que vocês fazem para que as pessoas da sua própria equipe sintam satisfação em ter participado... [breve interrupção para retomada da filmagem, pois a câmera filmadora desligou automaticamente]... Às vezes o adversário, a equipe adversária é muito boa e você nem consegue tocar a bola pro seu amigo. Mas aí entra um fator que é a Solidariedade. O que é a Solidariedade? Quem pode dar... Falar, dar um exemplo de Solidariedade?

Laerte: Não deixar uma pessoa solitária.

Maurício: Não deixar uma pessoa solitária Laerte? Pode ser também! Você consegue dar o exemplo disso? Em que situação?

Laerte: Uma pessoa tá quieta, sem nenhum amigo, cê vai lá e ajuda ela, a ser amigo.

Maurício: É um exemplo de Solidariedade, na vida. Isso é muito importante (3). Só que no *Fútbol Callejero*, e a gente agora tá fazendo isso no *Fútbol Callejero*...

Fui interrompido por um jovem que chegou para devolver uma caixa contendo coletes, mas logo retomei o tema Solidariedade.

Maurício: Eu tava falando sobre Solidariedade. Então a Solidariedade, no *Fútbol Callejero*, é o que eu posso fazer pras pessoas do time adversário. Então se eu tô jogan... Cê tá jogando lá: São Paulo e Corinthians. Peguei dois time ruim aí...

Esta minha última fala foi em tom jocoso. E as crianças perceberam essa intencionalidade, uma vez que se tratou de dois times de grande expressividade no contexto do estado de São Paulo. Muitas crianças se manifestaram, rindo ou falando que eu estava enganado.

Maurício: Eu tava falando de Solidariedade, o Capoeira já... Ele pediu a fala, ele já vai falar já. Então, no futebol, você acha que tá lá jogando Corinthians e Palmeiras. O jogador do Palmeiras dê repente cai e o jogador do Corinthians tem a chance de pegar a bola e ir em

direção ao gol. O que vocês acham que o jogador do Corinthians, com a experiência que vocês têm vai parar e ver se tá tudo bem com o jogador do Palmeiras ou vai continuar o lance pra fazer o gol?

Michele: Vai parar.

Theus: Vai continuar né?

Resposta em coro: Continuar.

Maurício: Continuar... Porque no futebol profissional a gente fala Kainã, que é um futebol de "alta-performance". Mais importante é você ser vitorioso, e não importa se o adversário é... Se machuque, esteja triste. Mas o *Fútbol Callejero* não pensa assim. Então, no *Fútbol Callejero* Belinha [procurei ter a atenção desta participante que conversava com uma colega] a Solidariedade é o que você pode fazer pra pessoa da outra equipe. Então, quando alguém fala: "não pode dar chutão". É uma regra, mas veja Theus, que é uma regra que pensa na solidariedade. Porque quando eu dou um chutão... [interrompi minha fala para sinalizar para Dinhoos perigos dele continuar se balançando na cadeira plástica, mas logo retomei o diálogo]... Dinho, além de você poder cair, você vai quebrar a cadeira... Além de eu querer muito fazer o gol eu posso acertar alguém. E o único interesse de eu dar um chute forte é fazer o gol.

Cauã: É fazer o gol.

Maurício: Mas, fazer o gol pra nós, o que que vocês acham que é mais adequado. O que é mais importante? Fazer o Gol ou cuidar de outra pessoa?

Laerte: Fazer o Gol.

Allan : Fazer o Gol.

Kainã: Não é não!

Theus: Lógico que é.

Kainã: É ajudar outra pessoa. É a mesma coisa que se fosse você... O cara ia te ajudar.

Maurício: Mas agora... Eu vô... Péra aí, eu acho que eu não me fiz entender. Eu falei...

Allan : Ah... Cê tá falando no *Fútbol Callejero*?

Maurício: No futebol profissional, os profissionais acham que é mais importante fazer um gol. E pra nós aqui? O que vocês acham que pode ser mais importante?

Kainã: Ajudar

Allan : Ajudar o outro.

Theus: Ajudar.

Michele: Ajudar.

Resposta em coro: Ajudar.

Maurício: Se a gente estiver brincando e você tomar uma bolada forte no rosto [aponte para o Laerte], bater forte no seu nariz uma bola de futebol de salão. Cê acha que o jogo vai continuar tendo o mesmo prazer?

Laerte: Não.

Theus: Não.

Resposta em coro: Não.

Maurício: Então, quando a gente chuta forte a gente não quer acertar o rosto da outra pessoa, quer fazer o gol! Mas pode acontecer. Então pra evitar que isso aconteça algumas pessoas tem sugerido a regra, e tem sido aceita, de que não vale dar chutão. Mas quem sugere é o jogador. É um ato solidário, porque você está pensando na outra pessoa, você está cuidando do outro. Ao mesmo tempo você também não quer tomar esse chutão. E aí é um ato de bastante respeito, e também de solidariedade, vejam que estão as duas coisas juntas, é... Não dar esse chutão: Respeitar a regra e ser solidário.

Depois de fazer essa longa exposição e diálogo acerca dos valores/pilares que sustentam a intencionalidade metodológica do *Fútbol Callejero*, sinalizei para a turma de que no encontro eu iria observar as ações e atitudes dos/as participantes durante as vivências ministradas neste encontro, e que no momento de Roda Final eu faria novas ponderações.

Maurício: Então, vejam só, eu vou observar e no final do dia eu vou perguntar de novo: Pessoal teve Cooperação? E aí vocês vão pensar no que é Cooperação, e a gente acabou de conversar, e vai falar se teve ou não. Depois eu vou perguntar se teve respeito, vocês vão falar se teve Respeito ou não. E vou perguntar também Caique e Cássio, se teve Solidariedade. Vocês é que vão falar pra mim, se teve ou se não teve, e como é que teve. Preciso saber se vocês tão aprendendo algo com o *Callejero*. (4). Por exemplo: eu sei que teve um episódio de desrespeito aqui. Uma colega ofendeu a outra, chamando a outra por um nome feio, que não se deve ser falado. Por isso eu não vou repetir aqui. Então, tomem cuidado pra que não aconteça de novo.

Este diálogo inicial foi importante para praticar com as crianças uma aproximação entre a intencionalidade educativa do *Fútbol Callejero* com as demais vivências. Após concluir este momento inicial, formamos as equipes e demos início ao Pic-bandeira.

Após algumas vivências realizadas na quadra, subimos até o espaço com grama, para iniciarmos a prática de capoeira, que seria orientada pela Educadora Abayomi. No entanto, orientei a turma para que bebessem água e aproveitassem para lavar o rosto e fazer xixi.

Percebi que, para além de uma usual demora, algumas participantes (Julha, Naná, Ana Irmã do Leco, Laura, Michele e Belisa) voltaram agitadas, mas não comentaram nada comigo, tampouco com outros Educadores e Educadoras.

A transição entre uma atividade e outra durou aproximadamente 15 minutos. Com toda gente reunida no espaço gramado ao lado da recepção/portaria do clube, a Educadora Abayomi deu início à prática de Capoeira. Nesta, ocasião foi desenvolvido o Pega-pega dos escravos, e a prática do Aú (uma esquivada que envolve o movimento semelhante à uma estrela da ginástica olímpica) a cocorinha (outro tipo de esquivada) e dois tipos de chute (Martelo e meia-lua de frente). Toda gente estava envolvida com a atividades.

Por volta das 16h20 encerramos as práticas corporais e após toda gente lavar a mão e beber água, fomos para o espaço de acolhimento para refletir sobre o encontro, programar o encontro seguinte e desfrutarmos do lanche.

Roda Final.

No encontro de hoje também fui eu a conduzir os diálogos da Roda Final. A intencionalidade da equipe pedagógica é de tentar captar das crianças/adolescentes participantes as suas percepções acerca das vivências.

Pedi para as crianças para que comentassem sobre as percepções que tiveram do encontro. Para tanto, perguntei: “Turma o que vocês acharam do encontro de hoje?”. Capoeira disse ter achado “legal”. Carol disse que foi legal “porque nós brincamos muito!”. Já Dinhodisse “gostei” e atribui esta percepção à sua participação no Pic-bandeira e na Capoeira.

Atento à minha investigação sobre o *Fútbol Callejero* e suspeitando que pudesse ter ocorrido algum conflito durante o momento de transição entre a prática de Capoeira e o Pic-Bandeira, perguntei para a turma sobre o Respeito. Para tanto, problematizei: “Turma, teve respeito hoje?”. Neste momento, foi desvelada a problemática ocorrida no momento da transição. A participante Michele comentou que Julha havia lhe xingado, já a participante Julha comentou que tanto a Michele quanto a Belisa (que são suas vizinhas no bairro onde moram) decidiram excluí-la (a Julha), só porque estava fazendo novas amizades (com Ana Irmã do Leco e Laura).

Laura também comentou que a participante Julha contou para ela e para Ana Irmã do Leco, que Michele e Belisa haviam chamado elas por palavrões. Diante das trocas de acusações e sem ninguém da Equipe Pedagógica ter presenciado o momento do conflito, pois ocorreu justamente no momento de transição entre uma intervenção e outra, percebi que

o diálogo não avançava para superação do conflito. Optei, daí, em seguir com o diálogo em outras direções e tentar estabelecer uma projeção das boas condutas, para depois tentar encaminhar a questão do desrespeito.

Maurício: Eu falei sobre Respeito, vocês já falaram que houve desrespeito. Mas, teve respeito também?

Michele: Houve.

Julha: Teve

Maurício: Em que momento houve respeito.

Julha: No Pic-Bandeira.

Maurício: No Pic-Bandeira? Como que foi manifestado o respeito lá? Como que apareceu respeito?

Depois de alguns segundos de silêncio, insisti na pergunta.

Maurício: Teve respeito no Pic-Bandeira?

Leco: Não.

Maurício: Quem que falou não? [Participante Leco levantou a mão]. Você acha que não teve Leco? Sim ou não?

Leco: Sim.

Maurício: Teve?

Theus: Mais ou menos.

Maurício: Mais ou menos? Respeitaram as regras? Teve regra desrespeitada no Pic-Bandeira?

Belisa: Não.

Maurício: Alguém se sentiu desrespeitado durante o Pic-Bandeira?

Caique: Não.

Theus: Não.

Belisa: Não.

Maurício: Foi legal brincar de Pic-bandeira?

Julha: Sim.

Leco: Foi.

Maurício: Viu só! Quando tem respeito às regras e respeito às outras pessoas, o jogo é legal. E... Cooperação durante o projeto? Teve Cooperação?... Cês lembram o que é Cooperação?

Educador Leonel: Teve... Acho que foi no Pic-Bandeira né?

Maurício: Como você acha que se manifestou lá professor?

Educador Leonel: Ah... Nos momentos igual é... Por exemplo: igual a hora que pra pessoa do seu time conseguir é...

Belisa: Salvar você?

Educador Leonel: É...

Belisa: Então teve!

Educador Leonel: É pra te conseguir salvar. Pra conseguir levar a bandeira pro outro lado, na hora que teve de distrair o outro. Aí cooperou com o time.

Maurício: Então na Cooperação vocês precisam pensar assim: "Eu gostei de ter participado? Eu estou satisfeito? Será que meu colega de time, de equipe, também ficou satisfeito?" Então, vocês ficaram satisfeitos em vir no projeto hoje?

Resposta em coro: Sim. (6)

Maurício: Tem gente que falou sim, mas tem gente que ficou quieta. Quem aqui não está satisfeita de vir no projeto hoje?

Carol: Ninguém!

Pedi para que quem estivesse satisfeito levantasse o braço, com exceção da participante Naná, todo o restante levantou o braço. Quando perguntei porque ela não estava satisfeita, ele disse estar brincando, indicando que estava sim satisfeita. Decidi então avaliar o último pilar, a Solidariedade.

Maurício: E Solidariedade? Teve solidariedade durante o projeto?

Theus: Teve.

Cauã: Teve.

Caique: Não.

Maurício: Teve solidariedade durante o projeto turma? Cês lembram o que é Solidariedade?

Manoel: Teve.

Laerte: Teve.

Maurício: Teve? Vocês sabem dar um exemplo do que aconteceu? A solidariedade é o que a gente pode fazer pela outra pessoa. Em especial quem está no outro time

Manoel: Nós ajudou!

Maurício: Em que momento?

Manoel: Quando a Naná falou... Que cê falou pra nós ficar tudo junto. Pra pegar a bandeira.

(7)

Maurício: Theus, cê deve tá falando aí disso né? [percebi que Theus estava conversando com outro participante, procurei atrair a atenção dele para os diálogos que ocorria junto como o coletivo].

Theus: Que?

Maurício: Ué... Cê tá falando do que aí?

Theus: Eu tava falando que a hora que eu não tava conseguindo o outro ali me ajudou [se referindo ao Caique].

Maurício: É isso que você falou?

Theus: É.

Maurício: Mas ele era de que time? Seu, ou de outro?

Theus: Meu!

Maurício: Então ele é... No... No máximo uma cooperação, não é Solidariedade tá?

Theus: Cooperação então que eu tô falando. (8)

Maurício: A Solidariedade agora. Em que momento teve solidariedade? Carol... Em que momento teve solidariedade Carol?

Carol: Não sei!

Maurício: Então, é isso que a gente está tentando descobrir. Se vocês não conseguem visualizar, lembrar... Porque pode não ter ocorrido Solidariedade. E se fosse *Fútbol Callejero*, vocês sol... A equipe de vocês não ganharia pontos.

Belisa: Se fosse... [participante interrompeu sua fala].

Theus: Se fosse o que?

A participante não respondeu. Houve alguns segundos de silêncio e ninguém comentou mais nada. Decidi retomar o diálogo sobre o respeito, mas desde o viés de identificar a positividade.

Maurício: Bom, da minha parte eu vou dizer que eu vou sair daqui hoje cansado...

Michele: Hã.

Theus: Oloco!

Caique: Oloco!

Maurício: E triste... Porque, se eu tivesse cansado fisicamente porque eu corri, como foi na... Na queimada, eu me diverti muito. Mas, depois... [fui interrompido pela Educadora Abayomi que tentou me corrigir, pois errei o nome da brincadeira].

Educadora Abayomi: Queimada? Pic-Bandeira!

Manoel: Queimada?

Maurício: Pic-bandeira. Eu falei errado, olha só! Pra você ver como eu estou cansado.

Naná: Pic-Bandeira.

Maurício: É... Eu tô vendo uma grande amiga minha triste também hoje. Então isso me deixa triste [Eu estava me referindo à participante Julha que estava muito quieta, cabisbaixa].

Manoel: Quem?

Maurício: Isso chama empatia. Então eu fico triste porque... É... Então eu tô falando isso porque... [trecho de 21 segundos de gravação inaudível, possivelmente o participante Leco estava com o dedo sobre o orifício onde fica posicionado o microfone da câmera para captação de áudio]... Mas como eu preciso sempre fazer isso, cansa! Então cuida pra que não aconteça. E é por isso que eu tô saindo hoje. Porque eu sinto que eu vim aqui e... Me diverti só um pouquinho e, mais fiquei preocupado, mais fiquei triste do que me diverti. Eu espero que terça-feira que vem, seja diferente, porque se não chega um momento que... Quem vem fica triste fala: "Ó, vai parar". Eu vou ser uma, qualquer uma de vocês pode acontecer isso com vocês, falar: "Ó, eu vou lá as pessoas brigam comigo" Kainã [procurei ter atenção do participante]. As pessoas me xingam, e aí tem vontade de sair... Alguém quer falar alguma coisa sobre hoje?

Naná: Não.

Michele: E alguém quer falar como que vai ser, Allan [procurei ter a atenção do participante que parecia estar distraído com os pássaros]... Semana que vêm.

Theus: Vai ser... Bão...

Manoel: Bão.

Maurício: Porque vai ser bom?

Michele: Porque nós vai respeitar.

Maurício: Respeitar quem?

Belisa: Todo mundo.

Michele: Vocês.

Theus: Todo mundo.

Maurício: Quem, Michele, cê vai respeitar?

Carol: Todos que tá aqui.

Cauã: Todos que tá aqui.

Maurício: Mas eu quero ouvir dá Michele. Você vai respeitar quem?

Julha: Os Pssor!

Maurício: Só o professor? E seus amigos e suas amigas, você vai respeitar?

Michele: Do mesmo jeito.

Maurício: Do mesmo jeito?

Carol: Eu também, do mesmo jeito.

Maurício: Ouvindo isso de vocês me dá esperança. Então eu venho animado pro próximo encontro, pro trabalho. Mas, a minha animação e minha esperança ela pode ser destruída se chegar aqui e as atitudes não serem coerente com isso que está sendo falado, ou seja: se não for isso que acontecer. As pessoas serem respeitosas, gentis. Eu falei que fiquei triste né? Mas, os meus momentos de alegria foi rever os velhos amigos e amigas, conhecer um camarada novo, rever o Laerte... Rever o Dinho. Ver as meninas brincando aqui de novo, porque elas tão num momento de... Começar a vir no projeto né? Então isso me deixou feliz, mas lembra também que eu fiquei aborrecido por causa dessas outas coisas chatas, como dar apelido. Hoje eu falei pros meninos, não foi Theus. Então a gente não deve Theus, cê tá me ouvindo?

Theus: Tô ouvindo.

Maurício: Dizer apelidos indesejados.

Theus: É, eu sei.

Maurício: A gente pode magoar as pessoas. Da minha parte é isso, alguém quer falar alguma coisa? Mais alguma coisa?

Não houve mais comunicados por parte das crianças/adolescentes. Minhas palavras de esperança por um próximo encontro mais respeitoso finalizou os diálogos no qual utilizei os pilares como referência para avaliarmos, juntos/as, a qualidade do encontro. (9).

Ainda na Roda Final a Educadora Abayomi transmitiu um recado acerca do uso da piscina, que ocorreria na quinta-feira seguinte (02/02/2017). Após este informe também foi realizada a escolha das atividades que seriam desenvolvidas no encontro da terça-feira seguinte (07/02/2017), sendo eleito por votação jogo africano *My-God* como atividade de integração já a atividade principal será o *Fútbol Callejero*.

Entregamos o lanche para as crianças, composto por duas frutas (uma mexerica e uma banana). A Educadora Abayomi reforçou o pedido para que as crianças não comessem

suas frutas dentro da Van (transporte coletivo fretado) pois, em ocasiões anteriores algumas crianças jogaram a casca pela janela do carro, ou até mesmo no chão do transporte.

Encerramos o encontro e eu permaneci no espaço para contribuir com a equipe pedagógica para a confecção do diário.

Diário – XIV – Diálogo individualizado

19/12/2018

Participantes: David, Julha, Cauã, Carol**Vivência:** Diálogo Individualizado com quem poderia se ausentar **da Roda de Conversa do dia 21/12/2017****Diálogo Individualizado**

Hoje eu fui até o espaço do clube dos metalúrgicos para tentar dialogar com alguns participantes que não haviam confirmado a disponibilidade de participação junto a “Roda de Conversa” que está prevista para ocorrer depois de amanhã, quinta-feira (21/12/2017), às 14hr e também aproveitei para verificar se havia algum tipo de demanda por materiais (mesa, cadeiras e congêneres), tendo em vista minha intencionalidade de servir um “café da tarde” junto a “Roda de conversa”.

As vivências do VADL/MQF seguiam normalmente com sua rotina. Quando eu cheguei, por volta das 15h já estava sendo desenvolvida a leitura do “Jornalzinho” no espaço coberto da lanchonete. Cumprimentei toda gente e comentei com a Educadora sobre a intenção da minha visita e avistei alguns/algumas participantes com quem eu havia feito o contato telefônico em momento anterior, convidando para o evento que iria encerrar um ciclo da pesquisa.

Avistei os/as participantes David, Cauã, Julha, e Carol. Desta turma, apenas David havia comentado que talvez não estivesse presente em nosso encontro, pois sua família estava apenas aguardando as férias escolares para viajar em visita à familiares que moram em outra cidade. Para minha surpresa, mesmo já tendo confirmado presença durante o contato telefônico, os/as demais participantes citados aqui não deram certeza de suas participações. E isso me deixou preocupado, pois todos/as eles/as foram assíduos durante o período de minha intervenção/observação.

Decidi, então, tentar registrar as impressões que estes tinham sobre a vivência do *Fútbol Callejero*, como maneira de garantir a contribuição destas crianças/adolescentes para a produção dos saberes que emergiram de nossa convivência.

Consultei as crianças sobre meu interesse de um diálogo individual e elas de imediato aceitaram. Em seguida consultei a Educadora Abayomi comentou que a saída das crianças, uma a uma, não iria interferir negativamente no desenvolvimento das atividades.

Como eu previa que um/a ou outro/a participante poderia não ter a disponibilidade para participar da “Roda de Conversa” eu levei minha câmera para fazer um eventual registro. E ela foi necessária. Segue abaixo a transcrição do diálogo que tive com alguns participantes. O primeiro foi com David.

Diálogo com David.

Maurício: Eu tô aqui com o grande camarada nosso. É... O David. Ele vai se apresentar melhor. Eu decidi conversar com ele antecipadamente... Eu vou aqui pra aparecer aqui [decidi também aparecer nas frentes da câmera]... Então eu decidi vir conversar com ele antes da Roda de conversa porque, na quinta-feira que é depois de amanhã, dia 21 [21/12/2017] o David ele vai... Ter uma viagem com seus familiares, pai e mãe. E não poderá tar na roda de conversa. Então eu queria aproveitar a presença dele. Ele é um dos participantes que mais veio no projeto. Que participou com grande compromisso de todas atividades, não só do *Fútbol Callejero*. Então eu vou passar a palavra pra ele e tentar compreender a percepção dele sobre tudo isso que ele vivenciou aqui.

David: Bom meu nome é David, É... Tenho 11 anos. Faz quatro anos que eu venho aqui no projeto. Bem... Bem legal aqui no projeto. A gente brinca e conhece coisas novas, como brincadeiras. A gente estuda sobre alguma coisa, a gente... A gente faz uma roda, a gente conversa. E nessa roda a gente perguntamos o que que a gente aprendeu nesse dia. Bom eu apresentei várias coisas no dia-a-dia. Como o VADL que é um pro... Que é o projeto que eu participo, eu faço minha apresentação normalmente e eu falo sobre alguma coisa que eu aprendi no... Em casa. Tipo: Porque a Joanelha come... Porque eu acho que ela é sortuda! E...

Maurício: A Joanelha come pulgões, Não era isso?

David: É pulgões...

Maurício: Eu lembro dessa conversa também.

David: Bom, o projeto VADL e MQF, que é Mais que Futebol, aprendemos brincadeiras e jogamos Fútbol Callejero. Nesse Fútbol Callejero a gente sai do projeto bem feliz, respeitado, sendo que você sente mais conforto aqui do que em casa às vezes. Às vezes. Mesmo com problema você pode se divertir aqui no... No... que é muito mais legal que em casa. Eu venho aqui 4 anos porque eu me sinto como uma casa, eu gosto muito daqui. Porque a gente aprende... A gente aprende coisas novas, brincamos, se divertimos, muito mais! (1) Por isso eu gosto de vir aqui 4 anos. Isso não é pouco. Pra mim é se divertir, aprender, ser respeitado, ser cooperativo, ser respeitoso, com todas as pessoas que estão aqui. Aqui no

VADL toda vez a gente conversa. É... Se uma pessoa desrespeitou a outra, a gente conversa junto pra não acontecer mais uma vez. E saímos de... E saímos daqui com... Com mais sabedoria e aprendizado para compartilhar para a ou... Para as outras pessoas que perguntarem pra você. (2)

Maurício: Legal David. Bonito isso tudo que você falou. E foi espontâneo?

David: Foi.

Maurício: Eu fiquei bastante emocionado ouvindo você aqui. É... E sobre... Eu tenho um interesse muito grande em saber sobre o *Fútbol Callejero*. Eu sou um dos professores aqui. E já venho... Eu venho... Eu venho no projeto, ele não acontecia só no clube né? Mas eu participo do projeto desde 2006. Ele acontecia lá no Jardim Gonzaga e em 2013 ele começou a ser desenvolvido aqui [no clube dos metalúrgicos]. E o *Fútbol Callejero* a gente começou a fazer em 2014. Eu quero... saber o que você sabe sobre Fútbol Callejero? Quando a palavra Fútbol Callejero vem, o que que você sabe sobre? Pode falar tudo que você sabe.

David: Bom eu sei que num jogo a gente respeitamos as meninas, passamos pra ela e não tem, tipo coisa de machismo. Eu sinto que as meninas jogam mais do que os meninos às vezes, mas é muito mais legal porque a gente conversa e a gente é o Juiz. Não tem juiz, não tem... Não tem... Como é que chama mesmo?

Maurício: Árbitro?

David: É não tem árbitro. Só tem uma pessoa que é o Mediador que vê os pontos das regras e fica de olho no jogo... (3) Bom a gente cria as regras, inventamos e jogamos. E tem 3 tempos. 1º Tempo: a gente fica em roda, conversa e a gente escolhemos as regras. No segundo 2º jogo [entenda-se 2º Tempo] a gente joga. No 3º [tempo] a gente fala sobre o jogo e as regras. E no final a gente contamos os pontos. E não é só o gol. Pra... Pra nós não importa o gol, importa é divertir. (4) É... E... No... Na hora que eu escuto Fútbol Callejero, quer dizer que eu vou ficar feliz porque do mesmo jeito que você é ruim, como eu... [O participante foi interrompido por mim que sorri e pedi que ele esclarecesse o que significar ser ruim].

Maurício: [Risos]... Ruim? Como assim ruim?

David: [Risos]... É... Eu sou! Tipo uma pessoa que não joga bem.

Maurício: Aaa!

David: Pode aprender mais jogar bola, porque as pessoas vão deixar você relar na bola. Quando a gente joga num... No campeonato. Ninguém deixa você pegar na bola se você é ru... Se você não é uma pessoa que é bom de bola.

Maurício: E porque você acha que isso não acontece num campeonato e acontece no Callejero.

David: Porque *Fútbol Calleje... Fútbol Callejero* tem uma diferença do futebol comum. No *Fútbol Callejero* a gente respeita mais, coopera mais e respeita mais os outro. E... Ah... E as pessoas que jogam o futebol comum são menos respeitadas, são menos cooperativas, são menos... Menos... É... Respeitadas com as outras pessoas, mesmo as pessoas do seu time. E nesse jogo a gente cri... A gente joga... Não, não é a gente joga, tem três pi... Regras principais. Respeito: Respeito é respeito seu time e as outras pessoas do outro time. Cooperação: Cooperar com seu time e só. Soledade: Você é... Você ajudar o outro time, ajudar o próximo que somos no... No... No time, o adversário... Pessoa que não joga bem você pode passar pra ele, ele pode fazer gol. Ele fica, ele pode criar alt... Autoestimas para se... Para se melhorar no futebol e ensinar para outras pessoas (5).

Maurício: E você falou que... No *Fútbol Callejero* se... Inventam regras. Têm alguma que você lembra? Não precisa ser só a que você propôs. Mas, uma que você propôs que foi legal ou que não foi? E o que significa pôr regras? Quando cê pensa assim: Vou poder criar regras no futebol, o que que você imagina? O que que você quer quando quer criar uma regra? O que você pensa?

David: Ah... Eu penso nas outras pessoas e... As pessoas que são. Não são bom de bola, tipo. Passar pras pessoas que são mais fracas no futebol. Eu fui uma delas e... E eu acho que foi muito solidário, e eu saí com muita autoestima. E até hoje eu lembro desse momento que eu gostei muito.

Maurício: Isso aconteceu no *Fútbol Callejero*? E você lembra do episódio, mais ou menos?

David: Ahã.

Maurício: O é que foi?

David: É foi no dia 24 de novembro. Aí, a gente fez os time como normalmente a gente fez a roda de dá as regras, depois jogamo, as me... as mema regra que é... Que o Educador Teo, que é um Educador daqui que não, que não está nesse momento, ele propôs uma regra de... De o... De as pessoas que são menos boas no futebol a... Pode... Tivé uma vantagem: as pessoas não podem rancar dela, a bola. E até agora, eu acho, que levantou minha autoestima. (6).

Maurício: Que legal David. Bom, você falou bastante aí do *Fútbol Callejero*, de como ele ajudou. Mas você usou uma expressão que eu nunca tinha... Eu, Maurício, nunca tinha ouvido você falar, sobre o "machismo". E como que é isso aí? O que que tem a ver com o *Callejero*? O que que... Da onde você tirou isso?

David: É que a maioria dos jogos as meninas não jogam, porque as pessoas são machistas. Marta que é uma jogadora muito boa se tornou a melhor do mundo, por causa... E não por

causa de um machismo que ela não parou: Ela continuou e conseguiu! E as meninas daqui que jogam o futebol não desisti também por causa do machismo. E agora o... *Fútbol Callejero* a gente respeitamo as menina, não falamos sobre machismo, porque? As meninas podem se ofenderem! Nesse jogo, as meninas as vezes ficam com menos autoestima para jogar. E às vezes elas param de jogar por causa disso.

Maurício: Em qual jogo?

David: Em jogo? Ah... Um jogo comum.

Maurício: Mas isso acontece no *Fútbol Callejero*?

David: *Fútbol Callejero* não acontece. Porque a gente com.. conversa na hora das regras que não pode falar sobre machism... É, a gente falar tipo... Falar pra menina que... Falar pra meninas que ela não pode jogar só porque ela é uma menina.

Maurício: E porque vocês não falam isso no *Callejero*?

David: Porque as meninas são muito boas (7). Aí eu lembro um dia que o... O Klevis, é... O... O... Uma pessoa que participava no futebol... Futebol também [se referindo aos treinos da Escolinha de Futebol que são desenvolvidos no clube], que era do ano passado, ele falou que a menina não pode jogar porque ela é menina. E por caso disso é... O amigo dele falou assim ó: "Machista"! Aí... Não, quer dizer assim [participante procurou corrigir sua fala]: Falou que a menina é machista. Que... Que tudo mais. Aí ela ficou meio... Ficou meio imperdoável, ela parou de jogar. Ela não quis mais fazer nada. Isso às vezes é muito ruim. Eu passei por isso, mas eu não sou uma garota, mas eu posso ser uma pessoa que não é bom de bola. E as pessoas não tocam muito pra mim. Mas, às vezes... Ah... Às vezes eu... Eu... Me sinto desavontade quando eu jogo.

Maurício: Cê se sente como? Desculpa, eu não ouvi?

David: Desavontade.

Maurício: Sem a... Sem estar à vontade?

David: É.

Maurício: Ah... Não se sente confortável durante o jogo?

David: É.

Maurício: Legal. Isso também no *Fútbol Callejero*?

David: Às vezes sim.

Maurício: Às vezes? Em que situações ocorrem?

David: Tipo: o time tá mais forte, e tipo eu tenho que ficar no gol, eu não recebo muito a bola. E ninguém quer ir no gol!

Maurício: Isso também no *Fútbol Callejero*?

Participante fez um aceno com a cabeça, em sinal de que durante o *Fútbol Callejero* já vivenciou a situação descrita por ele. (8).

Maurício: Tá legal. Bom, você falou... É... Muita coisa interessante e aí eu acho que você também pode aproveitar David e deixar registrado uma mensagem qualquer. Não precisa ser sobre o *Fútbol Callejero*, sabe porquê? Os professores vão ver isso hoje, amanhã e lá no futuro e você também! Então você queria deixar alguma mensagem sobre sua participação no projeto? O que você acha que precisa melhorar? O que você acha que tá legal? O que você aprendeu? O que você pode ensinar? Uma mensagem.

David: Uma mensagem que eu quero dar é que eu quero que os professores tenha atitude para ir na escola, apresentar nosso projeto para ficar maior e mais divertido para com as pessoas. E aqui no VADL a gente fica... Tem... A gente faz um primeiro jogo que todo mundo decide, não é pessoa dividida pra lá, uma dividida pra lá. É tudo junto! Isso faz que... A... Que a gente aprende mais a ficar cooperativo com as outras pessoas. E também eu quero que tenha mais professores pra ensinar a nois brincadeiras novas, é aprendizagens tipo... De ciência, Matemática, Português. E eu quero que... Os professores às vezes fazem um eventos para as crianças tipo: Aniversário. E é isso!

Maurício: Legal David. Olha, continuo aprendendo muito com você. Muito obrigado... É... O projeto se encerra nessa quinta-feira, eu soube que você vai viajar, mas volta em janeiro. Vai ser muito feliz encontrá-lo aqui e do mesmo jeito a gente vai ficar muito feliz também se você, assim como já aconteceu com a Fernanda, com o Digo, se você se envolver numa atividade que você encontre felicidade e prazer. Tá? Você é muito importante pra gente, você e as outras crianças. É... Então a gente tem aprendido bastante com você também, parabéns viu?

David: Brigado.

Maurício: Desejo muita paz e sorte pra você, tá?

David: Brigado, pra você também.

Diálogo com Cauã.

Maurício: Eu acho que você pode começar se apresentando, falando quem você é, quantos anos você tem, onde você mora?

Cauã: Eu sou o Cauã, eu tenho 9 anos, eu moro lá no, no Orlando Péricles, lá perto da ADPM... É, o meu número é 360... 371 eu acho...

Maurício: É o número da sua casa? [Participante respondeu afirmativamente, fazendo um gesto de positivo com a cabeça].

Cauã: E aí eu... E aí eu vou um pouco do que eu faço aqui no... No projeto. Eu fa... Aqui no projeto eu faço brincadeira, faço *Fútbol Callejero*, faço bicicleta... Brincadeira de intrega... Intrega... Integração, tertulha literária e jornalzinho [Risos]. E aí eu vou contar um pouco do *Fútbol Callejero*.

Maurício: Ah... Legal. E... O que que você acha do projeto. Que que ele... Precisa fazer pra melhorar, e o que que ele tem de legal?

Cauã: Eu gosto das brincadeiras. E... Deixa eu ver que mais... Pra melhorar nada!

Maurício: Não dá pra melhorar? Porque não?

Cauã: Dá, dá! Mais eu acho que tá bão.

Maurício: Cê acha que tá bão! Legal Cauã, e você falou das brincadeiras, tem uma que mais te chamou atenção, que você mais gosta, uma que você não sabia e aprendeu aqui?

Cauã: Eu não sabia Pé-na-lata, um monte de coisa. Eu a brincadeira que eu mais gosto é o *Fútbol Callejero*.

Maurício: É mesmo? [Participante acenou positivamente com a cabeça, sinalizando que realmente se tratava da brincadeira que ele mais gostava]. Cê... Cê não tá falando pra... Pra... Pra... Pra me agradar não?

Cauã: Não, eu gosto mêmô!

Maurício: Ah bom!

Cauã: Porque eu gosto de futebol.

Maurício: Ah... Cê gosta de futebol, e aí você go... Então conta pra gente aí, e eu sou professor aqui né? Sou o Maurício, ou Maurício, eu já conheço o *Fútbol Callejero*, mas esse vídeo a gente pode ver ele no futuro, mostrar pra outros professores. Cê conseguiria explicar... Primeiro explicar o que é *Fútbol Callejero* pra quem não conhece?

Cauã: *Fútbol Callejero* é um jogo. Aí você faz... Ai cê, no primeiro tempo, cê faz as regras... As regras... Aí depois no segundo tempo nós joga. Aí no terceiro tempo tem os pilares. Os pilares é: Respeito, “Solilariedade” [entenda-se “Solidariedade”] e Cooperação. E... o *Fútbol Callejero* é muito da-hora.

Maurício: E porque que ele é dá hora?

Cauã: Porque tem o jogo, tem os pilares e tem as regras.

Maurício: E como que é isso daí?

Cauã: As regras cê fala... Cê fala tipo assim: É... É, uma canetinha vale 1 pon... uma canetinha incompleta vale 1 ponto e... Dua... uma cane... E dua cane... Uma canetinha completa vale dois pontos. Aí cê, aí é... Aí os pilares, aí no segundo tempo cê joga, normal. Aí nos pilares cê tem respeito, solilariedade e cooperação. Aí... Aí... Aí cê poem os pontos e dis... E no terceiro tempo que é os pilares, cê discute.

Maurício: Ah legal. E... Bom, isso é mais ou menos como acontece o jogo?

Participante acenou positivamente com a cabeça, sinalizando que o jogo se passava da maneira que foi narrada por ele (9). Continuei com as provocações.

Maurício: Muito bem. E teve alguma regra que você propôs e que achou muito legal, ou que alguém propôs, alguém sugeriu a regra e foi uma regra muito legal, que você lembra, que chamou sua atenção? Ou não, não teve? Teve uma regra assim que você falou: "Nossa, essa regra foi dá hora! Foi legal!"?

Cauã: Ah... Um jogo com uma cadeira só.

Maurício: Um jogo com uma cadeira só. Como que é isso? Explica aí pra gente tentar lembrar.

Cauã: Cê tem uma cadeira, cê pega uma cadeira põe... Põe no campo. Aí ela serve como... como gol. Aí cê... Aí cê... Cê tem que passar pelas perna dela o... A bola, aí vale 1 ponto.

Maurício: Hum... Legal! E quando alguém falar assim pra você, se já não falaram né? Mas, "*Fútbol Callejero*" o que que vêm assim... Pra você? De lembrança ou de sabedoria? O que que vem assim, pra você?

Cauã: Vem... Vem... Vem: Eu gosto! E... E sabedoria? Isso?

Maurício: É, por exemplo: uma aprendizagem, uma coisa que cê fala: "Óh, o *Fútbol Callejero* é bom por causa disso", ou "É ruim por causa disso".

Cauã: O *Fútbol Callejero* é bom por causa das regras.

Maurício: Como que é isso?

Cauã: Por causa dos pilares.

Maurício: E porque que é bom? O que que as regras faz deixar ele bom? E o que os pilares faz deixar ele bom?

Cauã: É... O... A regra faz que... que o... que faz... Tipo, cê não qué que bate a canela na sua perna sem querer. Aí cê vai lá e... E... E... E sugere a regra. No pilar é por causa que... Que o... Que é... Que cê discóte [entenda-se "discute"] no final o que foi ruim e o que foi mal.... O que que foi mal.

Maurício: Ah... Legal! E que que isso... Você acha que você aprendeu alguma coisa jogando *Fútbol Callejero*?

Cauã: Aprendi.

Maurício: O que?

Cauã: Respeito.

Maurício: O *Fútbol Callejero* fez você aprender respeito? Como que é isso?

Cauã: É... Cê... hum... Dá hora!

Maurício: Como que é isso? Cê falou assim... Eu te perguntei se o *Fútbol Callejero* te aju... Te aju... Te ensinou alguma coisa? Fez você aprender alguma coisa? Cê falou assim: "Respeito". Mas o que que significa aprender respeito.

Cauã: Respeitar os outros, é... Não fazer maldade. É... Não fazer essas coisas.

Maurício: Ahhh... E foi o *Fútbol Callejero* que te... Te ajudou a aprender a não fazer maldade, a respeitar os outros? E como que cê acha que cê aprendeu isso jogando *Fútbol Callejero*? Como que ele te ensinou isso?

Cauã: Pelos pilares.

Maurício: E isso cê só faz dentro do *Fútbol Callejero*? Fora não?

Cauã: Eu faço em todo lugar.

Maurício: A é? E você acha que você aprendeu com o *Callejero* isso? (10).

Participante respondeu que "sim", fazendo um gesto com sua cabeça.

Maurício: Dá uma... Cê consegue dá um exemplo de fora do futebol, mas que lembra o futebol assim? Que você fez: "Ah eu aprendi isso no *Callejero* vou fazer isso aqui também na rua, na escola, em casa". Você sabe dar um exemplo?

Cauã: Tipo assim: um amigo que... Quer ba... Um amigo meu quer bater no outro cara. Aí eu digo assim: Eu não, não vou bater. Isso aí é respeito!

Maurício: Hum... E você aprendeu isso com o *Fútbol Callejero*?

Cauã: Ahã...

Novamente o participante fez um gesto afirmativo balançando sua cabeça, indicando que teria aprendido aquele modo de ser respeitoso a partir do *Fútbol Callejero* (10).

Maurício: Ah, que legal Cauã... Bom, você falou do *Fútbol Callejero*, agora eu quero saber. Tem uma coisa do *Fútbol Callejero* que você não falou. O *Fútbol Callejero* joga meninos e meninas juntos. É isso?

Maurício: É mesmo?

Cauã: É.

Maurício: E como que é isso pra você?

Cauã: Dá hora.

Maurício: Porque?

Cauã: Porque joga menina e tem menina boa também.

Maurício: Hum...

Cauã: No futebol. (11)

Maurício: E você já brincou em outros lugares... *Fútbol Callejero*, ou futebol normal, que jogavam meninos e meninas juntos?

Cauã: Tisc... Tisc [participante fez esse som de estalar a língua entre os dentes e balançou a cabeça em sinal de negação].

Maurício: Não mesmo? Nem na escola?

Cauã: Não, pera aí! Ah... Eu... Eu já brinquei. Lá na escola e lá perto de casa tem uma pracinha com um... Com um campinho e aí a... A... Tem uma menina que joga... Que faz... Treina aqui [na escolinha de futebol], e aí... E aí ela fa... Ela joga lá às vezes.

Maurício: Olha... Mas ela treina aqui né? Tem alguma menina que não treina futebol e que brinca junto com vocês meninos, lá fora?

Cauã: Ah! Ah não... Agora eu não se ela treina aqui ou não treina. Acho que, não sei. Mas é a... Ela... Ela joga também lá.

Maurício: E quando as meninas jogam, como que é?

Cauã: É... Assim, tem mais gente, e é muito da-hora jogar c'as meninas.

Maurício: Porque que é dá-hora?

Cauã: Porque... Por... Porque as meninas faz, faz... Faz... Faz uma... Como que eu posso se dizer? Faz uma... Não faz uma falta no time!

Maurício: Não faz falta no time? Como que é isso? Não entendi! Como assim não faz falta? Se ela não jogar não tem problema? Isso é fazer falta não é?

Cauã: Tem.

Maurício: Eu não entendi, você pode explicar melhor? Como assim: "a menina não faz falta no time"?

Após alguns segundos de silêncio, e aparente semblante de quem estava procurando uma resposta, retomei um pouco do raciocínio do próprio participante.

Maurício: Cê tava dizendo pra mim, e pra câmera, e pra quem for assistir, porque que é dá-hora quando as meninas jogam, no Futebol *Callejero*. Porque?

Cauã: Porque elas... Elas brincam, elas... Elas não cavalam. (12).

Maurício: Hum... Os meninos cavalam?

Cauã: Tem alguns que cavalam, tem alguns que não.

Maurício: Isso no futebol normal? Ou no *Callejero*, ou ni tudo?

Cauã: Ou nos do... Nos dois.

Maurício: No *Callejero* também cavala?

Cauã: Às vezes cavala.

Maurício: Ah... A, legal! E... Bom, como eu disse antes, a gente vai poder ver esse vídeo na quinta-feira, ou lá no futuro, depois daqui muitos anos. Se você quiser, você pode falar mensagem sobre... O que você gosta no projeto, o que você não gosta e que se acha, se já falou né? Acha que não precisa melhorar nada, mas às vezes cê lembrou de alguma coisa aí enquanto falava. Seria interessante.

Cauã: Eu gosto no projeto das brincadeiras e... Melhorar nada também! [Risos]...

Maurício: [Risos]... Legal... E outra pergunta. Tem algum outro lugar, seja na rua, em casa ou na escola, tem algum lugar que você é consultado sobre o que você quer fazer? Alguém te pergunta: "Óh, o que que você quer estudar?, Onde você quer passear?" Isso é normal pra você? Onde acontece isso?

Cauã: Só lá em casa.

Maurício: Como que é lá em casa?

Cauã: Em casa eu fic... Aí minha mãe pergunta assim: "Cê quer sair Cauã?". Eu falo quero. "Pra onde?". Tipo assim, "Tá na hora do... De... De almoçar". Aí eu falo prá... Pra tal lugar.

Maurício: Olha, cê tem irmãos ou irmã?

Cauã: Tenho 1, mas ele não mora comigo.

Maurício: Ah... Legal. E... Na escola? As pessoas te consulta?

Cauã: Não.

Maurício: E aqui no projeto?

Cauã: Sim.

Maurício: Sim? Como que é aqui no projeto? Como que é feito?

Cauã: É for... Quando vai faz... Quando vai fazer o... Na... Quando vai faz... Quando vai fazer a roda... A roda final, os professores perguntam assim... É... "O turma qual é... cêis que... Qual é a brincadeira que vocês querem?" Aí todo... Aí... Aí quem que di... Faze... É dita brincadeira fala assim, ergue a mão e fala... Aí... Aí o professor vai falando assim: "Fala", Aí... Aí fala tal brincadeira. Aí... Aí depois... Depois aí decide com todo mundo. Aí depois vai embora.

Maurício: Hum... Legal.

Diálogo com Julha.

Maurício: A ideia Julha, é você falar sobre o projeto. É, primeiro, qual é o seu nome? Qual a sua idade.

Julha: A... Isso daí não!

Maurício: Você não gosta de falar a idade?

Julha: Não.

Maurício: Porque você não gosta de falar a idade.

Julha: hãhã [para além esta expressão, a participante também balançou a cabeça em sinal de negativo].

Maurício: Porque não! E... Depois de falar o seu nome então, onde cê mora: "Óh, meu nome, moro em tal bairro". Você pode falar pra gente é... O que é o projeto pra você? O que que você faz aqui, porque é que você vem? E aí depois eu pergunto especifi... Especialmente sobre o *Callejero*. Pode ser?

A participante acenou positivamente com a cabeça.

Julha: Pode ir?

Maurício: Pode ir.

Julha: Meu nome é Julha, eu moro em São Carlos. Eu gosto de vim no projeto porque é muito legal, e a gente faz muitas brincadeiras. E tem piscina, várias coisas. E é muito legal de vim aqui. Porque eu gosto, a gente faz muitas amizades.

Maurício: Você gosta de vir porque faz muitas amizades?

Participante acenou positivamente com a cabeça, afirmando que gosta de frequentar o projeto porque faz muitas amizades.

Maurício: Ah... A Julha, eu vou avisar hein! Ela pediu... Ela não quer falar a idade dela. Não é isso?

Outra vez ela respondeu fazendo um aceno com a cabeça.

Maurício: Então a gente vai respeitar. E você que falou que mora em São Carlos, você sabe o nome do seu bairro?

Julha: Não, eu acho que esqueci.

Maurício: É Jardim Gonzaga?

Julha: É, Jardim Gonzaga.

Maurício: Isso, eu conheço bem lá, o Jardim Gonzaga. Já trabalhei lá... É... Julha, você falou que gosta do projeto, que vem aqui e faz amizades. mas tem alguma coisa aqui que você não gosta? Que a gente precisa melhorar?

Julha: Ah... Eu só não gosto às vezes que o... Gente fica brigando. Num tem paquê brigar. A gente tá aqui pra bincar, pra se divertir.

Maurício: E isso acontece aqui no projeto? As pessoas brigam aqui?

A participante acenou positivamente com a cabeça, confirmando que, desde o ponto de vista dela, as pessoas brigam no projeto.

Maurício: Você lembra de algum caso de alguém que brigou?

Julha: Ahã... Belisa que vinha aqui.

Maurício: Nossa, a Belisa brigou? E cê lembra com quem?

Julha: Não.

Maurício: Mas não foi legal?

A participante sinalizou, com um aceno de cabeça, que não. Que não achou legal.

Maurício: E... [fui interrompido pela participante].

Julha: Tem uns casos também que a gente chamava ela pra bincar e ela não queria. Ela muito legal essa blincadela que ela mesma pediu.

Maurício: E ela num brincava?

Julha: Não.

Maurício: Hum... Mas, quando teve a briga, foi resolvida a briga?

Julha: Foi.

Maurício: Você lembra como foi resolvido?

Julha: A gente... Resolveu assim né? A gente resolveu todo mundo com calma que... Bigando não se resolve nada. Tem que conversar.

Maurício: E isso foi feito aqui no projeto? Desse jeito?

Julha: Foi.

Maurício: Legal... Bom... Isso você não gosta né? E se o projeto... E o projeto ele sempre pode melhorar. Você poderia dizer algo que a gente pode fazer pa.. Pro projeto melhorar? Ficar melhor, mais legal, mais gostoso?

Julha: Ah... Não sei não.

Maurício: Num tem idéia? O que que você acha que poderia ter aqui que seria legal, e que não tem?

Julha: Num sei.

Maurício: Não consegue pensar em nada agora?

Julha: Não. E... Eu sou professor no projeto já tem um bom tempo né? Você vem no projeto faz quanto tempo, mais ou menos? Pode chu... Uma data mais ou menos assim.

Julha: Um ano.

Maurício: Um ano, mais ou menos?

Julha: Dois anos, mais ou menos.

Maurício: É... Eu acho que tem de dois anos, mais ou menos, que você vem. Tô pegando aqui na minha memória... É... Mas, eu sou professor aqui no projeto e eu faço uma atividade que chama *Fútbol Callejero*. Você já participou?

Julha: Já.

Maurício: E vamos supor que eu vou mostrar esse vídeo pra quem... Pra um professor de uma escola que não conhece o *Fútbol Callejero*, e ele precisa aprender. Ele vai aprender o *Fútbol Callejero*, com você falando. Então o que que você poderia dizer pra ele? Como joga? O que é o *Fútbol Callejero*?

Julha: O *Fútbol Callejero*, a gente decide as regras, primeiro a gente senta ne uma roda. A gente decide as regas. Se pode dar carrinho, se não pode. Se pode dar chapeuzinho, quantos vai valê o chapeuzinho [se referindo a uma possível regra]... É... Sei lá!

Maurício: Que mais cê pode falar sobre o *Fútbol Callejero*? E aí, combina as regras.

Julha: As regas também, não pode dar carrinho sem a gente falar na roda. Quando algum amigo tá c'a bola. Tipo: Alguém tá c'a bola, e nunca passou pra você, no próximo jogo você

tem que avisar, ou na roda tem que avisar também, que... ninguém passou a bola pra você, ninguém deixou você... i... você fazer gol também. Só eles que fizeram.

Maurício: No *Fútbol Callejero* faz isso?

A participante respondeu com um singelo balançar de cabeça. De modo a confirmar que é isso que é feito no *Fútbol Callejero*.

Maurício: Então, se ningu... Se eu sou uma pessoa que não jogo tão bem. No final do jogo eu falo isso. E aí o que que acontece no próximo jogo? O que que a gente...

Julha: A gente avisa pra não fazer isso de novo que é muito chato, alguém ficar lá tentando pegar a bola e você desviando dela, mesmo você sendo do mesmo time.(13).

Maurício: Hum... Olha só... Muito legal. E você sabe dizer se você aprendeu alguma coisa com o *Fútbol Callejero*?

Julha: Eu aprendi o respeito, respeito aos outros. Não pode dar carrinho também. Quando alguém pede alguma coisa respeitar também né?

Maurício: Como que é isso que "não pode dar carrinho"?

Julha: Ah, tipo: Se dá carrinho pode machucar, bater a cabeça, e a gente joga na quadra ainda, futebol... Então fica muito... Aí pode... Cair por cima do baço se dar carrinho.

Maurício: Entendi. E porque que tem essa regra? Quem pôs?

Julha: Ah... Eu não sei!

Maurício: Toda vez que você vai jogar tem essa regra?

Julha: Tem!

Maurício: Olha que legal. E sobre o Respeito. Como é que você aprendeu isso? Porque que tem que respeitar os outros?

Julha: Porque é tipo assim: Se outros não quer que, num quer carrinho, que dá carrinho. Você tem que respeitar! No outro dia pode dar carrinho, no outro dia que tem *Fútbol Callejero*, pode dar carrinho, se todo mundo concordar.

Maurício: Olha que legal isso. Então as coisas são combinadas. Não é que não pode e acabou! As pessoas têm que concordar ou não?

Julha: Concordar!

Maurício: Con... Tem que concordar... Legal. E... Tinha outra coisa que eu queria ouvir de você. Mas, agora não consigo lembrar.

Julha: Uhum [respondeu indicando não ter nada mais que gostaria de falar]. (14).

Maurício: Olha, lembrei! Você é uma menina ou um menino?

Julha: Menina [Risos].

Maurício: É uma menina, todo mundo tá vendo [Risos]... Muito linda. É, você joga... É... Como que é isso? Menina jogando futebol.

Julha: Ah... Tem uns que fala que menina não pode jogar futebol. Que é só pra homem, não tem nada a ver. Menina pode jogar!

Maurício: E você joga futebol na escola?

Julha: Jogo.

Maurício: E na rua?

Julha: Na rua também a gente joga futebol.

Maurício: E aqui no projeto?

Julha: Aqui... Aqui também a ro... a gente joga.

Maurício: E você acha que tem diferença o *Fútbol Callejero* do futebol que você joga na escola, joga na rua?

Julha: Não.

Maurício: É igualzinho?

A participante acenou positivamente, fazendo um ligeiro gesto com a cabeça, indicando que, desde o seu ponto de vista o futebol jogado na escola e na rua era "igualzinho" ao *Fútbol Callejero*. Continuei procurando saber mais as percepções que a participante Julha possuía.

Maurício: Lá também combina as regras?

Julha: Nóis combina que não pode dar carrinho... [Interrompi a a fala da participante].

Maurício: Na escola?

Julha: É.

Maurício: Vocês jogam *Fútbol Callejero* na escola então, ou é outro? É um parecido?

Julha: Não, eu falei que eu jogo *Fútbol Callejero* aqui no projeto e a gente fez lá na quadra, com o professor de Educação Física. Foi bem legal! Todo mundo respeito as regras.

Maurício: É verdade! Nossa, eu fiquei feliz agora. Então você aprendeu aqui e ensinou um professor lá?

A participante Julha, mais uma vez, respondeu com um simples aceno de cabeça, indicando positivamente, que havia ensinado o *Fútbol Callejero* para seu professor de Educação Física e seus colegas de turma (15).

Maurício: Então essa é uma ou... Pergunta que eu queria fazer pra você Julha: O que você acha que você ensinou aqui no projeto? Você ensinou... O que que você acha que você ensinou a gente aqui?

Julha: Ah... Várias brincadelas... Tipo... A... A... A gente faz muitas brincadelas lá na escola e eu falo... As brincadelas aqui...

Maurício: As brincadeiras que você aprende na escola você ensina a gente aqui?

Julha: Tipo doce-e-salgado. Ninguém sabia.

Maurício: Você ensinou aqui! Que legal, tá vendo? Então você também é uma Educadora, você também ensina? Sim ou não?

Julha: Sim [Risos].

Maurício: A lá! E... E eu, sendo professor e Educador, eu também aprendo com você! Foi muito importante ter você aqui. É... E que que você acha, uma última pergunta, pode ser? Sobre... meninos e meninas brincar juntos no *Fútbol Callejero*? O que que você acha?

Julha: Pode! não tem nada!

Maurício: Que pode? Que não tem nada? Tá legal! Cê quer... Agora, imagina você, que esse vídeo, você Julha daqui a muitos anos vai poder ver. E eu também vou tá véinho assim já... Banguelo [Fiz um gracejo, imitando uma caricatura de pessoa idosa, a participante sorriu]... E lá na frente eu vou poder olhar e lembrar desse dia. Então, se você pudesse falar alguma coisa, à vontade, sobre o projeto, mandar uma mensagem para alguém do projeto: Um amigo ou uma amiga, um professor ou uma professora. Ou pra você mesma no futuro: "Óh... Isso aqui eu vou ver no futuro". O que que você gostaria de falar?

Julha: Ah... Sei lá.

Maurício: Não quer mandar nenhuma mensagem? não?

A participante Julha acenou negativamente, conotando alguma timidez. Compreendi que eu já havia contemplado meu interesse de ouvir as percepções de Julha acerca do *Fútbol Callejero*. Agradei à solicitude e gentileza de Julha e fui chamar a participante Carol para também contribuir com os diálogos.

Maurício: Muito bem... É... Eu queria agradecer a participante Julha. Dizer que... Eu realmente aprendi bastante com vo... Eu tô aparecendo no vídeo aqui agora né? [justifiquei para a participante que eu estava me posicionando para também aparecer no vídeo] Aprendi bastante também com você. Você é uma pessoa bastante séria e brincalhona. então você é

uma pessoa que quando a gente tá falando, cê está assim óh [tentei expressar/dramatizar uma pessoa muito concentrada, séria, com atenção voltada para algo]... Ouvindo, ouvindo. E sabe de uma coisa que cê gostava? Tocar flauta!

Nesse instante a participante sorriu, ao mesmo tempo que sinalizou, com um aceno de cabeça, concordando gostava de tocar flauta.

Maurício: Então... Quanto tinha música você... Falava: "Vai ter flauta?" Então... É... A gente sempre gostou muito de você. Então, já tem um bom tempo que você vem. E a gente sempre aprende. Você é uma pessoa bastante delicada. Você sabe o que é delicada?

Julha: ahã [indicando não saber do que se tratava a expressão].

Maurício: Delicada é carinhosa... Você é bastante carinhosa. A gente gosta muito. E a gente torce para que você continue sempre séria, e delicada assim. Sempre atenciosa. Tá bom?

Encerrei agradecendo a participante e sinalizando que reforçaria o lembre da Roda de Conversa com a mãe dela e a mãe de outros três participantes.

Diálogo com Carol

A última criança com quem dialoguei foi com a Carol. Ela tem 6 anos, tentei adequar minha linguagem e ter um maior cuidado com as palavras para foi o mais proveitoso, para ambos, esse diálogo.

Maurício: Então Carol, como eu tava explicando pra você, a ideia é você falar o que você sente, pensa, sabe do projeto primeiro. Pode ser?

Carol: Eu sei porque, o projeto é legal e minha mãe falou assim que vai tirar nós do projeto.

Maurício: O projeto é legal e sua mãe falou que vai tirar vocês do projeto. E porque ela falou isso?

Carol: Eu não sei também.

Maurício: Não sabe! Mas, teve... Vocês vão se mudar?

Carol: Vamo!

Maurício: Cês vão se mudar? Você sabe pra onde?

A participante Carol fez um gesto levantando os ombros, como se dissesse "não sei". Continuei o diálogo e perguntei se ela, a participante, havia brigado em casa, ou se sua mãe estava brava com ela. Em ambas perguntas ela sinalizou negativamente.

Maurício: E porque que você acha que ela vai tirar vocês do projeto?

Carol: Porque minha mãe falou assim que nois vai sair dessa... Da... De são Carlos, muito mais longe do meu vô, porque ele... Quando nós tamo em casa e ele também tá em casa, ele, sem nós fazer nada, ele vai lá e xinga nós.

Maurício: Ah... Seu vô é um pessoa brava? Sem vocês fazer nada ele vai lá xinga vocês?

Carol: Ahã [indicando que sim, que o avô da participante xinga ela e os seus irmãos e irmã].

Maurício: Só xinga. Ele bate também?

Carol: Não.

Maurício: Bom... E o... E aí o que que você... Quando alguém fala assim: "A... Onde cê vai?" Cê fala que vai... "Óh, fui no projeto". E o que significa vir aqui? O que você faz aqui?

Carol: Eu faço brincadeira.

Maurício: Brincadeira?

Carol: Ahã.

Maurício: E o que que você sente nessas brincadeiras assim, quando faz brincadeira?

Carol: Eu gosto mais do Futebol de... Futebol *Callejero* e do... Garrafobol.

Maurício: São os dois que você gosta mais? Então conta pra gente desse tal de *Fútbol Callejero* aí. Quando alguém fala assim pra você: "*Fútbol Callejero*", o que é que você pensa?

Carol: Eu penso que tem que ter uma bola, um campo e... E o gol.

Maurício: A é? E só com isso daí já dá pra jogar *Fútbol Callejero*?

Carol: Dá.

Maurício: É? Ele é igual ao futebol que está acontecendo lá no campo agora? É igualzinho?

Carol: Não.

Maurício: O que que ele tem de diferente?

Carol: Ele... Tem... A gente tem que conversar primeiro a primeira regra a gente tem que conversar. A segunda a gente tem que jogar, e a terceira nói tem que sentar e conversar [participante se referiu aos três tempo da metodologia].

Maurício: E o que que você é... Quando você falou que tem conversar sobre as regras, como que é isso? Quem que determina as regras?

Carol: Os professor.

Maurício: Ah. É os professores? As crianças não falam regras?

Carol: Fala.

Maurício: E os professores falam?

Carol: Não... É que eles [os professores] vão falando: “Quem que quer falar”. E nós vamos falando.

Maurício: Ah... Mas os professor fala alguma regra?

Carol: Hã... Fala.

Maurício: Mas quando eles tão jogando... Como que eles falam a regra?

Carol: Eles fala uma regra, mas quando eles tá jogando eles não podem fazer nada do que eles falou.

Maurício: Os professores não podem fazer nada?

Carol: Eles podem jogar, mas só que eles não pode... Dá chutão... Nem... Nem chapeuzinho por que tem o David e o Dinho(Capoeira) com óculos e também não pode dar... Não pode empurrar a pessoa se não a pessoa vai e se machuca.

Maurício: Mas, quem criou essas regras?

Carol: Quem que tava lá no futebol.

Maurício: Foi um professor, ou foi uma pessoa que tava jogando?

Carol: Uma pessoa que tava jogando.

Maurício: Não foi um professor?

Carol: Não!

Maurício: Ah... Então, quem cria as regras?

Carol: A gente.

Maurício: Vocês, quem vai jogar? Professor quando joga também pode falar regra?

Carol: Pode.

Maurício: E quando ele não joga?

Carol: Quando ele não joga ele não pode falar.

Maurício: Então nesse jogo só pode falar regra quem vai jogar?

Carol: É.

Maurício: É legal a gente falar o que a gente sabe sobre o *Fútbol Callejero*, porque se alguém assistir depois esse vídeo, pode tentar fazer o futebol. Na escola, na rua. O que mais você tem pra dizer sobre... O *Fútbol Callejero*?

Carol: Porque também ele é muito legal.

Maurício: E porque que você também acha ele legal?

Carol: Porque ele... Ele não empurra pessoa. E não bate na pessoa também.

Maurício: Quando tem *Fútbol Callejero* as pessoas não empurram umas as outras, e não bate?

Carol: Tisc... Tisc... [sinalizou negativamente].

Maurício: E porque que eles não fazem isso? No futebol normal eles fazem isso?

Carol: Não Sei.

Maurício: Mas, e no *Callejero*?

Carol: No *Callejero* Não.

Maurício: E porque que não faz no *Callejero*?

A participante levantou os ombros e virou as palmas das mãos para cima, como se quisesse dizer que "não sabia" (16).

Maurício: Jóia. E teve uma coisa que você já pediu mais de uma vez pra fazer no *Callejero*, você lembra o que é?

Carol ficou em silêncio por um tempo, depois balançou a cabeça em sinal de negação.

Maurício: Pensa bem assim, que as vezes: "Já... A gente vai jogar *Fútbol Callejero*", aí você fala assim: "Ah... Professor, deixa eu..." [interrompi minha fala intencionalmente, como se quisesse fazer com que ela relembresse/adivinhasse].

Carol: Ah... É... Ser mediadora.

Maurício: Você ser a mediadora. E você já foi mediadora aqui no projeto já.

Carol: Ahã.

Maurício: Quantas vezes mais ou menos?

Carol: Umas 5 veiz.

Maurício: E o que você sentiu quando foi mediadora?

Carol: Legal.

Maurício: Você sentiu que foi legal.

Carol: É.

Maurício: E porque que foi legal?

Carol: Porque que eu nunca medie, e só cinco veiz que eu medie. E quando eu joguei futebol eu nunca medie.

Maurício: *Fútbol Callejero*.

Carol: É.

Maurício: Mas que que é mediar? O que significa mediar?

Carol: Você que... Você que dá canetinha você aponta e fala assim: "eu dei uma canetinha do verde". Aí eu vou lá e ponho canetinha do verde.

Maurício: Ela... Ela quem?

Carol: A mediadora!

Maurício: Ah...

Carol: Aí ela vai, põe uma canetinha do verde. Se fazer um gol ela vai e põe o gol do... Se for do laranja ou do verde. Ela vai lá e põe.

Maurício: Ela é igual um juiz? Ela vai lá e apita o jogo?

Carol: Não!

Maurício: Não? O que é que ela faz?

Carol: Ela... Ela Medi... Ela é... Mediadora e também ela... Ela é... Ela põe as coisa que os outro faz.

Maurício: E porque você pede para ser mediadora?

Carol: Porque eu gosto.

Maurício: E porque que cê acha que cê gosta. Que que: "ah... eu quero cê mediadora". O que que é isso daí?

Carol: Não sei também. (17).

Maurício: Não sabe, mas você gosta, você pede né? Legal... Bom. E... Fala pra mim: Você faz capoeira não faz?

Carol: Não.

Maurício: Não?

Carol: Eu não faço mais.

Maurício: Mas, já fez?

Carol: Ahã.

Maurício: Você gosta de correr, brincar? Você vê as meninas da sua rua correndo, brincando, pulando igual a você?

Participante sinalizou positivamente, com um aceno com a cabeça, que gosta de correr e brincar.

Maurício: Elas jogam futebol?

Carol: Ahã.

Maurício: Você acha que o *Fútbol Callejero* tem alguma diferença do futebol que você vê por aí? Por exemplo, o futebol que está acontecendo ali e o que você vê na TV, é igual ao *Callejero*?

Carol: Não.

Maurício: O que que você acha que tem de diferente?

Carol: As regras.

Maurício: As regras?

Carol: É.

Maurício: Como que é isso? Que as regras são diferentes?

Carol: A gente tem que falar as regras, nós... Eles não tem que falar as regras.

Maurício: Ah... No futebol normal eles não falam as regras?

Carol: não.

Maurício: Tá... Então tá. Olha, você acha que você ensinou ou que você aprendeu alguma coisa com o *Fútbol Callejero*?

Carol: É... Aprendi a jogar.

Maurício: Jogar o que?

Carol: Bola.

Maurício: Você não sabia jogar bola antes? Você aprendeu a jogar bola com o *Fútbol Callejero*?

Carol: É.

Maurício: E como que cê acha que foi isso. Porque que você acha que aprendeu no *Fútbol Callejero*?

Carol: **Maurício:** Tá... Então tá. Olha, você acha que você ensinou ou que você aprendeu alguma coisa com o *Fútbol Callejero*?

Carol: É... Aprendi a jogar.

Maurício: Jogar o que?

Carol: Bola.

Maurício: Você não sabia jogar bola antes? Você aprendeu a jogar bola com o *Fútbol Callejero*?

Carol: É.

Maurício: E como que cê acha que foi isso. Porque que você acha que aprendeu no *Fútbol Callejero*?

Carol: Porque... Em casa eu nunca joguei bola. Só os meninos, porque minha mãe falou assim que as menina não pode jogar bola. Aí eu vim no projeto e aprendi a jogar bola.

Maurício: Com o *Fútbol Callejero*?

Carol: É.

Maurício: Nossa! Na rua então você não podia?

Carol: Não.

Maurício: Porque no futebol, falaram pra você, quem foi que falou pra você?

Carol: Minha mãe.

Maurício: Que futebol não era pra menina.

Carol: É.

Maurício: E que que você pensa disso?

Carol: Eu penso que o futebol ele é dá-hora.

Maurício: Mas, e menina pode jogar.

Carol: Pode, mas só que minha mãe falou assim que não... Que menina não pode jogar. Ela falou.

Maurício: Vixi... E agora cê... Cê não contou pra ela que cê jogou aqui?

Carol: Já contei, mas só que foi quando, é... Eu tinha 6 anos.

Maurício: Que cê contou pra ela?

Carol: Não.

Maurício: Que ela falou que você não podia?

Carol: É.

Maurício: Ela não fala mais isso hoje?

Carol: Tisc... Tisc... [participante fez esse ruído e sinalizou negativamente com um aceno com a cabeça].

Maurício: Mas, cê já falou pra ela que você joga aqui?

Carol: Ahã.

Maurício: Ela não ficou brava?

Carol: Tisc... Tisc...

Maurício: Com o *Fútbol Callejero*?

Carol: É.

Maurício: Nossa! Na rua então você não podia?

Carol: Não.

Maurício: Porque no futebol, falaram pra você, quem foi que falou pra você?

Carol: Minha mãe.

Maurício: Que futebol não era pra menina.

Carol: É.

Maurício: E que que você pensa disso?

Carol: Eu penso que o futebol ele é dá-hora.

Maurício: Mas, e menina pode jogar.

Carol: Pode, mas só que minha mãe falou assim que não... Que menina não pode jogar. Ela falou.

Maurício: Vixi... E agora cê... Cê não contou pra ela que cê jogou aqui?

Carol: Já contei, mas só que foi quando, é... Eu tinha 6 anos.

Maurício: Que cê contou pra ela?

Carol: Não.

Maurício: Que ela falou que você não podia?

Carol: É.

Maurício: Ela não fala mais isso hoje?

Carol: Tisc... Tisc... [participante fez esse ruído e sinalizou negativamente com um aceno com a cabeça].

Maurício: Mas, cê já falou pra ela que você joga aqui?

Carol: Ahã.

Maurício: Ela não ficou brava?

Carol: Tisc... Tisc... (18).

Maurício: Não? E que que voc... É...

Carol: Tá chuviscando.

Maurício: Tá né? A gente já vai embora já... Ainda bem que a gente tá debaixo dessas arvores e não tá tendo raio né? A gente já vai embora já. Seu lanche tá aqui, porque a turminha também já tá guardando as coisinhas. Se você pudesse falar alguma coisa pra melhor no projeto, e no *Fútbol Callejero*, o que que cê diria, pra tornar ele melhor.

Carol: Pra... ponhá regra e... E combiná regras.

Maurício: Isso já acontece, não acontece?

Carol: Tá.

Maurício: E você acha que você já ensinou alguma coisa aqui no projeto pra gente?

Carol: Eu não sei?

Maurício: Não sabe?

Carol: Ah... O... Aquele lá que tem que correr a linha inteira.

Maurício: Eu não sei qual que é.

Carol: Ah... É Jo-quem-pô.

Maurício: Jo-quem-pô gigante?

Carol: É.

Maurício: Ah... Você ensinou aqui pra gente?

Carol: Ahã.

Maurício: Que legal... Ó Carol, você ensinou mais coisas pra gente tá? Você... Cê, quando vem você participa direitinho do projeto, faz as brincadeiras, você lê muito bem. Isso deixa a gente muito feliz tá?

Agradei a contribuição da participante e sinalizei que estaria esperando ela com a mãe dela para a Roda de conversa. Entreguei o lanche dela e ela de imediato se deslocou para o espaço onde estava a Van que iria levar toda turma que mora nos bairros mais afastados do Clube dos Metalúrgicos.

Diário – XV – Roda de Conversa**21/12/2017**

Participantes: Cauã; Esther, Marreco, Dino Digo; Ben; Jovico Caetano; Leão; David; Julha; Klevis; Nino; Dinho; Theus, Belisa; Carol.

Visitantes: Davi-Luiz; Hugo; Manoel;

Presentes: Educadores(as): Educadora Maria, Educadora Abayomi, Educador Téo, Fernando, Educador-investigador Maurício; Educador-investigador Luiz;.

Responsáveis/Familiares/Amigos(as): Pai do Cauã, Mãe do Dino e do Digo; Mãe do Ben; Prima do Ben; Primo do Ben; Mãe do Dinho; Pai do David; Amigos da Belisa (Hugo e Namorada; Isadora; Barbara); Mãe da Julha; Pai do Klevis; Mãe do Quero-Quero; Mãe do Leão.

Vivência: Roda de Conversa Final para avaliação dos dados preliminares.

Maurício: É... já vou antecipando sobre o ano que vem. A ideia pro ano que vem é mudar um pouco a proposta do projeto. Então, pra além de consulta aos pais, mães e responsáveis, a gente já oferta alguns conteúdos. Um é o *Fútbol Callejero* a Capoeira, existe a musicalização. A proposta para o ano que vem, a gente percebe que alguns adolescentes e jovens não frequentam o projeto. Então a ideia é: o que tornaria o projeto atrativo para essa turma, na faixa dos 13 anos em diante. Hoje o projeto ele é voltado, ele tem uma característica mais lúdica, tem mais brincadeiras. Parece que é isso que os adolescentes acabam não tendo um interesse grande. Então a ideia é a gente voltar com o que a gente tem chamando de "cursos", ou "oficinas" de Esportes. Por exemplo: A natação é um pedido muito grande aqui no bairro. Então a ideia é que venha, durante aí um período, eu tô só supondo né? Vai que natação seja o escolhido. Então durante 3 meses o adolescente, a crianças que fala ó "quero ir lá aprender natação", virar no clube, vai ter um momento inicial de confraternização, de integração, vai lá pra "oficina" pro "curso" que escolheu, pode ser musicalização, é ... Violão flauta. Faz lá um período de 2 horas do curso escolhido e volta pro momento final. Pra esta roda que é como ocorre no nosso dia-a-dia. E depois de um tempo vai ter uma nova oferta. Mas, as pessoas que se comprometeram a participar ou das lutas, à princípio a gente pensou em algumas, mas é claro que a gente quer ouvir vocês, taekwondo, judô... Ou, vai pra natação ou vai pra música. Então a ideia é basicamente essa. Mas a gente vai trazer esses conteúdos de acordo com o que vai ouvindo vocês: Adolescentes, pais, mães. Tudo bem?

Maurício: Chegou aqui o camarada novo né? É interessante, toda gente falou, mais ou menos seu nome, a cidade de onde... de que é natural, onde estar vivendo, e a função que tem no projeto. Seria interessante você se apresentar também, enquanto que eu acerto aqui.

Educador Da-lua: Eu sou o Educador Da-lua, eu sou coordenador do projeto, pela Universidade Federal de São Carlos, e coordeno também a parceria junto com o "Mais que Futebol" com a Associação Desportiva Educacional e Social dos Metalúrgicos aqui de São Carlos. Por isso inclusive que a gente usa aqui essas instalações do Clube dos Metalúrgicos. É... Eu sou nascido em São Paulo, mas moro aqui em São Carlos a 22 anos. Então já me considero a bastante tempo sancarlense. Eu gosto muito da cidade, do projeto, das pessoas, dos Educadores das Educadoras e dessa garotada aí, espetacular. Prazer a todos.

Maurício: A ideia é ouvir vocês um pouco, pais e mães, sobre: O que tem significado o projeto? Se vocês têm visto o que a gente chama de impacto né? "Ah... ele vai lá, participa do projeto, chega aqui e conversa com a gente, ou não". E aí, não existe certo ou errado. A gente quer saber, mais ou menos, o que tem significado as crianças e os adolescentes participarem do projeto? Então, não sei... Se alguém quisesse já argumentar alguma coisas. Porque que escolheu... [Fui interrompido pelo Educador Téó].

Educador Téó: Eu ia dar ideia Maurício, da gente ajeitar a roda.

Maurício: Abrir mais?

Educador Téó: É!

Maurício: Vamo... Vamo. Pra caber todo mundo?

Educador Téó: É, isso! Muitos que chegaram [som inaudível devido ao grande ruído das cadeiras sendo arrastadas].

Maurício: A roda estar bonita hein?

Educador Téó: Á grande!

Maurício: É... Só ficar atento e atenta na hora de assistir o vídeo né? Quem tiver muito muito de lado, ou atrás do pilar aí, não vai ver... É... Eu não sei se alguém, pode ser um adolescente ou um adulto, falar mais ou menos, há quanto tempo vem no projeto, ou a quanto tempo o filho vem no projeto. Pra gente ter uma ideia. E o que acha positivo, ou que acha negativo o que estar acontecendo. Quem poderia falar algo aí?

Mãe do Ben: O Sereno é novo né? No projeto, eu fiquei sabendo à pouco tempo, ao acaso, nas férias deles. Porque eu vim brincar aqui no parquinho e fiquei sabendo do projeto. Eu não sabia. Moro aqui perto, mas não sabia desse projeto. Ele veio acho que faz uns dois anos que começou, mas depois ele teve um problema de saúde, ele se afastou né? Tem um ano aí.

E agora estar retornando, mas eu achei que ele interage bastante. Ele tava criando dificuldade, mas desse jeito é bom pra ele libera um pouco mais né? Mas assim, ele chega em casa, ele fala o que teve aqui no clube, se ganhou, se perdeu, ele fala assim das brincadeiras. Eu acho muito bom!

Maurício: Legal.

Mãe do Ben: Então, ter mais coisas assim diferente vai ser ótimo. Eu acho que ele aproveitou assim... Ele sempre me fala, ele comenta que quer passar pros primos dele o que ele aprendeu, o que ele faz. É que ele teve que se ausentar porque ele teve um problema de saúde, mas agora ele vai voltar e eu falei pra ele deixar... [trecho inaudível].

Maurício: Legal. É, a senhora comentou um pouco, a senhora é a mãe do Sereno né? Como é mesmo o nome da senhora.

Mãe do Ben: Mãe do Ben.

Maurício: Mãe do Ben. O Ben... Quem lembra do Sereno aí turma? O Sereno venho por um tempo né? Vocês estão vendo a marquinha, ele fez uma cirurgia no cérebro.

Mãe do Ben: Uma retirada de tumor.

Maurício: Uma retirada de um tumor. E teve inclusive uma ocasião que ele tava volt... [interrompi minha fala e imediatamente a retomei]. Ele veio visitar a gente né?

Mãe do Ben: ele tava numa cadeira de roda. Foi quando ele fez cirurgia.

Maurício: Ele tava numa cadeirinha. A gente tava fazendo pásqua nesse dia. Então imagina a vontade de brincar que dar né? Muito bem... Mais alguém?

Houve um silêncio que durou uns 10 segundos, até que foi rompido pela Mãe da Belisa.

Mãe da Belisa: Os meus tá no projeto desde lá do Gonzaga [se referindo a ocasião em que o projeto era desenvolvido no Bairro Jardim Gonzaga].

Maurício: Sim.

Mãe da Belisa: Desde do Gonzaga que eles participa até hoje. O Dinhoficou um tempo também sem vim devido ao acidente que ele teve. No braço aqui, ele ficou um tempo sem vim. Depois ele voltou a frequentar de novo.

Maurício: Legal... e no seu caso né? Desde o Gonzaga... O que que significa... No caso a Belisa, esses dias eu me espantei né? Porque eu estive fora só seis meses. Quando eu voltei: Olha o tamanho da Belisa, do Matheus! Qual que? O que que você imagina assim? Ah... O que que significa o projeto?

Mãe da Belisa: Eu acho que empolga. Eu gosto do projeto daqui. De lá eu também gostava, né? Mas, depois que veio pra cá eu gostei também. Só assim, que eles reclamam bastante porque é só 2 dias, né? Então eles reclama que fica bastante sem atividade. Aí, eles brincam, tem... Pelo menos, tá aqui e não tá na rua, Né? E isso já é uma coisa boa. Tira um pouco as criança da rua. Então, pra mim nessa parte foi boa. E uma que eles aprende também a interagir com outras crianças.

Maurício: Legal... E porque é importante tirar da rua?

Mãe da Belisa: Na rua só tem coisa ruim!

Maurício: É? A rua mudou bastante né gente? O que é que o senhor tem a dizer sobre a infância do senhor? O senhor brincou na rua?

Pai do Cauã: eu brinquei.

Maurício: Brincou?

Pai do Cauã: E muito.

Maurício: Muito né?

Pai do Cauã: Assim. Fazenda Tamoio lá é... É sossegado né? Gostoso. Então, o projeto foi que nem ela falou. É interessante porque tira da rua. E aqui eles brincam né? Tem varrias atividades pra fazer. Eu acho que é legal aqui. E a convivência né? Com as crianças, conviver mais né? Melhor! É bom!

Maurício: E o senhor é pai do Cauã né?

Pai do Cauã: Do Cauã.

Maurício: O senhor já foi jogador de futebol também?

Pai do Cauã: É, quase né? Passou ali!

Maurício: [Risos] Flertou ali com o futebol.

Pai do Cauã: É.

Maurício: E como que é isso? Como que o Cauã chegou no projeto aqui? O senhor sabe dizer.

Pai do Cauã: Então, porque... Eu sou, devo dizer, trinta anos sócio daqui. E eu venho aqui, eu conheço todo mundo né? Sempre joguei aqui também. Joguei muita bola aqui nesse campo e tal. Aí, um dia eu tava... Faz quanto tempo Rô que você vem aqui? [perguntou para seu filho, Cauã], faz uns 2 anos?

Cauã: Eu não sei.

Pai do Cauã: Faz mais de 2 anos que ele vem né?

Maurício: Acho que já tem um tempo desse, mais ou menos sim viu?

Pai do Cauã: É quase, 2 anos. Aí eu falei: "Vamo lá né? Pra você"... Porque eles ficam lá na né? Na cabeça: "O pai eu quero isso, eu quero aquilo pra mim brincar". Eu falei assim: Vamo lá no projeto, tem brincadeiras, tal... E e legal. Aí eu mostrei, vai lá vê. Daí ele ficou... Á até hoje vino.

Maurício: Legal.

Pai do Cauã: É legal.

Maurício: E você vê. Cê acha que o Cauã pode ensinar alguma coisa aqui pra gente, ou ele chegou em casa falando alguma coisa que aprendeu aqui.

Pai do Cauã: Ah, ele fala que gosta muito das brincadeira né? Ele gosta de brincadeira né? E principalmente quando que é a piscina né? A piscina chama muito a atenção... A piscina, o futebol que tem aí, como que é? [se referindo ao *Fútbol Callejero*].

Maurício: Como que é Cauã?

Dinho: *Fútbol Callejero*.

Pai do Cauã: Futebol Guerreiro?

Cauã: *Fútbol Callejero*.

Pai do Cauã: *Fútbol Callejero*? Ele comenta muito também.

Maurício: Olha que legal!

Pai do Cauã: Também! Esse futebol, o esconde, o pic-esconde aí também... fala muito! Então... É a coisa que seja bom pra eles né? Interagir e ver, porque na minha época tinha tudo isso aí assim na minha rua né? Agora não dar pra deixar na rua né? Questiona as vezes viu? [Se referindo às inquietações de seu filho]: "'Porque o fulano estar na rua e eu não posso tá?'"

Maurício: Legal. Então, Belisa, por exemplo: Na experiência que eu tenho de conversar com vocês, pais e mães que dá pra vir aqui, e quando eu vou em alguns bairros é... Posso dar por exemplo: Quando eu fui no Cidade Aracy, ou aqui, no Jardim Acapulco, fui conversar com uma família que mora no Jardim Acapulco, é atrás da UPA [Unidade de Pronto Atendimento] aqui. Tinha uma criança brincando sozinha, dentro de casa. Sozinha assim, no chão. Tinha lá um tapetinho com as bonecas. Mas, quando eu fui lá no Gonzaga, eu fui de bicicleta, eu pedalo. Inclusive eu tomei uma chuvona esses dias, tinha um menino de 4 anos brincando na rua. E se engana quem acha que ele está sozinho lá. Porque os vizinhos, as vizinhas estão olhando. Então, porque que tem diferença né? De a rua de um lugar, e mesmo no Gonzaga: "Ó eu acho que a rua é perigosa", e em outros lugares que teoricamente teria menos criminalidade, menos problema de violência, as crianças estão trancadas dentro de casa né? Eu tenho um sobrinho, ele tem hoje 8 anos, e ele é filho único, prá ajudar. Então

ele fica só... Ou estar na casa dos meus pais, que são os avós dele, ou dentro da casa do meu irmão. Ele não brinca na rua, não teve uma infância, não está tendo - não precisa ter, mas me faz pensar: Não é como a minha, não é como a do senhor, não é como a da senhora. O que que tá acontecendo com a rua que a gente fala?: "Vamo tira da Rua". Será que é a rua só? A gente tem o problema do trânsito né? Que mudou.

Pai do Cauã: A rua de trás da minha, meia-meia, passa carro muito rápido.

Maurício: O carro correndo é uma. Que outros problemas pode ter na rua que não é interessante.

Nino: Maurício.

Maurício: Fala Nino.

Nino: É... Por causa da movimentação.

Maurício: Movimentação?

Nino: Dos carros.

Nino: Outra coisa, eu já fui atropelado.

Maurício: Você já foi atropelado! Então, esse é um perigo de brincar na rua né? Que mais? Acho que é muito parecido com o que o senhor comentou né? O trânsito, os carros.

Mãe do Ben: A violência também né? Cresceu muito esse negócio de rouba criança, de ruindade... Até o... Os vícios né? Que a gente também consegue vê hoje muito assim... Tá uma coisa assim aberta pra todos né? Infelizmente.

Maurício: Os vícios que você fala é o uso de drogas mesmo? De diferentes tipos?

Mãe do Ben: É... porquê hoje tá difícil né?

Maurício: E quando você fala de roubar crianças no sentido de sequestrar ou, de: "Ô, passa o seu celular" [ao proferir esta frase fez alusão à um ladrão abordando uma criança], ou as duas coisas?

Mãe do Ben: Também, porque você vê tanta coisa na televisão eu. Eu... Eu, assim, eu moro aqui perto, minha mãe mora num bairro mais pra cima, eu até ia a pé, voltava pra casa 10, 11 horas da noite a pé. Mas hoje eu já não consigo, eu tenho medo! É tantos assaltos, é... Muita coisa, eu tenho medo. Hoje eu já não confio à noite... [trecho inaudível] né?

Maurício: É, complicado... E o cavalheiro? Como é que foi a sua infância? Onde cê nasceu?

Padrasto da Belisa: Eu nasci na Bahia. Onde eu me nasci e que eu me criei, dava pra modo de nós brinca assim na rua, igual pra nós lá, era divertido, era divertimento pra nós. Lá não tinha negócio de violência, quando nós encontrava os amigo era pra nós brincar, não era pra nós, tá no rôbo, teno briga nem olhando negócio de droga, que não existia esse negócio de droga, hoje em dia se você vê seu filho, você não prestar atenção, você já fica já assustado,

assim, sobre negócio de droga tá, será o mundo? O crime hoje em dia tá confrontando mais do que, as coisas mais, nem sei como explica como é as coisa hoje em dia... Então eu acho assim, que nem ela estar falando, no... No andando de a pé... Eu acho que pra mim tá legal o projeto, prá eles num tá no meio das coisas que não é certo, pra de ter aqui. Que eu, quando fui criado no sítio do ...[trecho inaudível] violência... Então hoje em dia eu olho esse lado. Eu olho esse lado que tá, sendo hoje em dia. Então, eu acho que o projeto tá legal porque, mesmo não gostando de nada ele gosta de futebol, chega lá e fala quando ele ganha quando ele perde [trecho inaudível, pois houve muito barulho de cadeira sendo arrastada com a chegada de mais participantes para a roda de conversa].

Maurício: Legal, e como que é pra quem mora lá no Embaré? É um bairro um pouco mais afastado da região central né? Mas, e como que é lá? Como que as crianças brincam? Como que são as ruas do Embaré?

Mãe do Dino: Não é tranquilo também não.

Maurício: Não?

Mãe do Dino: Parece porque, como é, é via que vai pra outro bairro, inteirinho fechado, o pessoal entra constante: à tarde, no sábado à tarde, os carros, elas passam em qualquer rua né? Que tem a avenida principal, mas eles passam na praça. Eles cortam o bairro inteiro, passam super-rápido e já derrubou um poste na frente, quase na frente da minha casa. E ainda as crianças brinca às vezes, durante o dia a gente deixa brincar na rua. E Agora parô né? Tem que ser num dia de semana. E antes tinha brincadeira de noite... A gente nunca sabe, a moça tava bêbada, veio com o carro domingo meio-dia, esse horário não é hora da pessoa tá do jeito que tava, e bateu no poste o poste quase caiu em cima ainda da casa da vizinha lá. E fora isso tem outras coisas né? A droga hoje tá dominando. Não tem lugar, é lugar mais tranquilo, lugar, tipo assim, um bairro bom, ou um bairro mal falado. Qualquer lugar tem!

Maurício: Qualquer lugar tem droga?

Mãe do Dino: Qualquer lugar tem! Às vezes, vou dizer até nos condomínios que é um lugar né? Que seria mais...

Maurício: É!

Mãe do Dino: E também tem o caso da... Pedofilia, que cresceu muito também né? Por mais que a gente fale assim, tal pessoa é uma pessoa é de idade, é honesto ou isso, ou aquilo, a gente não sabe se é mesmo. E aí a gente fica com um medo disso né?

Maurício: Todo mundo sabe o que é pedofilia? Em especial a turminha? [Me referindo às crianças]...

Neste momento houve um breve silêncio. Entendi que, embora fosse possível que as crianças e adolescentes soubessem o que significava a ação de um pedófilo, intuí que não sabiam do que se tratava a expressão. Teci alguns comentários sobre a pedofilia.

Maurício: Então, vocês têm que tomar cuidado. Pedofilia é quando uma pessoa maior de idade, se envolve com uma pessoa menor de idade. Em especial aquelas abaixo de 16 anos. Tanto meninos, quanto meninas. Então, meninos se tiver uma namorada ou um namorado acima de 18 anos, tendo ele 15, 16, 14, 12 [o menino] como é o nosso caso, pode ser considerado pedofilia. As meninas também, as meninas costumam se relacionar com homens mais velhos. Em especial as meninas que moram em bairros periféricos. Vocês devem ter a sabedoria de que vocês não podem ser tocadas, menino, com ou sem consentimento, por um adulto nas suas partes íntimas, ou que você considere que não deve ser tocadas. Então, sempre comentar com a mãe, o pai, algum amigo ou amiga próximo. A gente sabe que os casos de pedofilia se dá, na maior, na maioria dos casos em um ambiente familiar. Então, não é um tio, uma madrastra, um padrasto, um irmão mais velho que tem gerações muito diferentes. Então muito cuidado, ouvir com atenção quando a criança tá falando, ou dando sinais de abuso.

No instante que finalizei minha fala acerca da pedofilia chegaram no espaço onde desenvolvíamos a roda de conversa as responsáveis pelos participantes Quero-Quero e Leão, junto da irmã mais nova de Leão. Vale ressaltar que Quero-Quero é tio de Leão, mesmo com a pouca diferença de idade (Quero-Quero 11 anos e Leão 7 anos). Situei aquelas mães sobre os diálogos que já havíamos feito sobre as diferenças entre os contextos de brincar na rua dos/as responsáveis, com o atual contexto da rua. Daí as camaradas puderam apresentar seus olhares.

Mãe do Leão: Era mais fechado!

Maurício: Sua mãe é a Mãe do Quero-Quero?

Mãe do Leão: É... As crianças brincando e nós ficava olhando do portão lá [Sinalizando que sua mãe não a deixava brincar na rua].

Maurício: Em que cidade que era?

Mãe do Leão: Daqui mesmo.

Maurício: Em que bairro?

Mãe do Leão: No Cruzeiro.

Maurício: No Cruzeiro do Sul?

Mãe do Leão: É.

Maurício: Perto da Chacrinha lá?

Mãe do Leão: É. Perto lá.

Maurício: Legal.

Mãe do Quero-Quero: Mas, eu deixava viu.

Maurício: É isso mesmo Mãe do Quero-Quero?

Mãe do Quero-Quero: A era né? Porque... Uma porque às vezes eu saia pra trabalhar também. Aí eu deixava né? Eles e... [foi interrompida pela sua filha, Mãe do Leão]

Mãe do Leão: Meu irmão mais velho... [foi interrompida pela sua mãe Mãe do Quero-Quero].

Mãe do Quero-Quero: Arrumava confusão, porque ia soltar pipa e eu não deixava. Mas, legal... É Porque era, é o tempo que os pais né? Quando elas era pequena, é o tempo em que os pais criou a gente. Aí cê acha que é daquele jeito, né? A forma! Aí cê, o próprio tempo faz você ver direito e... Hoje é diferente né? Que agora eu já tenho um, de 17 anos, solta pipa, que sai, se eu falar que não é pra saí pula a janela.

Maurício: 17 anos já, já fica difícil né?

Mãe do Quero-Quero: Tá difícil.

Maurício: Muito bem. E sempre vai ter... É difícil né? Mas, conviver com essa questão do conflito de gerações né? Quem está certo? Eu que sou pai? Eu que sou mãe? Ou o adolescente, e tudo os adolescentes são diferentes. Quando o meu filho fala olha... Você não deve sair de... [fiz uma breve interrupção para corrigir minha fala] Eu falo com meu filho, eu não tenho filho né? É um exemplo: Mas ó, cê não vai sair de casa! Mas, ele vê tudo os colegas saindo, e quando chega como é que faz? Mas, acho que a grande questão aí, e que o projeto vem trazendo, é a necessidade sempre de dialogar. Seja entre nós Educadores e crianças, ou as crianças com suas famílias. E aí o nosso colega falou aqui do *Fútbol Callejero*, então tem essa noção de aprender a dialogar a favor de seus direitos e interesses. Daqui a pouquinho eu vou mostrar um pouco o que que é esse *Fútbol Callejero* que a gente faz aqui... É o... É bem curtinho e breve. Esse é o foco de um estudo que eu estou fazendo aqui junto com as crianças e adolescentes... e ele não se... A função dele não é a minha pesquisa. Na verdade, eu é que estou aproveitando o contexto e junto com a turminha tô pesquisando. Mas, também tem aula de musicalização então, o que se aprende quando aprende musicalização? Será que é só tocar? Musicalização envolve disciplina,

compromisso, é... Expressão, criatividade. Isso tudo a gente usa no dia-a-dia para resolver um conflito. Como que eu posso resolver um... Um problema ora familiar, ora no trabalho, ora na escola de maneira a promover a solução desse conflito, ou a mediação dele né? Em vez de criar mais conflito ainda, acentuar, tornar mais grave? Então a gente tem aprendido, e é isso que a gente tenta também aprender aqui junto com as crianças, a importância do diálogo. Então, é o diálogo entre pais e filhos, mães e filhas, que pode trazer a gente num... Numa... num posicionamento melhor durante a situação de conflito, e não com mais briga. Hoje de manhã a gente falou isso né? Sobre o Diálogo, acho que a Isadora falou também sobre: "olha eu, eu escuto, fico na minha, porque as vezes você tá no momento de... De... De tensão ali, de emoção, cê estoura". Mas, eu queria ouvir um pouco da mãe da Julha também né? Como que foi sua infância, como que é a rua hoje a rua do seu tempo, onde foi que você viveu a sua infância.

Mãe da Julha: Bom... A, na infância, ah... A gente saia podia sair antigamente né? Com 6, 7 anos podia ir pra escola sozinha. Vim sozinha, não tinha problema nenhum. Não tinha esse negócio de droga, né? Essas coisa toda não tinha, né? E... Podia sair, brincar na rua, brincar de pega, brincar de vôlei, futebol. Todo tipo de brincadeira. De queima, brincava na rua, sem problema nenhum. Hoje em dia não pode né? Hoje em dia não pode deixar.

Maurício: Você já falou aí alguns problemas inclusive né? A droga.

Mãe da Julha: Sim, a droga...

Maurício: A violência.

Mãe da Julha: Violência. Mesmo cá... que a criança não vai lá e usa, tem quem vai até a criança e oferece. Ou cê vê mesmo lá no Gonzaga né? É... A gente tá andando, eles tão fumando, eles tão vendendo. Então tá assim: amostra!

Maurício: Sim... É, as coisas tão aí né?

Mãe da Julha: Tão aí.

Maurício: Tão aí... Então a ideia é a gente saber como conviver com isso e garantir uma vida melhor pra gente, pros nossos filhos e... Companheiros e companheiras.

Após a fala da mãe da Julha, consultei aos/as Educadores/as se eles/as também gostariam de comentar/ponderar algo. Diante da não manifestação dos/as camaradas, eu encaminhei o diálogo para o início da avaliação das ações do projeto. Para tanto, sinalizei a apresentação do vídeo e sugeri para que as crianças conversassem entre si e com seus/suas responsáveis, no sentido de explicar para seus pares o contexto das atividades que estavam retratadas nas imagens ministradas ali.

O vídeo, para além de uma canção instrumental (sem letra) possuía uma montagem de fotos, mescladas por pequenos vídeos de diferentes atividades/momentos vivenciados no projeto: brincadeiras, jogos de tabuleiros, rodas de conversa, passeio ao SESC, explicação de brincadeiras, atividades na piscina, ocasiões de recebimento de visita de Educadores/as externos/as, para citar algumas. Em alguns momentos eu explicava o que estava sendo apresentado. Em diferentes momentos as crianças apontavam para a tela, expressando surpresa com a imagem, ou com a própria presença na cena observada. Em algumas ocasiões eu também apresentava os nomes dos/as Educadores/as com vistas a refrescar a memória das crianças.

Com seu término da apresentação do vídeo houve uma salva-de-palmas. Aproveitei para explicar a dinâmica e intencionalidade da distribuição de “frutas da época” durante nossos lanches, destacando que devemos buscar privilegiar o consumo de frutas da época, uma vez que a produção fora do tempo "natural" implica em um manejo agressivo e, em muitos casos, inorgânico do solo.

Após essas ponderações, também sinalizei para que cada um/a pudesse se servir da mesa de alimentos que havíamos preparado para nossa roda de conversa. Voltei a atenção para as fotos/vídeo que havia acabado de apresentar. De modo que Mãe do Sereno (mãe do Ben) aproveitou para tirar suas dúvidas acerca da dinâmica dos passeios que realizamos.

Mãe do Ben: É, isso que eu quero entender. Vocês ficam aqui, vai para outros lugares? Assim, vocês vão, com o Sereno no SESC... Vocês vão pra outros lugares também, e quando vai tem a Van que leva? Que pega? Porque o Sereno eu trago mas não pego, né? Então eu queria saber mais assim.

Maurício: Sim, nós temos as atividades de passeio. Elas são pontuais. Então, não é sistemático. Já teve ocasião que a gente foi pra São Paulo é... No museu afro que tem lá. Isso, foi no museu “Tomie” [na ocasião me referi ao “museu afro Tomie Ohtake”]. Teve uma... Uma ocasião que teve, a outra foi cancelado de última hora. A gente já foi pro Parque Ecológico, pro próprio SESC, pra Universidade Federal de São Carlos.

Mãe do Ben: Mas, vai de van?

Maurício: Vai de van. O transporte é cedido por nós mesmo, o... O... A associação ADESM, que é aqui dos metalúrgicos, encaminha isso. E aí questão de lanche, não tem custo nenhum. Leva e traz!

Mãe do Ben: Aí o ponto é aqui né? Onde o pessoal fica esperando?

Maurício: Se encontra aqui. O ponto estratégico é o Clube dos metalúrgicos, embora passe também nos outros bairro e vai para os passeios. A ideia dos passeios, esse é um projeto educativo, então a gente sempre tenta ir aos lugares e se educar. Nessa ocasião do SESC quem pode falar uma coisa diferente que conheceu no SESC.

Manoel: A brincadeira daquele balão lá.

Maurício: Ah... Que mostrou aqui?

Manoel: É.

Maurício: Isso. O paraquedas né? Mas em termos de SESC, qual foi o espaço que vocês visitaram que vocês nunca tinham visitado antes, dentro do SESC.

Manoel: Academia.

Maurício: O Manoel foi na academia, por exemplo. Ninguém lembra?

Neste instante a participante Isadora levantou a mão e indicou a quadra. Já a participante Carol apontou o Parquinho. O Cisco disse ser a piscina.

Maurício: Você foi na piscina do SESC? Não...

Cisco: Conheci a piscina.

Maurício: Ele conheceu, é verdade. Todo mundo foi lá, observou. Porque não era um dia para nós usarmos né? A gente não estava nem com o traje de banho... Mas, me chamou atenção e uma das fotos mostrou, que a gente... Teve um show de uma grande artista popular. Ela chama Ceumar, e a gente foi nos bastidores do show, a preparação do show. Então tinha lá um Romeur, a gente foi até a mesa de iluminação. A mesa que ele... Ele programa o som, e o rapaz explicou com grande atenção como é que funciona. O show começava às 8 da noite e o pessoal estava lá des'da 7 da manhã preparando o espaço. Então veja que... Isso tudo possibilidades de aprendizado né? Parece que é só chegar num show que já estar tudo pronto. O rapaz falou de como foi a formação dele lá em Tatuí, pra ser um técnico de som. Então foi bem legal. Então os passeios não tão descontextualizados. A gente vai pra UFSCar com a ideia de que a criança o adolescente possa olhar e falar: "um dia pode ser que eu queira fazer faculdade, e eu sei que essa tá e que eu tenho direito de também tá aqui nessa que é pública, que é gratuita". E parece que pra nós, que moramos em bairros periféricos, mais afastados, parece que pra gente só tem opção da faculdade particular né? Quando na verdade não! A gente tem direito a pleitear essa vaga. Vai participar do processo seletivo, como outras pessoas, mas existe a reserva de vagas também! Que pra pessoa que sempre estudou em escola pública ele não vai competir com uma pessoa que estudou nos... Num colégio

particular. Então, tem assim, algumas universidades federais, é o caso da UFSCar, ser mais justa né? Enfim, essa é a história um pouco dos passeios. A gente quase foi para UFSCar, a gente... Pra fechar esse ano, além da UFSCar o SESC, e o SESC, de maneira muito gentil, falou "olha, vem cá... A gente prepara uma programação especial pra vocês". E assim ocorreu. Tem uma, ou duas semanas.

Após estes esclarecimentos acerca das intencionalidades do passeio, avistei o participante Nino com a mão levantada solicitando a fala. Pedi para que ele falasse:

Nino: É... Na UFSCar, eu e meu primo Marreco, fez um campeonato de xadrez.

Maurício: Na UFSCar? Olha... E aconteceu onde lá? Cês sabem?

Houve um breve instante de silêncio por parte de Nino e Marreco. Mas, após alguns segundos Nino indicou que o espaço se tratava da biblioteca. Aproveitei o ensejo para sinalizar que tal biblioteca era comunitária.

Maurício: A biblioteca da UFSCar é comunitária. Qualquer um que tá aqui pode levar seus documentos, comprovante de endereço, identidade e se associar aquela... Biblioteca e conseguir emprestar livros. Tem todo acervo de lá, é muito boa. Podia ser melhor, claro, mas é uma univers... É uma biblioteca muito boa, e é comunitária. Então, toda comunidade sancarlense pode fazer empréstimos dos livros que estão lá. Alguns são reservados só pra estudantes. Porque é muito específico né? Livro de engenharia, de medicina. Mas, tá lá indicado e tem alguns livros que a comunidade pode pegar sim.

Após fazer essa explanação, percebi que as pessoas não haviam ainda pegado nada para comer. Intuí que poderia ser vergonha ou timidez. Decidi então "quebrar o gelo" e para além de convidar as pessoas para se servirem dos alimentos/petiscos que estavam ali, fui lá e peguei um pedaço de bolo. Feito isso, toda gente, ao seu tempo e ao seu modo se levantou para pegar algo e experimentar. Suspendendo nossos diálogos por alguns minutos para que toda gente comesse à vontade. Para retornar, fiz uma breve explanação sobre meu olhar acerca da importância do brincar, da necessária relação de confiança e de acolhimento entre uns-com-outrem para que ocorra o brincar.

Diante de tal explanação, pedi para que os/as participantes, bem como os/as responsáveis indicassem aquilo que aprendeu e/ou ensinou durante a convivência no projeto. O participante Manoel foi o primeiro a falar.

Manoel: Eu aprendi aquele negócio da bike.

Maurício: Que negócio da bike.

Manoel: Pedalar na Rua.

Maurício: Ah... Olha só: O projeto, e a gente vai conversando e vocês vão conhecendo mais o projeto né? O projeto Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer, ele tem uma atividade que envolve o uso da bicicleta, de ensinar o uso da bicicleta. Não só na perspectiva de recreação, de lazer, de brincar. Mas, como meio de transporte. Então a gente orienta as crianças como que deve sê, e os adolescentes, pedalar no meio do trânsito. E a partir desse projeto, o Educador Da-lua há muitos anos vinha tentando, e hoje junto com a Educadora Maria, tá começando, pra quem já é adolescente, por exemplo: Matheus. Mateus, você estar com quantos anos?

Matheus: 15.

Maurício: 15, então pra quem já pode ter, ou como uma profissão, ou jovem aprendiz. Existe um empreendimento solidário que tenta fomentar isso. Chama... Pedal... Pedal... Pedal Solidário. Que seria o uso da bicicleta para fazer "cicloentregas". Fazer entrega usando a bicicleta. Para além disso, aprender a fazê a manutenção da bicicleta que também tem uma renda. A gente falou de como a rua mudou né? Mas, as pessoas que consertam bicicleta, consertam fogão, geladeira, máquina de lavar. São profissionais hoje, alguns sapateiros, muito valorizados porque as pessoas não sabem fazer isso mais. Porque quando dar um problema, Belisa [chamei a participante pelo nome com vistas a ter sua atenção, pois a ela estava conversando com Isadora], você vai e troca a bicicleta em vez de arrumar. Então os profissionais que sabem arrumar bicicleta, as bicicletarias disputam, claro que não à tapas né? É só uma expressão, mas "ah... O salário que eu vou pagar pra você aqui é bom pra você não sair daqui". Então, é uma chance também de ter um dinheiro extra aprendendo... aprender a consertar as bicicletas. Então, alguém falou sobre o... O Manoel, sobre o pedalar, tá tudo isso envolvido. Então, claro que com as crianças a gente ensina a como pedalar direito, adequadamente na rua, a fazer uma manutenção básica. Mas, com os adolescentes e jovens a gente quer alçar esse voo maior.

Ao comentar acerca da nossa a intencionalidade pedagógica do uso da bicicleta apresentei nossos cuidados com o uso de equipamentos individuais de segurança (luva, capacete, coletes), bem como a dinâmica/presença de mais de um Educador/a nas vivências ciclísticas, no qual um/a se posiciona à frente do grupo, e outro/a vai ao final "fechando a fila".

Segui com as provocações, na busca de mais falas que pudessem apontar para aprendizagens decorrentes da participação no projeto.

Isadora: Ah... Aprendi várias brincadeiras, sê mais paciente... Que mais? Conheci pessoas novas.

Maurício: Mais brincadeiras, paciência, conhecer pessoas novas. Pode falar um pouquinho mais alto.

Isadora: Tipo, conheci o Theus, a irmã dela [indicando a Carol], a Carol, o DinhoBolina, vocês, a [trecho inaudível]... E o Maurício só! [risos].

Maurício: O Maurício sou eu!

Isadora: O Pásgua [risos].

Maurício: Quem mais? [houve alguns segundos de silêncio]. Quem mais pode dizer algo que aprendeu aqui? [houve alguns segundos de silêncio]. Quero-Quero! Olha esse nome é diferente hein? Tem um nome no meio. Qual que é? É João...

Quero-Quero: Quero-Quero.

Maurício: Quero-Quero... Cê pode e consegue dizer algo que você aprendeu aqui com a gente?

Quero-Quero: A ser solidário.

Maurício: Cê aprendeu a sê solidário! E como foi isso? O que que é aprender a ser solidário?

Quero-Quero: Ajuda os outros que precisa... E se você tivé assim, num... Num jogo de futebol, quando alguém da outra equipe assim caí ou se machucar você ajudar ele... No futebol se ajudar.

Maurício: Legal, cê aprendeu isso como?

Quero-Quero: É... Jogando *Fútbol Callejero*.

Maurício: Você aprendeu isso jogando *Fútbol Callejero*?... Legal, aprendeu a ser solidário. Quem mais: aprendeu algo mais e queira falar. (1).

Houve um breve instante de silêncio que foi rompido com a fala do participante Manoel, dizendo que havia aprendido o jogo "Sardinha". Pedi para que ele explicasse para

as demais pessoas o que era o jogo "sardinha". Todavia, ao tentar explicar o participante falou que o jogo se tratava de uma queimada. Do meu ponto de vista, e até o momento de confecção deste diário, não consigo identificar se o participante se equivocou quanto ao "nome do jogo", ou se à forma de "desenvolver o jogo". De todo modo, o participante Nino pediu a palavra e procedeu à explicação sucinta do jogo dizendo: "Sardinha é o Pic-esconde-ao-contrário".

Maurício: Isso! E aí Manoel cê aprendeu aqui? É um pic-esconde ao contrário. Então, todo mundo sai pra procurar uma pessoa que se escondeu. É o contrário mesmo né?

Aproveitei o ensejo do pedido da palavra de Nino, que para apresentar sua concepção do jogo "Sardinha" pediu a palavra levantando o braço. Daí perguntei: "O Nino fez um gesto lá de levantar o braço... Porque levantar o braço?"

Maurício: O Nino fez um gesto lá de levantar o braço... Porque levantar o braço?

Nino: Pra poder falar!

Maurício: Pra poder falar? Mas, todo mundo pode falar, não pode?

Nino: Só que... Tipo assim, se pra pessoa poder, vai ficar todo mundo!

Maurício: Legal né? É um jeito organizado. Não significa "ó... Eu... Eu... Me deixa falar", na verdade olha: "eu tenho algo a falar e algum momento eu gostaria de falar". Então, no *Fútbol Callejero* a gente aprende isso também né? Então, a pessoa que quer propor uma regra, vou explicar daqui a pouco, levanta o braço e tem garantido que vai poder falar. E isso é muito importante, porque imagine lá no seu trabalho, na sua casa, na mesa... Quando tá todo mundo lá lanchando, todo mundo falando junto, ao mesmo tempo. Quem vai ouvir quem? Então, são algo... São algumas coisas que as brincadeiras podem nos ensinar. E aí o nosso colega João... Quero-Quero tem sinalizado aí: Aprendeu a solidariedade, e a gente pode sinalizar outras coisas.

Após estas ponderações também procurei provocar mais falas perguntando se mais alguém gostaria de apresentar aprendizados que aprendera ao longo do projeto. Sereno levantou o braço.

Ben: Guerra de Bexiga.

Maurício: Aprendeu guerra de bexiga aqui hein? Como que é o nome do jogo que envolve bexiga e água?

Nino: Bexigôlei.

Maurício: Um é o Bexigôlei: uma espécie de vôlei com bexiga.

Marreco: O Pásgua.

Maurício: O Pásgua envolve água, mais um canequinho né? Que mais?... Acho que envolve água e bexiga são esses né? Que a gente faria aqui.

Após elencar atividades que envolvessem o uso de bexiga e água, optei por mudar a problematização e perguntar o que os/as participantes ensinaram para as demais pessoas, ao longo de suas participações no projeto.

Maurício: É... Agora o desafio maior: Quem sabe dizer algo que ensinou aqui pra gente? É um desafio maior porque a gente pouco pensa nisso. Mas, pra surpresa de muita gente - não mais pra nós, porque a gente já tá bem atento - nós professores e professoras aprendemos muito com vocês. Mas, a gente quer saber se vocês tão ligados e ligadas que vocês tão ensinando? E o que vocês acham, ou sabem, que ensinou pra gente aqui? Quem pode dizer algo? O Nino já sinalizou alá.

Nino: É... O... Pega-Pega-Vampiro.

Maurício: O Nino ensinou o pega-pega-vampiro.

Nino: O Maurício não sabia.

Maurício: O Maurício?

Nino: É

Maurício: Eu?

Nino: Cê não sabia.

Maurício: Eu não sabia. Sim... Sim.

Manoel: Queimada-cemitério eu ensinei pra... Pro projeto.

Maurício: Queimada-cemitério o Manoel que ensinou a gente. E se a gente trabalha com brincadeira é muito importante aprender brincadeira. Cêis não sabem como faz diferença a gente aprender brincadeira nova. Já pensou se todo dia a gente chegar aqui e: "Ó... Hoje é pega-pega". Eu não sei a história de vocês, eu sou profissional de Educação Física. Então eu vou falar com tristeza. Pensou se todo o dia cêis vão pra aula de Educação Física e tem futebol que ruim vai ser?

Houve um murmurinho, logo ao fazer essa ponderação. De modo geral os/as participantes deram a entender que isso já ocorria com eles/as. E continuei.

Maurício: E não é isso mais ou menos que acontece em muitas escolas? Eu gosto muito de futebol. Quem já brincou comigo sabe que... Eu não sei se eu já falei hoje, eu sou campeão mundial de fazer drible de futebol cara. Sou muito bom de futebol [este comentário reflete uma brincadeira que eu faço muito com as crianças, na qual a graça consiste em se afirmar “campeão mundial” de qualquer coisa]. Mas, tudo tem um limite né? Se vim aqui no projeto, você vê ó: futebol, futebol. Vai na escola: futebol, futebol, futebol, futebol... Acho que a gente deixa de aprender coisas importantes né? E se desenvolver mais. Então, quando alguém nos ensina brincadeira. Nossa! A gente fica muito feliz! Porque é mais uma... Brincadeira deixa a gente muito feliz aqui. A gente tá aqui pra brincar. E aprender. Brincando a gente aprende... quem mais acha, ou sabe! Que ensinou algo pra gente e quer afirmar aqui: "ó... isso aqui eu ensinei?"

Houve um grande momento de silêncio. Neste instante chegaram Klevis e seu pai. Aproveitei para reforçar o agradecimento pelo esforço das pessoas participantes.

Maurício: Obrigado por ter vindo. A gente sabe dos esforço. Você veio de outro evento né?

Pai do Klevis: Vim de outro evento!

Maurício: É... Tem uma colega que chegou de Campinas direto aqui, isso mostra o compromisso de vocês com a gente e a gente fica muito lisonjeado. De saber que vocês vieram aqui, com chuva, a turminha que veio caminhando também... Eu fico muito feliz. Embora possa não parecer, eu estou bastante emocionado viu, obrigado.

Pai do Klevis: Não... Não... Não... A gente sente. Sente essa energia.

Maurício: É... eu vou mostrar então aqui um pouco, para que vocês conheçam algo que eu tenho interesse particular... Eu sou... Como eu comentei, eu sou professor aqui também. Tem uma equipe de professor e professoras, mas estou neste momento entrando pro último ano de um curso de doutorado, eu vou me formar doutor em Educação. E eu estudo uma prática que vocês fazem aqui que é o *Fútbol Callejero*. E eu acredito que o *Fútbol Callejero* promove, acredito! Tenho uma intuição, tenho intuição porque eu já li algumas coisas, já estudei e tô observando vocês. E que nos educa pra algo. E o que é esse algo? Então, eu vou mostrar pra vocês agora como que é esse caminho de pesquisa que eu fiz. O que tem

significado *Fútbol Callejero* no meu olhar. E eu não falo sozinho. Pra eu afirmar as coisas que estão aqui, vocês podem dizer: "Ah... é por aí" e mais, eu vou ficar mais feliz ainda: Falar as coisas que eu não vi. Coisas que vocês aprenderam, tá dentro de vocês, e que cêis podem por prá fora.

Antes de mostrar a apresentação de Slide, pensei ser interessante pedir para que as próprias crianças apresentassem suas compreensões sobre o que é, ou como é o *Fútbol Callejero*?

Maurício: Então, mais do que eu falar aqui, quem que pode falar como que é o *Fútbol Callejero*? Como que é? Se vocês fossem ensinar alguém, como que joga o *Fútbol Callejero*?

Nino: A gente se reúne pra... As regras. Depois, separa os times e depois que a gente vai pro jogo.

Maurício: Isso! Como que é essa história de falar regras? Fala aí?

Manoel: Tem que te respeito. Tem que tá nas regras.

Maurício: Lembrando o respeito também.

Manoel: Isso, fala é. Que se tem o respeito.

Maurício: Isso, tem que ter respeito também.

Manoel: Os pilar... Pilar, o pilar!

Maurício: Isso, um dos pilares é respeito.(2) Mas, vamo tentar explicar sobre os tempos. Quantos tempos tem no *Fútbol Callejero*?

Manoel: 3 tempos.

Maurício: 3 tempos. E aí vocês começaram a falar e eu gostaria de ouvir de vocês. O que faz no primeiro tempo?

Quero-Quero: Decide as regras!

Maurício: Quem falou? Decide as regras? E... Como que decide as regras? Como... Vocês podem dar um exemplo de regra?

Dino: Perguntar se todo mundo concorda com as regras.

Maurício: Primeiro que todo mundo que tá jogando tem que concordar com essa regra.

Manoel: Não pode dar chutão.

Maurício: Por exemplo, o Manoel estar dando um exemplo de regra. Se falar assim ó: "Não pode dar chutão". E... E as pessoas que tiverem, tiver acordo, naquele jogo não vai poder dar chutão. E se a gente mais adulto, mais maduro, parar pra pensar: Porque que dar chutão? Chute forte? Porque a gente quer muito fazer um gol. E, às vezes, fazer o gol, naquele tipo

de futebol, no futebol que a gente assiste na TV, espetacularizado, é mais importante do que cuidar da outra pessoa. Porque se você é a pessoa que toma uma bolada no rosto, na barriga, os mininu no bigulim! Pás mininas na região do peito aqui, é que vai doer. Então as vezes é mais importante eu fazer o gol, do que cuidar do camarada. Mas, o *Fútbol Callejero* ele permite que eu possa criar regras, uma... Por exemplo, é essa do chutão. A menina fala: "Ó, porque que não pode dar chutão? Ah, porque pode bater no meu colega que usa óculos". Então, mais importante do que eu fazer o gol é que não promova um momento de angústia, dor sofrimento, desconforto num colega. Então durante o primeiro tempo se estabelece as regras. O segundo tempo é o tempo de bola rolando. Onde acontece um jogo, estabelece... É um jogo de acordo com as regras que foram combinadas. E no terceiro tempo tem a mediação. Essa mediação é quando as pessoas veem quem ganhou o jogo. O Manoel foi muito sábio ali. O jogo tem três pilares. Que é: Respeito, Cooperação e Solidariedade.

Marreco: Tem que respeitar os outros né?

Maurício: Respeito, Cooperação e Solidariedade. Respeito é: respeito às regras que foram estabelecidas, e respeito às outras pessoas. Cooperação é saber se todo mundo de uma equipe tocou na bola, recebeu a bola, jogou, tá satisfeito por ter brincado. E solidariedade, pra mim [neste instante interrompi minha fala ao perceber que Nino levantou a mão, pedindo a fala, de maneira efusiva], que que é solidariedade Nino?

Nino: Ajudar o... O outro.

Maurício: O outro?

Nino: O próximo.

Maurício: O próximo? O outro do meu time também? E esse também é importante. Porque vocês pouco vão ver no futebol que passa na TV um atleta ajudando a pessoa do outro time. E ajudar a pessoa do outro time não significa dar a bola pra ele fazer o gol. Pessoal gosta muito de usar a palavra Fair Play né? "Ah... teve Fair Play. O cara caiu você espera, a menina que tava jogando caiu, espera". A gente não entende isso e nem quer chegar perto do Fair Play. A gente quer uma relação solidária com a pessoa do outro time. A capoeira ensina a gente que a outra pessoa não é um adversário. O outro na capoeira é um camarada. É o outro que vai fazer com que eu melhore meu jogo, minha luta. Então a gente no *Fútbol Callejero*, a pessoa da outra equipe não é só um adversário. Ele também pode ser meu camarada. Então a Solidariedade é o que eu posso fazer para a pessoa do outro time? O jogo não tem juiz. Inclusive no campeonato mundial. E meninos e meninas jogam juntos. Então é um jogo que, inclusive nos campeonatos, é um esporte misto. Então.

Realizei essa descrição, com a ajuda de alguns participantes, sobre a prática do *Fútbol Callejero*. Em seguida, voltei a atenção para a apresentação dos slides, nos quais apresentavam algumas imagens de cada um dos 3 tempos do *Fútbol Callejero*. Fui falando os nomes dos/as participantes, bem como dos/das Educadores/as para que eles/as se reconhecessem nas imagens.

Também aproveitei para apresentar para os/as responsáveis que nós, da equipe do VADL, confeccionávamos diários de campos após o encerramento de cada encontro. Cheguei a simular um exemplo do registro e explicitar que os dados apresentados nos slides eram baseados nestes registros.

Apresentei cada uma das pré-categorias e fiz a leitura de algumas unidades de significados que convergiram para a emergência de tais pré-categorias. Em cada uma eu fui explicitando a sua lógica, desvelando minhas percepções sobre os processos educativos.

Em seguida, apresentei o vídeo (contendo aproximadamente 2min.) contendo imagens do *Fútbol Callejero* realizado por nós. Lá continha imagens das crianças assinando o Termo de Assentimento e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; Imagens da apresentação do tema para os/as participantes; Imagens dos 1º, 2º e 3º tempo.

Tendo concluído a apresentação, comecei a perguntar para os/as participantes o que eles/as poderiam falar do *Fútbol Callejero*.

Maurício: Tendo ouvido isto, visto, o que que vocês. Então ó, o Cisco, a Carol... Carol o que que você pode falar sobre o *Fútbol Callejero*?

Carol: Muito legal.

Maurício: Você acha legal (3). O... Davi-Luiz, se você fosse falar do *Fútbol Callejero* pra alguém o que que vocêalaria? O que que...

Davi-Luiz: Ah... Eu ia falar que é um futebol diferente, que não é igual ao que você vê na televisão. Que você mesmo pode montar suas regras. Você... Não tem juiz, que é um jogo... [expressão inaudível]...

Maurício: Legal, e porque ele é diferente da televisão? Você falou algumas coisas.

Davi-Luiz: Porque ele diferente?

Maurício: É, porque que você considera ele diferente da televisão?

Davi-Luiz: Porque não tem juiz, todo mundo é... Solidário com os outros, todo mundo tem respeito. Eu acho legal. (4).

Maurício: Todo mundo tem respeito, legal! Quem mais pode falar algo sobre o *Fútbol Callejero*? E o Marreco? O Marreco jogou bastante *Fútbol Callejero*. Como que foi isso aí Marreco? O que que foi o *Fútbol Callejero* pra você?

Marreco: Experiência ótima... Pra mim. Foi todos jogando isso daí né? Deixa eu ver que mais. Tinha muito a galera que gostava, sabe? Porque respeitar um ao outro lá no meio do jogo, foi bom meu! Ser mais ser solidário também, ajudar o próximo. Eu gostei bastante disso! (5).

Maurício: Cê gostou bastante disso? Legal... A Esther, que é uma menina, como que é pra você jogar o *Fútbol Callejero*?

Esther: Assim, é mais ou menos a experiência que eu tenho de jogar futebol né? Eu achei muito legal assim, ninguém xinga o outro, não tem brigas, bastante briga assim, ninguém rouba né?

Maurício: Não tem trapanças?

Esther: Nas faltas assim!

Maurício: Ah tá!

Esther: Nessas coisas.

Maurício: E você... Você acha que tem diferença do *Fútbol Callejero*, do futebol que você vê na TV? Do futebol que você treina em outros lugares?

Esther: Tem diferença né? Ah... Acho que tipo, sei lá... Cê mesmo cria suas regras assim, fica mais divertido de jogar. (6).

Maurício: Ah... Legal. Se quiser falar mais pode falar mais também. Acho que a... A ideia é gente entender o que eu falei aqui e ver se tem mais coisas... Uma pessoa muito atenta: Klevis! Klevis, se alguém perguntasse pra você ó: "*O que que é o Fútbol Callejero?*", o que que cê diria?

Klevis: eu diria que é um futebol muito legal de se brincar. Que é muito... Que é muito legal brincar com os amigos e só. (7).

Maurício: E você saberia ensinar alguém a jogar *Fútbol Callejero*? Saberia dizer como que funciona? Como é que funciona o *Fútbol Callejero*?

Klevis: É formado por 3 tempos, que o primeiro é todo mundo que vai jogar decide as regras. Depois forma o time, depois vai jogar.

Maurício: Legal. E que que você acha do *Fútbol Callejero*?

Klevis: Hum?

Maurício: O que que você acha do *Fútbol Callejero*?

Klevis: Num sei.

Maurício: Não sabe? Você acha ruim? Ou acha bom?

Klevis: Bom.

Maurício: Porque bom?

Klevis: Eu não sei muito bem não.

Maurício: Você se sente bem?

O participante acenou positivamente com a cabeça. Diante de suas respostas, intuí que ele pudesse estar acanhado, ou envergonhado. Deste modo optei por não insistir mais com aquele participante e lancei a problematização para o Dinho.

Maurício: O Dinho brincou bastante de *Fútbol Callejero*. O que você poderia dizer do *Fútbol Callejero* Dinho?

Dinho: Foi legal.

Maurício: E porque você achou legal.

Dinho: Não sei.

Maurício: Você não sabe dizer o porquê? Mas cê... Achou legal. Muito bem. (8).

Tentei problematizar com os/as participantes sobre a ausência de um árbitro perguntando o que eles/as achavam sobre a ausência de um/a árbitro/a, mas ninguém comentou nada. Aproveitei para perguntar para as crianças que estavam mais quietas e que ainda não haviam feitos comentários se estes/as gostariam de comentar algo. Foram eles/as: Julha, Digo, David e Leão. Destes, somente Leão disse que achou "Legal". (9).

Em seguida, tentei identificar se houve alguma regra que eles acharam especial, ou que tivesse registrado em suas memórias como sendo uma regra legal ou diferente, ou até mesmo indesejável.

Maurício: Quem pode dizer uma regra que ficou marcada assim falou: "Ó... Essa regra foi bem diferente e a gente fez ela e foi...". O que vocês querem falar? Falar bem, ou falar que não foi legal. Fala Nino.

Nino: Podia dar chutão, mas tinha que avisar antes.

Maurício: Teve uma regra... Explica pra gente como é que foi isso?

Nino: Uma pessoa dei a ideia de que ia poder dar chutão. Só qui... Em vez di... É... a pessoa que não tiver atenta, meio que avisar a pessoa.

Maurício: Vô chutar! Tipo assim?

Nino: É.

Maurício: Avisar que vai dar o chutão. Legal né? No futebol cê quer pegar de surpresa o adversário, cê nem avisa né? Legal, diferente. Mais alguém quer destacar uma regra.

Houve um silêncio. Ninguém comentou mais nenhuma regra. Decidi então relembrar alguma que, do meu ponto de vista, foi exótica. Elenquei a regra do "Stop", ou "Estatua". Perguntei se alguém participou de algum jogo no qual tal regra tivesse sido desenvolvida. Os/as participantes ficaram quietos. Perguntei para Belisa e a participante disse não ter jogado com tal regra. Perguntei ao Davi-Luiz se ele conhecia e saberia explicar. De modo que ele me respondeu:

Davi-Luiz: Sim... Por exemplo: um time tá jogando normal. Aí uma pessoa fala "Stop", todos os adversários e a pessoa do próprio time para. Só el... Só a pessoa que tá com a bola pode fazer o que ela quiser com a bola, em torno de 10 segundos, por aí, você que corre no seu tempo, faz o que quiser, dar quantos toques quiser na bola.

Maurício: Legal... E aí essa regra teve, mesmo sendo nova, algumas variações. Por exemplo: Só quem pediu stop e o goleiro adversário pode se mexer. Mas, nesse jogo, como eu disse, às vezes você coloca que... Canetinha vale ponto. E se o adversário parou estátua assim. [Fiz uma demonstração de uma pessoa que ficou estátua, com as pernas abertas], você aproveita para ganhar vários pontos. Ou, batendo a bola na trave. Então esse jogo ele permite você criar um jogo novo. E cada jogo pode ser um jogo diferente, porque as regras permite isso. O Educador Téo uma vez deu uma regra que foi falado esses dias como a regra mais legal que ele já jogou. Falado pelo... Ro... Pelo... Por um colega. O David! O David falou assim: "Olha, o Educador Téo uma vez sugeriu, porque só pode sugerir quem vai jogar, e nessa ocasião, o Educador Téo mesmo sendo professor, ele sugeriu uma regra. E essa regra era que o goleiro poderia sair com a bola na mão da área, atravessar a quadra, mas ele tinha que sair dançando. E falando assim fica muito estranho: "Ah... Mas, isso aí não é futebol!". Mas, quando joga é diferente, e não interfere... O jogo não fica chato, nem estranho, fica diferente! E às vezes que a gente fez foi muito bem aceita e bem... Elogiada no final essas regras diferentes. Defesa do goleiro valendo ponto: Quando o goleiro defende vale um ponto igual um gol. Porque? Ah... No futebol normal geralmente a pessoa que é menos habilidosa vai pro gol: "Ah... Cê é meio pereba mêmô, vai pro gol!". E aí cê fica lá meio ahhh... Mas, você passa a ter uma importância pro seu time, porque se você agarra cê... É como se fizesse um gol. O Manoel quer falar uma regra? Alguma coisa?

Manoel: Trave... Vale ponto também.

Maurício: Isso, eu tô citando exemplos, e como que é essa das trave valer pontos o Manoel?

Manoel: Se chutar no travessão é 3 pontos...

Maurício: Se a bola bater no travessão pode valer 3 pontos. Essas regras a cada jogo eram combinadas, ou recombinadas. A gente tá falando exemplos de regras que já existiram, não significa que o jogo, todo jogo é assim. Então o processo de conversar, às vezes, na melhor... É... Na melhor intenção da palavra né: Convencer o outro a partir da palavra né? Convencer o outro, a partir da palavra: "Olha, mas se eu jogar assim o jogo vai ficar mais interessante porque o outro também vai tocar na bola". Esse processo de conversar pelas regras é o que a gente espera, quando ensina o *Fútbol Callejero*, que as pessoas façam fora do futebol: na escola, na casa, na comunidade, na política, e não de maneira agressiva ou violenta. Então a ideia do *Fútbol Callejero* é que esses aprendizado de cuidar do outro seja transferido para a realidade das pessoas fora do jogo. Isso que o argentino lá, o Fábian Ferraro, queria quando inventou o *Fútbol Callejero*. Eu espero que isso ajude... ajude as pessoas, no sentido de aprender a dialogar. E vocês podem agora aqui pra mim falar outras potências. "Ah... o *Fútbol Callejero* é bom pra isso". Alguém poderia dizer algo?... [houve um breve instante de silêncio, até que Nino levantou o braço pedindo a palavra]... Nino?

Nino: Esse Fútbol Callejero é... É... é bom pra... Pra aprender mais sobre a solidariedade.

Maurício: É bom pra aprender mais sobre a solidariedade! Legal, porque que você acha isso?

Nino: Porque... Pra... Poder ajudar as pessoas.

Maurício: E é importante? ou não é importante ajudar as pessoas?

Nino: É importante ajudar as pessoas!

Maurício: É importante. Legal! Eu vou anotar isso aí ó! (10) A gente tá registrando, mas... É importante pra aprender a solidariedade? Quem mais pode dizer algo aí... E pra mim é importante pra eu complementar, ou tirar o que estar no meu trabalho, por mais coisas. No sentido de que seja justas, verdadeiras, autênticas-verdadeiras. Fútbol Callejero é bom pra que? A Maraya. Porque o Fútbol Callejero é bom? Ou, não é bom? Eu não sei.

A participante Maraya não respondeu, apenas levantou os ombros e ligeiramente inclinou sua cabeça em direção ao seu ombro direito, como se dissesse "não sei". Direcionei a mesma pergunta para Manoel, que me respondeu.

Manoel: Eu sei, ele é bom!...

Maurício: Prá?

Manoel: Ah... Ele é par... Pra não ficar brigano, na... No jogo. As regra é boa.

Maurício: Ele é bom porque quando põe regras aju... [fui interrompido por Manoel].

Manoel: Não sai briga.

Maurício: Não sai briga? Legal! Então ele é bom pra não saí briga. Muito bom, muito bom.

Tô anotando aqui. (11).. Mais alguém?...

Educador Da-lua: É bom pra unir as pessoas. As pessoas hoje, inclusive, estão aqui ó. O dia estar chuvoso, com dificuldades pra vir, as pessoas vieram de outros compromissos, os pais as mães, inclusive. Tudo em torno gerado pelo *Fútbol Callejero* que se joga aqui. (12).

Maurício: Legal. É bom pra unir as pessoas. E nessa de união, eu tenho visto que... As escolas em alguns casos ensinam. Alguns casos é de casa. E eu não posso falar se é certo ou errado, mas tem lugar que tá ensinando que existe brincadeira de menina e brincadeira de menino. O *Fútbol Callejero* é uma brincadeira mista. Eu só posso dizer isso. E que quando menino e menina brincam juntos, num espaço que ensina respeitar o outro, a ser cooperativo, a ser solidário, eles entendem que ambos tem direitos iguais... E a solidariedade, faz mais do que isso: Mais do que igual, porque se a gente estar num lugar, hein Belisa [procurei ter a atenção da participante Belisa, que cochichava algo com Isadora, e ambas não estavam atentas ao que eu estava dizendo] que historicamente, ou seja, desde os tempo passado as mulheres tem menos oportunidades, quando eu posso mudar a regra do jogo, eu posso tornar isso, a gente fala "equitativo", ou seja, oportunizar que as meninas, no caso futebol, ou os meninos que não são habilidosos, possam jogar de maneira mais igualitária. Então o *Fútbol Callejero* pode ensinar a isso, é... A tornar a relação mais justa entre meninos e meninas, e futuramente, entre homens e mulheres. Mas isso só pode né? É sempre uma potência. Eu acho que vai ao encontro com isso que o professor estar falando né? Unir as pessoas também. I e... Eu tô colocando em destaque unir, colocar para conviver homens e mulheres num ambiente mais... Mais justo. (13)Que mais turma?

Padrasto da Belisa: Eu acharia legal mesmo isso que você falô aí, porque aí não fica aquele... como é que se diz? É... Como se fosse, vamos supor: ter a parte do homem e a parte da mulé... Sê... Sê tudo inguais, eu acho assim. Sê tudo inguais. Tanto o homem como a mulher. Tá ali envolvido no meio, cada qual ter... Ter o respeito sobre si, não é? Legal isso aí.

Maurício: Legal. É por aí mesmo. O *Fútbol Callejero*... [Padrasto da Belisa continuou sua fala].

Padrasto da Belisa: E... Quando vocês forem praticar esse jogo, eu gostaria de... Eu não sei como é esse jogo, eu pelo menos dar uma assistida nele pra mim entender mais um pouco desse jogo. Eu quero entender esse jogo. (14)

Maurício: Legal... Eu posso explicar melhor e, inclusive, soltar um vídeo aqui... [breve instante de silêncio e Manoel levantou o braço solicitando espaço de fala].

Manoel: Ajudar as outras pessoas.

Maurício: Ajudar as outras pessoas?

Manoel: É.

Maurício: Como?

Manoel: Respeitar.

Maurício: Respeitar?

Manoel: É.

Maurício: Como que é isso?

Manoel: Nu... Nu... Num xingar... num fa... Num... Assim, num... Eu não sei como falar... Pra. ficar assim... tudo amigo. Por exemplo pra continuar aqui no projeto.

Maurício: Mas, falou muito bem. Muito bem. Você acha que o *Fútbol Callejero* é bom pra isso.

Manoel: É. (15).

Maurício: Bem... É claro que a gente espera ouvi... [Educador Téo acenou com o braço pedindo espaço para falar].

Educador Téo: Eu acho que muito legal, é... Porque a partir dessa brincadeira... É... Você trouxe a parte... Sobre... Incorporar né? A... A proposta. E o legal que dessa... Essa... Esse jogo, que a gente tá falando aqui agora, ele acaba sendo a referência pra muito... Pra... Pra praticamente as demais brincadeiras né? Quando a gente senta antes pra... Pra conversar sobre a brincadeira que vai... Que vai realizar, a gente vai pensar, parece, a partir do *Fútbol Callejero*. quando a gente começamo a falar do respeito, solidariedade, a cooperação é... Ele acaba, sendo uma... Uma referência. Essa... Esses pilares que ali estão né? No jogo, acabam sendo referências também para as demais brincadeiras. É... Por isso que eu acho muito valorosa essa... Esse diálogo sobre essa... Esse... Essa dinâmica, esse jogo aí. Porque acaba tendo muito uma frente do... Daqui do projeto. Então entendendo um pouco o jogo, *Fútbol Callejero*, a gente consegue entende até mesmo as demais as brincadeiras aqui, a maneira que conduzimos as demais brincadeiras. Então... É uma reflexão aí sobre a importância da gente tá falando disso. E que legal! (16).

Do ponto de vista da pesquisa acerca dos processos educativos decorrentes da prática do *Fútbol Callejero* compreendi ter esgotado, na ocasião, as discussões. Será preciso analisar os diálogos empreendidos neste encontro e compreender a necessidade, ou não, de novos diálogos.

Aproveitei a ocasião da presença de um número significativo de responsáveis para fazer um levantamento inicial dos temas geradores. Dei alguns exemplos de temas que foram levantados em momentos anteriores, tais como: Respeito, Autoestima, Educação. Para além de citar alguns temas trabalhados anteriormente, eu também apresentei, sucintamente, a dinâmica de desenvolvimento através dos jogos, brincadeiras e Rodas de Conversa. Pedi-lhes então, que sinalizassem seus interesses.

Maurício: Se vocês falarem que o tema é Saúde. Os professores vão quebrar a cabeça pra ensinar saúde jogando vôlei, jogando queimada. Esse é o nosso papel. Eu dei alguns exemplos, não precisa ser esse. Às vezes cêis podem falar outros, eu não quero falar aqui pra não influenciar. Eu quero saber genuinamente assim ó: O que que os pais, mães adolescentes, jovens que estão aqui acham importante que essa menina aprenda. Pensando no bairro onde mora, nos outro, nas crianças que estão no entorno, tudo bem? ...[O participante Nino estava com uma mão levantada solicitando a fala]... Nino?

Nino: Ensinar assim, pra não ficar xingando um ao outro pra não ter briga.

Maurício: Então o Nino disse, Julha, pra ensinar aqui, não ficar xingando um ao outro...

Nino: Pra não ter briga

Maurício: Pra não ter briga. Prá não xingar! Ensinar!...[Marreco levantou o braço]... Marreco, quer falar alguma coisa?

Marreco: Algo? Ah respeito e... Convivência com todo mundo né? Já que todo mundo tá brincando junto né? Tem que respeitar um ao outro.

Maurício: Isso cêis tão falando pensando já... Na realidade de vocês, na galera do bairro. Então... Seria importante ensinar no projeto, nas palavras do Marreco: "Convivência, respeito um com outro. Isso?

O participante Marreco acenou positivamente com a cabeça. Segui com a investigação temática, e foi a vez do Manoel apresentar sua sugestão de tema.

Manoel: É pra... Pra ensinar que como anda de bike.

Maurício: Ensinar como andar de bike!

Manoel: É.

Maurício: Muito bem. Os pais e mães eu... Acho que também a gente quer ouvir. Vocês acharem, pensando na realidade de vocês, do bairro, nos vizinhos, no próprio filho né? No sobrinho, o que seria aqui a criançada aprender?

Depois de ter feito essa provocação direcionei minha pergunta para o Pai do Klevis, pai do Klevis.

Maurício: Você gostaria de falar algo?

Pai do Klevis: Eu?

Maurício: O que seria importante, não só no Klevis, mas pra meninada que convive com o Klevis, que vem aqui, ou... O que seria importante? Vir aqui e aprender o que? Pensando na realidade lá, de você.

Pai do Klevis: O que seria... O que seria importante... desculpa...

Maurício: Que nós ensinássemos aqui, que ajudaria vocês, enquanto pais, e a própria criança enquanto: que vai se desenvolver de uma melhor forma.

Pai do Klevis: Cara, eu acho que qualquer tipo de esporte. Qualquer tipo de esporte ajuda na... Na educação da pessoa. Porque ela aprende seus limites, ela aprende... A sua potência, ela aprende principalmente a ter disciplina prá é... Quando chegar na vida adulta ela ver que lá pra trás que... Que... Que eu aprendi lá no projeto: Aprendi com o Educador Téo, aprendi com o... [Olhou para mim - Maurício]...

Maurício: Maurício!

Pai do Klevis: O Gor... [disse isso sorrindo]...

Maurício: Maurício!

Pai do Klevis: É, o Maurício. Entendeu? Por que tem coisa por exemplo: Até hoje... é, quando eu perco alguma coisa, eu me lembro que foi o professor que me ensinou: "Pô Sérgio, nem sempre dá". Até hoje eu... Qué dizer, ou seja, aprendi e a lhe dar com as minhas frustrações. Mas, esporte, ensina a gente a ganhar, né? Mas, eu acred... Eu Pai do Klevis aprendi muito mais cum... Cum as... As perdas que eu tive no esporte. Mas, eu aprendi a minha força e também aprendi a... O... O... O meu limite. Quer dizer, por isso então em qualquer esporte que: Corrida! Taco!!

Maurício: E de maneira geral, pensando em ensinar disciplina aprender a lidar com as frustrações? Nesse sentido?

Pai do Klevis: Isso! Isso, o esforço, garra!

Maurício: Perseverança.

Pai do Klevis: A ter raça, perseverança né? Tudo o que você faz um pouco: Por que eu quero ganhar! Não, ganhar é uma, se ganhar bem, mas eu fui... fui, eu dei... dei meu máximo que podia.

Maurício: Legal.

Pai do Klevis: Entendeu?

Maurício: Mais alguém quer sugerir algo? É importante ouvir. A mamãe do Ben? O que que você acha, não só pensando no Ben, mas na turminha da idade dele? Que mora ali próximo? Pensando no bairro?

Mãe do Ben: Natação eu acho interessante né?

Maurício: Você acha que Natação. Porque?

Mãe do Ben: Porque, que nem eles assim, na idade deles, por exemplo: Pular na piscina, fica prá lá e prá cá. Então é bom saber nadar certo. Por segurança mesmo.

Maurício: Ah...

Mãe do Ben: Então, ficar por conta de aprender fazer, à respirar pra entrar, porque se ela não sabe engole muita água né? Mas esporte em si é muito bom né? Porque tá sempre mostrando a... A ter educação, disciplina mesmo né? Como... né? ele falou. E até importante mesmo essas brincadeiras que vocês fazem aqui, cada brincadeira tem um sentido, pra eles poderem entender o porquê daquelas brincadeira, e que realmente é bom voltar como era a infância da gente né? Porque, hoje em dia eles só ficam no tal do tablet, celulares e tecnologias, enfim né? Não tem mais isso, não tem mais aquelas brincadeiras saudáveis que a gente fazia na nossa época. Hoje o negócio deles é video-game, é tablet, é... Então, aqui, eles resgatam um pouco que não fica só no video-game né? É coisas saudáveis né?

Maurício: Legal... A Mãe da Belisa veio aí também. Mãe da Belisa, o que você acha importante pensando na sua garotada... No Cisco que tá chegando aí junto, na família. Família tá ficando maior e mais bonita viu? O que que você acha e o... Eu esqueci seu nome ...[pergunta direcionada ao padrasto da Belisa]... falaram "Padrasto da Belisa".

Belisa: Padrasto da Belisa!

Maurício: Padrasto da Belisa! Então, a Mãe da Belisa, o que que a Mãe da Belisa e o Padrasto da Belisa acredita que seja importante que nós ensinar... Nós... Da gente ensinar pras crianças aqui?

Padrasto da Belisa: Pra mim o... Eu acho importante, porque pelo menos assim, brincano abre mais a mente deles. A... Amanhã, depois eles saber o... as coisas que as pessoa, o

professores que ensinô a eles, e eles chegava pá Eu, sou o pai dele, eles chegar e dizer assim: "Ó pai, quem me ensinou isso foi o meu professô, tal fulano e ciclano". Entendeu?

Maurício: Legal. E vocês tem... aconteceu isso alguma vez, nesse período que as crianças tava no projeto, delas chegarem lá e falar: "Ó, aconteceu isso, isso e isso"... "A... O professor falou tal coisa, a professora". Ou por enquanto não?

Mãe da Belisa: Não... Até agora não!

Maurício: Tá.

Padrasto da Belisa: Até agora não, graças a Deus! Até qui... Tudo na paz!

Mãe da Belisa: O mais turrão em casa é esse aqui ó [disse isso e apontou seu olhar para o Dinho].

Maurício: É o Dinho.

Mãe da Belisa: Qualquer coisinha ele fica bravo, ele já não quer vim mais. "Ele fala eu num vou mais". Aí depois quando é piscina ele quer vir. Esse aqui [Outra vez apontou para o Dinho].

Maurício: E aí pensando no que seria bom ensinar aqui, o que é que você sugere? Como um tema?

Mãe da Belisa: Eu... O que tá tendo... Tá tendo já pra eles pra eles eu acho bom. Que nem a piscina ela eu acho bom porquê? Nem todas as crianças elas têm a oportunidade de ir num piscina, que nem essa. Então, eles vindo aqui é uma oportunidade pra eles. Pra eles aprender a nadar. Aprender a se comportar dentro de uma piscina, né? Então eu acho importante isso. E as outras brincadeiras também. Porquê eu brinquei muito quando eu era criança. E hoje eu veja as criançadas né? De 12, 15 anos, as brincadeira não é mais que nem antigamente. Cê começa a brincar já leva pra briga, já vai pra ignorância, sabe? Então não é mais que nem antigamente. Então, aqui não. Aqui ensina já isso. Porque, pelo menos lá na onde eu moro é assim. Cê começa a brincar ali, tá aquela turminha brincano. Dali a pouco já sai um rolinho, já está todo mundo brigano. Então, é... É bom pra eles aprender isso aqui. Que tem que brincar, não transformar isso numa briga depois.

Maurício: Legal... Alguém, da galera jovem? O Marreco já falou. Manoel queria falar.

Manoel: É par... pra ensinar aqui jog... Ping-pong né? Nói nunca jogô.

Maurício: Óia... Ping-Pong? Cê sabe que tem uma mesa parada aqui e a gente nunca jogô mesmo né? É até nova a mesa. Você já tinha visto a mesa Abayomi? Chegou depois da Abayomi essa mesa... Vocês, pais e mães, não falaram né? Mas como Educador eu tenho algumas preocupações, e eu faço parte dessa comunidade aqui. A gente já discutiu no projeto

questões étnico-raciais, porque a gente percebeu que tinha muita situação de preconceito.

Marreco: *Bullying* [participante me lembrando de um tema já dialogado no projeto].

Maurício: *Bullying* nós já discutimos. Então vocês falaram: práticas esportivas. Mas, o projeto tem um pedagogo, tem cientista social, tem professor de arte-educação, tem profissional de Educação Física, é... Claro que eu trabalho aqui eu vou... Vou aprender com os erros, mas eu tendo a falar bem do projeto. A gente tem uma equipe muito boa. É... Nesse sentido, pra além destas práticas corporais - esporte, tênis de mesa, natação, bicicleta - existe algum tema que preocupa vocês enquanto pais, que vocês gostariam que nós falássemos, ou ajudaria a vocês a falar? Por exemplo: sobre sexualidade, sobre... E sexualidade é o que você faz com... O seu sexo, não é questão de gênero. Não é pra falar: "homem faz papel de homem e mulher..." Não, sexualidade. Seria gravidez precoce? Seria questão étnico-racial? A gente já falou de *bullying* aqui já. E tem ensinado as crianças nesse sentido. Então, são temas mais agudos, mais polêmicos. Mas, que alguém precisa conversar com os adolescentes, em especial. Por isso que o projeto é de 7 à 17. A gente alguns temas não consegue falar pra uma criança de 4, 6. Mas, com 12, 10 anos já é possível, de maneira sensível, mostrando o que ocorre a partir das suas escolhas, enquanto adolescente-criança. O que a gente quer ensinar é que as crianças façam boas escolhas para que elas vivam bem agora, e sejam adultos e adultas é melhores também, no futuro. E não é só pensar no futuro não: no agora dessas crianças. Pensando nisso tem algum tema que vocês gostariam que a gente conversasse com seus filhos e filhas. Vocês falaram muito dos problemas que tem nas ruas lá onde vocês moram né? Velocidade dos carros; O Pai do Klevis não tava aqui ainda, mas surgiu medo de rapto/sequestro de criança, rãba criança mesmo; medo do assédio das drogas. São temas que vocês não falaram, mas que se vocês tiverem acordo a gente também pode trabalhar aqui... [Após alguns segundos de silêncio o participante Manoel levantou o braço requisitando a fala]... Manoel?

Manoel: Evitar briga também!

Maurício: Como?

Manoel: Vitá briga.

Educador Da-lua: Evitar briga.

Maurício: Evitar briga... Muito bom. Vai junto com "Respeito" ali né?

Pai do Klevis: Olha, eu... Eu acho que o... Que o... Eu tô vendo... Mais ou menos aqui a, as crianças... Aqui é criança né?

Maurício: Sim.

Pai do Klevis: A maioria é criança e tal... Eu acho que o *bullying* é... Um tema muito... Muito forte hoje em dia. Você falou do seu apelido né? E eu fui lá pra trás... Lá... Lá pra... Não sou tão velho assim pô!

Neste momento muita gente presente riu e Pai do Klevis continuou:

Pai do Klevis: as assim, é que tinha pô, nós tinha um colega meu que o apelido dele era "Munrá"...

Maurício: Thundercats

Pai do Klevis: Cê vai vê se como era o "Munrá". Eu fiquei perguntando: "Como é que tá o 'Munrá' hoje né Manoel. Sei que tá do mesmo jeito cara: continua feio.

Outra vez muita gente riu e Pai do Klevis, ainda sorrindo, pediu desculpa. Expliquei para a turma que "Munrá" se tratava de um personagem de desenho animado da série "Thundercats". Também expliquei que tal personagem se tratava de uma múmia. O que endossava o tom jocoso de Pai do Klevis.

Pai do Klevis: Então se imagina como que ele... Como é que era o... Tipo do... Mas, assim, não tinha... Não tinha a inten... Eu também tinha apelido.

Maurício: Sim.

Pai do Klevis: Todo mundo tinha apelido, né? Mas hoje em dia eu per... Percebo nitidamente que a coisa... Que a coisa mudou, né? Você chama "Maurício", de "gordo" e o gordo fica chateado. Né? Você chama o preto de preto e: "o negão ce tá chateado porque você é preto, café, pelé, piche", né? O, eu tô brincando com você, daí eu vô la na escola o professor me chama de piche: aí você também xinga, também fala. Quer dizer, mas eu vejo num... A... Que os tempos mudaram né? Então, não dá pra educar uma criança hoje como eu fui educado na década de 80. É... É... Então, não tão, por mais que eu vou lá pra trás, eu tenho que vim pro século 21 né? Então eu acho que o *Bullying* é um coisa que tem que sê... Conversada... É... Pra criança não senti... Se viu, todo mundo ficou sabendo daquela criança que... Que chegou da escola e deu um tiro? E era uma escola de classe média. Escola privada, não era uma escola pública, na periferia. O que esse rapaz ouvia para ele chegar um dia, chegar lá e... E começar a dar tiro a esmo? Dar tiro a esmo não! Ele deu tiro nas pessoas que ele não gostava, né?

Maurício: Ele nem mirô?

Pai do Klevis: É... Porque que tava... Ficou com essa raiva toda né? Então, acho que as vezes tem... Acho que seria um tema assim pra... pra...

Maurício: *Bullying*.

Pai do Klevis: É... o *Bullying*.

Maurício: Legal... E olha que o *Bullying*, o nosso colega falou ali né? O Manoel falou sobre respeito, então são temas, ditos com outras palavras, claro que *bullying* é um... Modo específico de violência, não só desrespeito: uma violência! Mas, que tem relação né? Então, quando a gente para pra conversar com as crianças e é interessante... Começar a fazer essa... Essa col... Esse crochê. Porque as coisas não estão separadas, uma coisa tão...[fiz um gesto de entrelaçar os dedos das mãos, como se quisesse representar uma relação]... E aí se você é uma pessoa respeitosa, pra você ser solidário é um pulinho só. Envolve esforço, mas viver numa comunidade onde tem pessoas gentis, que se ajudam, são solidárias é diferente de viver nas suas ilhas.

Pai do Klevis: Ó, eu vou falar uma coisa pra você à nível pessoal. Eu tinha... Eu tinha... Tinha problema... Tinha um problema com a... Ca... Ca minha urina. Eu era quarta, quarta ou terceira... Quinta!

Maurício: Sua orelha?

Pai do Klevis: Não, urina!

Maurício: Ah, urina!

Pai do Klevis: Urina. Aí eu lembro um dia que eu: "pssora, pssora preciso ir no banheiro!" - "Agora não"... Aí eu voltava... Voltava, ficava... [fiz um gesto de estender seus braços com as mãos espalmadas da direção da barriga até as coxas, como se representasse a urina escorrendo pelas pernas]...

Maurício: Ia na calça!

Pai do Klevis: I a minha calça! Ah, aquilo pra classe era... Até que a minha mãe, isso foi uma meia-dúzia de vezes, mais de meia-dúzia, porque qualquer coisa: "Ó, já tô pedindo!"... [risos]

Maurício: Aí a professora se ligou, com o tempo. Demorou!

Pai do Klevis: Demorô! Demorô, mas assim...

Maurício: Foi o suficiente pra turminha pegar o... Pegar no pé.

Pai do Klevis: Pega o... O apelido lá, mas assim, passou né? Qué dizer. Pegava que pegava... Nossa!

Maurício: Olha, no projeto a gente tem mais de uma criança que tem uma dicção diferente, que fala, ou tem a língua presa. E, pra nós adultos, mais esclarecidos, maduros, tudo bem! Mas, pra outra criança isso gera um apelido i...

Pai do Klevis: Não, eu já pensei num apelido aqui, de cor [no sentido da expressão “de cor e salteado”]! Só de você falar assim eu já pensei num apelido. Eu ia falar, é isso aí... [Risos]...

Maurício: Então, faz muito sentido o que você está trazendo como um tema, é muito importante refleti, a gente vai conversar com mais mães, mais pais, que virão fazê as matrículas, mas daqui já sai algumas coisas que enquanto a gente não coleta todos, a gente já começa trabalhando com esses temas. Então, muito importante. Obrigado Pai do Klevis... [Manoel estava com o braço levantado, pedindo a fala].

Manoel: As... As pessoas que já tem *bullying* não pode fazê mais com as pessoa.

Maurício: Não é... Não é... Não é bom né? *Bullying* traz muito sofrimento. Tem um de nossos jornaizinhos, desculpem né? A gente produz a cada 2 meses um jornalzinho. Então, se vocês tiverem na casa de vocês, um deles fala sobre *bullying*. Um dos jornalzinho já fala de *bullying*. E os temas são eleitos pelas crianças. Então tá lá destacado. Eu acho que o nosso encontro aqui tá caminhando para o final. Então eu vou deixar mais aberto pra que vocês falem. Até porque já tá, é perceptível que a gente vai cansando também né? Mai o corpo... O corpo é feito pra se mexê né? A gente tá aqui sentadinho já há um tempo. Acho que já... Cêis quiserem falar, principalmente a turminha mais nova, eu gosto muito de ouvir vocês e sigo aprendendo com tudo isso... Os professores e professoras também... O que que vocês gostariam de dizer aí? Sobre ter vindo aqui hoje, essas conversas que tivemos?

Pai do Klevis: Mais assim, vim aqui hoje é... é uma questão de comprometimento, de importância pra cada um. Cada um sabe do que deixou de fazê hoje pra tá aqui, porquê tá perto do natal. E... Vai comprar o presente pro filho, pra filha, pra sogra... Pra sogra não [Risos].

Maurício: E o *bullying* hein ó? O pai do Klevis, olha o *bullying* hein pai do Klevis. Não conta isso lá em casa Klevis. Ó o *bullying*.

Muita gente riu e gargalhou. Pai do Klevis chegou a tossir. Assim que retomou o fôlego, retomou também a sua fala.

Pai do Klevis: Cada um... E... Porquê gosta né? Eu não conhecia. Eu... Eu... Eu só vim aqui trazê o Klevis uma vez minha, porque quem acompanha é minha esposa porque eu tô

trabalhando nessa hora aqui. Mas, é porque a criança é... A... A... Ele fez a questão de... De vim aqui hoje. Ele tava lá numa outra... numa outra... Num outro...

Maurício: Confraternização né?

Pai do Klevis: Que ele... Ele... Ele joga né?

Maurício: Na Mult Esporte lá?

Pai do Klevis: Um futuro... Futuro... Futuro Real Madri...[Após esta frase ele gargalhou]... né? E ficou: "eu quero ir lá, pô, eu quero ir lá tal!". Eu tava ali: "Papai, vamô... Vamô!" Ele me acelerou cara. E me acelerou... Então, quer dizer: É porquê gosta. Porque quando não gosta! Criança quando...

Maurício: Não vai!

Pai do Klevis: Entendeu, quer dizer: E... E... Ele gosta daqui né? Ele gosta! Se socia... Se socializou né? É... E acho que é importante pra cada pai que tá aqui, pra cada mãe que tá aqui hoje. É por que vocês fazem um grande favor. Com certeza! Brigado! brigado de público já pro cêis, e é... É... É importa... Essas... Essas crianças nunca vão... Vão esquecer do que acontece aqui... Do que aconteceu, isso aqui é de 2017. Porque eu não esqueci o que aconteceu comigo em 84, 87, 90. Quer dizer: eu tenho professores marcados na... Nunca mais vi, não sei se tá vivo, mas eu... Eu "pô, aquele professor lá, me ajudou muito a chegar até aqui".

Maurício: Muito obrigado Pai do Klevis. Opa, Legal! [O participante Manoel estava com o braço levantado, pedindo a palavra]. Manoel?

Manoel: Por eu não ficar brigano mais me deu uma chance de pedalar na rua.

Maurício: Olha... Uma salva de palmas então!

Toda gente aplaudiu.

Maurício: Ela te deu uma chance pra você pegar a bicicleta e pedalar na rua. Você... Você tá com quantos anos agora Manoel?

Manoel: 17, vou fazê 18.

Maurício: Vai fazê 18 já né? Legal. Parabéns vocês dois aí então ó... [apontei para a Educadora Maria e o Educador Téo, ambos responsáveis pelas atividades que envolvem o uso da bicicleta)]...Legal!

Mãe do Ben: Eu gostaria de parabenizar vocês pelo trabalho que vocês tem aqui, é especial né? Que vocês seja valorizados pelo resto da vida, a educação que vocês tem com os alunos. Muito o trabalho de vocês. Parabéns!

Maurício: Brigado... Muito obrigado! A gente queria vê também, porquê santo de casa não faz milagre né? As críticas né? No sentido de: "O que deve ser feito para melhorar"? Eu tenho algumas pistas né? Alguma coisa já foi dita: "ó cêis só de segunda e terça... terça e quinta... dá que se fosse todos os dias da semana?" ... Mas, pra além disso, que é um horizonte mais difícil, não impossível, mas ter todos os dias na semana é difícil. Mas, o que mais, o que que a gente precisa fazer pra melhorar aqui?

Manoel: É ter todo dia.

Maurício: É Manoel, isso daí é... Você não estar errado não! Cê que tá certo.

Manoel: Aumentar de segunda à sexta.

Maurício: Como?

Manoel: De segunda à sexta.

Aproveitei para problematizar e pedir sugestões para os irmãos Marreco e Esther. Marreco disse que não mudaria nada, e que estar bom como estar. Já Esther disse que mudaria o horário, mas não soube dar uma sugestão com novos horários. Já o participante Manoel foi bastante pontual em sua sugestão.

Manoel: Eu ia fala um ônibus, porq... Ele caAbayomi bastante gente.

Maurício: O Manoel tá falando, isso já aconteceu no passado. Então vai um puxão de orelha pra nós e... Pra toda gente. Não vou excluir ninguém. O projeto começou com um ônibus. O ônibus pas... Saía do Jardim Gonzaga, passava no Aracy 1 e 2, no Zavaglia, e no... Na ocasião acho que nem existia ao menos já ocupado, distribuído as casas o Abedenur. Mas, passava no Zavágia. E aí um ônibus vinha 12 crianças. Ficou difícil pra gente justificar no sindicato, é: "Ó, e o ônibus né?". E não é por conta de vocês, é porque a turminha não tinha uma frequência, uma assiduidade - vinha direto. E aí o metalúrgicos... Esses ônibus não eram sempre pagos, pelo contrário, era um acordo que as empresas. Porque trata-se dos metalúrgicos né? Então a Tecumseh contrata um ônibus e o cara vai lá, passa de manhã, pega todo mundo pra trabalhar e espera da 6, que levou todo mundo, até da 1 da tarde pra levar todo mundo embora. Nesse meio tempo o ônibus tá lá parado. E aí de maneira, a partir de um acordo, a gente pode pensar daí de solidariedade, que é importante na vida, as empresas falou: "ó, a gente tem aqui um motorista ansioso e a gente encaminha pra vocês levar as crianças". Só que a gente viu que quando é gratuito dava uns desencontro. Que não tinha um compromisso assim né? Então a gente combinou um passeio uma vez pum parque, teve que esperar vim um ônibus que estava lá na TAM, sendo que o da Techunsen desviou o curso.

Então a diretoria falou: "Ó, a gente vai pagar uma Van porquê tá vindo pouca criança, e porque tá tendo desencontro com ônibus" tá. E como vinha pouca criança a gente nem consegui sustentar falando: "Não mantém o ônibus que a gente...". Então, ficou nessa, mas eu vou anotar porquê é importante e o que a gente mais quer é que tenha mais crianças mesmo, mais jovens, inclusive...

Seguindo aos meus esclarecimentos sobre o ônibus, o Educador Téo sinalizou que havia responsáveis que não haviam falado ainda, como era o caso da mãe da Julha. Deste modo problematizei com ela.

Maurício: Tem algo que a gente possa fazer? Que você entende... Pra mudar algo que não está bom? Ou pra melhorar?

Houve alguns segundos de silêncio. A mãe de Julha sinalizou negativamente com a cabeça. O silêncio foi rompido com a pergunta de Pai do Klevis.

Pai do Klevis: Não tem atletismo?

Maurício: Por enquanto não, mas se você sinalizar. A gente pode se mobilizar, pra ver né? E quais modalidades de atletismo agente... [fui interrompido por Pai do Klevis]...

Pai do Klevis: É eu tô falando porq... Eu tô falando porque dano palpite.

Maurício: Mas é bom! A gente gosta disso viu!

Pai do Klevis: É... Corrê... Né? Tem um tênis: Corre aí que isso é só organizar, entendeu?

Maurício: Até descalço dá né?

Pai do Klevis: É... Dê repente tem uma... Tem um... Tem um atleta especial que a gente num... Que num surgiu um Leonel aí no meio da gente aqui.

Maurício: Eu tive o privilégio... [Pai do Klevis fez mais ponderações]...

Pai do Klevis: É... Eu... Pode sê o Leonel, pode sê... Pode sê... Um corredor, tá? Pode sê um corredor...

Educador Téo: Só pra sentir.

Pai do Klevis: É lógico, às... às vezes... A pessoa tá lá, a criança não sabe né? Falar, pô, então né? É um processo.

Maurício: Eu tive um professor, Carol e David [procurei ter a atenção desses participantes]... Vocês por eu enquanto, eu vou perguntar por que eu não sei, espero que no futuro vocês gravem. Eu tive o privilégio de ter um professor, o Educador Da-lua teve como amigo de

departamento, o professor Nelson Prudêncio. Alguém já ouviu falar dele? Até mesmo os adultos?

Pai do Klevis foi o único participante da reunião (com exceção dos/as Educadores/as) que sinalizou positivamente. As demais pessoas não sinalizaram conhecer Nelson Prudêncio. Prossegui minha fala apresentando o professor.

Maurício: Nelson Prudêncio ele não nasceu em São Carlos, mas ele veio morar em São Carlos, ele foi um atleta do salto triplo. Foi a... A modalidade que ele mais se destacou. Inclusive trouxe medalhas olímpicas para o Brasil. Eu tive o privilégio de ter tido aulas com ele, figura fantástica, e ele dizia que o atletismo ele é base para diferentes esportes porque você aprende a correr, a saltar, e a outras habilidades que você vai usar no vôlei, no futebol, então o atletismo seria uma base...

Pai do Klevis: Arremesso-de-peso!

Maurício: o arremesso, enfim... Pode sê uma boa a gente pensar né? Possibilidade de atletismo, e a gente tem espaço aqui pra isso.

Pai do Klevis: É, foi o que eu pensei aqui.

Maurício: Não, legal.

Mãe do Ben: Muito legal.

Maurício: Manoel... Manoel tá...

Manoel: Ah... É, no final... Um abraço coletivo assim.

Maurício: É mesmo? Eu aceito! Eu topo! Por que não?

Houve um grande instante de silêncio. Perguntei se alguém gostaria de comentar algo. Ninguém indicou interesse. Retomei, com toda gente, a necessidade de assinar o "Termo de consentimento Livre e Esclarecido" (TCLEs), para tanto, utilizei esses instantes finais para esclarecimento de dúvidas.

Mas, antes de iniciar o processo de atenção aos TCLEs, fizemos nosso "Abraço coletivo". O participante Dinho inicialmente não quis participar. O Educador Téo até insistiu um pouco. Diante da resistência do participante achamos melhor não insistir. Porém, logo que eu iniciei minhas últimas palavras, ele compôs o círculo ficando ao lado de sua mãe. Neste momento de encerramento, abraçados uns aos outros (agarrando nos ombros, ou na cintura das pessoas que estavam ao nosso lado), refleti um pouco sobre minhas percepções

e emoções acerca do projeto e daquele momento, de modo a agradecer a disponibilidade e participação de toda a gente.

Maurício: Bom... É... É claro que, tem uma música que fala né? "Na vida a gente é... A vida é um trem bala, e a gente é só passageiro"

Nino: Trem bala é o nome da música!

Maurício: Como que é o nome?

Resposta em coro: Trem bala.

Maurício: A... É isso aí! Então, mesmo sendo passageira, tem coisa que nos toca né? Cêis deram alguns exemplos né? "Olha eu quando era criança brincava na rua", o Pai do Klevis trouxe um pouco da história dele também, lembrou do professor, mas lembrou do *bullying* também.

Neste momento, abraçados uns-aos-outros, algumas pessoa riram.

Maurício: Eu já contei aqui também que eu fiz xixi na cama até os 13 anos...

Outra vez as pessoas riram e gargalharam.

Pai do Klevis: Não é só eu então... [Risos]...

Maurício: E tudo isso é o que a gente chama de experiência. É aquilo que nos toca, e que de alguma maneira pode modificar a gente né? Então quando eu venho aqui brin... E brinco com as crianças e convivo com os professores... Com essas preciosidades aqui né? Isso também me toca, me faz querer ter um mundo mais justo mesmo. Então, obrigado por ter vindo, todos e todas e, é... É... São esses diálogos que dar energia, porque salário bom a gente não tem! Entendeu?

A partir deste gracejo algumas pessoas riram, e segui.

Maurício: A gente tem muita vontade de viver em um lugar que, quiçá nem precise de um salário bom. Precisa de ter gente boa, porque a solidariedade, a confiança, são valores que a gente não pode perder. Então eu fiquei muito feliz em ver o Marreco aqui, a Esther, o Nino, Ben, Manoel, o João, os Joões né? Tão juntos o Jovico... Hugo? Vitor?

Algumas pessoas responderam juntas que se tratava de "Vitor". No momento da escrita deste diário, não pude identificar, mas. Continuei agradecendo cada um/a das crianças e dos/as adultos/as participantes, sempre dizendo seus nomes.

Maurício: É culpa do Hugo que estar aí, e tem o Vitor também... Então, o Davi-Luiz, o Educador Da-lua tá aí, a Educadora Abayomi que se deslocou, veio pra cá. Seu nome eu não sei... "Prima do Ben"... Brigado por ter vindo. Cadê o Ben? Estar aqui do ladinho né? Mas, tem o Batman...[O garoto estava com a camiseta do Batman]...

Mãe do Ben: O amigo dele também, o Amigo do Ben... Já veio com ele uma vez.

Maurício: Que eu lembro de cê ter... Ter vindo brincar... Amigo do Ben, a Mãe do Ben. Obrigado por me receber na sua casa e vir aqui hoje.

Mãe do Ben: Eu que te agradeço.

Maurício: Nathália, a Mãe da Belisa, Padrasto da Belisa, eh Educador Téo. Educador Téo é uma Téo, um professor muito sensível! A Maraya, obrigado por ter vindo, a gente gosta bastante de você. A mamãe da Julha, eu esqueci o nome.

Mãe da Julha: Mãe da Julha ...[disse seu nome real]...

Maurício: A Mãe da Julha, ae Irmão da Julha...

Dinho: Irmão da Julha [procurando me corrigir]...

Maurício: Tesourinha ali

Mãe da Julha: Irmão da Julha.

Maurício: Ir-mão da Julha?

Mãe da Julha: Irmão da Julha.

Maurício. Irmão da Julha, a Carol: gente a Carol lê e escreve muito bem! Nossa!

Mãe do Ben: Parabéns!

Maurício: E ela faz a mediação no futebol e tem que escrever. E tem que olhar pra esses marmanjo tudo aqui e falar: "Ó, quem que vai merecer respeito aí? Quem que vai ganhar os pontos de solidarie... E num é lorota! Ela fez aí umas 5 mediações e... A gente tá ali do lado só de perfumaria, só de enfeite. Ah, o Educador Fernando o professor vocês tão vendo aí ó. Ele tá se formando em Educação Física, falta pouco, ele tá no primeiro ano.

As pessoas riram.

Educador Fernando: Faltam só 3 anos.

Maurício: Mocinho de vermelho aí ó. Educador Fernando é o nome dele mesmo. Ah... O Cisco. Cisco é uma surpresa boa, surpresa que chegou no projeto, participa muito bem, uma criança muito inteligente. Essa moça bonita aí [me referi a Educadora Maria]. Perguntaram esses dia: "Ela é sua namorada"? A gente tá namorando sim, é ué!

Outra vez as pessoas riram.

Maurício: Mas ela namorava comigo antes dela entrar no projeto, viu gente?

Mais risos.

Maurício: A Educadora Maria, ela trabalha com economia solidária, então tem...

Manoel: Ano que vem eu posso participar já, né?

Maurício: Já é... Maior de idade né?

Manoel: É.

Maurício: Ó, o Klevis. Eee Klevis, sempre muito carismático né? Jogando bola, uma pessoa muito inteligente, sabida, sensata. Deste tamanho todo aí e tudo isso, nada é exagero. Brigado Pai do Klevis.

Pai do Klevis: Nós, tamo junto!

Maurício: E, bom, vamos seguir nossas vidas. Sempre que cêis precisarem dialogar, os adolescentes também, podem procurar a gente aqui que a gente tá pra pensar em possibilidades de ser pessoas melhores. Tudo bem? Então uma salva de palmas pra gente, brigado viu?

Toda gente aplaudiu, houve algumas pessoas que junto com os aplausos disseram "Aee" e Pai do Klevis aproveitou, em meio às palmas, para desejar "Feliz natal". O trabalho final desta "Roda de conversa" foi de acolher pessoalmente as pessoas que estavam com dúvidas no preenchimento do TCLE. No caso de Mãe da Belisa, ela foi a responsável por 4 participantes (Theus, Belisa, Dinho, Carol e Cisco). Marreco e Esther precisariam levar o TCLE para casa para que seu/sua responsável assinasse.

Registro aqui que foi fundamental a colaboração da Educadora Maria neste trabalho de coletar o aceite de participação na pesquisa, firmado com assinatura no TCLE, pois algumas pessoas não puderam ficar até o final, saindo durante o diálogo de outros temas. Nestes casos, a citada Educadora foi quem prestou esclarecimentos e colheu as assinaturas.

Também ao apoio dado pelo Educador Téo que auxiliou com a organização do sistema audiovisual. E do Educador Fernando, que auxiliou na logística e organização.

Nos despedimos dos/as participantes e de seus/suas respectivos/as responsáveis, afinal aquele era o último encontro do ano e iríamos nos rever somente com o retorno das atividades no ano seguinte. Aproveitamos para sugerir que as pessoas levassem as frutas que estavam disponíveis para nosso lanche.

Nós, da equipe de Educadores/as ficamos mais alguns instantes para ajeitar o espaço. Aproveitamos para fazer uma breve reflexão sobre o momento. Ponderamos que os diálogos foram positivos e produtivos, uma vez que foi realizado um primeiro levantamento temático. Após essa pequena avaliação, nos despedimos marcando o encerramento das atividades.

Apêndice 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Responsáveis)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Responsáveis pelos menores de idade)

Seu/a filho/a _____, participante do projeto de extensão “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” está sendo convidado/a para participar da pesquisa que está com o título provisório de “Fútbol Callejero e Educação Popular: processos educativos desvelados a partir de uma sistematização de experiências”, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior. O objetivo central é compreender os processos educativos decorrentes da prática do Fútbol Callejero no projeto de extensão “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”. A qualquer momento antes do término da pesquisa ele/a poderá desistir de participar, e você retirar o consentimento, sendo que sua recusa não trará nenhum prejuízo em suas relações com o pesquisador ou com a instituição. A participação nesta pesquisa é voluntária e gratuita, portanto não receberão pagamento, tampouco terão custos. Sua participação consistirá em autorizar o registro de observações em diários de campo, filmagens, fotografias durante sua participação na pesquisa, bem como conceder gravação em áudio de entrevista e rodas de conversa. Esclareço que, embora as observações, entrevista e rodas de conversa não tenham a intenção de invadir a intimidade de seu/sua filho/a, a participação na pesquisa pode gerar estresse e desconforto resultante da situação de observação como também da exposição de opiniões pessoais ao responder perguntas que envolvam as próprias ações, mesmo com todos os cuidados que serão tomados durante as situações de observação e de entrevista. A fim de minimizar tais possibilidades as gravações realizadas durante a entrevista ou rodas de conversa serão por mim transcritas na íntegra e apresentadas a seus/suas filhos/as e a você, garantindo que se mantenha fidedigna. Caso não se sinta a vontade o/a participante, não precisará responder as questões efetuadas pelo pesquisador e nem permitir o registro em diário ou o uso de equipamentos para registro fotográfico e de áudio caso se sinta constrangido/a. Diante dessas situações, o/a participante terá garantida pausa nas entrevistas ou rodas de conversa, a liberdade de não responder as perguntas quando a considerarem constrangedoras, podendo interromper a coleta de dados a qualquer momento. Serão retomados nessas situações os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer. Salientamos que todos os dados obtidos serão divulgados em meio exclusivamente acadêmico-científico nas quais os nomes reais dos/as participantes serão substituídos por nomes fictícios escolhidos pelos/as mesmos/as. Destacamos a possibilidade de haver benefícios, tais como: desenvolvimento de novas metodologias de trabalho pedagógico com Educação Popular e com Lazer, no sentido de contribuir com a autonomia e protagonismo das juventudes para a transformação de suas realidades, possibilitando novos encaminhamentos para demandas nas áreas de políticas públicas de Lazer, Juventude(s) e Educação, incluindo o contexto escolar. Você receberá uma cópia deste termo onde contam os dados do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa a qualquer momento.

Maurício Mendes Belmonte

(RG: 33.731.293-X / CPF: 297.466.488-10 / e-mail: mauriciobelmonte014@gmail.com / estudante regular do curso de doutorado em Educação/UFSCar, orientado pelo Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior).

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação de meu/inha filho/a na pesquisa e autorizo a participação dele/a. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

Nome do Sujeito da Pesquisa: _____, ____ / ____ / ____.

RG: _____ CPF: _____ Tel.: _____.

Responsável do Sujeito da Pesquisa (quando menor de 18 anos):

RG: _____ CPF: _____ Tel.: _____.

Apêndice 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Educadores/as)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (educadores/as)

Você, _____, educador/a do projeto de extensão “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” está sendo convidado/a para participar da pesquisa que está como título provisório de “*Fútbol Callejero* e Educação Popular: processos educativos desvelados a partir de uma sistematização de experiências”, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior. O objetivo central é compreender os processos educativos decorrentes da prática do *Fútbol Callejero* no projeto de extensão “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”. A qualquer momento antes do término da pesquisa você poderá desistir de participar, retirando seu consentimento, sendo que sua recusa não trará nenhum prejuízo em suas relações com o pesquisador ou com a instituição. A contribuição nesta pesquisa é voluntária e gratuita, ou seja, vocês não receberão nenhum benefício ou pagamento de ordem financeira, tampouco terão custos. Sua participação consistirá em autorizar o registro de observações em diários de campo, filmagens, fotografias durante sua participação na pesquisa, bem como conceder gravação em áudio de entrevista e rodas de conversa. Esclareço que, embora as observações, entrevista e rodas de conversa não tenham a intenção de invadir a intimidade dos/as educadores/as, a participação na pesquisa pode gerar estresse e desconforto resultante da situação de observação como também da exposição de opiniões pessoais ao responder perguntas que envolvam as próprias ações, mesmo com todos os cuidados que serão tomados durante as situações de observação e de entrevista. A fim de minimizar tais possibilidades as gravações realizadas durante a entrevista ou rodas de conversa serão por mim transcritas na íntegra e apresentadas aos/as educadores/as, garantindo que se mantenha fidedigna. Caso não se sinta à vontade o/a educador/a, não precisará responder as questões efetuadas pelo pesquisador e nem permitir o registro em diário ou o uso de equipamentos para registro fotográfico e de áudio caso se sinta constrangido/a. Diante dessas situações, o/a educador/a terá garantida pausa nas entrevistas ou rodas de conversa, a liberdade de não responder as perguntas quando a considerarem constrangedoras, podendo interromper a coleta de dados a qualquer momento. Serão retomados nessas situações os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer. Salientamos que todos os dados obtidos serão divulgados em meio exclusivamente acadêmico-científico nas quais seus nomes reais serão substituídos por nomes fictícios escolhidos por vocês. Destacamos a possibilidade de haver benefícios, tais como: desenvolvimento de novas metodologias de trabalho pedagógico com Educação Popular e com Lazer, no sentido de contribuir com a autonomia e protagonismo das juventudes para a transformação de suas realidades, possibilitando novos encaminhamentos para demandas nas áreas de políticas públicas de Lazer, Juventude(s) e Educação, incluindo o contexto escolar. Você receberá uma cópia deste termo onde contam os dados do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa a qualquer momento.

Maurício Mendes Belmonte

(RG: 33.731.293-X / CPF: 297.466.488-10 / e-mail: mauriciobelmonte014@gmail.com / estudante regular do curso de doutorado em Educação/UFSCar, orientado pelo Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior).

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

_____, ____ / ____ / ____.

Nome do(a) educador(a) participante da pesquisa:

RG: _____ CPF: _____ /Tel. _____

Apêndice 4– Termo de Assentimento (Crianças)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Termo de Assentimento

(Para as crianças e adolescentes participantes)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa que está com o nome provisório de **Futebol Callejero e Educação Popular: processos educativos desvelados a partir de uma sistematização de experiências**. Seus pais permitiram que você participasse. Nesta pesquisa pretendemos saber o que as pessoas podem aprender e ensinar, umas com às outras, inspiradas pelo Futebol Callejero. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu. É importante que você saiba que a participação é gratuita e voluntária. Ou seja, você não irá receber dinheiro, mas também não irá pagar nada por estar participando. Você também poderá desistir de participar a qualquer momento. As crianças e adolescentes que irão participar dessa pesquisa têm idade entre 7 e 17 anos. Sua função nesta pesquisa é de participar das atividades do Futebol Callejero e autorizar que eu faça anotações em diários de campo de comentários feitos durante nossas rodas de conversa, entrevistas, ou ainda, que eu faça registros fotográficos e filmagens durante sua participação. Você corre o risco de se sentir incomodado, estressado ou envergonhado com estas situações. Caso isso aconteça, você deverá me avisar, pois a qualquer momento podemos parar e fazer um descanso para retomarmos o objetivo da pesquisa. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, pois você deve escolher um nome falso, ou apelidado que não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos fornecer. Coisas boas também podem acontecer, por exemplo: melhorarmos o modo como professores e professoras trabalha com as crianças e adolescentes (dentro e fora da escola); permitir que crianças e adolescentes aprendam novas formas de conquistar seus direitos e interesses; permitir que crianças e adolescentes tenham maior liberdade e sabedoria para transformar sua vida e sua realidade local. Os resultados da pesquisa serão publicados, mas sem identificar as crianças e adolescentes que participarão da pesquisa. Se você tiver alguma dúvida a qualquer momento você pode me perguntar pessoalmente, ou pelo meu telefone (16) 98812-2436. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.



Eu _____ aceito participar da pesquisa. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar aborrecido. O pesquisador tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Assinatura do(a) participante

Assinatura do pesquisador

ANEXOS.

Anexo 1 – Modelo de Ficha de Inscrição VADL/MQF

	VIVÊNCIAS EM ATIVIDADES DIVERSIFICADAS DE LAZER (DEFMH / UFSCAR) MAIS QUE FUTEBOL (ADESM - CNPJ: 17573289\0001-30)	
FICHA DE MATRÍCULA		
I - DADOS DO PARTICIPANTE		
ATIVIDADE CENTRAL: _____		
Nome: _____		
Data de Nascimento: ___/___/___		
R.G./R. A.: _____		
Raça/Cor: _____		
Endereço: _____		
Escola: _____ Série: _____ Período: _____		
II - DADOS DO(A) RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE		
Nome: _____		
Data de Nascimento: ___/___/___		
R.G.: _____ C.P.F.: _____ Raça/Cor: _____		
O que é do participante: _____		
Telefone para contato: () _____		
<u>Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</u>		
<p>Eu, _____, autorizo a participação de _____, do/a qual sou responsável, nas atividades da parceria dos projetos “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” (DEFMH/UFSCar) e “Mais que Futebol” (ADESM - CNPJ: 17573289\0001-30). A participação consistirá em conceder autorização para registro das observações em diários de campo, filmagens, fotografias e entrevistas ocorridas durante as atividades. Salientamos que todos os dados obtidos (imagens, notas de campo e entrevistas) serão utilizados nos relatórios periódicos dos projetos, em meio acadêmico (congressos, seminários), bem como para divulgação publicitária nos meios de comunicação. Os riscos (quedas, esbarrões ou ainda constrangimento de ser observado/entrevistado), que eventualmente ocorra, são similares aos de uma sessão de atividades (brincadeiras, jogos, práticas esportivas), mas todos os cuidados estão sendo tomados para serem evitados, tais como: organização prévia do espaço e materiais a serem utilizados a cada encontro da intervenção; orientações de segurança para realização das atividades; observações e entrevistas realizadas apenas pelos/as educadores/as envolvidos/as. Salientamos que poderá haver benefícios para o aperfeiçoamento da metodologia de trabalho pedagógico de projetos sociais envolvendo educação, lazer e esporte trazendo subsídios, inclusive, para repensar o ambiente escolar, bem como subsidiar mudanças nas políticas públicas de educação, esporte, lazer, saúde e cidadania. Os nomes dos participantes e seus respectivos responsáveis serão alterados por nomes fictícios escolhidos por eles próprios.</p>		
São Carlos, ___ / ___ / _____.		
_____ Assinatura do Participante	_____ Assinatura do Responsável	

Anexo 2 – Carta de principios do Movimento de Fútbol Callejero

Carta de Principios

El Movimiento de Fútbol Callejero está integrado por organizaciones sociales que conjuntamente definieron unos principios y valores que los unen y guían su accionar.

(Buenos Aires, Febrero 2013)

1. El Movimiento de Fútbol Callejero se constituye por un conjunto de organizaciones sociales que a través del Fútbol Callejero comparten la misión de construir ciudadanía, defender los derechos humanos y de la naturaleza, abogar por la justicia, promover una sociedad inclusiva, y reconocer la diversidad cultural, étnico-racial y de opciones.

2. El Fútbol Callejero es una forma de conceptualizar y entender el fútbol como una estrategia para crear y acompañar procesos de aprendizaje e inclusión social, recuperar los valores humanos, impulsar el desarrollo de liderazgos y generar procesos comunitarios solidarios de transformación.

3. Los valores que nos unen se basan en los principios del respeto por todos los seres humanos, más allá de todas las circunstancias de origen nacional o posición socio-económica; de género; étnicas; de idioma; religiosas; de orientación sexual; de diversidad funcional y de opinión política.

4. Nuestras iniciativas buscan apoyar la emergencia de sociedades más justas, inclusivas, igualitarias y dignas, a favor de los grupos excluidos y oprimidos. Para ello, creamos y desarrollamos la metodología del Fútbol Callejero.

5. El MFC se compromete a bregar por la justicia e inclusión social, el respeto y valoración de la diversidad, la educación liberadora, la gestión de conflictos de manera dialogada, la construcción de ciudadanía, el respeto por los derechos de la naturaleza y el valor de los encuentros y las relaciones interpersonales e interculturales. Para el MFC la práctica del deporte y el juego y las identidades culturales constituye un derecho en sí mismo.

6. El MFC quiere fortalecer y crear nuevas articulaciones entre organizaciones afines a escala regional y global, y a través del trabajo conjunto y articulado, incidir en la agenda pública y en la definición de políticas en pos de los principios mencionados.

7. Los principales ejes de acción del Movimiento son:

- La promoción del Fútbol Callejero como metodología de trabajo para organizaciones sociales, grupos comunitarios, escuelas y/o programas de gobierno.
- La generación de intercambios y acciones para colectivos de actores comunitarios, especialmente las/los jóvenes en las organizaciones que integren el Movimiento.
- La producción de conocimiento sobre el trabajo colectivo y organizado de iniciativas de la sociedad civil, y, especialmente, sobre el empleo del Fútbol Callejero como herramienta educativa

8. Nuestra metodología de Fútbol Callejero es la plataforma de un fútbol libertario, que dialoga con el futuro, aprende del pasado, festeja la diversidad y ama la vida.

Organizaciones Fundadoras:

Asociación Civil 25 de Mayo (Argentina)

Asociación Grupo Cre-Arte (Argentina)

Centro para el Desarrollo de la Inteligencia (Paraguay)

Club Social y Deportivo Bongiovanni (Argentina)

Corporación Ser Paz (Ecuador)

Fundación Defensores del Chaco (Argentina)

Fundación Fútbol para el Desarrollo – FuDe (Argentina)

Fundación Fútbol por la Vida (Costa Rica)

Organización Gente Viva (Chile)

PAC Gol (Chile)

Programa Esporte Integral (Brasil)

Mundo Afro Rivera (Uruguay) y Organizaciones Mundo Afro (Uruguay)

Acción Educativa (Brasil)

Anexo 3 – 49ª Edição do Jornalzinho Esporte para a Cidadania

Esporte Para Cidadania

Departamento de Educação Física e Motricidade Humana / Universidade Federal de São Carlos

Associação Desportiva Educacional e Social dos Metalúrgicos de São Carlos

Sindicato dos Metalúrgicos de São Carlos

Ano 14, Número 49

Julho, 2014

Editorial

Olá leitores e leitoras do Jornal Esporte Para Cidadania! Nesta edição, temos uma entrevista com Nathan Varotto, um de nossos educadores e com Philippe Villa, um dos participantes do Campeonato Mundial de Futebol de Rua que ocorreu no último mês de Julho. Também teremos curiosidades sobre a origem de alguns brinquedos e brincadeiras de nosso dia a dia e uma reportagem sobre as Festas Juninas. No passatempo teremos desenhos para colorir, caça-palavras e muito mais! Boa leitura a todos!

Mundial de Futebol de Rua

Aconteceu nos 02 a 12 de julho de 2014 o Mundial de Futebol de Rua em São Paulo/SP. Este evento acontece a cada 04 anos, acompanhando o calendário da Copa do mundo da FIFA.

Em nosso projeto Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer é trabalhado o futebol de rua, sendo aqui o único lugar do interior paulista que desenvolve esta modalidade e por isso dois de nossos participantes foram convocados para fazer parte da seleção brasileira de futebol de rua, a saber: Philippe Villa e Rafael Gilson Luz da Silva acompanhados pelo educador Nathan Raphael Varotto que foi também um dos mediadores do Mundial.

Por esse motivo, a entrevista de mês foi com o Philippe, para que ele compartilhe a experiência vivida no mundial e fale um pouco mais sobre sua vida para nós.

Entrevista

Nome: PHILIPPE VANUCCY SANTIAGO DOS REIS

Idade: 16 - Altura: 1,80

Brincadeira que mais gosta: GOSTO DE FUTEBOL
Brincadeira que menos gosta: NÃO GOSTO DE PIPA

Escola em que estuda: EE DR ÁLVARO
Em que série está: 8ª SÉRIE.

Você gosta de vir no projeto: SIM, AQUI SEMPRE SE APRENDE COISAS NOVAS.

Onde mora: ROMEU TORTORELLI (BAIRRO STA. FELÍCIA)

Onde nasceu: CONCEIÇÃO DO COITE - BAHIA

Hobby: COLECIONA FIGURINHAS NA COPA

O que você fez nas férias? FUI PARA O MUNDIAL DE FUTEBOL DE RUA

O que você faz na sala de aula? ESTUDO

Quais matérias você mais gosta? HISTÓRIA
E Quais você menos gosta? PORTUGUÊS

Qual o lugar você mais gosta de ir e/ou ficar?
SINDICATO

Uma viagem que você mais gostaria de fazer: RIO DE JANEIRO

Comida que você mais gosta: LAZANHA
E a que você menos gosta? HAMBURGUER

Comentário do Philippe: “O mundial de futebol de rua foi uma experiência única na minha vida, conheci pessoas de várias culturas diferentes, foi muito legal pois no futebol de rua, não é só o futebol que importa e sim, também, o respeito com o próximo. E isso é o que mais importa para fazer cidadãos de bem.”

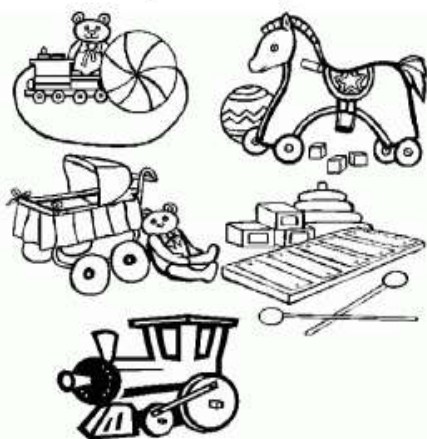
Comentário do Rafael: “Em poucas palavras será difícil de falar a experiência que tive neste mundial, pois além de jogar bola, também fiz muitas amizades e além de uma medalha, eu consegui de mais importante muitas amizades. Gostaria muito de poder participar do próximo campeonato no Equador, não com o intuito de ser campeão, mas sim, de rever esses amigos que fiz.”

Comentário do Nathan (Educador): “Estar no mundial foi uma experiência maravilhosa, pois tive a oportunidade de conhecer pessoas do mundo todo, estar com os criadores do futebol callejero (futebol de rua) e mediar partidas de equipes como, por exemplo, África do Sul, Estados Unidos, Israel, Guatemala, Argentina, Gana, Panamá, Filipinas e Alemanha.”

Passatempo: Caça-Palavras

C R B O L A F A V M Y G O D
 A Z E V A J L P L F E G H K
 R W T F P E N A L A T A H E
 R G S P E A O B A C E T E P
 R P I P A U A O R A P O Z X
 I E O P S D E N M P C O R B
 N U E O R A F E H O O X A P
 H R C F D A D C G E I R A F
 O G A L P D I A Y I L O N T
 R A G U I J H A D R U R S O
 K F Q U E I M A D A T H S G

Para Colorir



Desenhos da Galerinha do Jornal



Equipe que produziu esse jornal:

Amanda, João Gabriel, João Lucas, Giovana, Ana Karoline, Larissa, Felipe, Rafael, Philippe, Nathan e Bruna.

Curiosidades

Nessa sessão trataremos o país de origem e o ano que foram inventados alguns brinquedos que usamos em nosso dia a dia.

Pipa: China – 1.200 a.C

Perna de Pau: Roma – 1.554

Marionete: França – 1.684

Peteca: Indígena – Os índios já brincavam de peteca antes mesmo da chegada dos Portugueses no Brasil.

Jogo da Memória: China – século XV

Urso de Pelúcia: Estados Unidos – século XIX

Você Sabia?: BICICLETA

A mais antiga das bicicletas foi chamada em seu país de origem, a França, de “cavalinho-de-pau”. Esta, surgiu na cidade de Paris em 1818. Foi a primeira versão; não possuía pedais e provocava muito cansaço em quem andava com ela. Entre os anos de 1884 e 1885, foram inventados e aperfeiçoados pedais.

A primeira bicicleta a possuir um sistema com corrente ligada às rodas foi projetada por H.J. Lawson, no ano de 1874. Seu terceiro modelo, a “Bicyclette”, foi desenhado em 1879. Esta bicicleta já possuía maior estabilidade e segurança.

Na década de 1880, o inventor inglês John Kemp Starley projetou uma bicicleta semelhante às atuais. Possuía guidão, rodas de borracha, quadro, pedais e correntes.

Curiosidades

- Leonardo da Vinci já tinha um projeto de invenção de bicicleta elaborado no século XV. Estes documentos históricos estão guardados no Museu de Madrid, na Espanha.

- Em 1898, as primeiras bicicletas chegaram ao Brasil vindas da Europa.

FESTAS JUNINAS


Os portugueses introduziram em nosso país muitas características da cultura europeia, como as festas juninas.

No período pré-gregoriano, como uma festa pagã em comemoração à grande fertilidade da terra, às boas colheitas, na época em que denominaram de solstício de verão. Essas comemorações também aconteciam no dia 24 de junho, aqui no Brasil e eram conhecidas como Joquinas. Receberam esse nome para homenagear João Batista, primo de Jesus.

Os negros e os índios que viviam no Brasil não tiveram dificuldade em se adaptar às festas juninas, pois são muito parecidas com as de suas culturas.

Com o passar do tempo, as festas juninas foram sendo difundidas em todo o território do Brasil, mas foi no nordeste que se tornou mais forte. Lá, as festas duram um mês, e são realizados vários concursos para eleger os melhores grupos que dançam a quadrilha. Como é realizada num mês mais frio, enormes fogueiras passaram a ser acesas para que as pessoas se aquecessem em seu redor. Várias brincadeiras entraram para a festa, como o pau de sebo, o correio elegante, os fogos de artifício, o casamento na roça, entre outros, com o intuito de animar ainda mais a festividade. As comidas típicas dessa festa tornaram-se presentes em razão das boas colheitas na safra de milho. Com esse cereal são desenvolvidas várias receitas, como bolos, caldos, pamonhas, bolinhos fritos, curau, pipoca, milho cozido, canjica, dentre outros.

Anexo 4 – Parecer Consubstanciado CEP – Plataforma Brasil

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS/UFSCAR									
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP									
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA									
Título da Pesquisa: Fútbol Callejero e Educação Popular: processos educativos desvelados a partir de uma sistematização de experiências.									
Pesquisador: Maurício Mendes Belmonte									
Área Temática:									
Versão: 2									
CAAE: 54273716.0.0000.5504									
Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas									
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio									
DADOS DO PARECER									
Número do Parecer: 1.565.644									
Apresentação do Projeto:									
<p>Trata-se de um projeto de doutorado, de natureza qualitativa, com observação participante. A coleta de dados será realizada pela confecção de diários de campos e, caso seja necessário o pesquisador lançará mão do recurso da entrevista aberta. A metodologia se pauta na Fenomenologia, procedendo à redução fenomenológica para a construção de categorias temáticas. O contexto da proposta envolve um projeto de extensão universitária intitulado: "Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer" (VADL), filiado ao Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH) da Universidade Federal de São Carlos.</p>									
Objetivo da Pesquisa:									
<p>O objetivo central do projeto é buscar uma compreensão acerca dos processos educativos decorrentes da prática do "Fútbol Callejero" que é vivenciado junto aos participantes do projeto de extensão citado no campo anterior. Objetivo claro e abrangente.</p> <p>Os objetivos secundários estão ainda um pouco genéricos mas são claros e tangíveis para um doutorado.</p>									
Objetivo da Pesquisa:									
<p>O objetivo central do projeto é buscar uma compreensão acerca dos processos educativos decorrentes da prática do "Fútbol Callejero" que é vivenciado junto aos participantes do projeto de extensão citado no campo anterior. Objetivo claro e abrangente.</p> <p>Os objetivos secundários estão ainda um pouco genéricos mas são claros e tangíveis para um doutorado.</p>									
Avaliação dos Riscos e Benefícios:									
Riscos considerados - ok									
<table border="0"> <tr> <td>Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235</td> <td>CEP: 13.565-905</td> </tr> <tr> <td>Bairro: JARDIM GUANABARA</td> <td></td> </tr> <tr> <td>UF: SP</td> <td>Município: SAO CARLOS</td> </tr> <tr> <td>Telefone: (16)3351-9683</td> <td>E-mail: cephumanos@ufscar.br</td> </tr> </table>		Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905	Bairro: JARDIM GUANABARA		UF: SP	Município: SAO CARLOS	Telefone: (16)3351-9683	E-mail: cephumanos@ufscar.br
Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905								
Bairro: JARDIM GUANABARA									
UF: SP	Município: SAO CARLOS								
Telefone: (16)3351-9683	E-mail: cephumanos@ufscar.br								
Página 01 de 09									

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



Continuação do Parecer: 1.565.644

Benefícios: ok.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não há

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TCLE : ok, revisado.

Carta autorização do coordenador do projeto: ok

Recomendações:

Não há

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que com a nova versão da Plataforma Brasil (versão 3.0) o modo de localizar os pareceres mudou. Portanto, é preciso que sejam seguidos os seguintes passos.

- 1 - Localize o projeto do qual deseja obter o parecer e clique na lupa.
- 2 - Aparecerá uma nova tela contendo uma árvore de Arquivos (um organograma em pastas). Cada pasta possui uma seta ao lado esquerdo da pasta. Clique nas setas até localizar uma pasta chamada Apreciação 1 com o nome do CEP ao lado.
- 3 - Achada essa pasta clique na seta ao lado e abrirá uma outra pasta chamada Pareceres
- 4 - Clique na própria pasta e verificará os pareceres que estarão à direita da árvore de Arquivos. Todos os documentos estarão em PDF.
- 5 - Para visualizar o arquivo em PDF basta clicar em detalhar (ícone em forma de Lupa).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_664676.pdf	06/05/2016 19:13:40		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermoConsentMauricio2016Revisado.pdf	06/05/2016 19:11:39	Maurício Mendes Belmonte	Aceito
Outros	CartaAutoriz.pdf	27/02/2016	Maurício Mendes	Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



Continuação do Parecer: 1.565.644

Outros	CartaAutoriz.pdf	19:45:00	Belmonte	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projDoutDetMauricio.pdf	27/02/2016 19:44:08	Maurício Mendes Belmonte	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRostoMauricio.pdf	27/02/2016 19:43:34	Maurício Mendes Belmonte	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado


Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 30 de Maio de 2016

Assinado por:
Ricardo Carneiro Borra
(Coordenador)

Anexo 5 – Parecer final do co-orientador estrangeiro – PDSE

	<p style="font-size: small; color: red;">Campus de Pontevedra</p>	<p style="font-size: small; color: red;">Facultade de Ciencias da Educación e do Deporte</p>	<p style="font-size: x-small;">Campus Universitario 36005 Pontevedra España</p>	<p style="font-size: x-small;">Tel. 986 801 700 Fax 986 801 701 webs.uvigo.es/feduc sdexbp@uvigo.es</p>
---	---	--	---	---

INFORME


Pontevedra, 30 de junio de 2017.

A través de la presente y como tutor del alumno en la Universidad de Vigo, informo a Coordinación de Aperfeicoamento de PESSOAL de Nivel Superior de las actividades realizadas por el estudiante de Doctorado Sr. Mauricio Mendes Belmonte, RG: 33.731293-X en el período comprendido entre 08 marzo del 2017 a 30 de Junio de 2017.

- 1º Asistió regularmente a trabajar en su proyecto de tesis doctoral en la universidad de vigo y colaboró en todas actividades que estimaba podían ser útiles en su formación doctoral.
- 2º Realizó un estudio profundo de los principales autores de la Ciencia de la Motricidad humana de cara a confirmar y establecer el eje en el que desarrollar los fundamentos teóricos de su trabajo de Tesis Doctoral.
- 3º Presento una comunicación en el 13º Congreso Internacional de Ciências del Deporte y la Salud (27 à 29 de Abril - 2017) realizado en Pontevedra – España.
- 4º Elaboró un artículo para participación y presentación en el Congreso Íbero-Americano de Investigación Cualitativa (CIAIQ-2017) que se realizará entre el 12 y el 14 de Julio, en Salamanca – España y que ya ha sido aprobado para su presentación.
- 5º Participó en las reuniones del "Journal Club" del doctorado en Educación, deporte y salud de la Universidad de Vigo.
- 6º Aprendió el desarrollo y la sistematización del uso de mapas conceptuales en la construcción de aprendizajes para el desarrollo e ideas y la construcción de textos.
- 7º Hizo una revisión bibliográfica acerca de la temática "Fútbol Callejero" en la bases de datos "Scopus" y Web of Science".

Y para que conste a los efectos oportunos

Firmo el presente,



Prof. Dr. José M Pazos Couto

Tutor en la Universidad de Vigo

Vicedecano de Relaciones Internacionales y del Grado en Ciencias de la Actividad Física y del Deporte

Anexo 6 – Parecer Final do orientador do Brasil – PDSE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676

Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356

CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil

e-mail: secppge@ufscar.br



São Carlos, 4 de setembro de 2017.

À CAPES

(Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

Comunico estar ciente do retorno ao Brasil do doutorando Maurício Mendes Belmonte, em 18 de julho de 2017, após pleno cumprimento das atividades previstas junto à Universidad de Vigo (UVigo), na cidade de Pontevedra - Espanha, tendo sido muito elogiado pelo supervisor de estudos no exterior, o Prof. Dr. José Maria Pazos-Couto.

No período em que participou do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (março a junho de 2017) desempenhou as atividades previstas e outras não inicialmente previstas com extrema dedicação, valorizando o investimento proporcionado pela CAPES.

Dentre as atividades realizadas no período destaco:

- Aprofundamento nas obras dos/as principais autores/as da Ciência da Motricidade Humana, perspectiva central de sua intervenção em campo;
- Participação nas reuniões do “Journal Club”, grupo de doutorado em Educação, Esporte e Saúde da Universidad de Vigo;
- Preparação de capítulo de livro, já aprovado para publicação em fevereiro de 2018:
BELMONTE, Maurício M.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; SOUZA JÚNIOR, Osmar M. Fútbol callejero e educação das relações de gênero. In: FRANÇA, Daiany. **Projetos sociais para crianças e adolescentes**.

- Apresentação e publicação de comunicações orais em Congressos Internacionais:

BELMONTE, Maurício M.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; PAZOS-COUTO, José M. Fútbol callejero: processos educativos desvelados a partir de uma sistematização de experiências em interface com a fenomenologia. In: Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa (CIAIQ), 6, 2017, Salamanca (Espanha). **Anais...** Salamanca: CIAIQ, 2017, p.866-875.

BELMONTE, Maurício M.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; PAZOS-COUTO, José M.; TORO-ARÉVALO, Sergio A. Fútbol callejero: subsídios fenomenológicos de uma práxis de educação popular. In: Congreso Internacional de Ciencias Del Deporte y la Salud (CIDS), 13, 2017, Pontevedra (Espanha). **Anais...** Pontevedra: CIDS, 2017.

Comunico ainda que com as experiências e reflexões proporcionadas a pesquisa assumiu novos contornos, a qual será oportunamente defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de São Carlos (PPGE/UFSCar).

Luiz Gonçalves Junior

Professor Titular DEFMH-PPGE